Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul e
Associação dos Produtores de Arte e Cultura
de Flores da Cunha apresentam:

Inventário

Patrimônio Cultural Material

Flores da Cunha - RS



Casa Sueli Mioranza Gazzi

Inventário
Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

“A produção desta obra foi viabilizada com o financiamento do PRÓ-CULTURA, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Lei 13.490/2010.”

Financiamento

PRO cultura

GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA

FICHA TÉCNICA

ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE ARTE E CULTURA DE FLORES DA CUNHA.

Vinícius Fiorezi
Presidente 2021-2022

Felipe Corso
Presidente 2023-atual

Angelo Boscari Jr.
Vice-presidente

Nata Francisconi
1ª Secretária

Kauan Almeida
2º Secretário

Jesus Reis Pereira
Tesoureiro

MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA.

César Ulian
Prefeito Municipal

Marcio Rech
Vice-prefeito

Itamar Brusamarello
Secretário de Educação, Cultura e Desporto

Rosiane Machado Pradella
Secretária de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente

Camila Stuani Pauletti
Subsecretária de Cultura

Sayonara Guaresi
Arquiteta – Fiscalização

PESQUISA HISTÓRICA

Desvendare História e Comunicação Ltda.

Danúbia Otobelli
Historiadora - CRP 000052/RS

Gissely Lovatto Vailatti
Historiadora - CRP 000094/RS

PESQUISA ARQUITETÔNICA

Usina Arquitetônica Escritório de Arquitetura Ltda.

Me. Arq. Márcio Zanella
CAU A60113-6

Arq. Mônica Debarba Frizon
CAU A60107-1

Esp. Arq. Dangle Júlio Marini
CAU 61736-9

Arq. Vivian Schiavenin
CAU A55439-1

Joel Augusto Smiderle
Acadêmico de Arquitetura

GESTÃO CULTURAL

Drª Cristina Seibert Schneider
Gestora cultural

Anderson Miguel Christ
Contador

DOCUMENTÁRIO EM CURTA-METRAGEM

Juliano Carpeggiani
Direção e Produção

Cassio Henrique
Direção de Fotografia

Marcelo Conrado
Edição e Finalização

Cosmonauta Histórias e Filmes
Realização

APLICATIVO PARA CELULAR

Multiverso

Alan da Cruz Mafalda
Direção técnica

Fernando Busch
Gestão de projeto

André Kartabil Bernardi
Desenvolvimento do painel administrativo

Karine Cagliari
Desenvolvimento do aplicativo

Luís Andrey Pereira
Design de interface

Mariele Metz
Gestão comercial

Inventário
Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

APRESENTAÇÃO

O presente relatório trata do Projeto Cultural de Inventário do Patrimônio Cultural Material de Flores da Cunha, Processo número 22/1100-0002600-3. Este projeto foi uma realização da Associação dos Produtores de Arte e Cultura de Flores da Cunha, com apoio da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e Patrocínio da Móveis Florense, Hidrover , Keko, Postos Sim, Mineração Florense e Dallemole. O projeto contou também com o Apoio Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul e foi financiado pelo Pró-Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria da Cultura, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através da Lei de Incentivo à Cultura.

O presente projeto cultural buscou desenvolver e promover o acesso à cultura por meio de diferentes linguagens: novas mídias, audiovisual e patrimônio cultural. Assim, o projeto cultural contemplou um aplicativo para celular e a produção de um vídeo documentário, visando estimular um processo permanente de valorização, divulgação e proteção dos referenciais culturais de Flores da Cunha/RS, por meio da realização de um levantamento dos seus bens edificados. O objetivo é fomentar a construção de políticas públicas voltadas à preservação dos bens materiais, ampliando o levantamento e a difusão de informações sistematizadas, contribuindo para a ampliação das ferramentas, instrumentos de conservação e ações de gestão cultural no Rio Grande do Sul no âmbito local. O inventário foi realizado a partir da assinatura do Termo de Cooperação Técnica com o IPHAE, visando adotar a metodologia e a experiência de campo dos técnicos do IPHAE. Ao final os resultados foram apresentados para a comunidade local e poder público. Enfim, com a realização do inventário participativo, do aplicativo para celular e o vídeo documentário, pretendeu-se para além de um registro de bens culturais a serem protegidos, implantar metodologias de análise e interpretação para a ação e execução de políticas governamentais mais consistentes, respeitando as particularidades locais como base para o desenvolvimento. Ao mesmo tempo esse projeto buscou associar Turismo Cultural e preservação auxiliando no desenvolvimento socioeconômico e cultural da comunidade local.

Boa leitura!

Dra. Cristina Seibert Schneider

PALAVRAS DO PROPONENTE

Ser proponente do projeto Inventário do Patrimônio é um grande orgulho para a Associação dos Produtores de Arte e Cultura de Flores da Cunha – Apac, que em 2024 está completando 27 anos.

O compromisso da Apac com os seus associados e com a comunidade em geral vai além da arte e cultura como produtos de caráter imaterial. Como entidade associativa e representativa, volta o seu olhar também sobre os edifícios, as casas, as construções que por razões cotidianas servem de guarida à cultura.

Um local não visitado, não habitado, não preenchido por vivências e histórias em si só não representa nada mais do que um imóvel, no sentido literal da palavra. É por isso que a Apac se dedica voluntariamente também ao desenvolvimento de projetos como o Inventário do Patrimônio Cultural Material de Flores da Cunha. Nessas edificações reside o imaterial, o intangível. E ali estão presentes incontáveis manifestações culturais despretensiosamente produzidas, que mais tarde resultaram em aspectos intrínsecos à nossa cultura.

Num movimento cíclico infinito, reconhecer e preservar esses locais permitirá o constante retorno entre o plantio e a colheita, a transformação de construções em fortalezas para o saber cultural, movimentando, assim, o futuro de nossas comunidades de forma positiva e favorecendo a real compreensão e a disseminação da arte e cultura em todas as suas características, manifestações e marcos temporais.

Mesmo em locais pouco prováveis ecoam e reverberam tratados sobre a essência humana. Na poesia de Carlos Drummond de Andrade, uma definição contraditória e profética sobre o sutil limiar entre a efemeridade e a permanência – "As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão / Mas as coisas findas muito mais que lindas, essas ficarão".

Associação dos Produtores de Arte e Cultura de Flores da Cunha – Apac

Gestões 2021/2022 e 2023/2024

Inventário
Patrimônio
Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Assista ao **documentário.** em **curta-metragem.**

https://vimeo.com/showcase/11137129



Um moinho d'água, três casas e uma igreja pequenina sobrevivem ao tempo. As memórias daqueles que preservam seus patrimônios culturais e os contos sobre aqueles que já as habitaram. Uma jornada visual que celebra e mantém viva a essência das primeiras décadas da colonização italiana em Flores da Cunha, na Serra Gaúcha.

Inventário
Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Faça o **download** do **app.**

https://play.google.com/apps/internaltest/4701144034691575362



O app "Inventário Flores da Cunha" é um aplicativo interativo que destaca o patrimônio cultural material da cidade de Flores da Cunha. Com um catálogo de mais de 80 edificações históricas, o app disponibiliza uma galeria de fotos, descrições técnicas, quizz, informações sobre eventos culturais e um mapa interativo para facilitar a localização das edificações. A funcionalidade de visualização tridimensional do aplicativo utiliza a tecnologia de *Gaussian splatting*, proporcionando aos usuários uma experiência imersiva e realista. Tudo isso em uma interface moderna, minimalista que utiliza o atual estado da arte em tecnologia para dispositivos mobile.

Além disso, o aplicativo foi desenvolvido com recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, incluindo leitores de tela, assegurando que o conteúdo seja acessível a todos. Um painel de gestão permite a atualização das informações e interação com o público, mantendo o app sempre atualizado e relevante para a comunidade e visitantes interessados na rica história arquitetônica de Flores da Cunha.

Inventário
Patrimônio
Cultural Material
Flores da Cunha - RS

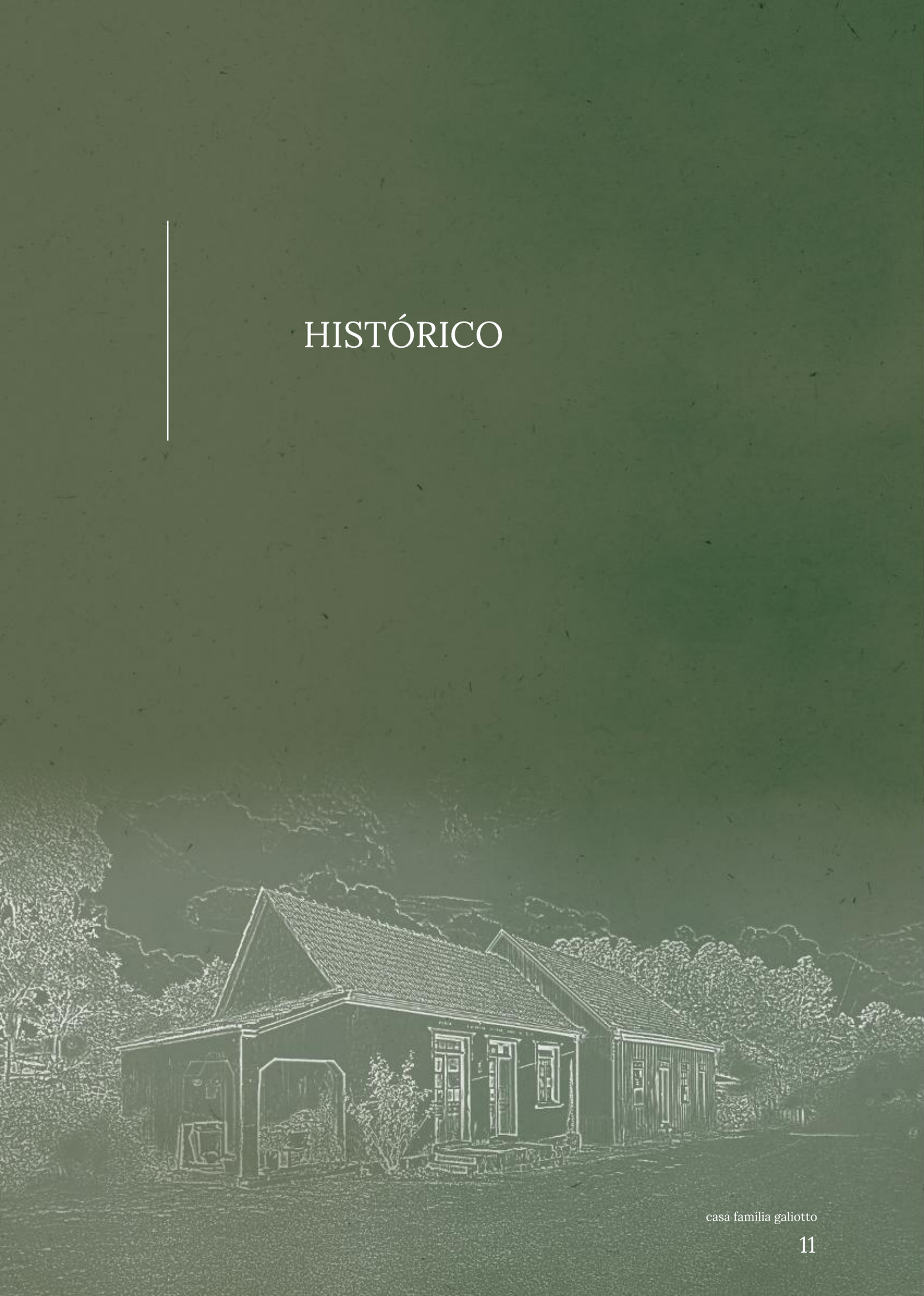
SUMÁRIO

HISTÓRICO 11
METODOLOGIA 33
SETOR 01 - ÁREA URBANA E SÃO GOTARDO 47
Casa Dr Antonio Tassis Gonzales 48
Casa Pedron/Finger 52
Casa Granja União - Argenta 56
Antiga Casa Dos Zorgi 61
Casa Professor Targa 66
Casa Diogenes Conz 71
Casas Família Broch 76
Casa Colchette 80
Casa Simioni – Casa Folle 85
Antiga Farmacia São Pedro 90
Prédio Antiga Escola São José 94
Antiga Associação Rural 99
Inspetoria Veterinária 102
Cooperativa Sto Antonio 106
Moinho Guarese 111
Cooperativa São Pedro 115
Igreja Matriz N De Lourdes 120
Convento Sagr. Cor. De Jesus 125
Casa Zelia e Roberto Biazus 130
SETOR 02 - MATO PERSO 135
Casa Luiz Lovison 136
Casa Angelo João Gasparetto 140
Casa Felipe Conte 144
Casa Renato Lovatel 147
Casa Família Marchet 151
Casa Itacir Santa Catarina 155
Casa Leocir Lovatel 159
Capela E Campanário Santa Juliana 163
SETOR 03 - OTÁVIO ROCHA 169
Casas Chiarani 170
Casas Rosalia Molon - Antiga Gevaldino Molon 175
Casas Isoton 180
Casa Colonia Bianchin 184
Casas Família Casa 188
Casa E Larin Família Smiderle 193
Casa Família Ferrari 197
Casa Família Galiotto 201
Subprefeitura E Museu Pe. Alberto 206
Conjunto Cantina Slaviero 210
Conjunto Granja São Mateus 215
Campanário Igreja São Marcos 219
Capitel São João Batista 223
Capitel São Sebastião 227

SUMÁRIO

SETOR 04 - LINHA 80 e SÃO FRANCISCO 233
Casa Família Sandi 234
Casa Laghetto 239
Casa Família Pedron 244
Casa Família Schio 249
Casa Gilmar Molon 252
Casa Araldi 257
Casa Ferdinando Rizzoto 260
Casa Bedin 264
Moinho Mazzarotto 269
Capela São Francisco 274
Capitel Santa Suzana 278
Capela São Bartolomeu 282
SETOR 05 - NOVA ROMA 287
Conjunto De Casas Família Rech 288
Casa Família Bassanesi 292
Casa Polo – Revolução 296
Conjunto Casarão Soldatelli 302
SETOR 06 - SÃO JOÃO E SÃO CAETANO 307
Casa Família Bett 308
Casa Angelo Zin 312
Casa Gavazzoni 316
Capela São Caetano 320
Capela São João Batista - Cavour 324
Capitel De Nsa. Sra. Do Pedancino 328
SETOR 07 - ALFREDO CHAVES 331
Casa Sueli Mioranza Gazzi 332
Casa Sandri 336
Casa Mioranza Imigrantes 341
Capela S. João Batista – Alfredo Chaves 346
SETOR 08 - CAMARGO 351
Casa Familia Bolzan 352
Casa Mascarelo 355
Casa Garbin 359
Cemitério Antigo – São Liberal 362
SETOR 09 - LAGOA BELLA E RONDELLI 365
Casa Família Pagno 366
Casa Montanari - Focolaro 370
Casa Piazza 374
Casa Pivoto 379
Antiga Ferraria Fontana 384
Capela São Vitor E Corona 388
Capela São Roque 392
Capela Nsa Sra. Bom Conselho 397
Ponte De Ferro 401
CONCLUSÃO 405

HISTÓRICO



Ficha Nº: 167-PRS/24-0001

MUNICÍPIO: FLORES DA CUNHA - RS

1. HISTÓRIA DO MUNICÍPIO

BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA-RS[1]

O município de Flores da Cunha localiza-se à uma latitude de -29º01'44" Sul e -51º10'54" de longitude Oeste. Integra a Região Metropolitana da Serra Gaúcha, situada na Mesorregião Nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Faz divisa com os municípios de Nova Pádua, Nova Roma do Sul e Antônio Prado a Norte-Oeste, São Marcos a Norte-Nordeste, Caxias do Sul e Farroupilha a Sul-Sudeste.

Dista cerca de 150 quilômetros da capital gaúcha, Porto Alegre, e está há 15,32 quilômetros, em linha reta, com relação a Caxias do Sul, segundo município mais populoso do estado e sede da região metropolitana a que pertence. Os principais acessos se dão através da ERS 122, VRS 814 e 864 e Estrada Vittore Toigo, também conhecida por Estrada Velha, além da Estrada Santa Justina, que liga a Caxias do Sul.

Encontra-se acima de 710 metros de altitude com relação ao nível do mar. O relevo se expande sob altos montes do Planalto Arenito Basáltico, também chamado de Encosta Superior do Planalto Rio Grandense. O território compreende uma área de 276,231 Km².

Flores da Cunha integra a Bacia Hidrográfica Taquari-Antas, que abrange uma área de mais de 26 mil quilômetros quadrados. O Rio das Antas é o principal rio e limite natural do município com Antônio Prado e Nova Roma do Sul. Os afluentes mais expressivos são os rios São Marcos, Curuzu e Caxias, também conhecido por Herval ou Tega; e os arroios Biazus, Oitenta, Shuelo e outro popularmente conhecido por 'Patchega'.

As médias térmicas variam em torno de 15ºC, sendo a mínima próximo a 2ºC, nos meses mais frios, junho a agosto, e a máxima no entorno de 30ºC, nos meses mais quentes, janeiro a março. O clima ameno, tem características subtropicais, com ocorrência de neblina em vários períodos do ano, geadas e, eventualmente, neve no inverno. As chuvas são regulares, favorecendo a prática agrícola. No verão ocorre a colheita da uva, principal produto cultivado.

A descaracterização da flora iniciou com a chegada dos imigrantes italianos, na segunda metade do século XIX. A vegetação natural era composta em sua maioria pela Mata dos Pinhais, ou de Araucárias, que integra o bioma Mata Atlântica. As paisagens naturais mais exuberantes encontram-se nos vales dos rios, que no passado, pela fertilidade do solo, foram vastamente desmatados para cultivo agrícola. Nestas áreas, favorecidos pelo habitat natural e a disponibilidade de água, concentram-se diversas espécies da fauna, especialmente aves.

Historicamente, o empreendedorismo, a fé e o trabalho constituíram a base do desenvolvimento de Flores da Cunha. O município do campanário de basalto, da igreja em estilo gótico e da história do galo teve seu território ocupado a partir de 1876, quando os primeiros imigrantes italianos, oriundos, especialmente, do Norte da Itália, deram início ao processo colonizatório. Antes destes, em tempos remotos, toda área que compreende o antigo 'Núcleo Colonial Italiano no Rio Grande do Sul' foi ocupada pelo povo kaingang, conhecido entre os imigrantes por 'bugres'. A maior leva dos colonizadores italianos estabeleceu-se, todavia, entre os anos de 1878 e 1892, época em que foi fundado o primitivo povoado de São Pedro e, posteriormente, também o de São José. Só em 1885 os dois povoados foram reunificados e passaram a formar uma única vila, a qual recebeu a denominação de Nova Trento.

Ao chegarem, os imigrantes se depararam com uma extensa mata centenária que se prolongava uniformemente sobre os altos montes deste território até o vale do Rio das Antas. Encontraram resquícios arqueológicos, já inexistentes, que remetiam à antigas "casas subterrâneas", ou "buracos de bugres". Objetos em

[1] Texto de autoria das historiadoras Danúbia Otobelli (CRP 000052-RS) e Gissely Lovatto Vailatti (CRP 000094-RS), sócias-proprietárias da empresa Desvendare História e Comunicação Ltda.

cerâmica e pedra polida, juntamente aos sítios arqueológicos, foram catalogados pelo Instituto Anchietano de Pesquisa na década de 1970. Alguns exemplares do neolítico superior também estão preservados no Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi. Entretanto, estas manifestações culturais de tempos remotos não foram preservadas. As habitações, de modo geral, foram soterradas para utilização do solo com cultivo agrícola, especialmente plantio de videiras.

Os imigrantes italianos não utilizaram estes espaços habitados em tempos remotos. O temor do desconhecido motivou que rapidamente impusessem sua identidade. Abrigaram-se inicialmente debaixo de copa de árvores e em pouco tempo construíram pequenas cabanas com troncos e galhos. Passado o período inicial do estabelecimento, que consistia na derrubada de mata para o plantio e a sobrevivência imediata, tão logo puderam, construíram as primeiras habitações de tábuas rachadas ou pedras sobrepostas. No final do século XIX o pavimento térreo da casa dormitório já era construído com o intuito de abrigar uma pequena cantina, onde produziam vinho, vinagre, "graspa" e resguardavam alimentos como salame e queijo. A cozinha, constituída pelo fogo de chão, chamado de "larin" ou "fogolaro/fogoler" era construída separada do dormitório para evitar perigos com incêndios. Nesse viés de muito trabalho, rapidamente fizeram surgir estradas e negócios.

Assim, em 3 de julho de 1890, por ocasião da elevação da antiga Colônia Caxias à condição de município, território ao qual Nova Trento pertencia, através do Ato Municipal número 5, elevou a vila a sede do segundo Distrito. Todavia, documentos comprovam que, ainda no início do século XX, iniciou-se um movimento emancipatório. Por volta do ano de 1913, formou-se uma comissão constituída por lideranças comunitárias locais, descontentes com a pouca atenção recebida do município mãe, para lutar insistentemente pela emancipação do distrito. A conquista só foi alcançada em 17 de maio de 1924, através do Decreto Estadual número 3.220. O novo município, instalado na semana seguinte, em 24 de maio, empossou o seu primeiro prefeito, Joaquim Mascarello e, no mesmo ano, também o primeiro Conselho Municipal.

Para compor o número de habitantes e o território necessário à emancipação, Nova Trento agregou os territórios pertencentes à Nova Pádua, 4º Distrito de Caxias desde 1904 e emancipado de Flores da Cunha em 1992, Otávio Rocha e Mato Perso, atuais 3º e 4º distritos de Flores da Cunha.

Pouco mais de nove anos depois, em 21 de dezembro de 1935, através do Decreto Municipal número 12, assinado pelo então prefeito Heitor Curra, com autorização do Conselho Municipal, foi alterada a denominação de Nova Trento para Flores da Cunha. Uma homenagem ao então governador do estado, General José Antônio Flores da Cunha que, entre outras iniciativas, beneficiou o município com a instalação do telégrafo, do Laboratório Bromatológico e com estudos para a construção de um ramal férreo interligando Nova Trento a estação de Caxias do Sul.

A elevação à categoria de cidade, no entanto, aconteceu somente em 1º de janeiro de 1939, através da assinatura de um decreto estadual, que conferiu essa legitimidade a outras sedes municipais do Rio Grande do Sul.

Flores da Cunha, por bastante tempo foi conhecida também por 'Terra do Galo'. Tal alcunha advém de um episódio ocorrido por volta do ano de 1934, quando um mágico teria passado pela cidade e prometido, durante o espetáculo, que cortaria a cabeça de um galo e que, com uma mágica, o faria cantar novamente. Porém, na hora da apresentação, o mágico, tendo entre os presentes algumas autoridades, viu-se em apuros e fugiu deixando aqueles que o assistiam a esperá-lo de volta ao palco. O mágico nunca mais foi visto. Isso foi motivo de chacotas, especialmente advindas de moradores de municípios vizinhos, por ocasião de jogos de futebol. Somente na década de 1960 foram tomadas iniciativas que possibilitaram revisitar o passado e recontar a história de forma engraçada e alegre, o que deu origem a marcas e denominações de estabelecimentos comerciais e industriais.

Em 1964, por ocasião dos 40 anos de emancipação, um grupo de alunos do Grupo Escolar São Rafael, em sala de aula, comemorou a data com a criação de um hino, reconhecido como hino à emancipação. Nos anos seguintes, foram criados, respectivamente, em 1974 e 1975, o brasão e a bandeira. Os aspectos da heráldica, estão relacionados a símbolos que remetem a cultura legada dos imigrantes italianos e seus descendentes e a economia local. As representações comuns são a uva, o vinho, a religiosidade e as referências com a pátria italiana. Tais simbologias estão presentes também no Hino do Município, instituído através de concurso em 2009.

Retomando laços de amizade e cooperação com o país da Itália, donde partiram os colonizadores, em 1999, no dia 12 de fevereiro, em Flores da Cunha e, no município italiano de San Felice Circeo, dia 25 de julho, foi assinado um Pacto de Amizade entre as duas comunidades cristãs, unidas no espírito de fraternidade universal do ano 2000, envolto na virada para o terceiro milênio. Na ocasião, Flores da Cunha recebeu uma réplica do Santo Sudário, que foi exposto na Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes.

Poucos anos depois, em 3 de abril de 2008, através da Lei Municipal 2.634, o município de Flores da Cunha autorizou a assinatura de outro pacto de irmandade com Costigliole d'Asti, Província de Asti, Itália. E, desde 12 de janeiro de 2012, tem 'Gemellaggio' assinado com o município italiano de Sospirolo, situado na Província de Belluno. O processo de reconhecimento do passado histórico e cultural comum foi iniciado e formalizado em Flores da Cunha, no dia 18 de janeiro de 1998. Na ocasião foi assinado e acordado o 'Protocolo de Intenções'.

Dentre as características que marcam o município de Flores da Cunha, destacam-se os saberes e fazeres mantidos pelos descendentes dos colonizadores italianos e contribuições trazidas por todos os demais imigrantes e migrantes que aqui se estabeleceram ao longo do tempo. O 'talian'- língua cooficial desde 2015 -, a fartura gastronômica, entre os quais o Menarosto, prato típico desde 2010, inúmeras vinícolas, indústrias moveleiras e

confecções; as pequenas e prósperas propriedades rurais embasadas no cultivo, importantes roteiros eno e agroturísticos, festas, feiras e a intensa religiosidade, usos e costumes alicerçados em fé e trabalho, próprios daqueles que contribuíram com o desenvolvimento da região Nordeste do Rio Grande do Sul.

Economicamente o município se destaca pela grande produção nos setores da uva e vinho, suco de uva, bebidas alcoólicas, indústrias metalúrgicas e de móveis e na produção hortifrutigranjeiros, entre os quais as culturas de alho, cebola, morango e pêssego.

Divisão territorial

Os distritos do município de Flores da Cunha foram criados através de Ato Municipal datado de 16 de junho de 1924. Foram integrados ao então município de Nova Trento, com a finalidade de compor a área territorial e o número de habitantes necessários para a emancipação, os territórios que compuseram o 1º - sede municipal -, 2º e 3º distritos. Através da Lei Orgânica Municipal, promulgada em 3 de março de 1990, foi criado o 4º Distrito, instalado em 13 de maio daquele ano.

O primeiro distrito compunha a sede do município e arredores. É formado pelos travessões Alfredo Chaves, Martins, Camargo, Felisberto da Silva, Esmeralda, Garibaldi, Claro, Cavour, Gavioli, Porto, Riachuelo, Diogo Felício dos Santos (centro urbano), Lagoa Bela, Rondelli, Sete de Setembro, Salgado, Aquidaban e Vinte e Cinco de Março. Na sede do município são realizados importantes eventos, entre os quais se destacam, a Festa Nacional da Vindima – Fenavindima, que acontece periodicamente desde 1967; a celebração de Corpus Christi, iniciada em 1964; a Romaria ao Frei Salvador; a Semana do Município; Feira de Inverno; Festejos Farroupilha; Feira do Livro; Sinos de Natal, entre outros.

O segundo distrito, Nova Pádua, foi um importante pilar econômico no setor agrícola. Todavia, através de plebiscito realizado em 10 de novembro de 1991 conquistou sua emancipação. A criação do município foi oficializada em 20 de março de 1992 e foi bastante sentida por Flores da Cunha.

Otávio Rocha, terceiro distrito, tem destacada produção de uvas e, atualmente, morangos, sobressaiu-se especialmente a partir da década de 1960 no cenário municipal e estadual no incremento ao desenvolvimento turístico. É formado pelos travessões Marcolino Moura (sede), Pinhal, Linha 60 (Trav. Felisberto da Silva), Carvalho, Marquês do Herval, Jacinta, Esperança. Entre as maiores festas destacam-se as sagras comunitárias, a Festa Colonial da Uva – FECOUVA-, que ocorre desde 1966, a Festa da Gruta e a Festa da Colônia, em homenagem ao colono e ao motorista, realizada anualmente em julho, desde 1973. No mesmo ano foi fundada a Associação dos Amigos de Otávio Rocha, entidade representativa dos moradores do distrito, um dos mais importantes elos promocionais da localidade. Somam-se às iniciativas os roteiros 'Caminhos da Colônia' e 'Otávio Rocha Villa Colonial' e o Casarão dos Veronese, ícone da arquitetura vernacular no estado, tombado pela Portaria n. 044/1986, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE) em 1986.

Nas festividades de 66 anos de emancipação, em 13 de maio de 1990 a localidade de Mato Perso foi elevada à condição de quarto distrito. Seu território foi desmembrado do distrito de Otávio Rocha. Com suas terras além do vale do Arroio Herval, também conhecido Tega ou Caxias, é grande produtor agrícola e industrial, destacando-se a diversificada produção de uvas e outras frutas, sucos e vinhos, queijos, gado leiteiro e a criação de ovinos. É formado pelos travessões Hortência, Treze de Maio, Quatro de Setembro e Entre Rios. Entre as maiores festas destacam-se as sagras comunitárias, o Magnar di Polenta, que acontece anualmente em maio, comemorativo a criação do distrito e a Caminhada de São Tiago, realizada anualmente, em julho, desde 2004. A Associação de Desenvolvimento Comunitário de Mato Perso é a principal entidade responsável pela realização de eventos e integração comunitária.

Aspectos Sociais

No que tange aos aspectos demográficos, o município de Flores da Cunha tem uma população estimada, em 2022, de 30.892 habitantes, conforme o último Censo Demográfico. Um crescimento de 13,9%, em relação ao Censo Demográfico de 2010, época em que a população era de 27.126 habitantes. Desse contingente populacional, 50,6% são mulheres e 49,3% são homens[2]. Entre as décadas de 1970 e 2000, os homens eram a maioria da população, a mudança ocorreu a partir de 2010.

Evolução da População de Flores da Cunha						
	1970	**1980**	**1991**	**2000**	**2010**	**2022**
Homens	7.441	7.930	10.200	12.069	13.552	15.232
Mulheres	7.185	7.556	9.669	11.069	13.574	15.660
Total	14.626	15.486	19.869	23.678	27.126	30.892

[2] Dados do Censo Demográfico 2022.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município tem densidade demográfica de 111,8 hab/km². Predomina uma população nascida em Flores da Cunha. São descendentes de imigrantes italianos, alemães, poloneses, dentre outras regiões do Rio Grande do Sul, além de estados como Santa Catarina e Paraná. Por seu aspecto econômico, o município trouxe consigo a migração de pessoas residentes em outras regiões do Estado e do país a se deslocarem em busca de novas oportunidades. Dados do IBGE, apontam que 38,7% da população não é natural de Flores da Cunha. Desse percentual, 98,1% são oriundos da Região Sul, 0,53% da Região Sudeste, 0,41% da Região Nordeste, e o restante das demais regiões e países. A partir de 2010, o município passou a receber uma grande leva de imigrantes haitianos e nos últimos anos também de senegaleses e argentinos. Um estudo apontou que o Bloco Regional Serra Gaúcha, formado pelos municípios de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Feliz, Flores da Cunha e Garibaldi, concentrou uma população de imigrantes haitianos em cerca de 59,4% do total de imigrantes do Estado.

No que se refere a raça, o município é composto, de acordo com o Censo 2022: 85,9% de brancos; 11,9% de pardos; e 2,2% de pretos.

Dentre os parâmetros de desenvolvimento socioeconômico, o município encontra-se em nível alto. Conforme o Idese, dado que abrange um conjunto de indicadores sociais e econômicos e que mensura o nível de desenvolvimento do Estado e de seus municípios, Flores da Cunha apresenta um índice de 0,825[3], no ano de 2020. O indicador é puxado especialmente pelos bons resultados em segmentos como 'longevidade', 'mortalidade em menores de cinco anos' e 'educação infantil'. O Idese é composto por 12 indicadores divididos em três blocos: Educação, Renda e Saúde.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO	ANO 2020
Geração de Renda	0.810
Apropriação de Renda	0.825
Consulta pré-natal	0.854
Mortalidade menores de 5 anos	0.935
Longevidade	0.941
Educação Infantil	1.000
Ensino Fundamental	0.866
Ensino Médio	0.626
Escolaridade Adulta	0.586

No Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) Flores da Cunha também se encontra em desenvolvimento alto, com um IFDM de 0.8527, em 2022. O Índice Firjan também acompanha o desenvolvimento socioeconômico nas áreas de emprego, saúde e educação, além de seguir o mesmo nível de classificação de desempenho do Idese.

Os domicílios, em sua maioria (81,9%), são na área urbana e apresentam condições adequadas de habitação, sendo que 74,5% dos domicílios estão conectados à rede de esgoto; 85,5% estão abastecidos pela rede geral de água; 99,9% têm banheiro de uso exclusivo; e 98,6% têm coleta de lixo[4]. As economias de água somaram, em 2020, 12.999 e na rede elétrica 14.700 pontos. Os índices de criminalidade são considerados baixos, com uma média de 0,67 casos diários[5].

Nos parâmetros educacionais, Flores da Cunha tem uma taxa de escolarização na faixa etária dos 6 aos 14 anos de idade de 97,4%, conforme dados de 2022. Sua média no IDEB, nos anos iniciais do ensino fundamental, é de 7,0, e nos anos finais, de 5,5[6]. Conforme o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o município apresentou, em 2022, 5.584 matrículas iniciais, na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação profissionalizante e Educação para Jovens e Adultos (EJA). Do contingente de estudantes, 49,5% são do sexo feminino e 50,5 do sexo masculino. Das matrículas por faixa etária, 32,9% têm entre 6 e 10 anos; 25,2% entre 11 e 14 anos; e 16,2% entre 15 e 17 anos.

As taxas de distorção de idade[7] apresentaram, em 2022, 9,2 no ensino fundamental e 18,1 no ensino médio. Os índices de aprovação são de 96,0 no ensino fundamental e 88,0 no ensino médio. O número de docentes é de 394, somando educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, EJA e educação especial[8]. Flores da Cunha possui 17 escolas de ensino fundamental e duas de ensino médio.

---

[3] O cálculo para mensurar o Idese varia de zero a um e está dividido em três níveis: baixo (índices até 0,499), médio (entre 0,500 e 0,799) e alto (acima ou iguais a 0,800).

[4] Dados do Censo Demográfico 2022.

[5] Dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP-RS) referentes ao ano de 2022.

[6] Dados do IBGE referentes ao ano de 2019.

[7] É a proporção de alunos com mais de dois anos de atraso escolar. No Brasil, o aluno deve iniciar o 1º ano do Ensino Fundamental aos seis anos. Espera-se que este estudante conclua o 9º ano do Ensino Fundamental até os 14 anos e o Ensino Médio entre 17/18 anos.

[8] Conforme o Inep, os docentes são contratados uma única vez, independente se atuam em mais de uma escola, município ou etapa de ensino.

Aspectos Econômicos

A base econômica de Flores da Cunha está sustentada na indústria, na agropecuária e nos serviços. Em 2020, o Produto Interno Bruto (PIB) foi de R$ 1,94 bilhões com um PIB per capita de R$ 62.741. Em 2022[9], o município possuía 4.966 empresas[10]. Dessas empresas, 45% eram de serviços; 23% na indústria da transformação; 24% no comércio; e 5% na construção civil. Os Microempreendedores Individuais (MEIs) eram 2.394, em 2022.

Evolução do PIB municipal	
2016	R$ 1.356 bilhão
2017	R$ 1.487 bilhão
2018	R$ 1.623 bilhão
2019	R$ 1.85 bilhão
2020	R$ 1.94 bilhão

No ano de 2022, o Valor Adicionado por atividade econômica representava 15,11% para a agropecuária; 56,6% para a indústria; 18.8% para o comércio; e 7,85% para os serviços. O setor industrial tem como destaque as empresas de bebidas, metalúrgicas e móveis, que juntas somam grande parte do Valor Adicionado municipal R$1.612.620.381,85. Outro destaque é o setor primário, especialmente na produção de uvas (30,5% do VA), aves (24,1%), ovos de aves (23%) e tomates (2,87%). Em 2022, o município colheu, segundo dados do IBGE, 96,2 mil toneladas de uvas, ocupando a primeira posição em quantidade produzida no ranking estadual e a segunda posição no ranking nacional.

Nos indicadores de renda, em 2019[11], a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 45,6% e o salário médio mensal era de 2.6 salários mínimos. O percentual de consumo urbano estimado, em 2020[12], era de R$ 724 milhões, o que colocava o município no 65º lugar no ranking estadual e 685º no nacional[13]. No ano de 2022, o município realizou um total[14] de receitas de R$200.610.641,39 e o total das despesas empenhadas foi de R$148.252.277,75.

Importante destacar ainda que Flores da Cunha gerou, em 2022, 369 empregos, sendo 138 no segmento da indústria; 1 na construção civil; 221 no comércio; 29 nos serviços. Um contingente de 8.940 pessoas recebem algum tipo de auxílio previdenciário.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Localização de Flores da Cunha no Rio Grande do Sul**. Wikipédia, a enciclopédia livre, c06/09/2006. Disponível em: *https://pt.wikipedia.org/wiki/Flores_da_Cunha#/media/Ficheiro:Locator_map_of_Flores_da_Cunha_in_Rio_Grande_do_Sul.svg*. Acesso 22 Nov 2021.

BAGGIO, Camila. **Geada tímida marca manhã fria em Flores da Cunha**. Flores da Cunha: Jornal O Florense, c18/07/2017. Disponível em: *https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/geada-timida-marca-manha-fria-em-flores-da-cunha/6878*. Aceso 22 Nov 2021. Acesso 22 Nov 2021.

Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Disponível em: *https://portalfat.mte.gov.br/programas-e-acoes-2/caged-3/*. Acessos diversos em 2024.

Flores da Cunha Turismo|Serra Gaúcha. Disponível em: *https://www.turismoflores.com.br/turismo/atrativos/mirante-gaio/detalhes*. Acesso 22 Nov 2021.

Fundação de Economia e Estatística (FEE-RS). Disponível em: *https://arquivofee.rs.gov.br/*. Acessos diversos em 20 de abril de 2024.

[9] Dados da Secretaria Municipal da Fazenda.
[10] Dados do Sebrae-RS referentes ao ano de 2019.
[11] Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).
[12] Dados do IPC Marketing.
[13] O consumo urbano é um indicador que atribui a cada município a sua participação percentual no potencial total de consumo do país. Considerando que o potencial total do mercado nacional seja 100%, o consumo urbano identifica quanto cada região representa deste todo.
[14] Dados da Secretaria do Tesouro Nacional (Sincofi) referentes ao ano de 2022.

Mapa dos Travessões. Flores da Cunha: Secretaria Municipal de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente/Departamento de Projetos e Planejamento Urbano, Setembro/2020.

Município de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal. Disponível em: *https://www.floresdacunha.rs.gov.br/*. Acessos diversos em 16 e 17 Nov 2021.

Perfil Socioeconômico Flores da Cunha 2022. Flores da Cunha: Editora Novo Ciclo – Jornal O Florense, 2023.

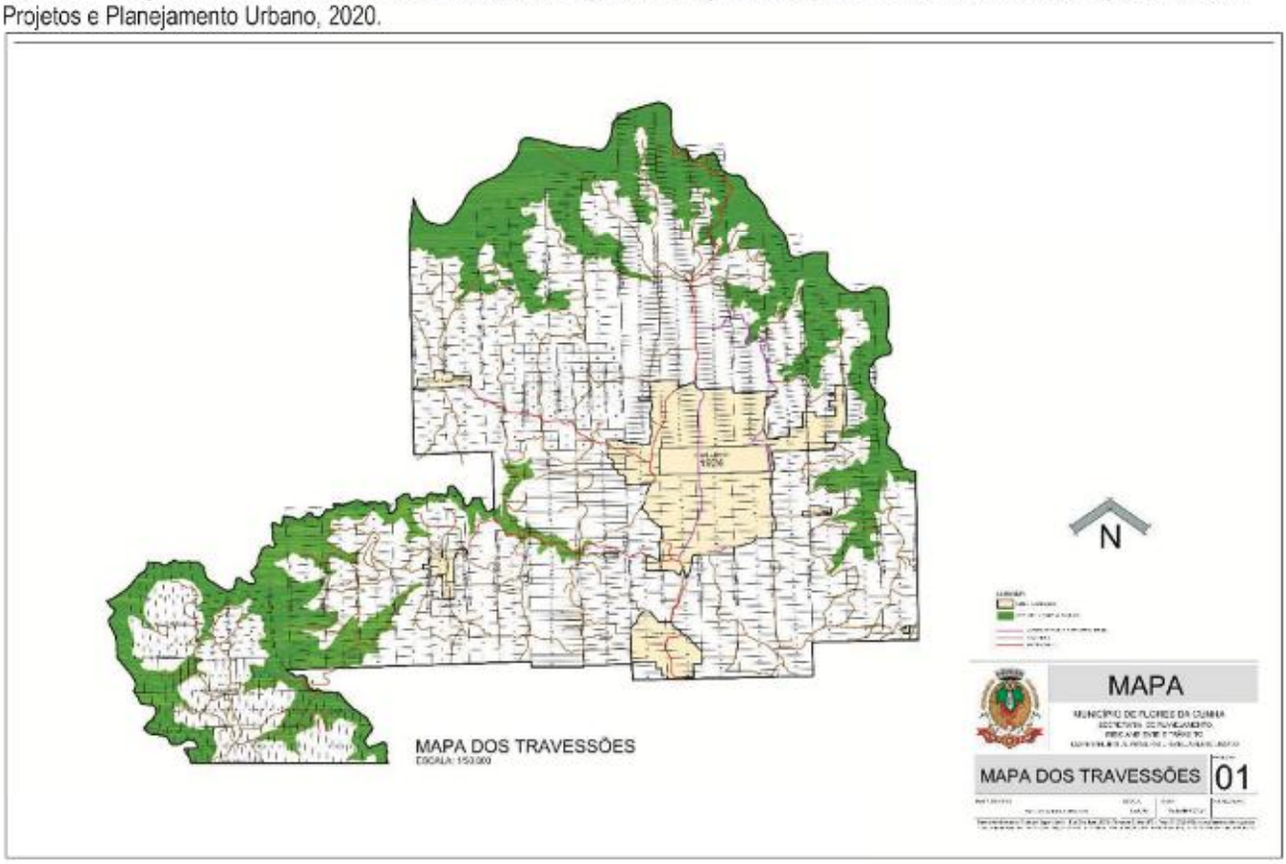
OTOBELLI, Danúbia. **Em 92 anos de emancipação, conheça 92 números de Flores da Cunha**. Flores da Cunha: Jornal O Florense, c24/05/2016. Disponível em: *https://jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/em-92-anos-de-emancipacao-conheca-92-numeros-de-flores-da-cunha/5815.* Acesso em 22 Nov 2021.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. **Descrição Histórica, Geográfica, Aspectos Sociais e Econômicos do Município de Flores Da Cunha para encaminhamentos do Plano Municipal de Cultura da Prefeitura de Flores Da Cunha**. Flores da Cunha, 2021.

VAILATTI, Gissely Lovatto e MAZZAROTTO, Graziela (Org.). **Nossa História de Nova Trento a Flores da Cunha**. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

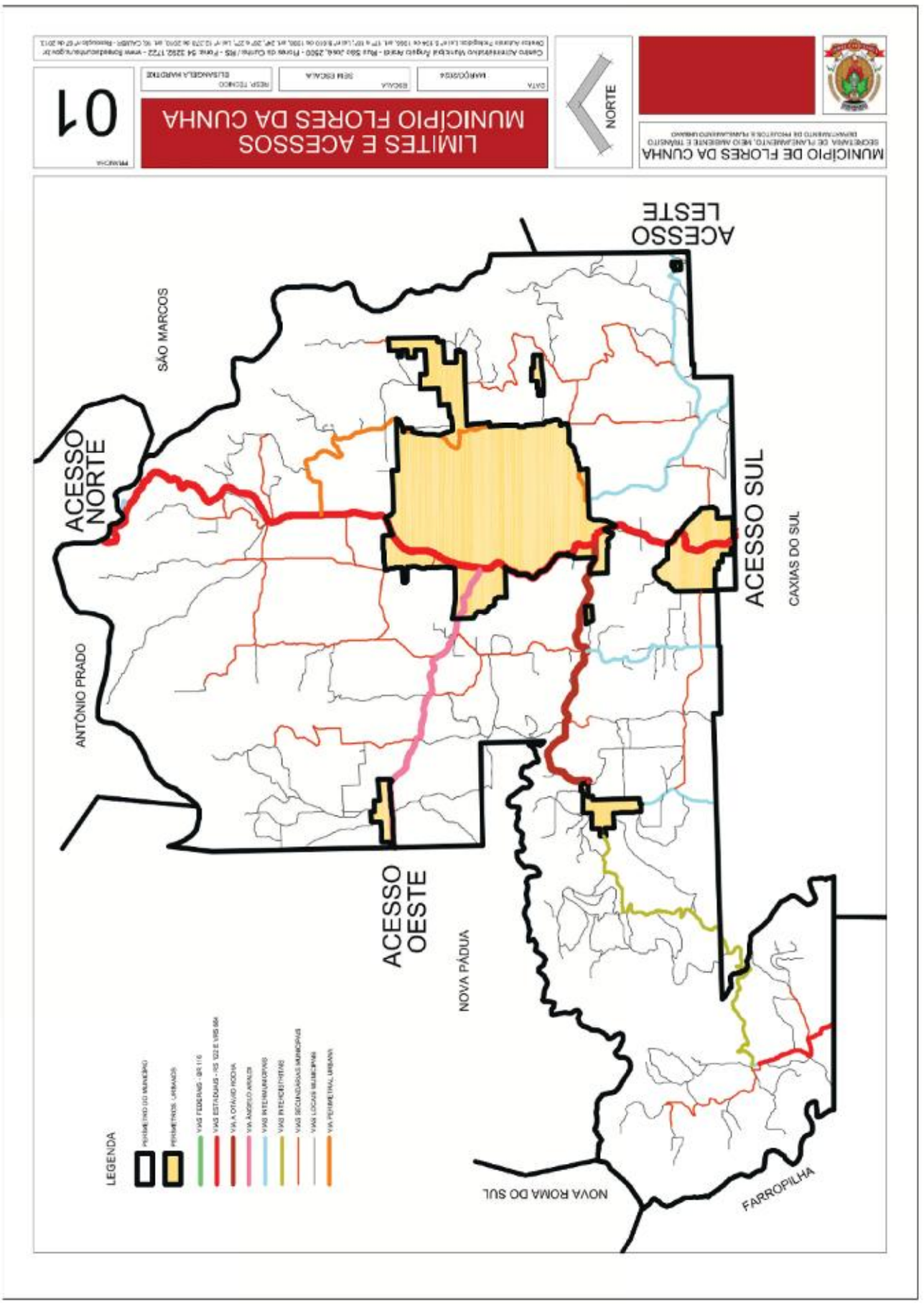
ANEXOS IMPORTANTES

ANEXO 1 - Mapa dos Travessões. Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente/Departamento de Projetos e Planejamento Urbano, 2020.

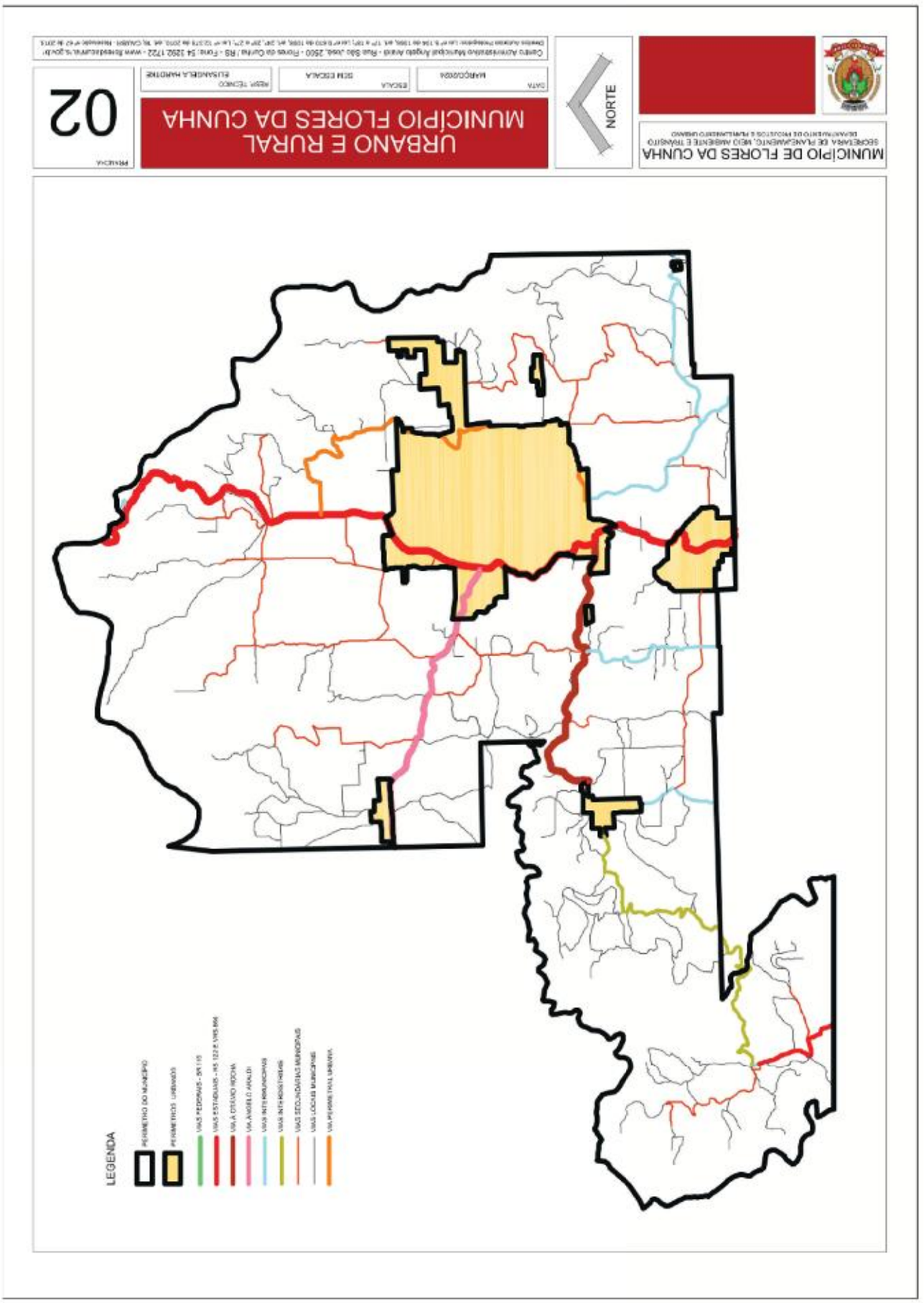


2. MAPAS DO MUNICÍPIO

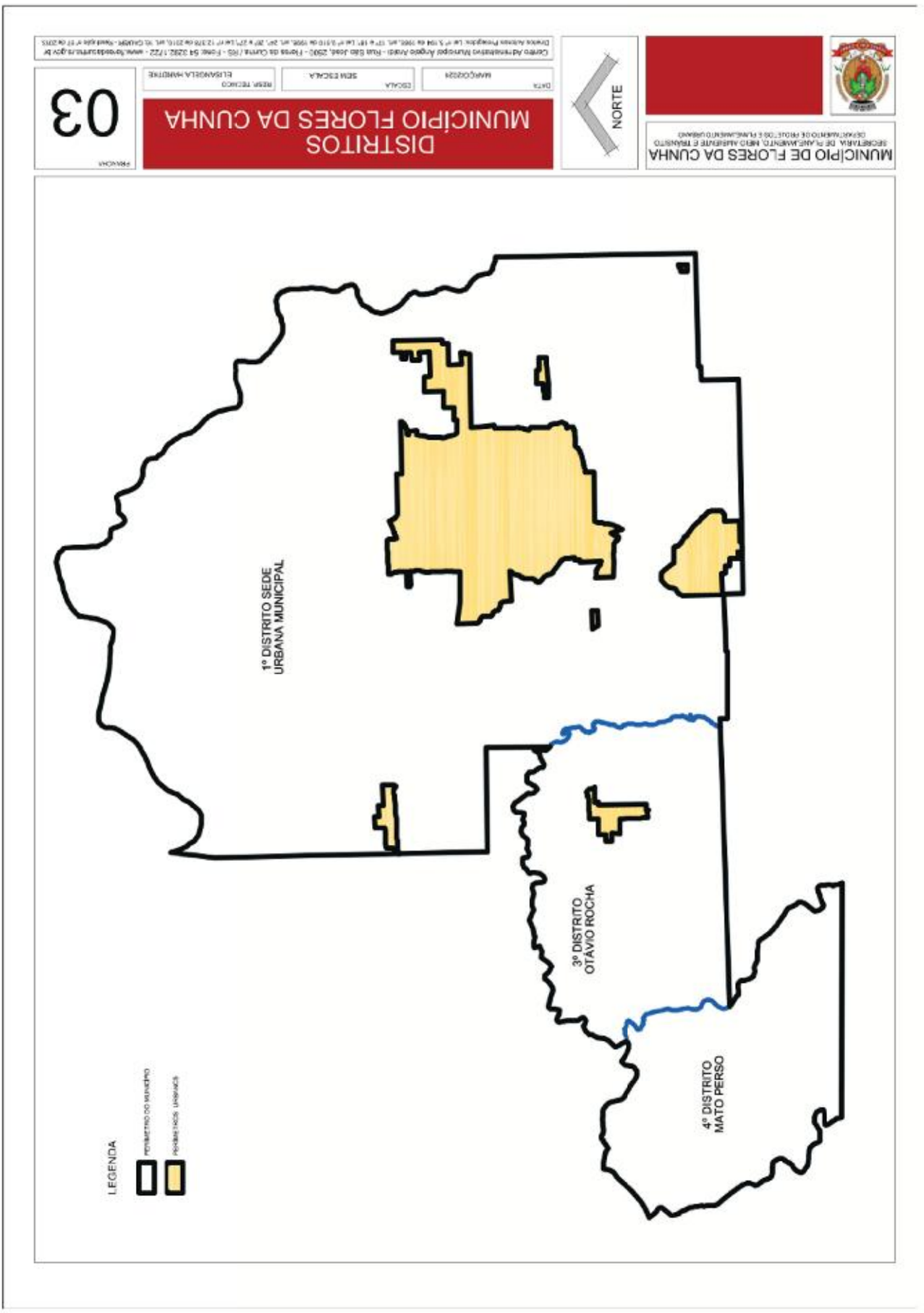
2.1 Mapa limites e principais acessos

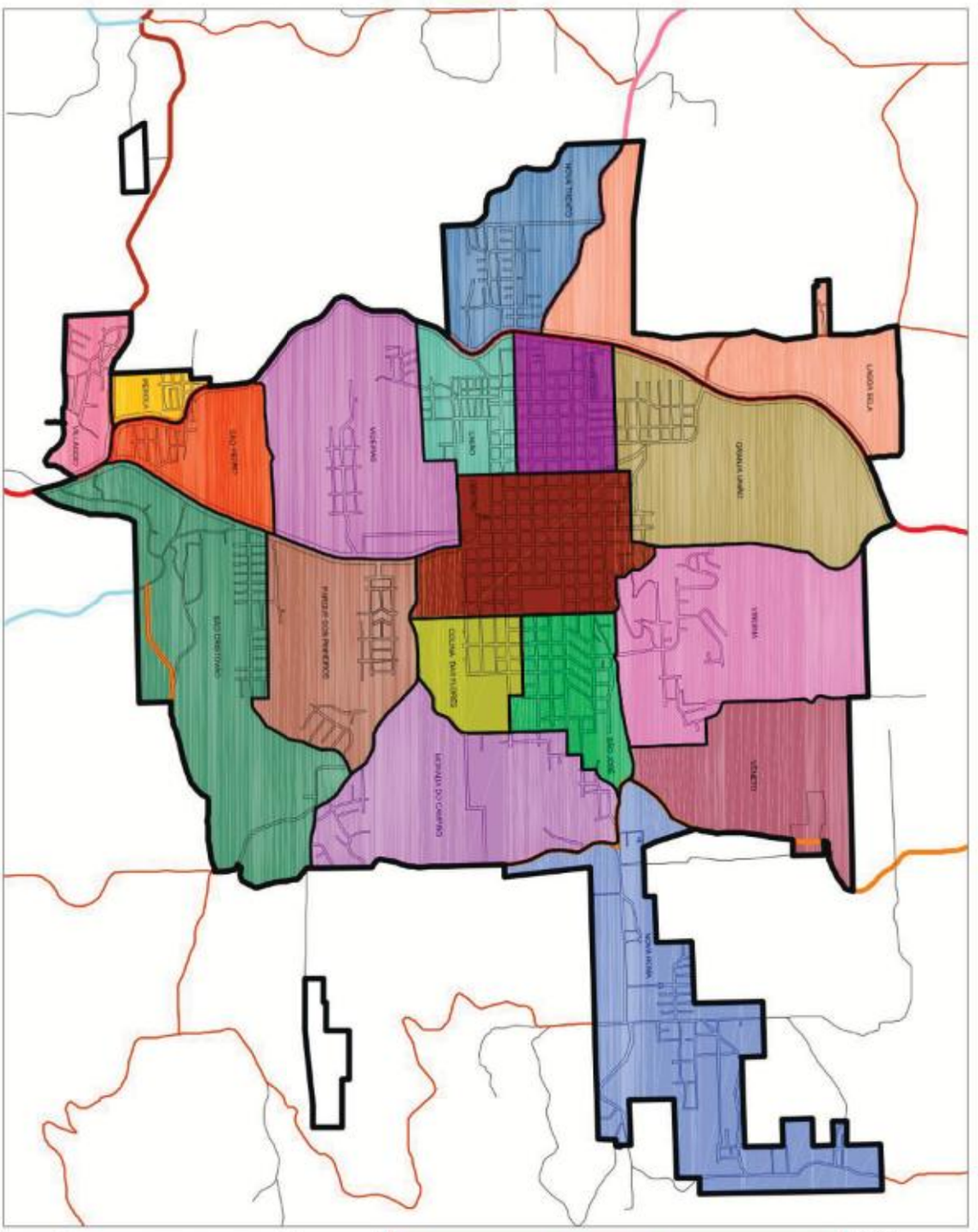


2.2 Mapa dos perímetros urbano e rural



2.3 Mapa dos distritos e bairros





MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, MEIO AMBIENTE E TRÂNSITO

DEPARTAMENTO DE PROJETOS E PLANEJAMENTO URBANO

NORTE

BAIRROS
MUNICÍPIO FLORES DA CUNHA

PRANCHA

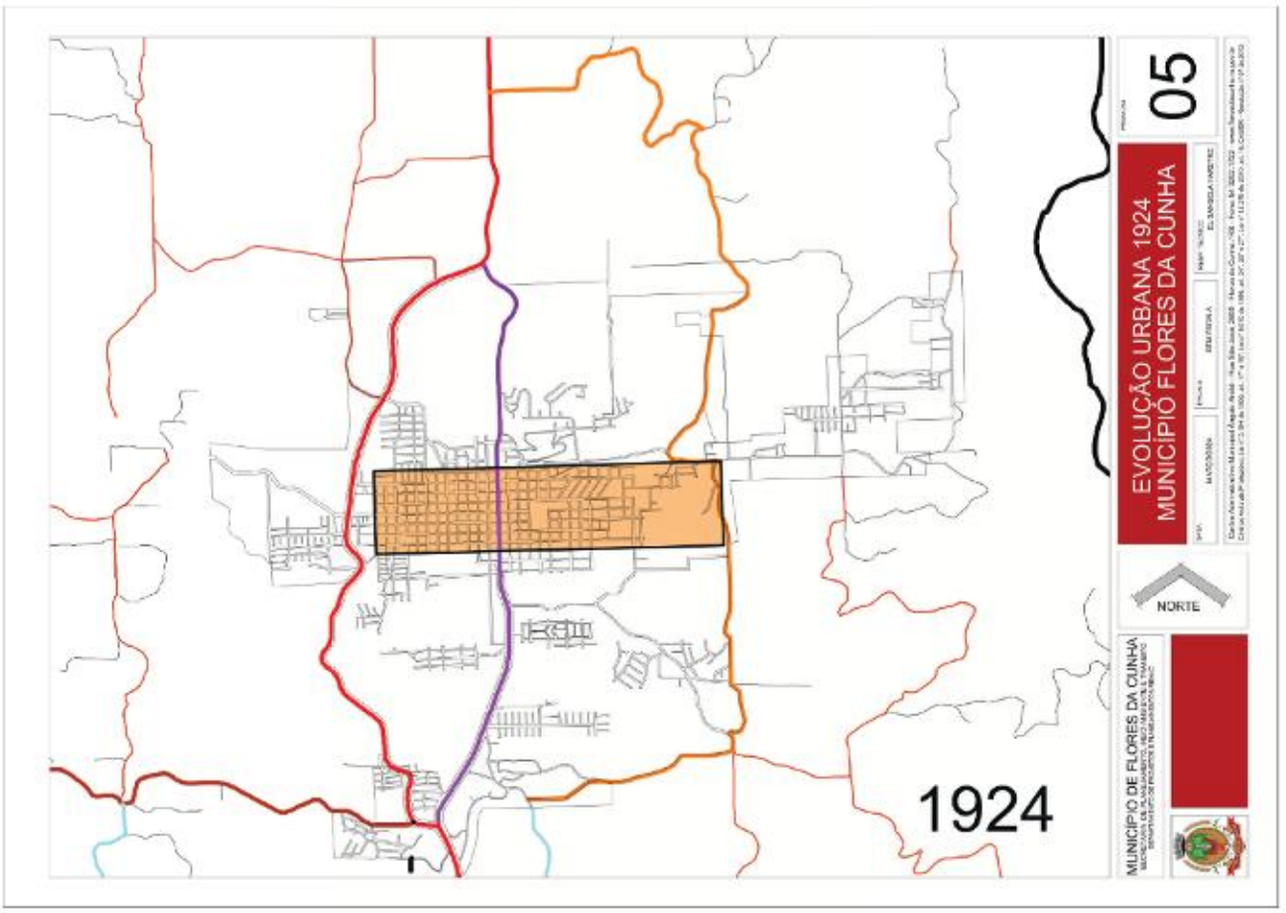
04

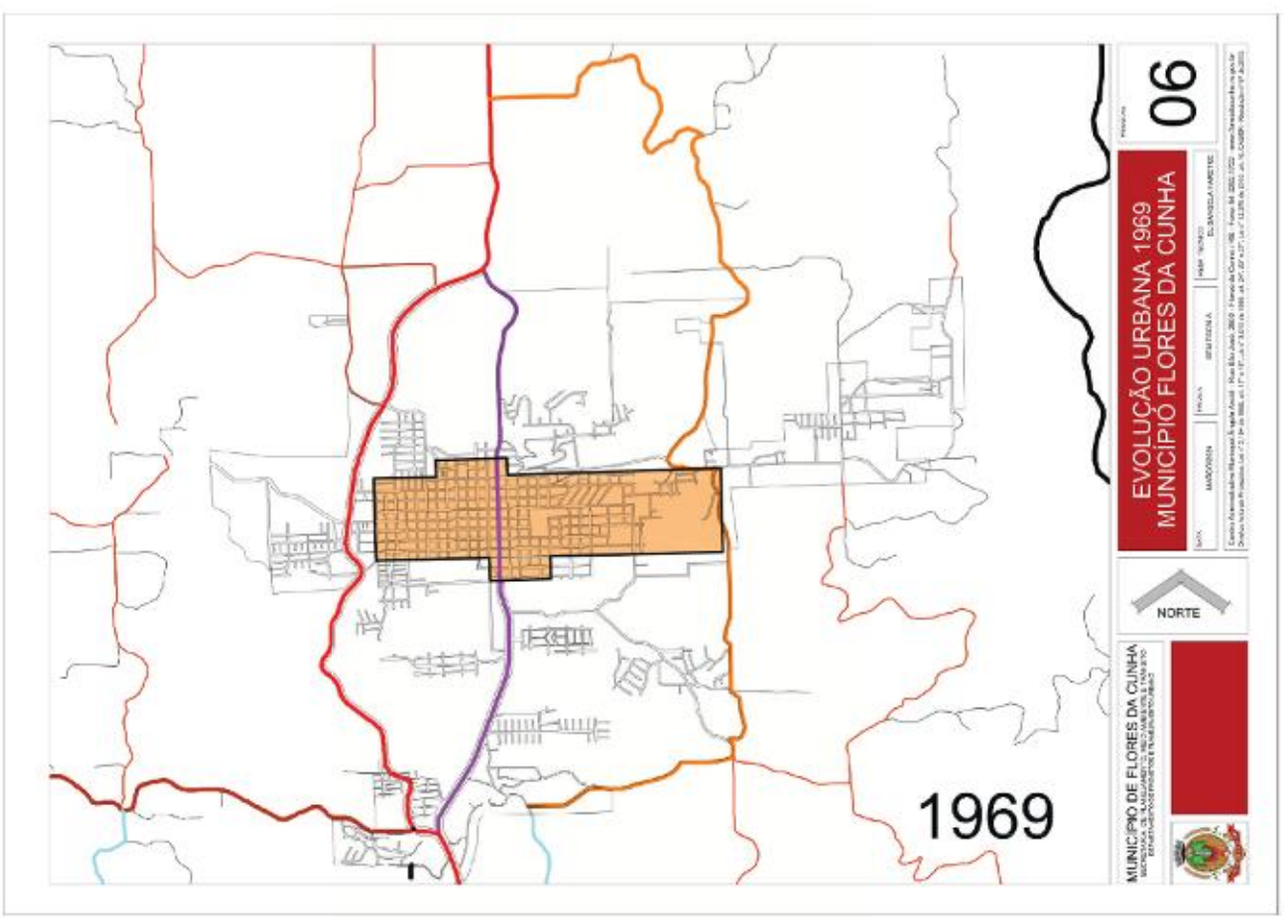
DATA	ESCALA	RESP. TÉCNICO
MARÇO/2024	SEM ESCALA	ELISANGELA HARDTKE

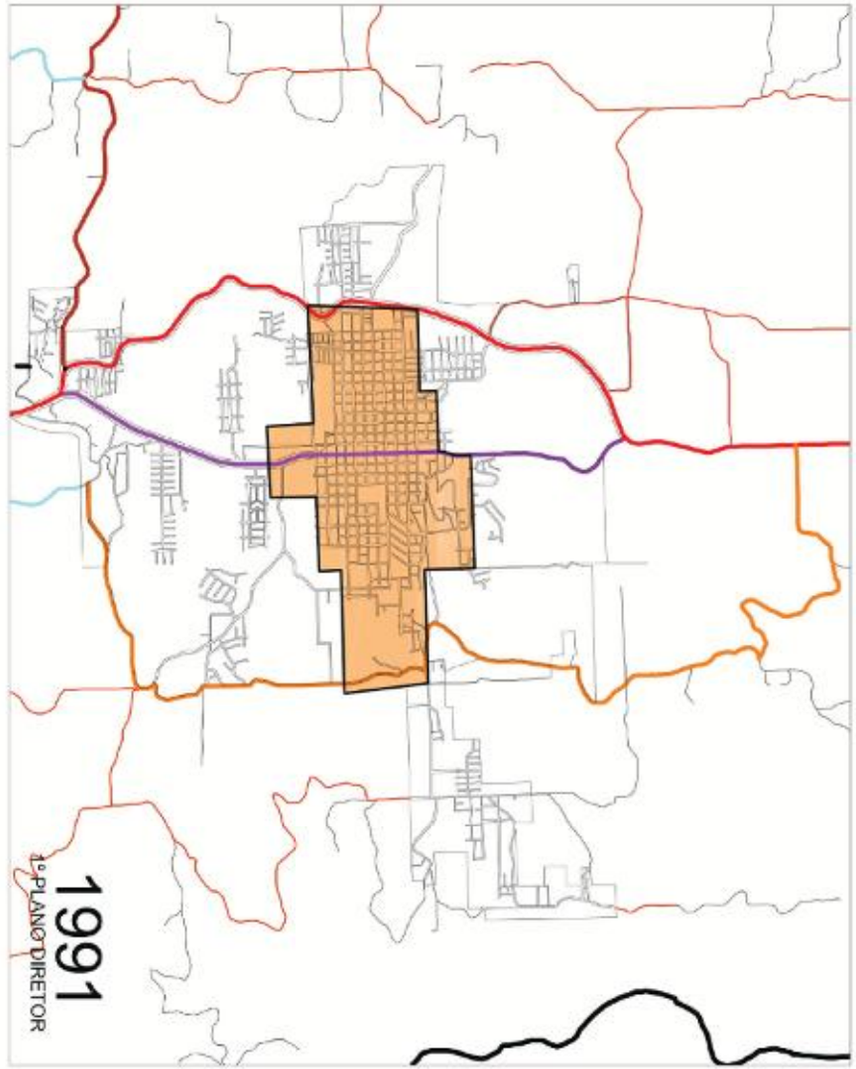
Centro Administrativo Municipal Ângelo Araldi - Rua São José, 2500 - Flores da Cunha / RS - Fone: 54 3292.1722 - www.floresdacunha.rs.gov.br

Direitos Autorais Protegidos: Lei nº 5.194 de 1966, art. 17º e 18º; Lei nº 9.610 de 1998, art. 24º, 26º e 27º; Lei nº 12.378 de 2010, art. 16; CAU/BR - Resolução nº 67 de 2013.

2.4 Mapas da evolução urbana





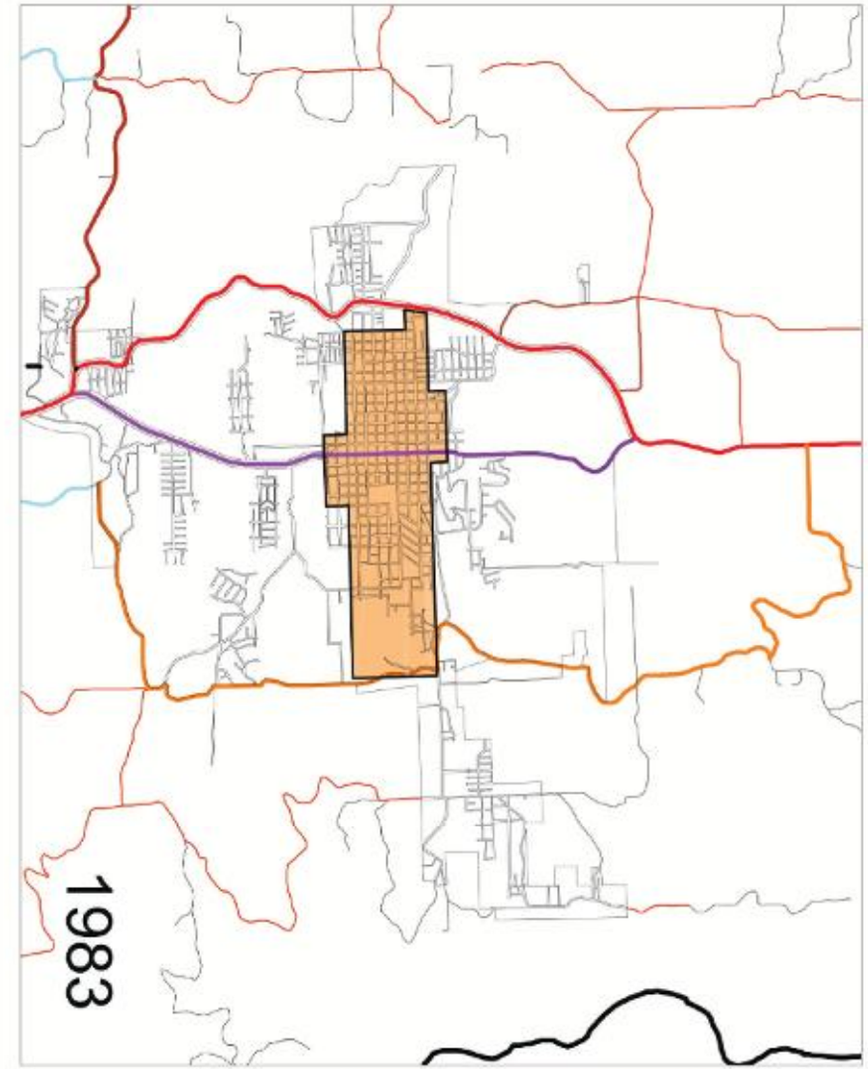


MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA

NORTE

EVOLUÇÃO URBANA 1991
MUNICÍPIO FLORES DA CUNHA

08

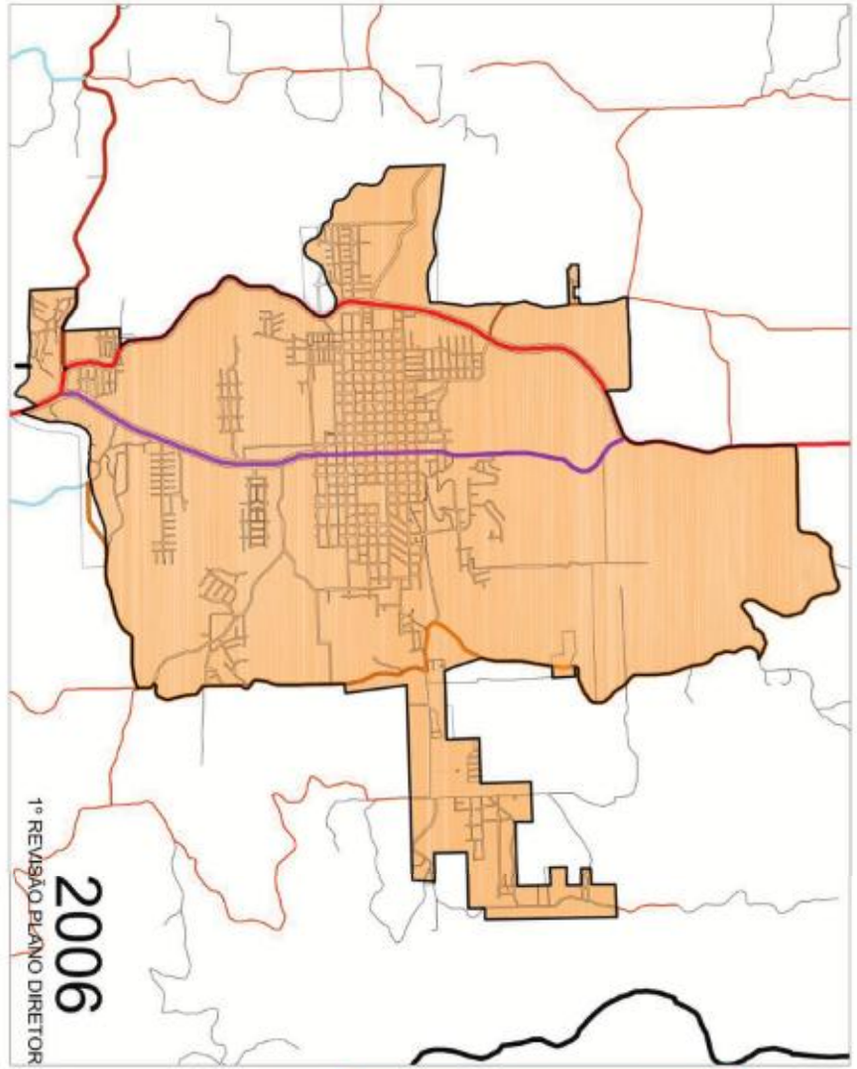


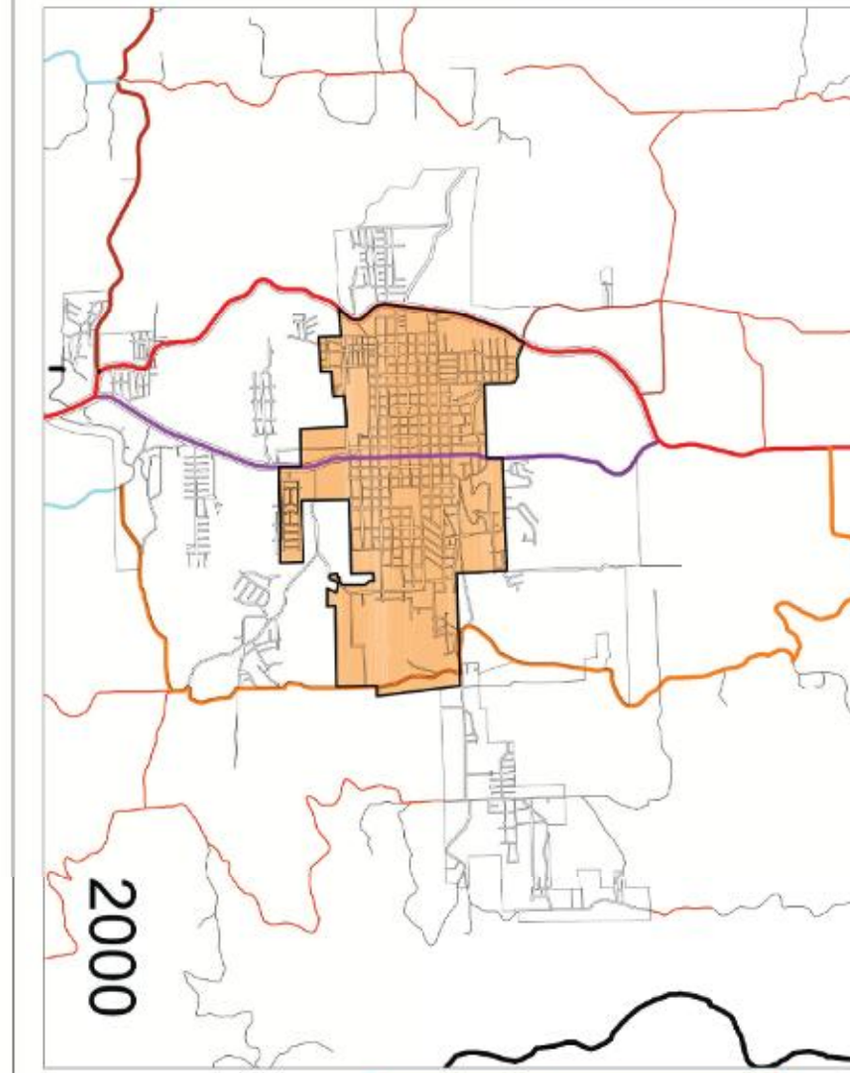
MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA

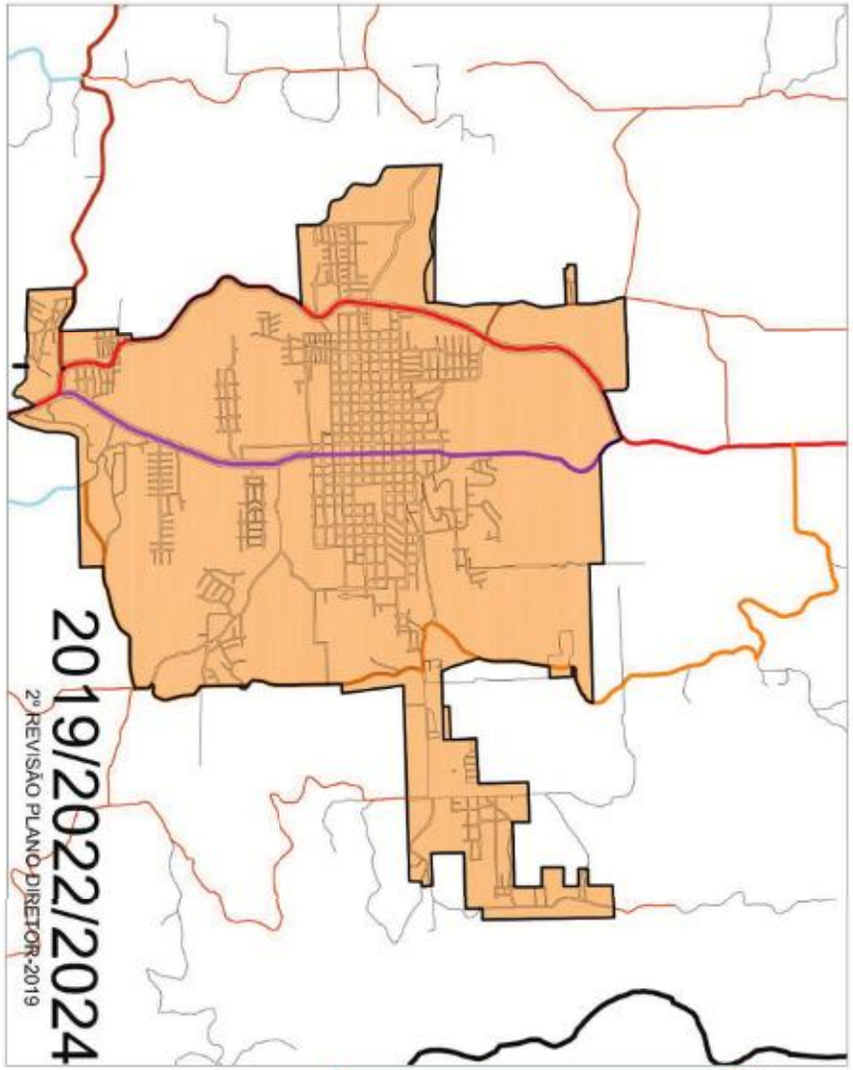
NORTE

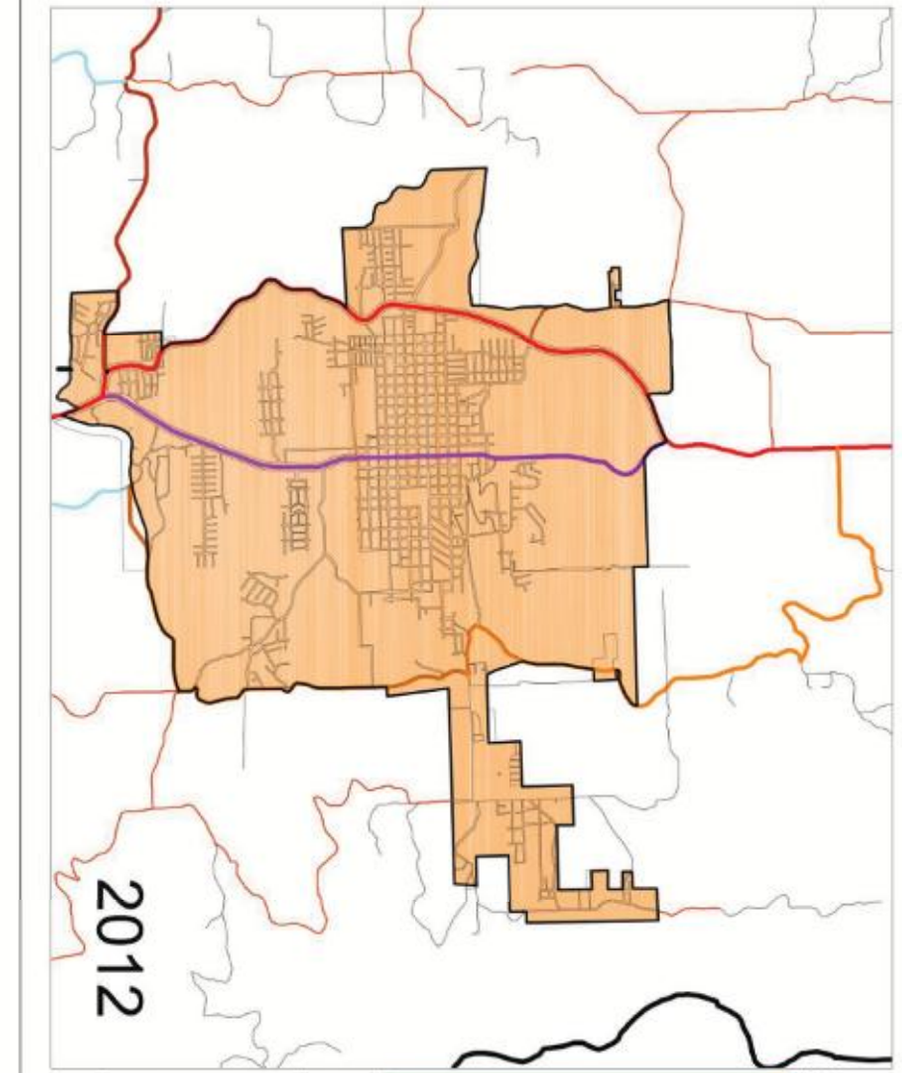
EVOLUÇÃO URBANA 1983
MUNICÍPIO FLORES DA CUNHA

07

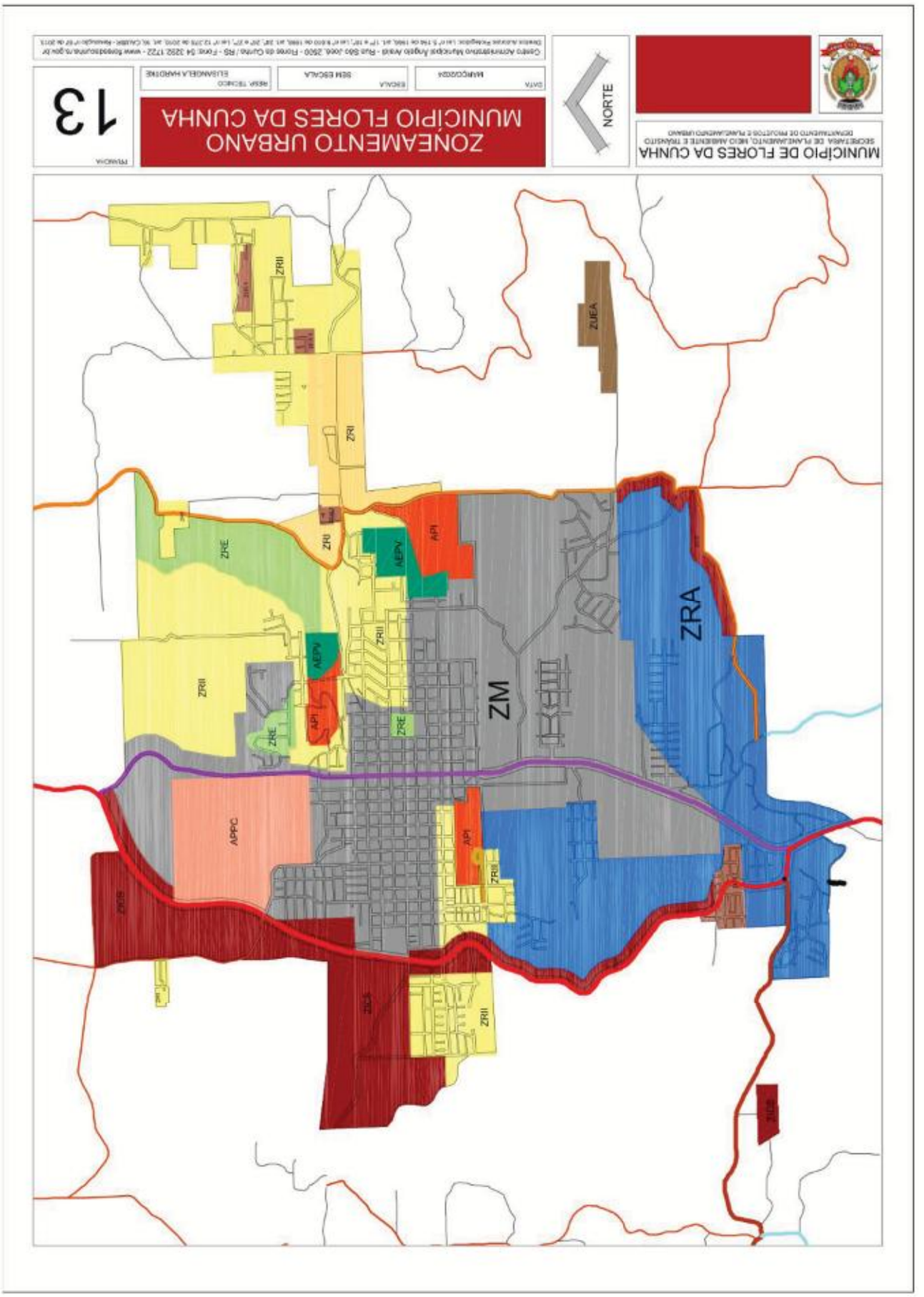

2006
1º REVISÃO PLANO DIRETOR
MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA
NORTE
EVOLUÇÃO URBANA 2006
MUNICÍPIO FLORES DA CUNHA
10


2000
MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA
NORTE
EVOLUÇÃO URBANA 2000
MUNICÍPIO FLORES DA CUNHA
09

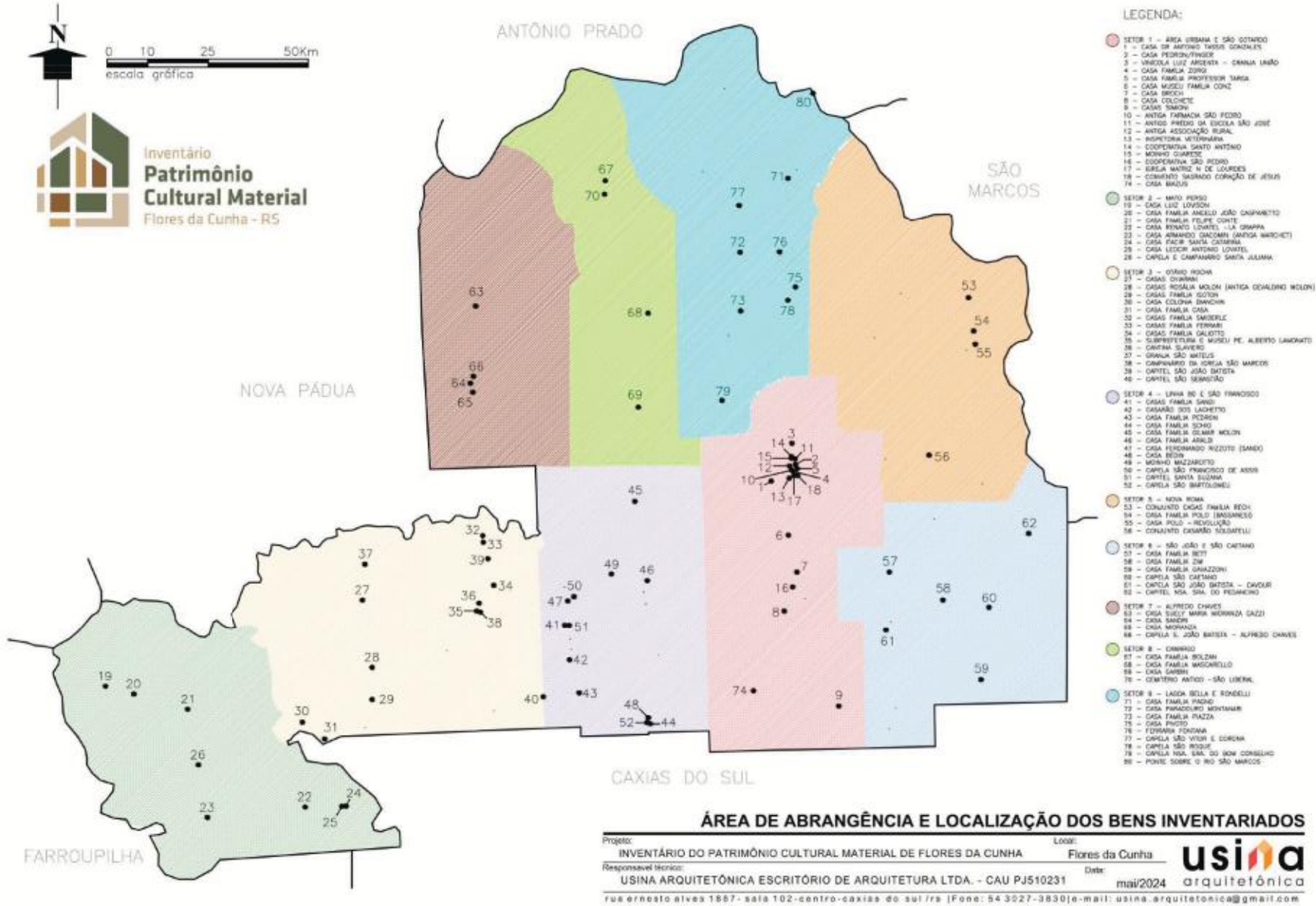

2019/2022/2024
2º REVISÃO PLANO DIRETOR-2019
MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA
NORTE
EVOLUÇÃO URBANA 2019
MUNICÍPIO FLORES DA CUNHA
12
MARÇO/2021
SEM ESCALA
ELISANGELA HARTINE


2012
MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA
NORTE
EVOLUÇÃO URBANA 2012
MUNICÍPIO FLORES DA CUNHA
11
MARÇO/2021
SEM ESCALA
ELISANGELA HARTINE

2.5 Mapa do zoneamento do Plano Diretor Municipal



2.6 Mapa da área de abrangência do inventário com a marcação da localização dos bens inventariados



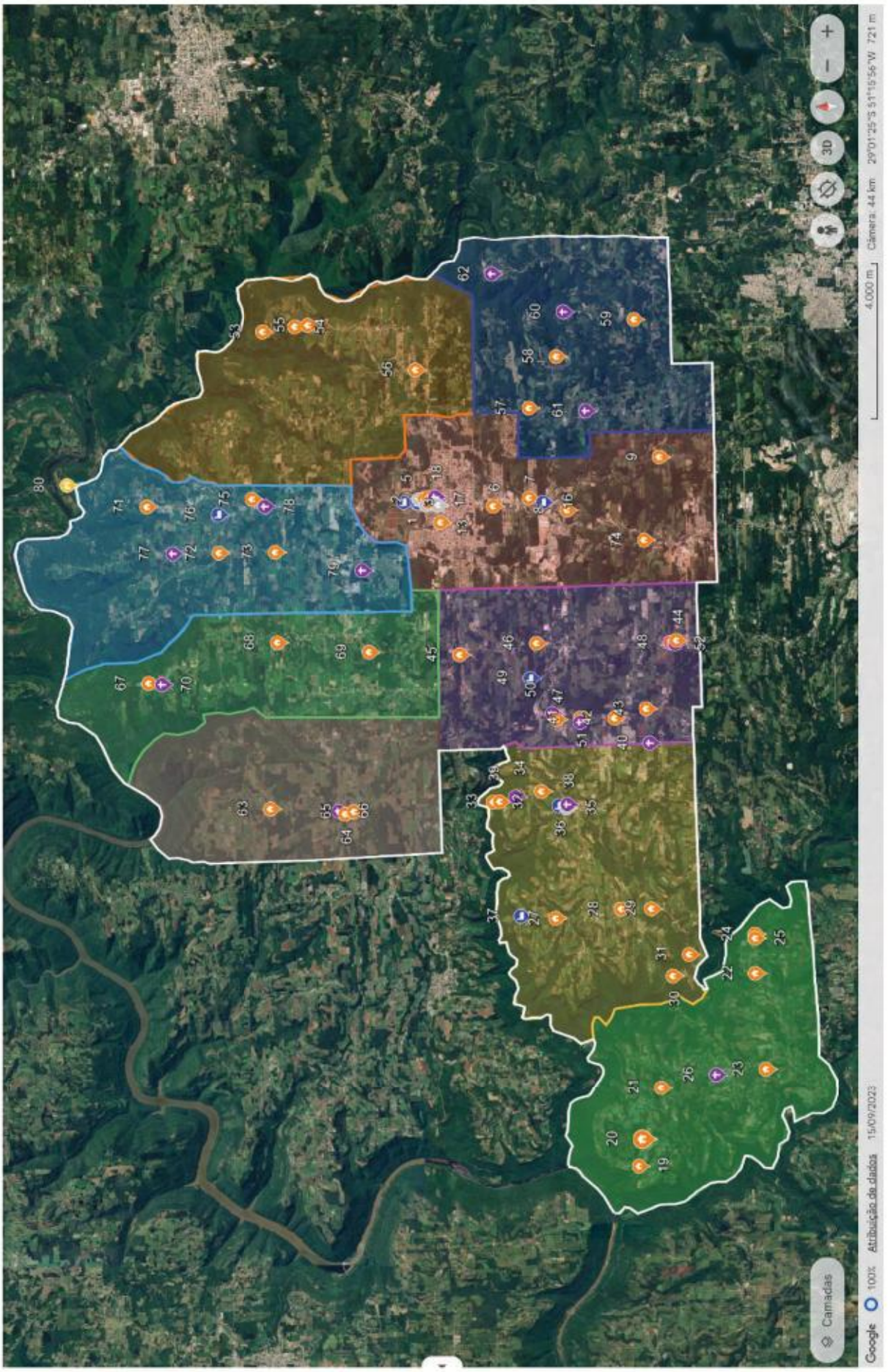
ÁREA DE ABRANGÊNCIA E LOCALIZAÇÃO DOS BENS INVENTARIADOS

Projeto: INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL DE FLORES DA CUNHA
Local: Flores da Cunha
Responsavel técnico: USINA ARQUITETÔNICA ESCRITÓRIO DE ARQUITETURA LTDA. - CAU PJ510231
Data: mai/2024

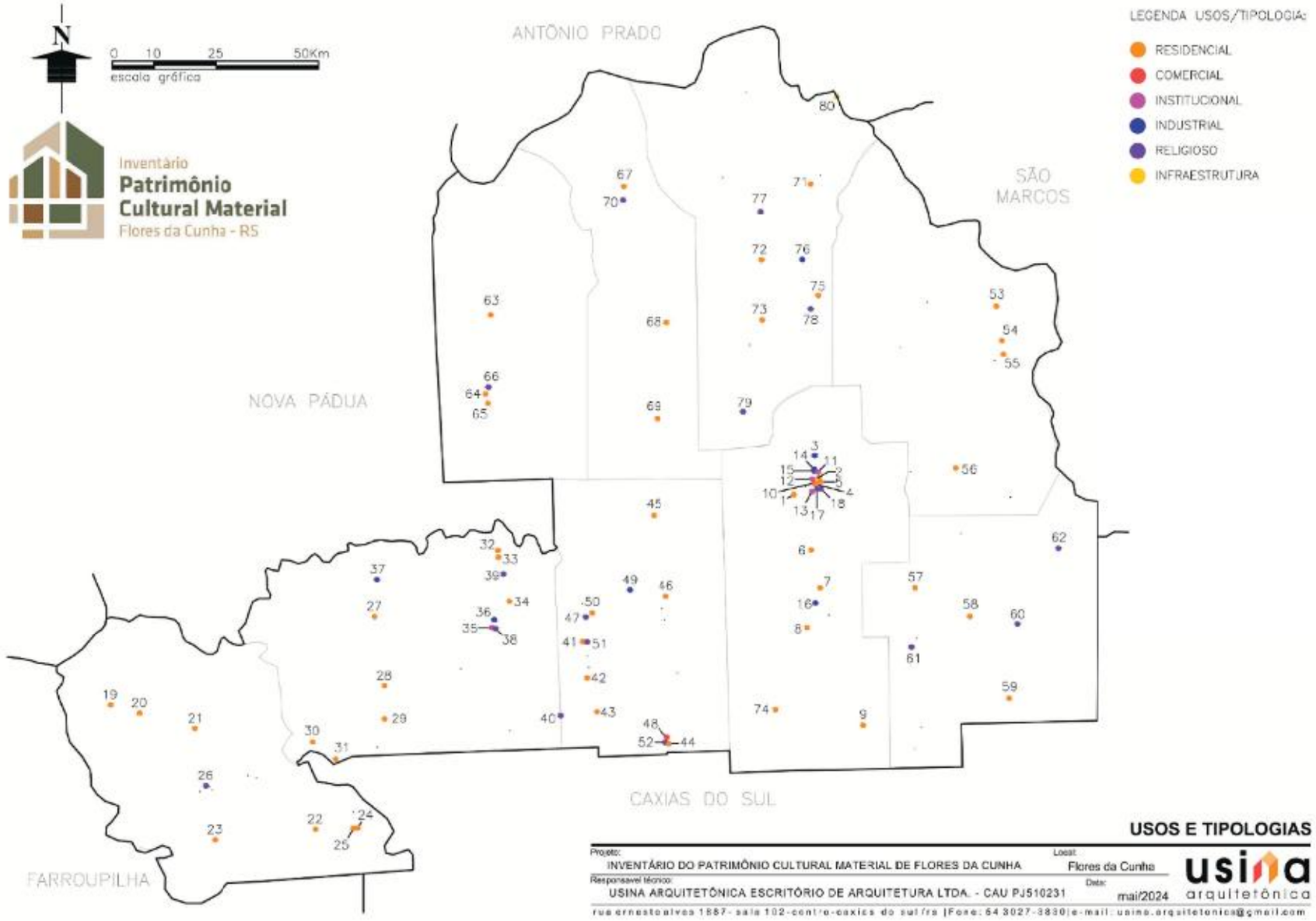
usina arquitetônica

rua ernesto alves 1887 - sala 102 - centro - caxias do sul / rs | Fone: 54 3027-3830 | e-mail: usina.arquitetonica@gmail.com

2.7 Localização dos elementos em imagem de satélite



Fonte: GOOGLE. Google Earth website. 2024. Disponível em: https://earth.google.com/earth/d/1ucZa3Rku1e1poQTCJGkxX3Fo3H3IPJ1?usp=sharing Acesso em: 17mai2024.

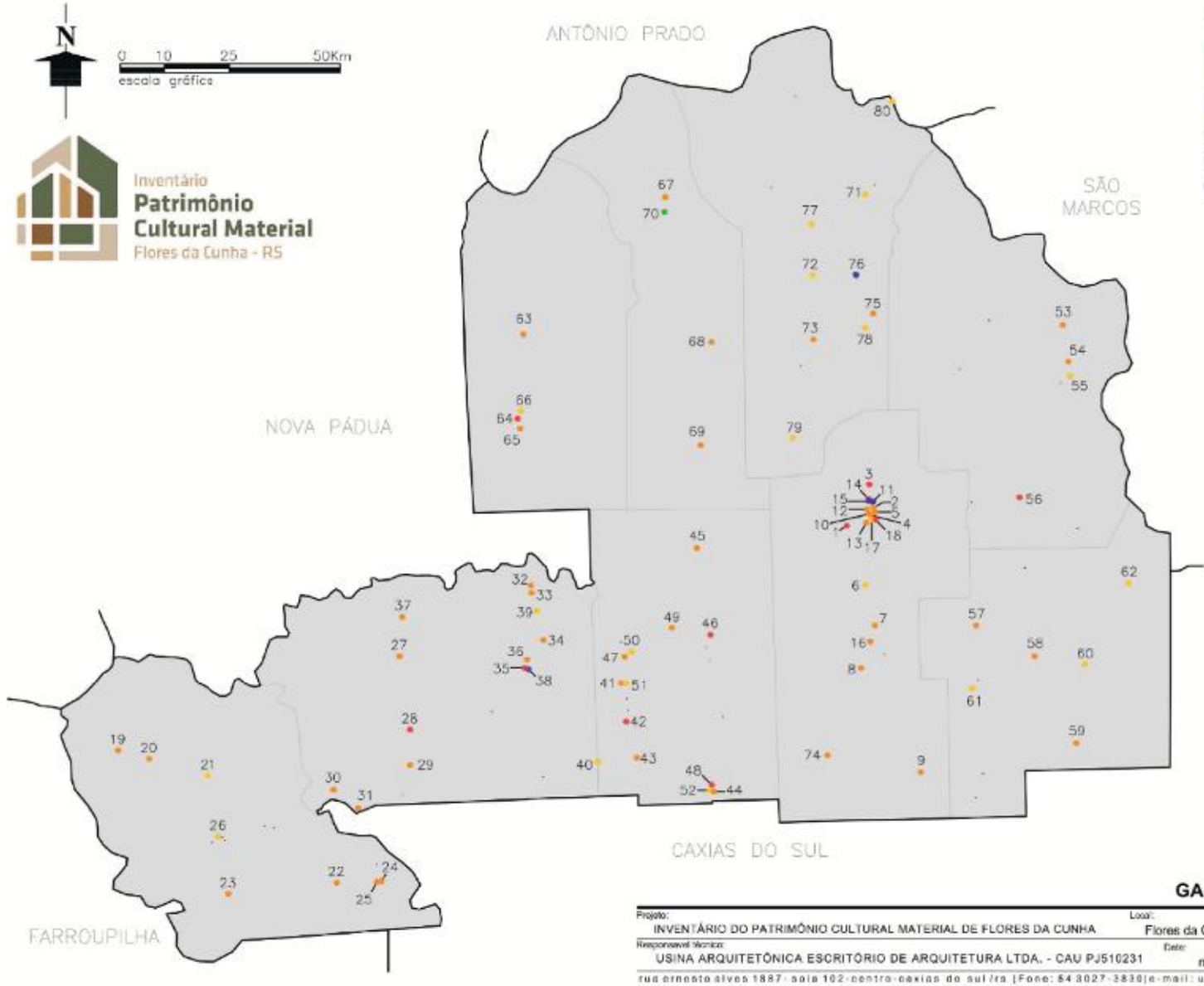


USOS E TIPOLOGIAS

Projeto: INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL DE FLORES DA CUNHA
Local: Flores da Cunha
Responsável técnico: USINA ARQUITETÔNICA ESCRITÓRIO DE ARQUITETURA LTDA. - CAU PJ510231
Data: mai/2024

usina arquitetônica

rua ernesto alves 1887 - sala 102 - centro - caxias do sul/rs | Fone: 54 3027-3830 | e-mail: usina.arquitetonica@gmail.com



GABARITOS DE ALTURA

Projeto: INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL DE FLORES DA CUNHA
Local: Flores da Cunha
Responsável técnico: USINA ARQUITETÔNICA ESCRITÓRIO DE ARQUITETURA LTDA. - CAU PJ510231
Data: mai/2024

usina arquitetônica

rua ernesto alves 1887 - sala 102 - centro - caxias do sul/rs | Fone: 54 3027-3830 | e-mail: usina.arquitetonica@gmail.com

2.10 Mapa das edificações mais relevantes















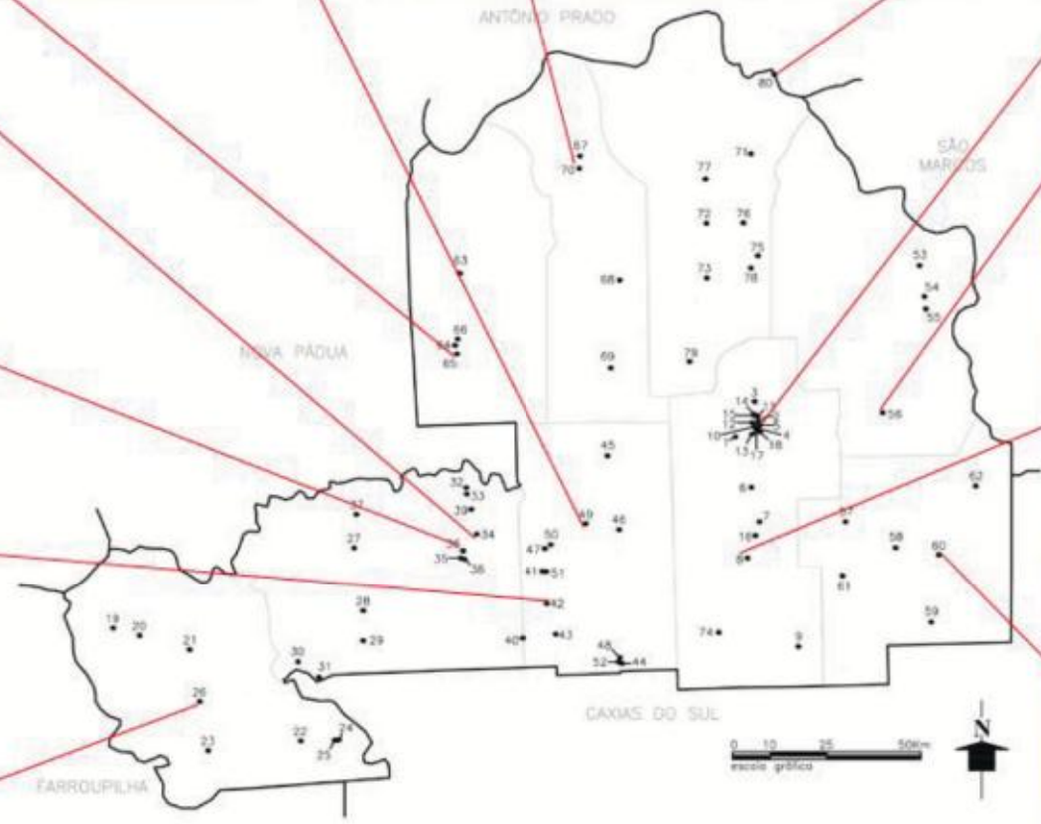












EDIFICAÇÕES RELEVANTES

Projeto: INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL DE FLORES DA CUNHA
Local: Flores da Cunha
Responsável técnico: USINA ARQUITETÔNICA ESCRITÓRIO DE ARQUITETURA LTDA. - CAU PJ510231
Data: mai/2024

usina arquitetônica

rua ernesto alves 1887 - sala 102 - centro - caxias do sul / rs | fone: 54 3027-3830 | e-mail: usina.arquitetonica@gmail.com

TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

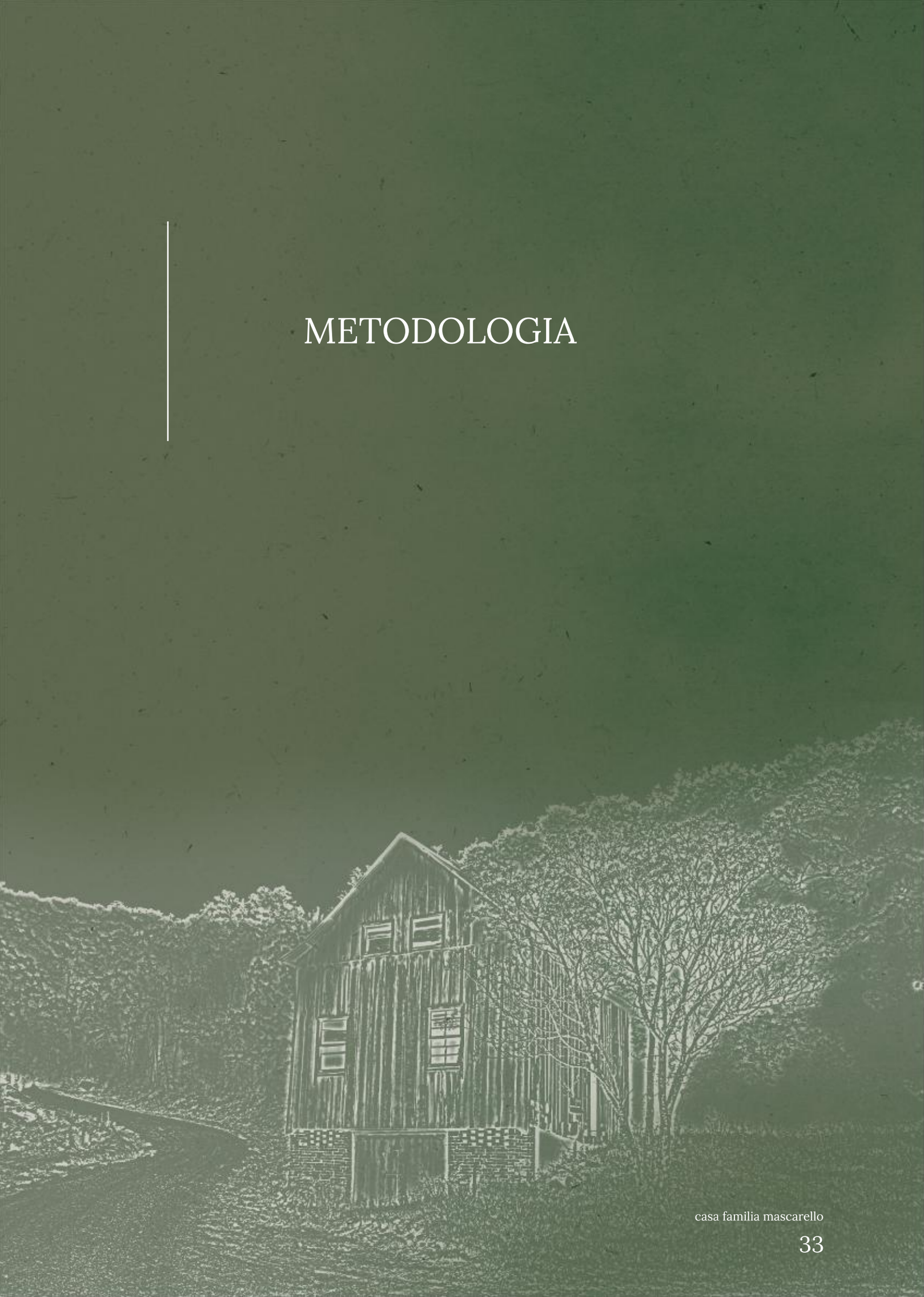
MUNICÍPIO DE FLORES DA CUNHA
Arq. Sayonara Guaresi - Fiscalização

COORDENAÇÃO E GESTÃO CULTURAL
Drª Cristina Seibert Schneider- Gestora cultural
Anderson Miguel Christ- Contador

PESQUISA HISTÓRICA
Desvendare História e Comunicação Ltda.
Danúbia Otobelli – Historiadora - CRP 000052/RS
Gissely Lovatto Vailatti – Historiadora - CRP 000094/RS

PESQUISA ARQUITETÔNICA
Usina Arquitetônica Escritório de Arquitetura Ltda.
Me. Arq. Márcio Zanella – CAU A60113-6
Arq. Mônica Debarba Frizon – CAU A60107-1
Esp. Arq. Dangle Júlio Marini – CAU 61736-9
Arq. Vivian Schiavenin – CAU A55439-1

METODOLOGIA



INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL DE FLORES DA CUNHA

RELATÓRIO FINAL DA EQUIPE DE ARQUITETURA

Autores: ZANELLA, Márcio; FRIZON, Mônica Debarba; MARINI, Dangle Júlio; SCHIAVENIN, Vivian.

1. INTRODUÇÃO

O Inventário do Patrimônio Cultural Material de Flores da Cunha – IPCMFC – é um desejo e uma iniciativa da própria comunidade. O registro de bens materiais representativos do período de formação do município foi realizado com o objetivo de manter viva a história e a memória dos florenses. O plano de trabalho deste projeto foi proposto pela APAC (Associação de Produtores de Arte e Cultura de Flores da Cunha) e financiado pelo Fundo Pró-Cultura, com o investimento de recursos da LIC (Lei de Incentivo à Cultura) do Estado do Rio Grande do Sul. À equipe de arquitetura formada pela Usina Arquitetônica Escritório de Arquitetura Ltda. coube acolher, dimensionar e executar parte significativa do projeto.

Um inventário é sempre um ponto de partida para qualquer ação de reconhecimento e elaboração de políticas públicas para a cultura. O termo inventário, de acordo com a sua etimologia, se origina do termo latino *inventarium*, sentido de "achar", pôr à mostra, dar a conhecer (HOUAISS, 2016). No caso do patrimônio cultural, inventariar os bens significa produzir um conhecimento que necessariamente parte do estabelecimento de critérios, pontos de vista e recortes sobre determinados universos sociais e territoriais (MOTTA e REZENDE, 2016). Por esta razão, deve ser entendido como um produto de uma ética e de um tempo, passível de revisão e atualização pelo grupo social que o identifica.

Este é o primeiro inventário oficialmente realizado no âmbito municipal desde sua origem. Em 1980, dezessete elementos deste território foram selecionados por um inventário estadual realizado pelo programa "Como preservar o patrimônio cultural" (IPHAE, 1980). Deste total, 3 elementos estão atualmente dentro do território de Nova Pádua. Dentre os outros quatorze, um foi tombado no âmbito estadual e restaurado (atual Casarão Veronese). Outros seis elementos foram demolidos ou altamente descaracterizados nos anos seguintes. Assim, apenas sete elementos do inventário estadual puderam ser reavaliados e integrados a este inventário. Cabe salientar que no ano de 2002 foi iniciado um inventário municipal, mas o mesmo não foi finalizado (PREFEITURA

DE FLORES DA CUNHA, 2002). Paralelamente foram realizados outros três levantamentos de bens. Dois foram realizados pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto (MAZZAROTTO; CHEMELLO, 2002; PROJETO CASAS E RUAS, 2002). Através da Secretaria de Turismo foi encomendado um levantamento de bens históricos (VENERE,2002).

Sendo uma iniciativa pioneira na cidade, o projeto propôs dar início ao reconhecimento de bens culturais materiais abrangendo todo o território de Flores da Cunha. Conforme define IPHAE (2020, pág.12), o inventário de bens materiais consiste no "levantamento do Patrimônio Cultural Imóvel representado por prédios, casas, monumentos e outras construções representativas de uma época ou de estilos arquitetônicos, podendo ainda ser importante por seus vínculos de identidade e memória de uma comunidade". Assim, o objetivo específico deste inventário é reconhecer e cadastrar os bens imóveis representativos do movimento cultural de formação do município. A partir de sondagens prévias, foi estabelecido um escopo de cadastro de 80 elementos por este projeto, considerando-se para isso o período de um ano para execução, as dimensões dos território abrangido e a capacidade de trabalho das equipes envolvidas.

2. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

A história da colonização da Vila de Nova Trento, hoje Município de Flores da Cunha, é bem documentada e se descortina a partir da chegada de imigrantes italianos à então Colônia Caxias na segunda metade do século XIX. O Brasil havia se tornado um destino atraente em virtude das políticas de aquisição de terras e formação de lotes. O governo imperial estabelecera um acordo com a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, no sentido de intensificar a povoação do Sul do País, especialmente na zona de encosta da Serra.

Os primeiros imigrantes chegaram na área em que se situa hoje o Município de Flores da Cunha no ano de 1877. Eram, em sua maioria oriundos do Norte da Itália (províncias do sul do Tirol, além das províncias de Mantova, Cremona e Pádova). Nos primórdios, a superfície era tomada por uma densa mata, território de povos indígenas. Nesse contexto, deu-se início à ocupação das terras, quando começou a configurar a organização econômica, social e cultural das localidades rurais. Os lotes comercializados a esses imigrantes ocupavam a região da 10ª a 16ª légua, ao norte da antiga Colônia Caxias. Dois pequenos povoados foram formados. O de São Pedro, local onde se estabeleceu a sede do município e São José, à um quilômetro à leste. Anos mais tarde as famílias de São José mudaram-se para São Pedro, aumentando o número de habitantes daquela capela, dando origem à Vila de Nova Trento (BERTASO, LIMA; 1950).

Em 1924, Nova Trento emancipou-se de Caxias do Sul e em 1935 passou a chamar-se Flores da Cunha, uma homenagem ao então Governador do Estado, General José Antônio Flores da Cunha. Localizada na Serra Gaúcha, fica a 150 km da capital Porto Alegre e a 710m de altitude acima do nível do mar. O Município possui área de 276,241km² (CENSO/IBGE, 2022) e estabelece limites com os Municípios de Antônio Prado, Nova Roma do Sul e Nova Pádua (Norte/Oeste); São Marcos (Norte/Nordeste); Caxias do Sul (Sul/Sudeste) e Farroupilha (Sul/Sudoeste). Atualmente, possui 30.892 habitantes em seu território, que engloba a Sede do Município e os dois Distritos – Otávio Rocha e Mato Perso.

É possível afirmar que o legado cultural material da imigração italiana no município de Flores da Cunha se sobressai, talvez, como consequência do desenvolvimento econômico que os imigrantes tiveram nessas terras. A partir do estabelecimento das primeiras famílias, as representações culturais assumiram diversas formas, especialmente nos costumes, na religiosidade e no trabalho. No entanto, há no acervo encontrado a contribuição não apenas dos imigrantes italianos, mas também de outras etnias. Exemplos disso são edificações com traços lusos e hispânicos detectadas por este inventário, bem como a influência de ordens religiosas francesas no campo da arquitetura e arte sacras. O patrimônio arquitetônico que se configura é fruto de uma rica herança de processos culturais, resultado dessa miscigenação.

Para compreensão deste patrimônio é importante reconhecer o papel da religião na vida dos primeiros moradores e de seus descendentes. Naquele cenário adverso, o fator que lhes permitiu a reconstrução de seu mundo cultural devidamente adaptado foi a religião. Tal valor condicionou diretamente a importância dada à Igreja que, mais do que local de culto, era o principal ambiente de integração cultural dentro do contexto em que estavam inseridos. Era ao redor da capela que as primeiras comunidades rurais habitavam, trabalhavam e conviviam. Decorreu daí a configuração física dos "centros" dos núcleos rurais que são referências do território até hoje.

Além da capela, considerada a edificação mais importante, estavam ao seu redor o cemitério, a escola, o salão de festas da comunidade, a bodega, a cancha de bochas e a quadra de futebol. Os próprios colonos faziam mutirão para edificar, na simplicidade, os seus locais de oração e convivência, comandados por um pedreiro ou carpinteiro ou artífice de maior experiência. Inicialmente, as construções religiosas eram simples e aos poucos foram melhorando, seguindo como modelo artístico, num mimetismo compreensível, os estilos das igrejas clássicas dos vilarejos italianos, aos quais se somou posteriormente, por influência dos capuchinhos franceses, o gótico.

3. METODOLOGIA

A metodologia baseia-se no Sistema de Rastreamento Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul – IPHAE (IPHAE, 2023). Esta metodologia está fundamentada em 4 etapas essenciais: (i) o levantamento criterioso sobre a formação histórica do município e das fontes de informação, (ii) as atividades de campo, (iii) a organização das informações e (iv) a difusão das informações. Para tanto, foram formadas equipes das áreas de história, arquitetura e marketing digital. Estas equipes receberam capacitação específica do IPHAE para realização deste inventário no dia 1º de junho de 2023.

À equipe de arquitetura coube a realização dos trabalhos de campo e organização das informações em fichas cadastrais (modelos M00 e M01 do IPHAE). A ficha M00 encabeça o inventário com informações gerais do município, como histórico e mapas. A ficha M01 compila as informações de cada um dos elementos selecionados, trazendo sua localização, histórico do bem, iconografia, fotos atuais, croquis de situação e planta baixa, bem como a análise arquitetônica (Figura 1). A equipe de arquitetura formada pela Usina Arquitetônica Escritório de Arquitetura Ltda. contou com quatro profissionais arquitetos e um acadêmico de arquitetura ao longo de todo período.

Figura 1 - Exemplo de ficha modelo M01 preenchida.



Fonte: do autor.

Iniciado no dia 23 de maio de 2023, os primeiros meses de trabalho dos arquitetos foram em conjunto aos historiadores, dando início à seleção dos elementos (Figura 2). Para tanto, foram estudados os aspectos da formação geográfica e política do município até seu estágio atual. Paralelamente, foram realizadas atividades de campo com expedições de prospecção para verificação *in loco* dos elementos já cadastrados pelo inventário de 1980, busca dos elementos

sugeridos pela Secretaria Municipal de Planejamento e sociedade civil e detecção de novos elementos. Ao todo, as sete expedições de prospecção levantaram cerca de 243 elementos potenciais em todo município.

Figura 2: Expedições de prospecção (a) e reuniões sistemáticas entre arquitetos e historiadores (b).



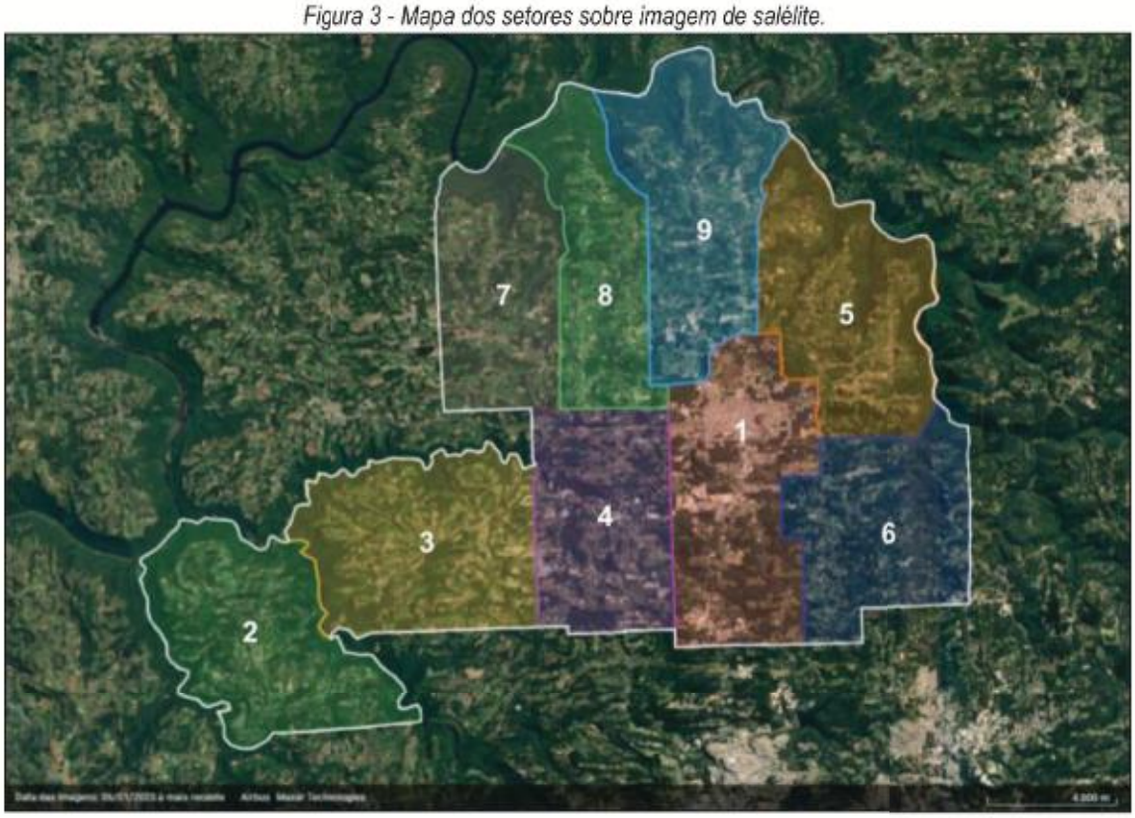
Fonte: dos autores.

A formação deste território tem como característica principal a colonização italiana do final do séc. XVIII que povoou massivamente a região da serra gaúcha. Esta colonização deu-se a partir do parcelamento de terras devolutas em lotes rurais, delimitados cardinalmente por estradas retilíneas denominadas linhas e travessões. Apesar de notório que este território tenha sido originalmente habitado pelos indígenas *Kainganges*, não há conhecimento de remanescentes materiais destes povos. Uma vez que as linhas e travessões reconfiguraram a organização deste território, propôs-se a setorização dos elementos reunidos pelas expedições de prospecção em 9 setores, ilustrados pelo mapa da figura (Figura 3). Estes setores são caracterizados e denominados da seguinte forma:

- SETOR 1 – ÁREA URBANA E SÃO GOTARDO: região dos antigos travessões Garibaldi, Esmeralda e Nova Trento;
- SETOR 2 – MATO PERSO: Região dos antigos travessões 13 de Maio, 4 de Fevereiro, Entre Rios e Hortência;
- SETOR 3 – OTÁVIO ROCHA: Região dos antigos travessões Marcolino Moura, Pinhal, Manoel Maria de Carvalho e Esperança;
- SETOR 4 – LINHA 80 E SÃO FRANCISCO: Região dos antigos travessões Jacintho, Marques do Herval e Felisberto da Silva;
- SETOR 5 – NOVA ROMA: Região dos antigos travessões Riachuelo, Salgado, Felício dos Santos e parte do Rondelli;
- SETOR 6 – SÃO JOÃO E SÃO CAETANO: Região dos antigos travessões Esmeralda, Cavour e Claro;

- SETOR 7 – ALFREDO CHAVES: Região do antigo travessão Alfredo Chaves;
- SETOR 8 – CAMARGO: Região dos antigos travessões Martins e Camargo;
- SETOR 9 – LAGOA BELLA e RONDELLI: Região das antigas picadas 25 de março, Aquidaban, 7 de Setembro, Lagoa Bella e parte do Rondelli.

Figura 3 - Mapa dos setores sobre imagem de salélite.



Fonte: adaptado de GOOGLE EARTH, 2024.

A produção arquitetônica decorrida do movimento imigratório de italianos ao sul do Brasil a partir da década de 1870, constitui um dos capítulos de maior importância da arquitetura popular brasileira. Para Posenato (1983, p. 71), "nenhum ciclo arquitetônico brasileiro mostra tanta riqueza de soluções". Vindos do norte da Itália, desenvolveram ao longo do final do século XIX até a metade do século XX uma arquitetura vernacular, erigida pelo esforço de camponeses no processo de adaptação à nova terra. Este autor classifica o acervo arquitetônico das antigas colônias em quatro períodos: construções provisórias (1875-1885); primitivo (1885-1895), apogeu (1890-1930) e tardio (1930-1960). Esta classificação, segundo Posenato (1983), serve apenas como indicação de uma média e acompanha a evolução econômica e social destas primeiras colônias de imigração. Para Filippon (2007), estes períodos refletem a ascendência e descendência do movimento cultural que deu origem a este acervo.

Analisando o acervo prospectado e o histórico da evolução do município, foi adotado um recorte temporal de 70 anos para este inventário. Este recorte abrange a seleção de edificações

de 1880 à 1950. Este período considera a produção arquitetônica desde o período primitivo até a metade do período tardio, de acordo com a classificação de Posenato (1983). Tal recorte justifica-se pelo aumento das influências modernistas sobre as edificações prospectadas, com maior industrialização dos componentes e emprego do concreto armado nas construções. Cabe salientar que edificações do período provisório já não se fazem presentes neste território.

Assim, conhecido o grande número de elementos potenciais durante as expedições de prospecção nos 9 setores e, havendo um escopo de 80 elementos delimitado pelo projeto, foram realizadas reuniões sistemáticas entre as equipes para definição dos critérios de seleção. Conforme IPHAE (2020, pág. 8), "inventariar implica em fazer escolhas e ao fazê-las, adotam-se critérios de inclusão e exclusão". Neste inventário, estes critérios são de ordem (i) quantitativa, (ii) geográfica, (iii) cultural e (iv) temporal, conforme define-se:

(i) Quantitativa: determinada na concepção do projeto de inventário, num total de 80 elementos;

(ii) Geográfica: compreendendo elementos em todo território do município, incluindo zona urbana e zona rural nos 9 setores;

(iii) Cultural: determinada pelo movimento cultural de formação do município iniciado com a imigração italiana;

(iv) Temporal: recorte temporal de 70 anos.

A Figura 4 sintetiza os critérios de seleção do elenco de elementos deste inventário e contextualiza o período escopo da seleção com a linha do tempo do município. A partir disso, uma lista de 118 elementos foram indicados para aprofundamento da investigação histórica e realização de novas atividades de campo que definiram os 80 elementos fichados.

Estes critérios e os elementos decorrentes foram apresentados durante a 3ª Conferência Municipal de Cultura realizada no dia 02 de setembro de 2023, onde foram discutidas e recebidas novas contribuições da comunidade. Posteriormente, em reunião ocorrida no dia 19 de outubro, os elementos foram validados para prosseguimento dos trabalhos junto ao Conselho Municipal de Cultura. Durante todo o período de realização do inventário, foram mantidos os canais de comunicação com a comunidade. Através das redes sociais do projeto foram colhidas sugestões, informações sobre os bens e divulgadas as etapas dos trabalhos pela equipe de *marketing* digital.

As **atividades de campo** para cadastramento das edificações ocorreram entre os meses de outubro de 2023 e abril de 2024. Neste período, foram feitos contatos prévios com proprietários e informantes das comunidades para agendamento das visitas e organizar os roteiros. Durante cada visita, a equipe de arquitetos realizou medições, fotografias, croquis das edificações e seus

pormenores, assim como a identificação de suas coordenadas geográficas. Propriedades com mais de uma edificação ou conjuntos foram cadastrados como partes de um único elemento para fichamento. Uma vez que o projeto previa a divulgação de informações dos bens em uma plataforma digital (aplicativo), foram coletados termos de consentimento e autorizações para o uso de dados. Cabe salientar que este procedimento foi motivo de desconfiança por parte de alguns proprietários, mas, em sua maioria, a situação foi contornada com a explicação cuidadosa das equipes de campo. Os elementos com dados não autorizados pelos proprietários foram identificados nas fichas e suas informações rigorosamente protegidas na sistematização dos dados.

Figura 4 - Esquema gráfico dos critérios seleção e período de escopo do inventário



Fonte: do autor

A **organização das informações** ocorreu paralelamente aos trabalhos das atividades de campo, e foi intensificada nos meses finais do inventário (março, abril e maio de 2024). Esta etapa compreendeu a digitalização dos dados coletados nas atividades de campo (planta de situação e planta baixa do elemento) e dos dados históricos e iconográficos coletados pelos historiadores, bem como a compilação das fotografias atuais e elaboração da análise arquitetônica, conforme define o modelo de ficha M01. Para tanto, estes procedimentos seguiram as orientações do manual de preenchimento do Sistema de Rastreamento Cultural, fornecido pelo IPHAE.

Parte importante desta sistematização de dados foi a proposição do grau de proteção dos imóveis inventariados e a definição dos valores estabelecidos ao bem, conforme prevê a metodologia IPHAE. A indicação da forma de proteção é classificada em três graus: GP1 para conservação rigorosa, GP2 para conservação intermediária e GP3 para conservação volumétrica. Os valores de seleção são especificados e justificados de acordo com seis instâncias: cultural,

morfológica, funcional, instância técnica, paisagística e legal. Estes procedimentos buscam orientar ações de preservação com base nos dados físicos e históricos levantados sobre o elemento.

Antes do código final, cada elemento recebeu um número preliminar de 3 dígitos que o classificava quanto ao nº do setor, nº da tipologia, e nº do elemento no setor. Uma vez que os critérios de seleção não estabeleceram nenhum recorte tipológico, os elementos encontrados foram tipificados por seu uso original e enumerados da seguinte forma: (1) residencial, (2) comercial, (3) institucional, (4) industrial, (5) religioso e (6) infraestrutura. Assim, pode-se verificar a riqueza e a diversidade dos elementos selecionados pelo inventário, a partir dos critérios iniciais.

Os 80 elementos inventariados foram cartografados em mapas de base digital e imagem de satélite, de acordo com suas coordenadas. São gerados mapas analíticos sobre os gabaritos de altura, usos e tipologias e uma seleção dos principais elementos por setor. Juntamente com o histórico e a cartografia de base do município, estes mapas compõem a ficha modelo M00 e sintetizam o inventário realizado.

Para além da metodologia empregada, dos procedimentos adotados e instrumentos utilizados por este inventário, há de se destacar a sensibilidade, a empatia e a dedicação necessárias aos técnicos envolvidos nas atividades de campo. O volume e a qualidade dos dados coletados e sistematizados estão diretamente ligados à relação de respeito na abordagem de proprietários, moradores e agentes da comunidade. Respeito a seus bens, ao seu jeito de ser, à sua linguagem, à sua cultura e à suas histórias de vida. Habilidades valorosas da equipe de arquitetura formada para este trabalho.

4. RESULTADOS

Após os estudos iniciais e os levantamentos realizados, apresenta-se como resultado desta seleção os 80 elementos distribuídos nos nove setores do município. Conforme a metodologia de trabalho, alguns destes elementos são compostos por mais de uma edificação, formando conjuntos. A Tabela 1, sintetiza a quantidade de elementos cadastros em cada setor e o número de edificações compreendidas.

Esta seleção abrangeu elementos de várias tipologias. Esta diversidade é representada por elementos residenciais, comerciais, industriais, institucionais e religiosos. A maioria dos elementos cadastrados refere-se à tipologia residencial. Na sequência, aparecem em maior número os elementos religiosos, culturalmente justificados, seguidos dos industriais que representam o período cooperativista e a pujança da produção vitivinícola do município. Em menor

quantidade no acervo cadastrado estão os elementos institucionais e comerciais, conforme quantificado na Tabela 2.

Tabela 1 - Quantidade dos elementos e edificações por setor.

Nº SETOR	NOME DO SETOR	QUANTIDADE DE ELEMENTOS	Nº DE EDIFICAÇÕES
1	Zona urbana e São Gotardo	19	22
2	Mato Perso	8	9
3	Otavio Rocha	14	24
4	Linha 80 e São Francisco	12	15
5	Nova Roma	4	9
6	São João e São Caetano	6	6
7	Alfredo Chaves	4	4
8	Camargo	4	4
9	Lagoa Bella e Rondelli	9	10
	TOTAL	**80**	**103**

Fonte: do autor

Tabela 2 – Quantidade de elementos cadastrados por tipologia.

TIPOLOGIA	Nº ELEMENTOS
Residencial	**50**
Comercial	**2**
Industrial	**8**
Institucional	**5**
Religioso	**15**
TOTAL	**80**

Fonte: do autor

A partir da sistematização dos dados pode-se constatar que o acervo apresentado não se define sobre uma classificação rígida de datas, mas por uma média dos períodos primitivo, apogeu e tardio, definidos por Posenato (1983). Muitas das edificações definem-se como elementos de transição, assumindo características de dois períodos. No entanto, ainda é possível afirmar que a maior parte do acervo cadastrado foi edificada durante o período do apogeu. As primeiras edificações construídas e cadastradas pelo inventário datam da década de 1880. Até a década de 1900 foram cadastrados 25 elementos, o que representa 31% dos edifícios cadastrados. Pode-se considerar que estas edificações remanesceram sob influência de fatores como a distância do centro e núcleos urbanizados, definindo um isolamento geoeconômico do bem, a utilidade da edificação remanescente para outros fins e o vínculo afetivo de seus proprietários e descendentes. O último elemento construído, por sua vez, pertence ao ano de 1951. Na sequência, o Quadro 1 apresenta os 80 elementos inventariados em ordem de fichamento. São relacionados a quantidade de edificações compreendidas em cada elemento, a época de construção e a tipologia associada ao uso de origem.

Quadro 1 - Elementos Inventariados

Nº FICHA	NOME ELEMENTO	QUANTIDADE EDIFICAÇÕES	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO	TIPOLOGIA/ USO ORIGINAL
1	CASA DR ANTONIO TASSIS GONZALES	1	1945	RESIDENCIAL
2	CASA PEDRON/FINGER	1	1931	RESIDENCIAL
3	CASA GRANJA UNIÃO - ARGENTA	2	1931	INDUSTRIAL
4	ANTIGA CASA DOS ZORGI	1	1920	RESIDENCIAL
5	CASA PROFESSOR TARGA	1	1920	RESIDENCIAL
6	CASA DIOGENES CONZ	1	1883	RESIDENCIAL
7	CASAS FAMÍLIA BROCH	2	1900	RESIDENCIAL
8	CASA COLCHETTE	1	1880 - 1910	RESIDENCIAL
9	CASA SIMIONI – CASA FOLLE	2	1890 - 1920	RESIDENCIAL
10	ANTIGA FARMACIA SÃO PEDRO	1	1930	COMERCIAL
11	PRÉDIO ANTIGA ESCOLA SÃO JOSÉ	1	1940	INSTITUCIONAL
12	ANTIGA ASSOCIAÇÃO RURAL	1	1925	INSTITUCIONAL
13	INSPETORIA VETERINÁRIA	1	1948	INSTITUCIONAL
14	COOPERATIVA STO ANTONIO	1	1932	INDUSTRIAL
15	MOINHO GUARESE	1	1947	INDUSTRIAL
16	COOPERATIVA SÃO PEDRO	1	1932	INDUSTRIAL
17	IGREJA MATRIZ N DE LOURDES	1	1904 - 1929	RELIGIOSO
18	CONVENTO SAGR. COR. DE JESUS	1	1897-1899	RELIGIOSO
19	CASA LUIZ LOVISON	1	1920	RESIDENCIAL
20	CASA ANGELO JOÃO GASPARETTO	1	1930-1942	RESIDENCIAL
21	CASA FELIPE CONTE	1	1928	RESIDENCIAL
22	CASA RENATO LOVATEL	1	1940-1950	RESIDENCIAL
23	CASA FAMÍLIA MARCHET	2	1910	RESIDENCIAL
24	CASA ITACIR SANTA CATARINA	1	1930-1940	RESIDENCIAL
25	CASA LEOCIR LOVATEL	1	1948	RESIDENCIAL
26	CAPELA E CAMPANÁRIO SANTA JULIANA	1	1937-1940	RELIGIOSO
27	CASAS CHIARANI	2	1885	RESIDENCIAL
28	CASAS ROSALIA MOLON - ANTIGA GEVALDINO MOLON	2	1900-1950	RESIDENCIAL
29	CASAS ISOTON	2	1900-1940	RESIDENCIAL
30	CASA COLONIA BIANCHIN	2	1930-1939	RESIDENCIAL
31	CASAS FAMÍLIA CASA	3	1914-1935	RESIDENCIAL
32	CASA E LARIN FAMÍLIA SMIDERLE	2	1910-1958	RESIDENCIAL
33	CASA FAMÍLIA FERRARI	2	1940	RESIDENCIAL
34	CASA FAMÍLIA GALIOTTO	2	1929-1949	RESIDENCIAL
35	SUBPREFEITURA E MUSEU PE. ALBERTO	1	1935	INSTITUCIONAL
36	CONJUNTO CANTINA SLAVIERO	1	1932	INDUSTRIAL
37	CONJUNTO GRANJA SÃO MATEUS	2	1946-1952	INDUSTRIAL
38	CAMPANÁRIO IGREJA SÃO MARCOS	1	1921	RELIGIOSO
39	CAPITEL SÃO JOÃO BATISTA	1	1941	RELIGIOSO
40	CAPITEL SÃO SEBASTIÃO	1	1951	RELIGIOSO
41	CASA FAMÍLIA SANDI	2	1904-1920	RESIDENCIAL
42	CASA LAGHETTO	2	1900-1920	RESIDENCIAL
43	CASA FAMÍLIA PEDRON	1	1940	RESIDENCIAL
44	CASA FAMÍLIA SCHIO	1	1910	RESIDENCIAL

45	CASA GILMAR MOLON	2	1920-1938	RESIDENCIAL
46	CASA ARALDI	1	1920	RESIDENCIAL
47	CASA FERDINANDO RIZZOTO	1	1910	RESIDENCIAL
48	CASA BEDIN	1	1910	COMERCIAL
49	MOINHO MAZZAROTTO	1	1892	INDUSTRIAL
50	CAPELA SÃO FRANCISCO	1	1939	RELIGIOSO
51	CAPITEL SANTA SUZANA	1	1929	RELIGIOSO
52	CAPELA SÃO BARTOLOMEU	1	1914	RELIGIOSO
53	CONJUNTO DE CASAS FAMÍLIA RECH	3	1940	RESIDENCIAL
54	CASA FAMÍLIA BASSANESI	1	1920	RESIDENCIAL
55	CASA POLO – REVOLUÇÃO	2	1919	RESIDENCIAL
56	CONJUNTO CASARÃO SOLDATELLI	3	1900	RESIDENCIAL
57	CASA FAMÍLIA BETT	1	1943	RESIDENCIAL
58	CASA ANGELO ZIN	1	1930	RESIDENCIAL
59	CASA GAVAZZONI	1	1910	RESIDENCIAL
60	CAPELA SÃO CAETANO	1	1902-1914	RELIGIOSO
61	CAPELA SÃO JOÃO BATISTA - CAVOUR	1	1948	RELIGIOSO
62	CAPITEL DE NSA. SRA. DO PEDANCINO	1	1909	RELIGIOSO
63	CASA SUELI MIORANZA GAZZI	1	1915	RESIDENCIAL
64	CASA SANDRI	1	1917	RESIDENCIAL
65	CASA MIORANZA IMIGRANTES	1	1898	RESIDENCIAL
66	CAPELA S. JOÃO BATISTA – Alfredo Chaves	1	1924-1941	RELIGIOSO
67	CASA FAMILIA BOLZAN	1	1934	RESIDENCIAL
68	CASA MASCARELO	1	1930	RESIDENCIAL
69	CASA GARBIN	1	1944	RESIDENCIAL
70	CEMITÉRIO ANTIGO – SÃO LIBERAL	1	1890	RELIGIOSA
71	CASA FAMÍLIA PAGNO	1	1940	RESIDENCIAL
72	CASA MONTANARI - FOCOLARO	1	1880	RESIDENCIAL
73	CASA PIAZZA	2	1890-1930	RESIDENCIAL
74	CASA FAMÍLIA BIAZUS	1	1940	RESIDENCIAL
75	CASA PIVOTO	1	1945	RESIDENCIAL
76	ANTIGA FERRARIA FONTANA	1	1940	INDUSTRIAL
77	CAPELA SÃO VITOR e CORONA	1	1929	RELIGIOSO
78	CAPELA SÃO ROQUE	1	1947	RELIGIOSO
79	CAPELA NSA SRA. BOM CONSELHO	1	1939	RELIGIOSO
80	PONTE DE FERRO	1	1930	INSTITUCIONAL

Fonte: do autor

SETOR 01

ÁREA URBANA E SÃO GOTARDO

- CASA DR ANTONIO TASSIS GONZALES
- CASA PEDRON/FINGER
- CASA GRANJA UNIÃO - ARGENTA
- ANTIGA CASA DOS ZORGI
- CASA PROFESSOR TARGA
- CASA DIOGENES CONZ
- CASAS FAMÍLIA BROCH
- CASA COLCHETTE
- CASA SIMIONI – CASA FOLLE
- ANTIGA FARMACIA SÃO PEDRO
- PRÉDIO ANTIGA ESCOLA SÃO JOSÉ
- ANTIGA ASSOCIAÇÃO RURAL
- INSPETORIA VETERINÁRIA
- COOPERATIVA STO ANTONIO
- MOINHO GUARESE
- COOPERATIVA SÃO PEDRO
- IGREJA MATRIZ N DE LOURDES
- CONVENTO SAGR. COR. DE JESUS
- CASA ZELIA E ROBERTO BIAZUS



casa pedron /finger

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00001	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Casa Dr. Antônio Tassis Gonzales

Endereço/Localização: Rua Prof. Maria Dal Conte esquina com Rua Gen. João Manuel

Proprietário: Léo Leonor Francescatto
Uso original e atual: residência/ desocupado
Latitude: -29°01'51"S **Longitude**: -51°11'12"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: Residência do Dr. Antônio Tássis González, médico local. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: valorização da esquina, disposta em diagonal; volumetria e tipo da cobertura. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: respeita os limites da quadra. 3.2: Potencial de reciclagem: utilização para serviços públicos. **4) TÉCNICA** – 4.4 Bom estado de conservação: Sempre foi utilizada e conservada ao longo de sua existência. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA -** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.4 Elemento referencial: Amplo jardim de entorno delimitando seu espaço em vista de diversas edificações de maior porte em seu entorno.

Histórico:
A antiga casa de propriedade do doutor Antônio Tássis Gonzales situa-se nos lotes 2 e 4 da quadra n.º 5. Na época da construção, o endereço condizia à Rua Vitorio Emanoel, atual Professora Maria Dal Conte, 2878-2776. Nela viveu o Dr. Antônio Tássis González e sua primeira esposa, Alice de Oliveira González com os filhos do casal.
Dr. Antônio Tássis Gonzales se estabeleceu no município de Flores da Cunha em 1941. O propósito era ocupar o cargo até então exercido pelo Dr. Ary Lima, que atendia num velho casarão de madeira no centro da cidade. Boscatto (1994, p.309) afirma que o Dr. Gonzales também atendeu nesse local até o ano de 1945. Depois de adquirir os terrenos que pertenciam à família Scalcon, que trabalhava com carpintaria, em 30 de julho de 1945, teve aprovado junto à Prefeitura Municipal o projeto arquitetônico para construção da casa de sua propriedade. O teve como construtor Carlos Mambrini, e foi assinado por procuração por Galeano de Oliveira. A obra foi executada pelo pedreiro Anthonio Bortolo Cecconello.
Pequeno palacete para sua época, o andar térreo estava dividido em cozinha, copa e despensa, sala de jantar, sala de estar, banho e quatro dormitórios. Ao lado, no lote número 8, em 20 de agosto de 1948 a prefeitura municipal aprovou o projeto arquitetônico para construção de uma garagem. Esta edificação se compõe de dois andares. O térreo tinha o propósito exclusivo para servir como garagem e o superior estava dividido em dois quartos e um salão.
Nesta casa, o Dr. González possui uma biblioteca com inúmeras obras de medicina publicadas em várias partes do mundo, algumas em espanhol, idioma que dominava perfeitamente, também devido à sua origem.
Dr. González tinha o hábito de recepcionar amigos e autoridades em sua casa, principalmente a partir de 1947, quando assumiu o cargo de prefeito de Flores da Cunha, até o seu divórcio com Dona Alicinha, como era carinhosamente conhecida sua primeira esposa. Por isso, inúmeras pessoas, políticos, padres e militares frequentaram a casa.
Após o falecimento de Dona Alicinha a casa ficou por alguns anos sem ocupação. Em 16 de junho de 2014 foi alugada para a prefeitura de Flores da Cunha para abrigar o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) que presta serviço comunitário ambulatorial através do Sistema Único de Saúde (SUS). O CAPS funcionou no local até dezembro de 2023. Em 2024 o imóvel, que pertence a Francescatto, encontra-se desocupado.

Documentação iconográfica:



2002 - Casa Conzáles - Fonte: Mazzarotto e Chemello

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Frontal (sudeste)



Fachada Lateral (sudoeste)



Fachada Nordeste_ vista Rua General João Manuel



Fachada Fundos (noroeste)



Fachada Sudoeste_ vista do pátio



Acesso Principal_esquina

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):

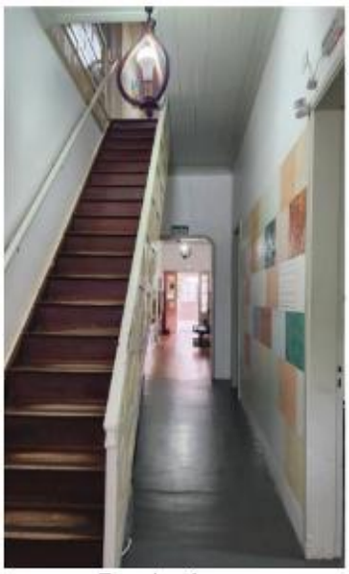


Vista esquina Prof. Maria Dal conte com Gen. João Manuel





Visual interna _lareira e parede térreo



Escada_térreo



Luminária térreo

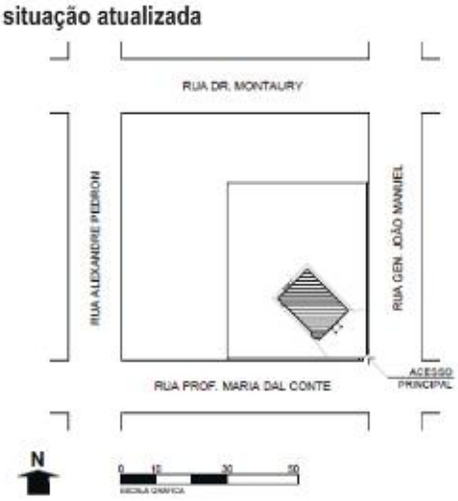


Pav. Superior

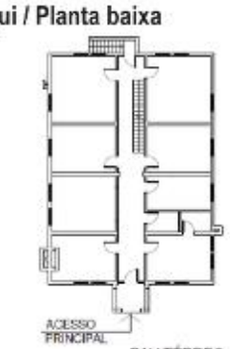
Análise Arquitetônica:

A edificação possui recuos frontais e laterais e sua implantação é a 45 graus da esquina com as vias públicas. Possui amplo pátio ajardinado e está abaixo do nível das Ruas Prof. Maria Dal Conte e General João Manuel, sendo acessada por meio de portão localizado na esquina das duas vias. Apresenta telhado tipo mansarda, permitindo ambientes na cobertura/ sótão. As telhas são de concreto. O porão possui embasamento de pedra, atualmente rebocada, que define o perímetro da casa. As paredes do pavimento térreo são feitas em alvenaria de tijolos rebocados e pintados e o sótão é em madeira. As esquadrias são de madeira, assim como o forro e o piso do térreo e sótão. Internamente, a edificação sofreu alterações como ampliação das esquadrias (portas) e novas divisórias. No pavimento térreo, as paredes da circulação possuem revestimento de madeira na parte inferior e o piso recebeu um revestimento vinílico sobre o original. No pavimento superior, acessado através de escada de madeira, há seis salas pequenas e uma ampla circulação.

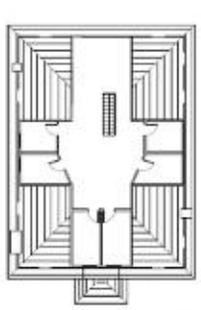
Planta situação atualizada



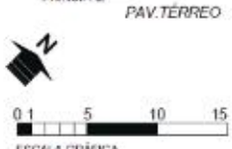
Croqui / Planta baixa



PAV.TÉRREO



PAV.SUPERIOR / SÓTÃO



Fontes:

Fontes primárias:

Projeto arquitetônico para a casa de Antônio Tassis Gonzáles situada na Rua Vitor Emanuel, quadra 5, lotes urbanos 2 e 4 (Planta baixa, fachada e cortes), 30 de julho de 1945. Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, Setor de Projetos Arquitetônicos.

Projeto arquitetônico para garagem da residência do Dr. Antônio Tassis Gonzáles, situada na Rua Vitor Emanuel, quadra 5, lote urbano n.º 8 (Planta baixa e fachada), 20 de agosto de 1948. Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, Setor de Projetos Arquitetônicos.

Referências bibliográficas:

BOSCATTO, Claudino Antonio. Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994.

Sites e publicações on-line:

OTOBELLI, Danúbia. Exposição retrata a obra de Bortolo Cecconello. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 3 de fevereiro de 2012. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/exposicao-retrata-a-obra-de-bortolo-cecconello/2497. Acesso 12 Dez 2023.

Pesquisas não publicadas:

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Álide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	21/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00002	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Casarão dos Pedron

Endereço/Localização: Rua Júlio de Castilhos, 2207, esquina com Rua Frei Eugênio

Proprietário: Família de Maria Lucia Pedron Finger
Uso original e atual: residência/ comercial
Latitude: -29°01'38"S **Longitude**: -51°10'50"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: Esta casa foi construída para habitação da família do industrialista italiano Alessandro Micheletto, renomada personalidade local e avô do político e orador Alexandre Aurélio Pedron, que nasceu e viveu no imóvel. Tem relevante significado com preferencial para a comunidade e é marco histórico no processo de transformação da cidade.**2) MORFOLÓGICA –**2.1. Valor arquitetônico: por suas características peculiares, testemunha o modo de vida da família, suas relações sociais, crenças e valores **3) FUNCIONAL-** 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: a delimitação da construção, ainda que paralela à calçada de esquina, não acarreta conflitos com a dinâmica do sistema urbano. Sua estrutura é passível de readequação funcional, tanto que no momento é utilizada em parte pela Casa de Beleza Valeska Pedron Finger.**4) TÉCNICA -** 4.4. Bom estado de conservação: a edificação foi sendo utilizada e adaptada ao longo do tempo e isso garantiu a conservação em vista das manutenções realizadas. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.4 Elemento referencial: edificação em harmonia com a diversidade da paisagem e do contexto urbano, seja em escala ou tipologia. Tornou-se referência de localização para as construções no seu entorno: Casarão dos Pedron

Histórico:
A casa Pedron, popularmente conhecida como "casarão dos Pedron", situa-se no lote urbano n.º 8 da quadra 49. No traçado original da antiga Colônia Caxias, este lote urbano localizava-se na sede urbana do Travessão Diogo Felício dos Santos, 15ª Légua. Em 1924, por ocasião da emancipação do município, este terreno pertencia a Carlos Nisscla. O casarão foi edificado em 1931 para servir de moradia para os imigrantes italianos, Alessandro (Alexandre) Micheletto (1877-1947), sua esposa Catherina Lunardi (1877-1954) e a única filha do casal, Lúcia Micheletto, que veio da Itália com 5 anos. Eram originários de Maróstica, Província de Vicenza. Estabeleceram-se em Nova Trento por volta de 1906, inicialmente no lote urbano n.º 7 da quadra 49. Dentre as primeiras ocupações profissionais de Micheletto, consta a de fotógrafo e ferreiro. Alexandre, como ficou conhecido, era um homem muito influente e envolvido na sociedade local. Dentre outras importantes participações, pode-se citar: em 1910 participou da fundação da "Società Cattolica di Mutuo Soccorso e di Beneficenza Cristoforo Colombo", ocupando o cargo de conselheiro da primeira diretoria, eleita naquele ano. Foi caixa da Igreja Matriz e integrou o Apostolado da Oração e a Ordem Terceira Franciscana. Em 1915, pouco depois de fundada a Officina Micheletto, o exímio artesão em ferro e madeira, executou a obra de colocação da nova balaustrada da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes. Produziu também o púlpito e altares laterais. Em 1925 integrou a comissão dos festejos comemorativos ao Cinquentenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Em 1931 fez parte da comissão de captação de fundos para extensão de um ramal férreo entre Caxias e Nova Trento. Nessa época a eletricidade no município era muito precária, por isso a Firma Micheletto contava com um motor movido à gasolina que, nos finais de semana, fornecia luz e força para o funcionamento do Cine Central. Em 1934, foi benemérito em favor da pró-construção do Convento dos Freis Capuchinhos em Marau (RS), dentre inúmeras outras iniciativas às quais se envolveu por toda a vida. Por volta de 1931, a firma de Alessandro Micheletto executava serviços diversos. Além da ferraria, carpintaria, marcenaria e fábrica de carretas, também fabricava caixões fúnebres. Para auxiliá-lo em seus empreendimentos, Alessandro contratou o jovem Angelo Santo Pedron (1899-1950). Angelo residia em Antônio Prado (RS) e depois de ficar órfão de pai e mãe, migrou para Flores da Cunha e passou a trabalhar para ele. Mais tarde Angelo casou-se Lúcia, filha de Alessandro e Catherina. Angelo e Lúcia tiveram os filhos Alexandre (político e orador, concorreu ao cargo de deputado estadual), Normélio Ivo, Manoel Mário, Luiz José, Gema, Maria de Lourdes, Elludy e Francisco Pedron. Por ter se casado com a única filha dos Micheletto, Angelo Santo Pedron herdou a casa da família e os empreendimentos. Todavia, não dominava as letras. Era sua esposa Lúcia quem administrava, controlava entradas e saídas de caixa, marcava e depois cobrava as compras dos clientes, pois no passado era costume do comércio possuir um caderno de anotações por cliente, que de tempos em tempos, passavam para "acertar as contas". Posteriormente os empreendimentos foram passados aos filhos Glória Pedron e Luiz José Pedron. (Continua nos anexos)

Documentação iconográfica:



Angelo Pedron – Fonte: O Pioneiro 2.9.1950 capa



Casarão Pedron – Fonte: Jornal OF 17.8.1998 esp. 500 atos fé p.12



2002 - Casarão Pedron – Fonte: Mazzarotto Chemello

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Sul_ Rua Julio de Castilhos



Fachada Oeste



Fachada Leste_ Rua Frei Eugênio



Fachada Norte

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista esquina Julio de Castilhos com Frei Eugênio



Detalhe do beiral _lambrequins de madeira

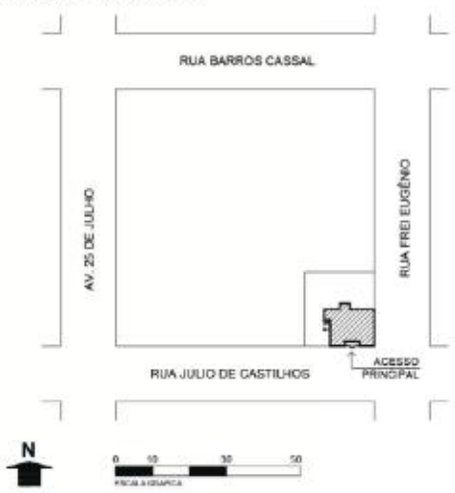


Entorno imediato_ cruzamento rua Júlio de Castilhos com a Frei Eugênio

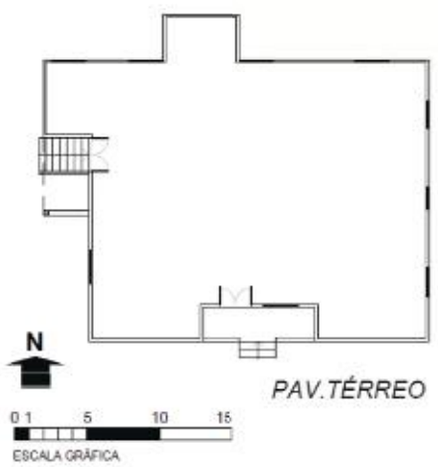
Análise Arquitetônica:

O casarão da família Pedron Finger está implantado no alinhamento do terreno com o passeio público. O volume com base retangular e telhado de duas águas de esquina apresenta porão parcialmente escavado em pedras basalto, rebocado externamente. O pavimento superior possui paredes externas e internas em madeira e telhado tipo mansarda, permitindo ambientes na cobertura/ sótão. As telhas são metálicas e os beirais em madeira são adornados com lambrequins. As esquadrias são em madeira; as janelas com sistema de abrir intercalando vidros coloridos e incolores em formas geométricas. Na fachada principal, três degraus localizados no passeio público dão acesso a varanda atualmente com fechamento de vidro e porta com duas folhas almofadadas que acompanham o desenho do restante das esquadrias e guarda corpo em balaustradas de concreto. As esquadrias do térreo possuem gradil metálico adornado. Na fachada lateral oeste o acesso é pelo alpendre localizado no pátio interno. Aos fundos do terreno, configurando a fachada norte aparece um anexo construído posteriormente. De um modo geral, possui bom estado de conservação visto que no decorrer dos anos sempre sofreu manutenções.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos:

PAVIANI, Raymundo. Flores da Cunha, 30 de outubro de 2006.

PEDRON, Maria Zin. Flores da Cunha, 13 de março de 2020.

Referências bibliográficas:

BOSCATTO, Claudino Antonio. Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994.

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições, 2002. 2ª Ed.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Séculum, 2007.

Pesquisas não publicadas:

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, 2002.

PROJETO CASAS E RUAS. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/ SMECD, 2003.

Jornais:

Corrispondenza Di Nova Trento (Nova Trento,5 de agosto de 1913. F.C.)Caxias do Sul: Città di Caxias,11 de agosto de 1913, p. 5.

Falecimento de ngelo Pedron. Caxias do Sul: O Pioneiro, 2 de setembro de 1950, capa.

Nova Trento. Caxias do Sul: Jornal Il Colono Italiano, 4 de março de 1915, p. 3.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Faça-se a luz! A energia elétrica chegou. Flores da Cunha, Jornal O Florense, Agosto/2023.

VAILATTI, Gissely Lovatto. O estudo para vinda de um ramal férreo: Zeo quele carte che le zera sconte? Flores da Cunha, Jornal O Florense, Fevereiro/2014.

VAILATTI, Gissely Lovatto. Para defender, propagar e ajudar: Società Cattolica di Mutuo Soccorso e di Beneficenza Cristoforo Colombo. Flores da Cunha, Jornal O Florense, Abril/2016.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação):

Luiz José assumiu os negócios do pai - Angelo Pedron & Cia -, aos 16 anos, quando este faleceu. A casa, atualmente, pertence à família da design de interiores Maria Lúcia Pedron Finger. Herdou o imóvel de seus pais e o mantém com imenso zelo e afeto.

Ao longo de sua história, além de moradia, foi também alugada a parte da frente para o estabelecimento de lojas. Para sua preservação e utilização, houve alteração de algumas das 16 janelas, sendo que uma foi transformada em porta, além da retirada de divisórias internas. Em 2024, parte do casarão abriga o empreendimento da visagista Valeska Pedron Finger (bisneta de Alessandro e Catherina, neta de Angelo Santo Pedron e Lúcia Micheletto Pedron e filha de Antônio Finger e Maria Lúcia Pedron Finger), sob a denominação Casa da beleza Valeska Pedron Finger Ltda.

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	26/05/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00003	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Vinícola Luiz Argenta – Granja União

Endereço/Localização: Avenida 25 de Julho, 700.

Proprietário: Deunir Argenta
Uso original e atual: Espaço para enxertos de uvas e eventos / espaço de eventos
Latitude: -29°02'24.8"S **Longitude**: -51°18'17.5"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Nada consta.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.4. Referência coletiva: marco representativo do desenvolvimento econômico em Flores da Cunha, representa também a coletividade através do envolvimento de inúmeros trabalhadores ao longo dos anos, despertando o sentimento de pertencimento e afetividade, ao mesmo tempo que é marco representativo no processo de transformação da cidade e ponto de referência à área urbana através do acesso norte. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: embora tenha servido, recentemente, aos usos administrativos e comerciais, segue o protótipo das casas de comer e de dormir separadas, muito comuns nas comunidades mais afastadas do núcleo urbano; 2.4. Elemento referencial: devido às suas características arquitetônicas e técnicas construtivas utilizadas – pedra, madeira e alvenaria de tijolos - bem como pela sua localização, entre o núcleo urbano e a zona de produção agrícola, torna-se referência. **3) FUNCIONAL -** 3.2. Potencial de reciclagem: é passível de readequação funcional mediante as intervenções que se fizerem necessárias; 3.4 Uso peculiar: a estrutura é compatível com a dinâmica local, considerando que integra uma área de produção industrial, agrícola e turística, que ladeia a área urbana central do município. **4) TÉCNICA -** 4.4. Bom estado de conservação: a edificação foi utilizada ao longo do tempo e isso garantiu a conservação em vista das manutenções realizadas de acordo com as necessidades que surgiam, bem como, a qualidade de sua estrutura física é digna de reconhecimento. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.4. Elemento referencial: está em harmonia com a diversidade da paisagem seja em escala ou tipologia. A edificação compunha um conjunto de edificações na entrada da Granja. Devido às suas particularidades, desperta a atenção de quem transita pelo local.

Histórico:
O final da década de 1920 não estava fácil para o setor vitivinícola. Havia uma falta de união do setor e um desentendimento constante. Preocupados com a situação, alguns empreendedores setoriais e líderes políticos incumbiram o contador José de Moraes Vellinho a constituir uma sociedade comercial vitivinícola. Assim, em 5 de junho de 1929 foi fundada, em Porto Alegre, a Sociedade Vinícola Rio-Grandense Ltda. Em seu estatuto, a Sociedade visava defender os interesses dos vinicultores, comprar, fabricar e vender o vinho. Para alcançar esses objetivos, a Sociedade promoveu o aperfeiçoamento, a modernização e a sanitarização da tecnologia. No início de 1930, importou cerca de 130 variedades de castas europeias e iniciou a formação de uma estação experimental com vistas à produção de vinhos finos. Era o início dos vinhedos da Granja União em Nova Trento (atual Flores da Cunha). O projeto era modelo no país e a área foi escolhida após exames acurados da composição físico-química das terras. A área de mais de 200 hectares foi preparada para o plantio das mudas importadas. A partir disso, a Granja União tornou-se uma escola prática de vitivinicultura, sendo referência dos colonos que lá iam para adquirir mais conhecimentos para suas plantações. Em seu parreiral foram estudadas, em caráter pioneiro, formas de conduzir as parreiras em espaldeira, em sistemas trentino e de raios. Foram ainda ensaiados tratamento com defensivos agrícolas, até então inexistentes na região, contra moléstias que atacavam a uva. No ano de 1931, com o intuito de contribuir para o melhoramento foi colocada uma seção exclusiva destinada à produção de enxertos de castas finas, entre as quais Merlot, Malvasia, Riesling, Moscato, Cabernet Sauvignon. Para as operações de enxertia foi construída uma grande casa com três pavimentos. Nesse casarão em madeira e porão de pedra, era realizado todo o serviço de enxertia e seu subsolo servia para o depósito dos enxertos até a utilização ou venda. A casa colonial também servia para recepcionar os visitantes e nas suas dependências eram realizados churrascos e confraternizações. A produção de enxertos em larga escala era vendida para todo o Brasil. Sob a administração do italiano, o engenheiro agrônomo Guido D'Andréa, a Granja União chegou a possuir mais de 100 funcionários. Em 1935, a Sociedade Vinícola Rio-Grandense comercializou a sua primeira produção de vinhos finos com a marca Granja União. Naquele ano, eram 150 mil pés de videiras plantados e mais de 60 variedades de uvas. Em 1936, jornalistas de todo o Estado foram convidados a conhecer a Granja União e seus parreirais. Dois anos depois, em novembro de 1938, o ministro da Agricultura, Fernando Costa, juntamente com o secretário da Agricultura, Ataliba Paz, visitou o estabelecimento e as plantações. Em 1958, durante a Festa da Uva, a Miss Brasil, Teresinha Morango, também visitou os vinhedos da Granja União. (Continua nos anexos).

Documentação iconográfica



Granja União, ano 1930.



Produção de enxertos no ano de 1930. Fonte: Pioneiro, 1998.



Vinhedo Granja União, 1935. Acervo Cia Vinícola Rio Grandense



Granja União, ano 1976. Ruy Bof (Facebook Fotos Antigas FC).



Granja União, ano 1980. Raymundo Paviani (Facebook Fotos Antigas FC).



Casa Granja União, ano 2002. Fonte: VENERE.



Casa Granja União - Galpão, ano 2002. Fonte: VENERE.



Granja União: vista frontal do Casarão, ano 2002. VENERE.

Levantamento fotográfico atual



Casarão da antiga Granja União, no complexo da Vinícola Luiz Argenta. Fotografia de setembro de 2023.



Fachada oeste do Casarão.



Fachada norte do Casarão de madeira e da edificação de alvenaria.



Fachada sul do Casarão, com destaque para o embasamento em pedras basálticas e o restante da edificação em madeira.



Elevação frontal (leste) do Casarão, onde resta evidente o ritmo e a simetria dos elementos que compõem a fachada.



Edificação de alvenaria separada do corpo do Casarão principal de madeira.



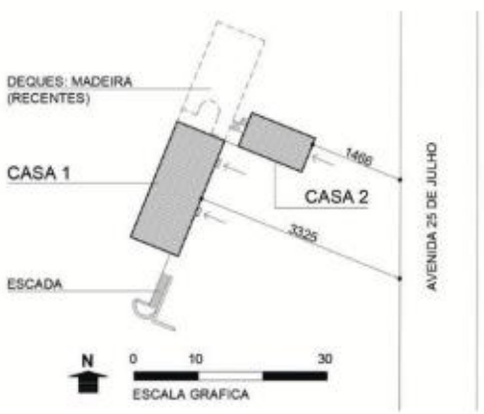
Aspecto da fachada sul do Casarão de madeira.



Detalhe do porão em pedras e a paisagem dos vinhedos que circunda o complexo da Vinícola Luiz Argenta.

Análise Arquitetônica:
As edificações remanescentes no local foram erguidas no ano de 1931, para abrigarem as operações de enxertia, comercialização e também para servirem de locais de recepção para confraternizações. O casarão principal (casa 1) possui três pavimentos e a sua estrutura é composta por base de pedras basálticas de formato regular, paredes externas e internas em madeira e a cobertura em duas águas com telhas cerâmicas, do tipo francesas. A casa menor (casa 2) possui um pavimento e foi construída em alvenaria de tijolos maciços rebocados, separada do casarão principal. Possui cobertura em duas águas, com telhas do tipo francesas e foi construída em nível mais elevado do terreno sobre base em pedras de basalto regular. As portas e as janelas, compostas por folhas de abrir em madeira, se abrem para o interior da edificação. O pavimento subsolo da casa 1 foi implantado respeitando a declividade do terreno. Suas paredes foram executadas em pedras de basalto regular, permitindo um melhor controle térmico e acústico no interior da edificação, importante para as atividades relacionadas à vitivinicultura que ali eram desenvolvidas. O pavimento térreo da casa 1 foi construído em madeira, sobre o embasamento de pedras e está implantado no mesmo nível da casa 2. O sótão é considerado o terceiro pavimento, pois permite um melhor aproveitamento do espaço abaixo do telhado, iluminando e ventilando os ambientes através das mansardas. De um modo geral, possuem bom estado de conservação, mas suas madeiras necessitam de restauro, manutenção e conservação preventivas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes:

Referências Bibliográficas

JALFIM, Anete. *Elementos para o estudo da agroindústria vinícola: uma abordagem da Indústria Vinícola Rio-grandense.* Ensaios FEE: Porto Alegre, 1991.
PAVIANI, Raymundo. *Recordações com afeto.* Caxias do Sul: Educs, 2017.

Jornais

OTOBELLI, Danúbia. José de Moraes Vellinho – A alma da Sociedade Vinícola Rio-Grandense. Jornal A Vindima, setembro 2014.
_____, Danúbia. Para incrementar a produção nacional. Revista Bon Vivant, 2011.
_____, Danúbia. Onofre Pimentel - O desbravador' da vitivinicultura na Serra do Sudeste. Jornal A Vindima, outubro de 2012.
SOUZA, Sérgio Inglez de. O Mito chamado Sociedade Vinícola Rio-Grandense. EnoEventos, 25 de abril de 2013.
A visita do ministro da Agricultura. Jornal A Época, 20 de novembro de 1938, p. 12.
A grandeza econômica do Rio Grande. Jornal Diário de Notícias, 29 de março de 1936, p. 23.
Como a Sociedade Vinícola Rio-Grandense considera o problema da vitivinicultura e como coopera para sua resolução. Giornale Dell'Agricoltore, 1937, p. 2.
Estabelecimento que representa a prosperidade do Rio Grande e o orgulho da nossa indústria. Jornal A Federação, 1 de janeiro de 1937, p. 19.

Sites e Publicações *Online*

Fotos Antigas Flores da Cunha-RS. Disponível em: https://www.facebook.com/fotosantigasFC/photos/pb.100069944645108.-2207520000/1721689798116687/?type=3 . Acesso 25 Jan 2024.
Vinícola Luiz Argenta. Disponível em https://www.luizargenta.com.br/site/. Acesso em 16 de dezembro de 2023.

Pesquisas não publicadas

VENERE. Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Relatos

PAVIANI, Carlos Raimundo. Mensagens de WhatsApp, 30 de janeiro de 2024.

Locais pesquisados:
Acervo pessoal Danúbia Otobelli
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi
Site Vinícola Luiz Argenta

Anexos e Informações complementares:

Em 1960, a Sociedade tinha mais de 60 cantinas sob sua direção. Em 1964 alterou seu nome para Companhia Vinícola Rio-Grandense S/A. No final da década de 1960, foi contratado o agrônomo Onofre Pimentel que prospectou novos terrenos para plantio de vinhedos. A partir de 1967 com a realização da 1ª Festa Nacional da Vindima, os parreirais da Granja União serviram para diversas aberturas do evento e recepção de convidados. A atriz Maria Della Costa participou de diversas aberturas da colheita na Granja União. Na IV Fenavindima, em 1979, em virtude dos 50 anos de fundação da Companhia Vinícola Rio-Grandense, foi inaugurada uma placa no casarão da Granja União. A inauguração contou com a presença do governador Sinval Guazzelli e de Maria Della Costa. Nessa época, o casarão era utilizado como escritório e depósito de material agrícola. Era também utilizado para realização de almoços e recepção aos convidados. A Granja União também abrigava no seu entorno entre quatro a cinco casas que serviam de residência para as famílias dos funcionários. Todas essas casas, construídas em madeira, foram desmanchadas e estavam próximas à divisa com a propriedade da família Falavigna. Entre as famílias que residiram nessas casas estão: Girondi, Debortoli, De Carli, Tomazi, entre outras. Bem ao lado do casarão, ficava uma residência - parte dela ainda existente - em que morava a família Moresco e que, nos anos 2010, servia de escritório da Vinícola Luiz Argenta. A partir de 1980, a Companhia passou a ter dificuldades econômicas e em 1991, 140 hectares da Granja União foram transformados num loteamento. Em 1998, a empresa se desfez totalmente. No ano de 1999, a Di Trento, pertencente aos irmãos Deunir e Neco Argenta, adquiriu 100 hectares dos vinhedos da Granja União, incluindo o antigo casarão, dando continuidade às atividades vinícolas. Em 2009, a estrutura da vinícola Luiz Argenta ficou pronta e o casarão seguiu em preservação. Em 5 de janeiro de 2010, a Associação dos Engenheiros Agrônomos da Encosta Superior do Nordeste inaugurou uma placa, junto a casa, em homenagem ao engenheiro agrônomo Onofre Pimentel. A partir do ano de 2011, o casarão passou a alicerçar uma nova história servindo para elaboração da técnica de passamento das uvas. No sótão, sobre uma tela de sombrite, foram colocadas uvas para secagem e desidratação. A técnica permitiu a elaboração de vinhos brasileiros tipo Amarone. Em 2018, o casarão foi reformado e passou a abrigar um espaço para degustação de vinhos e realização de eventos diversos. Em 2023, devido a comprometimentos na estrutura foi fechado temporariamente.

Imagens complementares



Fenavindima, 1979: inauguração da Placa Comemorativa aos 50 anos da Cia. Riograndense. Acervo MAHPR.



Maria Della Costa e Guazelli na Fenavindima de 1979. Acervo MAHPR.



Granja União na Fenavindima de 1999. Prefeito Heleno Oliboni, Paulo Roberto Finger, com a rainha Giovana Ulian e as princesas Cristiane Piccoli e Claudia Muraro.



Inauguração da placa em homenagem a Onofre Pimentel, no ano de 2010. Acervo Danubia Otobelli.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00004	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Casa Família Zorgi

Endereço/Localização: Avenida 25 de Julho, 1429.

Proprietário: Telmo Guilherme Zorgi e irmãos
Uso original e atual: Casa de negócios/ residência e comércio
Latitude: -29°02'88.7"S **Longitude**: -51°18'14.9"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3
Bens Móveis:
Nada consta.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.2. Valor de antiguidade e 1.4. Referência coletiva: antigo ponto de referência comercial. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: edificação comercial e residencial que reflete o período arquitetônico do apogeu, onde havia abundância de recursos. **3) FUNCIONAL -** 3.3. Uso tradicional: espaço de comércio e residência desde a construção. **4) TÉCNICA -** 4.4. Razoável estado de conservação: a edificação foi sendo utilizada e adaptada ao longo do tempo e isso garantiu-lhe uma certa conservação, tenda em vista das manutenções realizadas de acordo com as necessidades que surgiram. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.4. Elemento referencial: está em harmonia com a diversidade da paisagem, seja em escala ou tipologia. Nos fundos da casa principal, no centro da quadra urbana, há um pequeno jardim com pátio. A visibilidade dos elementos de valor existentes no entorno deste espaço livre não fica prejudicada, devido à escala das construções, que deixa livres os eixos visuais necessários à contemplação dos elementos de valor ali existentes.

Histórico:
Localizada no lote urbano n.º 3, da quadra 51, pertencente a João Luiz Corso e esposa, foi transmitido a Reinaldo Barison e posteriormente adquirido por João Schiavenin. A Casa Zorgi foi construída, em madeira, por Virgílio Schiavenin, por volta de 1920. Alguns anos depois, recebeu uma fachada em alvenaria. Inicialmente serviu como casa de negócios. Em sua fachada havia um letreiro com os dizeres: "Fazendas, secos, molhados, ferragens, louças e miudezas". Em 1913 Virgílio Schiavenin já era proprietário de um negócio de Fazendas, secos e molhados na vila de Nova Trento. Nos fundos da residência havia uma ferraria onde trabalhava João Schiavenin e sua esposa Anita Salvador Schiavenin. Posteriormente o casal fundou uma loja, que ocupava todo o andar térreo. Em 1933, por iniciativa do professor Luzibério Martins Costa, foi fundado o Sport Club São Luiz. Fontes afirmam que, em 1935, esse clube tinha sua sede junto a esta residência, permanecendo no local, já com a alcunha de Esporte Clube Independente, até 1947. Em 29 de abril de 1946 Francisco Zorgi, que possuía uma casa de negócios com comércio de lenha e bar, na Rua Júlio de Castilhos, quadra 58, adquiriu o imóvel e no local abriu um restaurante conhecido por Tcheco Polaco (Francisco Zorgi, em italiano Francesco). Francisco era também comerciante de imóveis. No andar superior, Francisco vivia com a esposa Maria Boschi Zorgi e os filhos Marilene, Irma, Lóris, Homero e Telmo Guilherme Zorgi. O número de quartos excedia a necessidade, por isso costumavam também dar pouso para pessoas que precisassem. Foi uma das primeiras edificações a ter energia elétrica para iluminação (Usina Termoelétrica Jacob & Maestri). O banheiro (latrina) por muitos anos foi coletivo, usado por clientes e também por pessoas que estavam na rua, e contava com os serviços do cabungueiro. Por volta de 1950 foi construído um banheiro com vaso sanitário e chuveiro, para a família. Francisco Zorgi construiu um tanque/depósito de água sobre esse banheiro. Por isso, a grande maioria dos jovens, especialmente moças, quando vinham da colônia para a cidade, costumavam lavar os pés e sapatos nesse tanque com água corrente. A principal porta de acesso à casa, situada no lado esquerdo da fachada, foi retirada e substituída por uma de vidro. A original foi transformada num monumento de arte, em homenagem aos antepassados, uma espécie de portal entre a casa e o bosque, na chácara da família. No mesmo pavimento houve alteração de uma janela que foi transformada em porta. A pintura foi modificada algumas vezes, mas o amarelo foi preservado. Ao longo dos anos o imóvel, que pertence a Telmo Guilherme Zorgi e irmãos, abrigou além de comércio (secos e molhados) e restaurante, padaria, lojas, armazém, bar, salão de beleza, relojoaria, lojas, entre outros empreendimentos. Atualmente segue abrigando comércio (bar, loja e padaria/doceria) e a parte superior é alugada para residência. Existe grande especulação imobiliária sobre este imóvel, mas os laços afetivos fizeram com que permanecesse preservado.

Documentação iconográfica



Ano 1948: Avenida 25 de Julho e vista aérea do conjunto edificado, onde está a Casa Zorgi, no canto inferior à direita.



Ano 1960: Avenida 25 de Julho. Acervo Telmo Guilherme Zorgi, Maria do Carmo Curra Zorgi e MAHPR.



Ano 1970: Avenida 25 de Julho com as quadras e edificações no entorno da Casa Zorgi. Acervo LTPNSL.



Ano 1970: Casa Zorgi. Acervo da Família Zorgi



Ano 1980: Casa Zorgi. Acervo da Família Zorgi



Ano 1998: Casa Zorgi. Acervo da Família Zorgi



Ano 2023: Casa Zorgi, visual a partir da edificação existente nos fundos. Fotografia de Gissely Lovatto Vailatti.



Porta original da Casa Zorgi, que atualmente encontra-se em casa de campo. Acervo Maria do Carmo Curra Zorgi, ano 2022.

Levantamento fotográfico atual



Casa nº 01: fachada frontal (oeste) para a Av. 25 de Julho, em alvenaria.



Passagem junto à fachada norte



Aspecto do acesso ao pátio.



Pátio e Jardim nos fundos da Casa Zorgi (centro da quadra).



Pátio e fachada de fundos (leste).



Edificações existentes em torno do pátio e jardim.



Edificação em madeira existente junto ao pátio e jardim.



Acesso na fachada norte.



Vegetação existente no pátio.



Fachada lateral norte: madeira.

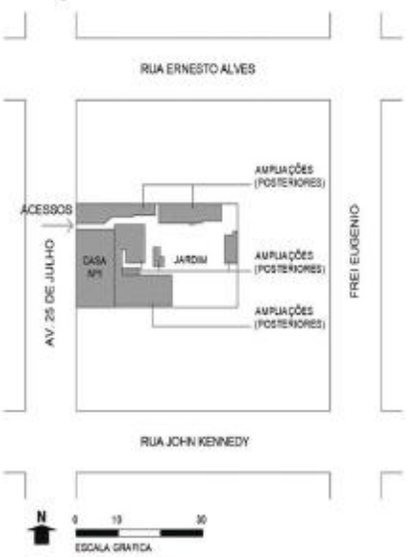


Campanário a partir do pátio.

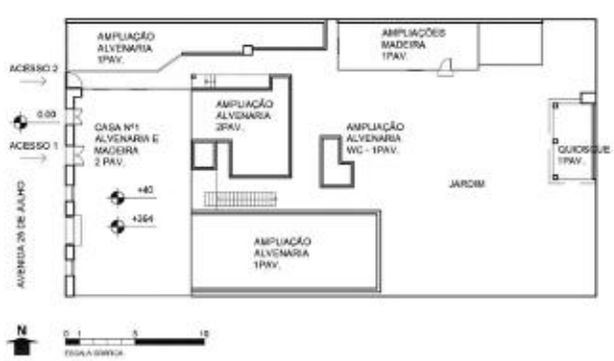
Análise Arquitetônica:

A casa nº 01 é um sobrado da primeira metade do Século XX, destaca-se no centro urbano por suas características arquitetônicas, sendo uma das mais antigas edificações comerciais e residenciais de Flores da Cunha. A edificação principal está implantada no alinhamento do lote, junto ao passeio público. O partido arquitetônico adotado reflete o período do apogeu, com loja no pavimento térreo e residência no pavimento superior. O acesso ao pavimento térreo é feito através de aberturas voltadas para o passeio, que acompanham a fachada oeste ao longo da Avenida 25 de Julho. Já o acesso à residência é feito através de escada, localizada junto ao pátio de fundos (fachada leste). Outra peculiaridade é a existência de outras edificações no mesmo lote, que se articulam através do jardim existente no interior da quadra urbana. Sua fachada frontal é bastante racional, com destaque para o ritmo dos vãos de abertura e a marcação dos pavimentos, que é feita através de salientes cornijas. No térreo, as aberturas que marcam os acessos à parte comercial, em vergas retas, estão alinhadas com as janelas existentes no pavimento superior, cujas vergas são em arco abatido. Toda a fachada foi construída em alvenaria de tijolos sobre base em pedras basálticas. As demais partes da edificação, exceto as escadas e os sanitários, foram construídos em madeira. As demais edificações distribuídas ao longo do terreno, no entorno do pátio, posteriormente serviram como apoio à residência principal (casa nº01). A técnica construtiva é mista, com predominância do tijolo e da madeira, sendo que hoje são ocupadas por locatários. Pelo fato de estarem sendo utilizadas, não foi consentido o nosso acesso ao interior das edificações. A solicitação foi feita pelos proprietários, de forma muito respeitosa, ao que acolhemos e respeitamos.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes:

Fontes primárias

ESCRITURA PÚBLICA DE COMPRA E VENDA DO IMÓVEL nº 68. Flores da Cunha: Ofício de Registro de Imóveis João Mambrini, registrada em 14 de maio de 1946. Acervo Família Francisco Zorgi.

LIVRO TOMBO DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES 1912-1974. Flores da Cunha: Secretaria paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes.

ZORGI, Telmo Guilherme; ZORGI, Maria do Carmo Curra. Poesia Autoretrato, 2015.

ZORGI, Vanessa. Fotografia internas. Flores da Cunha, janeiro 2024.

Depoimentos

ZORGI, Telmo Guilherme. Flores da Cunha, 26 de outubro de 2023.

ZORGI, Maria do Carmo. Flores da Cunha, 26 de outubro de 2023.

Referências bibliográficas

MENEGAT, Joana Carraro; CHINATO, Luiza Dani; CURRA, Maria Elizabete Dalmina. Casas de Negócios: O comércio de Nova Trento. Flores da Cunha: J.C.M./L.D.C./M.E.D.C., 2004.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Hospital Fátima: uma história de muitas vidas. Flores da Cunha: Desvendare História & Comunicação, 2022.

Jornais

O FLORENSE, Como nasceu o futebol em Nova Trento. Flores da Cunha, 28 de maio de 1993.

Pesquisas não publicadas
MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Álide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.
PROJETO CASAS E RUAS. Prefeitura Municipal de Flores da Cunha: Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, 2002.
Documentação iconográfica
Jornal O Florense
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Levantamento fotográfico atual
Maria do Carmo Curra Zorgi
Vanessa Zorgi

Locais pesquisados
Acervo pessoal Telmo Guilherme Zorgi e Maria do Carmo Curra Zorgi
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi
Biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Município: FLORES DA CUNHA

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00005	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Casa Família Professor Targa

Endereço/Localização: Rua Ernesto Alves esquina com a Rua Frei Eugênio

Proprietário: Roque Alberto Finger e Cátia Dal Bó Finger
Uso original e atual: Residência
Latitude: -29°02'82.9"S **Longitude**: -51°18'03.3"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

As louças e metais do banheiro são originais, bem como os azulejos existentes no banheiro e na cozinha. A lareira e a escadaria existentes na área social também datam das origens da casa, como também os mobiliários do dormitório no pavimento térreo.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3. Valor tradicional ou evocativo: possui caráter afetivo e exemplar, por seu significado na trajetória de vida das famílias que por ali passaram; 1.4. Referência coletiva: edificação que sobreviveu ao tempo e hoje é consagrada como referência da memória dos florenses. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: por suas características peculiares, testemunha o modo de vida da família, suas relações sociais, crenças e valores. **3) FUNCIONAL** - 3.2. Potencial de reciclagem: possíveis projetos de requalificação poderão demonstrar as potencialidades e o quanto a edificação pode ser adequada para novos usos. **4) TÉCNICA** - 4.4. Bom estado de conservação: a edificação foi sendo utilizada e adaptada ao longo do tempo e isso garantiu a conservação em vista das manutenções realizadas. **5) PAISAGÍSTICA** - 5.2. Conjunto de unidades - cenário: a edificação representa um fragmento do cenário do passado em meio a uma paisagem que sofreu modificações ao longo do tempo.

Histórico:
A casa da Família Professor Targa, situada no lote urbano nº 7, na quadra 58, foi construída na década de 1920, para servir de moradia à família do professor Jacintho Targa (falecido em 15 de fevereiro de 1920) e da esposa Lucia Crestani. Antes da edificação em alvenaria, uma residência em madeira estava situada no mesmo local. Natural da Pádua, na Itália, ao chegar ao Brasil o Professor Targa radicou-se em Bento Gonçalves, onde trabalhava como agrimensor. Em 1898, já concursado para o magistério público estadual, foi nomeado para atuar como professor em Nova Trento. Estabeleceu-se no então distrito com a esposa Lúcia e os filhos Arthur e Ignêz. Em Nova Trento nasceram os filhos Américo, Geny, Carmen e Ettore. Por 21 anos, lecionou no grupo escolar. Ao deixar o cargo, passou-o para seu genro Pedro Rosa, casado com a filha Geny. Após o falecimento de Jacintho, a família do Professor Targa - esposa e filhos - passou a ocupar a edificação. Até por volta de 1934, o terreno pertencia a Arthur Targa e suas irmãs. Após, foi vendido ao comerciante Luigi Soldatelli e sua esposa Margherita Maria Letti. Parte da casa foi herdada pela filha Adelaide Soldatelli Mambrini e seu esposo João Mambrini e a outra parte foi adquirida por eles. Na residência, além da moradia, o casal instalou o Cartório de Registros Cíveis do município, cuja comarca situava-se no município de Antônio Prado. O cartório funcionou na sala de entrada da residência - parte frontal - até por volta de 1956, quando foi transferido para uma construção ao lado. Ao falecer, Adelaide (já viúva), deixou a casa de herança para os sete filhos: Luis Napoleão, Luiza Maria (Luizinha), Margarida, Remi, Paulo, Cecília e José Mambrini. Em 1986, José adquiriu as partes dos irmãos e, após ser diagnosticado com uma doença, residiu nela por três anos, até o seu falecimento. O sobrinho Roque Alberto Finger o ajudou muito e, por gratidão, em testamento, recebeu a casa por herança, conforme consta no Formal de Partilha datado de 27 de março de 1998, na condição de não ser demolida ou vendida por cinco gerações. Roque Alberto é casado com Cátia Dal Bó Finger, com quem tem os filhos Diana, Vicenzo e Matheus. No andar superior, na salinha do meio, João Mambrini, muito religioso, idealizou uma pequena capela que possuía, entre outras, a estátua de Nossa Senhora do Carmo. As imagens aparecem numa fotografia feita por ocasião da procissão de Corpus Christi, por volta de 1977. Um dos candelabros foi posteriormente doado à Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e o genuflexório de veludo vermelho à Ivone Sandi. Haviam vitrais e as janelas eram decoradas com cortinas de veludo verde, mantendo um ambiente sóbrio, mas sempre adornado com flores vivas e também artificiais. Missas eram realizadas no local e o casamento da filha Luizinha com o farmacêutico Ary Finger, em 25 de fevereiro de 1947, ocorreu na residência. A casa também serviu para realização dos Natais da família Finger, cuja decoração era feita por José. No decorrer dos anos, a casa passou por pequenas mudanças, como por exemplo: a ampliação da lareira, a troca de pisos e azulejos do banheiro, bem como as alterações de cores interna e externamente. (Continua nos anexos).

Documentação iconográfica



Fotografia do ano 1960: fachada frontal da Casa Targa frente. Acervo Família Finger.



Década de 1970: Adelaide e o filho José na Casa Targa. Acervo Família Finger.



Da década de 1970: José e a Casa Targa. Acervo Família Finger.



Da década de 1970: José e a Casa Targa. Acervo Família Finger.



Década de 1970: José Finger no interior da Casa Targa. Acervo Família Finger.



Ano 1980: Adelaide Soldatelli Mambrini - Cozinha da Casa Targa. Acervo Família Finger.



Anos 1980: José Finger e a Casa Targa. Acervo Família Finger.



Casa Targa, anos 1990. Acervo de Fatima Finger.



Ano 2024: móvel da Casa Targa. Acervo Adelaide - Família Finger.

Levantamento fotográfico atual



Fachada frontal (sul) para a Rua Ernesto Alves.



Fachada lateral (oeste) para a Rua Frei Eugenio.



Fachada norte e fachada oeste, com o jardim no entorno.



Visual interna da sala de estar e jantar com destaque para a escada de acesso ao pavimento superior.



Visual interna da sala de estar e jantar.



Visual interna da sala de estar com destaque para a lareira.



Pavimento superior (sótão).



Escada de acesso ao sótão.



Azulejos no banheiro.

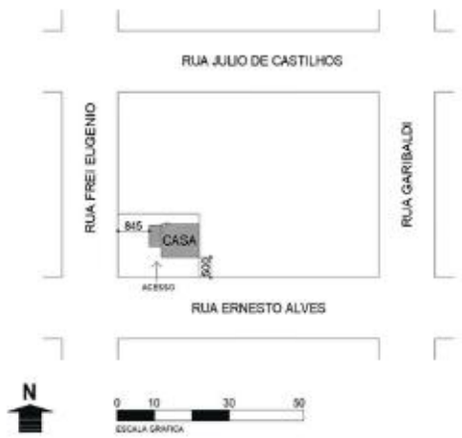


Detalhe dos balaústres.

Análise Arquitetônica:

A edificação possui recuos frontais ajardinados e está elevada em relação aos níveis das Ruas Frei Eugênio e Ernesto Alves, sendo acessada por meio de portão voltado para a rua a sul (Ernesto Alves). Sua tipologia faz referência a um chalé, com o telhado em múltiplas águas e o jogo de volumes. O térreo possui embasamento de pedra, atualmente rebocada, que define o perímetro da casa. As paredes são feitas em alvenaria de tijolos rebocados e há quatro frontões sob o telhado, voltados a norte, sul, leste e oeste. O volume lateral, onde estão localizados o átrio e o terraço, possui balaústres e aberturas de madeira, cujo desenho apresenta formas geométricas e vidros multicoloridos, remetendo a vitrais. Internamente, predomina o gosto clássico, tão apreciado pelas famílias que habitaram o imóvel, seja através dos materiais, dos azulejos, das cores e das texturas ulilizadas, ou então por meio da própria configuração dos ambientes. No pavimento térreo, estão os ambientes de uso social e de serviços, com exceção do quarto, cujo uso parece ter sido adaptado num segundo momento. Já no pavimento superior, acessado através de solene escada de madeira, há dois quartos, uma saleta (onde antes havia uma Capela particular) e um terraço. Quanto aos materiais construtivos, no pavimento térreo predomina a alvenaria de tijolos rebocados, enquanto no pavimento superior a madeira foi amplamente utilizada.

Planta situação atualizada



Croqui / Plantas baixas – pavimentos térreo e superior



Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Nos anos 1960, foi pintada com cores claras e aberturas marrons, nos anos 1970, em tons de rosa claro com cinza e, atualmente, em tons de bege com aberturas em branco, mas sua estrutura permaneceu intacta. As aberturas são muito parecidas com as do casarão do Pedron. No solar do andar superior havia uma escada de madeira no lado externo, já que por um tempo o piso superior serviu de residência para Cecília Mambrini Longo e família. Após a mudança de Cecília para Caxias do Sul, a escada foi retirada. Do lado de fora, no passado tinha o tanque para lavar roupas, ficava nos fundos da casa à esquerda e logo abaixo passava um riacho. Depois, onde havia o tanque, foi feita uma casinha, que já foi desmanchada e se encontra um anexo da casa atualmente. No lado esquerdo havia um pé de camélia enorme, cujas flores usavam para enfeitar a cerca viva, da espécie pingo de ouro, que se estendia pela frente e lado (sul) da casa, cujo entorno era um barranco, que foi retirado nos anos 1970, quando foi construído o muro e, nos anos 1990 colocada a cerca. No lado esquerdo da casa havia também a horta, onde Adelaide mantinha uma plantação de margaridas e no canto um cinamomo enorme, onde eram colocados balanços para as crianças de Luizinha brincarem. Por cerca de 10 anos, a residência foi alugada para uma escola de idiomas. Em 2024, está alugada para moradia.

Fontes primárias

Escritura pública n.º 6.919 de doação com reserva de usufruto entre Adelaide Soldatelli Mambrini e José Mambrini. Flores da Cunha, 22 de agosto de 1985.

Formal de partilha do inventário por morte de José Mambrini passado em favor de Roque Alberto Finger. Flores da Cunha, 27 de março de 1998. Acervo pessoal Roque Alberto Finger.

Depoimentos

FINGER, Roque Alberto. Áudio enviado por WhatsApp em 25 de outubro de 2023.

KRUGER, Maria de Fátima Finger. Flores da Cunha, 4 de novembro de 2023.

Referências bibliográficas

BOSCATTO, Claudino Antonio. Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Hospital Fátima - Uma História de Muitas Vidas. Flores da Cunha: Desvendare, 2022.

Locais pesquisados:

Pesquisas não publicadas

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELO, Alide. Projeto: Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Projeto Casas e Ruas. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, 2002.

Sites e publicações on-line

Troféu Jacintho Francisco Targa: a história do professor Jacintho Francisco Targa. Disponível em: http://circuitoconesul.50webs.com/fieprs/trofeujt.html. Acesso 10 Nov 2023.

Jornais

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Corpus Christi: as cores da fé que geraram contrariedades. Jornal O Florense, maio 2023.

Documentação iconográfica

Família Finger

Maria de Fátima Finger Kruger

Roque Alberto Finger

Locais pesquisados

Acervo familiar Ary Finger e Luizinha Mambrini Finger

Acervo pessoal Roque Alberto Finger

Bibliotecas pessoais de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Google

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00006	**Localidade:** Bairro Videiras

Denominação do bem: Casa Museu Família Conz

Endereço/Localização: Rua Diógenes Conz, 200

Proprietário: Orfeu João Conz e família
Uso original e atual: Casa de dormir. Em 17/03/2018 passou à função de museu familiar
Latitude: -29,0431268° **Longitude**: -51,1825250°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma. Interesse da família na preservação **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:

Todo o acervo existente (objetos e utensílios de uso doméstico, profissional (marcenaria e tanoaria), vinícola e agrícola, quadros e objetos sacros, fotografias).



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: Agapito foi eleito pelo 2º Distrito, Nova Trento, e integrou o Conselho Municipal de Caxias do Sul entre os anos de 1890 e 1896. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: forma construtiva (tábuas rachadas e encaixadas), volumetria e tipo da cobertura (reforma procurou refazer o modelo original - quatro águas e tabuinhas de madeira (scandole). **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: respeita os limites da quadra. 3.2: Potencial de reciclagem: utilização para museu, memorial. **4) TÉCNICA** – 4.4 Bom estado de conservação: Sempre foi utilizada e conservada ao longo de sua existência. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.4 Elemento referencial: Amplo jardim de entorno delimitando adequadamente seu espaço.

Histórico:
A casa-museu foi construída por Agapito Conz, no lote rural n.º 48 do Travessão Garibaldi, onde se estabeleceu em 1878. Após um temporal que destruiu sua casa, Agapito decidiu construir uma casa que resistiria às intempéries da natureza. Para isso, se utilizou de tábuas de araucárias, abundantes na região. Utilizando-se de seus conhecimentos em marcenaria e com auxílio da família e dos vizinhos edificou a casa em 1883. A forma como as pranchas de pinheiro foram dispostas na parede é o diferencial. Não há pregos. As tábuas de 50cm de altura por 8cm de comprimento e 15cm de espessura foram encaixadas uma a uma, unidas pelas pontas.
A casa servia para dormir, enquanto que a uma distância de 30 metros ficava a cozinha e sala para alimentação, também chamada de "fogoler" - edificação que não existe mais. No local, a família realizava noites de filós em que reunia os vizinhos para jogar cartas, beber vinho e desfrutar da gastronomia.
Nesta casa viveu o casal Agapito e Maria Degaule Conz com os filhos Virginia, Tarcilo, Licurgo, Ovidea, Erminea, Ines, Giobatta e Catarina Conz. Posteriormente, estabeleceu-se o filho Tarcilo Conz e a esposa Eliza Pellizzer Conz, com os filhos João, Diógenes, Lenio, Davide, Gabriel, Anúncia, Dileta, Aurora, Clementina, Claudia e Marcela. Em 1948, Diógenes Conz e a esposa Oliva Carpeggiani Conz retornaram para a casa paterna com os filhos Meri, Itamar, Orfeu João, Dante, Nevile e Agapito (nasceu na casa museu).
Orfeu residiu na casa dos 8 aos 17 anos, até a construção de uma nova edificação ao lado desta. Posteriormente, a casa serviu de moradia para outros familiares. Até 2001 foi habitada como moradia. Após, passou a ser preservada para outros fins, até que em 2016, por gostar de preservar as tradições familiares e manter viva a memória, Orfeu optou por reformar a casa. A obra durou dois anos e incluiu algumas intervenções, como no sótão, assoalho e cobertura. O telhado, que ao longo do tempo havia sido alterado de quatro para duas chuvas e havia recebido folhas de zinco devido à ação do tempo, foi reconstruído no formato original, com tabuinhas de madeira, representando as "scándole", usadas no início da colonização.
O porão, em pedra de basalto irregular sobrepostas sem utilização de argamassa, e o andar térreo, todo em madeira rachada e encaixada foram preservados. O acervo de objetos e utensílios, datados entre os anos de 1880 e 1970, pertencem à própria família, outros foram trocados ou adquiridos de terceiros a fim de construir cenários que representam o trabalho com marcenaria e tanoaria (sótão), quarto, sala e cozinha (térreo) e cantina (subsolo).
O museu foi inaugurado no dia 17 de março de 2018. A Câmara de Vereadores de Flores da Cunha registrou a iniciativa através da Moção nº 028/2018, de autoria do Vereador Pedro Sperluk, de Congratulações à Família Conz, pela instalação do Museu da Família Conz.

Documentação Iconográfica:



Casa estrutura contraplacada Fonte: POSENATO, Júlio. – Pág. 72



1980_detalhe fachada
Fonte: ECIRS



1980 – cantina
Fonte: ECIRS



1980_ detalhe Casa Memorial Conz.
Fonte: ECIRS UCS



2001_detalhe fachada
Fonte: Jornal O Florense

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 06/10/2023



Fachada Sul – 06/10/2023



Fachada Leste – 06/10/2023



Fachada Norte – 06/10/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Entorno imediato – 06/10/2023



Sótão (madeiramento do telhado) – 06/10/2023



Cozinha – 06/10/2023



Porão com itens da antiga vinícola – 06/10/2023



Dormitório - 06/10/2023



Dormitório – 06/10/2023



Escada acesso ao sótão – 06/10/2023



Moção Câmara Vereadores – 26/10/2023



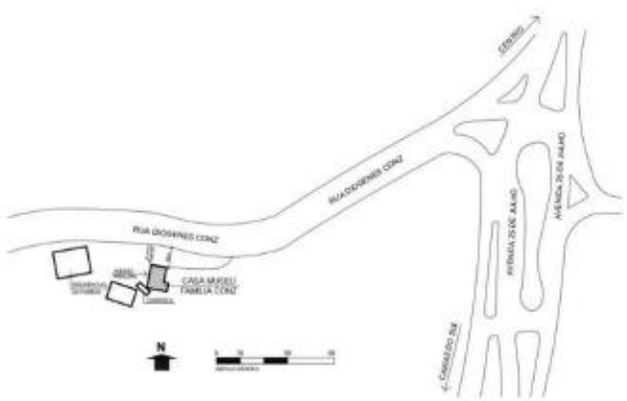
Detalhe fechadura



Estrutura contraplacada

Análise Arquitetônica:
Edificação residencial com porão em pedra e pavimento térreo em madeira. Está implantada em amplo terreno, próximo à via de acesso ao loteamento Conz entre outras edificações pertencentes à mesma família. O edifício possui um porão semi-enterrado de pedras basalto irregular, encaixadas umas sobre as outras, assentadas com juntas secas. O piso de chão batido encontra-se igual à época da construção. As janelas são retangulares, compostas por ripas de madeira e possuem peitoril alto, localizadas próximo ao forro/ assoalho do pavimento superior. O pavimento térreo possui estrutura contraplacada, que são pranchas de madeira externas horizontais pregadas em tábuas internas verticais. O telhado em quatro águas, reconstruído seguindo a forma original, é de escândole (peças de madeira que possuem aproximadamente cinquenta centímetros de comprimento por vinte de largura) e com beiral pequeno. A forma da planta baixa é típica dos imigrantes italianos, geralmente retangular, onde se destacam a proporção das medidas e das formas. Sofreu uma adição na fachada leste, aos fundos, com a implantação de um sanitário. Este anexo é de alvenaria de tijolos, recebendo pintura somente na face externa das paredes. A fachada principal é composta por uma porta central e uma janela de cada lado. Estas não possuem vidros e seus fechamentos são feitos por folhas de madeira, constituídas por tábuas na horizontal unidas por travessas. Os marcos são grossos, de madeira. Não há ligação interna entre os pavimentos térreo e o porão. Há apenas uma escada interna que une o térreo ao sótão. Esta também é toda de madeira, bem como a estrutura do telhado e paredes internas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos:
CONZ, Maria Mantovani. Flores da Cunha, 6 de outubro de 2023.
CONZ, Orfeu João. Flores da Cunha, 6 de outubro de 2023.
Sites e publicações on-line:
Bairro: Das Videiras, um museu para contar a história. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 21 de setembro de 2021. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/bairro-das-videiras-um-museu-para-contar-a-historia/15900 Acesso 23 Out 2023.
Casa do século XIX mantém viva saga dos imigrantes. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 26 de maio de 2001, Suplemento Construção e Decoração.
Elementos culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul - ECIRS/UCS. Disponível em: https://biblioteca.ucs.br/gallery3/index.php/IMHC/Ecirs/ecirs-pb/Arquitetura-Rural/ECIRS-PB-2485-NF. Acesso 27 Dez 2023.
LOPES, Rodrigo. A casa do tempo. Caxias do Sul: Pioneiro. Disponível em: https://especiais-pio.clicrbs.com.br/almanaque/802/802.html Acesso 23 Out 2023.
PROVIN, Fabiano. Um espaço para recordar a colonização. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 27 de março de 2018. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/um-espaco-para-recordar-a-colonizacao/7431. Acesso 23 Out 2023.
Vereador presta homenagem pela inauguração do Museu Família Conz. Flores da Cunha: Câmara Municipal de Vereadores, 20 de novembro de 2018. Disponível em: https://www.camaraflores.rs.gov.br/noticias/vereador-presta-homenagem-pela-inauguracao-do-museu-familia-conz Acesso 23 Out 2023.

Locais pesquisados:
Acervo digital ECIRS/UCS
Google
Museu Família Conz
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:
OUTRAS INFORMAÇÕES:
No interior da Casa há um acervo de peças da família, com fotografias e móveis antigos, compondo um Museu ambiência que pode ser visitado mediante agendamento.

Observações:

Responsável:	Data:
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	23/01/2023.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00007	**Localidade:** São Cristovão – Travessão Esmeralda

Denominação do bem: Casa Família Broch

Endereço/Localização: Rua Benjamin Broch, s/n (antigo lote rural nº 20).

Proprietário: Marcelino Broch.
Uso original e atual: Residência/ residência
Latitude: -29,0513521° **Longitude:** -51,1802925°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Antiga carroça (*careta*) de madeira, de tração animal com placa de registro municipal de 1930 (afixada na porta do porão).



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo: grupo de edificações representativas da vida rural remanescente na área central urbana do município, com presença de elementos do período primitivo da imigração, pertencentes a núcleo familiar de referência na localidade. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico; 2.5 Compatibildiade dos anexos: pela simplicidade e funcionalidade no emprego de materiais para configurar as edificações e seu vínculo funcional com os recursos do lugar. **3) FUNCIONAL** – 3.3 Uso tradicional: uso residencial responsável pela permanência e conservação dos elementos naturais e edificados do sítio. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais: porão semi-escavado com fundações em pedra lascada de basalto. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.2 Conjunto de unidades – cenário: destaca-se pelos efeitos topoceptivos da implantação do conjunto em harmonia com os elementos naturais, de carácter cênico relacionado à vida rural da família de imigrantes.

Histórico:
As Casas Broch situam-se no lote rural número 20 do Travessão Esmeralda, 11ª Légua da antiga Colônia Caxias. Quando os imigrantes Broch chegaram ao Brasil se estabeleceram nesta propriedade e nela havia somente mata fechada com boas vertentes de água. Construíram inicialmente a cozinha, a qual chamavam de *fogolaro*. Ao lado desta, por volta dos anos 1900 edificaram a casa dormitório, que recebeu divisórias internas e foi ampliada, posteriormente, para abrigar a cozinha. A cozinha, "fogolaro", foi edificada em madeira sobre uma base de rocha basáltica. Possui assoalho também em madeira, mas inicialmente havia fogo de chão, sobre o qual penduravam panelas de ferro para o cozimento dos alimentos. Atualmente é utilizada como depósito, e se encontra em delicado estado de conservação. A casa dormitório foi construída por volta dos anos 1900, antes do nascimento de Benjamin Broch (15/03/1907-25/04/1985). Em madeira, sobre um porão de pedras de basalto, o pavimento inferior tinha a finalidade de abrigar um local fresco para produção de vinho e vinagre e conservação de produtos coloniais necessários à subsistência. Na propriedade desenvolviam muitas atividades, cultivavam parreirais e trigo para sustento e comercialização do excedente, além de milho, feijão, arroz, árvores frutíferas em abundância, e criação de animais, tudo o que era necessário para o sustento da grande família. O pavimento superior abrigava os dormitórios e a cobertura, que sempre foi de zinco, logo abaixo existe um sótão, que era usado para secagem de grãos. A casa dormitório inicialmente era formada por um corpo inteiro, havendo apenas a delimitação do quarto do casal Bortolo Broch e Elizabetta Callegari. Os sete filhos do casal, Antônio, Bortolo Filho, Luigi, Benjamin, Rosa, Luiza e Margarita, dormiam no chão, sobre colchões de palha de milho, um ao lado do outro, numa área comum. Depois de alguns anos foram feitas as divisões que delimitaram a sala, outros três quartos além daquele do casal, sendo que num deles um orifício no assoalho dava acesso ao porão. Segundo os netos de Bortolo, Marcelino, Teresa e Rudes Broch, que ainda residem na propriedade, o "buraco estava sobre uma pipa" e através dele faziam as misturas para o vinho. Por volta dos anos 1930 foi construído um anexo que passou a abrigar o "cecher" (pia) e noutra parte o fogão à lenha e uma mesa. Anos mais tarde, foi construído um anexo para abrigar o banheiro. O filho Benjamin Broch, casado com Égide Secco Broch, teve os filhos Jó Baptista, Odilla, Elisa, Gabriel, Laura, Laurindo, Saturnino, Isalino, Marcelino, Teresa, Bernardino, Lourdes Maria e Rudes Broch, e adotou a sobrinha, órfã de mãe, Tranquila Broch. Por ser o filho mais jovem herdou a propriedade paterna e ficou responsável por cuidar da sua mãe, que já era viúva quando ele casou, em 1928. Ele contribuiu muito com as iniciativas comunitárias, foi agricultor e voluntariamente desempenhou a função de barbeiro e castrador de porcos. Em 2012 foi homenageado com a denominação da estrada que passa em frente à propriedade (Lei Municipal n.º 2.967, de 05/03/2012). Na casa, costumavam fazer as festas de família, em especial todos os anos por ocasião do Natal. Também reuniram muitos familiares por ocasião da festa de casamento do filho Jó Baptista e da celebração das Bodas de Ouro de casamento de Benjamin e Égide. Em seu entorno, além das construções de uso atual, horta (demarcada com ripas de madeira) e depósitos, existe ainda o muro de taipa da antiga estrebaria e de delimitação do antigo chiqueiro. (Continua nos anexos)

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Foto de Benjamin Broch (1930).



Figura 2 – Fachada casa Broch (1990).



Figura 3 – Reunião da família Broch (2000).



Figura 4 – Filhos de Benjamin e Égide diante da casa Broch (1950).

Levantamento Fotográfico atual:



Casa - Fachada Sul – 09/11/2023



Casa - Fachada Leste – 09/11/2023



Casa 1 - Fachada Norte – 09/11/2023



Casa - Fachada Sul – 09/11/2023



Fogolaro – Fachada Leste –09/11/2023



Fogolaro - Fachada Sul – 26/10/2023



Vista Oeste – Antigo chiqueiro, banho, forno e fogolaro – 09/11/2023



Vista Sul – Taipa da antiga estrebaria – 09/11/2023



Vista da Horta – 09/11/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista do entorno – 09/11/2023



Balaustrada da varanda – 09/11/2023



Carroça de madeira registrada em 1930 – 09/11/2023



Vista do tanque de tijolos – 09/11/2023



Placa de registro da carroça de 1930 – 09/11/2023

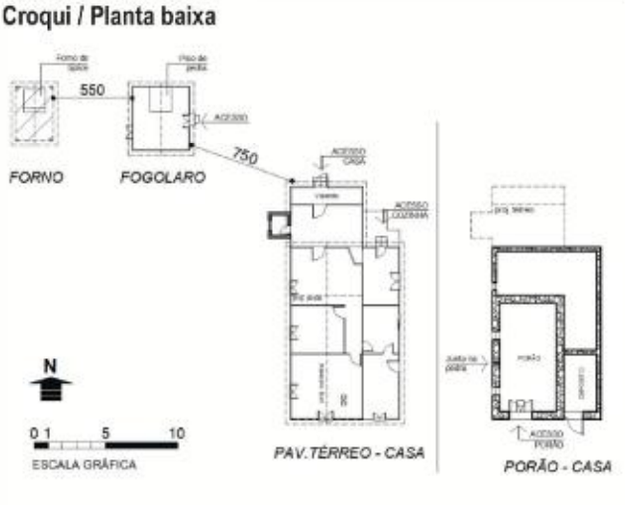
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma residência familiar e edificações auxiliares remanescentes no perímetro urbano da cidade. Retratam o aspecto funcional da arquitetura rural na apropriação do sítio pela família de imigrantes. A edificação mais antiga, o *fogolaro* (2) do final do período primitivo (1890) em estado avançado de deterioração, oferece risco de desabamento devido ao empenamento da estrutura de madeira, hoje é usada como depósito. A casa principal, um edifício de dois pavimentos, do início dos anos 1900, com porão semi-escavado em pedra lascada de basalto, corpo em madeira de tábuas nuas e cobertura em telhas metálicas. Sua evolução apresenta claramente 3 fases de construção. A primeira, como casa dormitório, apresentava porão de pedra reduzido (juntas de ampliação aparentes) e pavimento superior com cobertura simétrica em duas águas. Depois, ao anexar a cozinha por volta dos anos 1930, foi construído um puxado de uma água ao Norte que inclui a varanda. Nesta fase também foi ampliada a cantina no porão, em pedra. Por fim, foi acrescido o volume dos quartos com o prolongamento da cobertura principal à Leste. O volume de alvenaria do banheiro foi erguido durante década de 1970. O sotão, ultilizado para secagem e armazenamento de produtos, sempre teve acesso externo, através de uma pequena janela no oitão da cobertura, à norte. As esquadrias são em madeira, permanecendo originais os tamponamentos internos, bem como as portas e janelas do porão. O dormitório principal apresenta pintura de cor azul à base de cal nas paredes internas, já desgastada. Adaptações internas foram feitas em função das ampliações, como a ligação entre as duas cozinhas entre os anexos. Também foram acrescidas novas camadas de forro de madeira no atual dormitório do proprietário e na sala. As edificações auxiliares como o forno, antigo chuveiro de água corrente, chiqueiro, tanque e antiga estrebaria não tiveram suas datas comprovadas, mas segundo depoimentos, são elementos muito antigos no arranjo da propriedade. São características destas construções auxiliares a estrutura de madeira com fechamento em tábuas nuas e cobertura de telhas francesas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Referências bibliográficas

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Hospital Fátima: uma história de muitas vidas. Flores da Cunha: Desvendare História e Comunicação, 2022.

POSENATO, Julio. Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

Depoimentos

BROCH, Lourdes Maria; BROCH, Marcelino; FIAMENGHI, Odilla Broch; BROCH, Rudes; KENSY, Teresa Broch; OTOBELLI, Catiane Fiamenghi; BROCH, Janete. Flores da Cunha, 19 de janeiro de 2020.

BROCH, Marcelino; BROCH, Rudes; KENSY, Teresa Broch. Flores da Cunha, 11 de novembro de 2023.

Locais pesquisados:

Acervo pessoal Carla Fontana
Câmara Municipal de Vereadores de Flores das Cunha
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Os parreirais foram cuidados por Marcelino até 2021, antes de Marcelino sofrer o AVC. Não existem mais resquícios da olaria de Mattana e Zanandrea, que funcionou num banhado nos fundos da propriedade, desativada há cerca de 70 anos. Benjamin administrou a propriedade que herdou dos pais e zelou pelos bens que nela existiam, atualmente, a área que pertenceu à moradia da família pertence ao filho Marcelino Broch, e compreende um verdadeiro museu a céu aberto. A casa dormitório é habitada por Marcelino e Rudes, que residem no local para cuidar do irmão, enfermo. As características da arquitetura colonial estão preservadas, além de documentos, objetos e fotografias que são resguardados na casa.

Observações:

Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 1.1.7.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	24/01/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00008	**Localidade:** Bairro São Cristóvão

Denominação do bem: Casa Família Colchete

Endereço/Localização: Rua Jacob Mattana, 1285.

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Residência / Residência
Latitude: -29,0060806° **Longitude**: -51,1835670°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade: Uma das primeiras edificações do período primitivo da colonização, remanescente na área urbana. 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: propriedade de família de referência na formação da comunidade de São Cristóvão. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico e 2.3 Raridade Formal: Edificação em pedra e telhas de madeira do período primitivo da colonização. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada no centro do lote rural. 3.2 Potencial de reciclagem: pelas dimensões da edificação e bom estado de conservação. 3.3 Uso tradicional: ainda utilizada como residência. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade na técnica construtiva e 4.2 Raridade no emprego de materiais: Paredes portantes em pedra basalto e cobertura de *scandole* preservada sob telhado metálico. 4.4 Bom estado de conservação: o uso original e as manutenções ao longo dos anos conservaram a edificação e suas principais características. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana e 5.4 Elemento referencial: edificação reforça as características de paisagem rural ainda presentes no entorno da área urbana.

Histórico:
A Casa Colchete situa-se no lote rural nº 32, do Travessão Garibaldi, 11ª Légua da antiga Colônia Caxias. Pertenceu à família de Angelo Mattana (1865-1912) e Angela Lucian, pais de Eminia, Prima, Giovanni (emigrou para a Argentina), Guglielmo, Gioachino, Giacobbe, Ergila e Eleonora Mattana. Segundo descendentes, foi construída na década de 1910 e herdada pela família do filho Jacob (Giacobbe) Mattana (1893-1956), casado com Amábile Boff Mattana, pais de Angela, Angelo, Horácio (Frei Humberto Mattana), Alcides, Raimundo Joaquim, Gentil, Maria Eleonora, Teresinha e Vitória Mattana. Outras fontes apontam época de construção anterior a 1900 (Ficha nº 230 Iphae/1980). A edificação foi feita com o intuito de abrigar a cantina e o dormitório da família. O porão era de chão batido e foi mantido assim, pois Angelo acreditava que era o ideal para ter a umidade e a temperatura adequadas para conservação de alimentos. Através de uma escada de madeira, era possível acessar um alçapão que dava entrada entre o porão e o andar superior, por meio de um dos quartos. O andar superior abrigava quatro quartos. Um para o casal, um para os rapazes, um para as moças, e outro onde dormiam os filhos mais velhos, que após o casamento, em tempos distintos, permaneceram por um tempo residindo na casa. O sótão era um cômodo aberto usado para secagem de grãos e guarda de produtos coloniais, uma espécie de despensa. Ali também, em cestas de vime, era resguardado um conjunto de louça (pratos, copos, talheres, panelas) para 100 pessoas, utilizada nas constantes festas e encontros que a família promovia na moradia. A cobertura possui forro de tabuinhas rachadas, bem conservadas, sobrepostas por telhas metálicas. Na lembrança dos descendentes sempre teve essa configuração. Algumas janelas possuíam tampão de madeira e todas possuíam vidros. As pedras e os pinheiros usados na construção foram extraídos da propriedade ou da propriedade situada no lote rural defronte a esta, adquirida por Giacobbe, nela havia muitos pinheiros e no local ele estabeleceu uma serraria. Por volta de 1945 a casa recebeu energia elétrica, a única da redondeza. O ramal de transmissão provinha da "rede velha de Caxias". Por isso, a família pôde adquirir bens raros como, por exemplo, a geladeira. No entorno da casa se constituía uma vila. Havia cozinha, galpão grande para guardar milho e trigo, chiqueiro, estrebaria (que na parte de cima possuía depósito de feno), atrás dela havia uma casinha com todas as ferramentas que Giacobbe utilizava para carpintaria, marcenaria e ferraria. Mais acima, em outra casinha, onde ele trabalhava (fazia também caixões de sepultamento para crianças), forno, alambique (registrado em 1928), casinha do tanque, casa das selas e ferramentas dos muares, casa onde era guardada a carroça, e, um pouco distante, a patente. O banho era feito numa bacia, no próprio quarto. Por volta de 1955 construíram uma casinha com um recipiente que era enchido com água quente e então iam embaixo para se enxaguar. Jacob foi um empreendedor nato, sendo proprietário de uma serraria e exerceu a profissão de carreteiro (possuía carta de condutor, ainda preservada pela família). Era um homem reservado, de poucas palavras, mas gostava de reunir os amigos. Tornou-se hábito as famílias da redondeza frequentarem a residência. Os afazeres coloniais ficavam a cargo da esposa e filhos. (Continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Amabile Boff e Giaccobe Mattana (1910). Fonte: Acervo pessoal de Carla Fontana.



Figura 1 – Família Giaccobe e Amábile (1920). Fonte: Acervo de Carla Fontana.



Figura 2 – Família Giaccobe (1940). Fonte: Acervo de Carla Fontana.



Figura 4 – Amábile e amigos defronte a casa (1950). Fonte: Acervo de Carla Fontana.



Figura 5 – Vista da casa déc. 1980. Fonte: POSENATO,1983, pág. 204.

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Leste – 04/03/2024



Casa - Fachada Oeste – 04/03/2024



Fachada Sul – 04/03/2024



Fachada Norte, vista noroeste – 04/03/2024



Fachada Norte, vista nordeste – 04/03/2024



Detalhe Porta do Porão em arco – 26/10/2023



Detalhe parede basalto vermelho na fachada Norte – 04/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Guarnição das portas internas – 04/09/2023



Porão – 04/03/2024



Confessionário – 04/09/2023



Vista interna do Sotão – 04/03/2024

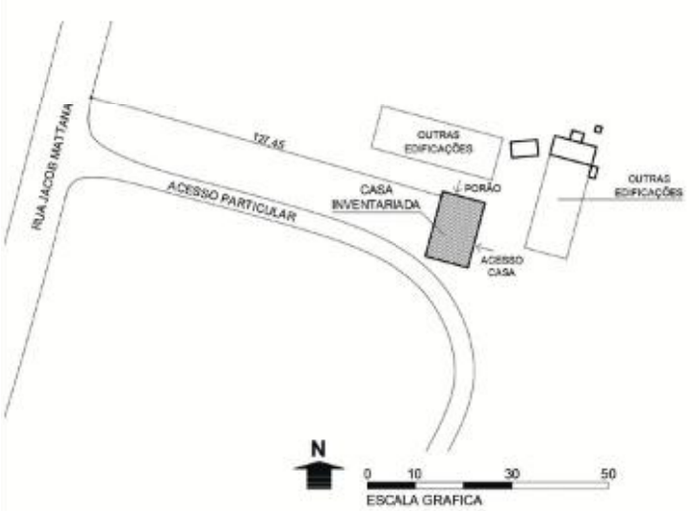


Scándole sob as telhadas metálicas – 04/03/2024

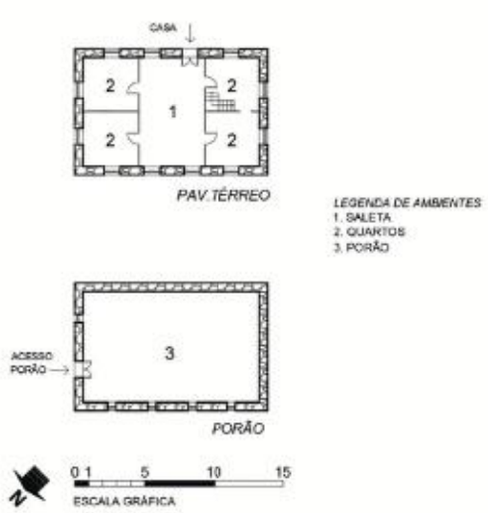
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação residencial unifamiliar, do período de transição do primitivo para o apogeu da arquitetura de imigração (POZENATO,1983). Sua data de construção é incerta. Inventário de 1980 aponta como época de construção aproximadamente, 1885. Porém, descendentes consultados atualmente apontam a década de 1910 como época de construção. Construída em pedras de basalto bruto, de tom avermelhado. Está implantada no centro do lote rural, em terreno de aclive, com 2 pavimentos e sótão. Nas fachadas sul e oeste, as pedras são rejuntadas com argamassa de cal e barro para vedar as juntas. Na fachada norte as paredes externas se apresentam com junta seca. A fachada sul, acesso principal da casa, teve a parede externa rebocada por volta dos anos 1980. O porão é semi-escavado com planta livre e chão batido e com acesso pela lateral norte, por porta de arco abatido de tijolos. No centro do porão, 3 pilares roliços de madeira sustentam o vigamento do entrepiso. No pavimento superior, destinado à residência, permanecem as divisórias e o assoalho de madeira originais. A compartimentação dos cômodos em planta baixa é simétrica, tendo no cômodo central a sala e nas extremidades os quartos. A cozinha, originalmente externa, foi incorporada à casa nos anos de 1970 ocupando um dos quartos, já como propriedade da Família Colchete. Uma escada de madeira num dos quartos ao sul dá acesso à um grande sótão com assoalho de madeira, usado originalmente para secagem de grãos e depósito. O sótão ainda possui o fechamento dos oitões em madeira, com janelas centralizadas. Aberturas menores, localizadas nas paredes mais baixas garantem a ventilação permanente do espaço. A estrutura da cobertura de duas águas é composta por quatro tesouras que apoiam terças e caibros de madeira. Sobre o ripamento, bem conservadas, estão as peças de scándole (tabuas de madeira) recobertas por telhas metálicas. As aberturas estão dispostas seguindo a composição simétrica das fachadas. (Continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos:

COSTA, Vitória Matana. Flores da Cunha, 17 de março de 2024.

FONTANA, Terezinha Costa. Flores da Cunha, 17 de março de 2024.

Fontes primárias

Lei Municipal 2.447, de 17 de março de 2005. Denomina de "Estrada Jacob Mattana" uma via municipal da cidade de Flores da Cunha. Acervo digital Câmara Municipal de Vereadores de Flores da Cunha.

Referências Bibliográficas:

POSENATO, Julio. Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

Sites e publicações on-line

Flores da Cunha: Cooperativa São Pedro completa cinquenta anos de atividades. Caxias do Sul: Jornal Correio Riograndense, 26 de março de 1980, p. 22.

Mensagem às novas gerações. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 26 de junho de 1976, p. 21.

Para a história da Câmara de Vereadores XXV. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 15 de março de 1978, p. 8.

Pesquisas não publicadas

Inventário dos bens culturais de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados:

Biblioteca particular da Desvendare História e Comunicação.

Hemeroteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/ . Acesso 26 Set. 2023.

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

MusCap – Museu dos Capuchinhos – Caxias do Sul.

Secretaria Paroquial, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha.

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Mesmo assim, motivou que todos estudassem, tanto os rapazes quanto as moças. Ele se dedicava à escrita de cartas, cuja caligrafia era desenhada, e à leitura integral dos jornais. Os descendentes têm lembrança de relatos sobre contatos dele com o Governo. Trocavam correspondências, mas ele queimava as cartas depois de lidas. Faleceu em 1956 devido a complicações de saúde. Foi velado na sala da casa, mesmo ambiente onde foram realizadas as festas de casamento dos filhos e a "colassion" por ocasião do casamento das filhas. Por suas iniciativas e contribuições comunitárias, em 17 de março de 2005, foi assinada a Lei Municipal 2.447 que denominou de "Estrada Jacob Mattana" a via municipal que se estende entre a Estrada Velha para Caxias e a ERS-122. Seguiu o exemplo de seu pai, Angelo, que foi um homem muito envolvido comunitariamente. Entre os feitos, contribuiu com a fundação e construção da Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e foi padrinho da bênção dos sinos franceses, em 1911, além de ter concorrido às eleições do Conselho Municipal de Caxias, em 1908. Enquanto Amábile viveu na casa, a cozinha foi separada do dormitório. Possuíam fogão de chapa, espécie de fogão campeiro, modelo que antecedeu os fogões à lenha. A edificação era de alvenaria, erigida com tijolos rebocados e a parede pintada de branco. Dividia-se em três cômodos: cozinha com piso, sala com assoalho de madeira e uma espécie de despensa, também com assoalho de madeira, onde amassavam o pão, faziam massa e resguardavam alguns alimentos. Essa despensa era chamava de "camarin" [camerin em italiano], nela havia diversos armários. Depois que os filhos casaram, viúva, Amábile permaneceu residindo na propriedade por mais algum tempo, mas passou os últimos anos de sua vida na casa da família do filho Raimundo. O genro Pedro Costa e o filho Raimundo Mattana deram continuidade aos afazeres coloniais. Posteriormente, um dos filhos considerou que já não era tão vantajoso manter a propriedade e propôs a venda. Muitas histórias se passaram nesta casa. Além dos festejos realizados quase que semanalmente, encontros e reuniões também aconteciam no local. A fundação da Cooperativa Agrícola São Pedro, situada na comunidade de São Cristóvão, aconteceu na casa de Jacob, em 9 de março de 1930. Entre associados e convidados, 62 pessoas estiveram presentes, na ocasião que também foi eleita a primeira diretoria. Outra história que povoa o imaginário de seus descendentes, foi o abrigo de soldados ou revolucionários, durante uma das revoluções estaduais, possivelmente da Revolução Estadual Libertadora de 1923, porém não foi possível precisar a época. Ficaram escondidos na casa, usando o sótão para sentinela. Nos anos 1970, netos de Jacob, ainda encontravam balas de armamento no sótão. As espingardas foram escondidas nas escavações da pedreira, onde foram retiradas as pedras para construção da casa. Contam que nesse período, por segurança, a família se mudou para uma outra casa. Externamente a casa não sofreu alterações, apenas em seu entorno. Na década de 1970 a casa foi vendida a dois sócios: Marin (residia em Nova Pádua) e Colchete (residia no Rio de Janeiro), eles fizeram a reforma que incorporou a cozinha à casa dormitório. A ligação de Colchete com o município iniciou com o encaixotamento de uvas e ameixas para comercialização, junto à família Marin. Um sentimento especial despertou o interesse em adquirir terras no município, para ter um local onde ficar quando viesse para cá. Em 2002, foi fundada a Vinícola Colchete Ltda, de propriedade de Antonio Ferreira Colchete Junior e Salete Ferreira Colchete. Em 2024 a casa, com as devidas adequações, está sendo utilizada como moradia. A família Colchete a preserva como referência cultural.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)

Possuem verga reta e formato retangular verticalizado. No porão as aberturas possuem fechamento em grade de ferro e no pavimento superior as esquadrias são de madeira e vidro, do tipo guilhotina. A edificação está presente no inventário do IPHAE de 1980, ficha nº 230. Um levantamento cadastral da edificação aparece no livro *Arquitetura de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul* (POSENATO, 1983, pág. 205-207). Em 2002, foram realizados estudos não publicados para um inventário do bem a nível municipal, não concluído.

OUTRAS INFORMAÇÕES:

ICONOGRAFIA (complementação)

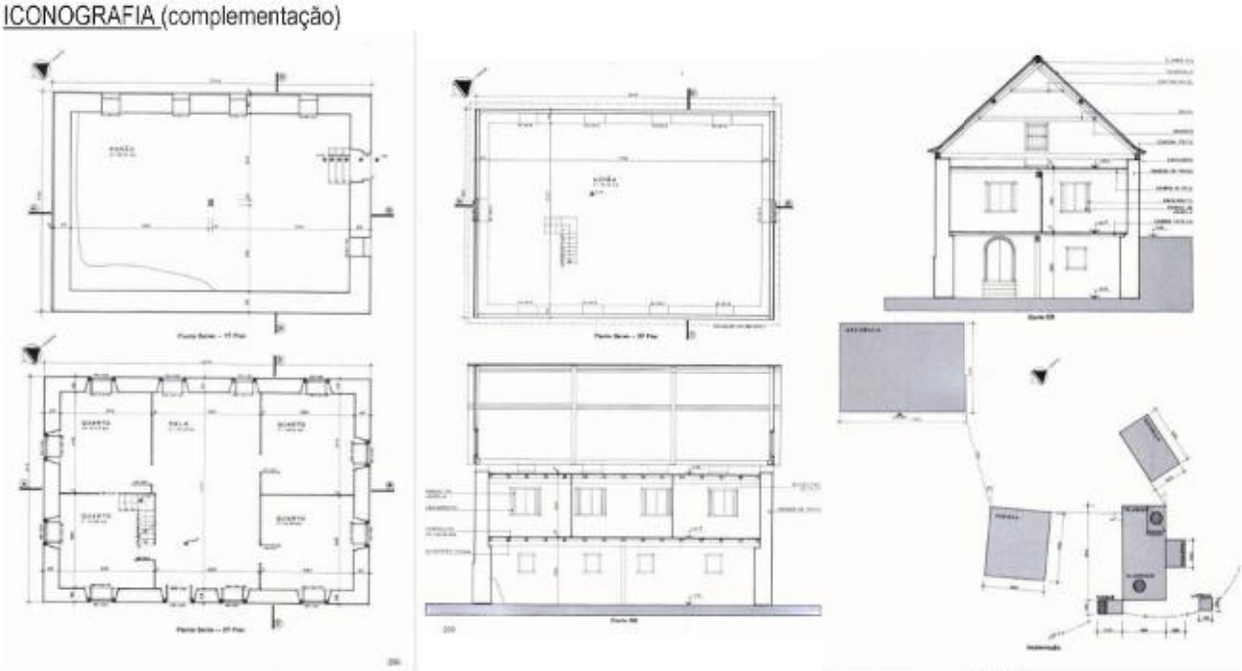


Figura 6 – Levantamento cadastral déc. 1980. Fonte: POSENATO,1983, págs. 205, 206 e 207.



Figura 7 – Foto da edificação no ano de 2002. Fonte: Prefeitura Municipal, 2002.

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 1.1.8.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	25/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00009	**Localidade:** Travessão Esmeralda

Denominação do bem: CASAS SIMIONI

Endereço/Localização: Travessão Esmeralda

Proprietário: Graciema Luiza Rizzotto Simioni
Uso original e atual: residência/residência
Latitude: -29,0813334° **Longitude**: -51,1696764°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Móveis antigos (baús, cama de ferro, penteadeira, cristaleira), fogão



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL:1.3 Valor tradicional ou evocativo: Marco no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para duas descendências familiares. **2) MORFOLÓGICA:**2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal:–2.4 Elemento referencial: Edifícios construídos valorizando a implantação e representando a arquitetura do período de ocupação. **3) FUNCIONAL**: 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.3 Uso tradicional: Edificação com o mesmo uso desde a sua construção e compatível com a estrutura urbana. **4) TÉCNICA:** 4.4 Bom estado de conservação: Edifício em bom estado de conservação em função do uso contínuo ao longo do tempo e manutenções que conservaram a edificação como um todo. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.4 Elemento referencial: Implantação topográfica privilegiada, em harmonia com entorno rural onde está imerso, estando em harmonia com a diversidade da paisagem e do contexto rural, destacando-se pelos elementos decorativos e aspectos simbólicos.

Histórico:
As Casas Simioni estão situadas no Travessão Esmeralda, XI légua da antiga Colônia Caxias. Sobre suas construções sabe-se pouco, já que quando a família Simioni adquiriu a propriedade, na década de 1950, ambas as casas já haviam sido construídas pela família de Giovanni Antonio Folle (1856-1932) e Luigia Dinalle (1865-1904), oriundos de Vallonara na Itália e estabelecidos em Nova Trento. Relatos dão conta que as terras pertenciam apenas aos Folle e aos Simioni, por isso acredita-se que a casa feita em pedra tenha sido edificada, entre 1880-1890, durante o período de imigração italiana, tendo sido a primeira residência de Giovanni. A casa em madeira com porão em pedra foi construída na década de 1920 por Benedetto Decimo Giuseppe Folle (1896-1956). O porão em pedra foi edificado por Anthonio Bortolo Cecconello, construtor civil que executou diversas obras em Flores da Cunha, como a igreja São Bartolomeu, o campanário de Otávio Rocha, a casa do Dr. Gonzáles e a Cooperativa São Pedro. Seu trabalho com a pedra basáltica, talhadas com força, serviram de alicerce para a casa e eram a moldura da Cantina Folle, pertencente a Benedetto e onde eram elaborados vinhos. Benedetto era casado com Maria Giuseppina Gemelli (1897-1981) e tiveram nove filhos. Por motivos incertos, por volta de 1953, Benedetto Folle colocou a propriedade – casa em pedra, casa em madeira, cantina e parreirais – à venda. Foi então que Benjamin Simioni, que residia em Antônio Prado, onde possuía um moinho de trigo e milho, a adquiriu. Por ter uma família numerosa e buscando alternativas além do moinho, ele comprou a propriedade na íntegra, incluindo os móveis e a cantina. Benjamin, casado com Rosina Pretto Simioni, mudou-se com os filhos Melci José, Zulema, Marilda, Lorena, Normelio, Olir, Celene, Marlene e Vania, esta última nascida na propriedade em Flores da Cunha. Por cerca de seis meses, Benedetto Folle e a esposa Maria Giuseppina ficaram morando junto com a família Simioni, já que a residência adquirida em Caxias do Sul não estava pronta. Os Folle utilizavam a casa de pedra como cozinha e dormiam na casa maior. Nessa época, a casa em pedra já não era mais utilizada como moradia e servia apenas para guardar milho e ferramentas de trabalho. Atualmente a casa em pedra pertence a Normélio Simioni. Com a cantina já montada e tendo à disposição a matéria-prima, Benjamin deu continuidade à fabricação de vinho, sob a alcunha Cantina Rural Benjamin Simioni. Vendia o vinho a granel para as vinícolas Cereser e Mioranza. Por cerca de dez anos fabricou vinho. Depois acabou vendendo os equipamentos e as pipas e passou a atuar apenas como produtor de uva. Todos os filhos de Benjamin foram criados na casa e à medida que iam casando foram deixando a propriedade. Nos anos de 1970, o filho mais velho Melci José casou-se com Graciema Luiza Rizzotto Simioni e seguiu residindo na propriedade. Nessa época, a casa estava pintada externamente de amarelo-claro e seu telhado era coberto por telhas – posteriormente foi substituído por zinco. As paredes internas eram pintadas de verde-claro e uma listra desenhada com arabescos percorria todos os quartos e o corredor – quando a casa foi comprada os desenhos já existiam. Com o tempo a pintura em desenhos foi se desgastando e foi pintado por cima, apenas em dois quartos os arabescos foram preservados. A casa possui sete quartos, além da cozinha e sala. A água provinha de uma fonte ainda existente e a luz elétrica já chegava na propriedade. Graciema recorda que a família Simioni foi a primeira de sua redondeza a adquirir uma televisão. CONTINUA NOS ANEXOS.

Documentação Iconográfica:



2002 – Conjunto Casas Siminioni
Fonte: VENERE. Levantamento dos bens



2002 – Casa Siminioni
Fonte: VENERE. Levantamento dos bens



2002 - Casas Siminioni2 –
Fonte: VENERE. Levantamento dos bens



2007 - Casas Simioni vista aérea –
Acervo: Graciema Luiza Rizzotto Siminioni

Levantamento Fotográfico atual:



Vista do conjunto de casas – 19/09/2023



Vista do conjunto de casas – 19/09/2023



Fachada Sul – 19/09/2023



Fachada Norte – 19/09/2023



Fachada Leste – 19/09/2023



Fachada Leste – 19/09/2023



Fachada Leste – 19/09/2023



Fachada Leste – 19/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Sotão – 19/09/2023



Corredor – 19/09/2023



Janela c/tampões – 19/09/2023



Det. pintura - 19/09/2023



Piso de ladrilho – 19/09/2023



Anexo cozinha – 19/09/2023



Anexo cozinha – 19/09/2023



Móvel antigo – 19/09/2023



Porão – 19/09/2023



Det. inspeção piso para pipas – 19/09/2023



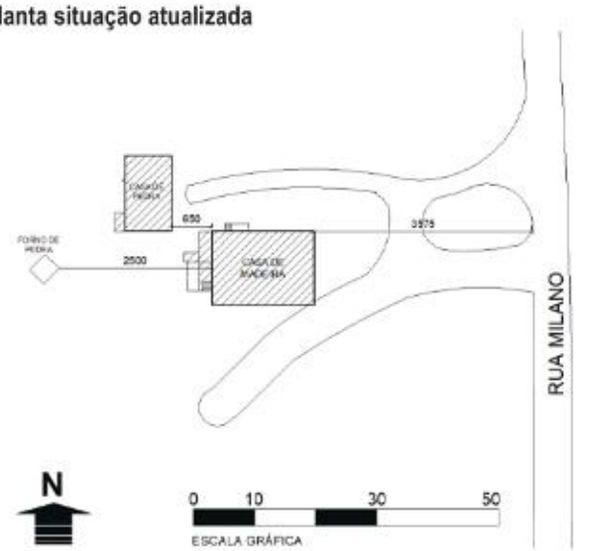
Det. piso original em pedra – 19/09/2023

Análise Arquitetônica:

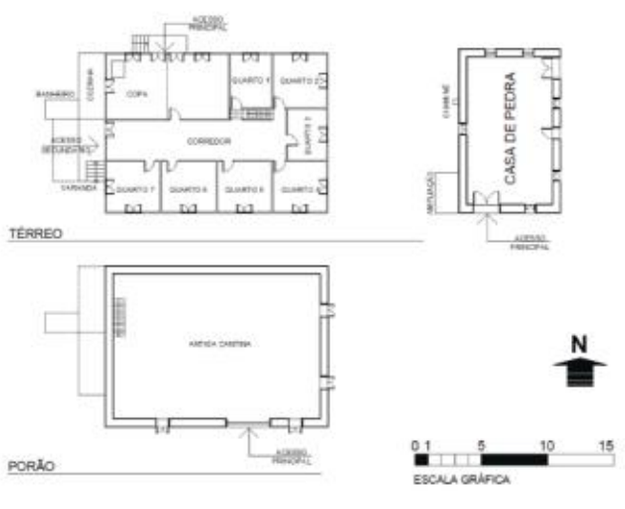
A casa de pedra foi construída entre 1880-1890 para abrigar a família, durante o processo de imigração, fica em uma parte plana do lote, é um volume único em pedras, sem porão, e com telhado em duas águas de telhas francesas. Na construção da casa foram usados dois tipos de pedras: pedras irregulares lascadas e pedras regulares talhadas. As esquadrias da casa são em madeira em arco abatido, executados em tijolos de barro. A estrutura do telhado é em madeira, e os oitões formados pelo telhado possuem revestimentos de tijolos, sem reboco, na fachada sul e madeira na fachada norte. Há também uma chaminé na face oeste, usada pelo antigo fogão, hoje desativado. Não há simetria na distribuição das esquadrias nas fachadas, exceto na fachada norte. Posteriormente um volume para abrigar um banheiro foi construído nos fundos da casa.

A casa de madeira foi construída, na década de 1920, aproveitando o desnível do terreno, afastada alguns metros da casa em pedras e na transversal desta. É um volume único, com os ambientes dispostos na longitudinal. A base deste é em pedras, corpo em madeira e telhado em duas águas. O porão é todo em pedra de basalto talhada, pé-direito alto, pois possuía a função de cantina. A umidade e ventilação é garantida pelas janelas existentes em as faces, sendo as das fachada leste e sul maiores e em arco abatido. O piso original era em pedras lascadas, mas com o passar dos anos recebeu uma camada de concreto. No entanto o desnível do piso ao encontrar a parede de pedras permaneces, para facilitar o escoamento nos momentos de limpeza do espaço. O porão é um espaço com planta libre, sem pilares, mesmo com as grandes dimensões (10,80mx15,60m), diferente da maioria das casas, há mais que uma viga mestre e estas estão dispostas transversalmente, que é a menor dimensão, e são apoiadas nas paredes de pedra. E nestas vigas existem tirantes metálicos, que vão até a estrutura do telhado, e ajudam a estrutura a criar um sistema rígido e que consegues distribuir a carga do pavimento de maneira uniforme nas paredes. Esta solução facilita o trabalho da produção de vinho. O acesso ao porão acontece na face sul, por uma porta em arco abatido em pedra. Não há forro, nas a estrutura é toda aparente, o que também nos permite visualizar as antigas inspeções no teto ou piso do andar superior, que permitia o controle do vinho nas pipas. O térreo é o pavimento destinado a moradia, ele é acessado por uma sala e está nos leva há um corredor central para onde são dispostos longitudinalmente sete dormitórios, além do acesso ao sótão. A cozinha fica junto a sala e através desta podemos acessar um pequeno volume anexo, onde ficava a pia, é que pode ser também acessado por uma pequena varanda e escada secundaria. Na fachada principal da casa encontramos uma pequena varanda, acessada por alguns degraus em pedra, e ai duas portas duplas com almofadas e vidros justapostas. Há também um ritmo de janelas nesta fachada. Na fachada leste, voltada para a rua, o porão em pedras com janelas em arco abatido, no pavimento superior, em madeira, um ritmo de janelas, tipo guilhotina e no oitão formado pela inclinação do telhado, mais janelas que levam iluminação e ventilação ao sótão. Internamente todas as paredes eram pintadas de cor escura e com uma faixa decorativa, hoje ela só permanece em um dormitório, pois as paredes internas receberam pintura em uma cor clara. O fogão a lenha, fica no volume principal e sobre um piso de ladrilho hidráulico, o restante do piso da casa é em tabuas de madeira. Todas as janelas são em madeira, do tipo guilhotina, com vidros e tampões internos e estas são dispostas simetricamente nas fachadas. As portas internas também são em madeira. O sótão é acessado por uma escada de madeira, onde podemos visualizar a estrutura do telhado e as telhas metálicas de cobertura. Na casa ainda existem alguns móveis antigos. Atualmente foi edificado um banheiro, pois a casa original não o possuía.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimento

SIMIONI, Graciema Luiza Rizzotto. Flores da Cunha, 5 de fevereiro de 2024.

Referências bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias!* texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011.

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Jornais

LOPES, Rodrigo. *Encontro dos descendentes de Bortolo Cecconelo. Disponivel em https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2016/07/encontro-dos-descendentes-de-bortolo-cecconelio-6773609.html. Acesso em 8 de fevereiro de 2024.*
OTOBELLI, Danúbia. *Exposição retrata a obra de Bortolo Cecconello*. Jornal O Florense, 2 de março de 2002.
Falecimento Benedetto Folle. Jornal Correio Riograndense, 25 de julho de 1956, p. 6

Pesquisas não publicadas

VENERE. Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores Cunha, Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Cadastro Nacional de Falecidos
FamilySearch
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

CONTINUAÇÃO DO HISTÓRICO:

Na Copa do Mundo de 1970, quando o Brasil conquistou o tricampeonato, grande parte dos vizinhos se reuniram na sala da casa para assistir ao jogo. A casa não possuia banheiro, estes foram construídos na metade dos anos de 1980. Ao redor, existia uma estrebaria com algumas vacas e que acabou sendo desmanchada após um pinheiro cair sobre a mesma. Em 1980, Melci e Graciema, já com os filhos Graziela e Eder, construíram uma casa na área central de Flores da Cunha e mudaram-se. Nos anos de 1990, Benjamin também se mudou para a cidade e a casa passou a ser ocupada por funcionários que cuidavam dos parreirais. Mesmo assim, Benjamin costumava ir seguidamente para lá. Quando Benjamin faleceu em 2006, a propriedade foi herdada pelos filhos e Melci, que tinha muito apego pela casa, pagou a diferença pela residência. A família passou a preservar a casa, realizando melhorias e reformas constantes. Foi construída uma área para a churrasqueira, banheiro e retirada uma parede interna para ampliar o espaço sala/cozinha. O porão serve como garagem e para guardar equipamentos agrícolas. Há dois anos, a antiga casinha para guardar lenha foi ampliada e reformada e os funcionários passaram a residir nela. A partir disso, a casa maior passou a ser utilizada como uma chácara de final de semana pela família, que pretende conservá-la visto o apego de Benjamin e Melci pela propriedade.

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 23/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00010	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Antiga Farmácia São Pedro

Endereço/Localização: Av. 25 de julho, 102, esquina com Rua Ernesto Alves

Proprietário: Lúcio Falavigna em usufruto com a mãe Zelcir Maria Viapiana
Uso original e atual: farmácia e moradia/ aluguel comercial
Latitude: -29°01'42"S **Longitude**: -51°10'53" W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Cofre e banheira de época.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.1 Referência Histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; e 1.4 Referência coletiva: Edificação de referência histórica para a saúde do município, consolidando-se também como marco histórico no processo de transformação da cidade e referencial de memória e ponto de referência para antigos moradores. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: marco referencial no centro urbano. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: A delimitação de sua estrutura é compatível com a estrutura e dinâmica do sistema urbano, com grandes possibilidades de readequações funcionais para os mais diversos fins comerciais na parte térrea ou de moradia no andar superior. **4) TÉCNICA** –; 4.4 Bom estado de conservação: edificação se encontra em bom estado de conservação em função do uso contínuo ao longo do tempo e manutenções que conservaram a edificação como um todo. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: edificação está em harmonia com a diversidade da paisagem e do contexto urbano e se destaca pela estrutura física, elementos decorativos, função, características arquitetônicas e aspectos simbólicos.

Histórico:
A antiga Farmácia São Pedro, cuja denominação remete ao nome do padroeiro do município e do primeiro povoado que se formou na área urbana da 15ª Légua da antiga Colônia Caxias, situa-se no lote urbano número 2 da quadra 43. Foi construída por volta de 1930, por Carlos Mambrini a pedido de Lynceu Falavigna. Sempre pertenceu à Família Falavigna, sendo herdada de Lynceu a seu filho Antônio Mathias (Dr. Antoninho) e este para o filho Lúcio (em usufruto com sua mãe Zelcir Maria Viapiana).
Lynceu foi casado com Líbera Soldatelli Falavigna, com quem teve os filhos médicos José e Antônio Mathias e as filhas Teresinha de Jesus e Ágnes. Todos viveram na casa. Depois do falecimento dos patriarcas a casa permaneceu abrigando a farmácia sob os cuidados da esposa do Dr. Antoninho. Dona Líbera era uma católica fervorosa e muito bondosa com as pessoas, especialmente com pessoas de baixa renda. Quando chegasse uma pessoa carente na farmácia, imediatamente se deslocava ao fogão à lenha que mantinha permanentemente aceso, preparava um brodo com pão e servia na cozinha da casa. Tinha o hábito caridoso de distribuir pão e andar sempre com comprimidos para dores comuns nos bolsos de seus vestidos. Distribuía aqueles que notasse necessidade. Também exercia a função de farmacêutica. Junto ao esposo manipulava os medicamentos e preparava xaropes e medicamentos. O casal passou a exercer o ofício depois que o cunhado, dr. Antonio Giuriolo, casado com Ida Falavigna, retornou para a Itália em 1901. Abaixo do nível da rua, com acesso somente interno por meio de um alçapão e uma escada de madeira, é possível acessar um porão de chão batido. Neste local Líbera costumava guardar suco de uva, compotas e doces de frutas que ela mesma fazia. Baixa temperatura e ausência da luz favoreciam a conservação.
O andar térreo foi construído com o intuito de abrigar a farmácia de Lynceu, que antes da construção da casa, situava-se numa casa alugada, de propriedade de Virgílio Schiavenin (lote urbano n.º 4, quadra 43). Metade deste pavimento era dividido em cinco salas pequenas onde eram produzidos e comercializados os medicamentos. Outra metade dividia-se em cozinha (lado a lado), copa (onde havia uma estante com louças, porcelanas e cristais), sala de refeições e um cômodo onde ficava o fogão, dando acesso ao espaço externo no lado sul da casa, em que ficava o jardim e a horta. Neste andar ainda se preserva um cofre de época com cerca de um metro de altura. Os vidros das portas e janelas foram importados da Itália, sendo que, no andar superior, mesclam-se entre coloridos e incolores. Através de uma escada de madeira, cujo acesso foi interrompido depois que este pavimento foi alugado, é possível acessar o andar superior. Dividia-se em sala de estar (canto da esquina), quarto do casal Lynceu e Líbera, amplo banheiro com dimensões consideráveis para um tempo que não havia sequer o costume de construir banheiros no interior das casas, e equipado com banheira - preservada no sótão da edificação - quarto dos rapazes e quarto das moças, além de uma despensa, situada abaixo da escada de madeira que dá acesso ao sótão. O sótão não possui divisórias. Originalmente servia para depósito. Antes da casa ser alugada para moradia, na década de 1990, Dr. Antoninho e a esposa fizeram a limpeza do local, resguardando somente o que fazia referência às memórias familiares. Em 2024, o espaço é utilizado

pela escola de música. Quando a farmácia passou aos cuidados de Zelcir Maria (Tila) Viapiana, no andar superior ainda havia toda a mobília original da casa. Havia também diversas estátuas em gesso de Santo Antônio, Santa Terezinha, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Nossa Senhora das Graças, Sagrado Coração de Jesus, Imaculado Coração de Maria, Santa Ana, e Maria e do Menino Jesus), todos com cerca de um metro de altura. Além destes, telas em grandes dimensões, pintadas com ouro líquido, retratando Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Santo Antônio, São Francisco de Assis, Nossa Senhora com o menino Jesus no colo dando comida para as pombas que ficava exposta na sala de estar do andar superior, São José e Nossa Senhora com o menino Jesus no colo, que fica no quarto do casal. Na farmácia havia a tela de Nossa Senhora de Lourdes e de outros dois santos, que Dona Líbera mandou pintar uma veste para cobrir os braços. Todas as obras foram adquiridas na Itália e na Suíça. Foram restauradas e são cuidadosamente preservadas por ila. Na década de 1970 a casa foi pintada externamente na cor rosa antigo, anos depois foi pintada de verde. Poderá ter tido outras cores, porque foi pintada inúmeras vezes. Por dentro sempre foi branca. Outra reforma foi realizada em 1994, havendo modificação na parte interna do andar térreo. Na ocasião foram retiradas paredes divisórias em alvenaria e nelas construídos arcos, o que permitiu otimizar e embelezar o espaço. Todo o restante, aberturas, assoalho, piso de ladrilhos hidráulicos, divisórias, lambris de madeira no forro do teto e cobertura de telhas de barro permanecem originais.

Em 2016, devido à concorrência com outras farmácias de grandes redes, a Farmácia São Pedro encerrou suas atividades e no local funcionou até 2023 a Farmácia Maxi Econômica. A parte de cima permaneceu alugada para moradia e escola de música e o cômodo do lado norte para um salão de beleza. Em 2024 a parte térrea está disponível para aluguel.

Documentação iconográfica:



Fachada Farmácia São Pedro 2002. Fonte: Projeto Casas e Ruas

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Norte_ Rua Ernesto Alves



Vista da Esquina Av. 25 de Julho com Rua Ernesto Alves

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Entorno imediato – 13/03/2024



Vista sala térrea



Fachada Fundos



Detalhe rodaforro e arcos em madeira



Cofre



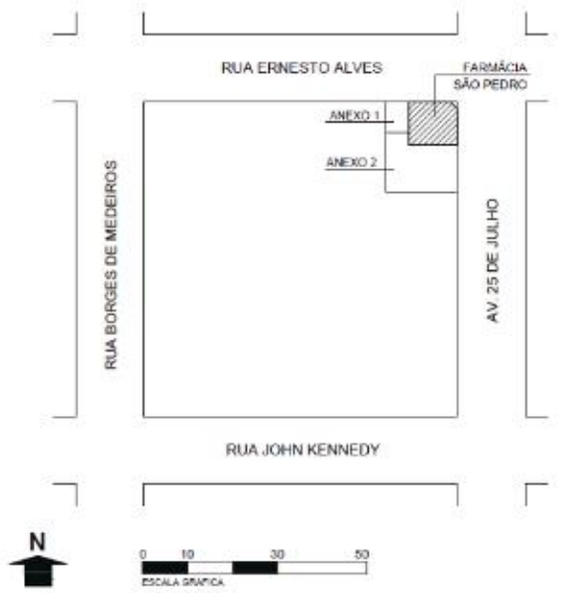
Detalhe ladrilhos e marcação onde estavam as paredes



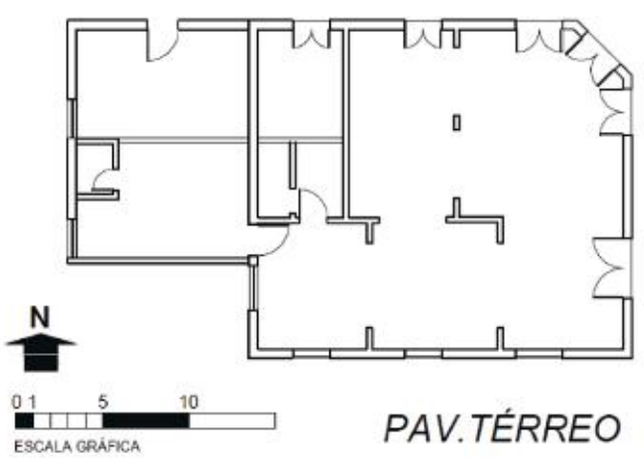
Esquadrias em madeira com trava interna

Análise Arquitetônica:
A construção de dois pavimentos foi implantada no alinhamento do terreno com o passeio público, o volume prismático com base quadrangular é marcado pelo chanfro existente na esquina. Nesta, aparece em destaque um balcão, que apresenta guarda-corpo vazado em tubos de ferro. Os pilares são marcados por uma espécie de estrias, no sentido vertical. O sistema construtivo da edificação é definido por alvenaria de tijolos portantes, rebocadas e pintadas. A estrutura da cobertura apresenta-se em quatro águas e foi executada em madeira com telhas cerâmicas tipo francesa. As esquadrias são em madeira; as janelas com sistema de abrir intercalando vidros coloridos e incolores no andar superior e as portas almofadadas com tampões e vidro liso incolor no andar térreo. As fachadas apresentam elementos art-déco, representada pelo uso do concreto, linhas retas bem marcadas e ornamentação usada de forma pontual. As cores neutras nas fachadas e a simetria também são exemplos de características desse estilo. Internamente, a sala térrea da esquina ainda possui os ladrilhos hidráulicos da época da construção. Esta sofreu alterações na configuração original com aberturas em arco de algumas paredes possibilitando uma amplitude maior no ambiente. Estes arcos receberam acabamento em madeira acompanhando os rodaforros trabalhados que fazem o acabamento com o teto. A edificação, com o passar dos anos e a troca de uso passou por mudanças como fechamento de paredes e da escada que dava acesso do térreo para o pavimento superior e divisórias leves configurando salas menores. Além disto foi construído um anexo junto à parede oeste com um banheiro e uma copa. Na fachada sul também foram ocultadas duas janelas e uma porta que era o acesso ao pátio que hoje encontra-se ocupado por outra edificação (anexo 2).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos:
SOLDATELLI, Dolores Maria. Flores da Cunha, 5 de fevereiro de 2020.
VIAPIANA, Zelcir Maria (Tila). Flores da Cunha, 13 de março de 2024.
Referências Bibliográficas:
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Hospital Fátima: uma história de muitas vidas. Flores da Cunha: Desvendare História e Comunicação, 2022.
Pesquisas não publicadas:
MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.
Projeto Casas e Ruas. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, 2002.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Vivian Schiavenin (arquiteta); Gissely Lovatto Vailatti e Danúbia Ottobelli (historiadoras).	06/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Município: FLORES DA CUNHA

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00011	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Antigo prédio da Escola Municipal de Ensino Fundamental São José – *Collegio delle Suore di San Giuseppe*

Endereço/Localização: Rua Barros Cassal, 803

Proprietário: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha
Uso original e atual: Internato e Escola (desocupado – prédio interditado)
Latitude: -29°02'64.9"S **Longitude**: -51°18'07.0"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Nada consta.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)

1) CULTURAL - 1.1 Referência histórica e 1.3 Valor tradicional ou evocativo: juvenato feminino a partir de 1942, muitas meninas do município residiram nele para poder estudar.
2) MORFOLÓGICA - 2.1. Valor arquitetônico: edifício com 4 pavimentos, no qual se percebem influências do proto-modernismo.
3) FUNCIONAL - 3.2. Potencial de reciclagem: requer intervenção, mas o amplo espaço possibilitaria diversos usos.
4) TÉCNICA - 4.3. Risco de desaparecimento: deterioração do 4° pavimento (forro, divisórias e piso em madeira) e incompatibilidade dos anexos, ampliações e construções posteriores, que acabaram por comprometer a integridade e a visibilidade da edificação.

Histórico:

O antigo prédio da Escola Municipal de Ensino Fundamental São José começou a ser edificado em 1940 para abrigar o juvenato da Congregação das Irmãs de São José. A congregação se estabeleceu em Nova Trento em 3 de outubro de 1901 por solicitação dos Freis Capuchinhos. O pedido à Madre Superiora Provincial da Congregação de São José era para que implantassem uma escola primária acrescida de estudo religioso. Assim, por ordem superior, as Irmãs Clotilde, Carmela, Maria e Odila foram transferidas de Garibaldi para Nova Trento dando início à missão. Inicialmente as irmãs foram alojadas em uma casa de madeira simples, edificada pelos próprios moradores, dando início ao funcionamento do Collegio delle Suore di San Giuseppe. Posteriormente, foi construído um prédio em alvenaria que recebeu a bênção da pedra em 21 de julho de 1914. Nessa pedra foi colocado o nome dos 110 alunos presentes e a ata de cerimônia. O prédio foi finalizado em 1915 e suas obras foram dirigidas por Luiz Mambrini, conhecido como 'Biondo'. Uma parte do prédio de madeira foi mantida e passou a servir de cozinha e refeitório. Nos anos de 1940, com o aumento no número de alunos e prevendo uma educação mais direcionada, a parte de madeira foi demolida e no mesmo local erguido um prédio de alvenaria de três pavimentos, projetado pela Construtora Toigo Ltda, de Caxias do Sul. Em maio de 1942 o prédio foi inaugurado. A missa campal foi celebrada pelo bispo Dom José Barea. O local passou a suprir as necessidades de mais espaço e também para abrigar o juvenato, a instrução escolar e o dormitório das irmãs. Dessa forma, as crianças recebiam a instrução primária e a formação necessária para ingressarem no Juvenato maior das Irmãs de São José, situado em Garibaldi. No ano de 1981, o prédio de dois pavimentos construído em 1914 foi demolido devido ao precário estado de conservação, mantendo-se apenas o juvenato. Em 16 de outubro de 1983, o prédio nas configurações atuais foi inaugurado. Em 1991, a Prefeitura Municipal adquiriu da Sociedade Caritativa Literária São José ambas edificações. O antigo prédio passou a atender as necessidades da escola e da Prefeitura Municipal, sendo suas salas de aula utilizadas para refeitório, reforços escolares, sedes de entidades, aulas de datilografia, balé, etc, além de sede do Núcleo Interdisciplinar de Apoio Educacional (Niae). Em outubro de 2018, devido a problemas na estrutura do piso, parte do prédio foi interditada. Em 2024, apenas o andar térreo está ocupado para servir de refeitório da Escola Municipal São José.

Documentação iconográfica



Década de 1940: primeiro prédio da Escola das Irmãs de São José (demolido em 1981). Disponível em: https://www.facebook.com/ivomaioli/. Acesso em 22/01/2024.



Década de 1950: Avenida 25 de Julho, Igreja Matriz e Escola São José ao fundo. Foto de Rui Boff.



Década de 1970: panorâmica do centro de Flores da Cunha, com destaque para a Escola São José e o Juvenato, vistos de fundos, no canto inferior à direita da foto. Disponível em: https://www.facebook.com/fotosantigasFC/. Acesso 22/01/2024.



Década de 1970: fachada norte (fundos) do primeiro prédio da Escola das Irmãs de São José e o Juvenato. Fonte: não identificada.



Fachada de fundos do primeiro prédio da Escola das Irmãs de São José e o Juvenato. Fonte e ano da foto: não identificados.



Fachada frontal do primeiro prédio da Escola das Irmãs de São José. Fonte e ano da foto: não identificados.



Década de 1970: pátio interno da Escola e Juvenato São José.



Década de 1970: pátio interno da Escola e Juvenato São José.

Levantamento fotográfico atual



Prédio antigo (Juvenato) e prédio novo da Escola São José.



Prédio antigo, fachada sul.



Ampliações e parte da fachada leste do antigo prédio ao fundo.



Fachada norte do antigo Juvenato.



Fachada oeste do antigo Juvenato.



Pátio interno da Escola nova e prédio antigo ao fundo.



Base em pedra basalto.



Circulações e escadarias



Circulações – salas de aula



Sótão (4° pav.) – mau estado.



Portas e piso de madeira.



Janela metálica em arco.



Limpa-botas

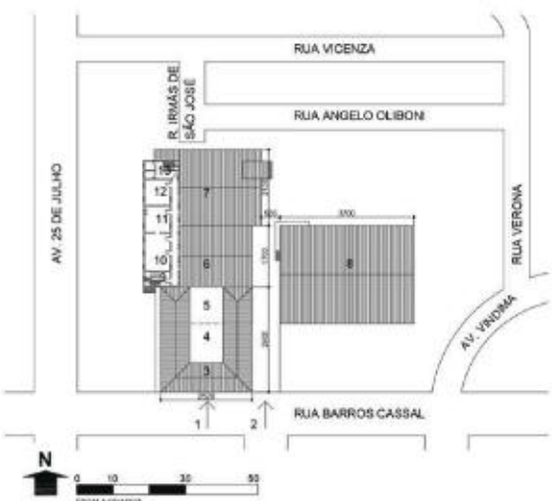


Piso ladrilhos hidráulicos.

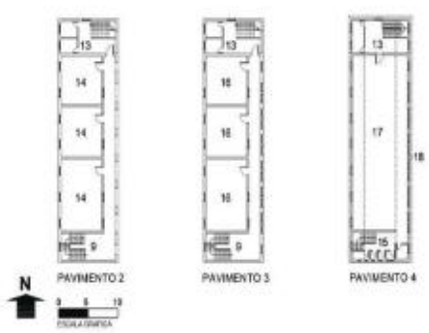
Análise Arquitetônica:

Sua arquitetura revela com clareza a proto-modernidade, evidenciada através da racionalização de formas e ornamentos, sem romper, contudo, com os parâmetros clássicos de um edifício escolar da época, administrado por congregação católica. Construído no início dos anos 1940, o prédio do antigo Juvenato é um prisma retangular único, de quatro pavimentos e foi edificado no sentido perpendicular à antiga Escola São José, que foi demolida nos anos 80. As circulações foram posicionadas junto à fachada leste, voltadas para o pátio interno, favorecendo a aeração e a iluminação natural em boa parte dos ambientes. Nessa fachada existe um nicho central em arco, entre as aberturas do último pavimento, onde supostamente havia uma estátua de São José. De um modo geral, percebe-se uma certa simetria nas fachadas, onde há marcação do ritmo na disposição das janelas, sobretudo nos pavimentos quatro, três e dois. O mesmo movimento harmônico acontece na configuração da galeria que corre ao longo de todo o pavimento térreo, conectando ambas as extremidades da edificação, onde estão localizadas as escadarias. As escadas, por sua vez, articulam as áreas comuns aos corredores dos pavimentos 1, 2 e 3 e destes para as salas de aula. No outro extremo da edificação (anexo) as circulações unem os pavimentos 1, 2, 3 e 4, onde também estão os setores de serviço e os sanitários. Os alicerces do prédio são em pedras de basalto, para acomodar o edifício ao perfil natural do terreno e protegê-lo ao máximo contra a umidade proveniente do solo. As paredes de todos os pavimentos são em alvenaria de tijolos rebocados, sendo que os assoalhos dos entrepisos das salas de aula – exceto o piso dos corredores, cuja laje supostamente é de tijolos armados – são em madeira. Esse mesmo esquema repete-se no assoalho e nas divisórias do sótão (quarto pavimento), permitindo maior espaço livre no sótão. A propósito da cobertura, esta desenvolve-se em duas águas e a telha utilizada é a de barro, do tipo francesa. Em sua grande parte, as esquadrias – portas e janelas – também são de madeira, mesmo que algumas tenham sido substituídas recentemente. Nas áreas de circulação, o piso é revestido com ladrilhos hidráulicos. Por motivos de segurança e falta de acessibilidade, a edificação atualmente está desocupada, sendo sua destinação objeto de profundas discussões na comunidade.

Planta situação atualizada – pavimento 1 (térreo) e cobertura ampliações



Croqui / Plantas baixas – pavimentos 2, 3 e 4



LEGENDA - PLANTAS BAIXAS:

ACESSOS, PRÉ-EXISTÊNCIAS E AMPLIAÇÕES
1. ACESSO DE PEDESTRES À ESCOLA
2. ACESSO DE VEÍCULOS À ESCOLA
3. ESCOLA ATUAL
4. PÁTIO INTERNO (ABERTO)
5. PROJEÇÃO DA PRIMEIRA ESCOLA (DEMOLIDA)
6. PÁTIO COBERTO
7. PRÉDIO NOVO
8. QUADRA DE ESPORTES (COBERTA)

ANTIGO PRÉDIO DA ESCOLA (4 PAVIMENTOS)
9. CIRCULAÇÕES E ESCADARIAS
10. SALA DE APOIO
11. COZINHA
12. REFEITÓRIO
13. ANEXO: CIRCULAÇÕES E ESCADARIAS
14. SALAS DE AULA (DESOCUPADAS)
15. CIRCULAÇÕES E SANITÁRIOS
16. SALAS DE AULA (DESOCUPADAS)
17. SÓTÃO - MAU ESTADO DE CONSERVAÇÃO
18. NICHO (VAZIO) ESTÁTUA SÃO JOSÉ

Fontes:

Referências Bibliográficas

BOSCATTO, Claudino Antônio. *Memórias de um neto de imigrantes italianos - Pioneiros de Nova Trento.* Flores da Cunha: Jornal O Florense, 1994.

VAILATTI, Gissely Lovatto; PALUDO, Lorete Maria Calza; BRUGALI, Vânia Tonietto. *História de um gigante: campanário de Flores da Cunha.* Flores da Cunha: Novo Ciclo Editora, 2022.

Jornais

O Florense. *Escola São José – 100 anos de fundação.* Edição 669, 20 de outubro de 2001.

Fontes primárias:

SOZO, Cecília Gonçalves; BULLA, Gilvana Berton. *Trabalho sobre a história da educação atual da Escola Municipal de Ensino Fundamental São José de Flores da Cunha.* Flores da Cunha, junho de 2001.

Anexos e Informações complementares:
Fotos históricas



Década de 1970: fundos da Escola São José (fachada norte)



Ano 1994: Antigo prédio do Internato e Escola atual, sem o primeiro prédio, que foi demolido em 1981.

Fotos atuais



Quadra de esportes, onde antes havia o pátio e Escola São José ao fundo – fachada leste (Internato).



Vista panorâmica do Complexo da Escola São José e entorno imediato, a partir do campanário da Igreja Matriz N.S. Lourdes: Escola nova na frente e a antiga aos fundos.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	22/01/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Município: FLORES DA CUNHA

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00012	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Antiga Associação Rural

Endereço/Localização: Rua Júlio de Castilhos, 2353.

Proprietário: Elto Veadrigo
Uso original e atual: casa de negócios e residência/ comércio
Latitude: -29,01'39" **Longitude**: -51,10'55"
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3
Bens Móveis:

Há alguns mobiliários remanescentes da antiga residência, acondicionados no segundo pavimento.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)

1) CULTURAL: – 1.4 Referência coletiva: pelo fato de ter abrigado diversos usos ao longo do tempo, dentre os quais a de Sede da Associação Rural, confere à edificação interesse de permanência na memória coletiva dos florenses.
2) MORFOLÓGICA: – 2.1 Valor arquitetônico: a edificação original apresenta tipologia arquitetônica predominantemente residencial, muito comum nos núcleos urbanos de imigração italiana. Além de moradia, essa edificação abrigou diversos estabelecimentos artesanais ou incipientemente industriais, ateliês de serviços profissionais e sede institucional (Associação e Sindicato Rural).
3) FUNCIONAL - 3.2 Potencial de reciclagem: ao longo dos anos, as maiores alterações se deram em função da diversidade de atividades que a edificação abrigou. Observa-se, portanto, a adaptação dos espaços já existentes, a reconfiguração e a redistribuição dos espaços para atender às demandas de uso.
4) TÉCNICA – 4.4 Bom estado de conservação: a permanência de edificações com essa tipologia arquitetônica na malha urbana é reduzida, muito motivada pela ausência de conservação dos materiais, especialmente a madeira, a qual mostra-se mais perecível. Nesse contexto, importa observar um certo interesse na substituição de alguns elementos originais por novos materiais, na tentativa de tornar a edificação compatível com as necessidades de uso contemporâneo.
5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA: 5.4 Elemento referencial: reconhecida a importância da edificação na estética da paisagem, torna-se um marco urbano, um ponto de referência na cidade, ajudando assim a estruturar a sua identidade.

Histórico:

A casa está situada no lote urbano número 1, da quadra 42. Neste terreno, anteriormente, existiu o curtume Mascarello. O imóvel foi construído por Antonio Finco por volta de 1925. A família residia no segundo pavimento e sótão. No térreo funcionou, nos primeiros anos, uma oficina mecânica e, posteriormente, durante a Segunda Guerra Mundial, uma fábrica de foices e gadanhos da marca Formiga. Após, o imóvel passou a pertencer a Genésio Boscatto e Mafalda Viccari Boscatto (neta de Antonio Finco). Nessa época, o térreo abrigava a Ferraria Genésio Boscatto. Após o falecimento deste, em 1954, foi aprovado um projeto assinado pelo arquiteto Bruno Félix Rossi, para construção de um anexo, com o intuito de abrigar a Oficina Vva. Genésio Boscato, que prestava serviço de montagem de pneus e molas. Entre os anos de 1954 e 1976, no térreo da casa existia uma loja de comercialização de produtos agrícolas e coloniais, tais como sal, ração, sulfato, sementes, adubos e fertilizantes, marteletes, foices, além de trabalhos veterinários, realização de vacinas e remédios para animais. Essa loja era mantida pela Associação Rural, entidade fundada em 31 de maio de 1936 e que, em 1975, foi incorporada ao Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Flores da Cunha e Nova Pádua. Mesmo quando a entidade adquiriu um imóvel na esquina das ruas Ernesto Alves com a Frei Eugênio, o atendimento e a loja foram mantidos neste imóvel. Durante os 22 anos o trabalho na loja foi realizado voluntariamente por Mafalda, que foi homenageada, em 1976, como benemérita, pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. No final dos anos de 1960, foi instalado no local o Posto Bordin e Boscatto Cia Ltda, uma sociedade entre Olivo Luiz Bordin e Mafalda Viccari Boscatto. Mafalda residiu no andar superior do imóvel até por volta de 2015, algum tempo antes de seu falecimento. No decorrer dos anos, o andar térreo passou a abrigar inúmeros estabelecimentos comerciais, como borracharia, escritório, serigrafia, depósito de móveis e mecânica. A edificação sofreu alterações na cor e foi feita uma escada e entrada externa na lateral, devido ao aluguel do primeiro pavimento, pois havia duas escadas internas que ligavam um pavimento a outro. Em 2023 o local estava alugado para uma casa de lanches.

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Antiga Associação Rural (década de 2000)



Figura 2 – Antiga Associação Rural (década de 2010)

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Norte – 30/10/2023



Fachada Leste – 30/10/2023

Imagens Complementares (interior):



Comércio (1º pavimento/térreo) – 30-10-23



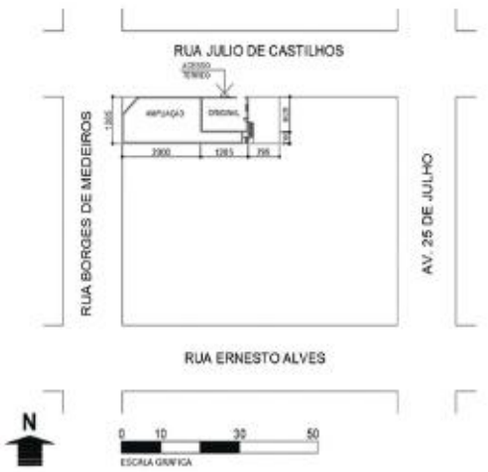
Residência (2º pavimento) – 30/10/23



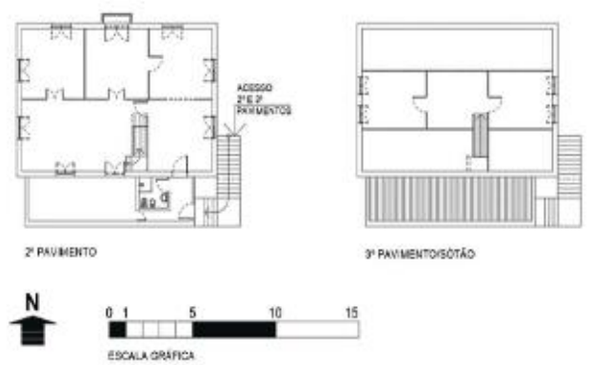
Sótão (3º pavimento) – 30/10/23

Análise Arquitetônica:
A construção foi implantada no alinhamento do terreno com o passeio público, deixando livre o restante do terreno, que anos mais tarde foi ocupado com uma construção de caráter pavilhonar, junto à porção oeste. O sistema construtivo da edificação original é definido por uma estrutura externa de alvenaria de tijolos portantes, rebocadas e pintadas. A necessidade de ter o pavimento térreo livre fez com que as divisórias dos pavimentos superiores fossem de madeira. A planta original apresenta formato retangular, onde se destacam a proporção das medidas e das formas, além da escala harmônica da edificação. As demais adições de volumes ao longo do tempo consistiram na ocupação da porção sul com sanitários e áreas de apoio. A estrutura da cobertura apresenta-se em duas águas e foi executada em madeira com telhas metálicas. As fachadas apresentam uma certa sobriedade e a ausência de elementos decorativos é compensada pela simetria e pelo ritmo das aberturas. Na última reforma, foi suprimido o balcão (sacada e guarda-corpo) existentes no segundo pavimento, mais especificamente na fachada norte, voltada para a Rua Júlio de Castilhos. Também foram modificados os materiais do pavimento térreo – piso, reboco, pinturas, esquadrias, forro e revestimentos. Atualmente, o acesso ao pavimento superior é feito através de escada externa, de alvenaria, localizada no encontro das fachadas leste e sul. Não há ligação interna entre os pavimentos térreo e segundo pavimento. Há apenas uma escada interna que une o segundo pavimento ao sótão.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – 2º e 3º pavimentos



Fontes:

Referências bibliográficas
OTOBELLI, Danúbia. Tempos de luta e de glória: 60 anos do Sindicato dos Trabalhadores Agricultores Familiares de Flores da Cunha e Nova Pádua. Flores da Cunha: Positiva, 2022.

Depoimentos
BOSCATTO, Mafalda Viccari. Flores da Cunha, 25 de setembro de 2001.
MASCARELLO, Dirles Teresa Boscatto. Flores da Cunha, 23 de janeiro de 2020.
BORDIN, Ivo. Flores da Cunha, 4 de agosto de 2021.

Pesquisa não publicada
MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Álide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.
Projeto Casas e Ruas. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, 2002.

Fontes primárias
Projeto Arquitetônico para Oficina da Vva. Genésio Boscato, situada na Rua Júlio de Castilhos, esquina com Venâncio Aires, lote urbano n.º 1, quadra 42 (Planta baixa, fachada, situação, Corte transversal e longitudinal), 31 de março de 1954. Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, Setor de Projetos Arquitetônicos.

Locais pesquisados: Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli; Acervo pessoal Gissely Lovatto Vailatti, Biblioteca pessoal Dangle Júlio Marini e Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	12/01/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00013	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Inspetoria Veterinária

Endereço/Localização: Rua Dr. Montaury, 374, esquina com Rua Borges de Medeiros

Proprietário: Estado do Rio Grande do Sul
Uso original e atual: laboratório/ inspetoria
Latitude: -29°01'49"S **Longitude**: -51°10'56"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: O imóvel representa um espaço de interesse para a comunidade, tendo participado do processo de transformação da cidade e do desenvolvimento econômico com base na produção de uva e vinho, além de ser um ponto de referência de memórias coletivas. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: por suas características peculiares, testemunha o modo de vida e suas relações sociais com a comunidade. **3) FUNCIONAL** - 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana; 3.2 Potencial de reciclagem: A delimitação de sua estrutura é compatível com a estrutura e dinâmica do sistema urbano, com grandes possibilidades de readequações funcionais para os mais diversos fins comerciais. **4) TÉCNICA** - 4.4 Bom estado de conservação: a edificação foi sendo utilizada e adaptada ao longo do tempo e isso garantiu a conservação em vista das manutenções realizadas. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA** - 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: edificação está em harmonia com a diversidade da paisagem e do contexto urbano e se destaca pela estrutura física, função e características arquitetônicas.

Histórico:
O prédio que abriga a Inspetoria Veterinária do município de Flores da Cunha, situa-se no lote urbano n.º1 da quadra 45, no cruzamento entre as ruas Borges de Medeiros e Dr. Montaury. Originalmente, essa área territorial integrou o Travessão Diogo Felício dos Santos, 15ª Légua da antiga Colônia Caxias. Em 1924, por ocasião da emancipação do município, o terreno pertencia a Francisco Carpeggiani. O primeiro projeto arquitetônico de construção do prédio inventariado data de 9 de setembro de 1942 e foi assinado pelo engenheiro civil Ruy H. Bacellar. Um segundo desenho foi elaborado e aprovado em 23 de julho de 1943, sendo assinado pelo projetista e construtor Eduardo Pifal. Na mesma planta, consta a informação "Segalla & Cia" e "João Vial". A construtora Segalla & Cia tinha como responsáveis técnicos os projetistas e construtores João Vial e Frederico Segalla. O início da construção foi determinado em caráter imediato, pelo Dr. Balbino Mascarenhas, titular da Secretaria da Agricultura, em passagem pelo município no final do mês de junho de 1948. O prédio seria construído para abrigar o Laboratório de Enologia do Instituto Riograndense do Vinho, órgão do Governo do Estado. De acordo com publicação posterior, no periódico "A Época", em 1948, de fato a obra estava em execução através da Construtora Segalla & Cia. Na década de 1950, por ocasião do calçamento das ruas centrais, apresentava-se como um prédio moderno e imponente. As atividades do Laboratório de Enologia iniciaram em meados de 1933, quando foi instalado no município o Laboratório Bromatológico, sob tutela da Secretaria da Agricultura do Estado. Sua finalidade era analisar os vinhos produzidos neste município e no de Antônio Prado. O primeiro chefe do laboratório teria sido o engenheiro agrônomo Dr. Mário Fontana, auxiliado pelo analista Pedro Curra e o primeiro chefe do Laboratório de Enologia do Instituto Riograndense do Vinho foi o enólogo italiano Artêmio Turcatto, auxiliado pelos analistas Nilo Fontana e Antônio Monteiro. Em 1951 era diretor Sólon Togo da Porciuncula. Em torno de 1952 o Governo enviou para o município o recém-formado engenheiro agrônomo Dr. Luiz Carlos Pereira dos Santos que, cerca de dois anos depois, assumiu a chefia do laboratório, no lugar de Nilo (sobrenome não identificado), cargo que Luiz Carlos ocupou por 30 anos, até se aposentar. Neste imóvel, em determinada época, foi sediada a chefia regional de laboratórios de enologia localizados em municípios circunvizinhos, como Antônio Prado e São Marcos. O Laboratório de Enologia teve a finalidade de controlar e fiscalizar a produção de uva e vinho no município. Marcou um período da história onde os agricultores começaram a notar no cultivo das videiras e na produção do vinho um importante negócio para a rentabilidade familiar. Durante a safra controlava a filtragem e examinava o vinho (graduação alcoólica, acidez, açúcar), e a quantidade de uva colhida. O trabalho no laboratório exigia que os funcionários lidassem diretamente com ácidos específicos, motivo pelo qual recebiam adicional por insalubridade. Durante a safra eram abertos contratos temporários para fiscalização das cantinas (pesagem, variedades vitícolas), cargos que eram ocupados por estudantes universitários residentes no município. Após a colheita eram elaborados os mapas estatísticos de Flores da Cunha. Cruzando os dados com os exames do vinho era realizado o controle geral uva/vinho de cada safra anual. (continuação nos anexos)

Documentação iconográfica:



1970 - Laboratório de Enologia_ Diretor, funcionários e crianças
Fonte: Luiz Antônio Pereira dos Santos



Inspetoria Veterinária em 2002
Fonte: Projeto Casas e Ruas

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Norte_ Rua Dr. Montaury



Fachada Oeste_ Rua Borges de Medeiros



Fachada Sul_ pátio interno



Fachada Sul

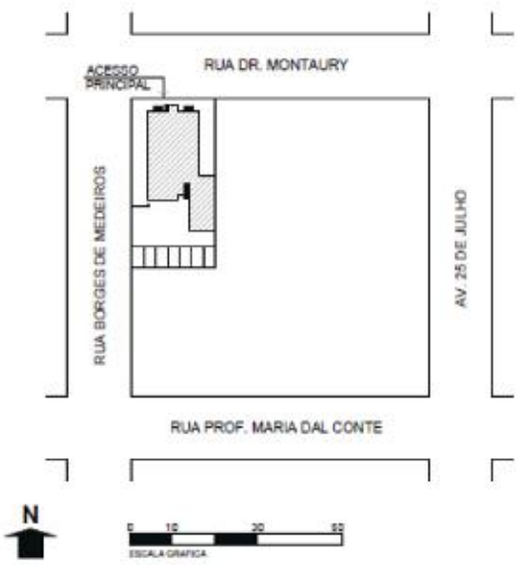
Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Entorno imediato_ Vista esquina Borges de Medeiros com Rua Dr. Montaury

Análise Arquitetônica:
A edificação possui recuos frontal e lateral pavimentados no nível das Ruas Dr. Montaury e Borges de Medeiros, sendo acessado por meio de escada localizada na fachada norte, onde apresenta um avanço da edificação (Ernesto Alves). Este além de demarcar o acesso configura a sacada no pavimento superior. O térreo possui embasamento de pedra, que define o perímetro da edificação. O sistema construtivo da edificação é definido por alvenaria de tijolos portantes, rebocadas e pintadas. As aberturas dão uma certa simetria e unidade à edificação, apresentam uma "gola" em concreto que abraçam as esquadrias de ângulos retos. As janelas do pavimento térreo são do tipo basculante com vidros incolores enquanto que as do pavimento superior apresentam fechamento venezianado, visto que o uso original desta parte da edificação era moradia. A estrutura da cobertura apresenta-se em quatro águas no volume frontal e três águas na parte dos fundos. Ambos possuem estrutura de madeira com telhas metálicas e beirais em madeira. Internamente as paredes divisórias também são de alvenaria rebocadas e pintadas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimento:
SANTOS, Luiz Antonio Pereira dos. Alagoas, 10 de janeiro de 2024. Relato enviado por e-mail.
Referências bibliográficas:
BOSCATTO, Claudino Antonio. Memórias de um neto de imigrantes italianos: pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994.
OLIVEIRA, Evandro Luiz de; CURRA, Lourdes. Heitor Curra - um cidadão florense:vida e obra. Caxias do Sul: Ed. do Maneco, 2006.
Jornais:
A Época. Edição comemorativa do 10º Aniversário da "A Época". Caxias do Sul, outubro de 1948.
A Época. Notícias de Flores da Cunha: Secretaria da Agricultura. Caxias do Sul, 22 de julho de 1948, p.3.
Pesquisas não publicadas:
Projeto Casas e Ruas. Flores da Cunha: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, 2002.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:
HISTÓRICO (CONTINUAÇÃO):
O imóvel é formado por dois pavimentos, havendo seis cômodos no primeiro e oito no segundo andar. Possui 21 janelas e uma escadaria interna. O andar térreo, em sua totalidade, inicialmente, era utilizado pelo laboratório de enologia. Dividia-se em nove salas, um banheiro, local de exames, escritórios, recepção e sala com tanque para lavagem de garrafas. Os exames eram realizados a partir de amostras coletadas nas cantinas e, posteriormente, na coleta direta junto aos caminhões pipa, que eram estacionados na lateral do prédio.
O andar superior, inteiramente reservado para residência do diretor do laboratório e sua família. Este era dividido em três quartos, uma sala, uma pequena cozinha, duas varandas (sendo uma na parte da frente da casa e a outra nos fundos) e um banheiro. Ali viveu por 24 anos Luiz Carlos Pereira dos Santos com sua esposa, Neusa Josefina Borghetti dos Santos, e os filhos Luiz Antônio

Pereira dos Santos e Maria Fernanda Borghetti Santos Rocha. Depois de enviuvar, a mãe de Neusa, Tereza Fontana Borghetti casada com Angelo Borghetti, também residiu na edificação.

Dentre as reformas realizadas, na década de 1970, foi construída uma cozinha maior, uma despensa (no local onde havia a varanda da parte dos fundos da casa) e uma garagem na lateral esquerda do prédio. Na parte dos fundos havia um terreno elevado onde Dr. Luiz Carlos mantinha uma horta. Neste local, atrás do imóvel inventariado, um anexo abriga a sede do Conselho Tutelar. Nessa época, a cobertura que era de telhas passou a ser de zinco; e a cor, que originalmente era amarela clara foi alterada. Atualmente é verde.

Depois da aposentadoria, o Dr. Luiz Carlos e sua família deixaram o imóvel e a chefia do laboratório foi assumida pelo engenheiro agrônomo Juliano Smiderle. No decorrer dos anos, no piso superior da casa, que antes serviu de moradia, foi instalada a Inspetoria Veterinária, órgão do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Divisão Animal da Secretaria de Estado da Agricultura. A função era o controle do número de animais do município, as campanhas de vacinação da febre aftosa, peste suína e raiva canina e controle de doenças zoonóticas. A transferência ocorreu porque a inspetoria veterinária funcionava num imóvel alugado e para redução de gastos o Estado utilizou este espaço, que estava obsoleto, e assim centralizou os serviços estaduais no mesmo local.

Há registros de que no local trabalharam, além dos citados: Loreno Grazia, Joarte Todeschini, José Fante, Beto Gross, Elaine Curra Castellan, Luiz Carlinhos Gross, Luiz Antonio Pereira dos Santos, Oliva Baldissera, Paulo Perreira, Ivanete Cara, Régis Gross, Vera Baldissera, Isabel Aiolfi e Nadir Bordin.

Dentre as histórias ocorridas no local, consta uma visita do Governador Amaral de Souza (entre 1979 e 1983) para cumprimentar pelos trabalhos desenvolvidos pelo Laboratório. Na gestão de vários prefeitos foi cogitada uma parceria entre o município e o Governo do Estado para ocupação comum do prédio e houve também o desejo de incorporar o imóvel ao patrimônio do município. Em 2024 o prédio abriga a Inspetoria Veterinária e pertence ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	25/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00014	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Cooperativa Santo Antônio

Endereço/Localização: Av. 25 de julho, 1080.

Proprietário: Cooperativa Nova Aliança Ltda.
Uso original e atual: fabricação de vinhos e seus derivados. Atualmente passa por um processo de restauro para edificação de um complexo que contemplará hotel, shopping e museu.
Latitude: -29°01'32"S **Longitude**: -51°10'54"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Pipas de madeira e utensílios vinícolas.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: edificação específica para abrigar cooperativa vinícola, fundada com o envolvimento e a participação de dezenas de associados, o que desperta o sentimento de pertencimento e afetividade e ao mesmo tempo é marco representativo no processo de transformação da cidade e ponto de referência no acesso norte da área urbana, bem como representa a coletividade. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: protótipo de edificação administrativa. 2.4 Elemento referencial: características arquitetônicas e localização. **3) FUNCIONAL -** 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.3 Uso tradicional e 3.4 Uso peculiar: A estrutura é compatível com a dinâmica do sistema urbano, passível de readequação funcional, onde existe a pretensão de instalação de um museu/memorial do acervo histórico da Cooperativa Nova Aliança, mantendo a estrutura original do prédio mais antigo do conjunto que havia no local. **4) TÉCNICA -** 4.4 Bom estado de conservação: a edificação foi utilizada ao longo do tempo e isso garantiu a conservação. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades - cenário; 5.4 Elemento referencial: Está em harmonia com a diversidade da paisagem, com o contexto urbano, seja em escala ou tipologia. A antiga estrutura compunha um conjunto de edificações e a atual prevê destaque no novo conjunto que virá a ser formado com a implantação de hotel e centro comercial no entorno.

Histórico:
O imóvel da originalmente denominada Cooperativa Viti-Vinícola Trentina Ltda., cujo nome em letras garrafais ainda pode ser lido em sua fachada, situa-se na chácara n.º 22 do Travessão Rondelli, XV Légua da Antiga Colônia Caxias. À época de sua construção, a localização se dava entre as ruas Dr. Parobé (atual Avenida 25 de Julho) e Venâncio Aires (atual Borges de Medeiros), saída para Antônio Prado. No fim dos anos de 1920, a viticultura gaúcha enfrentava sérios problemas já que havia excedência de parreirais, mas pouca colocação no mercado. Por isso, entre 1928 e 1932, duas correntes tentaram solucionar o problema. De um lado, os pequenos comerciantes de vinhos fundam a Cia Vinícola Riograndense e do outro os viticultores retomam as ideias de associativismo, presente entre os anos de 1911 e 1915, e diversas cooperativas surgem. Uma delas era a Cooperativa Trentina, fundada em 25 de fevereiro de 1932. A arquitetura tinha o "padrão para sua época, seguramente orientada pelo movimento cooperativista" (MOLON, 2009, p.155) e se destacava a volumetria com a cobertura formada por duas chuvas. Heitor Curra, um dos fundadores e guarda-livros da fundação até 25 de fevereiro de 1934, foi o responsável pela organização administrativa do estabelecimento vinícola. Pouco tempo depois de sua fundação, por determinação de legislação federal, teve a denominação alterada para Sociedade Cooperativa Viti-vinícola Trentina Ltda. Em 2 de outubro de 1934, quando o Governo do Estado reconheceu oficialmente as cooperativas-vinícolas uma grande festa, com a presença de três mil pessoas, foi realizada em sua sede. Na ocasião, foi inaugurado o retrato do general José Antônio Flores da Cunha. O governador não chegou a comparecer ao ato, mas esteve representado pelo Dr. Olmiro de Azevedo, subchefe de polícia. Em abril de 1932, a Cooperativa Dr. Octavio Rocha, que mais tarde se juntaria a Trentina, também inaugurou um retrato do general Flores da Cunha. Em 1937, a cooperativa possuía mais duas cantinas de vinificação, uma em Antônio Prado e outra em São Francisco de Paula. Produzia os renomados vinhos 'Sultão', 'Sulgrandino' e a graspa 'Sulista'.
Entre o fim de 1937 e início de 1938, uma forte crise abateu o setor, e a cooperativa foi incorporada a um consórcio de cinco cooperativas. Em 31 de agosto de 1938, a Trentina junta-se à Cooperativa Santo Antônio, de Nova Pádua; a 3 de Outubro, da Linha 60; a Otávio Rocha; e a São João, do Alfredo Chaves. A denominação passa a ser Cooperativa Santo Antônio Ltda. Em 1º de setembro, após a concretização da incorporação, a sede é transferida para Caxias do Sul, nas proximidades da Linha Férrea. A filial situada em Flores da Cunha passou a denominar-se Cooperativa Santo Antônio Posto n.º1 ou, popularmente, filial Trentina. Em 1958, a Cooperativa fez história ao exportar, juntamente com outras, 700 mil litros de vinho tinto para França e Argentina. Em 20 de julho de 1960 foi aprovado o projeto arquitetônico de reforma e ampliação do imóvel assinado pelo projetista e construtor licenciado Raymundo Paviani. (continua nos anexos)

Documentação iconográfica



Cooperativa Trentina anos 1930
Fonte: livro Cooperativas, Floriano Molon



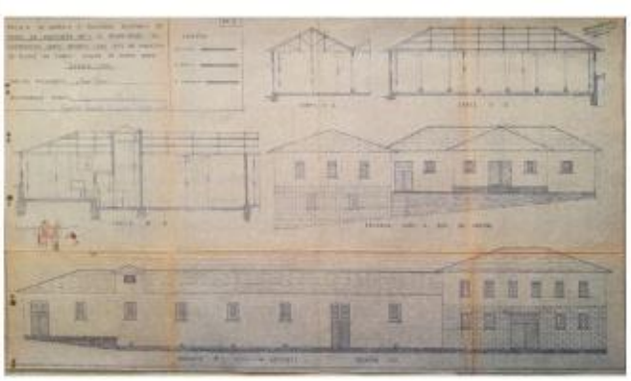
1933 - Associados
Fonte: livro Cooperativas, Floriano Molon



Cooperativa Trentina _reunião associados 1930
Fonte: MAHPR



Coop. Sto. Antônio _ cantina
Fonte: livro Cooperativas, Floriano Molon



1961 – Projeto Aumento e Reforma Coop Santo Antônio
Fonte: MAHPR



1979 – Cooperativa Sto. Antônio
Fonte: Jornal O Vindimeiro 4 8 1979, p.5



1981 – Coop. Santo Antônio
Fonte: Jornal Correio Rio Grandense 8 7 198, p.9



2002 – Coop. Santo Antônio
Fone: Inventário Douglas Coelho

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Leste_ Av. 25 de Julho



Fachada Sul_ vista do canteiro de obras



Fachada Norte



Fachada Oeste_ vista do canteiro de obras

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Arco da fachada Oeste_ visual para rua fundos



Pipas de madeira localizadas na cantina



Vista da fachada Sul_visual para moinho



Escada interna Pav. Superior



Detalhe pilar e vigas_ térreo



Detalhe vigamento do Sótão

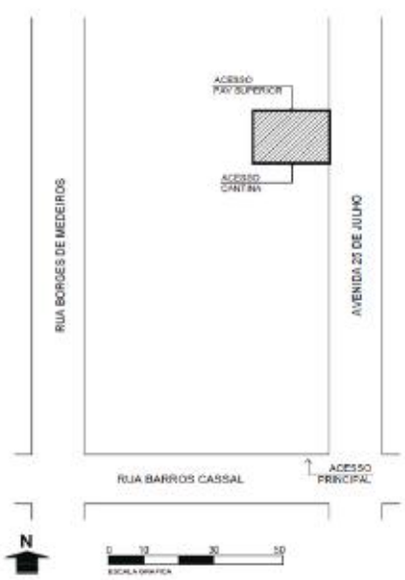


Entorno imediato da edificação_Av. 25 de Julho

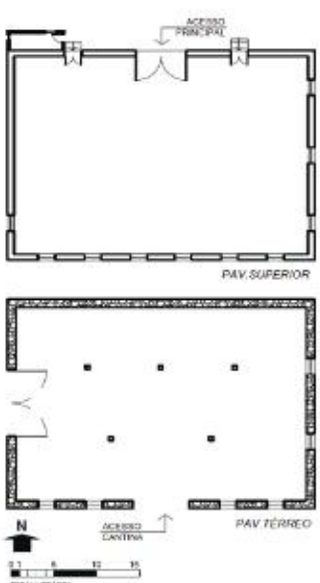
Análise Arquitetônica:

Edificação com dois pavimentos, construída na Avenida 25 de Julho, mais precisamente junto ao acesso norte encontra-se no alinhamento do terreno com o passeio público, deixando livre o restante do lote, que anos mais tarde foi ocupado por uma ampliação da vinícola, no setor sul/ oeste e que atualmente foi demolida para dar lugar ao novo empreendimento que está em fase de execução. Possui pavimento térreo de pedras basalto regular e no pavimento superior alvenaria de tijolos maciços rebocada e madeira nas paredes divisórias interna. A planta original apresenta formato retangular, onde se destacam a proporção das medidas e das formas, além da escala harmônica da edificação. A estrutura da cobertura apresenta-se em quatro águas e foi executada em madeira com telhas metálicas. As fachadas apresentam uma certa sobriedade e a ausência de elementos decorativos é compensada pela simetria e pelo ritmo das aberturas de madeira em verga reta exceto pelo arco pleno que se encontra na parede oeste da cantina (pavimento térreo). Entre os pavimentos apresenta assoalho em madeira com estrutura de barrotes e pilares do mesmo material. Não há ligação interna entre os pavimentos térreo e segundo pavimento. Há apenas uma escada interna que une o segundo pavimento ao sótão.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta Baixa



Fontes:

Fontes primárias:

Projeto de aumento e planta existente do Posto de Vinificação n.º 1 de Propriedade da Cooperativa Vinícola Santo Antônio Ltda. sito na cidade de Flores da Cunha, aprovado em 17 de novembro de 1961. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR.

Projeto de aumento e planta existente do Posto de Vinificação n.º 1 de Propriedade da Cooperativa Vinícola Santo Antônio Ltda. sito na cidade de Flores da Cunha, aprovado em 20 de julho de 1960. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR.

Projeto para um puxado na Cantina Trentina, aprovado em 14 de dezembro de 1943. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR.

Depoimentos:

DALAGNOL, Vitor Avena. Flores da Cunha, 29 de setembro de 2023.

Referências bibliográficas:

MOLON, Floriano. Cooperativas Vinícolas de Flores da Cunha. Porto Alegre: Evangraf, 2009.

OLIVEIRA, Evandro Luiz de; CURRA, Lourdes. Heitor Curra: Um Cidadão Florense, Vida e Obra. Caxias do Sul: Ed. do Maneco, 2006.
Jornais:
BORGES, Assis Ferreira. Indústria e Comércio: Cooperativa Vinícola Santo Antônio Ltda. Jornal O Vindimeiro, 4 de agosto de 1979, p.5.
OTOBELLI, Danúbia. Cooperativa Santo Antônio - Tradição por excelência. Jornal O Florense, 14 de julho de 2006, Suplemento Especial .
PROVIN, Fabiano.Uma nova página na história do cooperativismo.Jornal O Florense, Flores da Cunha, 21 de janeiro de 2011, p.7.
Cooperativa Santo Antônio comemora cinquentenário no próximo dia 12. Jornal Correio Riograndense, 8 de julho de 1981, p.9.
Nova Trento festeja a oficialização das cooperativas. Jornal da Manhã, 6 de outubro de 1934, p.8.
Cooperativa Dr. Octavio Rocha. Jornal A Federação, 7 de junho de 1932, p. 3.
Teses:
DALLE MOLLE, Alceu. Melhorias competitivas baseadas na cooperação: um estudo de caso da Nova Aliança - Cooperativa Vinícola do Rio Grande do Sul. Mestrado profissional em Biotecnologia e Gestão Vitivinícola: UCS, 2014.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Acervo Cooperativa Nova Aliança
Acervo Jornal O Florense
Facebook
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:
HISTÓRICO (continuação)
Na parte térrea, construída especificamente para abrigar a cantina vinícola, havia pipas de madeira e piletas de concreto. Ali era realizado o envelhecimento das bebidas. Paralelamente, no sentido fundos do terreno, aconteceu a ampliação para aumento da área de envelhecimento. Pouco tempo depois, em 17 de novembro de 1961, foi aprovado um novo projeto para ampliação no lado norte da edificação original e fachadas. Na descrição já constava a cobertura com quatro chuvas e o muro de pedra de basalto exposta, com a parte superior rebocada. No andar superior funcionava o escritório. Ao lado do anexo foi aberta uma passagem que permitia que os caminhões, entrando pela Avenida 25 de Julho, fizessem o descarregamento da uva e saíssem na Rua Borges de Medeiros. Em 23 de dezembro de 1967 um incêndio destruiu a sede administrativa da Cooperativa Santo Antônio, localizada em Caxias do Sul. Decidiu-se então, já que a maioria dos cooperados eram de Flores da Cunha e o posto de vinificação ficava no município, pela transferência dos serviços para Flores da Cunha. Todavia, somente em 1975 foi iniciada a construção do novo anexo, ao lado da antiga edificação, cuja inauguração ocorreu efetivamente em julho de 1977, sob a direção de Pedro Rossi. O conjunto construído totalizava nessa época uma área de 7 mil metros quadrados de ocupação. Com o passar do tempo foram sendo construídos outros anexos. Em 1982, para marcar o centenário da fundação da Cooperativa Santo Antônio (com base na data de fundação daquela existente em Nova Pádua) foi elaborada extensa programação festiva com culminância nos dias 11 e 12 de julho de 1981. Além dos já conhecidos vinhos "Redentor", "Sultão" e "Cepa D'Ouro", na ocasião inovaram com o lançamento do vinho "Rodenberg", que era produzido somente em garrafas. Na época, a cantina central (cidade) e os postos de vinificação (Nova Pádua, Travessão Alfredo Chaves e São Paulo) que formavam a Santo Antônio contavam com mais de 170 associados e uma produção anual de cerca de 4 milhões de litros de vinho. A produção era comercializada em quase todos os estados do Brasil, principalmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Pará. O transporte era feito através de carros pipas e barris. Em 2006, quando completou 75 anos, a Cooperativa Santo Antônio recebia 8 milhões de quilos de uva e produzia 6 milhões de litros de vinho por ano. Conta com 198 sócios e era detentora das marcas Redentor, Cepa D'Ouro, Adega Redentor, Sultão e Rodenberg. Em 2010, a Cooperativa Santo Antônio funde-se novamente a outras cooperativas da região - São Pedro (Flores da Cunha), São Victor e Aliança (Caxias do Sul) e Linha Jacinto (Farroupilha) - dando origem a Cooperativa Nova Aliança, com sede no Travessão Lagoa Bela, em Flores da Cunha. A partir de 2022, com a construção do Complexo Nova Aliança, que contemplará hotel, centro comercial, museu da uva e do vinho e restaurante, os anexos construídos junto ao prédio original foram demolidos. Apenas a edificação inicial da Cooperativa Trentina foi preservada, com a finalidade de manter a memória e a identidade do estabelecimento. O imóvel será restaurado e requalificado, com o propósito de abrigar um memorial para exposição do acervo histórico da Cooperativa Nova Aliança. Uma curiosidade é que na parte do terreno aos fundos da edificação, antes de serem construídos os galpões, havia um vale. Então conforme a cidade foi crescendo e surgindo a necessidade de movimentação de terra, essas sobras, tanto por parte da prefeitura quanto de particulares, eram jogadas ali para nivelar o terreno. Foi possível comprovar isso durante a obra de construção do complexo, sendo visível, em setembro de 2023, que boa parte do terreno é composto por rocha basáltica e outras partes por terra menos compactada. Durante o processo de demolição não foi localizado nenhum marco histórico, apenas uma pá dentro de uma pileta de concreto, mas devido ao avançado estado de deterioração, não foi resguardada. Em 2024, o prédio passa por obras de restauro.

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	18/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00015	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Moinho Guarese Ltda.
Endereço/Localização: Avenida 25 de Julho, 1112.
Proprietário: Claudia Gelati Guarese, Denacir Guarese, Rosa Madalena Mascarello Guarese e Tereza Pagno Guarese.
Uso original e atual: Moagem de grãos (milho, trigo e arroz)/ Comércio varejista de artigos e alimentos para animais de estimação e mercadorias em geral.
Latitude: -29°02'59.9"S **Longitude**: -51°18'16.6"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Maquinário de moagem e armazenagem de grãos, especialmente trigo.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3. Valor tradicional ou evocativo: Trata-se de bem patrimonial com inegável valor histórico e afetivo, com relevância cultural para Flores da Cunha. 1.4. Referência coletiva: edificação que sobreviveu ao tempo e hoje é consagrada como referência para a memória dos florenses. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: o edifício e seus maquinários mantêm as características originais, a espacialidade interna e a volumetria externa sem acréscimo ou retirada de elementos estruturais. **3) FUNCIONAL -** 3.2. Potencial de reciclagem: edificação oferece potencial para possíveis projetos de reconversão de uso, desde que compatíveis com o seu valor histórico, condição *sine qua non* para a preservação da essência do prédio. **4) TÉCNICA -** 4.4. Bom estado de conservação: a edificação foi sendo utilizada e adaptada ao longo do tempo e isso garantiu a conservação em vista das manutenções realizadas. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.2. Conjunto de unidades - cenário: presença marcante há mais de 75 anos na paisagem urbana do Município, essa construção industrial atesta o modelo de ocupação do território adotado no núcleo urbano de Flores da Cunha, onde os espaços de trabalho e moradia convivem lado a lado.

Histórico:
O projeto arquitetônico para construção de um prédio para abrigar o moinho da Sociedade Moageira Trentina, situada na Rua Dr. Parobé, chácara 22, foi aprovado em 23 de abril de 1947. Dentre os possíveis sócios-fundadores consta o nome do industrialista Aquilino Felisberto Zatti. A edificação constitui-se de quatro pavimentos em alvenaria, com subsolo e sótão, sendo coberto por telhas, com escadas internas que ligam um pavimento a outro. Em 29 de setembro de 1949, um ofício expedido pela Secretaria Municipal de Administração, solicitando à Companhia Estadual de Armazenamento e Provento (CEAP/POA) a possibilidade de contemplar a Indústria Moageira Trentina com uma quota de trigo, indica a primeira alteração de denominação do estabelecimento, mas mantendo a forma de uso. Os primeiros proprietários foram a família de Giocondo Breda, que anos depois da fundação migrou para o estado do Paraná. Sem precisão de época, relatos afirmam que ocorreu um incêndio no andar superior do moinho. O fogo havia atingido o telhado através de uma tubulação utilizada para milho e trigo. Muitas pessoas se envolveram na tentativa de apagar o fogo, utilizando-se de baldes e latas. O prédio não foi destruído, houveram apenas danos materiais. Em 1953, o prédio foi adquirido por Dalvino Tondo, tendo como sócio Giglieo Antonio Lovera. A Indústria Moageira Trentina foi inaugurada em 1955. Nesse mesmo ano, foi solicitada o fornecimento de força motriz para o moinho e este também fabricou toda a farinha necessária para a produção das hóstias a serem distribuídas no 36º Congresso Eucarístico Internacional. No seguinte foi aprovado projeto para construção do depósito de trigo. Em 1962, a filial de moagem de trigo foi vendida para o moinho Fama, de São Paulo, que produzia farinhas, massas e rações. Em 21 de março de 1966 foi aprovado um projeto arquitetônico para construção em alvenaria para a balança do moinho, cujo alvará comprovatório foi expedido em 28 de março. No dia 3 de abril de 1972 ocorreu a fundação da empresa Moinho de Cereais Mioranzza Ltda., de propriedade dos primos Adão Mioranza e Nelson Mioranza [à época o sobrenome era escrito com dois "z"]. Era formada por 8 ou 9 sócios, entre os quais Rosalino Guarese e seus irmãos e Ireno Tomás Zulian, que por alguns anos exerceu a função de fiscal. De acordo com depoimento de Rosalino Guarese, em 1972, quando adquiriram o imóvel, não havia nenhum maquinário em seu interior. Tudo foi adquirido por eles. No prédio foi feita apenas uma ampliação nos fundos, para depósito. Trabalhavam com milho, arroz e trigo. Os grãos precisavam ser transportados até o sótão através de um sistema de elevadores, pois precisava de caimento para o maquinário funcionar adequadamente. No andar logo abaixo do telhado, havia o estoque de grãos, separados em compartimentos. Inicialmente produziam farinha, mas com o passar dos anos, a concorrência e a necessidade de implementação do maquinário, passaram apenas a revender produtos já industrializados. A denominação Moinho Guarese Ltda (CNPJ 87.842.837/0001-66) consta a partir de 18 de outubro de 2003. Todavia, segundo Rosalino Guarese, somente no final do ano 2022 houve a troca do nome. Atualmente o imóvel e o estabelecimento comercial pertencem aos irmãos Rosalino, Ernesto, Nilto e Rudimar Guarese e estão registrados em nome das esposas Tereza Pagno Guarese, Rosa Madalena Mascarello Guarese, Denacir Guarese e Claudia Gelati Guarese.

Documentação iconográfica



Projeto para o Moinho da Sociedade Moagera Trentina, 1947.



Moinho, Av. 25 de Julho, Igreja e campanário. Data aproximada: década de 1960. Acervo: MAHPR



Década de 1980: o Moinho. Acervo Moinho Guarese.

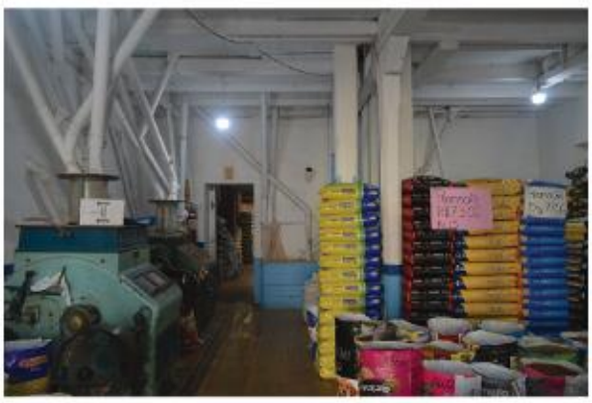
Levantamento fotográfico atual



Elevação frontal (leste) com visual a partir da Av. 25 de Julho.



Vista de fundos das fachadas oeste e sul.



Pavimento térreo, foto interna, onde se vê o maquinário antigo e os artigos que atualmente são comercializados.



Aspecto interno do porão (subsolo) com destaque para as paredes de pedra e o maquinário original preservado.



Visual do segundo andar (terceiro pavimento) e parte do maquinário original.



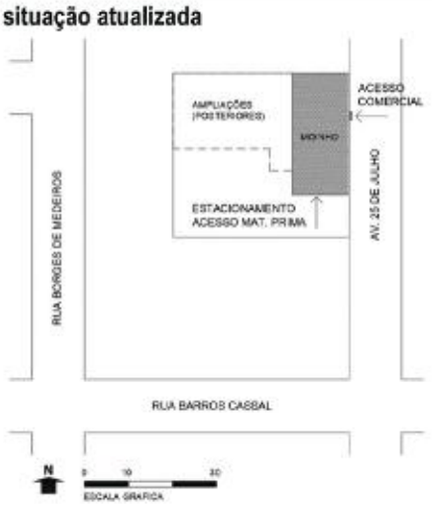
Maquinário original no segundo andar, com destaque para as peças em madeira.



Aspecto do sótão, sob o telhado que se projeta em direção à ala sul da edificação.

Análise Arquitetônica:
Edificação com quatro pavimentos, construída na Avenida 25 de Julho, mais precisamente junto ao acesso norte. Possui bom estado de conservação, tendo sido construída em alvenaria de tijolos maciços e madeira, com estruturas externas, internas e maquinários originais preservados. As fachadas se caracterizam por elementos simples e sem adornos, possuindo aberturas de madeira em verga reta e pilares discretamente dispostos. Na fachada voltada para a Avenida, mais especificamente no pavimento térreo, o qual está localizado em nível topográfico superior em relação ao restante do lote, encontra-se o acesso ao setor de comércio de produtos. Enquanto isso, nos demais andares, organizavam-se as atividades de recebimento de matéria prima, a estocagem de grãos, chaminés e as demais atividades fabris relacionadas ao funcionamento da moagem de grãos. A propósito das fachadas, é oportuno referir que a fachada oeste, voltada para os fundos do lote, não recebeu tratamento de reboco e pintura, permanecendo seu aspecto de tijolos aparentes até os dias de hoje. Outro aspecto que merece relevo é que as plantas dos pavimentos exploram o formato retangular do terreno e buscam linhas mais retas, ambientes tendendo mais ao formato quadrado, sugerindo um melhor funcionamento da linha de produção dentro dos espaços do prédio. Toda a estrutura da cobertura, bem como alguns assoalhos, divisórias, escadas esquadrias, são executados em madeira. A cobertura apresenta múltiplas águas e recebeu, em parte, telhas cerâmicas do tipo francesas e parte foi coberta com zinco. No pavimento subsolo, há uma coluna de tijolos maciços, sobre a qual está apoiada a estrutura de madeira e os barrotes de sustentação dos assoalhos.

Planta situação atualizada



Croqui / Plantas baixas



Fontes primárias
Alvará 06/1966, de 28 de março de 1966, que concede ao Moinho FAMA S.A., licença para construção de um prédio de alvenaria para a localização de uma balança. Avenida 25 de Julho, 112. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, alvarás.

Certificado conferido ao Moinho Mioranzza Ltda como sócio do Centro das Indústrias de Caxias do Sul, 20 de junho de 1973. Flores da Cunha: Moinho Guarese Ltda.

Memorial descritivo Grande Moinho da Sociedade Moageira Trentina Ltda, de propriedade de Benjamin Luiz Biazus. Rua Dr. Parobé, 19 de junho de 1947. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR,memoriais descritivos.

Memorial descritivo da construção de um depósito da Indústria Moageira Trentina Ltda. Rua Dr. Parobé, 14 de março de 1956. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, memoriais descritivos.

Memorial descritivo de uma construção de alvenaria para balança do Moinho FAMA S.A. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, memoriais descritivos.

Projeto arquitetônico Moinho da Sociedade Moageira Trentina Ltda. Rua Dr. Parobé, chácara 22, 23 de abril de 1947 (Planta baixa, fachada, situação, corte transversal e longitudinal). Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, projetos arquitetônicos.

Projeto arquitetônico da Indústria Moageira Trentina Ltda. 21 de março de 1956 (Planta baixa, fachada, situação, corte transversal e longitudinal e sapatas). Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, projetos arquitetônicos.

Projeto arquitetônico da Indústria Moageira Trentina Ltda. Rua Dr. Parobé, 17 de julho de 1955.(Planta baixa, fachada, situação, corte transversal e longitudinal. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, projetos arquitetônicos.

Projeto arquitetônico do Moinho FAMA S.A. Av. 25 de Julho 112, 21 de março de 1966. (Planta baixa, fachada, situação, corte transversal e longitudinal. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, projetos arquitetônicos.

Telegrama 11-2/55 expedido à CEEE/POA, solicitando autorização para fornecimento de força motriz à firma Indústria Moageira Trentina em 25 de janeiro de 1955. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/MAHPR, correspondência expedida.

Jornais
BIGARELLA, Rosalino. Notícias de Flores da Cunha: Indústria Moageira Trentina Ltda. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 28 de maio de 1955.
SARTORI, Werony. Dalvino Tondo: Troféu Caxias 112 - comércio. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 25 e 26 de junho de 1988.

Informações complementares

Locais pesquisados

Acervos pessoais Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil;
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi
Moinho Guarese Ltda

Pesquisas não publicadas

Projeto Casas e Ruas. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Depoimentos

CAVAGNOLLI, Neusa. Flores da Cunha, 9 de janeiro de 2020.
GUARESE, Rosalino. Flores da Cunha, 29 de setembro de 2023.
ZULIAN, Júlio Anacleto. Flores da Cunha, 5 de fevereiro de 2010.

Imagens complementares



Ambiente interno com peças preservadas no segundo andar.



Sala de máquinas e dínamo para moagem.



Parede de tijolos e um dos acessos na fachada oeste.



Pilar de tijolos e ábaco (mísula) - pavimento subsolo.



Compartimentos para grãos, farelos e farinhas.



Escadaria de madeira e os produtos comercializados.



Maquinário alemão preservado.



Compartimentos para grãos, farelos e farinhas.



Chaminé no último pavimento (sótão).

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00016	**Localidade:** Bairro: São Cristóvão – antigo Travessão Esmeralda

Denominação do bem: COOPERATIVA SÃO PEDRO

Endereço/Localização: Rua Luiz Zanandrea, s/n, Bairro: São Cristóvão

Proprietário: Cooperativa Agroindustrial Nova Aliança Ltda
Uso original e atual: fabricação de vinhos/ fabricação de vinhos
Latitude: -29,0546392° **Longitude**: -51,1814403°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Sino de bronze; quadro do General José Antônio Flores da Cunha; Quadros sacros; objetos e utensílios vinícolas



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica: 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: Edificação da década de 1930, uma cooperativa vinícola fundada com o envolvimento e a participação de dezenas de associados, o que desperta o sentimento de pertencimento e afetividade e ao mesmo tempo é marco representativo no processo de transformação da cidade e ponto de referência no acesso norte da área urbana, bem como representa a coletividade. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: 2.2 Referência historiográfica: 2.4 Elemento referencial: O edifício principal possui base, corpo e coroamento e pela sua dimensão função e dimensão se tornou referência histórica e na comunidade. **3) FUNCIONAL** 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.2 Potencial de reciclagem:-3.3 Uso tradicional: A delimitação de sua estrutura é compatível com a estrutura e dinâmica do sistema rural, com possibilidade de readequações funcionais. Nasceu como uma vinícola e permanece até hoje com o mesmo uso. **4) TÉCNICA** 4.4 Bom estado de conservação: Encontra em bom estado de conservação em função do uso contínuo ao longo do tempo e manutenções que conservaram a edificação como um todo **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.4 Elemento referencial: Implantação em harmonia com entorno e em harmonia paisagem e do contexto rural, destacando-se pelo tamanho.

Histórico:
A Cooperativa São Pedro foi construída às margens da antiga estrada para Caxias e sua denominação é uma homenagem ao padroeiro do município. Originalmente o prédio foi construido para abrigar a Cooperativa Agrícola São Pedro Ltda, fundada em 9 de março de 1930, quando teve seus estatutos aprovados. A construção em pedra basalto foi edificada por Biazus (nome não identificado) e a parte em alvenaria pelo pedreiro Anthonio Bortolo Cecconello, responsável por várias edificações no município. Os tijolos foram produzidos numa olaria de Flores da Cunha. A edificação foi concluída em 1932 e contou com a colaboração de todos os associados. O andar térreo abrigava as pipas, o superior o escritório e um salão onde realizavam as reuniões e confraternizações. No sótão antigamente eram realizadas celebrações. Um sino de bronze ainda é resguardado no local. Era usado para anúncio de comunicados e missas. Inicialmente, a cooperativa contava com 56 associados e sua primeira diretoria foi composta pelo presidente João Devenz, pelo diretor comercial Antônio Boff e pelo gerente Guido Boff. Sua denominação foi alterada em 19 de maio de 1934 passando a chamar-se Sociedade Cooperativa Viti-vinícola São Pedro Ltda. Em 1944 sofreu uma nova mudança passando a denominar-se Cooperativa Vinícola São Pedro Ltda. No prédio eram recebidas as uvas dos associados e fabricados os vinhos, os quais eram vendidos em Caxias do Sul e Porto Alegre. A partir de 1936, as vendas chegaram ao mercado do Rio de Janeiro e São Paulo. Com visível crescimento, em 1940 inaugurou uma filial em Nova Pádua e no ano seguinte, no Travessão Sete de Setembro. Em novembro de 1938, o ministro da Agricultura, Fernando Costa, esteve visitando a Cooperativa, sendo recebido por inúmeros associados e por alunos da escola rural São Pedro. Em seu discurso, o ministro destacou a importância do trabalho dos imigrantes italianos e também sobre a monocultura da uva. Nos anos 1950 a cooperativa ocupava uma área de 18 mil metros quadrados. Produzia e engarrafava vinhos tinto e branco, vermutes, compostos, quinados e licores com as populares marcas 'Agricultor' e 'Trentino'. Em 1970 o prédio original foi reformado. Toda a madeira de sustentação do segundo andar foi trocada e os pilares foram refeitos. Em 1974 contava com 7,2 mil metros quadrados de área construída, possuía um quadro social com 135 produtores de uva e uma produção anual de 3,5 milhões de quilos de uva. A renomada marca Trentino representava a produção de vinhos tintos, brancos, vermutes, conhaque, graspa e compostos. A venda era destinada a mercados da Guanabara (RJ), São Paulo e Paraná. O pavilhão à direita foi construído nos anos 1980. Nele funcionou o envase até por volta de 2018. Continua abrigando as pipas de madeira. O pavilhão do lado esquerdo foi construído na década de 1990. É mais moderno e abriga tanques de aço inox. Na parte de cima, um terceiro andar, foi projetado para recebimento da uva, com tombador, um projeto mais moderno. No final desta década foi trocado todo o telhado. CONTINUA NOS ANEXOS

Documentação Iconográfica:



Foto da cooperativa na década de 1930.
Fonte: MAHPR



Foto da cooperativa na década de 1940.
Fonte: Rui Boff (facebook)



Foto da cooperativa na década de 1950.
Fonte: Álbum 75 anos imig. ital - p 328



Foto da cooperativa na década de 1980
Fonte: Jornal Correio Riograndense
26103/1980 p22



Foto da cooperativa na década de 1981
Fonte: Jornal Correio Riograndense
22/04/1981 p04.



Foto da cooperativa 1985
Fonte: Jornal Correio Riograndense
24/07/1985 p20



Foto da cooperativa 1988.
Fonte: Jornal Correio Riograndense
27/07/1988 p18



Foto da cooperativa 1990
Fonte: Jornal Correio Riograndense
07/03/1990 p19

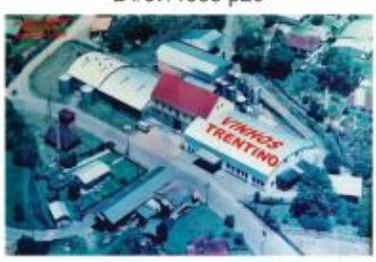


Foto da cooperativa na década de *2002*
Acervo – Desvendare 2023

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada principal– 05/10/2023



Vista geral do complexo– 05/10/2023



Fachada de fundos – 04/09/2023



Vista geral do complexo – 05/10/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista Interna da cantina – 05/10/2023



Vista Interna da cantina – 05/10/2023



Escada – 05/10/2023



Vista Interna 2º pavimento – 05/10/2023



Vista Interna sótão – 05/10/2023



Balcão – 05/10/2023



Det. Arco em tijolos – 05/10/2023



Det. escada acesso ao 2º pav. – 05/10/2023



Det. pedra – 05/10/2023



Caixa de usada no transporte – 05/10/2023



Destilaria construída posterior – 05/10/2023



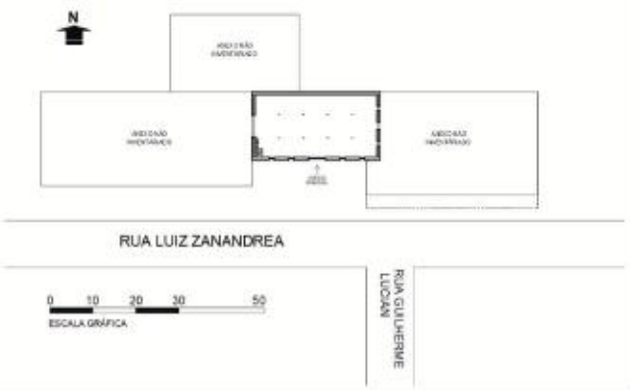
Sino – 05/10/2023

Análise Arquitetônica:

O edifício da Cooperativa é volume único, retangular, simétrico implantado paralelamente a via, com de dois pavimentos e um sótão formado pela inclinação do telhado em duas águas. A base é em pedras de basalto retangulares, assentas com argamassa e rejunte. O pé-direito elevado, o piso de pedras, os pilares e estrutura do entre-piso em madeira. A fachada principal, voltada para a rua, possui na base de pedras um grande portão central e duas janelas em cada lado, já o no pavimento superior, é em alvenaria rebocada, e há uma porta dupla de madeira no centro por onde se acessa um balcão e três janelas com bandeira fixa superior em cada lado. As fachadas laterais, quando da construção, possuíam simetria, com uma abertura no centro da base de pedras, três janelas no pavimento superior e duas janelas oitão do telhado. No pavimento térreo podemos observar as duas fileiras de pilares de madeiras, que sustentam as vigas de estrutura e o piso do pavimento superior, este não possui apoio central, mas uma planta livre, com algumas divisórias de madeira nas extremidades, usadas para as atividades administrativas, hoje este andar funciona como deposito. O forro é reto e em madeira, no térreo a estrutura é toda aparente. A ligação entre os pavimentos acontece por meio de escadas de madeira. O telhado é estruturado em madeira e a cobertura é em telhas cerâmicas, porém estas já foram substituídas por novas telhas também em cerâmicas. A fachada de fundos sofreu várias alterações ao longo dos anos.

Na década de 1950, iniciaram-se a construção dos anexos que não foram objeto deste inventario.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Referências bibliográficas

BERTASO, Henrique D'avila; LIMA, Mário de Almeida (Org.). *Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul: Exposição Agro-industrial 1950.* Porto Alegre: Livraria do Globo, 1950.

BOSCATTO, Claudino Antonio. *Memórias de um neto de imigrantes italianos, pioneiros de Nova Trento.* Flores da Cunha: O Florense, 1994.

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias*/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011

MOLON, Floriano. *Cooperativas Vinícolas de Flores da Cunha.* Porto Alegre: Evangraf, 2009.

OLIVEIRA, Evandro Luiz de; CURRA, Lourdes. *Heitor Curra: um Cidadão Florense, Vida e Obra*. Caxias do Sul: Ed. do Maneco, 2006.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul,* Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Jornais

A visita do Sr. Fernando Costa a Caxias e Flores da Cunha. Jornal do Agricultor, 16 de novembro de 1938, p. 7

Bons resultados na Cooperativa São Pedro. Correio Riograndense, 3 de outubro de 1984.

Cooperativa São Pedro conquista mais mercado com seus vinhos. Jornal Correio Riograndense, 27 de julho de 1988.

Cooperativa Vinícola São Pedro completa 60 anos de fundação/ Trentino é marca dos produtos da Cooperativa/ Quadro social: um patrimônio mantido durante seis décadas. Jornal Correio Riograndense, 7 de março de 1990.

Cooperativa Vinícola São Pedro Ltda. Jornal O Vindimeiro, 8 de junho de 1974.

PROVIN, Fabiano. Uma nova página na história do cooperativismo. Jornal O Florense, Flores da Cunha, 21 de janeiro de 2011, p.7.

Pesquisas não publicadas

Inventário dos bens edificados do Rio Grande do Sul. Prefeitura de Flores da Cunha, 2002.

Fontes primárias

Ofício n.º 14-8/69, de 15 de fevereiro de 1961, destinado a Cooperativa São Pedro e outros, transcrevendo texto de fonograma enviado ao Governador do Estado, ao Secretário das Comunicações e ao diretor da CEEE apelando para o não racionamento de energia elétrica durante o período da safra da uva. Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi. Setor de Correspondência Expedida pela Secretaria Municipal de Administração.

Ofício n.º 9-A/69, de 28 de agosto de 1969, para CEEE/Caxias do Sul, solicitando autorização para instalação de dois bicos de luz entre a Cooperativa São Pedro e a Igreja [de São Cristóvão]. Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi. Setor de Correspondência Expedida pela Secretaria Municipal de Administração.

Depoimento

SERVINSKI, Alex Pacheco. Flores da Cunha, 29 de setembro de 2023.

Publicações on-line

Fotos antigas Flores da Cunha - RS. Disponível em https://www.facebook.com/fotosantigasFC/photos/pb.100069944645108.-2207520000/1718240901794910/?type=3. Acesso em 30 novembro 2023.

Locais pesquisados:

Biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Cooperativa Nova Aliança (Posto de vinificação São Pedro e sede administrativa)
Facebook
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:
CONTINUAÇÃO DO HISTÓRICO:
Em 2002 o prédio estava pintado de amarelo. Neste mesmo ano foi colocado o parapeito da sacada (balaústres). Próximo a edificação em questão, foram realizadas ampliações ao longo do tempo e defronte, no outro lado da rua, encontra-se a estrutura arquitetônica que compreendia a antiga destilaria, desativada nos anos 1990. Toda em tijolos de barro, possuiu uma das últimas três chaminés industriais antigas do municipio, as outras duas encontram-se na empresa Muraro & Cia Ltda e ao lado do restaurante Il Camino (reformada). A destilaria foi construída depois que a Cooperativa vendeu os terrenos que possuía em Caxias do Sul. Na construção central foi colocada a caldeira e a lenha para queima. Na torre ficava o destilador. Vários anéis possibilitaram a produção de álcool, vinho e graspa. Em 2009 iniciaram os trâmites para incorporação ao grupo Nova Aliança Cooperativa Vinícola Ltda. Oficialmente passou a operar de forma unificada (Santo Antônio e São Pedro, de Flores da Cunha, Aliança e São Victor de Caxias do Sul e Linha Jacinto, de Farroupilha) em 1º de janeiro de 2011. Eram 110 famílias associadas e capacidade de armazenamento de 5,5 milhões de litros de vinho. A expressividade da cooperativa para os moradores do seu entorno fez com que, por muitos anos, a localidade fosse conhecida por São Pedro. Apenas em 1949 foi construída a igreja, que foi benta em honra a São Cristóvão. A antiga escola situada nas proximidades, também era denominada inicialmente São Pedro e, no entorno, a oeste da extensão da Avenida 25 de Julho, na saída para Caxias do Sul, formou-se o Bairro São Pedro.

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 24/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00017	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Igreja Matriz de Flores da Cunha/ Nossa Senhora de Lourdes

Endereço/Localização: Av. 25 de julho, 1527.

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Igreja / Igreja
Latitude: -29,0298175° **Longitude**: -51,1810718°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Confessionários de madeira e iconografia de santos.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade: Construção que substituiu a antiga igreja de madeira a partir de 1905. 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: símbolo da religiosidade católica, herança da colonização de imigração italiana. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: Edificação em estilo neogótico. 2.4 Elemento referencial: marco referencial no entorno da Praça da Bandeira e do centro urbano. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada no centro da quadra. 3.3 Uso tradicional: templo religioso desde a origem. **4) TÉCNICA** – 4.4 Bom estado de conservação: o uso original e as manutenções ao longo dos anos conservaram a edificação e suas principais características. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: em conjunto com o campanário de pedra é importante marco referencial que define a centralidade urbana, pelo porte, função, materiais, detalhes arquitetônicos e aspectos simbólicos.

Histórico:
A Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes começou a ser edificada no início do século XX. Antes dela existia uma capela em madeira, dedicada a São Pedro. Em 1903 os Freis Capuchinhos Franceses passaram a administrar o Curato de São Pedro e com eles deu-se início à construção de um novo templo, sob direção do capelão Padre Frei Theophile de Villards-sur-Thônes [Joseph-Edmund Favre, 1884- 1947]. Entusiastas do estilo gótico, os frades buscaram ajuda do arquiteto francês Victor Denarié, de Chambéry. Ele elaborou um projeto completo de uma igreja ogival com contrafortes, feixes de colunetas e grandes janelas. O Frei Robert D' Apprieu dirigiu as obras e adaptou o projeto aos recursos e materiais locais. A pedra fundamental foi benta pelo Padre Theophile em 4 de dezembro de 1904. Sob o pilar do transepto foi enterrada uma garrafa contendo um texto com os dados da construção. A primeira missa foi celebrada pelo sacerdote padre Vitorino de la Ravoire em 8 de dezembro de 1908. Para elevação dos alicerces, em pedra de basalto, foi aberta uma pedreira. A areia necessária para compor a argamassa era extraída nas margens do Rio das Antas e transportada no lombo de mulas até o local da obra. Todos os tijolos da edificação foram produzidos pelo oleiro Primo Francesco Paviani e sua família. Em 1910 foi colocado o telhado e dois anos depois iniciou-se o reboco interno. Os vitrais para as janelas foram trazidos de Paris. O assoalho foi pavimentado com ladrilhos fabricados na Casa de Correção de Porto Alegre. Da Europa chegaram, em 1912, as estátuas do Sagrado Coração de Jesus, Maria Imaculada, São José e São Pedro, assim como as estátuas do presépio. Em 1914 são finalizadas as obras da Igreja Matriz. Dois anos depois, em 25 de fevereiro de 1916, o título da Paróquia foi alterado de São Pedro para Imaculada Conceição de Lourdes. No ano de 1923 foi doado o altar-mor pelas senhores da Paróquia, Anselmo Carpeggiani, Demétrio Molon, Romolo Molon, Lynceo Falavigna, Giovanni Vanelli, Francesco Lunardi, Giovanni Berten, Giuseppina Vaccari, Fortunato Zuppa, Giovanni Bet, Angelo Demoliner, Giovanni Foller, Bernardo Borghetti, Jacó Callegari, Giuseppe Fante, Luigi Facchin, Stacchio Mezzomo, Francesco Sozo, Santo Pradella e Luigi Marcolin. O carpinteiro Antonio Busetto confeccionou o batistério, o púlpito e o altar-mor da igreja, este último inaugurado em 1925. No ano de 1932, foi realizada a pintura do tabernáculo e adquiridas as estátuas de Maria Bambina e Senhor dos Mortos. Foram colocados os lustres e feitas a instalação elétrica da Matriz e do salão paroquial. No ano de 1939 iniciou-se novo trabalho de pintura artística, feito pelo artista italiano Antonio Cremonese, morador de Flores da Cunha e contratado pelo valor de 28.000$00. Em 1942 as pinturas estavam finalizadas. Também foi investido na renovação do reboco, que ficou a cargo de Carlos Mambrini. Em 10 de fevereiro de 1942, a igreja foi solenemente inaugurada pelo bispo Dom Cândido Maria Bampi. No mesmo dia foram encerradas no altar as relíquias de Santo Eutropius, Santus Probus e Santa Blandina. Na década de 1970, o muro de pedra basalto no alinhamento da Av. 25 de Julhos foi retirado para construção de salas comerciais térreas, na esquina com a Rua Jhon Kenedy. A inauguração aconteceu em 22 de fevereiro de 1976, durante a 3ª Festa Nacional da Vindima (continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Antiga igreja de São Pedro (1895)



Figura 2 - Construção da igreja matriz (1905)



Figura 3 - Vista da igreja e da praça da bandeira (1910)



Figura 4 – Interior da igreja (antes de 1942)



Figura 5 – Interior da igreja (1942)



Figura 6 – Vista da igreja (1975)

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 04/09/2023



Fachada Sul – 04/09/2023



Fachada Sul – 04/09/2023



Fachada Norte – 04/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista da Praça da Bandeira – 04/09/2023



Vista presbitério – 04/09/2023



Confessionário – 09/05/2024



Vista da gruta – 09/05/2024

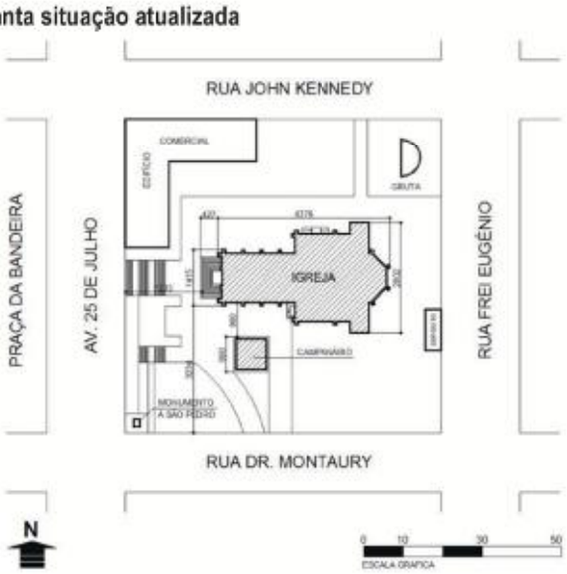


Túmulo do Frei Salvador – 09/05/2024

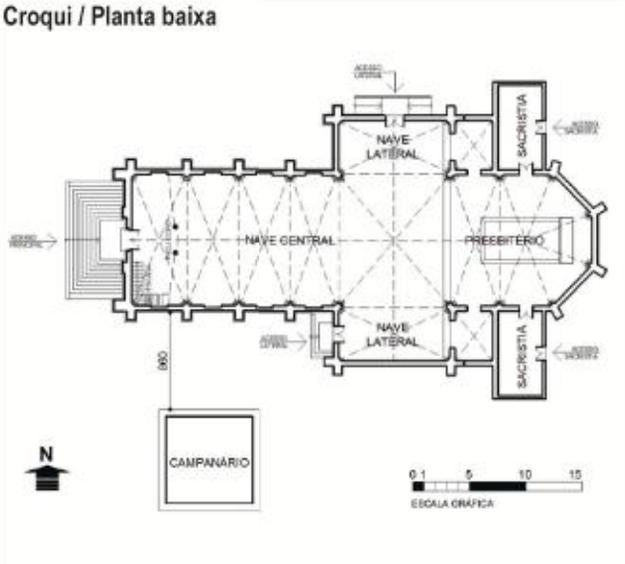
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação religiosa em estilo *neogótico*. Está implantada no centro da quadra. À nordeste está a construção da gruta revestida em pedra com a imagem de Nsa. Sra. de Lourdes, inaugurada em 1929. A sudoeste do edifício está o campanário de pedra basalto, inaugurado em 1949, que substitui a pequena torre sineira que existia na porção sudeste da quadra. O edifício da igreja foi construído sobre embasamento de pedra basalto, com paredes e pilastras em alvenaria de tijolos maciços e telhado de zinco. A volumetria decorre das elevações da planta em cruz latina, conformando nave central, presbitério e transepto. Elevações de menor altura conformam as sacristias, nas laterais do presbitério. A abside possui formato poligonal de três faces. Simetria e verticalidade marcam a fachada principal (oeste) caracterizada pelo frontão triangular encimado por cimalha contendo discretos cogulhos. No eixo central desta fachada estão alinhados verticalmente rosácea, vitrais e o pórtico de acesso. Pináculos coroam as colunas laterais e ladeiam a imagem de Nsa. Sra. da Conceição de Lourdes localizada no topo do frontão. Na base da fachada principal, a escadaria piramidal em pedra basalto conduz ao acesso principal. Nas fachadas laterais, os pórticos de acesso ao transepto não obedecem a simetria de planta e estão alternados para norte e oeste. Frisos horizontais no reboco aparecem tanto na fachada principal como nas fachadas do transepto. Os vitrais em arco ogival e as colunas determinam o ritmo destas fachadas e da abside, salientando a verticalidade do conjunto. No interior, conservam-se originais o coro, o piso em ladrilho hidráulico da nave e transepto, bem como o altar mor de alvenaria. No presbitério, o piso original de ladrilho hidráulico foi substituído por revestimento porcelanato nos anos 2000. O forro em abóbada de aresta, originalmente em tom azul, teve a cor substituída para branco em 2013. Antes da intervenção do artista Antônio Cremonese em 1942, as paredes possuíam detalhes em estêncil de flor-de-lis, gregas e outras ilustrações da temática sacra nas naves laterais (continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

BOSCATTO, Claudino Antonio. Memórias de um neto de Imigrantes Italianos: Pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994.
Livro Tombo Paróquia Nossa Senhora de Lourdes 1912-1974. Flores da Cunha: Secretaria Paroquial.
OTOBELLI, Danúbia. 100 anos da construção da Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 1º de julho de 2005.
VERDI, Larissa. Igreja Matriz reabre sábado após reformas. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 27 de setembro de 2013.
VAILATTI, Gissely Lovatto; PALUDO, Lorete Maria Calza; BRUGALI, Vania Tonietto. História de um gigante: o campanário de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Novo Ciclo Editora, 2022.
ZUGNO, Vanildo Luiz. Capuchinhos franceses e o neogótico no RS - Será que o céu é gótico?. Caxias do Sul: Revista Le Musée, novembro de 2020.

Locais pesquisados:

Biblioteca particular da Desvendare História e Comunicação.
Hemeroteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/ . Acesso 26 Set. 2023.
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.
MusCap – Museu dos Capuchinhos – Caxias do Sul.
Secretaria Paroquial, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha.

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Posteriormente, em 26 de julho de 1988, ocorreu o translado dos restos mortais do Frei Salvador Pinzetta, cujo processo de reconhecimento da santificação tramita junto ao Vaticano, para o interior da igreja, mais precisamente na nave esquerda. Na capela da nave direita (sul) encontrava-se o Memorial de Santo Sudário, inaugurado em 12 de fevereiro de 1999. Este era composto por uma réplica do Santo Sudário, entregue ao município em outubro de 1998. Em 2013 foram realizadas obras de revitalização na igreja. A pintura externa passou de tom azulado para bege-claro, as instalações elétricas e o telhado foram renovados, o altar ampliado e o estatuário foi restaurado pela artista plástica Rosalva Trevisan Rigo. Nesta revitalização, o memorial do Santo Sudário foi realocado para próximo do coro na lateral norte, e na capela que ocupava foi colocada imagem do crucificado. Também nesta reforma, foram alteradas as cores internas para tons de bege, unificando colunas e paredes. O forro recebeu revestimento de gesso e pintura branca, e as arestas da abóboda ressaltadas em tom dourado-envelhecido. A solenidade de conclusão das obras de revitalização ocorreu no dia 28 de setembro de 2013, com missa especial.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)

Da intervenção do artista permanecem ainda algumas das pinturas parietais, como os medalhões das paredes e do forro, mas os murais que ladeavam o altar mor foram suprimidos. Os pilares internos passaram por diversas intervenções de pintura, recebendo tratamento escaiola marmorizado na intervenção do artista em 1942, depois substituída por marmorizado na cor cinza e retornando à cor monocromática das paredes em 2013, como era em sua origem. Com relação ao estado de conservação atual do edifício, são críticas as deformações da estrutura de chumbo nos vitrais. Na base das paredes da abside e da sacristia indicam humidade ascendente na alvenaria.

IMAGENS COMPLEMENTARES(continuação):


(a)


(b)


(c)


(d)


(e)


(f)


(g)


(h)

Legenda imagens:

(a) Vista interna nave central e altar mor – 09/05/2024
(b) Vista interna da nave central e coro – 09/05/2024
(c) Vista interna da abóbada central no transepto – 09/05/2024
(d) Vista interna da abóbada lateral sul no transepto – 09/05/2024
(e) Vista interna da abóbada lateral norte no transepto – 09/05/2024
(f) Vista interna ladrilho hidráulico corredor central da nave – 09/05/2024
(g) Vista do entorno, caminho de acesso à gruta – 09/05/2024
(h) Vista externa da igreja e campanário – 04/09/2024

OUTRAS INFORMAÇÕES:

Um fragmento da base do púlpito original confeccionado por Antônio Buseto está localizado no Museu dos Capuchinhos de Caixas do Sul, fazendo parte deste acervo, conforme site da instituição (Disponível em: https://arteanonima.muscap.org.br/peca/18/fragmento-pulpito-igreja-matriz-nossa-senhora-de-lourdes Acesso em: 01 nov. de 2023);

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 1.5.1.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schineider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	15/05/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00018	**Localidade:** Centro

Denominação do bem: Convento Sagrado Coração de Jesus dos Freis Capuchinhos

Endereço/Localização: Rua Frei Eugenio, 347.

Proprietário: Associação Literária São Boaventura
Uso original e atual: Convento da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos
Latitude: -29°01'47.3"S **Longitude**: -51°10'49.4"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3
Bens Móveis:

Há alguns mobiliários remanescentes Convento antes das reformas ocorridas na década de 1970, dentre os quais o armário da sacristia. Há também estátuas de Santos, com destaque para as imagens do Sagrado Coração de Jesus, São Francisco de Assis, de Nossa Senhora de Lourdes e um quadro da Santa Ceia (refeitório) com inscrições em francês. A Biblioteca também possui exemplares e publicações importantes.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: – 1.1. Referência histórica: A obra foi concluída em 1899 com grande festa, correspondendo às expectativas da população, que queria uma construção sólida, espaçosa e de alvenaria. 1.3. Valor tradicional ou evocativo: simboliza a presença da ordem religiosa da família franciscana em Flores da Cunha. **2) MORFOLÓGICA:** – 2.1. Valor arquitetônico: A planta baixa da edificação deriva da letra grega *Tau*, que simboliza o tempo e a eternidade. Um traço horizontal e o outro vertical, representando o céu e a terra. **3) FUNCIONAL:** 3.2. Potencial de reciclagem: o complexo construído e seu entorno imediato, demonstram a possibilidade de se atender satisfatoriamente a novos programas no futuro, desde que compatíveis com os propósitos franciscanos, mesmo que o suporte físico seja antigo. **4) TÉCNICA:** 4.4. Bom estado de conservação: o uso original e as manutenções ao longo dos anos conservaram a estrutura física da edificação, embora muito das características originais tenham sido alteradas. **5) PAISAGÍSTICA:** 5.1. Compatibilização com a paisagem urbana: o convento beneficia-se de seu caráter de centralidade, sendo que o crescimento da cidade fortaleceu-se a partir de sua localização, juntamente com a igreja e o campanário que estão ali próximos. O todo é harmônico, especialmente pela escala que o edifício apresenta e a forma como se relaciona com as demais edificações do entorno, equilíbrio que é quebrado pela construção mais recente no terreno, a norte.

Histórico:
No mês de maio de 1897, Frei Bruno de Gilonnay [Adrien Charles Prospère, 1859- 1938] e Frei León de Montsapey [Seraphin Pommier 1868-1940], missionários capuchinhos de Sabóia, iniciaram missões religiosas em Nova Trento. As missões foram muito bem-sucedidas. Entusiasmados pelo carisma franciscano a população e o pároco Dom Augusto Finotti solicitaram a abertura de uma casa na cidade para prestarem serviços espirituais. O frei Bruno de Gillonay, superior do Convento Conde D'Eu (atual Garibaldi), aceitou o pedido já que havia a necessidade de diminuir as demandas daquela casa. A edificação do convento foi autorizada em agosto de 1897. Poucos meses depois, em 8 de dezembro de 1897, sob os auspícios da Virgem Imaculada, a primeira pedra da modesta capela, depois convento, foi abençoada. O superior Bruno, acompanhado do vigário de Conde D'Eu, Giovanni Frochetti, chegou a Nova Trento em 2 de dezembro para a bênção da pedra e foi recepcionado com muita festa e música pelos moradores, que estenderam bandeirolas do Brasil e da Itália. Na data da bênção, em procissão, os vigários, juntamente com Dom Finotti e o vigário de Caxias, Padre Nosadini, foram em procissão até o local onde seria edificado o convento. Um palco foi montado e padre Bruno proferiu um grande discurso elogiando a iniciativa de D. Finotti para o local que passaria a dar assistência a toda a comunidade. Após, foi realizado um bingo para angariar fundos para a compra dos sinos para a Igreja. Os trabalhos para construção foram supervisionados por Dom Finotti com auxílio do reverendo padre Casemiro, que adiantaram a celeridade das obras, porém "ficou muito mal feito, por falta de bom material e de pedreiro conhecedor do ofício". A comunidade também se prontificou a colaborar com a construção. Os moradores ofereceram carroças e bois para auxiliar no transporte, ajudaram na preparação dos materiais e com os tijolos. Contam que até mesmo quem era indiferente à construção do convento passou a colaborar com as obras. Em março de 1899 a construção estava concluída e ali foi instalado o noviciado da Missão dos Capuchinhos Franceses no Rio Grande do Sul com o R.G Emmanuel de Chambery, como mestre dos noviços, e Casemiro, como guardião e professor. Os primeiros candidatos oriundos da Escola Seráfica de Garibaldi ingressaram no noviciado de Nova Trento em 4 de outubro de 1901. Por algum tempo, a nova comunidade teve que se hospedar numa casa de madeira na qual fizeram todos os exercícios de vida religiosa até que ficassem prontos o teto e as salas do noviciado. Juntamente com a formação do noviciado, os frades mestres auxiliavam na sede do curato e pregavam missões nas capelas do interior e nas paróquias vizinhas. Continua nos anexos.

Documentação iconográfica



Convento com o acesso e a fachada originais. Anterior a 1905.



Acesso original ao antigo Convento. Anterior a 1905.



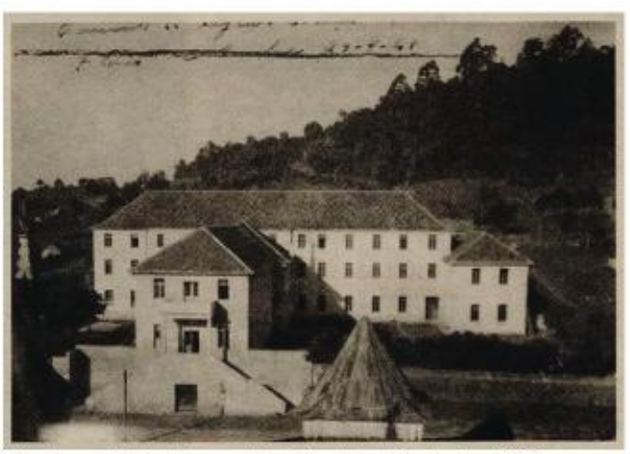
Igreja em construção e o Convento com frontão alterado ao fundo. Ano 1905.



Frei Floriano Skrowonski, Frei Eugênio e o Convento ao fundo Ano 1948.



Convento do Sagrado Coração de Jesus (Nova Trento) atual Flores da Cunha. Este edifício permaneceu até 1945-1946. Destaque para relógio solar. Acervo Muscap.



Visual a partir do Campanário. Final da década de 1940.



Convento antes grande reforma ocorrida na década de 1970.



Convento, década de 1970 – acervo MAHPR.

Levantamento fotográfico atual


Vista aérea do Convento a partir do campanário.


Fachada frontal oeste para a Rua Frei Eugenio.


Fachada lateral Sul.


Fachada lateral Norte.


Fachada fundos Leste.


Visual da igreja a partir da sacada do Convento


Acesso ao porão


Acesso sul ao porão.


Vestígios de escaiola nas paredes do refeitório.


Santa Ceia, em francês.


Biblioteca


Circulação dormitórios


Circulação atendimento




Fragmentos de ladrilhos.

Análise Arquitetônica:

Edificação cuja planta baixa e volumetria se configuram em formato de *Tau*, símbolo franciscano que recorda o tempo e a eternidade. Atualmente possui 3 (três) pavimentos, mas originalmente eram 4 (quatro), sendo que o último andar foi suprimido por ocasião das últimas reformas e o ponto do telhado foi rebaixado. Observa-se também que a obra sofreu outras adaptações ao longo do tempo, como por exemplo o prolongamento da ala oeste, até atingir o alinhamento com a Rua Frei Eugênio. No tempo, partes das paredes da antiga Capela do Convento e a cobertura foram rebaixadas e o espaço foi transformado em garagem para veículos. Ainda hoje, há fragmentos de pavimentação com ladrilhos hidráulicos da antiga capela neste espaço. A partir da reforma da década de 1970, a fachada frontal passou a contar com escadarias de acesso e linhas mais sóbrias. Apesar da simplicidade e do despojamento de elementos decorativos, a simetria do conjunto ainda é enfatizada, sobretudo pelo ritmo das aberturas, cujas vergas originalmente eram em arco abatido e hoje são retas. Há uma clara distinção no tratamento da base, executada em pedras de basalto e do corpo do edifício, que é constituída por tijolos rebocados. Em seu entorno, o terreno oferece espaço para o pomar, o poço d'água e a horta. Internamente, o terceiro pavimento é reservado para os dormitórios e a biblioteca, que são setores cujo acesso é mais limitado. Já o segundo pavimento é destinado às áreas sociais, aos espaços de oração e convívio, bem como às atividades de apoio – Capela, salas de atendimento, estar, reuniões, cozinha, refeitório, lavanderia, rouparia, depósito e garagem. Merece relevo também os vestígios de escaiola nas paredes do refeitório. O primeiro pavimento é constituído por dois espaços distintos – o porão/cantina e um espaço locado - e não possuem ligação entre si e com os demais pavimentos da edificação. Há duas escadas de ligação internas entre o segundo e o terceiro pavimentos, sendo que apenas uma dessas escadas atingia o quarto pavimento, que hoje não existe mais.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes:

Referências Bibliográficas

COLODA, Antônio; COLODA, Valentim; COLODA, Santos; SALVADOR, Alexandre. *Frei Salvador Pinzetta: sou o que sou diante de Deus*. Porto Alegre: EST, 2005.

COSTA, Rovilio. *Os capuchinhos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST Edições, 1996.

PAVIANI, Raymundo. *De pedreiro a prefeito*. Flores da Cunha: Século Novo, 2003.

VAILATTI, Gissely Lovatto; PALUDO, Lorete Maria Calza; BRUGALI, Vania Tonietto. *História de um gigante: o campanário de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: Novo Ciclo Editora, 2022.

Jornais

Da Nuova Trento. Jornal Il Colono Italiano, 1º de janeiro de 1898, p. 4

Flores da Cunha viverá centenário das missões. Jornal Correio Riograndense, 16 de outubro de 1996, p. 53

Notas de viagem. Jornal Correio Riograndense, 31 de outubro de 1951, p. 3

Os capuchinhos da Saboia no Rio Grande do Sul. Acesso em 11 de janeiro de 2024. Disponível em https://www.capuchinhosrs.org.br/caprs/institucional/historia-1

Os missionários. Jornal Correio Riograndense, 25 de dezembro de 1960, p.1

PROVIN, Fabiano. *Empreendedores apostam em reação da economia*. Jornal O Florense, 23 de outubro de 2009, p. 6

VERONESE, Frei Dionísio. *O convento dos frades*. Jornal O Florense, 11 de janeiro de 1991, p. 2.

Fontes primárias:

Cálculos de Concreto Armado – *Convento Sagrado Coração de Jesus – Flores da Cunha* – 04 plantas e Memorial Descritivo. Acervo Museu dos Capuchinhos - MUSCAP.

Levantamento Planimétrico – Flores da Cunha – 1989. Acervo Museu dos Capuchinhos - MUSCAP.

Levantamento planimétrico – Flores da Cunha – 06/1989. Acervo Museu dos Capuchinhos - MUSCAP.

Mapa localização – 06/1993 – Flores da Cunha. Acervo Museu dos Capuchinhos - MUSCAP.

Planta cadastral – Levantamento aerofotogramétrico – Flores da Cunha – 06/1989. Acervo Museu dos Capuchinhos - MUSCAP.

Planta/Projeto Flores da Cunha (?) – Topógrafo: Índio e Estrásulas – Desenho: Robinson – Data: 16/11/1987. Acervo Museu dos Capuchinhos - MUSCAP.

Projeto para o convento Sagrado Coração de Jesus – Flores da Cunha – 1944/1945. Acervo Museu dos Capuchinhos – MUSCAP.

Locais pesquisados:
Biblioteca particular da Desvendare História e Comunicação.
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.
MusCap – Museu dos Capuchinhos – Caxias do Sul.
Secretaria Paroquial, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha.

Anexos e Informações complementares:
Em 1900, padre Finotti regressou à Itália e o padre Ângelo Donato assumiu a administração do curato. Os Capuchinhos continuaram como auxiliares até 1903, quando receberam a permissão para assumir o curato e foram incumbidos de construir a Igreja Matriz. Em 1924, quando frei Bruno retornou à França e Nova Trento se emancipou de Caxias, o noviciado contava com 4 noviços e 16 jovens religiosos cursavam filosofia ou teologia. O mestre era frei Exuperie de La Compôte, autor da "Missa Imaculada". Entre os anos de 1944 a 1945, o prédio passou por reformas. Um prédio menor, que ostentava um relógio do sol, foi demolido, em 1945. Registros no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes apontam que em abril de 1943, o altar mor da capela do Convento seria oferecido pelo Clero Diocesano, sendo que o vigário contribuiria com Cr$ 200,00 e o coadjuntor com Cr$ 100,00. No mesmo registro consta que ainda faltavam diversos objetos para a capela e o altar e que estes poderiam ser doados pelas associações religiosas. Em 1951, cursavam o noviciado 14 noviços clérigos, 8 noviços leigos e 4 postulantes. Depois de 57 anos, em 3 de março de 1958, o noviciado para os clérigos foi transferido para Garibaldi e, em Flores da Cunha, foi criado o noviciado para não clérigos. Enquanto foi sede do noviciado, inúmeros freis realizaram sua formação no Convento Sagrado Coração de Jesus e também proferiram votos religiosos em sua capela. Entre o mais emblemático está o Venerável Frei Salvador, que em 1944 foi transferido para o Convento e passou toda a sua vida ali, até seu falecimento em 31 de maio de 1972. Como irmão leigo Frei Salvador realizava trabalhos de catequese e cuidava da horta, da cozinha e da lavanderia. A horta era um dos seus lugares favoritos, onde cultivava alface, cenouras, radici, tomates e outras verduras. Em 1960, o Convento serviu de abrigo para os missionários da Imagem de Nossa Senhora de Fátima, vinda de Portugal e que há anos percorria o país. Os missionários passaram alguns dias em retiro no local. Em 28 de janeiro de 1965, com um grupo de 26 noviços, o convento voltou a exercer a função de casa noviciado para clérigos e irmãos. Em 1971, a Assembleia Legislativa forneceu um auxílio de Cr$ 440,00 para o Convento, por meio do decreto nº 2.980, de 30 de julho de 1970, que fornecia auxílios a entidades. Em 29 de novembro do mesmo ano foi dado início à reforma do Convento, sob responsabilidade do construtor Raymundo Paviani. A reforma foi financiada com as economias da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e incluía novas instalações. O prédio foi rebaixado de três para dois andares. As instalações elétrica e hidráulica foram refeitas e o espaço foi redistribuído, sendo que três cômodos da parte da frente foram cedidos à Paróquia, cabendo à mesma a instalação do mobiliário e colocação de cortinas. A partir de então, a Paróquia passou a ter uma secretária que executava simultaneamente as atividades paroquiais e o andamento das atividades no convento. Durante o período das obras, 25 seminaristas estudaram no local. O convento foi reinaugurado na Festa de São Francisco de Assis, em 4 de outubro de 1972, com missa na Matriz, bênção das novas instalações e almoço de confraternização. Logo que encerrou esta reforma, teve início a reforma da Igreja Matriz. A partir de 1973, o noviciado passou a ser realizado no convento da Ordem em Marau. Por alguns anos das décadas de 1990 e 2010 o convento em Flores da Cunha recebeu seminaristas. Os freis que residem no Convento Sagrado Coração de Jesus dedicam seu tempo às tarefas paroquiais e também no próprio convento, celebram missas, visitam os enfermos, orientam os grupos, fazem a manutenção do prédio e da horta. Em maio de 2008 a Equipe de Empreendimentos da Província dos Freis Capuchinhos – administradora dos bens dos religiosos, entre os quais da Associação Literária São Boa Ventura, idealizou a construção de 18 salas comerciais para alocação no terreno ao lado do convento, na esquina entre as Ruas Frei Eugênio e John Kennedy. O empreendimento foi concluído no final do ano de de 2009 e passou a alocar comércio e serviços públicos. Noutro terreno, atrás deste, passou a funcionar um estacionamento.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	19/01/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00019	**Localidade:** Comunidade de São Victor e Corona – Distrito Mato Perso

Denominação do bem: CASA LUIZ LOVISON

Endereço/Localização: Lote rural nº 9, Travessão Entre Rios

Proprietário: Luiz Lovison
Uso original e atual: residência / depósito
Latitude: -29,0768981° **Longitude**: -51,3565317°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3 Valor tradicional ou evocativo: Imóvel antigo, referência de memória dos descendência e da comunidade. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: Edificação da década de 1920, exemplar da arquitetura produzida pelos imigrantes. **3) FUNCIONAL**- 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.2 Potencial de reciclagem: Compatível com a estrutura e dinâmica do sistema rural, poderia ser readequada para uso. **4) TÉCNICA -** 4.4 Bom estado de conservação: Em bom estado de conservação. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana: Implantação em harmonia com o entorno rural.

Histórico:
A Casa de Luiz Lovison está situada no lote rural nº 9 do Travessão Entre Rios, no Novo Território da antiga Colônia Caxias. A ocupação do lote ocorreu em 1893 por Girolamo Sartori. Posteriormente foi adquirida pela família Lovison. Acredita-se que a casa tenha sido construída por volta de 1920 por Angelo Lovison, imigrante italiano, que chegou ao Brasil com cinco anos. Casou-se com a também imigrante italiana Elisa Corso. O casal teve oito filhos. A casa foi construída com a madeira de pinheiros extraídos na propriedade e transportados por mulas. Os tijolos de sua estrutura teriam sido fabricados na Olaria Guidini, localizada na comunidade de São José, em Farroupilha. É assentada também sobre rochas de basalto roxo, as quais foram extraídas da propriedade, onde é comum encontrá-las. Existia um escrito com a data de sua construção em uma das paredes, mas a data não aparece mais e a família não recorda o ano. No lado sul da casa ficava o 'larin', que posteriormente foi desmanchado. Um novo espaço para cozinha foi construído nos anos de 1950, agora já com fogão, na face norte. Por volta dos anos 2000, devido a estrutura precária, essa cozinha foi desmanchada - esse espaço era interligado a casa por uma porta ainda existente. A cobertura sempre foi de telhas. No início da década de 1940, após a mudança de Angelo Lovison para Santa Catarina – posteriormente retornou a residir em Mato Perso -, a casa foi vendida para José Lovison, conhecido como Bepin. José era filho de Domingos (Micollo) Luvison, irmão de Angelo. Quando se mudou para a casa, José já estava casado com Lúcia Balbinot e já tinham os filhos Terezinha, Luiza e Domingos Lovison. Os demais filhos Rosina, Libera, Maria, Ermelinda e Luiz Lovison nasceram na propriedade. Residiram também na casa, até seus casamentos, duas irmãs de José, Carolina e Erminia. No porão da residência, José fabricava vinho para consumo próprio – em 2024, Luiz também utiliza o espaço para elaborar a bebida, inclusive realizou algumas modificações em um dos muros para esse propósito. No primeiro andar ficavam os quartos (três) e uma sala, além do anexo da cozinha. No sótão, acessado por meio de uma escada, ficavam mais dois quartos. Um dos quartos do primeiro andar (o central) serviu durante muitos anos como "quarto dos padres". Quando estes visitavam a comunidade de São Vitor e Corona para celebração das missas era nesse cômodo que pernoitavam. A energia elétrica era precária e provinha da Sociedade da Usina, situada onde atualmente se encontra a Central Geradora Hidrelétrica Dona Maria Piana, localizada sobre o Rio Caxias (Tega), na divisa entre os distritos de Otávio Rocha e Mato Perso. Já o abastecimento de água era oriundo de uma fonte na propriedade. A casa sempre foi pintada em tons vermelhos e internamente num azul-esverdeado. Por volta de 1965, em virtude do casamento de Domingos Lovison com Dejanira Reolon Lovison, a casa foi pintada pela última vez. A festa de casamento de Domingos foi realizada no porão e na área externa da propriedade, onde foram colocadas algumas lonas. Inicialmente a casa não possuía banheiro e uma casinha externa nas proximidades era utilizada para esse fim. Em 1994, devido a enfermidade de José, um banheiro, em alvenaria, foi anexado a casa em sua parte leste. Nos anos 2000, Luiz Lovison, casado desde 1985 com Vilma Inês Grando Lovison, construiu uma nova residência em alvenaria e a família se muda da antiga casa paterna. Desde então, a casa passa a ser utilizada apenas como depósito. Em 2024 era essa a sua utilidade.

Documentação Iconográfica:



Vista da propriedade – 1987 – Acervo: Usina arquitetônica



Quadro da propriedade – anos 90 – Acervo: Desvendare



Casa Lovison - 2011 –
Fonte: Luis José Arsego livro Mato Perso p. 381



Casa Lovison - 2011 –
Fonte: Luis José Arsego livro Mato Perso p. 381

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada lateral – 14/03/2024



Fachada acesso – 14/03/2024



Fachada Sudeste – 14/03/2024



Fachada Sul – 14/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Acesso a casa – 14/03/2024



Porão – *14/03/2024*



Det. pedra porão – *14/03/2024*



Poço de água no porão – *14/03/2024*



Esquadrias porão - 14/03/2024



Esquadria - *14/03/2024*



Tampões janelas - *14/03/2024*



Oratório interno - *14/03/2024*



Sótão *14/03/2024*

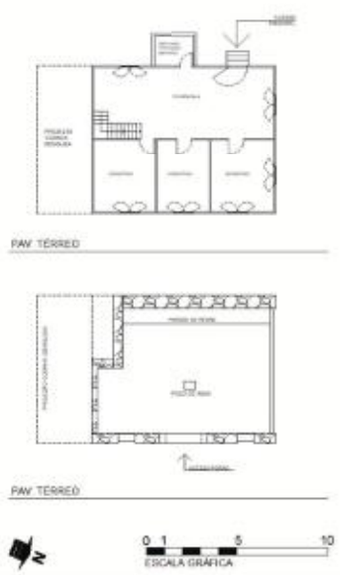
Análise Arquitetônica:

Aproveitando a topografia e as visuais do terreno, a casa foi implantação em um volume único, com base em pedras e tijolos cerâmicos, corpo em madeira e cobertura em duas águas com telhas cerâmicas. O porão como é parcialmente enterrado, possui a base, em contato com a terra, em pedras de basalto cinza e vermelho e o restante em tijolos cerâmicos rebocados. O acesso ao porão é centralizado, por uma porta e para completar a simetria uma janela em cada lado. O pavimento térreo, em madeira, é destinado a moradia da família e é acessado por uma porta de madeira através de uma escada de pedra com dois degraus. Internamente as divisórias do pavimento também são em madeira simples, bem como o piso e o entrepiso. O sótão era destinado a função de dormitório e é acessado por uma escada interna em madeira. A estrutura do telhado é em madeira e sobre este, telhas cerâmicas. O piso do porão originalmente era de terra, hoje é de concreto, já o do pavimento residencial é em madeira, apoiado em barrotes e estes nas paredes externas do porão e na viga mestre, disposta longitudinal a casa. As janelas do pavimento residencial e do sótão são do tipo guilhotinas, com tampões internos e dispostas de forma simétricas nas fachadas. A cozinha da casa originalmente ficava em um volume anexo, que foi demolido e posteriormente reconstruída em outra fachada, mas com a construção da nova casa da família também foi demolida. Um banheiro em alvenaria de tijolos rebocada, foi construída para facilitar a visa da família, pois a casa originalmente não possuía banheiro.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
LOVISON, Luiz. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
LOVISON, Vilma Inês Grando. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.

Referências bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias*/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições: 2002. 2ª Ed.
POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul,* Porto Alegre, EST/EDUC,1983.
VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886|2012: Mato Perso, uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Acervo familiar Luiz Lovison e Dirceu Rosa Cazarotto
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Cadastro Nacional de Falecidos

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 26/04/2024.

SETOR 02

MATO PERSO

- CASA LUIZ LOVISON
- CASA ANGELO JOÃO GASPARETTO
- CASA FELIPE CONTE
- CASA RENATO LOVATEL
- CASA FAMÍLIA MARCHET
- CASA ITACIR SANTA CATARINA
- CASA LEOCIR LOVATEL
- CAPELA E CAMPANÁRIO SANTA JULIANA



SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00019	**Localidade:** Comunidade de São Victor e Corona – Distrito Mato Perso

Denominação do bem: CASA LUIZ LOVISON

Endereço/Localização: Lote rural nº 9, Travessão Entre Rios

Proprietário: Luiz Lovison
Uso original e atual: residência / depósito
Latitude: -29,0768981° **Longitude**: -51,3565317°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3 Valor tradicional ou evocativo: Imóvel antigo, referência de memória dos descendência e da comunidade. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: Edificação da década de 1920, exemplar da arquitetura produzida pelos imigrantes. **3) FUNCIONAL**- 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.2 Potencial de reciclagem: Compatível com a estrutura e dinâmica do sistema rural, poderia ser readequada para uso. **4) TÉCNICA -** 4.4 Bom estado de conservação: Em bom estado de conservação. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; Implantação em harmonia com o entorno rural.

Histórico:
A Casa de Luiz Lovison está situada no lote rural nº 9 do Travessão Entre Rios, no Novo Território da antiga Colônia Caxias. A ocupação do lote ocorreu em 1893 por Girolamo Sartori. Posteriormente foi adquirida pela família Lovison. Acredita-se que a casa tenha sido construída por volta de 1920 por Angelo Lovison, imigrante italiano, que chegou ao Brasil com cinco anos. Casou-se com a também imigrante italiana Elisa Corso. O casal teve oito filhos. A casa foi construída com a madeira de pinheiros extraídos na propriedade e transportados por mulas. Os tijolos de sua estrutura teriam sido fabricados na Olaria Guidini, localizada na comunidade de São José, em Farroupilha. É assentada também sobre rochas de basalto roxo, as quais foram extraídas da propriedade, onde é comum encontrá-las. Existia um escrito com a data de sua construção em uma das paredes, mas a data não aparece mais e a família não recorda o ano. No lado sul da casa ficava o 'larin', que posteriormente foi desmanchado. Um novo espaço para cozinha foi construído nos anos de 1950, agora já com fogão, na face norte. Por volta dos anos 2000, devido a estrutura precária, essa cozinha foi desmanchada - esse espaço era interligado a casa por uma porta ainda existente. A cobertura sempre foi de telhas. No início da década de 1940, após a mudança de Angelo Lovison para Santa Catarina – posteriormente retornou a residir em Mato Perso -, a casa foi vendida para José Lovison, conhecido como Bepin. José era filho de Domingos (Micollo) Luvison, irmão de Angelo. Quando se mudou para a casa, José já estava casado com Lúcia Balbinot e já tinham os filhos Terezinha, Luiza e Domingos Lovison. Os demais filhos Rosina, Libera, Maria, Ermelinda e Luiz Lovison nasceram na propriedade. Residiram também na casa, até seus casamentos, duas irmãs de José, Carolina e Ermínia. No porão da residência, José fabricava vinho para consumo próprio – em 2024, Luiz também utiliza o espaço para elaborar a bebida, inclusive realizou algumas modificações em um dos muros para esse propósito. No primeiro andar ficavam os quartos (três) e uma sala, além do anexo da cozinha. No sótão, acessado por meio de uma escada, ficavam mais dois quartos. Um dos quartos do primeiro andar (o central) serviu durante muitos anos como "quarto dos padres". Quando estes visitavam a comunidade de São Vitor e Corona para celebração das missas era nesse cômodo que pernoitavam. A energia elétrica era precária e provinha da Sociedade da Usina, situada onde atualmente se encontra a Central Geradora Hidrelétrica Dona Maria Piana, localizada sobre o Rio Caxias (Tega), na divisa entre os distritos de Otávio Rocha e Mato Perso. Já o abastecimento de água era oriundo de uma fonte na propriedade. A casa sempre foi pintada em tons vermelhos e internamente num azul-esverdeado. Por volta de 1965, em virtude do casamento de Domingos Lovison com Dejanira Reolon Lovison, a casa foi pintada pela última vez. A festa de casamento de Domingos foi realizada no porão e na área externa da propriedade, onde foram colocadas algumas lonas. Inicialmente a casa não possuía banheiro e uma casinha externa nas proximidades era utilizada para esse fim. Em 1994, devido a enfermidade de José, um banheiro, em alvenaria, foi anexado a casa em sua parte leste. Nos anos 2000, Luiz Lovison, casado desde 1985 com Vilma Inês Grando Lovison, construiu uma nova residência em alvenaria e a família se muda da antiga casa paterna. Desde então, a casa passa a ser utilizada apenas como depósito. Em 2024 era essa a sua utilidade.

Documentação Iconográfica:



Vista da propriedade – 1987 – Acervo: Usina arquitetônica



Quadro da propriedade – anos 90 – Acervo: Desvendare



Casa Lovison - 2011 –
Fonte: Luis José Arsego livro Mato Perso p. 381



Casa Lovison - 2011 –
Fonte: Luis José Arsego livro Mato Perso p. 381

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada lateral – 14/03/2024



Fachada acesso – 14/03/2024



Fachada Sudeste – 14/03/2024



Fachada Sul – 14/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Acesso a casa – 14/03/2024



Porão – *14/03/2024*



Det. pedra porão – *14/03/2024*



Poço de água no porão – *14/03/2024*



Esquadrias porão - 14/03/2024



Esquadria - *14/03/2024*



Tampões janelas - *14/03/2024*



Oratório interno - *14/03/2024*



Sótão *14/03/2024*

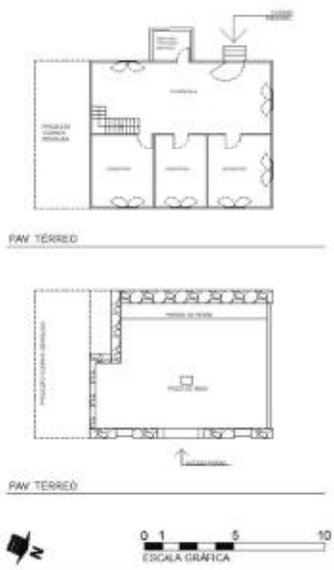
Análise Arquitetônica:

Aproveitando a topografia e as visuais do terreno, a casa foi implantação em um volume único, com base em pedras e tijolos cerâmicos, corpo em madeira e cobertura em duas águas com telhas cerâmicas. O porão como é parcialmente enterrado, possui a base, em contato com a terra, em pedras de basalto cinza e vermelho e o restante em tijolos cerâmicos rebocados. O acesso ao porão é centralizado, por uma porta e para completar a simetria uma janela em cada lado. O pavimento térreo, em madeira, é destinado a moradia da família e é acessado por uma porta de madeira através de uma escada de pedra com dois degraus. Internamente as divisórias do pavimento também são em madeira simples, bem como o piso e o entrepiso. O sótão era destinado a função de dormitório e é acessado por uma escada interna em madeira. A estrutura do telhado é em madeira e sobre este, telhas cerâmicas. O piso do porão originalmente era de terra, hoje é de concreto, já o do pavimento residencial é em madeira, apoiado em barrotes e estes nas paredes externas do porão e na viga mestre, disposta longitudinal a casa. As janelas do pavimento residencial e do sótão são do tipo guilhotinas, com tampões internos e dispostas de forma simétricas nas fachadas. A cozinha da casa originalmente ficava em um volume anexo, que foi demolido e posteriormente reconstruída em outra fachada, mas com a construção da nova casa da família também foi demolida. Um banheiro em alvenaria de tijolos rebocada, foi construída para facilitar a visa da família, pois a casa originalmente não possuía banheiro.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
LOVISON, Luiz. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
LOVISON, Vilma Inês Grando. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.

Referências bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias*/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições: 2002. 2ª Ed.
POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.
VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886|2012: Mato Perso, uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Acervo familiar Luiz Lovison e Dirceu Rosa Cazarotto
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Cadastro Nacional de Falecidos

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 26/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00020	**Localidade:** Comunidade de São Victor e Corona - Distrito de Mato Perso

Denominação do bem: CASA FAMILIA JOÃO ANGELO GASPARETO

Endereço/Localização: Comunidade São Victor e Corona

Proprietário: Ermes Gasparetto e Maria Isabel (Márcia) Gaio Gasparetto
Uso original e atual: Residência/depósito
Latitude: -29,0786454° **Longitude**: -51,3493322°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Pinturas nas paredes internas e objetos antigos de uso doméstico



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3 Valor tradicional ou evocativo: Residência que possui em seu interior várias pinturas nas paredes realizadas pelo pintor Ribas em 1942. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: Residência iniciada na década de 1930 e que possui características da arquitetura da imigração italiana na região. **3) FUNCIONAL** - 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.2 Potencial de reciclagem:-Implantada em um lote rural e que é compatível com a estrutura e dinâmica do sistema rural, e que ainda possui possibilidade de reciclagem readequações funcionais. **4) TÉCNICA -** 4.4 Bom estado de conservação: Edifício em bom estado de conservação em função do uso contínuo ao longo do tempo e manutenções que conservaram a edificação como um todo. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; Implantação topográfica, em harmonia com entorno rural em harmonia com a diversidade da paisagem e do contexto rural.

Histórico:
A casa de João Angelo Gasparetto situa-se no lote rural n.º 3 do Travessão Entre Rios, na comunidade de São Victor e Corona, Mato Perso - 4º distrito de Flores da Cunha. A propriedade foi adquirida pelo imigrante italiano Giovanni Biazus, em 1896. Posteriormente parte dela foi adquirida por Vitorio Gasparetto e parte por Angelo Ballen. Em 1935 pertence à Vitório Gasparetto e Giacomo Gasparetto e filhos e, por volta de 1962, João Angelo Gasparetto era proprietário de mais da metade do lote. A construção foi iniciada na década de 1930 e concluída por volta de 1942, pouco antes do falecimento de Vitório Gasparetto (1899-1942), casado com Tranquila Cambruzzi. Na casa viveram com os filhos: Giardelino Luiz, Gomercindo João, Cecília Aurora, Deonilda, Graciosa, Assunta, Ernesto, Realdo Abramo, Joana Clélia, Maria, Tarcísia, João Ângelo, Máximo (faleceu criança) e Máximo Gasparetto. O construtor chefe foi o vizinho de sobrenome Garbim. Os materiais construtivos, pedra de basalto e madeira, foram extraídos da propriedade, onde também possuíam uma pedreira. Antes a família tinha uma outra casa de dormir e cozinha com fogo de chão, que ficava no local onde foi construído o chiqueiro, cerca de 15 metros distante desta.A casa foi construída para abrigar a cantina e os dormitórios. Na parte térrea, produziam vinho e vinagre para o consumo e conservavam alguns alimentos como queijo e salame. No andar superior dividia-se em duas partes: uma sala ampla e bastante utilizada para festas e encontros familiares e três quartos. O sótão era dividido em dormitórios. Não havia banheiro. A energia elétrica era fornecida pela usina situada sobre o Rio Tega. A água era encanada, mas não havia vertentes na propriedade, por isso precisaram comprar uma fonte das terras da família Pan, que na época pertencia aos Garbim. As paredes internas, em madeira, possuem ilustrações pintadas manualmente por Riba ou Ribas, que residia em Caxias do Sul (RS). Ele teria pintado também a imagem de São Roque que existia na antiga capela de São Victor e Corona, imagens na casa de Luiz Maccari (comunidade Santa Juliana) e na casa de Augusto Lovison (comunidade São Victor e Corona), e outra casa no distrito de Otávio Rocha (uma pintura está em exposição no Museu Padre Alberto Lamonatto). São compostas por motivos sacros, cotidianos e lugares. De acordo com pesquisa realizada pela professora Marlene Pan, Ribas era analfabeto e o que escrevia em suas obras era com o auxílio daqueles que solicitavam seus trabalhos. Ele mesmo fazia a mistura das tintas para obtenção das cores. Esteve em Mato Perso especialmente para fazer as pinturas destas edificações. Numa reforma foram alteradas algumas aberturas e divisões internas, tendo sido utilizadas madeiras com ilustrações no procedimento, por isso nem todas as imagens originais podem ser visualizadas por completo. Por volta de 1963, por ocasião da festa de casamento de João Angelo com Maria Deon, a casa foi reformada. Ganhou novas divisórias e cozinha interna, mas manteve a cor vermelha da pintura externa. A cobertura, que até então era de "scándole" (pequenas tabuinhas rachadas) no formato de quatro águas, passou a ser com telhas de barro, no formato duas águas. João Angelo e Maria tiveram os filhos Paulo João, Ermes e Norberto Gasparetto. A família residiu na casa até 1988, quando construiu uma nova moradia pouco distante desta, de frente para a nova estrada que havia sido aberta na comunidade. Em 2024 a casa pertence ao casal Ermes Gasparetto e a esposa Maria Isabel (Márcia) Gaio Gasparetto, pais de Carla e Renata Gaio Gasparetto, em usufruto com Maria Deon Gasparetto. O imóvel está desocupado, servindo apenas como depósito.

Documentação Iconográfica:



Família de Vitório Gasparetto e Tranquila Cambruzzi – por volta de 1945
Foto: José Conte; Acervo pessoal Felipe Conte



Tranquila C. Gasparetto e filhas–1955
Foto: José Conte; Acervo Felipe Conte



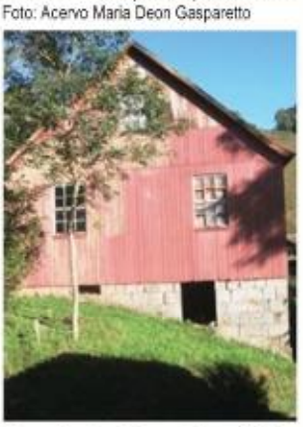
Fam.Vitório e Tranquila Gasparetto – 1950
Foto: Acervo Maria Deon Gasparetto



Casa Família Gasparetto – 2011 – Livro Mato Perso
Foto: Luis José Arsego



Casa Família Gasparetto – 2011 – Livro Mato Perso
Foto: Luis José Arsego



Casa Família Gasparetto – 2011 – Livro Mato Perso
Foto: Luis José Arsego



Pintura interna – 2011
Foto: Gissely Lovatto Vailatti



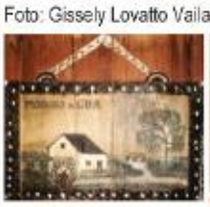
Pintura interna – 2011
Foto: Gissely Lovatto Vailatti



Pintura interna – 2011
Foto: Gissely Lovatto Vailatti



Pintura interna – 2011
Foto: Gissely Lovatto Vailatti



Pintura interna – 2011
Foto: Gissely L. Vailatti



Pintura interna – 2011
Foto: Gissely Lovatto Vailatti



Pintura interna – 2011
Foto: Gissely Lovatto Vailatti



Pintura interna – 2011
Foto: Gissely Lovatto Vailatti

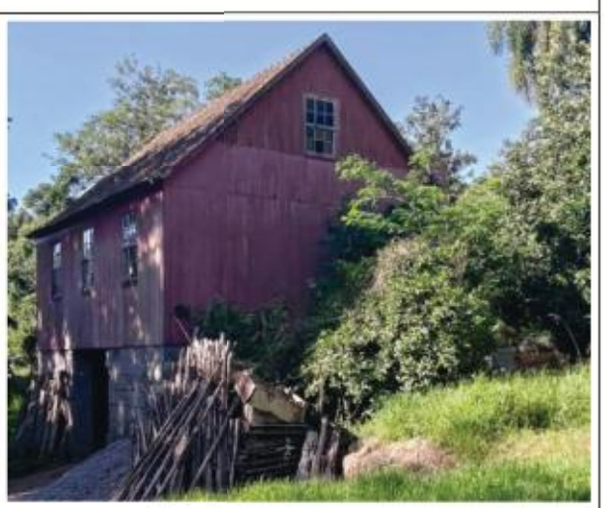


Pintura interna – 2011
Foto: Gissely Lovatto Vailatti

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada frente – 14/03/2024



Fachada lateral – 14/03/2024



Fachada acesso – 14/03/2024



Fachada antiga cozinha – 14/03/2024



Vista interna porão – 14/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Porão – 14/03/2024



Vista interna da sala – 14/03/2024



Vista interna cozinha – 14/03/2024



Vista sótão – 14/03/2024



Janela – 14/03/2024



Porta acesso – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



Pintura interna – 14/03/2024



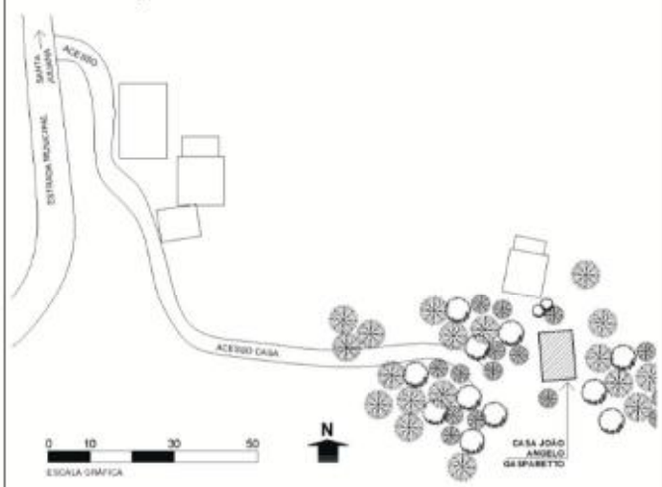
Pintura interna – 14/03/2024

Análise Arquitetônica:

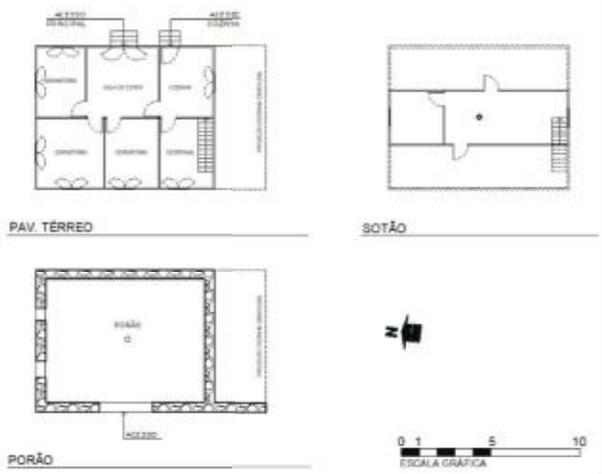
A casa da familia Gasparetto é um volume único que aproveita a topografia e a vista do lote rural na sua implantação. Segue o modelo tradicional das casas construídas na época com base em pedras, corpo em madeira e cobertura em duas águas com telhas cerâmicas. O porão do edifício era usado para a fabricação do vinho, e para ajudar a encontrar as condições ideais o mesmo foi construído parcialmente enterrado e em pedras de basalto regulares e talhada, com algumas janelas sem fechamento que permitem a ventilação e umidade permanente do ambiente. O acesso ao porão acontece por uma porta de no centro da parede totalmente aparente do porão, posterior ao acesso da casa. O piso do porão é em chão batido e um pilar de madeira recebe a estrutura do pavimento superior. A pavimento superior, destina-se a moradia da família e é totalmente de madeira serrada. As paredes internas também são em madeira além do piso e forro. A cozinha, originalmente, ficava em volume anexo, na fachada a esquerda do acesso, com um telhado mais baixo, em uma água, porém este foi demolido e a cozinha foi incorporada em um dos ambientes do volume principal. O sótão, usado como dormitório, é acessado por uma escada interna em madeira, fica sob o telhado, tem o pé-direito reduzido e cobertura de duas águas com telhas de barro, originalmente, o telhado era em quadro águas e com cobertura de em scandole, mas uma reforma fez estas alterações. As esquadrias são do tipo guilhotinas, com tampões internos e dispostas de forma simétricas nas fachadas. A porta de acesso a casa é dupla e embandeirada. Internamente

todos os ambientes possuem pinturas paretais de "quadros" com temas variados, dentre eles paisagem, flores e imagens religiosas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos

GASPARETTO, João Angelo. Flores da Cunha, 16 de junho de 2011.

GASPARETTO, Maria Isabel (Márcia) Gaio. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.

Referência bibliográfica

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias/* texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011.

VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886-2012: Mato Perso, uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul,* Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 26/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00021	**Localidade:** Comunidade de Santa Juliana, - Distrito de Mato Perso

Denominação do bem: CASA FAMILIA FELIPE CONTE

Endereço/Localização: Lote rural nº 3, Travessão Quatro de Setembro

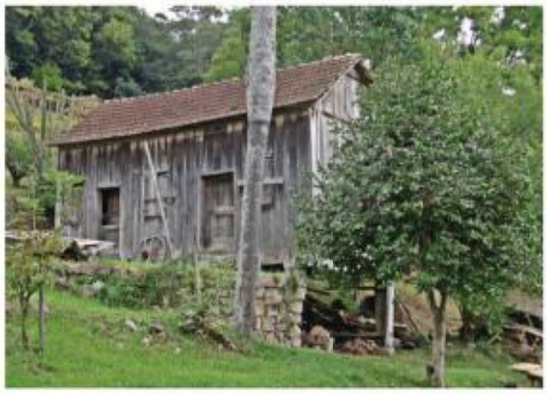
Proprietário: Marcos Roberto Conte
Uso original e atual: cozinha / depósito.
Latitude: -29,0820293° **Longitude**: -51,3356687°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: A edificação da casa de comer é década de 1920, e é memória coletiva de numerosa descendência familiar e foi local de residência de um dos mais importantes fotógrafos que atuou na região entre as décadas de 1910 e 1940. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: Edificação com características da produzida pela imigração italiana e que não são mais produzidas atualmente
3) FUNCIONAL - 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.2 Potencial de reciclagem: 3.4 Uso peculiar: Casa no meio de uma propriedade rural, que originalmente era utilizada como cozinha/casa de comer, e apesar das condições ainda pode ser restaurada e revitalizada, ganhar novo uso.**4) TÉCNICA -** 4.3 Risco de desaparecimento: Risco de desaparecimento pois encontra-se em processo avançado de degradação, necessita de intervenções imediatas.

Histórico: A casa da Família de Felipe Conte está situada no lote nº 3, do Travessão Quatro de Setembro, Novo Território da antiga Colônia Caxias. As terras foram ocupadas por Giusto (Augusto) Conte, imigrante italiano que chegou ao Brasil em 1890 e cujo título definitivo da propriedade adquiriu em 1894. Era casado com Rosa Coronet com quem teve os filhos Luisa, Maria, Virgilio, José, Giovanni, Pedro, Victor e Virginia Conte. O filho José Conte, nascido em 19 de março de 1890, permaneceu residindo na propriedade. Foi ele quem edificou a casa em madeira, que servia apenas como cozinha, por volta de 1928. A casa de comer, como costumavam chamar, foi erguida sobre alicerces de pedra e era usada no preparo das refeições. Foi edificada com tábuas de pinheiros extraídos da propriedade. Possuía o fogão e uma pia (cechér). Contava com quatro divisórias internas, além de um sótão para armazenamento dos mantimentos. Este sótão era acessado por meio de uma escada vertical. Com o passar dos anos, algumas dessas divisórias internas caíram, sendo que em 2024 existiam apenas duas. A cobertura acredita-se que sempre tenha sido de telhas e janelas com tampões, chamados escuros. Ao lado dessa edificação, estava a casa de dormir, também construída em madeira e com três pavimentos, além do sótão. Devido a um incidente, essa casa acabou pegando fogo em 2002, pouco tempo depois da família ter se mudado para uma construção em alvenaria. O incêndio destruiu a moradia e o que sobrou foi aterrado. Na propriedade, José Conte (19.3.1891-16.10.1960) mantinha suas atividades de sapateiro e fotógrafo. Possuía uma casinha, com apenas uma pequena janela, que usava para revelação de suas fotos. Costumava usar uma bacia comprida e retangular com água para revelar as fotografias. Inicialmente utilizava negativos de vidro e depois passou a usar filmes. Tornou-se fotógrafo ainda jovem e costumava viajar bastante a trabalho. As famílias de seus filhos Domingos (Jacutinga/RS) e Felipe (Flores da Cunha), ainda preservam diversos objetos usados por ele, máquina fotográfica, negativos de vidro, restos de produtos químicos, banquinho, instrumentos, fórmulas, fotografias que se tornaram anônimas distanciadas pelo tempo e outras que ajudam a recontar muitas histórias. Como sapateiro fazia tamancos, arreios, cabrestos, laços, chinelos, dominava a arte da curtição do couro ao artigo final. Chegou a ser nomeado Inspetor de Secção da Intendência de Nova Trento, em 1º.5.1927. Em 11 de julho de 1916, José casou com Lucia Catarina Giacomin, com quem teve os filhos Angelo, Pedro, Vergínia, Domingos, Antonio, Maria, Rosa, Abel, Felipe, Firmino e João Conte. José Conte faleceu em 16 de outubro de 1960. O filho Felipe Conte, após o casamento com Cândida Mussoi em 18 de abril de 1953, permaneceu residindo na casa paterna. Eles tiveram os filhos João, José Antonio, Luis Carlos, Maria Lucia, Felipe Moacir, Francisco Alberto, Renato Pedro, Marcos Roberto e Miriam Salete. Felipe Conte faleceu em 22 de outubro de 2019. O filho Marcos Roberto, casado com Rosane de Fátima Giacomin, pais de Pietro e Giovanna Giacomin Conte, seguiu residindo na propriedade da paterna e é o atual proprietário do imóvel. A família não soube informar em que época a casa foi desocupada, mas sabe que foi há muitos anos, bastante tempo antes do incêndio da casa de dormir registrado em 2002. Em 2024, a edificação inventariada servia como depósito.

Documentação Iconográfica:



Casa José Conte – 2012
Fonte: Gissely Lovatto Vailatti



Casa José Conte – 2012
Fonte: Gissely Lovatto Vailatti



Casa José Conte – 2012
Fonte: Gissely Lovatto Vailatti

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada leste – 04/09/2023



Fachada oeste – 04/09/2023

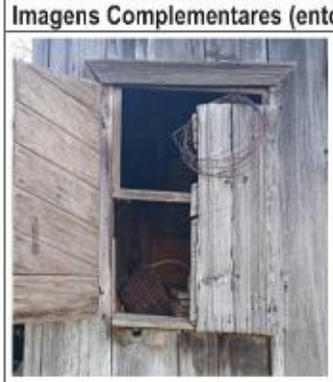


Fachada norte – 04/09/2023



Porão – 04/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Janela contraplacada– 14/03/2024



Base em pedra– 14/03/2024



Vista interna cozinha – 14/03/2024



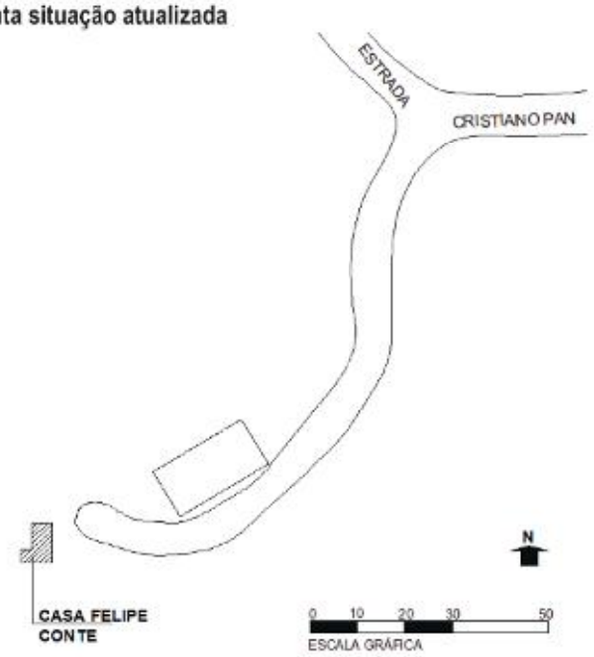
Porta de madeira– 14/03/2024



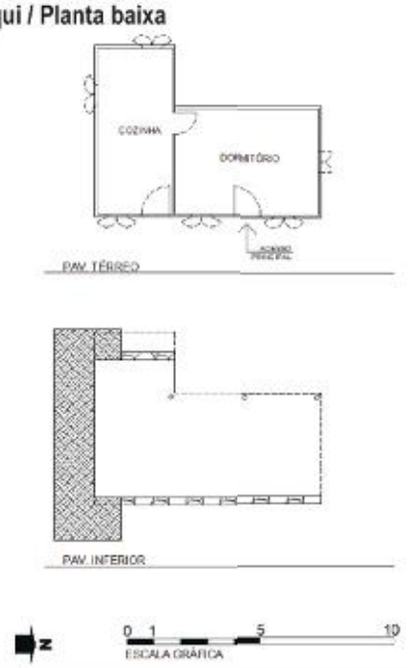
Forno 14/03/2024

Análise Arquitetônica:
A casa de comer, foi edificada por volta de 1928, sobre um talude formado pelo corte do terreno. As paredes do porão são em pedras irregulares, que provavelmente foram colhidas no próprio terreno, e o próprio talude de terra. Há também alguns pilares de madeira que recebem a carga da viga de madeira do andar superior. O pavimento térreo é todo em tábuas de madeira de pinheiro e mata-junta. As divisórias internas da cozinha são de madeira e uma parede interna divide a sala da área que era destinada a cozinha. O piso da casa é em madeira, bem como o forro. O sótão que existia era acessado por uma escada vertical. As janelas são contraplacadas, e possuem abertura externa. As ferragens usadas são artesanais. A estrutura do telhado é também em madeira e a cobertura é de telha de barro. Há no terreno um forno com base de pedras, forno de tijolos e cobertura metálica.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos
CONTE, Cândida Mussoi. Flores da Cunha, 25 de agosto de 2011.
CONTE, Felipe. Flores da Cunha, 25 de agosto de 2011.
CONTE, Giovanna Giacomin. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
Referências bibliográficas
FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias!* texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovilio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983
VAILATTI, Gissely Lovatto. *1886|2012 – Mato Perso: uma história a ser preservada*. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.
Jornais
VAILATTI, Gissely Lovatto. *José conte – Um dos fotógrafos de antigamente: "Quanta gente se vede te le stampe, quanta gente no selo sà pi chi quei ze"*. Flores da Cunha, Jornal O Florense, 26 de outubro de 2018.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Cadastro Nacional de Falecidos

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 23/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00022	**Localidade:** São Tiago, distrito de Mato Perso.

Denominação do bem: Casa Renato Lovatel – La Grappa

Endereço/Localização: Travessão Hortência, S/N. São Tiago.

Proprietário: Renato Lovatel
Uso original e atual: Residência / Residência e comércio.
Latitude: -29,1038434° **Longitude**: -51,3054777°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.4 Referência coletiva: local conhecido pela produção de licores e destilados (*graspa*). **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: Edificação em alvenaria característica do período tardio com pinturas murais técnica *scaiola*. 2.4 Elemento referencial: marco referencial na paisagem da localidade de São Tiago. 2.5 Compatibilidade dos anexos: Anexo posterior da cozinha compõem harmoniosamente com o volume principal. **3) FUNCIONAL** – 3.3 Uso tradicional: Uso residencial desde a origem. 3.4 Uso peculiar: produção e comércio de destilados. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva: Beirais em estuque, pinturas de paredes em *sacandole*. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.4 Elemento referencial: implantação da edificação em posição privilegiada da topografia local, destaca-se como elemento construído na paisagem rural.

Histórico:
A casa Lovatel - La Grappa, situa-se no lote rural nº 15 do Travessão Hortência, comunidade de São Tiago, em Mato Perso. O lote foi colonizado pelo imigrante italiano Giovanni Pagnussat. Em 1928 pertencia a Fioravante Lisot, posteriormente foi adquirido por Angelo Cambruzzi e Irmãos e, em 1937 passou a residir na propriedade José Fiorentino (Fiorenzo) Cambruzzi casado com Pierina Lovatel Cambruzzi, pais de Darci João, Ivo Angelo, Regina Maria, Higino, Orlando, Idali Orlando, Dilia, Germano e João Batista Cambruzzi. Em 1978 a família migrou para a cidade de Caxias do Sul e vendeu lote para a família de Luiz Lovatel (1934-2014) e Angelina Ferronato Lovatel, pais de Elvira, Renato, Ivandro e Vanessa Lovatel. A obra de edificação da casa foi realizada na década de 1940, por iniciativ de Fiorenzo (que também era construtor) e seus filhos, sendo concluída por volta de 1950. A família trabalhava na terra, produzia vinho. Em determinada época empreendeu o registro da cantina rural e, por isso, edificou a casa em alvenaria, com o intuito de abrigar a cantina na parte térrea. O andar superior servia de residência para a família Cambruzzi. Um dos quartos ainda tem as marcas da passagem da chaminé do fogão e do encanamento da pia. Posteriormente foi construído um anexo, que passou a abrigar uma cozinha maior. Na nova cozinha, cujo ampliação pode ser notada na parte externa da casa, as paredes foram decoradas com uma técnica chamada "escaiola". Na parte original o chão é de assoalho e na cozinha assoalho e na parte onde foi colocado o fogão à lenha, ladrilhos hidráulicos. A sala foi local de muitas festividades e encontros da família, principalmente entre amigos. O banheiro foi edificado por volta da de 2013. Um dos quartos foi adaptado e sobre o assoalho foi colocado um piso leve que tem por base couro e cimento, para não comprometer a estrutura de madeira. A energia elétrica era obtida através da usina que existia sobre o Rio Tega. Posteriormente passou a ser utilizada a energia disponibilizada através do Estado. Na propriedade existem diversas vertentes de água. Abaixo da cobertura existe um sótão. Está dividido em dois quartos e um cômodo aberto, uma espécie de sala. A família Cambruzzi utilizava esses quartos para dormitório. Quando os Lovatel adquiriram a propriedade, passaram a utilizar o espaço para alojar os safristas. Uma escada de madeira interliga um pavimento a outro. Os tijolos foram produzidos por Sironi, na localidade de Forqueta. Estão assentados em barro, que era extraído na propriedade e preparado pelos Cambruzzi. Cimento e cal só foram usados na porta da cantina. A casa passou por uma reforma, tendo sido trocadas as janelas. Foi mantido o formato, mas ao invés de abrirem no sistema guilhotina, passaram a ser abertas. Foram retirados os tampões internos que haviam nos quartos. Foi também colocada uma porta entre a cozinha e a sala, onde anteriormente havia apenas a abertura de passagem. A porta da parte térrea, que dá acesso à reserva de produção de graspa, foi trocada por volta de 2014, tendo sido confeccionada a partir da reutilização de tábuas de uma pipa. As cores da pintura interna e externa permanecem as mesmas. No entorno da casa existem outras edificações. Uma delas, com base de tijolos e andar superior de madeira, serviu de moradia, em tempos remotos. Todavia foi reformada na década de 1950 e teve seu tamanho reduzido significativamente, mas ainda restam referências de pedra de basalto, as quais formavam o porão. No lado debaixo da estrada antigamente existia uma "bodeda" e antes dela, até por volta de 1930, no local funcionou a ferraria da família Pagnussat, onde era fabricado todo tipo de ferramentas agrícolas e implementos. (Continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:

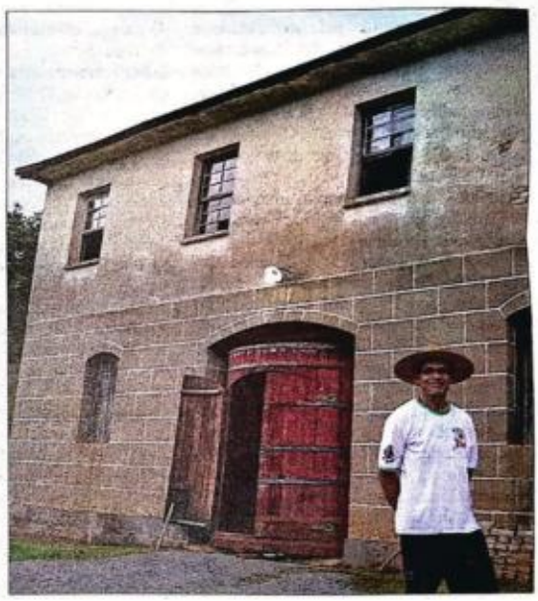


Figura 1 – Foto de Renato Lovatel em frente ao casarão em 2016. Fonte: Jornal O Florense, edição nº 1414, 2016.



Figura 2 – Gravação em comemoração aos 99 anos do município de Flores da Cunha (2023). *Fonte: YOUTUBE, Prefeitura de Flores da Cunha, 2023.*



Figura 3 – Foto de reportagem sobre a casa de Renato Lovatel em 2024. *Fonte: Jornal O Pioneiro, 04/04/2024..*

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 14/03/2024



Fachada Leste – 14/03/2024



Fachada Norte – 14/03/2024



Fachada Sul – 14/03/2024



Vista Nordeste – 14/03/2024



Vista Sudeste – 14/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista da casa pela estrada à norte – 14/03/2024



Vista interna do sotão – 14/03/2024



Vista interna cozinha – 14/03/2024



Estrutura do entrepiso no porão – 14/03/2024

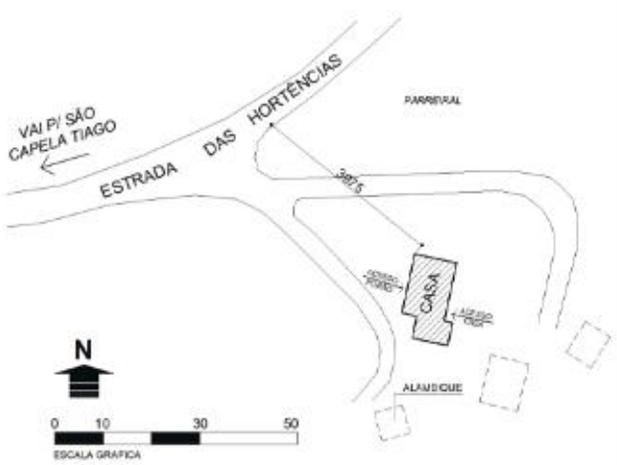


Beirais em estuque e madeira – 14/03/2024

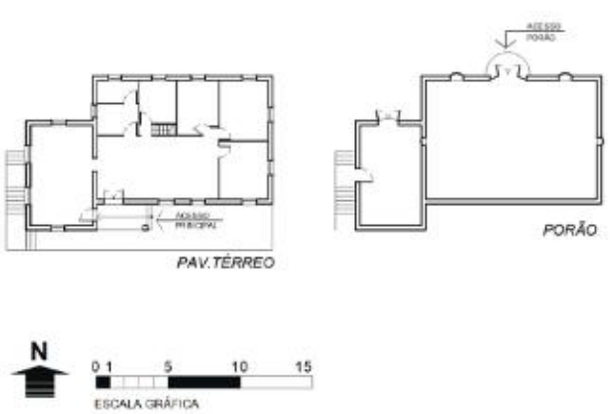
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação residencial construída na década de 1940 pela família Cambruzzi, período tardio da arquitetura de imigração. Representa o avanço e o apuro das técnicas construtivas da edificação residencial rural deste período. Possui 2 pavimentos e sótão habitável. Sua volumetria é composta de volume principal, com cobertura em duas águas, e um anexo posterior com cobertura em 4 águas, destinado à ampliação da cozinha que originalmente ocupava um dos cômodos do volume principal. Nesta ampliação, sem data confirmada, também foi edificada uma pequena varanda na fachada leste para o acesso principal. O pavimento inferior do volume principal consiste em um porão semi-escavado de pé direito elevado destinado à cantina, parte em blocos de pedra basalto (contensões) e parte em alvenaria de tijolos. Externamente possui reboco de cimento com pintura decorativa das linhas de rejunte, representando blocos de pedra na base do edifício. O porão possui aberturas em arco abatido sobre a fachada oeste. Originalmente as janelas eram fechadas por gradil de ferro e a porta era em madeira. Atualmente possuem fechamento alusivo à pipas de madeira, objetivando a atividade comercial da grappa produzida na propriedade. O porão do anexo possui acesso separado, seguindo com as aberturas em arco abatido do volume principal, ocupado como depósito. O entrepiso do volume principal é de estrutura de madeira composta por vigas, caibros e assoalho em boas condições. Duas vigas centrais permitem o vão livre do porão. O pavimento superior, destinado à moradia, tinha como configuração original a sala, a escada ao sótão e 3 dormitórios. Um quarto dormitório foi habilitado com a saída da cozinha para o anexo e atualmente comporta o banheiro e a área de serviço da casa. (continua nos anexos)

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos
LOVATEL, Angelina Ferronato. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
LOVATEL, Renato. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
Referências bibliográficas
CROCOLI, Aldir. São Tiago de Mato Perso: resgate de uma história. Porto Alegre: Evangraf, 2003.
VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886-2012: Mato Perso, uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e de Gissely Lovatto Vailatti
Acervo Renato Lovatel
Facebook
YouTube

Anexos e Informações complementares:
HISTÓRICO (continuação)
Por muito tempo a família Lovatel, ao trabalhar a terra, encontrou restos de ferro, conservando alguns exemplares. Um galpão, que foi adequado para dormitório de safristas, na parte térrea, originalmente possuía as piletas da cantina dos Cambruzzi. Na parte superior forma um cômodo único. Uma outra casinha, quando a família Lovatel se estabeleceu na propriedade, possuía em seu interior uma pia de madeira (ceccher) e ao seu lado havia um forno para cozimento de pão, poço de água e um tanque para lavar roupas, o que indica ter sido uma cozinha primitiva. No lado debaixo da casa havia uma taipa de pedras, que definia o espaço do chiqueiro de porcos; além de uma estrebaria. Em 1996 Renato Lovatel resolveu investir na produção de graspa artesanal. Montou um alambique, participou de cursos de formação e passou a comercializar o produto sob a denominação La Grappa Licores e Destilados. Posteriormente passou a produzir também licores (uva, ameixa, funcho e butiá). O porão da casa que até então abrigava a cantina, passou a servir de abrigo para os destilados. Com o crescimento do negócio, em 2001, a empresa familiar passou a integrar o roteiro turístico Caminhos da Colônia. Dentre as histórias que marcam a edificação, está a gravação do vídeo promocional da XIII Fenavindima, em 2015. As gravações foram realizadas durante uma semana. Outra A casa também foi cenário para as gravações do vídeo comemorativo aos 99 anos de emancipação política de Flores da Cunha. Em 2024 a casa abriga o depósito de destilados e o andar superior à habitação da família. Ao lado, uma tenda no formato de pipa serve para comercialização da produção. Renato tem projeto de reforma do imóvel. A obra deve ocorrer neste ano e manterá as características existentes. Em vista de inúmeros objetos antigos resguardados na propriedade, existe também a intenção de futuramente abrigar um museu ou memorial.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)
Na cozinha, destaca-se o revestimento de meia parede em pintura "*scaiola*" com linhas marmorizadas e o piso de ladrilho hidráulico na área do fogão. As esquadrias do pavimento são em madeira e parte das janelas em guilhotina com tamponamentos internos foram substituídas por janelas de abrir com folha dupla (fachada oeste). A escada central em madeira liga o pavimento superior ao sótão habitável, que possui 2 dormitórios e uma circulação central. A cobertura é em telhas cerâmicas tipo francesa. O beirais retos são em estuque armado com tela metálica, enquanto que os beirais inclinados são em lambris de madeira. No acesso da fachada leste, há uma grande área calçada em tijolos. Merece destaque a relação paisagística do bem em relação ao entorno, implantado em área de morro do vale que se configura na localidade de São Tiago. As visuais das janelas valorizam esta conexão visual com o entorno.

OUTRAS INFORMAÇÕES:
O alambique onde os proprietários produzem artesanalmente a *Grappa* que é comercializada na edificação fica nos fundos da propriedade. Atualmente a edificação integra do circuito turístico Caminhos da Colônia.

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 2.1.9.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Gissely Lovatto Vailatti e Danúbia Otobelli (historiadoras).	24/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00023	**Localidade:** Comunidade Santa Juliana, Mato Perso

Denominação do bem: Casa Armando Giacomin (antiga Marchet)

Endereço/Localização: Lote rural nº 37, Travessão Hortência

Proprietário: Armando Giacomin e Adelina Maria Marchet Giacomin
Uso original e atual: residência / depósito
Latitude: -29°06'22"S **Longitude**: -51°19'50"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional 1.4 Referência coletiva: serviu como paradouro e ponto de comércio em ponto estratégico da estrada. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: construção em pedra de basalto, com dois pavimentos, localizada na beira da estrada. **3) FUNCIONAL –** 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.3 Uso peculiar: originalmente utilizada como paradouro e comércio, com implantação na beira da estrada, próxima ao cruzamento de via. **4) TÉCNICA –** 4.3. Risco de desaparecimento: encontra-se em processo avançado de degradação, oferece risco de desabamento. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana, 5.2 Conjunto de unidades - cenário, 5.4 Elemento referencial: conexão visual com demais edifícios e paisagem rural do entorno, volumetria cujo porte e materiais se destacam nos visuais da via.

Histórico:
As casas de Armando Giacomin (antiga família Marchet) estão situadas no lote nº 37, no Travessão Hortência, no Novo Território da antiga Colônia Caxias. A casa em madeira, chamada também de casa de dormir, foi construída por volta de 1910 por Andrea Marchet e Maria Boff, imigrantes italianos chegados ao Brasil em 1893 e estabelecidos nesse mesmo lote rural, cujo título definitivo foi recebido em 1894. A casa serviu para abrigar a família de Andrea e a esposa Maria, juntamente com os sete filhos do casal.
A casa, com porão em pedras irregulares e assentadas umas sobre as outras, teria sido construída "pelos Mussoi", com madeira serradas a mão de forma artesanal e cobertura feita de "scándole" – posteriormente a 1960, as tabuinhas de madeira foram trocadas por telhas e na década de 1980, devido a um forte temporal algumas telhas precisaram ser substituídas. A casa servia como cozinha e dormitório. Possuía quatro quartos e uma sala, além de um sótão. Neste último, eram realizados alguns bailes e filós. No canto oeste da casa ficava a cozinha, onde eram preparadas as refeições, e que posteriormente, devido a um princípio de incêndio acabou sendo desmanchada. Esse incidente fez com que a família construísse uma nova casa, em frente, em alvenaria. Na parte frontal ficava uma grande varanda, que devido ao seu estado precário acabou caindo – em 1975 esse espaço já havia passado por uma reforma. No porão, a família fabricava vinho para consumo próprio. A casa nunca teve pintura. Inicialmente também não possuía banheiro, este foi construído por volta de 1990.
Posteriormente, a edificação foi herdada pelo filho de Andrea, Antônio Marchet (Toni Stringa), casado com Rosália Censi e com quem teve os filhos João, Aldo José, Maria Adelina, Adelina Maria e Euclides André Marchet. Foi Antônio quem construiu a casa em alvenaria por volta de 1950, após uma ameaça de incêndio na cozinha da moradia de madeira. Enquanto preparava a polenta para a família, Rosália viu as chamas do fogão se alastrarem pelas tábuas de madeira. Apesar do susto, nada aconteceu. Mas o incidente foi decisivo para a construção da casa em alvenaria que passou a servir apenas como cozinha. Essa casa possui apenas um andar e tem, além da cozinha, uma sala.
Os filhos homens de Antônio, após o casamento, acabaram saindo da propriedade, permanecendo na mesma apenas as filhas mulheres. Em 15 de junho de 1962, José Marchet acabou falecendo e foi velado na sala da casa de dormir. No ano seguinte, em 28 de setembro de 1963, Adelina Maria casa com Armando Giacomin, o qual passa a residir na propriedade. Naquela época, era costume realizar no dia da celebração de casamento, uma "colassion", refeição matinal para todos convidados. Essa celebração ocorreu na casa. Posteriormente, os noivos foram para a igreja e a festa foi realizada na propriedade dos pais de Armando Giacomin. O casal tem os filhos José Antônio, Rosmari e Solange Giacomin.
A família de Armando e Adelina residiu nas casas até 2003, quando edificaram nas proximidades uma outra residência. A partir disso, as casas inventariadas passaram a ser utilizadas apenas como depósito e guarda de materiais.

Documentação iconográfica:



Casa de Antonio e Rosalia Censi Marchet _2011
Foto: Francisco Benedito Fabro - rep lvr Mt Per,383



Casa de Andrea e Maria Marchet_2011
Foto: Francisco Benedito Fabro - rep lvr Mt Per,383



Casa de Antonio e Rosalia Censi Marchet _2011
Foto: Francisco Benedito Fabro - rep lvr Mt Per,383

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Norte Casa 02



Fachada Leste/ Sul Casa 02



Fachada Norte/ Oeste Casa 01



Fachada Sul Casa 01

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Fachada Oeste Casa 02_anexo em alvenaria



Interior Casa 02_divisórias em madeira



Fachada Norte Casa 01



Fachada Oeste Casa 01



Detalhe em tijolos do porão Casa 01

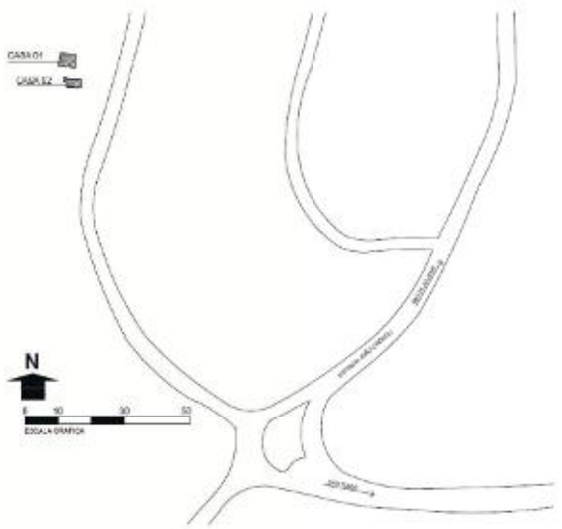


Porão Casa 01_detalhe parte em tijolos e parte em pedra basalto irregular

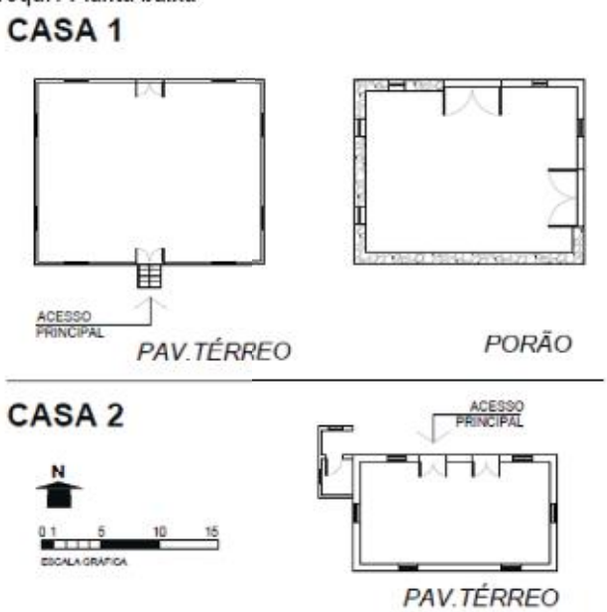


Análise Arquitetônica:
São duas edificações, casa de dormir (casa 01) e casa de comer (casa 02), a primeira possui características vernaculares, ou seja, foram utilizados materiais e técnicas construtivas disponíveis no local. A madeira é o principal elemento desta edificação sendo utilizada no pavimento térreo e sótão. Inclusive a escada que daria acesso à esta edificação e que atualmente não existe mais era em madeira, bem como a cobertura da varanda que ficava na fachada sul. O porão possui paredes em pedra basalto irregular na maior parte das paredes, exceto no canto nordeste que é em tijolos maciços e chão de terra batida. O acesso ao porão é feito por abertura existente no pavimento inferior, aproveitando o desnível do terreno, sem comunicação interna com os demais pavimentos. O telhado, em duas águas originalmente de tabuinhas, ou scandole, que era executado em madeira lascada no local, foi substituído por telhas de barro tipo francesa. As fachadas nunca receberam pintura, permanecendo assim até os dias atuais. A casa de comer (casa 02) foi construída separada da casa de dormir, em alvenaria de tijolos rebocados, forro, divisórias internas e esquadrias em madeira. Possui um anexo em tijolos aparente onde se encontra o banheiro. Esta edificação também possui telhado em duas águas e uma varanda, que serve de proteção para as portas e janelas da fachada norte. De um modo geral, as edificações necessitam de intervenções e melhorias, sobretudo no que diz respeito ao tratamento e/ou substituição das madeiras comprometidas, principalmente as estruturais. Essas ações de conservação preventiva e de restauro, poderão prolongar a vida útil deste exemplar da arquitetura civil em nossa região.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos:
GIACOMIN, Armando. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
GIACOMIN, Adelina Maria Marchet. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
GIACOMIN, José Antônio. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
Referências bibliográficas:
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886|2012 – Mato Perso: uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Cadastro Nacional de Falecidos

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Vivian Schiavenin (arquiteta); Gissely Lovatto Vailatti e Danúbia Ottobelli (historiadoras).	11/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00024	**Localidade:** Mato Perso

Denominação do bem: Casa Itacir Santa Catarina

Endereço/Localização: Travessão Hortência, lote 12 – Mato Perso.

Proprietário: Itacir Santa Catarina e Carolina Lovison Santa Catarina
Uso original e atual: Residência (desocupada)
Latitude: -29°10'35.2"S **Longitude**: -51°29'50.5"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1

Bens Móveis: pia da cozinha em granitina, mesa de comer, armários (roupeiros), quadros com imagens de Santos, portas e escada de acesso ao sótão em madeira.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3. Valor tradicional ou evocativo: significado afetivo para o pequeno núcleo familiar. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: edificação construída no período primitivo e ainda preservada, materializa o modo de vida dos imigrantes italianos e de seus descendentes. **3) FUNCIONAL -** 3.2. Potencial de reciclagem: a edificação e o sítio onde está localizada possui uma estrutura passível de readequação funcional, desde que seja compatível com o cotidiano e os anseios da família, que ainda reside no local, em outra residência próxima ao imóvel em questão; 3.4 Uso tradicional e peculiar: é compatível com o entorno e a estrutura do porão em pedras irregulares permanece intacta, sendo ao mesmo tempo passível de readequação funcional, com possível utilização para empreendimento turístico. **4) TÉCNICA -** 4.3. Risco de desaparecimento: potencial processo de degradação das madeiras do pavimento térreo e do sótão. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.2. Conjunto de unidades - cenário: está em harmonia com a paisagem.

Histórico:
A casa que pertence a Itacir João Santa Catarina e Carolina Lovison Santa Catarina situa-se no lote rural nº 5 do Travessão Hortência, comunidade de São Tiago, distrito de Mato Perso. Sua estrutura é bastante antiga. Originalmente a propriedade pertenceu ao imigrante italiano Marcelo Zanella. Em 1908 foi adquirida por Eugênio Merlin e mais tarde por Pedro De Bastiani. Em 1926 eram proprietários Caetano, Amadeo, Nazareno e Plácido Scalabrin, mas provavelmente não residiram no local. Em 1928 parte da propriedade foi adquirida pelo casal Augusto Zanella e Maria da Riva, pais de Atílio, Luiz, Valério, Rosalina e Olga Zanella; outra parte foi adquirida por Antonio Dal Pizzol. Na década de 1940, após o casamento de Hélio Rodomiro Santa Catarina (1913-1989) e Ida Schiochet Santa Catarina (1914-1987), realizado em 26 de agosto de 1938, foi adquirida pelo casal, que até então residia na Capela São José, da Linha Palmeiro, em Farroupilha (RS). Ao se estabelecerem na propriedade, Hélio e Ida já encontraram a casa de construção rudimentar, coberta com "scándole" (pequenas tabuinhas rachadas). Assim que puderam, por volta de 1955, reformaram o imóvel onde viviam com os filhos Alderino, Dírio Pedro, Arilde e Itacir Santa Catarina. A cobertura foi trocada por telhas de barro e foram colocadas matajuntas entre as tábuas, para conter a passagem do vento, visto que a parede externa é simples. Nessa época, a cozinha já estava incorporada ao corpo da casa (possuíam fogão à lenha) e foram mantidas as demais divisões: três quartos e sala. A escada do acesso principal da casa era de madeira, depois foi feita em alvenaria e mais recentemente foi desmanchada. A moradia nunca foi pintada e nem chegou a ter banheiro. A parte térrea sempre foi utilizada para produção de vinho e vinagre para consumo próprio. O sótão é formado por um único cômodo e utilizado para secagem de grãos. O acesso se dava por uma escada de madeira interna. A água era transportada com baldes, de uma vertente localizada nas proximidades. A energia elétrica foi instalada na década de 1950, advinha da "Sociedade Civil Agrícola Usina-Moinho Santa Catarina", situada sobre o Rio Tega. Em 1977 passou a ser fornecida pela CEEE. No entorno da casa havia uma estrebaria e um paiol. Um fato que marcou a história da família aconteceu numa noite de festa de São Tiago, em 17 de julho de 1989. Ao voltar para casa, Helio Rodomiro Santa Catarina sofreu um ataque cardíaco e caiu na estrada. Ao ser encontrado, foi levado às pressas ao Hospital Sibele, em Farroupilha. Chegando lá, o médico constatou que ele havia falecido. Devido ao infortúnio, seu filho Dírio Pedro, saiu para comprar um esquife. Andando pela cidade, foi atropelado por um carro desgovernado, vindo a falecer logo em seguida. A família velou pai e filho simultaneamente na Capela de São Tiago. A casa foi habitada até 1985, quando Itacir e a esposa Carolina Lovison Santa Catarina construíram sua nova moradia, cerca de 30 metros distante desta. Em 2024 está desocupada e serve como depósito.

Documentação iconográfica



Casa Itacir Santa Catarina, ano 2003. Fonte: CROCOLI, Aldir: 2003, p. 22.



Casa Itacir Santa Catarina, 2011. Fonte: CROCOLI, Aldir: 2003, p. 380.



Paiol pertencente à família de Itacir Santa Catarina, 2011. Fonte: Fonte: CROCOLI, Aldir: 2003, p. 385.

Levantamento fotográfico atual



Casa Itacir Santa Catarina, elevação frontal ao leste e fachada lateral (oitão e acesso ao porão) a norte.



Casa Itacir Santa Catarina fachada frontal ao leste e paisagem do entorno. A escada de acesso à casa não existe mais.



Fachada sul, onde está o acesso à cozinha e elevação leste.



Porão com paredes de pedra, chão batido e estrutura de madeira.



Pavimento superior, cozinha com pia em granitina, prateleiras, paredes, piso e esquadrias em madeira.

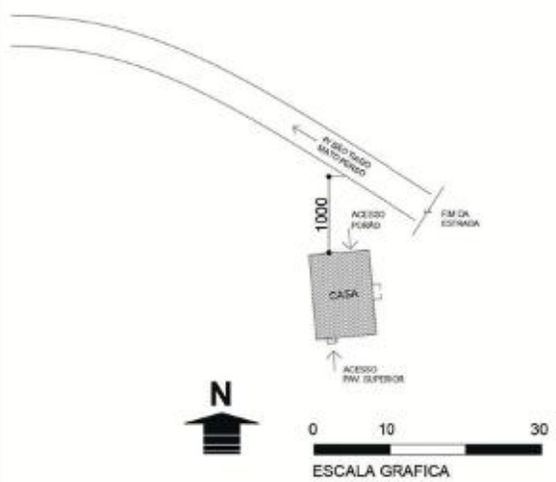


Aspecto do corredor com paredes, assoalho, forro e esquadrias em madeira. Há também alguns utensílios de uso doméstico.

Análise Arquitetônica:

A casa possui características vernaculares, ou seja, foram utilizados os materiais e as técnicas construtivas disponíveis no local. A madeira é o principal elemento dessa construção, tendo sido amplamente utilizada no pavimento superior e no sótão. No pavimento principal (superior) está localizada a cozinha, por onde se dá o atual acesso à casa, uma vez que a escada principal, que anteriormente existia junto à porta leste, não existe mais. Neste andar, também estão localizados os quartos. O porão, edificado em pedras irregulares e chão de terra batida, é utilizado como depósito e oficina da família. Sob a cobertura, em duas águas, haviam outros cômodos da casa, hoje desocupados. Dentre as reformas que foram realizadas na residência, destaca-se a substituição do telhado original de tabuinhas, ou *scandole*, que era executado em madeira lascada no local, por telhas de barro do tipo francesa. Portas e janelas foram caprichosamente executadas em madeira. No entanto, não possuem acabamento e pintura, apresentando rachaduras e sinais de comprometimento das tábuas de vedação, bem como o desprendimento das ripas "mata-juntas". Sendo assim, é importante que se leve em consideração realizar trabalhos que objetivem a conservação e o restauro desta edificação tão peculiar, buscando assim valorizar a história da propriedade e a memória dos antepassados e de toda a família. No interior, há objetos de uso doméstico e uma pia de granitina, que permanecem sendo guardados pelos proprietários.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – porão e pavimento superior



Fontes:

Referências bibliográficas

CROCOLI, Aldir. São Tiago de Mato Perso: resgate de uma história. Porto Alegre: Evangraf, 2003.
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983
VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886-2012: Mato Perso, uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.

Depoimentos

LOVATEL, Leocir Antônio. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
SANTA CATARINA, Itacir João. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Imagens complementares – fotografias históricas



Os noivos Itacir Santa Catarina (segundo à direita) e Carolina Lovison com os amigos Francisca Mussoi Isoton, Ines Isoton Santa Catarina e Dirio Santa Catarina (à direita). Acervo pessoal Itacir Santa Catarina.



Hélio Rodomiro Santa Catarina e a esposa Ida Schiochet, por volta de 1985. Acervo pessoal Inês Isoton Santa Catarina.

Imagens complementares – fotografias atuais



Aspecto de uma das portas de madeira.



Ambiente com armário e móveis de madeira.



Aspecto do sótão, cobertura de madeira e telhas de barro.



Escada de acesso ao sótão em madeira.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	14/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00025	**Localidade:** São Tiago, distrito de Mato Perso.

Denominação do bem: Casa Leocir Antônio Lovatel

Endereço/Localização: Estrada das Hortências, S/N – Comunidade São Tiago.

Proprietário: Leocir Antônio Lovatel
Uso original e atual: Residência/ Residência
Latitude: -29,1036703° **Longitude:** -51,2961451°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
2) MORFOLÓGICA – 2.1 Valor arquitetônico: Edificação em madeira do período tardio. 2.4 Elemento referencial: volumetria recebe destaque, implantada no topo de morro do vale. **3) FUNCIONAL –** 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada na porção central do lote. 3.3 Uso tradicional: conserva suas características de residência familiar. **4) TÉCNICA –** 4.4 Bom estado de conservação: o uso original e as manutenções ao longo dos anos conservaram a edificação e suas principais características. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.4 Elemento referencial: edificação destaca-se pela volumetria e seu efeito topoceptivo na implantação em área de morro.

Histórico:
A casa de propriedade de Leocir Antônio Lovatel situa-se no lote rural n.º 7 do Travessão Hortência, na comunidade de São Tiago, em Mato Perso - 4º distrito de Flores da Cunha. As terras foram concedidas originalmente ao imigrante italiano Pietro Dalla Rosa. Em 1928 o lote pertencia a Angelo Pasin e Victorio Dalla Rosa. Em 1935 a parte de Angelo Pasin havia sido adquirida por Paulo Roldo, que na década de 1940 vendeu para João Batista Lovatel (1916-1992). Quando a família Lovatel se estabeleceu no local, havia duas edificações: uma casa que abrigava o fogo de chão e outra os dormitórios. Entre os anos de 1945 e 1948, João Batista Lovatel e a esposa Raquelle Dalla Rosa construíram uma nova moradia para a família. Sua função inicial foi servir de residência para a família. No térreo, erigido parte em madeira e parte com pedras de basalto, abrigava a cantina para produção do vinho para o consumo familiar e servia para conservar alimentos, carnear porcos, além de outras utilidades. O andar superior, em madeira, estava dividido em cozinha, sala de refeições, três dormitórios, sala ampla para festas e despensa, situada embaixo da escada de madeira que dá acesso ao sótão, que é um cômodo todo aberto. Era utilizado eventualmente, para pernoitar, quando recebiam alguma visita. Uma escada interna, em madeira, liga um andar a outro. Inicialmente a água era transportada com baldes, a fonte situava-se na propriedade do vizinho Itacir Santa Catarina. Posteriormente foi encanada, depois foi aberto um poço e atualmente possui água tratada, oriunda do poço da comunidade. A parede externa é dupla, o que permite mais conforto nos meses de inverno. Foi adquirida em uma serraria. A pintura foi renovada, mas mantiveram as cores da primeira pintura interna feita na década de 1970, a externa foi alterada de laranja para bege. Em 1978 foi construído um anexo para incorporar o banheiro ao corpo da casa. A parte da cantina que era fechada com madeira foi substituída por tijolos. Em 2005, foram trocadas as janelas que eram do tipo guilhotina (não possuía tampões), pois estavam deterioradas. Foram substituídas por janelas deslizantes de um lado para outro, produzidas na fábrica de Renato Molon, em Otávio Rocha. Por ocasião de um temporal que causou grande danos em Mato Perso em 2011, diversas telhas da cobertura quebraram, então o coberto foi reformado passando a ser de aluzinco. Viveu na casa João Batista e a esposa Raquelle com os filhos: Eurósia, Realda, Fiorindo Itacir, Maria Catarina (Lourdes), Zelinda, Darci Alcino e Leocir Antônio Lovatel. O casal deixou um legado de contribuição comunitária. Ele, exímio assador, por décadas foi o churrasqueiro-chefe nas festas realizadas na Capela de São Tiago. Em 2024 a casa ainda é utilizada para refeições e para estadia de safristas. Pertence a Leocir Antônio e a esposa Rosane Maristela Dal Santo. Foi sendo readequada funcionalmente ao longo do tempo. Está bem conservada, interna e externamente.

Documentação Iconográfica:



João Batista Lovatel e a esposa Raquelle Olivo com a família por volta de 1982. E/D: Darci, Maria Catarina, João Batista, Zelinda, Valmor, Raquelle, Leocir e Realda. Na frente: Simone Cassol e Neusa Capra. No detalhe: Florindo e Eurósia Lovatel.
(Acervo pessoal Leocir Lovatel)

Figura 1 – Família João Batista Lovatel (1982). *Fonte: Acervo família Lovatel.*



Figura 2 – Foto aérea da propridade (2002). *Fonte: Acervo família Lovatel.*



Figura 2 – Foto da fachada sudeste (2011). *Autor: Luis José Arsego.*



Figura 4 – Foto da fachada norte (2011). *Autor: Luis José Arsego.*



Figura 5 – Foto da fachada sudoeste (2011). *Autor: Luis José Arsego.*



Figura 6 – Foto aérea (2019). Fonte: Acervo família Lovatel.

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Nordeste – 15/03/2024



Fachada Nordeste 2 – 15/03/2024



Fachada Sudeste – 15/03/2024



Fachada Sudoeste – 15/03/2024



Detalhe do anexo para banheiro na fachada sudoeste – 15/03/2024



Vista Norte – 15/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Estrutura do entrepiso no porão – 15/03/2024



Contensão em taipa de pedra basalto no porão – 15/03/2024



Vestígio da pintura decorativa externa do porão – 15/03/2024



Vista do sótão – 15/03/2024

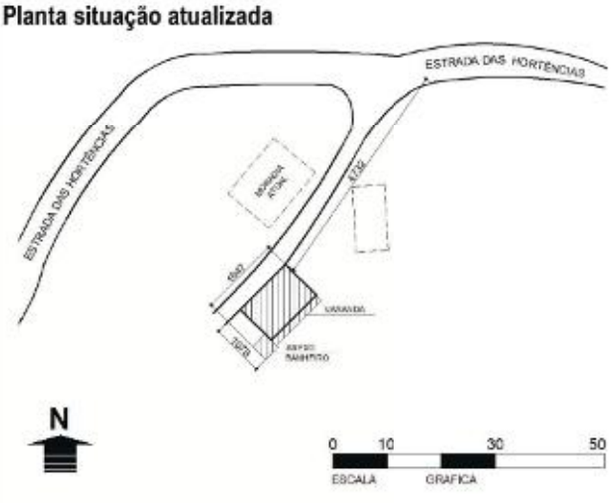


Imagem de Sto. Antônio no interior da residência – 15/03/2024

Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma residência unifamiliar, concluída em 1948 para abrigar a família de João Batista Lovatel e Raquelle Dalla Rosa, exemplar do período tardio da arquitetura de imigração italiana. A casa possui dois pavimentos e um sótão habitável. O pavimento inferior consiste num porão semi-escavado, com muro de contensão em pedra bruta de basalto, posteriormente rejuntadas com argamassa de cimento. As paredes de fechamento do porão, em alvenaria de tijolos, são revestidas externamente com reboco de cimento. Originalmente este reboco possuía pintura imitando blocos de pedra decorando a base do edifício, suprimidas na década de 2010. Uma grande viga de madeira no eixo da edificação, apoiada por dois pilares roliços, sustenta o entrepiso. No pavimento superior, as paredes externas são de tábuas de madeira mata juntadas. As divisórias internas são em lambris de madeira e pintadas com tinta óleo. O piso, assoalhado de madeira natural polida. O arranjo interno permanece com a composição original, contendo ao centro a sala de estar circundada por 3 dormitórios, cozinha e despensa. Sob a escada que liga este pavimento ao sotão, há um espaço fechado usado como depósito. Ainda neste pavimento, em 1978, foi erigido um anexo de alvenaria junto à fachada sudoeste para abrigar o banheiro da casa, com acesso externo pela varanda. A cobertura permanece com a inclinação original. As telhas cerâmicas do tipo francesa foram substituídas por telhas metálicas em 2011. O sótão, originalmente usado como dormitório na ocasião de visitas, apresenta planta livre com assoalho de madeira e janelas nos oitões. As esquadrias de madeira das janelas do pavimento superior e do sótão, que originalmente eram no sistema de guilhotina com tampões internos, foram reconfiguradas para o sistema de folhas de correr com bandeira fixa, mantendo-se a dimensão dos vãos originais.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos
LOVATEL, Leocir. Flores da Cunha, 9 de março de 2024.
Referências bibliográficas
VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886-2012: Mato Perso, uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e de Gissely Lovatto Vailatti
Acervo Leocir Antônio Lovatel e Rosane Maristela Dal Santo Lovatel

Anexos e Informações complementares:
.

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 2.1.12

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Schineider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Gissely Lovatto Vailatti e Danúbia Otobelli (historiadoras).	12/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00026	**Localidade:** Distrito de Mato Perso

Denominação do bem: CAPELA E CAMPANÁRIO SANTA JULIANA

Endereço/Localização: lote rural n.º 38, Travessão Hortência

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Capela/ Capela
Latitude: -29,0947671° **Longitude**: -51,3318384°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Estatuaria e altar-mor que pertenceu ao Santuário de Nssa Sra de Caravágio – Farroupilha - RS



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: 1.1 Referência histórica: 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: marco histórico e visual constitutivo da paisagem, referência de localização e organização comunitária, referência religiosa e de evocação afetiva que tornam o conjunto referência coletiva para inúmeras pessoas. **2) MORFOLOGICA:** 2.1 Valor arquitetônico: 2.4 Elemento referencial: ponto de encontro, localização em cruzamento de vias e realização de rituais religiosos. **3) FUNCIONAL:** 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.3 Uso tradicional: Delimitação não acarreta conflitos com a dinâmica do sistema, sendo fundamental para comunicação e realização de rituais religiosos em seu entorno desde a construção, além de conservar a estrutura original bem conservada. **4) TÉCNICA:** 4.4 Bom estado de conservação: Bom estado de conservação em função do uso continuo ao longo do tempo e manutenções que conservaram a edificação como um todo.**5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana: 5.4 Elemento referencial: Implantação topográfica privilegiada, em harmonia com entorno rural onde está inserida, estando em harmonia com a diversidade da paisagem e do contexto rural, destacando-se pelos elementos decorativos e aspectos simbólicos.

Histórico:
A Capela Santa Juliana e o campanário que compõem o conjunto situam-se no lote rural n.º 38, do Travessão Hortência, Novo Território da antiga Colônia Caxias. Originalmente esta propriedade foi adquirida por Antonio Veraschini (ou Varaschini) e a sua esposa Teresa Fauro, cujo título definitivo de posse foi concedido em 1894. O primeiro centro comunitário, entretanto, formou-se inicialmente no entroncamento dos lotes rurais n.º 35 e 36 e 37 e 38 do Travessão Hortência, próximo às casas de negócio de Andrea Marchett e Alessandro Molinetti. Neste local foi erigido também um pequeno oratório e construído o primeiro cemitério. Para marcar a origem da comunidade, durante as missões religiosas de 1933, foi colocada uma cruz de madeira com diversos símbolos cristãos, a qual ainda é preservada. Na década de 1890, possivelmente pela proximidade com a Capela San Giacono (São Tiago) e a distância com a Capela San Victore e Corona (São Victor e Corona), os moradores optaram por transferir o centro comunitário para o lote n.º 38, por onde passava a estrada que interligava as comunidades de Mato Perso. A primeira capelinha, em madeira, foi construída um pouco acima da atual, onde se encontra a atualmente a quadra de areia, em frente à escola e ao lado do cemitério, que permaneceu no mesmo local. A autorização de culto foi concedida por Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, Bispo da Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul, no ano de 1894. Ao lado da capela, em 1918, foi inaugurado o primeiro campanário, também em madeira, erguido por Nani Fermo (Giovanni Antonio De Bastiani) com a colaboração dos moradores. Nessa época foi adquirido o único sino do campanário, pesando 470 quilos, em tom Si Bemol, fundido por João Bellini, em Garibaldi (RS). O transporte do sino foi feito com uma carreta puxada por bois e ele foi bento em 15 de janeiro de 1919. Há no sino, em alto relevo tem as inscrições: "Voco congrego clerum - Pestem fugo defunctus ploro laudo - Deum verum" e "Premiada fundição de sinos de João Bellini em Vila Garibaldi 1918". Todavia, por volta do ano de 1932, um forte temporal causou sérios danos em muitas casas e propriedades em Mato Perso incluindo a igreja de Santa Juliana que foi descoberta e o campanário caiu. Ele foi reconstruido com o mesmo material e no mesmo lugar, porém no ano de 1937, iniciaram-se as obras para construção de uma nova capela, em um terreno em frente à antiga. A comissão responsável pela obra da nova igreja foi composta por Julio Giacomin, Antônio Basso e João Crocoli. Os pedreiros foram Luis Sartori e Segundo Grossa, sendo que a obra foi supervisionada pelo engenheiro construtor Segalla de Caxias do Sul. Para angariar os fundos necessários para a construção, cada uma das 50 famílias de moradores da comunidade ofertou dias de trabalho voluntário e doou duas quartas de trigo e outros produtos coloniais para venda. A atual capela foi solenemente inaugurada em 1º de junho de 1940. A capela foi construída em uma área de terras de 3,6 mil m², pertencente ao lote rural nº 10 do Travessão 13 de Maio, adquirida de João Crocoli e sua esposa Maria Guerra.

Documentação Iconográfica:



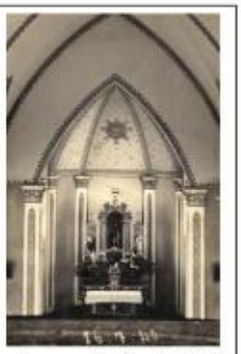
Antiga Capela
Fonte: Felipe Giacomim



Inicio da construção:
Fonte: Felipe Giacomim



Imauguração Capela 1940
Fonte: Felipe Giacomim



Imauguração Capela 1940
Fonte: Felipe Giacomim



Melhorias no acesso 1966
Fonte: Felipe Giacomim



Interior capela 1975
Fonte: Alílio Antonio Balbinot



Interior capela até 2009
Fonte: Roberta Gasparetto



Interior capela até 2009
Fonte: Roberta Gasparetto



Melhorias no acesso 1966
Fonte: Felipe Giacomim



Interior capela até 2009
Fonte: Roberta Gasparetto



Sino 2009
Fonte: Roberta Gasparetto

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 14/03/2024



Fachada Sul – 14/03/2024



Fachada Oeste – 14/03/2024



Fachada Sul – 14/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Nave principal – 14/03/2024



Presbitério – *14/03/2024*



Nave principal – *14/03/2024*



Det. porta acesso - *14/03/2024*



Det. Coluna e abóboda - 14/03/2024



Det. pintura presbitério - 14/03/2024



Det. pisos - *14/03/2024*



Det. fachada - *14/03/2024*

Análise Arquitetônica:

A Capela: Uma pequena edificação em alvenaria, organizada em linha longitudinal (acesso, nave principal e presbitério) e em um volume único com o acréscimo da sacristia que foi aumentada com o passar dos anos. A nave principal é mais alta e longitudinal que o altar, o que lembra a matriz gótica além do um sistema de grelha regulador. Compositivamente a capela possui uma ornamentação rebuscada especialmente na fachada principal. A porta de acesso principal possui arco gótico com arquitrave, luneta com rendilhados, umbriais, envassaduras, intradorso, frontão ornamental coroado com pinaculo e cornija. A rosácea circular, localizada sobre a portal de acesso possui rendilhados e vidros do tipo fantasia. As bordas circundades da cobertura e a base de balsato com medidas similares gera proporção e agrega monumentalidade a capela. Internamente o pé-diretiro elveado é marcante em conjunto com as pilastras decorativas, sem função estrutural que se sobressem as paredes laterais. Na fachada principal e nas fachadas laterais se observa a simetria, seja pelos elementos decorativos, ou pelo ritmo das aberturas, estreitas e altas com arco ogival e vidros fantasia que formam vitrais. Construtivamente a Capela possui embasamento em pedras com fechamento de alvenaria autoportante de tijolos assentados com argamassa em barro, rebocada e pintada. O piso é em ladrilho hidraulico com estampas que forma tapetes . A cobertura possui estrutura em madeira e telha metálica, internamente o forro é em madeira abobodado e pintura com efeitos florais geométricos. No presbiterio o forro em arco ogival com madeiras no encaixe macho e femea apoiado nas paredes de alvenaria rebocada, e uma pintura decorativa. As colunas internas possuem capiteis decorados com folhas e pinturas com motivos florais geometricos. A sacristia nova é um volume retantular de alveria com telhado em duas aguas e esquadrias metalica tipo basculante.

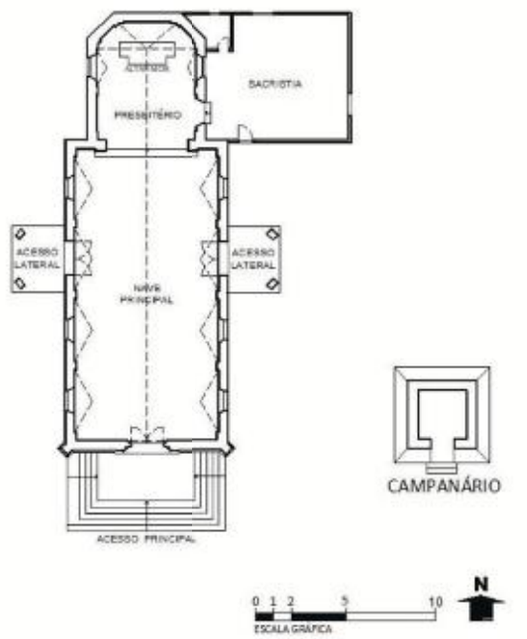
O campanário: Construído separado da igreja, em pedra de basalto cinza, com trinta e dois metros de altura, possui base

piramidal em pedra e abertura com arco ogival. O corpo tem formato retangular com pilares em pedra nos quatro cantos e abertura de vitral em formato ogival na frente. O coroamento também é feito em pedras e as aberturas em formato ogival, nos quatro lados permitem a saída do som do sino, e balaustrada em basalto vermelho. E sobre eles uma cobertura em pedra de basalto vermelho e pináculos nos quatro lados aumentam a verticalidade do campanário.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos

BASSO, Maria Marchet. Flores da Cunha, 23 de agosto de 2011.
CONTE, Júlio e Nair Maria Marchet. Flores da Cunha, 18 de agosto de 2011.
FABRO, Francisco Benedito. Flores da Cunha, 18 de agosto de 2011.
GAIO, Aquilina Verona. Flores da Cunha, 10 de maio de 2011.
GIACOMIN, João e Joana Basso. Flores da Cunha, 4 de agosto de 2011.
LIONZO, Gomercindo. Caxias do Sul, 19 de abril de 2011.
MUSSOI, Alourdes Basso. Flores da Cunha, 16 de agosto de 2011.

Referências Bibliográficas

GASPARETTO, Roberta. *Capela Santa Juliana: Educação patrimonial e propostas de intervenção.* Monografia apresentada para fins de avaliação da disciplina de Laboratório de Arquitetura e Urbanismo do Curso da Universidade de Caxias do Sul. 2004.
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983
VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886|2012: *Mato Perso, uma história a ser preservada.* Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Acervo particular Usina Arquitetônica
Acervo particular Taliesem – Escritório modelo do curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Caxias do Sul

Anexos e Informações complementares:

CONTINUAÇÃO DO HISTÓRICO:

Os tijolos usados na construção foram feitos próximos à obra, em uma olaria construída propositalmente por Silvestre Isoton e o transporte era feito com bois. Os trabalhos foram coordenados por Belin Gasparetto, que em 100 dias e, contando com o trabalho de cinco auxiliares, entregou 90 mil tijolos à comissão para a devida utilização. O chefe da construção foi "Bèpi Vitoriet" (José Dariva). Para a composição do rejunte, na frente da igreja, fizeram um buraco onde derreteram a cal virgem, que na época era comprada em blocos sólido. O altar-mor da capela pertenceu ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio de Farroupulha e foi doado nova igreja por ocasião da reforma que se fez necessária no Santuário. A primeira imagem da padroeira da comunidade foi doada pela Família Pitt, em virtude de uma graça alcançada. A atual imagem de Santa Juliana e do diabo acorrentado foi adquirida por volta de 1939 e foi esculpida em madeira por Neno Riva, somente a pintura foi renovada por três vezes. A doação teria sido feita por Ernesto Isoton. Próximo a capela, foi construído o salão comunitário, inicialmente em madeira, mas que ao longo dos anos foi aumentando de tamanho e sendo substituído por um em alvenaria de tijolos. Entre as décadas de 1960 e 1970 a sacristia original da capela foi demolida e a uma nova construída com dimensões maiores. Em uma reunião dos associados da comunidade, realizada em 23 de agosto de 2006, levantou-se o questionamento para reforma da edificação ou construção de uma

nova igreja. Após realizados levantamentos e estudos, em 2008, a comissão formada na comunidade optou pela reforma da capela. As obras iniciaram naquele ano, tendo sido realizada a revitalização interna e externa, reinaugurada em 4 de outubro de 2009. As seguintes imagens foram restauradas: Santa Juliana, Nossa Senhora das Mercês, Santa Ignês, Sagrado Coração de Jesus, São João Batista, Santo Antônio de Pádua e Santa Luzia. Ao lado da igreja, em no ano de 1953, o construtor licenciado Raymundo Paviani foi contratado para edificar uma torre para o sino da igreja. Ela foi com erguida com 32 metros e foram usados mais de 5 mil blocos de pedras extraídas da propriedade de José Giacomin. As rochas avermelhadas que formam a cúpula foram retiradas da propriedade de Julio Giacomin. Devido ao peso, era possível transportar sobre a carroça apenas duas ou três por viagem

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 03/04/2024.

SETOR 03

OTÁVIO ROCHA

- CASAS CHIARANI
- CASAS ROSALIA MOLON - ANTIGA GEVALDINO MOLON
- CASAS ISOTON
- CASA COLONIA BIANCHIN
- CASAS FAMÍLIA CASA
- CASA E LARIN FAMÍLIA SMIDERLE
- CASA FAMÍLIA FERRARI
- CASA FAMÍLIA GALIOTTO
- SUBPREFEITURA E MUSEU PE. ALBERTO
- CONJUNTO CANTINA SLAVIERO
- CONJUNTO GRANJA SÃO MATEUS
- CAMPANÁRIO IGREJA SÃO MARCOS
- CAPITEL SÃO JOÃO BATISTA
- CAPITEL SÃO SEBASTIÃO



campanário igreja são marcos

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha – RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00027	**Localidade:** Otávio Rocha

Denominação do bem: Casas Chiarani
Endereço/Localização: Lote rural nº 25, Travessão Carvalho
Proprietário: Jaime José Chiarani e Elair Danuso Chiarani
Uso original e atual: Residência e depósito
Latitude: -29°05'75.7"S **Longitude**: -51°29'08.5"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Nada consta.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.2. Valor tradicional ou evocativo: expressa significativamente o modo de habitar do imigrante italiano e dos descendentes da Família Chiarani, que sempre foi proprietária dos imóveis. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: são duas edificações relevantes, sobretudo do ponto de vista da técnica construtiva, sendo a primeira de pedras irregulares lascadas (rústicas) e assentadas criteriosamente com barro ou junta seca e, a segunda, de alvenaria de tijolos rebocados sobre embasamento de pedras. **3) FUNCIONAL -** 3.2. Potencial de reciclagem: a casa primitiva possui uma estrutura passível de readequação funcional, já a casa de comer/cozinha poderá manter o seu uso original. **4) TÉCNICA -** 4.1. Raridade na técnica construtiva: pedras irregulares assentadas com barro, adobe, tábuas rachadas e serradas à mão. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.2. Conjunto de unidades - cenário: as edificações estão inseridas num cenário que sofreu poucas modificações ao longo do tempo.

Histórico:
As casas da Família Chiarani situam-se no lote rural nº 25, do Travessão Carvalho, Novo Território da antiga Colônia Caxias. As terras foram adquiridas pelo imigrante italiano Gregório Chiarani (1855-1912), casado com Maria Bombardelli (1866-1941). Primeiro vieram os homens da família e três anos depois chegaram as mulheres. O casal teve sete filhos e sempre se dedicou à agricultura. A casa de pedra foi construída por volta de 1885. As pedras foram extraídas da propriedade e a areia necessária para o rejunte foi retirada do Rio Valério, que passa nas proximidades e desemboca no Rio Curuzu. As janelas sempre foram com tampões de madeira, sem vidros, mas originalmente havia uma grade de madeira e trancas nas mesmas e na porta para impedir a entrada de animais ferozes. Nunca teve energia elétrica, a iluminação era com lampiões. Em 1927 a casa foi reformada. Na ocasião foram retiradas as partes em madeiras e colocados tijolos para estabilizar a parede e também trocada a cobertura. Os tijolos foram feitos na propriedade ao lado, que também pertencia à família Fiorenzo, onde existia uma pequena olaria. Lá havia um banhado e um forno, onde cozinhavam os tijolos. A cobertura que era de "scándole" foi trocada por telhas. Inicialmente era a morada da família, depois, ao lado, foi construída uma casa em madeira para dormitório, e essa passou a servir apenas como "fogoler". Era dividida em três partes: fogo de chão, onde os alimentos eram preparados e servidos. Noutra parte havia uma divisória de madeira, onde dormiam os integrantes da família e atrás estava o quarto do casal, cujas paredes possuem reboco. A casa pertenceu às famílias de Gregório e Maria Chiarani, foi herdada por Fiorenzo (1888-1957) e Theresa Nesello Chiarani (?-1964), e depois por Marcelino e Mafalda Molon Chiarani. Marcelino e Mafalda tiveram os filhos: Geraldo, Teresinha, Neli, Jaime, Cecília, Carlos, Inés e Gotardo Chiarani. A casa deixou de ser utilizada por volta de 1950, quando ficou pronta aquela em alvenaria. O mobiliário que existia, exceto o fogo de chão, foi transferido para lá. Passou a servir como depósito de trigo e farelo até 1980, quando a família deixou de cultivar. Alguns objetos do "fogoler" ainda são preservados e nas paredes e teto permanece a fuligem da fumaça. Acima existe um pequeno sótão, utilizado para guarda de materiais. A primeira casa de dormir foi edificada em madeira onde foi construída a segunda cozinha, em alvenaria. Deixou de ser utilizada em 1922, quando construíram outra casa, também em madeira, com a mesma serventia. Era uma casa grande, abrigava a cantina de vinho desativada por volta de 1956. Foi reformada na década de 1960. A cobertura que era de duas chuvas foi desmanchada, rebaixada e refeita em quatro chuvas. Por possuir seis quartos, foi utilizada nos primeiros encontros da Família Molon a fim de acomodar alguns descendentes residentes em Planalto, no Paraná, os quais têm parentesco com os Chiarani. A casa incendiou em 2003 e foi perdido o vinho e todo o maquinário. Quando viu o incêndio, Marcelino infartou e faleceu. Foi uma tragédia para a família que ao mesmo tempo que via a casa sendo consumida pelo fogo, se deparou com a morte do patriarca. A família planejava a construção de uma nova cantina, mas diante do sinistro, se desfizeram do material que restou e desistiram da ideia. A casa de alvenaria foi construída por volta de 1945, logo após o término da Segunda Guerra Mundial. Marcelino estava prestando serviço militar. Foi edificada pelo pedreiro Avelino Pauletti, genro de Fiorenzo e Theresa. (continua nos anexos).

Documentação iconográfica



Anos 1980: Casa primitiva da Família Chiarani. Acervo ECIRS-UCS. Fotografia de Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



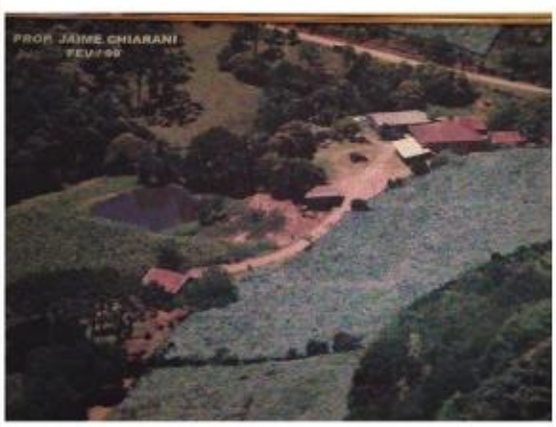
Anos 1980: Casa de Comer da Família Chiarani. Acervo ECIRS-UCS. Fotografia de Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



Fotografia aérea da propriedade da Família Chiarani na década de 1980. Acervo Família Chiarani.



Particular da fotografia aérea (1980) onde se vê a antiga casa de dormir em madeira (incendiada). Acervo Família Chiarani.



Fotografia aérea da propriedade da Família Chiarani, datada de 1999. Acervo Família Chiarani.



Fotografia aérea da propriedade da Família Chiarani, datada de 2007. Acervo Jaime José Chiarani (reprodução).



Casas Chiarani – casa primitiva, fotografias do ano 2011 para a Exposição Sobre Muros. Autora Gissely Lovatto Vailatti.



Casas Chiarani – casa de comer, fotografias do ano 2011 para a Exposição Sobre Muros. Autora Gissely Lovatto Vailatti.

Documentação iconográfica



Anos 1980: Casa primitiva da Família Chiarani. Acervo ECIRS-UCS. Fotografia de Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



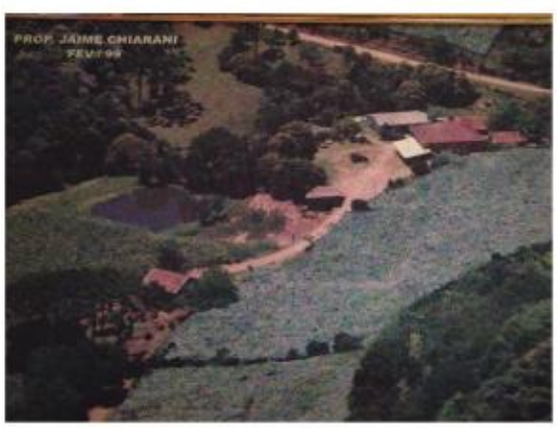
Anos 1980: Casa de Comer da Família Chiarani. Acervo ECIRS-UCS. Fotografia de Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



Fotografia aérea da propriedade da Família Chiarani na década de 1980. Acervo Família Chiarani.



Particular da fotografia aérea (1980) onde se vê a antiga casa de dormir em madeira (incendiada). Acervo Família Chiarani.



Fotografia aérea da propriedade da Família Chiarani, datada de 1999. Acervo Família Chiarani.



Fotografia aérea da propriedade da Família Chiarani, datada de 2007. Acervo Jaime José Chiarani (reprodução).



Casas Chiarani – casa primitiva, fotografias do ano 2011 para a Exposição Sobre Muros. Autora Gissely Lovatto Vailatti.



Casas Chiarani – casa de comer, fotografias do ano 2011 para a Exposição Sobre Muros. Autora Gissely Lovatto Vailatti.

Levantamento fotográfico atual



Em primeiro plano (à direita) a casa de comer, de tijolos rebocados; e em segundo plano (à esquerda) a casa de pedras.



A casa primitiva, em pedras rústicas, elevação nordeste.



A porta de entrada da casa primitiva.



Madeira, fechaduras e maçaneta da porta de entrada.



Janela com tampões e verga de madeira.



Foto interna, do antigo *focolaro* em tijolos.



A casa de comer, em alvenaria de tijolos rebocados e a casa primitiva, com paredes de pedra e oitão em adobe (barro sem cozimento).



Escada aos fundos da casa de comer: ligação com o quintal.

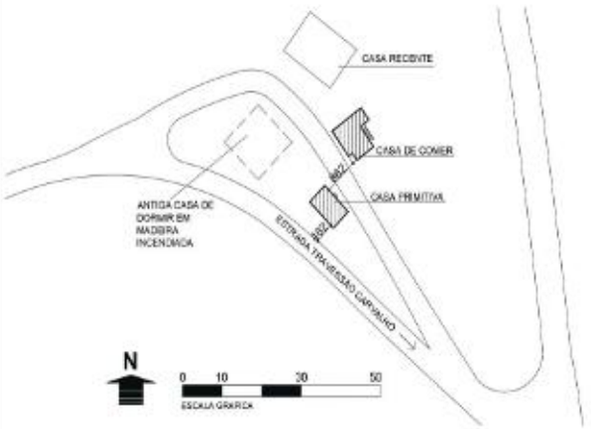


Alpendre em frente à casa de comer (fachada sudoeste) piso em ladrilhos hidráulicos.

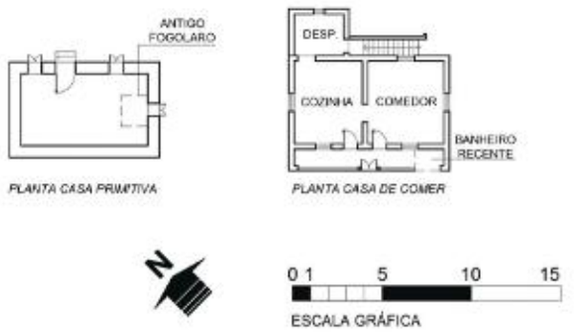
Análise Arquitetônica:

As duas edificações de propriedade da Família Chiarani apresentam características distintas, pois foram construídas em diferentes períodos. A primeira delas remonta aos primórdios da imigração italiana e foi construída com pedras lascadas, aparentes e auto-portantes, assentadas com barro e junta seca. Trata-se de edificação térrea, que apresenta planta retangular, cobertura em duas águas e oitões executados em tijolos de barro (adobe). As aberturas possuem requadros e vergas retas de madeira maciça e o fechamento das janelas e porta também foram feitos com folhas de madeira maciça. No espaço interno, há indícios da existência de um *fogolaro*. Atualmente serve como depósito. A casa de comer (ou cozinha), por sua vez, é uma edificação de alvenaria, que originalmente encontrava-se separada da casa de dormir, por temor de incêndio e foi construída na primeira metade do século XX. Oportuno relembrar que a casa de dormir, que formava o conjunto com a casa de comer, incendiou no ano de 2003, como foi dito nos apontamentos históricos. Possui cobertura em duas águas, embasamento em pedras regulares, paredes de alvenaria, piso em ladrilhos hidráulicos, forro e aberturas em madeira. Internamente, divide-se em três ambientes: cozinha, sala de jantar (comedor) e despensa, que é acessada através de uma escada voltada para os fundos do lote. Recentemente, foi acrescentado um banheiro junto à varanda, para atender às atuais necessidades de uso da edificação.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

As pedras foram retiradas de uma pedreira que havia na propriedade. Sempre serviu como cozinha. Tem piso em ladrinho hidráulico e é dividida em dois cômodos: uma parte onde havia o "cecher", pia de madeira usada para lavar as louças, um armário para guarda dos mantimentos, noutro tinha a cozinha e uma sala de visitas. Nesta sala tinha uma mesa grande de cerca de quatro metros. Deixou de ser utilizada em 1985, quando ficou pronta a atual residência da família. A energia elétrica foi instalada em 1960. Era obtida da usina de Ciro Munaro, estabelecida no Rio Curuzu, em Nova Pádua, onde funcionava seu moinho. Quando a tubulação começou a se deteriorar, já havia proposta para aquisição de energia através do Governo do Estado, então João Slaviero doou material e foi instalada a nova rede. Na primeira metade da década de 1970, por ocasião do noivado da filha mais velha de Marcelino, a casa foi reformada. Foi pintada, na varanda até a metade da parede na cor cinza, da metade para cima rosa, e em cima azul. Antes era pintada na cor cinza escuro. Foram colocados azulejos na parte da cozinha, retirada a grade de madeira e colocada a grade de ferro na varanda. Foi utilizada até 1984, quando sentiram necessidade da construção da atual residência para maior conforto. Marcelino ficou doente e o banheiro havia sido construído na casa de dormir, para chegar até ele era necessário utilizar uma escada externa com 16 degraus. Tinha um corrimão de madeira, mas como ficava um pouco além da queda da água da chuva, apodreceu e foi colocado de ferro em 1970. Em 2024 as casas são utilizadas como depósito e pertencem à família de Jaime José Chiarani e Elair Danuso Chiarani, pais de Patric, Pietro e Vinícius Chiarani. A família tem pretensão de reformar o imóvel para preservação.

Fontes primárias

Depoimento

CHIARANI, Jaime José. Flores da Cunha, 26 de janeiro de 2024.

Referências bibliográficas

MOLON, Floriano. Otávio Rocha - Cem anos de vida colonial. Porto Alegre: EST, 1982
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Pesquisas não publicadas

Exposição Sobre Muros: Casas e casarões de Otávio Rocha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/EMEF Francisco Zilli/MAHPR, 2011.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
ECIRS/UCS acervo digital
Hemeroteca Digital
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Desenhos

Joel Augusto Smiderle – Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00028	**Localidade:** Otávio Rocha

Denominação do bem: Casas Rosália Molon (antiga Gevaldino Molon)

Endereço/Localização: Estrada p/ Capela Nª Srª de Caravaggio – Travessão Carvalho, S/N.

Proprietário: Rosália Molon (usufruto com Ricardo Brugnar e Simone Molon Brugnar)
Uso original e atual: Residência / depósito e residência
Latitude: -29,0727084° **Longitude**: -51,2884216°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Camas, armários, cristaleiras e mesas (*taolin*) em madeira. Também diversos elementos de iconografia religiosa e certificados de concursos da Festa da Uva no interior da casa de 1950.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência Histórica; 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: referência histórica da família Nesello, serviu como filial da vinícola Slaviero de Otávio Rocha. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: As edificações demarcam períodos distintos da arquitetura da imigração (da pedra à alvenaria). 2.3 Raridade formal; 2.4 Elemento referencial: edificação vernacular em pedra bruta e o porte da edificação em alvenaria destacam-se no entorno rural. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada no centro do lote. 3.2 Potencial de reciclagem: a edificação de 1950 oferece porte e área para outros usos 3.3 Uso tradicional: servem como residência dos proprietários e safristas até os dias atuais. 3.4 Uso peculiar: Porão da edificação de alvenaria foi usado como vinícola. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais; 4.4 Bom estado de conservação: paredes em cantaria de pedra basalto, janelas e portas contraplacadas, entrepisos em madeira e tirantes metálicos, beirais em estuque e pintura decorativa de pedra no porão. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.4 Elemento referencial: destaque dos elementos históricos edificados em meio à paisagem cultural produtora de uvas.

Histórico:
As casas que pertencem à Rosália Molon situam-se no lote rural n.º 14 do Travessão Carvalho, Novo Território da antiga Colônia Caxias. Foi adquirido pela Família Nesello (registro grifado como Antonio Mesello). Uma curiosidade sobre a propriedade é que debaixo de um dos parreirais existentes, quando chegaram os imigrantes italianos, foi encontrado um poço com características de casa subterrânea. Nele encontraram cerâmicas, possivelmente de origem kaingang, nativos habitantes desta região. Foi aterrado para cultivo das terras. Felice Francesco Nesello (?-1932) e Domenica Maria Antonia Dal Castel Nesello (1866-1945) tiveram os filhos: Augusto (c.c. Joana Dalla Rosa), Norberto (c.c. Silvia (Cecília) Isoton), Luiz (c.c. Vva. Silvia (Cecília) Isoton), Antônio (c.c. Lucia Dondoni), Felice, Angelina (c.c. Félix Draga), Maria (c.c. Paulo Favero), Inês (c.c. Vitorio Pinzon), Anita (c.c. Lorenzetti), Antonia (c.c. Arcangelo Dondoni) e Theresa (c.c. Fiorenzo Chiarani). Por volta de 1920 a família migrou para Viadutos (RS), onde participou da fundação da comunidade Nossa Senhora da Saúde. Nos encontros da Família Nesello, quando ocorrem no Travessão Carvalho, diversos descendentes retornam à casa, para conhecer as origens. A propriedade foi então adquirida por Alexandre Molon e a esposa Teresa Lovatel Molon que passaram a viver no local com os filhos: Grandilha, Mafalda, Pedro e Orlando, e Clélia, Adelina, Eduardo, Angelo, Gevaldino e Gabriel Molon, que nasceram na casa. Os irmãos Pedro, que possuía deficiência física e faleceu aos 40 anos, e Gevaldino Molon, casado com Rosália Molon com quem teve as filhas Beatriz, Rozeli, Simone e Denise Molon, que permaneceram residindo na propriedade paterna. A casa de pedra foi construída por volta de 1900 pelo casal Francisco e Antonieta Nesello, como eram conhecidos Felice e Domenica. Possuía um "fogolaro", o qual tinha o propósito de abrigar o fogo de chão onde eram preparadas e realizadas as refeições. Era dividida em cozinha e sala de refeições. Inicialmente o chão era de terra batida, depois Alexandre Molon colocou o piso de tijolos maciços. Nos anos 1960 a cobertura, que era de "scándole" havia apodrecido, devido às infiltrações, e precisaram ser substituídas por telhas de barro. Inicialmente as janelas tinham somente "scuros", tampões de madeira, mas depois foi colocado vidro. As demais divisórias, além das originais, foram feitas após 1990, quando a casa foi ocupada novamente como residência familiar. A casa é preservada, pois foi adaptada para ser utilizada continuamente. Até 2023, foi usada como dormitório temporário para safristas. Ao lado do "fogolaro", na mesma época, existia uma casa grande, mista em pedra de basalto e tijolos de barro, que foram produzidos numa antiga olaria, próxima do local, pertencente à Família Calgaro. A cobertura era de quatro águas. No local onde funcionou a olaria ainda existe um banhado. A casa possuía dois pavimentos e sótão. Na parte térrea abrigava a cantina, onde produziam vinho, vinagre e graspa. No andar superior era dividida em diversos quartos e uma sala ampla, onde eram realizados os velórios e as festas, entre as quais as de casamento dos filhos homens. Esta casa foi utilizada como depósito de alimentos (ovos, farinha, grãos), e de utensílios de uso colonial até o início dos anos 2000. (Continua nos anexos)

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Felice Nesello e Domenica, 1900. Fonte: Jornal Pioneiro, 2002.



Figura 2 – Família de Alexandre Molon e Tereza Lovatel em 1940. Fonte: MOLON, 1982, p.144.



Figura 3 – Família de Gevaldino e Rosália Molon em 1982, em frente ao casarão de 1950. Fonte: MOLON, 1982, p.145.



Figura 4 – Antiga casa de Alexandre Molon, foto de 2002. *Fonte: Exposição Sobre Muros, 2002.*



Figura 5 – Conjunto já com a casa reformada em 2011. *Fonte: Exposição Sobre Muros, 2002.*

Levantamento Fotográfico atual:



Casa 1 – Vista Noroeste – 18/03/2024



Casa 1 - Fachada Oeste – 18/03/2024



Casa 1 - Fachada Leste – 18/03/2024



Casa 1 - Fachada Norte – 18/03/2024



Casa 1 - Fachada Sul – 18/03/2024



Casa 2 - Fachada Oeste – 18/03/2024



Casa 2 – Vista Noroeste – 18/03/2024



Casa 2 – Vista Nordeste – 18/03/2024



Casa 2- Fachada Sul – 18/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Porão de pedra da Antiga Casa de Alexandre Molon (Casa 3) – 18/03/2024



Casa 1 - Piso interno de tijolos – 04/09/2023



Casa 2 – Base porão em pedra e alvenaria de tijolos – 18/03/2024



Casa 1 – Detalhe janela - 18/03/2024

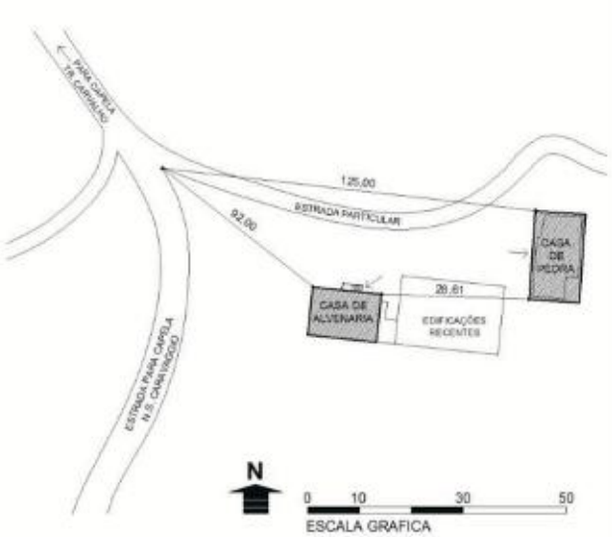


Casa 2 – Detalhe balaústra da escada - 18/03/2024

Análise Arquitetônica:

Trata-se de um conjunto de 2 edificações de uma propriedade familiar que representam a evolução construtiva dos núcleos familiares rurais desde a chegada da família de imigrantes, até o período tardio da arquitetura. A primeira edificação, implantada aos fundos do conjunto, consiste numa casa térrea em blocos de pedra basalto irregulares (rejuntados posteriormente), erguida pela família Nesello em meados dos anos 1900, período de transição da arquitetura primitiva para o apogeu. Possui cobertura em duas águas com telhas cerâmicas tipo francesa, com oitões fechados em tábuas de madeira, originalmente usado para secagem de produtos. Possui os vãos originais, estruturados por vergas e contra-vergas em madeira. As esquadrias de madeira das janelas possuem tamponamentos externos contraplacados, assim como as folhas da porta principal. Internamente a casa possui as paredes de pedra revestidas com argamassa de cal e divisórias dos cômodos em tábuas de madeira. Tábuas largas de dimensões variadas compõe o forro dos ambientes. A segunda edificação trata-se de um casarão em alvenaria de tijolos com 3 pavimentos, finalizada no ano de 1950 pela família Molon. O primeiro pavimento consiste no porão (parte em pedra, parte em alvenaria) com pé direito de 4,90m, destinado à grandes pipas de vinho. O segundo pavimento possui acesso principal pela fachada norte, por uma escadaria que dá acesso à um hall, também conhecido como sala dos padres. Neste pavimento estão 2 quartos, cozinha, despensa e circulação. Uma escada de madeira com balaústre ornando o peitoril superior que conduz ao terceiro pavimento (continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Referências bibliográficas
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições, 2002. 2ª Ed.
MOLON, Floriano. Otávio Rocha: cem anos de vida colonial 1882-1982. Porto Alegre: Est Edições, 1982.
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Séculum, 2007.
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana no rio grande do sul. EST/EDUCS, Porto Alegre, 1983.
Sites e publicações on-line
LOPES, Rodrigo. Encontro da família Nesello em Otávio Rocha: Descendentes celebram uma história iniciada na Itália em 1822. Jornal Pioneiro, 9 de novembro de 2022. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2022/11/encontro-da-familia-nesello-em-otavio-rocha-cla9ottzw0039014unrcav3bq.html Acesso em: 13 Fev 2024.
Otávio Rocha - fotografias. Disponível em: https://www.facebook.com/fotoORocha/photos/pb.100064855111741.-2207520000/1490348777693901/?type=3 Acesso 13 Nov 2023.
Pesquisas não publicadas
Exposição itinerante Sobre Muros - Casas e casarões de Otávio Rocha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/EMEF Francisco Zilli/MAHPR, 2011.
Inventário dos bens culturais de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados:

Biblioteca particular da Desvendare História e Comunicação.
Hemeroteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/ . Acesso 26 Set. 2023.
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.
MusCap – Museu dos Capuchinhos – Caxias do Sul.
Secretaria Paroquial, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha.

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Ao ser desmanchada, algumas paredes foram aproveitadas na construção da nova moradia, edificada sobre o alicerce que abrigava a cantina, sendo apenas rebaixado para nivelar com o casarão ao lado. Ao lado das casas antigas, Alexandre edificou uma nova moradia, com três pavimentos e sótão. A construção foi concluída em 1950. Gevaldino contava que primeiro construíram toda a estrutura das paredes de tijolos e por último fizeram as divisórias internas, em madeira. Até 1963 não possuía banheiro, a família usava uma patente, construída nas proximidades. Pouco antes do casamento de Gevaldino e Rosália, realizado em 11 de janeiro de 1964, foi construído um banheiro ao lado da casa, sendo que o vaso sanitário e o chuveiro ficavam separados. Anos depois foi feita uma reforma e o banheiro foi adequado como está agora. Antes tomavam banho num córrego d'água que ainda passa próximo da casa. Nesta casa, na parte térrea, Alexandre estabeleceu uma cantina de vinhos. O empreendimento iniciou como uma filial da Vinícola Slaviero e, anos depois, Gevaldino registrou sua própria cantina rural para comércio de vinho a granel. O andar superior é dividido em cozinha, despensa, quartos, sala de visitas - onde havia diversos elementos religiosos -, e sala de refeições, que também foi usada para o velório de Alexandre, Teresa e Pedro, e para a festa de casamento de Gevaldino e Rosália, entre diversas outras. O terceiro pavimento é dividido em diversos quartos e acima dele encontra-se o sótão, que não era utilizado. O pé direito é bastante alto. Uma intempérie causou danos no telhado, que precisou ser reformado, mas manteve o formato de quatro chuvas. Em 2024 a propriedade pertence a viúva Rosália Molon em usufruto com a filha e o genro, Simone Molon Brugnar e Ricardo Brugnar. Ricardo e Simone são pais de Suellen, Rafaela e Maiara Molon Brugnar. A casa de pedra é preservada e o casarão ainda é utilizado para as refeições e como dormitório para visitas.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)

Neste, no arranjo simétrico da planta configura-se com 4 quartos, uma sala central, e dois cômodos menores de apoio. De modo geral, as divisórias internas originais são em lambris de madeira e as compartimentações posteriores realizadas no segundo pavimento são com tábuas simples. Os pavimentos superiores também são caracterizados pelo piso assoalhado e forro em madeira. As esquadrias são em madeira pintada, com janelas de duas folhas envidraçadas internas e venezianas de folhas articuladas na parte externa. A cobertura possui quatro águas com telhas tipo francesa. Entre as duas construções já descritas, há uma terceira edificação reformada nos anos 2000, que substituiu a antiga casa de alvenaria e pedra da família de Alexandre Molon, utilizando parcialmente a estrutura do porão e que hoje serve como habitação principal dos proprietários.

ICONOGRAFIA (continuação):

(1) Felix Natal Slaviero na velha cantina de Gevaldino Molon. Fonte: Página Otávio Rocha – Fotografias. Facebook; 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=1202518566476925&set=pb.100064855111741.-2207520000 Acesso em 24/04/2024.

(2) Gevaldino Molon na casa de pedra, década de 2010. Fonte: MOLON, Floriano. Otávio Rocga – Nossas Famílias. Facebook; 2024. Disponível em: https://www.facebook.com/photo/?fbid=10215602372665555&set=pcb.10215602405586378&locale=id_ID Acesso em: 24/04/2024.

(3) Foto aérea da propriedade, década de 1960. Fonte: Acervo Rosália Molon.

(4) Foto da casa de pedra, 1982. Fonte: MOLON, 1982, p.145.

(1) 

(2) 

Gevaldino, na moradia centenária, ressalta que ela é e será totalmente preservada.

(3) 

(4) 

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 3.1.2.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	26/04//2023.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00029	**Localidade:** Distrito de Otávio Rocha

Denominação do bem: CASAS FAMÍLIA ISOTON

Endereço/Localização: Lote rural nº 8, Travessão Carvalho - Distrito de Otávio Rocha

Proprietário: Marco Isoton
Uso original e atual: residência/ residência e depósito
Latitude: -29,0799010° **Longitude**: -51,2884202°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Móveis e utensílios de trabalho



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: 1.1 Referência histórica: 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: As casas por sua época de construção e cenário na série televisiva "O Caso do Martelo" a tornaram não somente referência local e dos familiares, mas de toda uma população. **2) MORFOLÓGICA:** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: Edifícios que representam o processo de imigração da antiga colônia, por suas características formais. **3) FUNCIONAL**: 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.2 Potencial de reciclagem: 3.3 Uso tradicional: Edificações em harmonia com o meio rural e que podem receber novos usos. Ainda permanecem sendo usadas. **4) TÉCNICA:** 4.3 Risco de desaparecimento: 4.4 Bom estado de conservação: A casa mais antiga precisa de intervenções breves para não desaparecer, já a casa de comer encontra-se em melhores condições, pois ainda permanece em uso. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário: As casas foram executadas em harmonia com o ambiente rural, considerando além da topografia e das visuais o que lhes confere uma leitura de cenário, mesmo que uma das casa tenha sido substituída.

Histórico:
As casas da família Isoton situam-se no lote rural n.º 8, do Travessão Carvalho, Novo Território da antiga Colônia Caxias. O lote foi adquirido pelo imigrante italiano Pietro Isoton, casado com Maria Lorenzet Isoton (1853-1917), sendo quitado em 1891. Quando a família chegou da Itália, inicialmente se estabeleceu debaixo de troncos de algumas árvores que existiam próximo do rio que atravessa a propriedade. Posteriormente edificaram suas casas. A casa mais antiga da propriedade foi construída por volta de 1900. Na parte térrea resguardavam alimentos e no andar superior era dividida em dois quartos. Posteriormente, num dos cantos, foi feita uma divisória para despensa, onde eram guardados alimentos. Em cima existe um sótão, mas só é possível ficar em pé na parte central. Era utilizado para conservar alguns produtos cultivados, como batata e cebola. Ali também eram depositadas coisas em desuso na expectativa de reutilizar. A cobertura era de "scándole", tabuinhas rachadas - ainda é possível visualizá-las num beiral da casa. No final da década de 1960 o coberto foi substituído por telhas de barro e o pequeno coberto na porta de entrada, no segundo pavimento foi refeito com tabuinhas. Nesta extensão da casa havia uma área externa, espécie de varanda aberta, que foi retirada por ocasião da reforma. A casa nunca foi pintada. Até 1950, próximo desta casa, a família possuía um "fogolaro", edificação com fogo de chão que servia para preparo e realização das refeições. Após o casamento, até os anos 1920, um dos filhos de Pietro e Maria, Constâncio Isoton, a esposa Maria Rombaldi e os filhos Dionísio, Virgílio, Otávio, João, Ernesto, Antônio, Silvestre, Sétimo, Gaspera, Ernesta, Domitila e Basílio Isoton, antes de se estabelecerem em Mato Perso, residiram na casa paterna. Mas quem herdou a propriedade foi seu irmão, Camilo Isoton casado com Esther Basso Isoton (1890-1950). O casal teve 15 filhos. Esther faleceu depois de cinco meses de enfermidade, sendo tratada em Caxias do Sul e Porto Alegre. Posteriormente a propriedade foi herdada por Alfonso Isoton (1916-1983), filho de Camilo, casado com Zélide Zorzin Isoton. Afonso e Zélide tiveram 15 filhos, entre os quais Gevaldino Isoton, que herdou a propriedade. No final da década de 1940, com a aquisição do fogão à lenha, foi construída uma casa em madeira, com a mesma serventia do "fogolaro". Era dividida em três cômodos: cozinha com "cecher", uma sala pequena com fogão a lenha e outra sala grande onde recebiam visitas. O porão era fechado com tábuas, que foram substituídas por tijolos de barro. Sempre foi pintada de amarelo. A parte debaixo era utilizada para carnear os animais. Deixou de ser utilizada nos anos 2000, passando a servir temporariamente como dormitório para safristas. Entre estas duas edificações, existiu até os anos 2000 uma casa de madeira, com porão erguido com pedra de basalto. No andar térreo abrigava a cantina rural, que chegou a ser registrada para comércio de vinho a granel, e no andar superior dormitórios e uma ampla sala de visitas. Até o falecimento de Camilo, os familiares falecidos foram velados na sala desta casa. Esta casa foi desmanchada para construção da atual moradia, a qual foi edificada sobre a estrutura da cantina. Durante o ano da construção, a família ficou abrigada na casa que servia de cozinha. Um rio com águas vindas da Gruta de Otavio Rocha, passa pela propriedade e neste rio o imigrante Pietro Isoton construiu um moinho de moagem de milho e com a energia produzida era possível iluminar as casas da propriedade. Este moinho foi desativado e atualmente parte da edificação é utilizada como paiol. Para travessia do rio, por volta de 1960 foi construída uma ponte em tabuão de madeira, esta era coberta com "scándole" e fechada ao redor com tábuas, havendo a cada três metros, de forma alternada, janelas em ambos os lados. Era possível fechar a ponte de um lado ou do outro do rio, assim ficava mais fácil conter os animais. Essa ponte foi levada pela enchente de setembro de 2023. Nesta edificação em 1991 foi gravada a cena lendária do especial da Rede Globo "O caso do martelo", que foi ao ar em 4 de junho daquele ano, sendo assistido por mais de 20 milhões de espectadores.

Renomados atores da televisão brasileira estiveram na propriedade, entre eles Lima Duarte, que interpretou o delegado Hilário Pasúbio. O filme foi dirigido por Paulo José. Contracenaram também atores caxienses que integravam o grupo Miseri Coloni. O filme foi inspirado no livro homônimo lançado em 1985, uma novela policial escrita por José Clemente Pozenato. O local foi escolhido para gravação de algumas cenas em função do rio. A morte do personagem Mansueto Gamba foi gravada no paiol. Retiraram tudo o que havia no local. As gravações aconteceram por mais dois dias. Pessoas das redondezas ficaram curiosas para ver e as estradas precisaram ser temporariamente interrompidas. Outras cenas foram gravadas na casa que foi desmanchada (cantina e dormitório) e no entorno. A família preserva orgulhosa diversas fotografias. Em 2024 a casa dos imigrantes está desabitada e requer intervenções. A antiga cozinha é utilizada de modo temporário, como dormitório para safristas. A propriedade foi herdada pelo falecido Gevaldino Isoton, casado com Idite Maria Verona Isoton, com quem teve quatro filhos. Marco Afonso Isoton mantém a propriedade onde reside com a mãe.

Documentação Iconográfica:



1950 - Esther Basso Isoton – Fonte: Jornal Correio Rio-grandense – 10/5/1950 p.2



1962 - Camilo Isoton - Fonte: Jornal Correio Rio-grandense – 24/10/1962 p.3



1983 - Afonso Isoton - Fonte: Jornal Correio Rio-grandense 19/10/1983 p.18



1980 - Casa Isoton
Fonte: ECIRS UCS Aldo Toniazzo e Ary Trentin



1990 - Casas Isoton - casa desmanchada_ Zelite, Edite e Paulo
Acervo Idite Maria Verona Isoton



1991 - Gravação_ Gevaldino, Paulo, Jorge, Lima Duarte, Edite, Marco
Acervo Idite Maria Verona Isoton



1991 – Gravação: Lima Duarte, Margarete Verona e Adriana Verona - Acervo Idite Maria Verona Isoton



Gravações reuniram vários atores e figurantes locais. À esquerda, os atores Elias Gleizer e Lima Duarte Mário Franzen / Banco de Dados,14.05.1991, Agencia RBS



1999 - Casas Isoton –
Acervo: Idite Maria Verona Isoton



1993 - Casa Isoton –
Acervo: Idite Maria Verona Isoton



Ano 2000 - Construção da casa nova com as casas antigas ao fundo
Acervo: Idite Maria Verona Isoton



Ano 2000 - Construção da casa nova com as casas antigas ao fundo
Acervo: Idite Maria Verona Isoton

Levantamento Fotográfico atual:


Casa de comer - 09/02/2024


Casa de comer - 09/02/2024


Conjunto de casas - 09/02/2024


Casa de comer - 09/02/2024


Casa de comer - 09/02/2024


Conjunto de casas - 09/02/2024


Casa antiga - 09/02/2024


Casa antiga - 09/02/2024


Casa antiga - 09/02/2024


Casa antiga - 09/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):


Acesso - 09/02/2024


Porão casa antiga - 09/02/2024


Porão casa antiga - 09/02/2024


Janela casa antiga - 09/02/2024


Interior da casa antiga - 09/02/2024


Casa antiga – escada - 09/02/2024


Casa antiga - sotão - 09/02/2024


Casa antiga - janela - 09/02/2024


Moinho/paiol - 09/02/2024


Moinho/paiol - 09/02/2024


Estrebaria - 09/02/2024


Rebolo e bigorna - 09/02/2024



Det. pintura varanda - 09/02/2024



Interior casa - 09/02/2024



Janela c/ tampões - 09/02/2024



Det. pintura no interior casa- 09/02/2024



Estrutura para pendurar os salames e latas para evitar os ratos - 09/02/2024



Piso em ladrilhos -varanda - 09/02/2024



Porta - 09/02/2024



Detalhe acabamento varanda - 09/02/2024



Porão - 09/02/2024



Pombal 09/02/2024



Paiol - 09/02/2024



Feitio de doce de uva - 09/02/2024

Análise Arquitetônica:

Na propriedade da família Isonton encontramos duas casas históricas e um antigo moinho que foi transformado em paiol. Nesta propriedade podemos observar o processo de ocupação e implantação do lote, e como elas levam em conta a topografia, as visuais e o rio que passa no lote.

A casa mais antiga foi construída por volta de 1900, é toda em madeira, possui um pequeno porão, com fechamento lateral em tábuas de madeira. No andar térreo encontramos a casa dividida em três ambientes e uma escada simples que leva ao pequeno sótão. As divisórias internas, piso, entrepiso e estrutura do telhado são em madeira. Atualmente o telhado possui cobertura de telhas cerâmicas, mas originalmente era feito de tabuinhas (scandole), estas ainda permanecem sobre a pequena cobertura no acesso a casa. Tanto interno quanto externamente a emenda das tabuas é feita por mata-junta. As janelas são do tipo contraplacas, ou seja, duas camadas de tábuas, uma vertical e outra horizontal fixadas com pregos e a abertura é para fora. As madeiras da casa tem a cor acinzentada, efeito patina da passagem do tempo nesta casa centenária ainda preservada pela família.

Na frente da casa antiga, encontramos **a casa de comer,** construída na década de 1940, para abrigar a função de cozinha, considerando o uso de um fogão a lenha industrializado, na preparação dos alimentos ao invés do antigo foccolaro. Esta casa foi construída aproveitando a topografia, tendo o porão semiescado, base em pedras, na parte em contato com o solo. As demais paredes que não tinham contato direto com o solo foram fechadas, originalmente com tábuas, mas com o passar dos anos estas estragaram e foram substituídas por tijolos de barro. Na nova configuração o porão foi dividido internamente e ganhou um banheiro. O andar térreo, possui tanto o fechamento externo quanto interno em tábuas de madeira com mata junta. O piso da casa é em madeira é fixado em barrotes que se apoiam nas paredes de pedra e em uma viga central. Esta viga central, em madeira, é disposta na longitudinal e se apoia nas paredes de pedra, além de em um pilar central em madeira. A estrutura do entre-piso é aparente no porão e serve para a fixação dos produtos como queijo e salame. Para evitar a chegada dos ratos, eram instalados pedaços de lata na extremidade. Anexo a casa há um espaço destinado a pia, este possui telhado mais baixo e independente do volume principal. No ambiente que havia o fogão, podemos perceber que o piso ao redor do mesmo, possuía tratamento diferente, com revestimento de lajotas cerâmicas, mas originalmente ladrilhos hidráulicos. O forro da casa é em madeira e não há sótão. As paredes internas da casa, possuem pinturas decorativas, O acesso a casa, acontece por uma pequena varanda, com as paredes decoradas, com duas portas em folhas duplas, com almofadas e vidros, ao lada de cada uma janela tipo guilhotina, com vidros e tampões internos. Próximo ao rio encontramos **um paiol** em tábuas de madeira e que originalmente funcionava como moinho para moagem de milho e fonte de energia elétrica da casa. Ele foi desativado, os equipamentos retirados e atualmente ele se transformou em um paiol. Junto a este hoje há uma estrabaria das vacas, um depósito e a área do tanque de lavar roupa. Tudo construído em madeira, de forma simples, com telhado de telhas cerâmicas e parte em telha metálica. No restante do lote há também um outro paiol e um antigo pombal, todos em madeira.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00030	**Localidade:** Otávio Rocha

Denominação do bem: Casa Colônia Bianchini

Endereço/Localização: Travessão Esperança, estrada do Capitel Santo Antônio, S/N.

Proprietário: Jauri Miranda e Eroni Maria Bianchin Maciel
Uso original e atual: Residencial / Desocupada
Latitude: - 29,0849237° **Longitude**: - 51,3061950°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: local de socialização (Granja do Fundão) e referencia afetiva de numerosas descendências familiares (Mussoi, Maran, Bianchin). **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico, 2.3 Raridade formal: elemento representativo da arquitetura rural de imigração com influências do ecletismo, produzida no período do apogeu. 2.4 Elemento referencial: destaca-se no entorno rural pelas formas arquitetônicas e modo de implantação. **3) FUNCIONAL –** 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada no centro do lote. 3.2 Potencial de reciclagem: pelas qualidades paisagísticas, recursos naturais do entorno e porte das edificações. **4) TÉCNICA –** 4.1 Raridade na técnica construtiva, 4.2 Raridade no emprego de materiais: esmero da cantaria em pedra basalto e alvenaria com argamassa de barro; **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.4 Elemento referencial: amplitude da paisagem onde o bem está implantado e o contraste cm as formas naturais do entorno, destacam visualmente as formas arquitetônicas do elemento.

Histórico:
A Casa Colônia Bianchin situa-se no lote rural n.º 4 do Travessão Esperança, Novo Território da antiga Colônia Caxias. A compra do lote foi quitada em 1893 pelo imigrante italiano Giuseppe Mussoi (20/02/1856-18/09/1899), que chegou ao Brasil em 1884. Giuseppe foi casado com Libera Salvarego. O casal teve, entre outros, os filhos Angelo e Mozè (Moizés) Mussoi, que se estabeleceram no distrito de Mato Perso. A casa foi edificada para abrigar a Família Mussoi. Os construtores, de sobrenome Calgaro, residiam nas proximidades. Um relato, de um senhor da família Mussoi, que nasceu na casa, leva a crer que ela teria sido construída há cerca de 100 anos. Todavia, o registro da matrícula do imóvel remete ao ano de 1937. Antes da construção desta edificação, os Mussoi residiam numa casa que existia em frente a esta. Antigamente a propriedade era conhecida como "Granja do Fundão", por ter a passagem de um rio e um poço. Em épocas de veraneio, tornava-se um lugar de lazer para saltos, banhos e muita diversão. A casa de 88 m² foi edificada para abrigar a cantina de vinho e os dormitórios. Ao lado, atualmente interligando a edificação através de dois banheiros construídos posteriormente, outra edificação abrigou originalmente a cozinha. Foi construída separadamente, como era costume na época, para evitar perigo com incêndios. Era dividida em dois cômodos: cozinha e despensa. Reformada, passou a abrigar um quarto e um banheiro. O pavimento térreo foi erigido com pedras de basalto, assentadas em barro. As paredes medem cerca de 50 centímetros de espessura. Foi edificado com o intuito de abrigar a cantina, onde produziam vinho para o consumo e outros derivados da uva, como vinagre e graspa. O vinho era elaborado com uvas produzidas na propriedade. Cultivavam parreirais no entorno. A cantina também era utilizada para conservar alimentos produzidos na colônia. O pavimento superior, em alvenaria, tijolos rejuntados com barro, foi construído com o intuito de abrigar os dormitórios. As divisórias internas, beiral, aberturas e o assoalho foram edificados em madeira. A estrutura de sustentação interna foi feita com troncos de pinheiros inteiros. Esse andar era dividido em duas salas, corredor e cinco quartos. Em determinada época (antes de 1990), a primeira sala, que dá acesso ao corpo da casa, passou a abrigar a cozinha. A cobertura, no formato quatro águas, permanece com telhas de barro. De acordo com o "Edital de 1.ª Praça", publicado no Jornal Pioneiro no ano de 1957, foi levado a público a venda de uma gleba de terras sem benfeitorias, pertencentes ao lote rural n.º 4, herança deixada por falecimento de Maria De Bastiani Mussoi, primeira esposa de Mozé Mussoi. Após o casamento, o casal havia permanecido residindo na casa paterna. No local nasceu o único filho do casal, José Mussoi. Cerca de 10 anos após o falecimento da jovem Maria, Mozé casou em segundas núpcias com a viúva Celestina Grando, passando a residir em Mato Perso, local onde se estabeleceu também seu filho José. Em data incerta a Família Maran adquiriu o imóvel e, em 1978, o vendeu para a família de seu cunhado, Maximiliano Bianchin. Num edital de citação doutro lote rural, publicado em 1986, consta que o mesmo fazia divisa com o lote rural n.º 2 do Travessão Esperança, de propriedade de Adalberto Luiz, Mozé, David e Maximiliano Bianchin, este casado com uma mulher de sobrenome Maran. (continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:

Documentação não encontrada.

Levantamento Fotográfico atual:



Conjunto – Vista Norte – 09/02/2024



Conjunto – Vista Leste – 09/02/2024



Conjunto - Vista Sul – 09/02/2024



Conjunto - Vista Oeste – 09/02/2024



Casa 1 - Fachada Nordeste – 09/02/2024



Casa 1 - Fachada Sudeste – 09/02/2024



Casa 1 - Fachada Sudoeste – 09/02/2024



Casa 1 – Fachada Noroeste – 09/02/2024



Casa 2- Fachada Sudeste – 09/02/2024



Casa 2- Fachada Nordeste – 09/02/2024



Casa 2- Fachada Noroeste – 09/02/2024



Vista do anexo de banheiros, fundos.



Vista panorâmica ao Sul – 09/02/2024.

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Arroio próximo à propriedade – 09/02/2024



Vista do interior do porão – 09/02/2024





Detalhe fachada - 09/02/2024



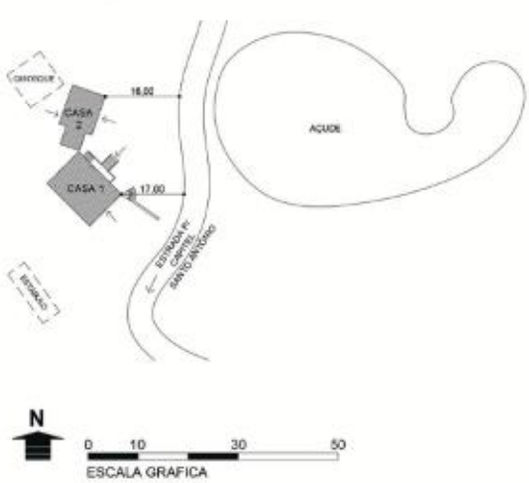
Escada curva na área externa - 09/02/2024

Detalhe janelas da fachada Nordeste, Casa 1 – 09/02/2024

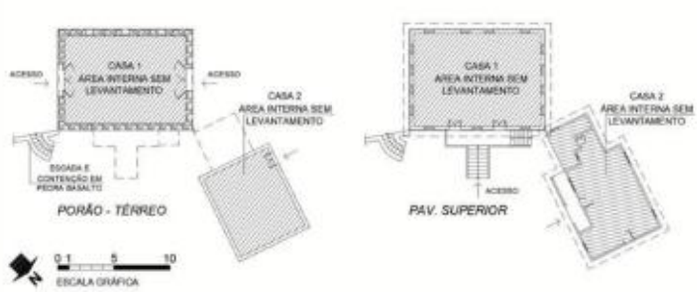
Análise Arquitetônica:

O elemento é composto por duas edificações residenciais construídas na década de 1930, contendo casa de dormir (Casa 1) casa de comer (Casa 2). A Casa 1, volume principal do conjunto, possui dois pavimentos: porão e pavimento superior. O porão, destinado a cantina, é de blocos talhados de pedra basalto, assentados com argamassa. Possui janelas em verga reta e portas em arco abatido. O pavimento superior é em alvenaria de tijolos assentados com argamassa de cal e barro, revestidas por uma fina camada de reboco de areia e cal. Na linha do entrepiso, uma fiada de pedras intercaladas por alvenaria demarca a transição entre os pavimentos. Resquícios das pinturas decorativas em tom avermelhado que adornavam o contorno das janelas e da base de pedras e simulavam pilares nas extremidades do pavimento superior estão presentes sobre o reboco remanescente. Tais elementos denotam influência do ecletismo brasileiro sobre esta arquitetura rural, assim como o ritmo de esquadrias da edificação e as cimalhas em relevo nas janelas da fachada principal. A cobertura de quatro águas em telhas tipo francesa, com ponto mais baixo de cumeeira, revela um sótão sem funcionalidade. Os beirais são em lambris de madeira e estão bastante deteriorados. O ordenamento das fachadas possui composição simétrica das aberturas. As janelas possuem esquadria de madeira com vidros incolores do tipo guilhotina, sem tamponamentos. Uma varanda com escadaria em pedra e cobertura com telhas francesas demarca o acesso principal sobre a fachada nordeste. O acesso ao interior do pavimento superior se dá por duas portas de madeira com folhas dupla. A Casa 2, volume secundário da composição, construído em alvenaria rebocada abrigava a cozinha. Possui um pavimento superior no mesmo nível do pátio de acesso à Casa de dormir (Casa 1) e um pequeno porão semi-escavado com acesso pela fachada noroeste. (Continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimento
MACIEL, Jauri Miranda. Flores da Cunha, 17 de abril de 2024.
Referências bibliográficas
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002. 2ª ed.
VAILATTI, Gissely Lovatto. Mato Perso, uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.
Jornais
Criatividade é a marca registrada dos equipamentos recreativos Ludus. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 12 e 13 de novembro de 1988, p. 7.
Jornal Pioneiro. Caxias do Sul, 14 de dezembro de 1957, p.6.
Jornal Pioneiro. Caxias do Sul, 3 de dezembro de 1986, p. 21.
Pesquisas não publicadas
MACIEL, Eroni Maria Bianchin. Colônia Bianchin. Caxias do Sul: 2024.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Secretaria Municipal de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente - Prefeitura de Flores das Cunha

Anexos e Informações complementares:
HISTÓRICO (continuação)
Ambas as famílias (Maran e Bianchin) também residiram na casa. A família é descendente do imigrante italiano Luigi (Luiz) Bianchin (1875-1935). Na parte térrea, em 1983, Mozé Bianchin deu início à fábrica de brinquedos "Ludus Equipamentos Recreativos", que posteriormente se estabeleceu na cidade de Caxias do Sul. Criou um produto inovador, a Brinkelândia, que deu origem à uma extensa linha de brinquedos em madeira para pequenos espaços e parques infantis. Por volta de 1980, entretanto, a família Bianchin construiu uma nova moradia, do outro lado da estrada. A casa antiga foi desocupada e passou a servir para depósito de milho cultivado na propriedade. O peso provocou o desnivelamento do assoalho. Essa forma de uso favoreceu também danos provocados por cupins. Nessa época, Jauri Miranda Maciel passou a frequentar a propriedade junto com a esposa Eroni Maria Bianchin Maciel, filha de Antônio Bianchin e sobrinha de Maximiliano. Passaram a se encontrar periodicamente nos finais de semana. O lugar de lazer foi despertando o afeto da família de Jauri que, em 1990 adquiriu a propriedade, a qual foi legalmente escriturada em 1999, já composta também pelas filhas Nicole e Julie. Logo Jauri deu inicio aos trabalhos para embelezamento do local. Onde havia o tanque utilizado para o preparo de tratamento para as videiras - que já não existiam, construiu um galpão de madeira, com piso revestido, para confraternizações. Na parte térrea da casa grande foi organizado um espaço de lazer. Como nas terras havia bastante pedra solta, as utilizou para a (re)construção de taipas. Aterrou todo o entorno da casa, deixando mais plano e plantou extenso gramado. Outra intervenção foi a construção de uma viga, no pavimento térreo, para sustentação do assoalho do pavimento superior, que havia deteriorado em função do uso como depósito. Modernizou também o sistema de energia elétrica, a qual a casa foi servida por muitos anos, através da usina que existia nas proximidades (Rio Tega). A família Bianchin Maciel tem grande interesse na conservação do imóvel e da propriedade, por isso está organizando um projeto de revitalização do lugar. O projeto inclui a manutenção das características existentes, mas com intervenções no assoalho/piso, aberturas, beiral e cobertura.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)
Uma pequena varanda conformada na subtração do volume configura o acesso junto a fachada sudeste. As esquadrias seguem o padrão da Casa de dormir, com esquadrias do tipo guilhotina. Infelizmente não houve acesso ao interior da edificação para ser descrito nesta análise.

Observações:
Não houve autorização de acesso ao interior da edificação.
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 3.1.2.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

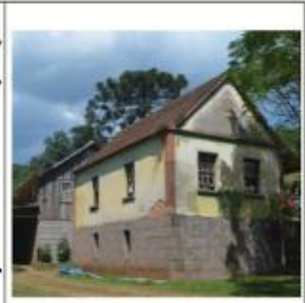
Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00031	**Localidade:** Travessão Claro – Distrito de Otavio Rocha

Denominação do bem: CASA FAMÍLIA CASA

Endereço/Localização: Travessão Claro – Distrito de Otávio Rocha

Proprietário: João Francisco Casa e Ana Luvizon Casa
Uso original e atual: Residência/Residência
Latitude: -29,0886626° **Longitude**: -51,3005014°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

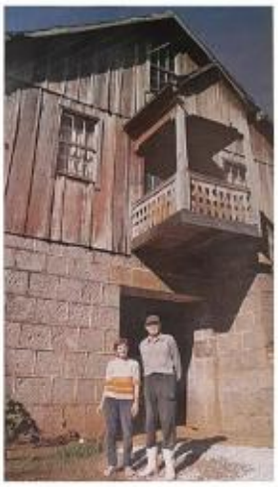
Moveis e utensílios



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica:–1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: Casas que contam através da arquitetura o processo de imigração e que se tornaram referência coletiva não somente dos familiares e da comunidade próxima, mas de todo o município de Flores da Cunha ao se tornarem cenário do vídeo promocional 12ª Fenavindima. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: **3) FUNCIONAL** - 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.3 Uso tradicional: Casas implantadas dentro dos lotes e compatíveis com o entorno. Duas das casas ainda seguem com o seu uso original, a mais antiga é usada como deposito. **4) TÉCNICA -** 4.4 Bom estado de conservação: Duas das casas encontram preservadas, pela continuidade do uso, necessitam de pequenas manutenções. A casa mais antiga é a que está mais deteriorada e necessitaria de manutenções brevemente. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; Em-harmonia com a paisagem além de formar um cenário o conjunto das edificações.

Histórico: As casas da Família Casa situam-se na divisa entre os municípios de Flores da Cunha e Caxias do Sul. O lote rural foi adquirido pelo imigrante italiano Francesco Casa, que faleceu aos 33 anos, mas que já havia estruturado toda a propriedade. No local, quatro casas construídas sucessivamente foram preservadas por cerca de 130 anos. A propriedade foi herdada geração após geração pelo filho Giovanni Casa, casado com Metilde, o neto Francisco Casa, casado com Helena Lorenzet Casa e o bisneto João Francisco Casa, casado com Ana Luvizzon Casa, pais dos trinetos Giovani e Giovana Casa. A edificação mais antiga, erguida com madeira de pinheiro falquejado a facão data de 1882. A cobertura, que era de "scándole" e depois foi substituída por telhas de barro, foi danificada pela queda de um coqueiro, mas permaneceu sendo conservada até por volta de 2018, quando foi desmanchada. Nesta casa, nos anos 1950, Francisco estabeleceu uma ferraria, desativada nos últimos anos em função da fragilidade de sua saúde. Ele arrumava diversos itens, como rádios, relógios e por muitos anos foi o responsável pela manutenção da usina que havia sobre o Rio Tega (atual Usina Maria Piana). No local foi construído um cercado para manter as galinhas. Em 1914 Francesco edificou uma nova casa, também em madeira bruta que, com o passar dos anos passou a abrigar somente o "larin", onde preparavam e serviam as refeições. Sua cobertura é de ferro galvanizado. Atualmente é utilizada como depósito de ferramentas da antiga ferraria e outros utensílios agrícolas. Em frente às casas primitivas foi construída uma casa mista, com base em pedra de basalto e pavimento superior em madeira. A parte térrea serviu como porão para depósito e conservação de alimentos e, em cima, como dormitório. No final da década de 1930 o segundo pavimento foi desmanchado e sobre a base de pedras, em 1939 (inscrição que consta sobre a porta de entrada) foi edificada uma nova casa, em alvenaria. As paredes foram erguidas com 11 mil tijolos assentados em barro. Manteve a mesma finalidade na parte térrea e a parte de cima, agora já com "ceccher", uma espécie de lavatório de louças e fogão à lenha, passou a abrigar a cozinha, uma sala de refeições e ampla sala para visitas. Na casa de dormir, por ocasião do casamento de João Francisco e Ana, em 1990, alguns dormitórios receberam uma sobre parede e está foi pintada na cor branca. Nesta mesma época foi construído o banheiro junto a casa de comer, até então era utilizada patente, próximo do mato. A luz elétrica era transmitida pela usina que existia sobre o Rio Tega. Quatro anos antes da reforma do antigo dormitório, em 1935, ao lado foi edificada outra casa, também de forma mista, madeira assentada sobre 2,4 mil pedras de basalto retiradas da propriedade e transportadas com carroça. Seu propósito era abrigar a cantina no subsolo, sete dormitórios, uma sala ampla e uma varanda no segundo pavimento, além do sótão. A festa de casamento de Francisco e Helena, em 1961, foi realizada nesta casa. Por muito tempo, anualmente, costumavam reunir toda a família para confraternização no dia Primeiro do Ano. Os móveis da casa foram confeccionados pela própria família. Nunca recebeu pintura, somente os três quartos que pertenceram ao casal João Francisco e Ana e aos filhos Giovana e Giovani, onde também foi trocado o forro do teto. A cobertura sempre foi de telhas de barro, mas foram trocadas em virtude de uma forte tempestade ocorrida no em 1988, quando quebraram cinco mil telhas das edificações. A casa nunca passou por reformas. Uma escada dá acesso ao sótão, o qual era utilizado para secagem dos frutos. Esta edificação nunca teve banheiro. CONTINUA NOS ANEXOS.

Documentação Iconográfica:



2015 - Casas Família Casa - Jor OF 31 07 2015 p7
Foto Danúbia Otobelli



Capitel de Sto Antonio – Prox- casa da família Casa - 2012



Foto casamento família
Fonte: Acervo família Casa



Foto casamento família
Fonte: Acervo família Casa



2016 - Casas Família Casa no vídeo promocional 12ª Fenavindima - Youtube Juliano Carpeggiani



2016 - Casas Família Casa no vídeo promocional 12ª Fenavindima - Youtube Juliano Carpeggiani

Levantamento Fotográfico atual:



Perspectiva do conjunto de casas – 19/03/2024



Perspectiva do conjunto de casas – 19/03/2024



Perspectiva casa de dormir – 19/03/2024



Fachada Sul – casa de comer – 19/03/2024



Fachada Sul – casa de comer – 19/03/2024



Perspectiva casa de dormir – 19/03/2024



Perspectiva casa de comer – 19/03/2024



Perspectiva casa de comer – 19/03/2024



Fachada fundos casa de dormir – 19/03/2024



Perspectiva casa antiga – 19/03/2024



Fachada casa antiga – 19/03/2024



Fachada principal casa de dormir - 04/09/2023



Varanda casa de dormir 04/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Porão – 19/03/2024



Estrutura pilar porão – 19/03/2024



Ano const. casa de dormir – 19/03/2024



Corredor casa de dormir – 19/03/2024



Porta casa de dormir – 19/03/2024



Dormitório casa de dormir – 19/03/2024



Det. pintura - casa de dormir – 19/03/2024



Det. pintura - casa de dormir – 19/03/2024



Porta casa de dormir – 19/03/2024



Escada acesso a casa – 19/03/2024



Estrutura do telhado – 19/03/2024



Máquina de sovar – 19/03/2024



Varanda acesso a casa de dormir – 19/03/2024



Sótão e balanço infantil – 19/03/2024



Det. acesso a casa de dormir – 19/03/2024



Ligação entre as casas – 19/03/2024



Det. acesso– 19/03/2024



Varanda casa de comer – 19/03/2024



Cozinha – 19/03/2024



Det. piso – 19/03/2024



Armário de alimentos – 19/03/2024



Sala casa de comer – 19/03/2024



Sala casa de comer – 19/03/2024



Porão casa de comer – 19/03/2024



Det. pintura - 19/03/2024



Det. pintura varanda - 19/03/2024



Det. ano casa de construção casa de comer - 19/03/2024



Det. materiais casa de comer - 19/03/2024

Análise Arquitetônica:

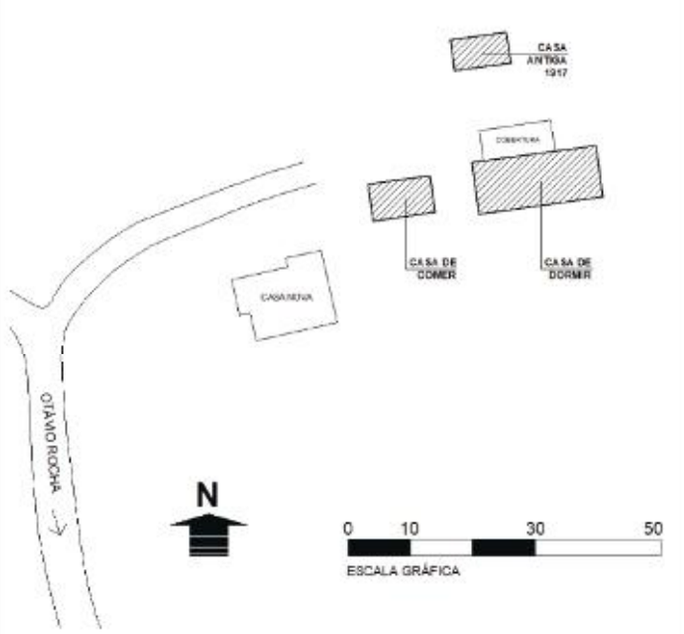
No lote da família casa existem três casas antigas de interesse histórico e arquitetônico:

A casa mais antiga foi construída em 1914, é um volume único, de um pavimento, fica em uma parte plana do lote. Esta casa é toda em tábuas de madeira, com matajunta, sem pintura, piso e forro de madeira como a estrutura do telhado, que é em duas águas e cobertura metálica. Na fachada principal da casa podemos perceber a simetria na disposição das esquadrias. Ao centro duas portas de folhas simples e em cada lateral uma janela com esquadria de madeira também contraplacadas, posteriormente foram acrescentadas janelas tipo guilhotina com vidros.

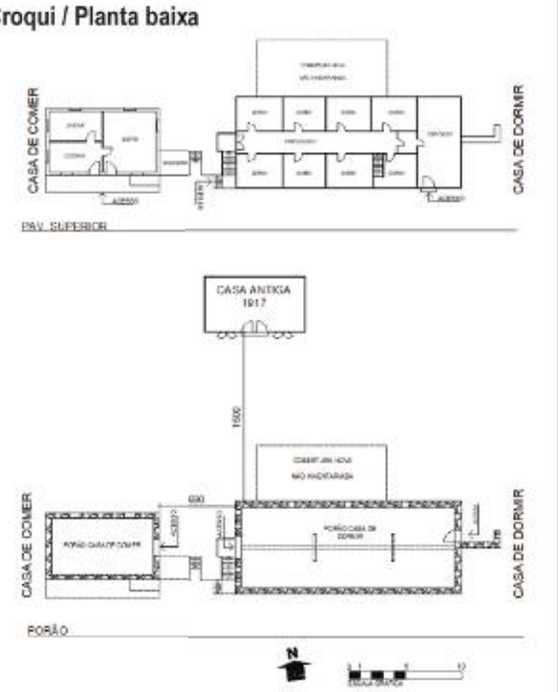
A segunda edificação é a **casa de dormir,** foi construída em 1935, é disposta paralela a casa antiga, mas que aproveita o desnível do solo, para sua implantação. O porão é em pedras de basalto talhadas com rejunte e com parte semi-escavada, o que ajuda a criação de um ambiente apropriado para a produção de vinho. O acesso ao porão acontece na parede transversal. Já as janelas ficam na parede longitudinal, dispostas de maneira ritmada e que permitem a ventilação e iluminação do espaço. Internamente podemos ver que uma viga central, no sentido longitudinal, recebe a carga do pavimento superior e do telhado da edificação. Esta viga distribui a carga em duas estruturas, tipo pórtico, em madeira, e estes descarregam no solo. O piso é chão batido. O andar superior, usado para dormitório, é em madeira, acessado por uma escada de pedras, que chega a uma pequena varanda e está ao amplo corredor central. Os dormitórios estão dispostos, em sequência, na lateral deste corredor, sendo quatro em casa lado. Ao fundo do corredor uma pequeno ambiente de apoio e o acesso um depósito. As paredes internas da casa também em madeira, com matajunta, são pintadas com desenhos decorativos, algumas ainda permanecem até hoje, outras estão escondidas por nova parede de madeira construida na década de 1990, para gerar mais conforto aos moradores. O piso da casa é madeira, como o forro. O sótão é acessado por uma escada de madeira, localizada em um dos dormitórios. No sótão o piso de madeira servia para a secagem de produtos, por este ser um ambiente quente e seco, pois não há forro. A estrutura do telhado é aparente e a cobertura do mesmo é de telhas cerâmicas, janelas nos oitões levam luz e ventilação ao espaço. A porta de acesso a casa é uma porta dupla, com almofadas e vidros através de uma pequena varanda com telhado metálico de duas águas. O guarda-corpo da varanda e da escada é em madeira e decorado. O depósito dos fundos, é um anexo, mais baixo, com possui acesso independe e telhado de uma água, transversal ao restante da casa.

A casa de comer, foi construída no mesmo alinhamento das casas de dormir, em 1939. O porão também é semi-escavado, em pedras talhadas, acessado na parte transversal, defronte a casa de dormir. O piso é em chão batido e algumas janelas possibilitam a ventilação e iluminação do mesmo. O andar térreo, possui as paredes externas em alvenaria de tijolos de barro e é dividido em três ambientes, a cozinha, o espaço de comer e sala. A parede que divide a cozinha é também em alvenaria de tijolos, já a que divide com a sala é em madeira. E ambas as paredes são pintadas e possuem elementos decorativos. Ao redor da pia, há azulejos até a meia altura da parede. O piso é em madeira, porem ao redor do fogão encontramos o piso de ladrilho hidráulico decorativo. O fogão industrializado é usado até os dias atuais. O forro é em madeira em todos os ambientes e não há sótão. O acesso a casa é por uma varanda coberta, onde encontramos duas portas com vidros e uma janela em cada lado. Nas outras fachadas, as janelas são dispostas de forma simétrica, do tipo guilhotina com vidros. A varanda de acesso, possui quatro pilares em madeira que sustentam a cobertura de telha metálica. Há uma pia externa utilizada para a higiene, já que originalmente a casa não possuía banheiro, o existente atualmente, fica em um volume anexo, entre as duas casas, e é acessado por fora e foi construído na década de 1990. Existia na varanda um guarda-corpo de madeira similar ao encontrado na casa de dormir, mas este retirado e a varanda teve a sua área de piso ampliada.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos

CASA, João Francisco. Flores da Cunha, 26 de janeiro de 1924.

CASA, Ana Luvizzon. Flores da Cunha, 26 de janeiro de 1924.

Jornais

OTOBELLI, Danúbia. *Herança de tijolos.* Jornal O Florense, 31 de julho de 2015, p. 7.

OTOBELLI, Danúbia. *Um passeio pelo interior para conhecer os capitéis do Município.* Jornal O Florense, 25 de abril de 2008.

Sites e publicações on-line

XII Fenavindima 30" Alta Gastronomia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Im5hgflEG9w. Acesso 14 Fev 2024.

Referências bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias!* texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Pesquisas não publicadas

Exposição itinerante Sobre Muros: Casas e casarões de Otávio Rocha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/EMEF Francisco Zilli/MAHPR, 2011.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

YouTube

Anexos e Informações complementares:

CONTINUAÇÃO HISTÓRICO:

Porão abrigou uma cantina rural registrada para comércio de vinho tinto e branco a granel, funcionando até 2020. Algumas pipas de madeira ainda são preservadas. O vinho era produzido a partir da uva colhida de vinhedos próprios (Herbemont, Isabel, Champanha). Também produziam vinagre para consumo e graspa, sendo que, em 1928, a família possuía um alambique registrado em nome de Francisco Casa. Um fato curioso é que logo na entrada da propriedade, às margens da estrada que liga os distritos de Otávio Rocha e Mato Perso, por volta de 1890, foi construído o Capitel Santo Antônio. A primeira edificação foi erguida em madeira, por Francesco. Ele havia trazido da Itália um quadro de Santo Antônio, ao qual tinha grande devoção. Com o passar dos anos o capitel foi se deteriorando e em 1952 foi edificado outro, em alvenaria, no mesmo local. O quadro de Santo Antônio não coube adequadamente no novo capitel, por isso passou a ser resguardado na residência da família e no local foi colocada uma estátua do santo, que ainda é preservada. Francisco contava que antigamente os tropeiros que passavam pelo local paravam em frente ao capitel para orar, pois a estrada que fazia a travessia do vale do Rio Tega era perigosa, assim como também a ponte, onde seguidamente perdiam algum animal. Nos anos 2000 este capitel integrou as gravações para um documentário "Capitel Santo Antônio". O conjunto de casas forma um cenário impressionante. Por diversas vezes foi utilizado para registros históricos, entre os quais as filmagens para o vídeo publicitário da 12ª Festa Nacional da Vindima, dirigido por Juliano Carpeggiani e veiculado a partir de 4 de novembro de 2016. As casas construídas em 1935 e 1939 foram utilizadas pela família até 2020, nos mesmos moldes que seus antepassados, uma para as refeições e outra como cantina e dormitório. Em 2024 são utilizadas temporariamente como dormitório para safristas e para visitas

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 26/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00032	**Localidade:** Otávio Rocha

Denominação do bem: Casas Família Smiderle

Endereço/Localização: Travessão Marcolino Moura, estrada Capitel São João, S/N.

Proprietário: João Smiderle e irmãos
Uso original e atual: Residência/ Residência e Depósito
Latitude: -29,0432222° **Longitude**: -51,2603616°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência Histórica; 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: referência histórica da família Smiderle na comunidade de Otávio Rocha. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: As edificações representam evolução do elemento cozinha na arquitetura de imigração do apogeu ao tardio. 2.3 Raridade formal; 2.4 Elemento referencial: edificações vernaculares em madeira, pedra e alvenaria, com adornos em lambrequins cujo conjunto destaca-se em harmonia com o entorno rural. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural: edificada no centro do lote; 3.3 Uso tradicional: edificação de 1959 ainda serve como cozinha. 3.4 Uso peculiar: edificação em madeira ainda preserva o larin. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais: casa primitiva em tábuas de pinheiro, paredes em cantaria de pedra basalto, janelas e portas contraplacadas, entrepisos em madeira e tirantes metálicos, beirais em estuque e pintura decorativa de pedra no porão. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.4 Elemento referencial: destaque dos elementos históricos edificados em meio à paisagem cultural produtora de uvas.

Histórico:
As Casas da Família Smiderle estão situadas no lote rural nº 38, do Travessão Marcolino Moura, X légua da antiga Colônia Caxias. Giovanni Battista Smiderle e Emilia Trentin emigraram da Itália em 1883, recebendo o título provisório do lote no mesmo ano e quitando-o em 1894. Tiveram os seguintes filhos: Pedro Humberto, Vitório, Marieta, Margarete e Joaquim. Este último seguiu residindo na propriedade e casou com Elisa Zanella. Tiveram os filhos Ermenegilda, João Agostinho, Odila, Maximina, Italino, Adelina, Adelino, Grandilha, Ida e Nair. Não se sabe o ano em que a casa foi construída, mas acredita-se que o próprio Joaquim, que atuava como carpinteiro e construiu diversas casas nas redondezas, além de fabricar os caixões de falecimento de crianças, a tenha edificado. A propriedade era cercada por pinheirais e destes foram extraídas as tábuas para sua construção. Inicialmente, a casa localizava-se a cerca de 100 metros do local atual, em uma área com bastante acúmulo de água. Por isso, em 1933, Joaquim, juntamente com o filho João Agostinho, transferiu a casa para o local atual. Nessa mudança, o coberto em "scándole" foi substituído por telhas. Em seu interior, a casa abrigava o "larin", que ainda é preservado, cozinha e quartos. A casa nunca chegou a ser pintada e nem ter banheiro. Seu beiral era adornado por lambrequins, ornamentos em madeira que formavam uma espécie de renda com desenhos florais ou geométricos. Na casa, além da família de Joaquim e Elisa também residiram João Agostinho e a esposa Basílica Tibolla junto com os filhos Laurita Maria, Ester Elisa, Joaquim Francisco, Evaristo Antônio, Laurita Inês, Zita, Olívia, Henrique, Fátima, Otarino, João e Oscar José. Apenas os filhos João e Oscar não moraram na casa, isso porque em 1962 a família desocupou-a e passou a residir na moradia atual. No entorno dessa casa, existia uma casa de madeira de três pavimentos e com porão em pedra, onde ficava a cantina rural registrada para venda de vinho a granel. Em 1962, devido aos fortes ventos, a casa teve o telhado rebaixado e sobre o porão de pedra foi construída uma edificação em alvenaria. O construtor teria sido uma pessoa de sobrenome Zorgi – a casa se assemelha à propriedade da família de João Fante nos arredores de Flores da Cunha. Um pouco antes, por volta de 1959, a família também edificou uma outra casa em alvenaria para servir como cozinha, já que não era permitido a cozinha junto à cantina rural. Os banheiros externos foram construídos nos anos de 1970. A casa, que originalmente era pintada de laranja e posteriormente de azul, atualmente mantém uma tonalidade amarela. Enfeitam os beirais do telhado lambrequins feitos por João Agostinho, que havia aprendido o ofício com o pai Joaquim. Os moldes dos lambrequins ainda estão resguardados pela família. Na propriedade ficou o filho João, casado com Janete Bisotto e pai de Kátia e Joel. A família ainda utiliza a casa maior de alvenaria como dormitório e a casa menor apenas como cozinha. A casa primitiva em madeira, é usada como depósito. Até alguns anos atrás, as reuniões e almoços da família Smiderle eram realizadas na casa de madeira. A família tem a intenção de preservar o imóvel e transformar seu espaço em um memorial ou museu familiar. (Continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Emilia Trentin e Giovani Smiderle. Fonte: Acervo Joel Smiderle.



Figura 2 – Eliza Zanellae Joaquim Smiderle (1905). Fonte: Acervo Joel Smiderle



Figura 3 – Ladrilhos da varanda Casa 2, 1999. Fonte: acervo Joel Smiderle.



Figura 4 – Vista de Katia Smiderle com antiga garagem e Casa 1 ao fundo, ano 2000. Fonte: Acervo Joel Smiderle



Figura 5 – Vista sul da Casa 2, 2001. Fonte: Acervo Joel Smiderle

Levantamento Fotográfico atual:



Casa 1 – Vista Nordeste – 23/02/2024



Casa 1 - Fachada Norte – 23/02/2024



Casa 1 - Fachada Leste – 23/02/2024



Casa 1 – Vista da Fachada Leste – 23/02/2024



Casa 2 - Fachada Sul – 23/02/2024



Casa 2 - Fachada Oeste – 23/02/2024



Casa 2 – Vista Norte – 23/02/2024



Casa 2 - Fachada Leste – 23/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista sudeste da casa nova de 1962 – 23/02/2024



Casa 1 - Inscrição do ano de 1933 na pedra da fundação – 23/02/2024



Casa 1 – Detalhe janela fachada leste – 23/02/2024



Casa 1 – Detalhe do larin no interior – 23/02/2024



Casa 2 – Detalhe lambrequins da varanda – 23/02/2024

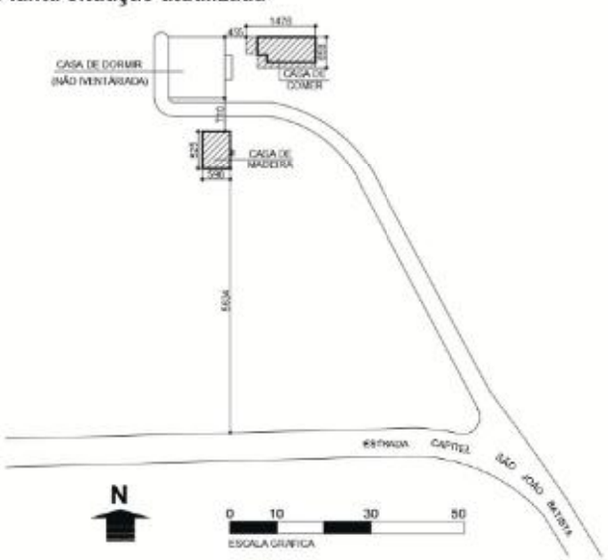


Casa 2 - Detalhe janelas do porão – 23/02/2024

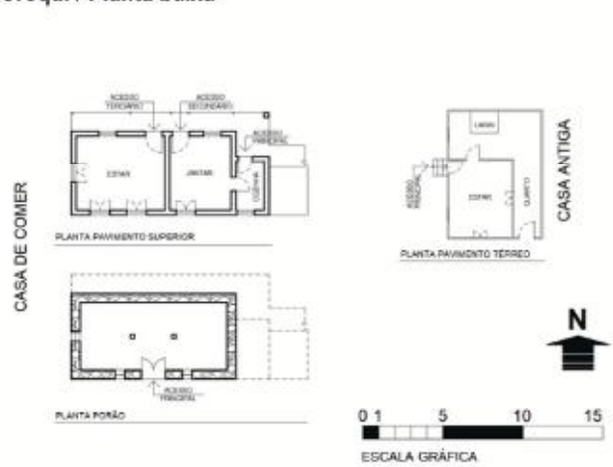
Análise Arquitetônica:

Trata-se de 2 edificações componentes de um assentamento rural familiar com diversas edificações. Representam a evolução do edifício cozinha que ocorre na edificação rural da imigração entre os períodos do apogeu e tardio, passando do larin primitivo dentro das casas de madeira à *casa de comer* em alvenaria, já com cozinhas mais estruturadas. A Casa 1, consiste numa edificação em madeira de tábuas nuas mata juntadas de 1 pavimento e cobertura de 2 águas, transferida de outro local para a implantação atual em 1933, sugerindo-se, pelo histórico familiar de Joaquim Smiderle, que sua construção tenha ocorrido ainda na década de 1910. Possui prolongamento da cobertura à oeste e um anexo de cobertura para abrigo de tratores na fachada oeste. Internamente está compartimentada em 2 cômodos, estando no ambiente menor, a base do antigo larin. O acesso principal se dá por degraus de pedra basalto em uma porta central na fachada leste. No cômodo maior, onde ficava a sala de comer, as paredes de madeira e o forro possuem mata juntas caneladas. A cobertura, originalmente em *scandole*, encontra-se recoberta por telhas cerâmicas tipo francesa, com beirais diminutos forrados por tábuas de madeira. Na fachada leste, vestígios parciais dos lambrequins que adornavam o beiral. As esquadrias são em madeira. As janelas da fachada leste são do tipo guilhotina com caixilhos envidraçados. Nas demais fachadas as janelas possuem apenas tamponamento interno. Adornos de volutas em madeira decoram a base das soleiras. A Casa 2, trata-se de uma edificação de 2 pavimentos, com porão de pedra e pavimento superior em alvenaria rebocada, concluída em 1958, para ser a nova *casa de comer* da propriedade. (Continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimento
SMIDERLE, João. Flores da Cunha, 22 de janeiro de 2024.
SMIDERLE, Joel. Flores da Cunha, 22 de janeiro de 2024.
Referências
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
MOLON, Floriano. Otávio Rocha: cem anos de vida colonial. Porto Alegre: EST, 1982.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Acervo pessoal da Família
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)
No porão, a viga principal do entrepiso em madeira é originalmente sustentada por um pilar em madeira com ábaco com perfil ornamental. Posteriormente foi acrescido outro pilar para reforço. No pavimento superior a compartimentação se divide em 3 cômodos: cozinha, comedor (sala de jantar) e despensa. O acesso aos cômodos se dá pela varanda externa na fachada sul, originalmente com piso de ladrilho hidráulico. Lambrequins de madeira adornam o beiral da varanda, sustentado por finos pilares de madeira. Um anexo na fachada oeste foi construído na década de 1970 para abrigar o banheiro, permanecendo as louças e revestimentos de parede dessa época. As janelas são de duas folhas envidraçadas de abrir com caixilhos em madeira. Uma cimalha percorre o perímetro da casa e contorna as vergas das aberturas. A cobertura é de 4 águas, com oitão exposto na fachada oeste, contendo uma janela. Infiltrações na área de cobertura do chaminé e da despensa, nem como na laje de cobertura dos banheiros danificaram algumas paredes e esquadrias próximas.

IMAGENS COMPLEMENTARES (continuação)


Casa 2 – Ábaco com perfil ornamental sobre pilar de madeira no porão.

OUTRAS INFORMAÇÕES:
A atual casa ocupada como residência pela família, construída em 1962 em alvenaria sobre o porão de pedra da antiga casa de dormir, também possui qualidades arquitetônicas relevantes, como ladrilhos e pinturas em *scaiola*. No entanto, devido aos critérios temporais deste inventário, sugere-se a investigação e seu possível cadastro em inventários posteriores.

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 3.1.7.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	29/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00033	**Localidade:** Otávio Rocha

Denominação do bem: Casas Família Ferrari
Endereço/Localização: Lote rural nº 36, Capitel São João Batista - Travessão Marcolino Moura
Proprietário: Vilma Mascarello Ferrari e Rinei Ferrari
Uso original e atual: Residência e depósito
Latitude: -29°04'45.3"S **Longitude**: -51°26'02.2"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Nada consta. Não foi consentido o acesso da equipe ao interior das edificações.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.2. Valor tradicional ou evocativo: marco histórico no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: conjunto de edificações que expressam o modo de vida e o patrimônio do imigrante e de seus descendentes, caracterizando uma pequena propriedade rural: casa de comer/cozinha, casa de dormir, cantina, tanque para lavar as roupas, forno, galpão, estrebaria. **3) FUNCIONAL -** 3.2. Potencial de reciclagem: as edificações e o sítio onde estão localizadas possuem uma estrutura passível de readequação funcional, desde que seja compatível com o cotidiano e os anseios da Família Ferrari, que ainda reside no local. **4) TÉCNICA -** 4.4. Bom estado de conservação: as edificações encontram-se em bom estado, pois receberam manutenções periódicas ao longo do tempo. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.1. Compatibilização com a paisagem rural: está em harmonia com a paisagem e se destaca nela quando é visualizado pela estrada que passa em frente ao conjunto; 5.2. Conjunto de unidades - cenário: as edificações estão inseridas num contexto rural que sofreu poucas modificações ao longo do tempo.

Histórico:
A Casa Ferrari está situada no lote rural número 36 do Travessão Marcolino Moura, X Légua da antiga Colônia Caxias, em terras que originalmente pertenceram a Francesco Trentin, cujo Título Provisório foi concedido em 5 de julho de 1883, sendo quitado em 1893. Posteriormente a propriedade foi adquirida pela família Ferrari. Inicialmente, os Ferrari estabeleceram-se no lote rural nº 25 do Travessão Marcolino Moura. O primeiro a chegar ao Brasil foi Giovanni Battista Ferrari, oriundo de Vicenza e chegado ao Brasil em 29 de janeiro de 1883. Viúvo, Giovanni teve os filhos Maria Madalena, Camilo, Ângelo e Giuseppe. O último permaneceu nas terras da família e casou com Rosa Fracasso, tendo os filhos Ulhermo, João, Feliz, Pedro, Antônio, Ernesto, Ângelo, Mario, Luiza, Maria e Albina. Parte da prole mudou-se para outras regiões do Estado, enquanto que Mario permaneceu no mesmo Travessão Marcolino Moura. Foi ele quem adquiriu as terras na década de 1940 e edificou a casa cuja construção foi concluída em 1950. Essa casa foi construída sobre a estrutura de outra casa que existia no local anteriormente e foi desmanchada, sendo conservado apenas o muro de pedras. Inicialmente a casa era toda em madeira, incluindo o porão que era cercado por tábuas de madeira e uma parte em pedra. Na metade da década de 1950, as tábuas em madeira foram substituídas por novas. O porão também sofreu mudanças com a troca das tábuas de madeira por tijolos aparentes. Nessa época, em 1956, a pequena casa situada ao lado da maior e que servia como cozinha também passou por reformas. As tábuas foram retiradas e recolocadas, sendo viradas do lado que ficava para dentro passando a ficar para o lado de fora e depois foram pintadas de amarelo. No porão da casa maior, Mario possuía pequenas pipas para fabricação do vinho e outros derivados, além de manter um alambique para fabricação da "graspa". O vinho era para consumo familiar. No andar superior havia os dormitórios, sala e varanda. O sótão, chamado de "granaro", era utilizado para a secagem de grãos e conservação de alguns alimentos. Mario casou-se com Carlina Trentin e teve os filhos Drosila, Armelinda, Maria, José, Rosina e Pierina. José, como único filho homem, ao casar-se com Vilma Mascarello Ferrari, em 1961, permaneceu ali residindo. A recepção do casamento de José e Vilma ocorreu no porão da casa de dormir. Carlina e as filhas prepararam toda a comida na casa-cozinha para receber os cerca de 80 convidados. As mesas foram dispostas em meio às pipas de vinho que existiam no porão. Vilma casou na Igreja Matriz de Flores da Cunha e foi até a propriedade de caminhonete, enquanto que os convidados foram embarcados num caminhão. Outro acontecimento marcante na residência foram os velórios de Mário e Carlina, realizados na ampla sala de visitas. Quando Vilma passou a residir na propriedade, a casa possuía energia elétrica vinda de uma usina localizada no Rio Caxias, na divisa entre os distritos de Otávio Rocha e Mato Perso; e água era pega de uma fonte, que jorrava abundante na propriedade. A casa não possui banheiro, sendo que havia uma patente em suas proximidades. Sempre esteve pintada nas tonalidades vermelho/amarelo. Na década de 1960, foi construído o galpão em frente e que serve como estrebaria. Na casa, José e Vilma criaram os filhos Pedro, Valter, Valdir, Rineu e Antônio. Por volta de 1982, a família construiu uma nova residência e deixou de habitar a edificação. Nessa época, algumas divisões internas da casa foram retiradas. Permanece residindo na propriedade Vilma, o filho Rineu, sua esposa Gilce e as filhas Laísa e Taíse Ferrari. Em 2024 a casa maior serve apenas como depósito e a casa menor (cozinha) ainda é utilizada para preparação de massas e outros alimentos.

Documentação iconográfica



Inventário realizado em 2002. Fonte: Exposição Itinerante Sobre Muros, realizada no ano 2011. Acervo MAHPR.



Taise e Laisa, filhas de Rineu e Gilce Ferrari e netas de Vila Mascarello Ferrari, em frente à Casa Ferrari. Fotografia do dia 31/08/2014, obtida no Facebook de Laisa Ferrari.

Levantamento fotográfico atual



Casa de dormir, fachada nordeste, onde se vê o pavimento térreo (cantina) com paredes predominantemente feitas em tijolos de barro (adobe).



Elevação noroeste da casa de dormir, com destaque para as paredes e o oitão de madeira, cobertura em duas águas.



Particular de trecho da parede do porão (cantina) em pedras irregulares assentadas com junta seca. Acredita-se que neste local há bastante infiltrações, por isso a pedra foi utilizada para evitar o contato do adobe com o terreno e minimizar os danos causados pela presença de umidade ascendente do solo.



Visual da fachada sudeste, onde se vê a antiga casa de dormir ao centro, à esquerda a nova casa (década de 1980) e à direita o galpão, ou estrebaria.



Casa de comer e cozinha, em madeira, fachada nordeste.

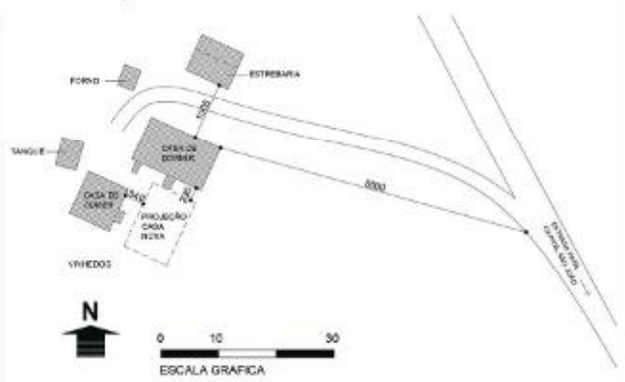


Casa de comer e cozinha, em madeira, fachada sudeste.

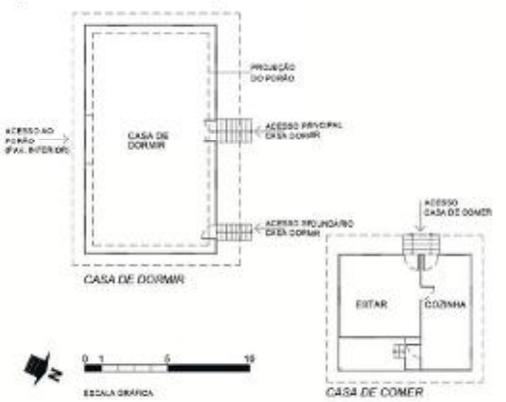
Análise Arquitetônica:

Trata-se de duas edificações de construção mista: a casa de comer e a casa de dormir da Família Ferrari. O espaço disponível no lote rural possibilitou a implantação dessas construções, cujas características de ordem higiênica ou de segurança tornavam preferível a separação. Além dessas, foram construídos outros anexos para as demais atividades que necessitavam de ambientes organizados para atender à família, tais como: a estrebaria, o forno, o tanque para lavar roupas e a latrina, essa última demolida. A casa de dormir foi implantada em uma encosta, onde parte do porão fica parcialmente escavado. Essa organização construtiva era fundamental para que o local mantivesse uma temperatura adequada, pois era no porão (ou cantina) que se armazenava parte da produção da família, principalmente o vinho e os produtos de origem animal. As paredes do porão foram executadas parcialmente em pedras irregulares e parte foi feita com tijolos de barro (adobe). No térreo da casa, a madeira foi utilizada nas paredes, divisórias, assoalho, forro e também nas aberturas. Segundo relatos dos informantes, este pavimento possui pé direito alto e divide-se em dois setores, sendo um deles destinado aos dormitórios e o outro à sala, a qual interligava os quartos. A principal motivação de construir a casa de comer em outro bloco distinto, estava relacionada com a prevenção contra possíveis incêndios, visto que na cozinha, inicialmente, utilizava-se um fogo de chão e a mesma era edificada toda em madeira, material altamente inflamável. Ambas as edificações possuem telhado em duas águas, com estrutura e oitões de madeira, onde foram utilizadas telhas cerâmicas do tipo francesas. A pintura em tons multicoloridos é outra característica importante dessas construções e também o que as torna singulares na paisagem.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes primárias

Referências Bibliográficas

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
MOLON, Floriano. Otávio Rocha: cem anos de vida colonial. Porto Alegre: EST, 1982.
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Depoimento

FERRARI, Vilma Mascarello. Flores da Cunha, 22 de janeiro de 2024.
FERRARI, Pedro. Flores da Cunha, 20 de fevereiro de 2024. Informações enviadas por WhatsApp.

Pesquisas não publicadas

Exposição itinerante Sobre muros: casas e casarões de Otávio Rocha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/EMEF Francisco Zilli/MAHPR, 2011.
Inventário dos bens materiais do município de Flores da Cunha 2002. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Imagens complementares:



Em primeiro plano, a casa de comer/cozinha e, aos fundos, o acesso sudoeste à casa de dormir, ambas em madeira policromada.



O galpão ou estrebaria, em madeira, edificada sobre pilares em tijolos de barro (adobe) fazendo com que o assoalho de madeira fique distante do chão, cobertura em duas águas.



O forno, em tijolos de barro (adobe) e cobertura com estrutura em madeira, duas águas e telhas francesas.



A casa de comer/cozinha e tanque de lavar roupas, ambas em madeira, assoalhos afastados do chão sobre pilares de adobe.



Anexo à casa de comer e cozinha, há um espaço para a guarda de ferramentas, onde parte do piso foi feita com tijolos.



Junto à fachada sudeste da casa de comer e cozinha, há uma extensão do beiral do telhado, sob o qual foi plantado um jardim, entre os degraus de pedra que dão acesso à edificação.



Particular do forno em tijolos de barro (adobe).



Em primeiro plano o muro de taipa de pedra e, aos fundos, o conjunto de edificações da Família Ferrari.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00034	**Localidade:** Otávio Rocha

Denominação do bem: Casas Família Galiotto
Endereço/Localização: Lote rural nº 28 - Travessão Marcolino Moura
Proprietário: Mafalda Bolzoni Galiotto
Uso original e atual: Residência e depósito
Latitude: -29°05'39.3"S **Longitude**: -51°25'75.6"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

No interior da casa de comer há um fogão a lenha, uma cristaleira e quadros. No interior da casa de dormir, há quadros e acervos da família. Na cantina, bordalesas e ferramentas de trabalho.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.2. Valor tradicional ou evocativo: marco histórico no processo de transformação e desenvolvimento econômico do lugar, significado afetivo para numerosa descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: são duas edificações com usos e funções bem definidos – uma de comer e a outra de dormir - que materializam o modo de vida dos imigrantes italianos e de seus descendentes. **3) FUNCIONAL -** 3.2. Potencial de reciclagem: as edificações e o sítio onde estão localizadas possuem uma estrutura passível de readequação funcional, desde que seja compatível com o cotidiano e os anseios da família, que ainda reside e trabalha no local. 3.4 Uso tradicional e peculiar: São compatíveis com o entorno e a estrutura da cantina permanece ativa, sendo ao mesmo tempo passível de readequação funcional, com possível utilização para empreendimento turístico. **4) TÉCNICA -** 4.3. Risco de desaparecimento: processo acelerado de degradação, portanto, em risco de desaparecimento. **5) PAISAGÍSTICA** - 5.2. Conjunto de unidades - cenário: está em harmonia com a paisagem e a existência de ambas as edificações (focolaro e habitação) caracteriza o conjunto representativo.

Histórico:
As casas da Família Galiotto situam-se no lote rural n.º 28 do Travessão Marcolino Moura, X Légua da antiga Colônia Caxias. Originalmente a propriedade foi adquirida pelo imigrante italiano Giuseppe Galiotto (1848-1907), casado com Angela. O título provisório de posse foi concedido em 5 de julho de 1883 e quitado em 1893 pelos herdeiros. As casas foram construídas por Pedro Galiotto, casado em primeiras núpcias com Regina Laghetto, com quem teve as filhas: Emília, Teresa, Maria, Olímpia, Olinda e Glória Galiotto. Em segundas núpcias, Pedro casou com Ida Josefina Molon Galiotto, com quem teve outros filhos: Jerônimo, Laurindo Antônio, Domingos, Regina, Metilde, Fortunato e Eduardo. A casa mais antiga, com porão erigido com pedra de basalto, andar superior e sótão em madeira, foi construída em 1929. O construtor-chefe chamava-se João (sobrenome não identificado) e trabalhou na obra com outros ajudantes. As pedras foram extraídas numa pedreira que existia próximo, numa colônia que na época também pertencia a Pedro Galiotto. Os próprios construtores talhavam as pedras e transportavam até a obra. As tábuas foram cortadas em uma serraria. A madeira foi extraída dos pinheirais que existiam em abundância na propriedade. Durante a retirada de terra para construção do porão da casa, uma tragédia assolou a família. Enquanto trabalhavam na escavação, um desmoronamento de terras soterrou Regina Laghetto, primeira esposa de Pedro e que estava grávida. Ela não resistiu aos ferimentos e faleceu. Antigamente esse serviço era feito manualmente, não havia máquinas. Pedro faleceu aos 52 anos. O porão foi construído com a finalidade de abrigar a cantina. Em 1962 Laurindo Antônio registrou o empreendimento que alcançou a capacidade de produção anual de cerca de 55 mil litros de vinho. Em 2001 foi assumido por Gilmar Galiotto. Nela sempre produziram vinhos comuns, branco e tinto. Por tradição também produziam vinagre e "graspa". A cantina permanece com registro ativo, mas não está produzindo. O segundo pavimento abrigava cinco dormitórios e uma sala de festas, onde a família costumava realizar bailes e celebrações, como a do casamento de Laurindo Antônio Galiotto e Mafalda Bolzoni Galiotto. Ao mesmo tempo que a sala também serviu para velar Ida Josefina Galiotto, em 1969/70. Tiraram dois "scuro", como chamavam os tampões das janelas, colocaram sobre cavaletes e ali repousaram o corpo para o velório. O sótão era aberto, mas tinha camas para visitas ou mesmo para os dias chuvosos, pois os filhos de Laurindo gostavam de repousar ouvindo o barulho da chuva caindo sobre o telhado. Atualmente é usado para secagem de grãos. Quando Laurindo Antônio casou com Mafalda, foi construído um anexo para o casal, pois moravam todos "em família". Posteriormente, a propriedade foi herdada por eles. Nela nasceram seus filhos Jortide, Terezinha, Juarez e Gilmar. A casa não tem banheiro. Na época que era utilizada como dormitório, havia uma patente, onde se situa a moradia de Gilmar e Ivane. Próximo havia também o tanque para lavar roupa e uma gruta em honra à Nossa Senhora de Lourdes, que é mantida pela família. Outra reforma aconteceu por volta de 2010, quando foi retirada a parede do lado Sul, que possuía duas janelas e foi reconstruída inteira, pois a madeira estava apodrecendo. A cor permaneceu a mesma, assim como a cobertura de telhas. A iluminação era com lampiões. Muitos anos depois foi fornecida luz elétrica através da CEEE, porém quando deixou de ser habitada, a família optou por deixar apenas alguns pontos de energia, para evitar possíveis curtos-circuitos. A água era obtida numa fonte que existia na propriedade. (Continua nos anexos).

Documentação iconográfica



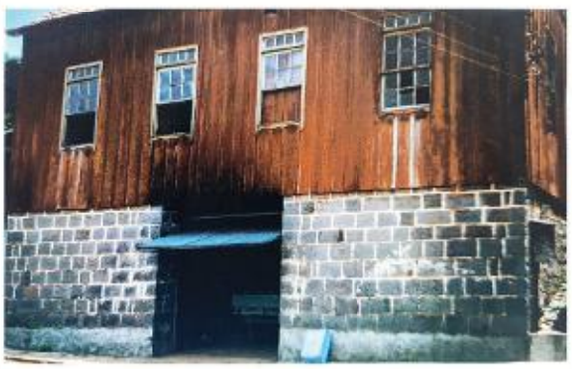
Casa Galiotto, ano 1949: Eduardo Fortunato, Ida Josefina, Jortide, Mafalda, Teresinha e Laurindo Galiotto. Fonte: MOLON, 1982.



Casas Galiotto, 1980.
Fonte: Programa ECIRS – UCS.



Casas Galiotto, 2002.
Fonte: VENERE.



Casa Galiotto, cantina, 2002. Fonte: VENERE.



Casas Galiotto, Laurindo e Mafalda Galiotto, 2002. Fonte: VENERE.

Levantamento fotográfico atual



Fachada noroeste: casa de comer em alvenaria, à esquerda (tom amarelado) e casa de dormir em madeira, à direita (tom avermelhado).



Fachada noroeste, vista do ângulo inferior: em primeiro plano, à direita, a casa de dormir (madeira) com tom avermelhado e à esquerda, em segundo plano, a casa de comer, em alvenaria. Note-se também o anexo (telheiro) recentemente construído.



Casa de comer, em alvenaria rebocada (tom amarelado, ano 1949) e casa de dormir, em madeira (tom avermelhado, 1929).



Elevação sudeste, cantina com paredes de pedra na parte inferior (porão); paredes de madeira nos pavimentos superiores.

Imagens complementares



Casa de dormir: pedra com inscrição entalhada, onde se lê "A.N. 1929&CIA JOÃO". Entende-se o construtor e o ano.



Casa de comer, inscrição em fachada, onde se lê "Pedro Galiotto Otavio Roha de 1949. Entende-se proprietário e ano.



Fragmento de ladrilhos hidráulicos em frente à casa de comer.



Pinturas murais, friso ornamental: interno da casa de comer.



Aspecto da sala de estar no segundo andar da casa de dormir.



Escadaria de madeira para acesso ao sótão: casa de dormir.



Cozinha e cristaleira antiga.



Fogão a lenha na cozinha.



Sótão da casa de dormir.

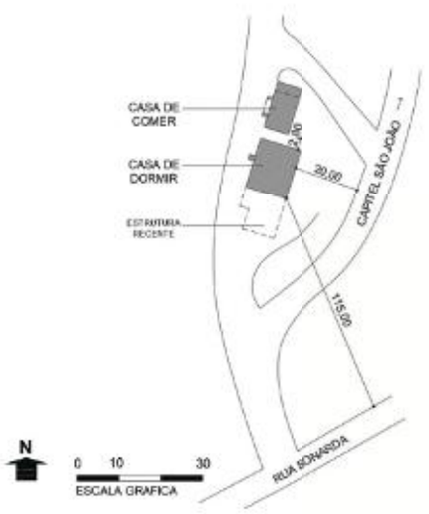


Porão (cantina) e bordalesa.

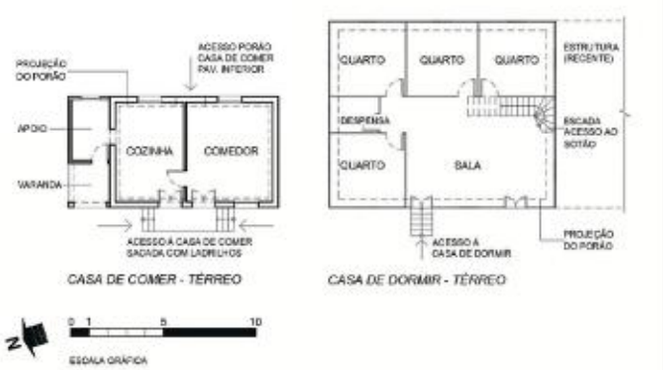
Análise Arquitetônica:

Trata-se de duas edificações, casa de dormir e casa de comer, datadas de 1929 e 1949, respectivamente. Os porões foram construídos em locais parcialmente escavados do terreno. Foram feitos com paredes de pedra para conter a umidade proveniente do solo e para permitir que os espaços criassem as condições ideais de umidade e temperatura para conservação de vinhos e produtos de origem animal. Possuem aberturas em formato circular, as quais são gradeadas, para permitir a ventilação constante e uma baixa luminosidade. Os acessos ao porão e à cantina são feitos por aberturas existentes no pavimento inferior de ambas as edificações, sem comunicação interna com os demais pavimentos. O pavimento térreo da casa de dormir, todo em madeira, é composto por uma sala central e com os dormitórios ao redor. A sala apresenta proporções avantajadas, pois servia para acolher as refeições em dias santificados, além de servir de espaço para festas ou velórios. Neste ambiente também se encontra a escada de acesso ao sótão. A casa de comer, por sua vez, foi construída separada da casa de dormir, em alvenaria de tijolos rebocados, forro e esquadrias em madeira. Na cozinha ficava o fogão a lenha, a caixa da lenha, a pia e a bancada para o preparo dos alimentos, além de uma pequena despensa, ou sala de apoio para a guarda de mantimentos, que pode ser acessada através de uma porta existente na varanda. No outro ambiente da casa de comer, estava a sala de jantar, também conhecida como comedor, onde encontrava-se a mesa para as refeições. Além do piso em ladrilhos hidráulicos, esta edificação possui, em suas paredes, uma série de pinturas murais e elementos decorativos que remetem ao clássico, além de alguns mobiliários, utensílios, quadros e objetos religiosos remanescentes da família. As edificações possuem telhado em duas águas e a cobertura foi feita com telhas de barro do tipo francesas. As cores utilizadas para a pintura das fachadas externas é outra característica dessas edificações e o que as diferencia e as destaca na paisagem. De um modo geral, as edificações necessitam de intervenções e melhorias, sobretudo no que diz respeito ao tratamento e/ou substituição das madeiras comprometidas. Essas ações pontuais de conservação preventiva e de restauro, poderão prolongar a vida útil deste importante exemplar da arquitetura civil em nossa região.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes primárias

Referências Bibliográficas

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

MOLON, Floriano. Otávio Rocha: cem anos de vida colonial. Porto Alegre: EST, 1982.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Depoimento

GALIOTTO, Gilmar. Flores da Cunha, 26 de fevereiro de 2024.

SERVINSKI, Ivane Terezinha. Flores da Cunha, 26 de fevereiro de 2024.

Pesquisas não publicadas

Inventário do Patrimônio Arquitetônico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha. Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Instituto Memória Histórica e Cultural – UCS - Programa ECIRS

Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

A casa de alvenaria, com divisórias internas também em alvenaria, foi construída em fevereiro de 1949. As pedras foram extraídas na propriedade e os tijolos foram fabricados numa olaria que existia na Linha 60. Foi construída por Irineu De Bastiani e outros profissionais de Caxias do Sul. Esta edificação abrigava a cozinha, onde havia fogão à lenha, armário e pia, e duas salas, sendo uma para refeições. Provavelmente, antes desta, existiu uma outra edificação com a função de cozinha e sala de refeições, que abrigou o fogo de chão, como era costume na época. Devido ao perigo com incêndios, visto que as brasas eram mantidas permanentemente incandescentes, preferiam construir separado do dormitório, para evitar incêndios com perda total. Sempre foi pintada na cor amarela e o coberto sempre foi de telhas. Em 2024 a propriedade pertence a Mafalda Bolzoni Galiotto, em usufruto com o filho Gilmar Galiotto e sua esposa Ivane Terezinha Servinski, pais de Ketlin e Tissiane Galiotto.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00035	**Localidade:** Distrito de Otávio Rocha - sede

Denominação do bem: Subprefeitura de Otávio Rocha e Museu Padre Alberto Lamonato

Endereço/Localização: Rua Uva Isabel, 100 - Distrito de Otávio Rocha

Proprietário: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha
Uso original e atual: Subprefeitura e subdelegacia (térreo), cadeia (subsolo) e residência do subprefeito (andar superior). Atualmente subprefeitura e museu.
Latitude: -29,0600306° **Longitude**: -51,2618856 °
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Moveis e objetos do museu



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica: Construção específica para abrigar serviços públicos para atender a comunidade do 3º distrito (casa de câmara e cadeia, serviços administrativos e no andar superior residência do subprefeito). 1.2 Valor de antiguidade:1.3 Valor tradicional ou evocativo:1.4 Referência coletiva: Marco representativo do 3º distrito, significado afetivo e ponto de referência. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: 2.4 Elemento referencial: 2.5 Compatibilidade dos anexos: Por suas características e protótipo de edificação administrativa. **3) FUNCIONAL**- 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.3 Uso tradicional: 3.4 Uso peculiar: Terreno de esquina que não afeta a infraestrutura urbana e sempre atendeu ao uso público servindo a diversos usos como subprefeitura, museu, central telefônica, etc. **4) TÉCNICA** - 4.4 Bom estado de conservação: Conservada, mas precisa de cuidados. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA -** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: Está em harmonia com a diversidade da paisagem, sendo elemento importante na configuração do entorno da Praça Regional da Uva, devido ao porte e características arquitetônicas.

Histórico:
Na primeira metade da década de 1930 para atender aos moradores do 3º distrito - Otávio Rocha, a Prefeitura de Nova Trento (atual Flores da Cunha) iniciou a construção de um prédio em alvenaria para abrigar a subprefeitura. O contrato entre a Prefeitura de Nova Trento e a Sociedade Constructora Caxiense Ltda foi firmado em 19 de dezembro de 1934, juntamente com a obra de construção do prédio da subprefeitura do 2º distrito - Nova Pádua. O gerente técnico da construtora era o Dr. engenheiro Dario Sant'Anna e o construtor Silvio Toigo. O custo da obra foi orçado em Quarenta Contos de Réis, prevendo-se multa em caso de atraso injustificado, e um acréscimo no valor do pagamento se as paredes dos andares térreos de ambas as casas fossem dobrados. Foi necessário, no entanto, abrir um crédito suplementar, através do Decreto n. 8 de 31 de agosto de 1935, Art. 2º, no valor de R$ 4:500$000,00 (Quatro Contos e quinhentos mil Réis), para atender-se o acabamento das sub-prefeituras de Nova Pádua e Otavio Rocha. O documento foi assinado pelo prefeito à época Heitor Curra, por Silvio Toigo e Dario Sant'Anna (da Sociedade Constructora Caxiense Ltda) tendo como testemunhas João Boniatti e Francisco Paez (sobrenome não legível). O prédio da subprefeitura foi inaugurado em 1º de maio de 1935, sendo que no mesmo dia também foi inaugurado um retrato do patrono do distrito, Dr. Octávio Francisco Brochado da Rocha. O capitão Joaquim Mascarello, primeiro Intendente de Nova Trento, homenageou o engenheiro e político denominando o 3º distrito com seu nome, em reconhecimento ao seu empenho no processo de emancipação do município. Durante a solenidade de inauguração da subprefeitura foi realizada uma missa e bênção do novo prédio pelo padre Frei Eduardo de Alfredo Chaves, vigário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Ao meio-dia foi servido um churrasco, animado pela Banda Municipal de Nova Pádua. Ainda na década de 1930, os subintendentes passaram a ser denominados subprefeitos e estes passaram a residir no próprio prédio da subprefeitura, situado no segundo pavimento. Conforme Boscatto (1994, p.255), em 1937 ele foi nomeado como escrivão distrital, assumindo o Cartório Distrital, que ficava junto ao prédio da subprefeitura. Na ocasião, devido a algumas discordâncias políticas, certa vez ao se deslocar, juntamente com subprefeito Francisco Zilli, da subprefeitura a uma casa comercial, "ouvimos um estampido de arma de fogo e o sibilar da bala, que passou por nós quando estávamos em frente ao antigo grupo escolar". Após esse fato, ocorreu a designação de um soldado da Brigada Militar, que se instalou numa casinha ao lado da subprefeitura, onde passou a funcionar uma cela (cadeia) com capacidade para duas pessoas e um dormitório. Com o passar dos anos, o prédio abrigou também a central telefônica, posto de correio, sede para inscrições de expositores (Festa da Vindima, Feira de Produtos Coloniais e Exposição de Novilhas) e atividades diversas. Em 1998, passou a abrigar o Museu Padre Alberto Lamonatto com destaque para a coleção de vinhos antigos e licores produzidos pelo próprio padre Lamonatto, que tinha como hobby elaborar dezenas de variedades de licores. Em abril de 1979, Lamonatto foi designado para atuar como vigário substituto da Paróquia São Marcos de Otávio Rocha. Trabalhou até outubro daquele ano.

Mesmo tendo permanecido por pouco tempo na localidade fez grandes amizades. Por isso, após seu falecimento em 1997, deixou em testamento a doação dos licores, objetos e bebidas recolhidas ao longo do tempo para a comunidade de Otávio Rocha. O museu também teve acréscimo de doações dos moradores. Em 2007, numa oficina promovida para preservar o Patrimônio Cultural do distrito, uma equipe formada com 20 alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Zilli, sob orientação do Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, higienizou e reorganizou o acervo para sua preservação.

Documentação Iconográfica:



1935 - Subprefeitura Otavio Rocha –
Acervo: Floriano Molon



1970 - Subprefeitura veículos Venz e Caldart
Acervo: Floriano Molon



1977- Subprefeitura Inaug. Leão
Acervo: Floriano Molon



1977 - Subprefeitura
Acervo: Facebook



1998 - Subprefeitura
Acervo: O Florense 10 07 1998 contracapa



2016 - Subprefeitura
Acervo: Facebook

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada principal - 08/09/2023



Perspectiva fundos - 08/09/2023



Fachada fundos - 08/09/2023



Fachada lateral esquina - 08/09/2023



Fachada lateral - 08/09/2023



Perspectiva - 08/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Acesso - 08/09/2023



Sala de atendimento - 08/09/2023



Janela – 08/09/2023



Escada int. – 08/09/2023



Museu - 08/09/2023



Museu - 08/09/2023



Det. guarda corpo escada - 08/09/2023



Porão – museu dos licores – 08/09/2023



Porão – museu dos licores – 08/09/2023



Porão – 08/09/2023

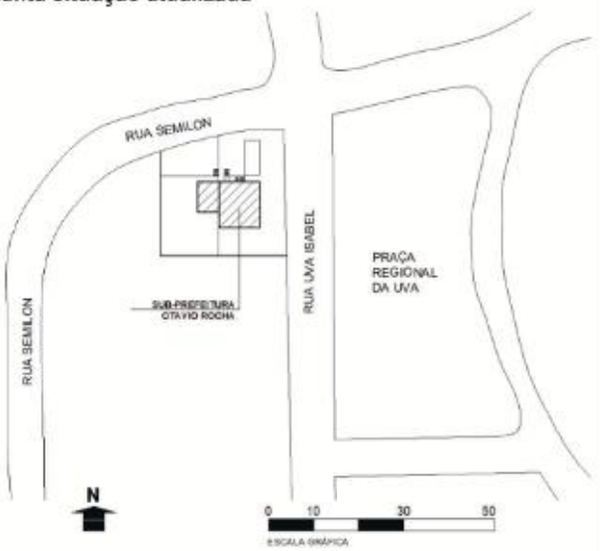


Janela – 08/09/2023

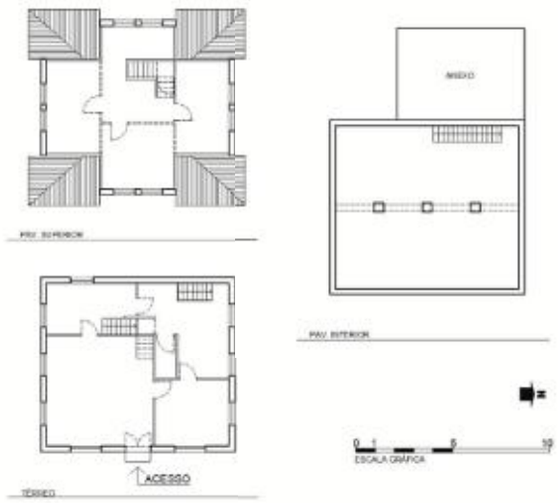
Análise Arquitetônica:

O Edifício da sub prefeitura, foi construído em 1935, o projeto é do arquiteto Silvio Toigo e execução de Dario Granja Santana. Ela foi projetada e construída para ser um edifício público. Outras foram construídas de maneira semelhante na mesma época na região. Sua arquitetura faz referência a um chalé, e lembra o estilo suíço, com seu telhado em múltiplas águas e o jogo de volumes. O prédio foi implantado em um terreno de esquina, em frente a praça municipal e possui três pavimentos, sendo o porão semienterrado, em pedras de basalto, e andares superiores em alvenaria de tijolos rebocada. A fachada de acesso, voltada para a praça, é simétrica, com uma porta de folhas dupla embandeirada e uma janela em cada lado. Nas fachadas laterais podemos ver o porão semi enterrado em pedras de basalto regulares, e os pavimentos superiores em alvenaria rebocas, a simetria das janelas e o múltiplo telhado de telhas cerâmicas. Ao acessarmos o espaço encontramos no térreo uma grande sala de atendimento e para onde outras salas tem seu acesso. As paredes internas são em madeira e o pé direito é alto. O piso é em madeira, como o forro. Uma escada em "L" acessa o pavimento superior, que é um pouco menos que o térreo, em função dos múltiplos telhados. O guarda-corpo de escada é em madeira trabalhada. O projeto foi executado com três salas, porém atualmente algumas destas paredes foram suprimidas, o espaço está integrado para abrigar um Museu de ambiência. As esquadrias deste andar estão dispostas em duplas, em todas as fachadas de forma simétrica. O porão é acessado por outra escassa de madeira, neste pavimento não há forro, a estrutura do entrepiso fica aparente, e a carga da viga principal é descarregada em três pilares de tijolos. O piso atual é em concreto. Hoje este espaço abriga o Museu Padre Alberto Lamonato, e seus diversos licores. O telhado, em múltiplas águas, possui estrutura em madeira e telhas cerâmicas. Na época da sua construção a via defronte a subprefeitura era mais baixa o que exigia uma escada para acesso, atualmente, com a elevação da via, pode-se visualizar somente o último degrau no acesso. Em todas as fachadas podemos perceber um friso decorativo que contorna todas as esquadrias o que acaba criando uma ligação e divisão horizontal de toda a edificação. Este detalhe é reforçado pela pintura colorida.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias

Decreto número 8, de 31 de agosto de 1935. Abertura de créditos suplementares para atender ao completamento das subprefeituras nos distritos de Nova Pádua e Octávio Rocha. Prefeitura Municipal de Flores da Cunha.

Contratos Nova Trento 1928-1940. Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

Referências bibliográficas

BOSCATTO, Claudino Antonio. Memórias de um Neto de Imigrantes Italianos - Pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994.

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias*/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011

MOLON, Floriano. Torre centenária de Otávio Rocha 1921-2021: cem anos de coragem, trabalho, união e fé. Porto Alegre: Evangraf, 2022.

OTOBELLI, Danúbia. Uma Coleção de Licores. Revista Bon Vivant: Flores da Cunha, novembro de 2008.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

VAILATTI, Gissely Lovatto. Apontamentos históricos que indicam a importância de preservação do imóvel da antiga Subprefeitura de Nova Pádua enquanto 2º distrito de Flores da Cunha. Nova Pádua: Prefeitura Municipal, 2021.

Jornais

Octavio Rocha, miglioramenti. Jornal Sttafetta Riograndense, Garibaldi, 15 de maio de 1935.

Otávio Rocha terá museu. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 10 de julho de 1998, contra-capa.

Octavio Rocha, sub chefe de polícia. Jornal Sttafetta Riograndense, Garibaldi, 15 de maio de 1935.

Sites e publicações on-line

Otávio Rocha - Fotografias. Disponível em: https://www.facebook.com/fotoORocha/photos. Acesso em 16 Set 2023.

Locais pesquisados:

Biblioteca e acervo pessoal de Danúbia Otobelli e de Gissely Lovatto Vailatti
Facebook
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 28/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00036	**Localidade:** Distrito de Otávio Rocha

Denominação do bem: CANTINA SLAVIERO

Endereço/Localização: Rua Uva Bonarda, esquina com Avenida Uva Itália

Proprietário: Patrimônio da União, cedido ao município em 2008.
Uso original e atual: Cooperativa, cantina/depósito e áreas desocupadas
Latitude: -29,0582896° **Longitude**: -51,2612812°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: Estabelecimento da Cooperativa Viti-vinícola Octávio Rocha.Marco histórico no processo de transformação da cidade; significado afetivo e ponto de referência; **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: qualidades formais (volumetria); 2.4 Elemento referencial: construído preponderante na paisagem urbana; **3) FUNCIONAL** 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: não acarreta conflitos com a dinâmica do sistema urbano. 3.2 Potencial de reciclagem: Estrutura passível de readequação funcional; **4) TÉCNICA** 4.2 Raridade no emprego de materiais: Raridade no emprego de materiais: utilização de técnicas em desuso, porão em rocha, estruturação do entrepiso cobrindo grande vão, encaixe de barrotes. 4.3 Risco de desaparecimento: Risco de desaparecimento: Processo acelerado de degradação **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana: Em harmonia com a diversidade da paisagem e o contexto urbano; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: Edifício ocupa parte significativa de quadra já consolidada da área central do núcleo urbano, onde o conjunto de edificações caracteriza a paisagem de acesso à rua central, seja pela volumetria das edificações, seja por sua implantação periférica na quadra.

Histórico: O prédio que abrigou inicialmente a Cooperativa Agrícola Octávio Rocha Ltda., fundada em 30 de novembro de 1929, teve sua construção iniciada no segundo semestre de 1930, no lote urbano número 62 da quadra 11, na Vila de Otávio Rocha. A inauguração aconteceu em 27 de fevereiro de 1932, tendo como orador oficial o prefeito de Nova Trento, Dr. Adalberto Pio Souto. A festividade teve missa cantada em Ação de Graças e, depois de inaugurado o edifício, foi oferecido um churrasco a cerca de mil pessoas. A animação musical ficou a cargo da Banda Giuseppe Garibaldi. Além da cantina para produção de vinhos, o edifício abrigou também uma tanoaria onde, segundo Molon (2009, p. 101-5), eram fabricadas as bordalesas para a exportação dos vinhos. No andar superior funcionava um comércio de produtos para uso agrícola e de uso doméstico (armazém de secos e molhados). Em 1939 passou-se a denominar-se Carlos Molon e João Nesello Negócio de 3ª Classe, gêneros coloniais e calçados. Em 9 de julho de 1938, depois de uma crise no setor cooperativo, o imóvel passou a integrar a fusão de cinco cooperativas de Flores da Cunha, denominada Cooperativa Santo Antônio Ltda. Em 4 de setembro de 1946, devido ao reduzido número de sócios decidiu-se pelo fechamento do estabelecimento e as uvas passaram a ser entregues na cantina da Linha 60, que também integrava o consórcio. Naquele mesmo ano o prédio foi alugado para a firma E. Mosele de Caxias do Sul e, em 1953, discutiu-se a venda do imóvel. Dois anos depois foi acordada a venda, todavia, em 1956, cogitou-se a demolição do mesmo, que na época abrigava a Cooperativa Mixta Otávio Rocha (espécie de armazém). O material da demolição seria utilizado na construção do engarrafamento da Cooperativa Santo Antônio, com sede em Caxias do Sul. Diante dos impasses, em 1958, o imóvel foi adquirido por João Slaviero. A partir de então, passou a ser denominado João Slaviero & Cia Ltda. Após adquirir o imóvel, Slaviero fez diversas melhorias, como a construção de um engarrafamento, escritório e destilaria. O local foi uma das primeiras empresas de Flores da Cunha a abrir suas instalações para recepcionar os turistas. Porém, entre 1966 e 1969, a empresa abriu concordata. Em 1976 a prefeitura de Flores da Cunha buscou recursos, junto à Procuradoria Geral da República, anular o leilão do antigo prédio e das edificações do seu entorno a fim de reconstituição da firma. O prédio, juntamente com demais bens edificados em seu entorno, por falta de recolhimento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), foram confiscados pela União em 1973, quando suas atividades foram completamente suspensas. Desde 1977, quando a firma foi incorporada aos bens da União, o imóvel, que abrigava propriamente a cantina, foi cedido para exposições da Fecouva. No mesmo ano, foi alugado para a firma E. Kunz & Cia Ltda, e depois para a Vinícola Caldart Ltda. Esta última realizou a manutenção dos imóveis. A partir desse período, o local serviu para realização de diversas edições da Fecouva, com a utilização da parte superior da vinícola para exposição de uvas e vinhos e a parte inferior para visitação à armazenagem de vinho. Em 3 de julho de 2008, o prédio foi cedido para o município de Flores da Cunha, sendo ocupado ocasionalmente para atividades diversas, como a 'Noite Cultural na Cooperativa', realizada em parceria entre a Associação de Amigos de Otávio Rocha e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Zilli entre os anos de 2010 e 2012. Em 2010 os vereadores aprovaram o repasse de um valor para reforma e instalação da Unidade Básica de Saúde do

distrito, mas não se concretizou, pois, segundo avaliação da Vigilância Sanitária estadual, o prédio não tinha condições adequadas. Três anos depois foi aprovado pelo legislativo municipal, um projeto para restauro do imóvel e transformação em um Ponto de Cultura, mas nenhum recurso foi liberado. Desassistido, em setembro de 2015 um anexo do prédio, ao longo da Avenida Uva Itália, desabou. O andar superior foi utilizado também para exposições da Fecouva, encontros e reuniões - em especial dos idosos do 3º Distrito-, sob a denominação 'Grupo Otávio Rocha Madonna Dell'Uva', que por anos se reuniram no local através de projetos do CRAS de Flores da Cunha.

Documentação Iconográfica:



Fundadores e início da construção - 1930
Fonte: Floriano Molon



Início da Construção da Cooperativa - 1930
Fonte: Acervo Família Slaviero



Chegada das primeiras uvas - 1931
Fonte: Acervo particular Pedro Molon



Homenagem ao Gen. Flores da Cunha – /1934
Fonte: Floriano Molon



Coop. propaganda no Jornal da Noite – 06/09/1935 Fonte: Acervo Pierina Zilli Panizzon



1938 – Foto Montagem dos predios da nova Coop. Viti-vinicola Santo Antonio Fonte: Floriano Molon



Henriqueta M. Slaviero recebe o governador Ildo Meneghetti - 1959
Fonte: Floriano Molon



Visita do gov. Ildo Meneghetti na construção do novo engarrafamento - 1959
Fonte: Slaviero



Engarrafamento da Vinicola Slaviero - 1960
Fonte: Floriano Molon



Rótulo vinhos exportado em barris
Fonte: Floriano Molon



Vista Vinícola Slaviero - 1958
Fonte: Floriano Molon



Vinícola Slaviero - 1958
Fonte: Floriano Molon



Engarrafamento da Vinícola Slaviero - 1960
Fonte: Floriano Molon



Vista Vinícola Slaviero - 1960
Fonte: Jornal Pioneiro



Vinícola Slaviero – 2010 – Exposição entre Muros
Fonte: Bruno Visentin Marzarotto



Vinícola Slaviero – 2015
Fonte: Camila Baggio – O Florense

Levantamento Fotográfico atual:



Perspectiva fundos – 08/09/2023



Perspectiva frente – 08/09/2023



Fachada Nordeste – 08/09/2023



Fachada Sudeste – 08/09/2023



Fachada Sudoeste – 08/09/2023



Fachada Noroeste – 08/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Cantina/porão – 08/09/2023



Det. Estrutura entrepiso - *08/09/2023*



Det. entrepiso para acesso as pipas – *08/09/2023*



Andar superior/ sala de exposição – 08/09/2023



Escada de acesso ao sótão - 08/09/2023



Det. sala de engarrafamento - *08/09/2023*



Prédio do engarrafamento - 08/09/2023



Prédio do engarrafamento - 08/09/2023



Torre - *08/09/2023*



Det. fech. Balcão 08/09/2023

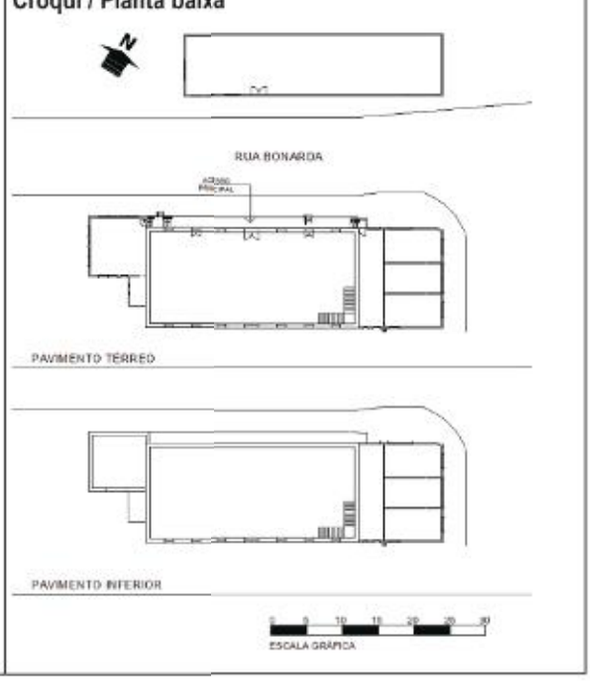
Análise Arquitetônica:

A edificação da vinícola/cantina foi construída no paralela a rua principal, Rua Uva Itália, e o acesso a edificação, acontecesse por uma grande varanda. A edificação é volume único, retangular, simétrico de dois pavimentos e um sótão que aproveita a inclinação do telhado em duas águas. A base do edifício, porão, é em pedras talhadas assentadas com argamassa de cal e aproveita o desnível natural do terreno. O segundo pavimento, é em alvenaria de tijolos e sobre este é apoiado o telhado de telhas cerâmicas. O porão, possui pé-direito elevado, piso de pedras, entre piso e duas fileiras de pilares em madeira. A fachada principal voltada para a rua, está elevada da rua, possui uma base em pedras de basalto que forma uma grande varanda, e esta é acessada por duas escadas, também em pedra. No centro do pavimento há uma porta em madeira com duas folhas e em cada lateral há mais duas janelas e uma porta menor, formando assim uma fachada simétrica. Na fachada de fundos, pode-se ver a elevada altura do porão de pedras e a simetria do mesmo. Na base de pedras há um grande portão central e duas janelas em cada lado, no pavimento superior há um janela balcão no centro e três janelas com bandeira fixa em cada lado. As fachadas laterais, quando da construção, possuíam também simetria, com uma abertura no centro da base de pedras, três janelas no pavimento superior e duas janelas no ultimo pavimento, criado pela inclinação do telhado. A estrutura entre o porão e o térreo é em madeira, duas fileiras de pilares recebem a carga das vigas, e estas os barrotes, onde é fixado o assoalho, que se apoiam também nas paredes laterais de pedra. No térreo, um grande pavimento em planta livre, sem apoio central, com forro reto e assoalho em madeira. A interligação entre os pavimentos acontece por escadas em madeira. A estrutura do telhado em madeira avança sobre a fachada principal, cobrindo a varanda e dispensando pilares, a cobertura é em telhas cerâmicas, sobre a varanda, houve a substituição por telha metálica. Na década de 1960, foram construídos anexos ao volume principal. A edificação a nordeste possui base em pedra e dois pavimentos em alvenaria de tijolos e acompanha o traçado curvo da rua. Estes pavimentos possuem pé-direito mais baixos que os da edificação principal, entrepisos em laje de concreto armado e a cobertura em quatro águas com uma platibanda. As esquadrias são mais horizontais, basculantes metálicas, com uma moldura. Internamente as divisórias, em alvenaria são revestidas com azulejos até a altura de aproximadamente um metro e cinquenta, após são rebocadas e pintadas. O volume a sudoeste, possui base parte em pedra basalto, parte em tijolos rebocados imitando pedra. No andar superior a edificação é em tijolos, com janelas horizontais, basculantes metálicas e telhado e estrutura de madeira e telhas cerâmicas. Junto com estas ampliações da década de 1960, foi edificado um outro edifício de um pavimento, com base em pedra basalto, em alvenaria de tijolões, rebocado e pintado, e telhado com estrutura de madeira, quatro aguas e cobertura de telha francesa.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias

Alvará de 13 de maio de 1958, concedendo a João Slaviero & Cia. Ltda., licença para reforma e ampliação de um prédio de alvenaria, no lote urbano n.º 62 da quadra 11, em Otávio Rocha. Prefeitura de Flores da Cunha/MAHPR.

Livro de Indústria e Comércio do Município de Nova Trento. Flores da Cunha/MAHPR.

Memorial descritivo de aumento de uma construção da Firma João Slaviero & Cia Ltda. Otávio Rocha, 16 de julho de 1958. Prefeitura de Flores da Cunha/MAHPR.

Projeto arquitetônico para construção do engarrafamento Otávio Rocha de Vinhos João Slaviero & Cia Ltda. Otávio Rocha, 9 de maio de 1958 (Planta baixa, fachada, cortes transversal e longitudinal, situação). Prefeitura de Flores da Cunha/MAHPR.

Projeto arquitetônico para o prédio da Firma João Slaviero & Cia Ltda. Otávio Rocha, 5 de fevereiro de 1961 (Planta baixa, fachada, cortes transversal e longitudinal). Prefeitura de Flores da Cunha/MAHPR.

Projeto arquitetônico para reforma da Firma João Slaviero & Cia Ltda. Otávio Rocha, 21 de julho de 1958 (Planta baixa, fachada, cortes transversal e longitudinal). Prefeitura de Flores da Cunha/MARHP.

Referências bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias!* texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011
MOLON, Floriano. *Cooperativas Vinícolas de Flores da Cunha.* Porto Alegre: Evangraf, 2009.
_____, Floriano. *Otávio Rocha 100 anos de vida colonial.* Porto Alegre: EST Edições, 1982.
_____, Floriano. *Slaviero, João: Pioneirismo na viticultura gaúcha.* Porto Alegre: F.M. 2004.
POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul,* Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Pesquisas não publicadas

Inventário dos bens culturais de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.
Exposição itinerante Sobre Muros: casas e casarões de Otávio Rocha. Prefeitura Municipal/MAHPR/EMEF Francisco Zilli, 2011. Prefeitura de Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, setor de exposições itinerantes.

Jornais

Prefeitura de Flores da Cunha pede que o leilão seja anulado. Caxias do Sul: Jornal Correio Riograndense, 7 de setembro de 1976.
PROVIN, Fabiano. Parte da estrutura desaba na Cantina Slaviero. Jornal O Florense, 25 de setembro de 2015, p.2.

Sites e publicações on-line

LOPES, Rodrigo. Primórdios da Cooperativa Vinícola Santo Antônio em 1931. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro/Memória, Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2021/08/primordios-da-cooperativa-vinicola-santo-antonio-em-1931-cks7hskxh00270193ry2b9qi7.html. Acesso 10 Out 2023.
Nova Trento, Octavio Rocha: Inaugurazione della Cooperativa Agricola. Garibaldi: Jornal Staffetta Riograndense, 9 de março de 1932. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=882038&pasta=ano%20193&pesq=Octavio%20Rocha&pagfis=3028 Acesso 11 Out 2023.
Otávio Rocha em festa: 38ª Festa da Colônia é uma das mais antigas da Serra Gaúcha. Farroupilha: Jornal O Farroupilha, 22 de julho de 2011. Disponível em: https://www.ofarroupilha.com.br/cultura/otavio-rocha-em-festa/ Acesso 13 Out 2023
OTOBELLI, Danúbia. João Slaviero, um idealizador e entusiasta do enoturismo. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 24 de novembro de 2019. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/variedade/arquivo-o-florense/5/joao-slaviero-um-idealizador-e-entusiasta-do-enoturismo/582 . Acesso em 13 Out 2023.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Blog Circolo Vicentini di Flores da Cunha
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi – MAHPR
Facebook/ Família Benedetti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 03/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00037	**Localidade:** Otávio Rocha

Denominação do bem: Granja São Mateus
Endereço/Localização: Estrada Granja São Mateus – Travessão Carvalho
Proprietário: Abrelino Slaviero e Mateus Slaviero (residentes em Mato Grosso)
Uso original e atual: Cantina, residência, capela, engarrafamento, hotel/ Desocupado
Latitude: -29°04'96.4"S **Longitude**: -51°29'01.9"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2

Bens Móveis: No prédio principal há uma vitrola, além dos piletes (fermentadores). Na Capela, há o retábulo, as imagens religiosas e os quadros dos Santos de devoção. Nos depósitos, há uma pipa.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)

1) CULTURAL – 1.1. Referência histórica; 1.2. Valor de antiguidade; 1.3) Valor tradicional ou evocativo; 1.3) Valor tradicional ou evocativo: marco histórico no processo de transformação econômica e turística do município. Trata-se de bem patrimonial com inegável valor histórico e afetivo, com relevância cultural para Flores da Cunha; 1.4. Referência coletiva: edificação que sobreviveu ao tempo e hoje é consagrada como referência para a memória dos florenses. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico; 2.4. Elemento referencial: o conjunto é composto por edificações de alvenaria, pedra e madeira, com alguns traços rurais, mas de feições predominantemente urbanas. Devido a essas características, o conjunto se sobressai na paisagem urbana. **3) FUNCIONAL** – 3.2. Potencial de reciclagem: estrutura passivel de readequação funcional. **4) TÉCNICA** – 4.3. Risco de desaparecimento: potencial processo de degradação. **5) PAISAGÍSTICA** – 5.4. Elemento referencial: destaque na paisagem, torna-se referência.

Histórico:

O conjunto arquitetônico denominado Granja São Mateus foi formado nos primórdios da colonização quando uma pequena capela em madeira foi erigida. O pagamento das terras foi feito por Cristiano Slaviero em 31 de dezembro de 1894. Mais tarde, João Slaviero estabeleceu-se ali com sua família. A edificação da casa em alvenaria iniciou em 1926, com a construção do muro, sendo concluída em 1952. Na parte térrea produziam cerca de 750 mil litros de vinho, com uvas próprias e adquiridas. Na década de 1940, o padre Antônio Alessi pediu ao construtor Raymundo Paviani para que desenhasse uma pequena capela no meio dos parreirais de João Slaviero. A capelinha foi inaugurada em 1946 por Paviani, juntamente com o servente Romeu Slaviero. Dois anos depois, foi fundada a indústria João Slaviero & Filhos. Dezesseis hectares da propriedade rural onde está situado o conjunto arquitetônico foram destinados ao cultivo de 20 mil pés de parreiras de castas finas e 10 mil de uvas híbridas em geral. Com os negócios prosperando, em 1953 entrou em funcionamento o engarrafamento dos Vinhos Slaviero, inaugurado no ano seguinte. O construtor Raymundo Paviani desenhou o projeto da cantina. No térreo do casarão que abrigava a cantina era fabricado também o chamado 'vinho de missa', usado em rituais religiosos, devidamente autorizado pelo bispado de Caxias do Sul. O sucesso do empreendimento começou a atrair turistas, especialmente de São Paulo. Por isso, em 1956, foi incorporado ao prédio inicial, um pequeno hotel, em madeira. Em 9 de março de 1957, o Governador do Estado, Ildo Meneghetti, visitou a propriedade e a cantina e pernoitou no local, onde aconteceu encontro com autoridades e moradores locais. Em 1958, com a aquisição da Cantina Otávio Rocha, o hotel foi transferido para lá. Em 1966, sob administração de Romeu Slaviero a companhia abriu concordata, devido a problemas com o recolhimento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). Os bens foram confiscados pela Receita Federal em 1973. Algum tempo depois a Granja São Mateus foi leiloada para cobrir fianças feitas a terceiros. Foi então arrematada pelos empreendedores, os irmãos Othon Joel Conte e Bernardino Conte. Em 2024, os irmãos Abrelino e Mateus Slaviero, que há pouco tempo compraram a propriedade de volta, têm a intenção de restaurar o casarão e a capela e revitalizar o local.

Documentação iconográfica



Uma procissão na Capela de São Mateus, no Travessão Carvalho. A Capela foi desativada e o sino foi transferido para o campanário da Capela N.S. Caravaggio. Fonte: MOLON, F. p.59.



Inauguração do Capitel dedicado a São Mateus em meio aos vinhedos da Granja São Mateus, ano 1946. Fonte: MOLON, F. p. 103.



Capitel dedicado a São Mateus em frente à Sede da Granja São Mateus. Fonte: MOLON, p. 103.



A Granja São Mateus de João Slaviero, em 1953, ante os olhares dos Padres Ricardo e Antônio Alessi, o carregamento do vinho e da farinha que foram oferecidos ao 36º Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro. Fonte: MOLON, Floriano.



Dona Henriqueta Molon Slaviero recebe o governador Ildo Meneghetti, numa das visitas à Granja. Fonte: MOLON, p. 104.



Desenho da marca da Granja União, em 1960. Fonte: MOLON, p. 110.



Casa Sede da Granja São Mateus. Fonte: MOLON, p. 110.



Granja São Mateus, década de 1960. Fonte: MOLON, Floriano.



Granja São Mateus, ano 2016. Fonte: disponível em https://www.facebook.com/ctaviorochavilacolonial. Acesso 22abr.2024.

Levantamento fotográfico atual



Visual do conjunto edificado da Granja São Mateus a partir da Estrada: a Capela, a Casa Sede e parte dos depósitos.



Casa Sede da Granja São Mateus: fachada leste. Edificação cujo embasamento foi feito com pedras de basalto regular, as alvenarias externas em tijolos maciços e as divisórias internas em madeira.



Visual em perspectiva de parte dos depósitos e da Casa Sede, observando as edificações a partir do sudoeste. A cobertura da Casa Sede é feita com estrutura de madeira e telhas de barro, do tipo francesas.



A escadaria e a varanda frontal possuem estrutura em tijolos armados e cimento.



O acesso ao porão, onde está a cantina, se dá através da fachada sul.



Visual a partir dos fundos, elevações a oeste, aspecto dos depósitos parcialmente descobertos e desocupados.



Elevações a norte: o ponto mais alto da cobertura corresponde à Casa Sede e as demais edificações anexas aos depósitos.



Casa Sede: o porão ou cantina em pedras de basalto regular.



Os piletes ou fermentadores em alvenaria com azulejos.



Aspecto dos depósitos, aos fundos da Casa Sede (oeste).

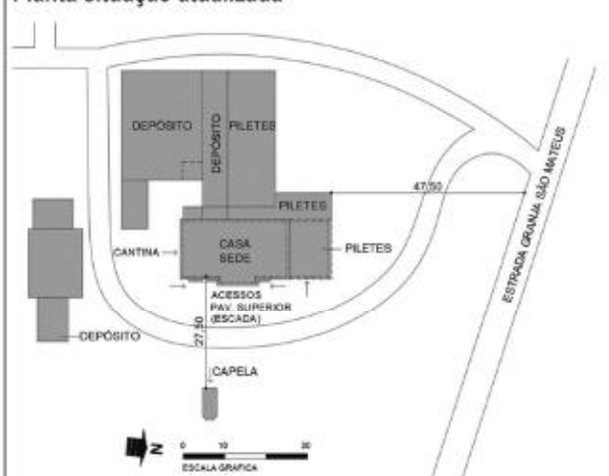


Pavimento superior da Casa Sede: particular do interior.

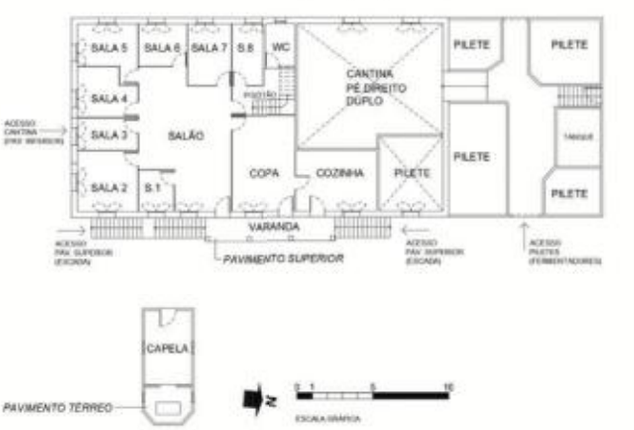
Análise Arquitetônica:

Trata-se de um agrupamento de edifícios, com um e dois pavimentos. De todo o conjunto, merecem menção a Casa-Sede e a Capela. A Casa-Sede da Granja possui um volume simétrico, com os acessos ao pavimento principal bem marcados no centro da fachada. As grandes escadarias laterais valorizam a composição e a consequente elevação do piso superior agrega valor estético ao edifício. Neste bloco, temos a entrada principal da edificação, formando um volume em destaque que avança para além dos limites da construção. Há também varandas no pavimento térreo e no piso superior, além de um balcão, que apresenta guarda-corpo vazado em tubos de ferro. Este bloco foi parcialmente construído em pedras de basalto com formato regular e o restante em alvenaria de tijolos maciços rebocados. Internamente, o pavimento térreo abrigava a cantina, enquanto o pavimento superior acolhia as atividades administrativas. As divisórias internas são em madeira e algumas apresentam pinturas parietais decorativas. Parte do assoalho, as esquadrias e a estrutura do telhado também foram executadas em madeira. A cobertura da Casa Sede se faz por telhas cerâmicas do tipo francesas, com caimento em múltiplas águas. O volume destacado na entrada principal, em três águas, cria uma diferenciação na fachada em relação aos telhados das outras alas. Os demais blocos que compõem o conjunto, especialmente os depósitos, não receberam o mesmo apuro na composição, encontrado na Casa-Sede. Apenas no setor de piletes (tanques fermentadores) se percebe um certo esmero arquitetônico, motivado por questões de higiene, onde foram aplicados revestimentos cerâmicos em piso e em parte das paredes. A Capela está localizada defronte à Casa-Sede, no nível do terreno. Possui cobertura em duas águas e é coberta com telhas cerâmicas do tipo francesas. As paredes foram erguidas em madeira dupla e o teto possui formato abobadado. As aberturas são em arco pleno e no interior há objetos de culto, um retábulo, um genuflexório, além de comungatório, todos executados em madeira. Por fim, percebe-se que a edificação necessita de serviços de manutenção e conservação preventivas, a fim de que se possa preservar a sua integridade.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – Casa Sede, Capela e Piletes



Fontes primárias

Referências bibliográficas

MOLON, Floriano. *Cooperativas Vinicolas de Flores da Cunha.* Porto Alegre: Evangraf, 2009.

MOLON, Floriano. *Slaviero, João: Pioneirismo na viticultura gaúcha.* Porto Alegre: F.M. 2004.

MOLON, Floriano. *Otávio Rocha 100 anos de vida colonial.* Porto Alegre: EST Edições, 1982.

MOLON, Floriano. *Torre centenária de Otávio Rocha 1921-2021:* cem anos de coragem, trabalho, união e fé. Porto Alegre: Evangraf, 2022.

PAVIANI, Raymundo. *De pedreiro a prefeito:* 1º mandato - 1952/1955. Flores da Cunha: Século Novo, 2003.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Jornais

A Diocese de Caxias do Sul oferece o vinho e as partículas para o próximo Congresso Eucarístico Internacional. Caxias do Sul: Jornal Correio Riograndense, 6 de julho de 1955.

Florenses querem recuperar empresa vinícola. Caxias do Sul: Jornal Correio Riograndense, 8 de outubro de 1976.

Otávio Rocha: Indústrias. Caxias do Sul: Jornal Correio Riograndense, 2 de setembro de 1953.

Otávio Rocha (Flores da Cunha): Visita do Governador. Caxias do Sul: Jornal Correio Riograndense, 27 de março de 1957.

Sites e publicações on-line

Otávio Rocha - Fotografias. Disponível em: https://www.facebook.com/fotoORocha/photos. Acesso em 16 Set 2023.

Pesquisas não publicadas

Exposição itinerante Sobre Muros: casas e casarões de Otávio Rocha. Prefeitura Municipal/MAHPR/EMEF Francisco Zilli, 2011. Prefeitura de Flores da Cunha/MAHPR.

VENERE. *Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha Gestão 2001-2004.* Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00038	**Localidade:** Distrito de Otávio Rocha

Denominação do bem: Campanário da Igreja Matriz São Marcos

Endereço/Localização: Rua Uva Itália, s/n

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: campanário
Latitude: 29,0431268° **Longitude**: -51,1825250°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:
Nada consta.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: torre para abrigar os sinos da igreja, marco histórico e visual construtivo da área urbana, referência religiosa, evocação afetiva.
2) MORFOLÓGICA – 2.1 Valor arquitetônico; 2.3 Raridade formal; 2.4 Elemento referencial: qualidade das formas neo românicas a partir do uso da pedra basalto, campanário, tendo sido construído em ponto elevado na área urbana. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana; 3.3 Uso tradicional: compatível com o alinhamento da via e fundamental para rituais religiosos que incluem comunicação (toque dos sinos). **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade na técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais; 4.4 Bom estado de conservação: cantaria em pedra regional, bem conservado pelo afetivo da comunidade que o compõe. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: marco construtivo de destaque na paisagem, elemento importante da estruturação urbana.

Histórico:
As tratativas para início da construção da torre, ao lado da Igreja Matriz, se deram no ano de 1919. Em 10 de março daquele ano, a comunidade São Marcos contratou os serviços do italiano Luiz Segalla, que anos antes, entre 1903 e 1905, comandou a construção da igreja de alvenaria da comunidade. O trabalho pela edificação da parte em rocha basáltica foi orçado em 10.000$000 mil Réis e também foi feito por Segala - cerca de 25 metros, entre 1919 e 1921. O pedreiro José Zambon contou com a colaboração de todas as famílias da comunidade na construção. Uma taxa de oito, seis e quatro por cento sobre a produção de vinho foi destinada às obras de edificação. A soma de valores findou em 1925, totalizando 18.655$800 mil Réis.
No dia 10 de novembro de 1919, o padre Bernardo realizou a bênção da pedra angular da torre. Concluída, a obra alcançou 35 metros de altura, somando-se a estrutura em rocha, em alvenaria e a estátua do Cristo Redentor, medindo 2,8 metros, que foi posta no alto. A estátua do Cristo Redentor foi esculpida pelo artista caxiense Michelangelo Zambelli. O Cristo segura uma cruz com o braço esquerdo e o globo terrestre com a mão direita, sobre um pedestal que simboliza o mundo.
A inauguração aconteceu em 22 de maio de 1921. Diversas missas precederam e sucederam a solenidade que contou com a presença dos padres Frei Luigi Maria Capuchinho, Dom Giovanni Meneguzzi, vigário em Caxias do Sul; Giulio Scardovelli, Pároco de Nova Pádua e Henrique Campagnoni, Pároco de São Marcos, além do Prefeito de Caxias do Sul, Coronel Pena de Moraes, escultor Michel ngelo Zambelli, promotor público Dr. Roche, escrivão Dr. Giuriolo, subintendentes de Nova Trento e Nova Pádua, respectivamente, Gaetano Bellincanta e Annibale Rigoni, construtor Luiz Segala, diversas outras autoridades e inúmeros fiéis. Após a missa solene foi realizada procissão e bênção da torre pelo 'Canon Reverendo'.
Na torre foram colocados os sinos italianos adquiridos da Fundição Pietro Colbachini, em Bassano del Grappa, no ano de 1907. Ao chegarem foram abrigados num campanário de madeira, onde permaneceram até 1921. São denominados de Pierina, aquele doado por Pietro Molon, Romana, doado por Romano Galiotto e o terceiro, por infortúnio rachou, foi refundido em 1960 e perdeu sua identidade. Por cerca de 90 anos foram tocados manualmente, através da utilização de cordas, somente por volta do ano 2000, passaram a ser tocados eletronicamente.
Em 1971, por ocasião do cinquentenário da construção da torre, foi descerrada uma placa comemorativa. Durante a 48ª Festa da Colônia de Otávio Rocha, em julho de 2022, foi descerrada a placa comemorativa aos 100 anos e instalada, junto à torre, a estátua de Deus Pai, de Michelangelo Zambelli. O medalhão ornamentava a parte superior da antiga igreja de São Marcos, demolida em 1962, e estava resguardado no Museu Pe. Alberto Lamonatto.

Documentação Iconográfica:



Campanário 22.5.1921
Foto: Julio Calegari



Campanário 1930
Fonte: Jornal Pioneiro



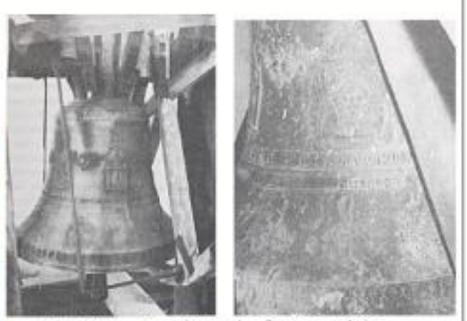
Rua Uva Itália_1960
Fonte: Floriano Molon



Rua Uva Itália_ 1970
Fonte: Pioneiro



Vista aérea 1989
Fonte: Face OR fotografia



Detalhes dos sinos do Campanário
Fonte: Floriano Molon, 1982

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Leste – 08/09/2023



Fachada Oeste – 08/09/2023



Fachada Sul – 08/09/2023



Relógio do Campanário – 08/09/2023



Vista do Túnel da Uva – 08/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Homenagens ao cinquentenário e centenário





Detalhes sinos



Porta acesso ao Campanil



Igreja e Campanário– 26/10/2023



Vista da Praça Regional da Uva – 26/10/2023

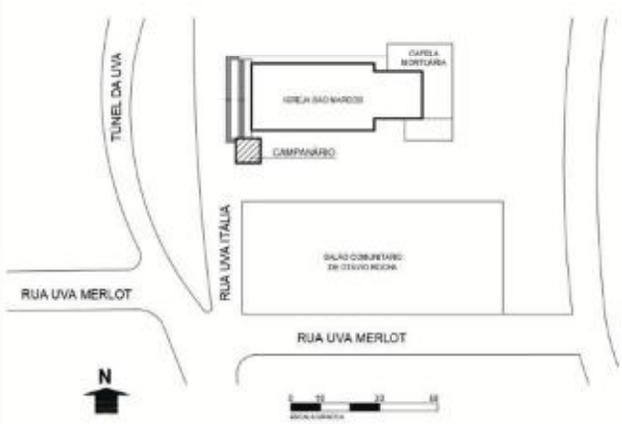


Rua Uva Itália_2023

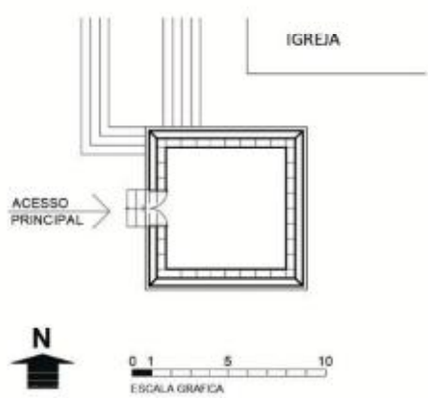
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação de uso religioso implantada no alinhamento com a via pública compondo o conjunto arquitetônico formado pela Igreja Matriz, Capela mortuária e salão comunitário. Está em um nível elevado, destacando-se na paisagem. Possui estrutura em rocha basáltica e é formada por cinco módulos horizontais, separados por elementos em pedra mais salientes e três porções: base (primeiro módulo), corpo (segundo, terceiro e quarto módulos) e coroamento (quinto módulo). A base, de planta quadrangular em pedra basalto possui uma leve inclinação, diminuindo o perímetro conforme se inicia o corpo da torre. Nele está a porta de acesso à torre sineira, que é composta por madeiras inclinadas em com abertura em duas folhas. Sobre a porta está a inscrição 1921, que indica a data de inauguração. O corpo, também em pedra basalto possui aberturas venezianadas, localizadas uma em cada módulo em todas as quatro fachadas. No primeiro módulo está instalada a imagem de Deus Pai, localizada no mesmo alinhamento vertical da porta de acesso. No coroamento da obra o módulo não é mais em basalto aparente, recebendo reboco e pintura. Nesta parte estão localizados os sinos, atrás das janelas em arco plano, situadas em dupla nas quatro fachadas. Acima delas estão os quatro relógios circulares. O topo da torre é composto por coruchéu, fazendo um remate piramidal do campanário, ao redor dele estão os quatro pináculos compondo o coroamento. No topo, ponto mais alto está a estátua do Cristo Redentor.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes primárias:
Livro Tombo N.º 1 Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha.

Sites e publicações on-line:
LOPES, Rodrigo. **Os cem anos do campanário de Otávio Rocha: torre foi inaugurada em 22 de maio de 1921.** Jornal Pioneiro, Caxias do Sul, 20 de maio de 2021. Disponível em:https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2021/05/os-100-anos-do-campanario-de-otavio-rocha-ckox01ej4004c018m0en9n5lb.html. Acesso 16 Set 2023.

Otávio Rocha - Fotografias. Disponível em: https://www.facebook.com/fotoORocha/photos. Acesso em 16 Set 2023.

MOLON, Floriano. Torre centenária de Otávio Rocha 1921-2021: cem anos de coragem, trabalho, união e fé. Porto Alegre: Evangraf, 2022.

O Florense. Estátua de Deus Pai volta a abençoar Otávio Rocha. Disponivel em https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/estatua-de-deus-pai-volta-a-abencoar-otavio-rocha/17732. Acesso 17 de novembro de 2023.

O Florense. Memória Fotográfica. Disponível em httpswww.jornaloflorense.com.brmemoria-fotografica7. Acesso 21 de janeiro de 2024.

Locais pesquisados:
Google
Secretaria Paróquia Nossa Senhora de Lourdes

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	23/01/2023.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Município: FLORES DA CUNHA

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00039	**Localidade:** Otávio Rocha

Denominação do bem: Capitel São João Batista

Endereço/Localização: Lote Rural 17 - Travessão Pinhal

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Oratório
Latitude: -29°04'83.4"S **Longitude**: -51°25'91.6"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Altar, mobiliários litúrgicos e imagens de Santos.



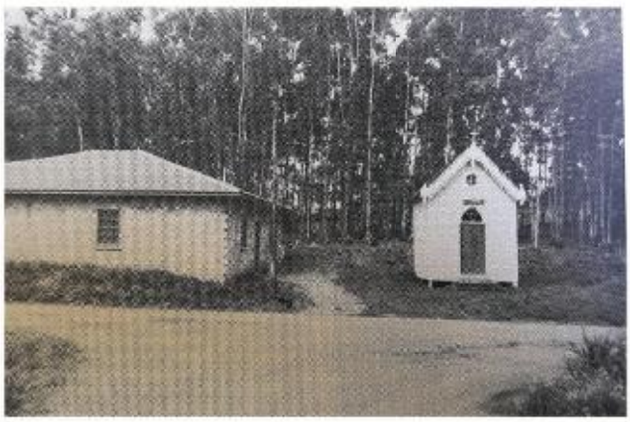
Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)

1) CULTURAL – 1.4. Referência coletiva: marco histórico e visual constitutivo da paisagem, referência de localização e organização comunitária, referência religiosa e de evocação afetiva que o tornam referência coletiva. **2) MORFOLÓGICA** – 2.4. Elemento referencial: construção em madeira, ponto de encontro, localização em cruzamento de vias e realização de rituais religiosos. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.3. Uso tradicional: edificação está em profunda relação com sistema rural, sendo fundamental para realização de rituais religiosos em seu entorno desde a sua construção, além de conservar boa parte da estrutura original. **4) TÉCNICA** - 4.4. Bom estado de conservação: pelo valor afetivo e utilização, mantém-se íntegro. **5) PAISAGÍSTICA** - 5.4. Elemento referencial: marco construtivo e elemento importante na integração das famílias circunzivizinhas, definindo inclusive o endereço dos moradores no seu entorno.

Histórico:

O Capitel São João Batista, situado no distrito de Otávio Rocha, foi edificado em 1941, pelos moradores da localidade. A construção, em madeira, foi realizada em forma de mutirão pelos moradores das proximidades. Ajudaram na sua construção: Domingos Galiotto, Jerônimo Zorzin, Angelo Molon, Joaquim Smiderle, Humberto Smiderle, Frederico Trentin e João Balardin. Antes deste capitel, existia um outro no local. Carinhosamente, o capitel ficou conhecido por Nhago, atribuindo-se tal alcunha ao apelido de um antigo morador da comunidade que falava de forma fanha. Devido a dificuldade na fala, esse morador fez uma promessa à Nossa Senhora do Rosário. Caso alcançasse a cura, doaria uma área de terras para a construção de um capitel em homenagem. Tendo a graça alcançada, em cumprimento à promessa feita, doou um terreno para a construção de um pequeno capitel de madeira. Em uma reunião conjunta com os moradores, foi decidido que o padroeiro do capitel seria São João Batista. Em pouco tempo, devido a grande demanda de fiéis, viu-se a necessidade de ampliar a edificação. Em 1941 iniciou-se a construção do atual capitel, erigido com a colaboração voluntária dos moradores em forma de mutirão. O altar esculpido todo em madeira foi doado por Joaquim Smiderle, conhecido por "Nono Joaquin". As imagens sacras foram todas doadas por fiéis. Não foi construída uma capela maior no local devido à proximidade com a Igreja Matriz da Paróquia São Marcos, na sede do distrito de Otávio Rocha, onde as celebrações religiosas são frequentes. Conta-se que, com o passar dos anos, um dos sócios da comunidade, apoiado pela maioria dos demais, sugeriu que a imagem de São João Batista fosse levada para a igreja da Paróquia e que depois o capitel fosse demolido. Entretanto, João Agostinho Smiderle e Avelino Schiavenin, afetivamente envolvidos com a iniciativa dos antigos moradores, sugeriram que fosse dada manutenção ao oratório enquanto houvesse algum sócio interessado em conservá-lo. Devido a essa polêmica, por ocasião da eleição da nova diretoria comunitária, todos os sócios votaram em João Agostinho Smiderle para fabriqueiro, não tendo somente o próprio voto. Assim, para compor o entorno, em 1979, 17 famílias se reuniram para edificar o salão comunitário, que por anos permaneceu sem o reboco das paredes. Nele, é realizada anualmente no mês de junho uma tradicional novena e festa em homenagem ao padroeiro. Os moradores ainda mantêm também o costume de fazer a fogueira de São João. No ano de 2019, a estrada que leva até o capitel São João Batista recebeu asfalto, numa extensão de 1,1 km (Projeto de Lei nº061/2018). Foram investidos R$ 412 mil, com contrapartida dos moradores. A perseverança e sentimento de preservação dos antigos moradores, mantendo a ocupação e a integridade física do pequeno oratório, permitiu que o mesmo viesse a tornar-se atração turística e ponto de referência do local onde está situado. O primeiro casamento realizado no capitel foi da moradora Márcia Pauletti, na primeira metade dos anos 2010.

Documentação iconográfica



Capitel São João, ano 1982. Fonte: MOLON, 1982, p. 128.



Capitel São João, ano 2016. Fonte: Otávio Rocha Fotografias (página do *Facebook*).



Estrada para o Capitel São João, ano 2019. Fonte: http://www.floresdacunha.rs.gov.br/. Acesso em 1 Abr.24.



Capitel São João, ano 2020. Fonte: Otavio Rocha Vila Colonial (página do *Facebook*).



Capitel São João, parte interna, ano 2019. Fotografia: Jaqueline Isoton.

Levantamento fotográfico atual



Fachada noroeste (frontal) – Estrada Capitel São João



Fachada sudoeste (lateral direita)



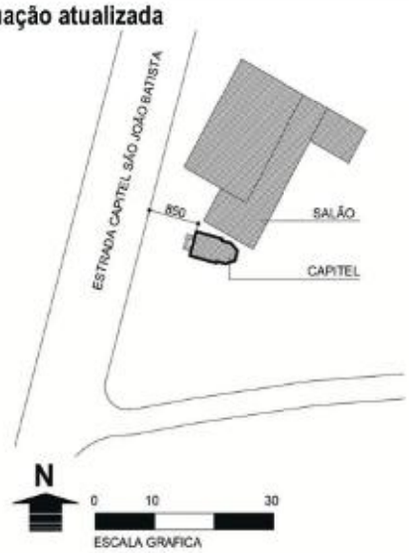
Parte do salão e o Capitel em perspectiva a partir do norte.



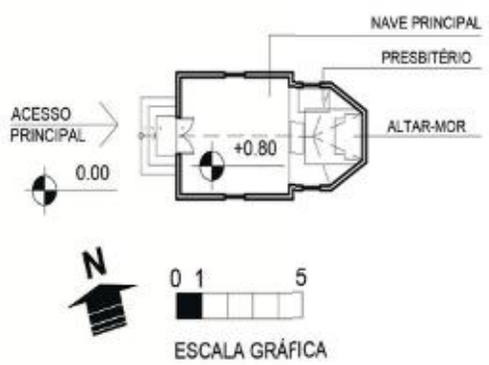
Capitel em perspectiva a partir do sul.

Análise Arquitetônica:
A arquitetura do Capitel de madeira é modesta, reflexo da simplicidade e da espontaneidade que convinha para a época e o contexto para os quais foi construído. De pequenas proporções, mas de notável refinamento estético, é dotada de nave única em formato retangular e ábside semi-octogonal. Assume uma linguagem de matriz neogótica, misturando itens e detalhes de inspirações diversas, encontrados nas portas e janelas em arco ogival e também no forro em arco ogival abatido. A cobertura, em duas águas, é constituída por telhas cerâmicas do tipo francesas sobre estrutura de madeira. A propósito, tanto as fundações, como o assoalho, as paredes, o forro, as esquadrias e os próprios mobiliários litúrgicos, foram feitos em madeira. Há um pequeno retábulo (Altar-Mor) com as estátuas dos Santos de devoção da Comunidade, além de pinturas decorativas em todo o interior do Capitel, especialmente nas partes mais altas das paredes e também no forro do presbitério. Apresenta bom estado de conservação.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes:

Referências Bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas:* ornamentos, estilose memórias/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011

MOLON, Floriano. *Otávio Rocha: cem anos de vida colonial*. Porto Alegre: EST, 1982.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Depoimentos

SMIDERLE, João Agostinho. Flores da Cunha, 22 de janeiro de 2024.

SMIDERLE, Joel Augusto. Flores da Cunha, 22 de janeiro de 2024.

Sites e Publicações *Online*

FIÓRIO, Gabriela. Otávio Rocha: a religiosidade de Otávio Rocha. Flores da Cunha: Jornal O Florense: 30 de março de 2021. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/otavio-rocha-a-religiosidade-de-otavio-rocha/14607. Acesso em 29 Out 2023.

Inicia pavimentação da estrada do capitel São João Batista em Otávio Rocha. Disponível em https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/inicia-pavimentacao-da-estrada-do-capitel-sao-joao-batista-em-otavio-rocha/9054. Acesso em 10 Jan 2024.

Otávio Rocha Fotografias. Disponível em: https://www.facebook.com/fotoORocha/photos/pb.100064855111741.-2207520000/1215818081813640/?type=3. Acesso 29 Set 2023.

Otávio Rocha Vila Colonial. Disponível em https://www.facebook.com/otaviorochavilacolonial/photos/a.279830125980501/544213442875500/?type=3. Acesso 10 Jan 2024.

Pavimentação da Estrada do Capitel São João Batista em Otávio Rocha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal. Disponível em: https://www.facebook.com/watch?v=1504318073039114. Acesso 20 Out 2023.

Viajando com MarcosH, outubro de 2020. Passeios pelo Rio Grande do Sul: Capelas e casarões no caminho de Antônio Prado a Garibaldi. Disponível em: https://viajandocommarcosh.wordpress.com/category/passeios-pelo-rs/page/2/. Acesso 29 Jan 2024.

Pesquisas não publicadas

Inventário dos Bens Culturais de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Desenhos

Joel Augusto Smiderle – Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo

Locais pesquisados: Acervo pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti https://www.facebook.com/ Hemeroteca Nacional Digital Brasil Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Responsável: Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 28/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00040	**Localidade:** Distrito de Otávio Rocha

Denominação do bem: Capitel São Sebastião

Endereço/Localização: Travessão Jacinta.

Proprietário: Bortolozzo
Uso original e atual: oratório/ oratório
Latitude: -29°04'45"S **Longitude:** --51°14'41"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Nada consta, oratório está vazio.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.1 Referência histórica; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva; marco histórico de uma graça alcançada e referência de localização para os moradores de seu entorno, bem como, referência religiosa e de evocação afetiva, que o tornam referência coletiva. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial; construção em madeira, ponto de encontro, localização em cruzamento de vias e realização de rituais religiosos. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; Delimitação não acarreta conflitos com a dinâmica do sistema rural. **4) TÉCNICA** – 4.3 Risco de desaparecimento; processo acelerado de degradação. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.4 Elemento referencial; marco construtivo e elemento importante na integração das famílias de seu entorno, definindo inclusive o endereço desses moradores.

Histórico:
O Capitel São Sebastião foi construído em 1951, em madeira, em gratidão a uma graça alcançada. A moradora Angelina Cambruzzi Casagranda queria pagar uma promessa conseguida por intercessão de São Gotardo, comunidade a 5,7 km de onde se encontra o capitel. Por isso, decidiu construir um pequeno oratório. Com auxílio dos vizinhos conseguiu erigir um capitel maior do que o planejado inicialmente. A sugestão de denominação do mesmo partiu do vigário de Flores da Cunha, Frei Eugênio Brugalli, que atuou na Paróquia Nossa Senhora de Lourdes de 1935 a 1958. A intenção do Frei era homenagear um santo que ainda não havia sido apadrinhado em Flores da Cunha e diferente dos habituais. Como não havia outro capitel em homenagem à São Sebastião, assim foi denominado. Na Idade Média, São Sebastião era invocado para proteção contra os perigos e contra as doenças de animais. É também o santo padroeiro dos atletas. Durante as festas na comunidade, ocorria a bênção do sal que era dado aos animais.
No ano de 1953, o capitel com altar em madeira e lambrequins na fachada, foi inaugurado. Era comum as famílias se reunirem para rezar o terço nos domingos à tarde. Nesses encontros, se formaram namoros e até casamentos. Por sua estrutura pequena, o capitel não comportava bancos e muitos dos participantes precisavam acompanhar a reza do lado de fora. Já as crianças costumavam sentar no chão.
Na década de 1980, o capitel foi substituído por uma construção em alvenaria, ao lado do mesmo. Os objetos de culto e estátuas foram transferidos para esta edificação. A festa em honra a São Sebastião ocorria tradicionalmente no mês de janeiro. No início dos anos de 2000 deixaram de ser realizadas missas no local, e os fiéis continuaram a participar das missas na Igreja Matriz da Paróquia São Marcos, em Otávio Rocha.
Em frente ao capitel de madeira, durante muitos anos, funcionou a antiga Escola Dom José Barrea, a qual também funcionou como salão comunitário, até a construção do atual. Posteriormente, a escola foi demolida. Em 1967, foi fundado o Esporte Clube Juvenil que disputou vários campeonatos regionais.
A localidade onde está situado o Capitel São Sebastião ficou popularmente conhecida por diferentes alcunhas. Primeiramente, era conhecido como 'Isquina' ou '2º Coiúdo' (em referência ao apelido dado à comunidade de São Francisco de Assis) e depois como Nova Brasília, denominação conhecida até os dias atuais e que sobrepunha o nome do padroeiro. Moradores contam que a denominação Nova Brasília se deu nos anos de 1970 e teria coincidido com a inauguração da capital do Brasil, porém Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960.
Com a desativação, o antigo capitel passou a ser utilizado como depósito de materiais ou guarda de mantimentos. Devido a isso, sua estrutura foi se degradando. Um movimento para restaurá-lo e realoca-lo foi iniciado, entretanto, ocorreram divergências e o processo foi encerrado. Um pedido para transferência do capitel de São Sebastião para um empreendimento turístico na localidade de São Vitor e Corona também foi solicitado, porém a comunidade entendeu que era importante que permanecesse no local de origem, para não "perder parte de sua história".

Documentação iconográfica:



1980 - Capitel São Sebastião. Fonte: ECIRSUCS



1982 - Fonte: Livro Cem anos Otávio Rocha - p129



2004 - Capitel São Sebastião. Fonte: Jornal O Florense



2021 - Capitel atual - Fonte: OF digital

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste



Fachada Sul



Fachadas Norte e Leste



Fachada Leste

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Entorno imediato_ paisagem rural



Santo localizado no novo capitel



Detalhe lambrequins de madeira



Interior do capitel



Detalhe esquadrias

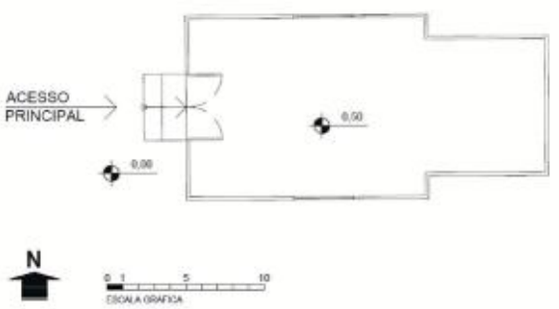
Análise Arquitetônica:

A edificação está localizada na zona rural, em propriedade particular, acessada por estrada de terra. A pequena capelinha de madeira testemunha a religiosidade dos imigrantes que aqui se instalarem. Trata-se de uma edificação de planta retangular acessada por porta de verga reta formada por duas folhas em madeira na fachada frontal oeste, alinhada aos dois degraus de tijolos maciços que estão a sua frente. Possui duas janelas fixas em madeira e vidro nas fachadas laterais norte/sul, estas possuem vergas em arco pleno. A cobertura em duas águas com telhas cerâmicas é estruturada em madeira, mesmo material do piso e dos beirais. Estes apresentam lambrequins no frontão da fachada frontal, decorando a extremidade do beiral. No oratório predominam a simplicidade, limpidez no volume e tendência a simetria. A edificação necessita de intervenções e melhorias, sobretudo no que diz respeito ao tratamento e /ou substituição das peças de madeira comprometidas pela ação do tempo e pelo desuso do local.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias:

Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Flores da Cunha, 1912-1974.

Depoimentos:

MARZAROTTO, Arlete Angelina Visentin. Mensagem de áudio enviada via WhatsApp em 7 de julho de 2023.

Referências bibliográficas:

MOLON, Floriano. Otávio Rocha Cem Anos de Vida Colonial. Porto Alegre: EST, 1982.

_____, Floriano. Torre centenária de Otávio Rocha 1921-2021: cem anos de coragem, trabalho, união e fé. Porto Alegre: Evangraf, 2022.

Jornais:

Capela São Sebastião – Nova Brasília. Jornal O Florense, 8 de abril de 2004. Suplemento Capelas de Flores da Cunha.

Nova Brasília homenageia São Sebastião. Jornal O Florense, 17 de julho de 1998, p. 28

Locais pesquisados:

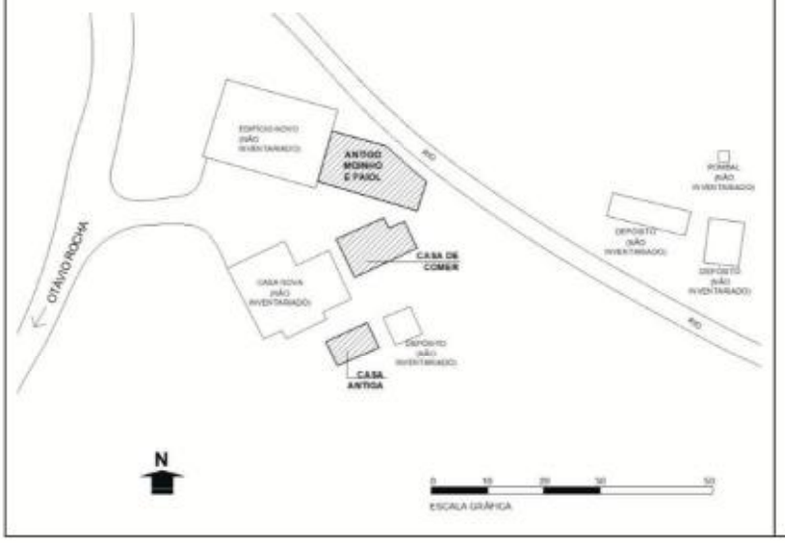
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	21/04/2023.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos

ISOTON, Idite Maria Verona. Flores da Cunha, 26 de janeiro de 2024.

ISOTON, Maria. Flores da Cunha, 26 de janeiro de 2024.

Referências bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias!* texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições: 2002. 2ª Ed.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.

VAILATTI, Gissely Lovatto. 1886|2012: Mato Perso, uma história a ser preservada. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2017.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Jornais

Camilo Isoton. Jornal Correio Riograndense, 24 de outubro de 1962, p.3.

Flores da Cunha-RS: Afonso Isoton. Jornal Correio Riograndense, 19 de outubro de 1983, p.18.

Nova Pádua – Capela de Caravággio. Jornal Correio Rio Grandense, 10 de maio de 1950, p. 2.

Otávio Rocha - Flores da Cunha. Jornal Correio Rio Grandense, 15 de janeiro de 1947, p. 4.

Sites e publicações on-line

ALVES, Gabriela. Gavetas da História: José Clemente Pozenato relembra bastidores da série O Caso do Martelo, exibida na Globo. Jornal Pioneiro, 26 de outubro de 2023. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2023/10/gavetas-da-historia-jose-clemente-pozenato-relembra-bastidores-da-serie-o-caso-do-martelo-exibida-na-globo-clnz3ghkd00hh016sz90s253u.html. Acesso 13 Fev 2024

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Google

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 28/04/2024.

Locais pesquisados
Biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e de Gissely Lovatto Vailatti
http://www.facebook.com. Acessos em março e abril de 2024.
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi
Site Jornal O Florense

Imagens complementares



Casa Sede: o banheiro no pavimento superior: paredes com acabamento em escaiola.



Divisórias internas do pavimento superior com pinturas parietais: Casa Sede



Piso da varanda da Casa Sede revestido com ladrilhos hidráulicos



Escadaria externa de acesso ao pavimento superior com revestimento em pedras de basalto e ladrilhos hidráulicos.



A Capela da Granja São Mateus, toda em madeira.



O retábulo dedicado à Nossa Senhora dos Aflitos.



Interior da Capela: balaústres e genuflexório de madeira.



Interface entre a Capela e a Casa Sede da Granja São Mateus.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	28/04/2024.

SETOR 04

LINHA 80 E SÃO FRANCISCO

- CASA FAMÍLIA SANDI
- CASA LAGHETTO
- CASA FAMÍLIA PEDRON
- CASA FAMÍLIA SCHIO
- CASA GILMAR MOLON
- CASA ARALDI
- CASA FERDINANDO RIZZOTO
- CASA BEDIN
- MOINHO MAZZAROTTO
- CAPELA SÃO FRANCISCO
- CAPITEL SANTA SUZANA
- CAPELA SÃO BARTOLOMEU



capitel santa suzana

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00041	**Localidade:** Travessão Marques do Herval – Comunidade Capela São Francisco

Denominação do bem: Casas Família Sandi

Endereço/Localização: Lote rural n.º 10, comunidade São Francisco de Assis (Cuiúdo).

Proprietário: Pedrinho Modesto Sandi e Graciema Vazzatta Sandi
Uso original e atual: Residência/ Residencia-Depósito
Latitude: -29,0632045° **Longitude**: -51,2382798°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Pia antiga (ceccher); fogão a lenha; panela, mesa de jantar, cama e corrente de ferro.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência Histórica, 1.2 Valor de antiguidade, 1.3 valor Tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: local de festas comunitárias do capitel de Santa Suzana, significado afetivo para numerosa descendência familiar, local de nascimento e residência do soldado da FEB Raymundo Bortolo Sandi, pracinha ex-combatente na Itália durante a Segunda Guerra Mundial; **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: Casas de comer e dormir em pedra e madeira do período do apogeu. **3) FUNCIONAL –** 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana, 3.2 Potencial de reciclagem e 3.3 Uso tradicional: estrutura compatível com o entorno e passível de readequação funcional, considerando que a antiga cozinha já é utilizada como moradia temporária. 3.4 Uso Peculiar: vinícola familiar associada a Cooperativa Sto Antônio. **4) TÉCNICA –** 4.1 Raridade na técnica construtiva, 4.2 Raridade no emprego de materiais: esmero no uso da madeira como elemento estrutural, cobertura e adornos; **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural: em harmonia com o entorno.

Histórico:
As casas da família Sandi situam-se no lote rural nº 10, do Travessão Marquês do Herval, 10ª Légua, antiga Colônia Caxias. A propriedade foi adquirida em 1880 pelo imigrante italiano Bortolo Sandi (1855-1916), solteiro, quando chegou da Itália em companhia de seus pais Vittore e Lúcia e das irmãs Virgínia e Cecília. Inicialmente se estabeleceram numa pequena casa feita com tábuas rachadas. As casas que permanecem na propriedade foram construídas pela família de Bortolo Sandi e Philomena Pinzon (1866-1925), pais de Fioravante, Modesto Bortolo, Berto, Ricieri, Amábile, Gilda e Gertrudes Sandi. Posteriormente foram herdadas pelo filho Modesto Sandi, que casou com Luiza Fochesatto, com quem teve os filhos Bruno, Elsa, Gema, Nair, Natália, Raimundo Bortolo, Eulália e Filomena. Com o falecimento dos pais, o filho Raimundo Bortolo Sandi assumiu a propriedade. Casado com Inês Molon, teve os filhos Pedrinho Modesto, Valdir, Ana Maria, Teresinha e Margarete Sandi. As crianças destas duas gerações da família, nasceram e viveram nestas casas. Em 2024, a propriedade pertence a Pedrinho Modesto Sandi e esposa Graciema Vazzatta Sandi, pais de Paula e André Sandi. A casa que abrigou a cantina, sala de visitas, dormitórios e sótão, conforme consta num entalhe sobre uma pedra do muro, foi edificada em 1904 e, enquanto foi utilizada, serviu para este fim. Possuía 16 quartos, visto que a família era numerosa e aumentava após o casamento dos filhos, pois os novos casais que formavam permaneciam residindo na casa paterna por alguns anos. As pedras e os pinheiros para construção foram extraídos da propriedade. Com os pinheiros fizeram os barrotes inteiros com 12 metros de comprimento, falquejados a machado. O coberto também era feito de tabuinhas, chamavam de "scándole". As tábuas foram serradas manualmente. Para isso, estruturaram um pilar de cerca de dois metros de altura e com uma serra, puxada em cima por uma pessoa e embaixo por outra, realizaram o trabalho. A pintura vermelha foi feita através de uma mistura de óleo e pó vermelho, só foi renovada uma vez. No andar térreo, cuja temperatura era adequada para conservação de bebidas, a família produzia vinho. Bortolo e Modesto elaboravam vinagre e vinho tinto e branco para o consumo. Modesto forneceu seus vinhos para as festividades do primeiro aniversário de emancipação política do município. A Cantina Rural foi registrada por Raimundo Bortolo Sandi. Com o registro, Raimundo passou a comercializar o excedente do vinho tinto, a granel, para a Cooperativa Santo Antônio, da qual era sócio. A produção era de cerca de 35 mil litros/ano. Além do vinho tinto para venda, também produzia vinho branco e vinagre para o consumo da família. Após seu fechamento, Pedrinho permaneceu produzindo vinhos e vinagre para esse mesmo fim. No primeiro andar da casa havia uma sala grande, onde eram recebidas as visitas. Todas as festas da família e os filós eram ali realizadas, assim como os velórios de Modesto e Luiza. Esta sala era ladeada por quatro quartos de cada lado. Dois deles abrigavam os casais, um os padres, especialmente os Freis Eugênio Brugalli e Floriano Skrowonski, que seguidamente pernoitavam na casa - a cama onde dormiam ainda é preservada. Outros quatro quartos abrigavam os filhos e um era destinado à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. No altar havia um quadro com imagem adquirida por Bortolo e Philomena, e ainda é preservado na casa de Pedrinho e Graciema. (continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Recepção a Raimundo Sandi (1945).
Fonte: MOLON, 1982.



Figura 2 – Vista a casa de comer, década de 1980.
Fonte: ECIRS/UCS, 1980.



Figura 3 - Vista da casa de comer.
Fonte: MOLON, 1982.



Figura 4 – Vista da Casa 1 (2002). Fonte: Prefeitura Municipal, 2002.



Figura 5 – Vista da Casa 2 e 1 (2002). Fonte: Prefeitura Municipal, 2002

Levantamento Fotográfico atual:



Casa 1 – Vista Noroeste – 22/02/2024



Casa 1 - Fachada Oeste – 22/02/2024



Casa 1 - Fachada Sul – 22/02/2024



Casa 1 – Fachada Leste – 22/02/2024



Casa 1 – Vista Sudoeste – 22/02/2024



Casa 2 - Fachada Nordeste – 22/02/2024



Casa 1 – Fachada Leste – 22/02/2024



Casa 2 – Fachada Sudoeste – 22/02/2024



Casa 2 – Vista Leste – 22/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista interna Casa 1 – 22/02/2024



Scandole na cobertura do porão – 22/02/2024



Escada Interna Casa 1 – 22/02/2024



Detalhe balaústra em madeira da varanda Casa 2 – 22/02/2024

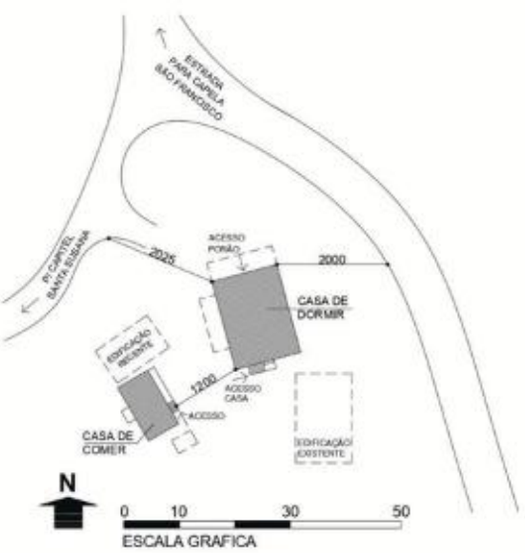


Ladrilho hidráulico no piso fogão Casa 1 – 22/02/2024

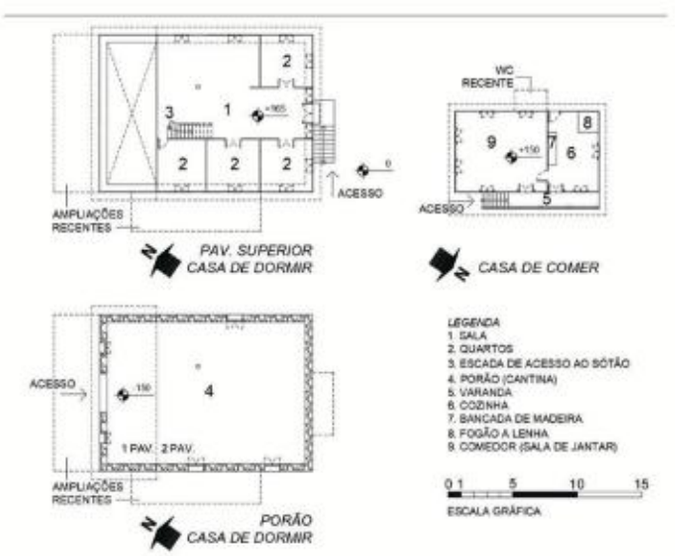
Análise Arquitetônica:

Trata-se de um conjunto de duas edificações correspondentes à casa de dormir e a casa de comer da propriedade rural de imigrantes da família Sandi. A Casa 1, de 1904, destinada à cantina e aos dormitórios da família, possuía originalmente 3 pavimentos, incluindo porão em pedra e 2 andares em madeira, com cobertura de 2 águas. Nos andares superiores possuía 16 dormitórios (8 em cada pavimento). Devido a questões estruturais o 3 pavimento de 8 dormitórios foi suprimido na primeira metade da década de 1960, rebaixando-se a cobertura. Atualmente a edificação encontra-se com apenas 2 pavimentos, sendo o porão semi-escavado, construído com blocos de pedra basalto, e o pavimento superior em madeira, mantendo-se parcialmente a compartimentação original. As janelas do porão, com acabamento dos vãos em tijolos, são de formato circular e também em arco abatido, garantindo ventilação permanente com fechamento em gradil de ferro. No prolongamento do porão à norte, a cobertura de 1 água conserva as peças *scandole* sob a cobertura metálica. No pavimento superior as janelas de madeira são do tipo guilhotina com folhas envidraçadas e tamponamentos de folhas articuladas na parte externa. A Casa 2, construída em 1920 para ser a casa de comer, substituindo a antiga cozinha de fogo de chão, possui 2 pavimentos e cobertura de telhas metálicas em 2 águas. No pavimento inferior configura-se o porão de altura reduzida, com fechamento misto em pedra e tijolos assentados com argamassa de barro. O pavimento superior em madeira de tábuas mata juntadas possui dois cômodos com acesso pela varanda: a cozinha e a sala de comer. Originalmente uma porta interna ligava estes dois ambientes. A varanda, cuja cobertura se dá pelo prolongamento do telhado a nordeste, possui parte do guarda corpo original em madeira, com recortes em formado de balaústres. O cômodo da cozinha, permanece com o fogão a lenha de 1920, bastante oxidado, sobre piso de ladrilho hidráulico xadrez e o antigo *cecher* (pia rudimentar). Um anexo em alvenaria na fachada oeste foi criado posteriormente para um banheiro. O entrepiso é estruturado em (continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos:
SANDI, Graciema Vazzatta. Flores da Cunha, 19 de janeiro de 2024.
SANDI, Pedrinho Modesto. Flores da Cunha, 19 de janeiro de 2024.
Referências bibliográficas:
MOLON, Floriano. Otávio Rocha: cem anos de vida colonial. Porto Alegre: EST, 1982.
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.
Pesquisas não-publicadas:
Inventário dos Bens Culturais de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.
Exposição Sobre Muros: Casas e casarões de Otávio Rocha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/EMEF Francisco Zilli/MAHPR, 2011.
Sites:
Câmara de Vereadores de Flores da Cunha. Disponível em https://www.camaraflores.rs.gov.br/galeria-de-fotos/cidadao-de-merito. Acesso em 8 de fevereiro de 2024.
A imigração italiana em 12 episódios. Jornal O Florense, 22 de agosto de 2007, p. 1.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Cadastro Nacional de Falecidos
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
ECIRS/UCS acervo digital
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:
HISTÓRICO (continuação)
O segundo andar era dividido em oito quartos, onde eram acomodados os parentes que esporadicamente vinham de longe visitá-los, especialmente a família de Fioravante, que se estabeleceu na Linha Gomercindo, em Antônio Prado (RS). Costumavam viajar a cavalo, ou com carroça puxada por mulas, e passavam uma semana na casa. A visita era motivo de festa. Faziam serão todas as noites, jogavam quatrilho e cantavam. O sótão, por sua vez, era um compartimento aberto não utilizado, pois ficava muito alto, era necessário subir vários degraus de escadas para acessá-lo. Nos anos de 1960, depois do falecimento de Modesto (1956) e antes da construção da atual moradia da família (1967/8), devido a altura do casarão e a instabilidade dos andares superiores quando aconteciam os vendavais, a família resolveu reformar a casa. Rebaixaram e trocaram o coberto de "scándole" por zinco, e desmancharam um dos andares. Nessa época a pintura foi renovada. Enquanto fizeram a reforma, usaram a casa/cozinha para se abrigarem. Era costume construir uma casa específica para abrigar a cozinha e a sala de alimentação, separada do dormitório, porque temiam por incêndios. Caso isso ocorresse, perderiam apenas uma edificação. No espaço da cozinha, as brasas eram conservadas acesas permanentemente. Quando foi construída a casa para cantina e dormitórios, existia um "fogoler", fogo de chão pouco distante, ao lado de onde está o galinheiro atualmente. Por volta de 1920, com a aquisição do fogão à lenha, que ainda é resguardado pela família, a velha cozinha foi desativada e uma nova casa passou a exercer a função. Essa casa era dividida em três cômodos: uma sala onde havia duas mesas com seis metros de comprimento cada para a alimentação; a cozinha com armário, onde ficavam a caixa com farinhas, uma mesa e o fogão à lenha, sobre um chão de ladrilhos hidráulicos; e uma varanda, que foi desmanchada, onde havia o "ceccher" - pia em madeira e ainda preservada. A cobertura desta casa sempre foi de zinco e a cor sempre foi amarela. Ao lado desta casa existe uma pequena casinha de alvenaria, na cor branca, construída por Modesto Sandi e mantida por seus descendentes. É destinada para defumação dos salames e copas, quando são carneados os porcos. Nesse ambiente de cômodo único e escuro, é feito fogo por alguns dias. A fumaça auxilia na maturação e conservação dos alimentos. Ambas as casas não possuiam banheiro. Quando necessário, as necessidades eram feitas no mato e, à noite, utilizavam penico. Para tomar banho usavam um balde, cuja água era aquecida no fogão à lenha. A água era transportada com baldes da fonte que existe na gruta de Santa Suzana, cerca de 80 metros distante. A energia elétrica era produzida numa usina particular que passou a atender três famílias a partir de 1953. Situava-se no riacho que passava no lote vizinho, adquirido por Bruno Sandi. No local, foi represada água para movimentar o rodão de madeira que acionava os motores da turbina, que ficava numa casinha ao lado. A luz era usada somente à noite, quando começava a escurecer, funcionava por cerca de uma hora e meia. A disponibilidade de luz era controlada com uma manivela tocada à mão. Quanto mais abria mais intensidade tinha. Todavia, era de baixa intensidade, podendo operar algumas lâmpadas e o rádio. Os cuidados com a usina eram feitos por Pedrinho. Depois que foi disponibilizada energia elétrica, em 1968, o equipamento foi vendido. Estas casas têm muitas histórias, mas a mais significativa é que foi onde nasceu e viveu Raimundo Bortolo Sandi, pracinha da Força Expedicionária Brasileira, que combateu na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Ele atuou na linha de frente junto ao 6º Regimento de Infantaria. Desembarcou no Porto de Nápoles e lutou em Camaiore, Monte Prano, Borgo, Monte Castello, Mantese, Zocca, Castel Nuovo, La Serra e outros locais. Retornou para o país em 15 de agosto de 1945. Para recepcioná-lo, Modesto preparou uma grande festividade que ocorreu no entorno da casa familiar. Foram um boi, oito leitões e 60 galinhas, além de 200 litros de vinho. Mais de 400 pessoas participaram da festa, incluindo Frei Eugênio Brugalli. A família preserva os diplomas e as condecorações por ele recebidas. A farda ele usava para dar sulfato nas parreiras, só anos depois se deu conta e lastimou a perda. Diversos objetos de Raimundo foram doados ao museu da FEB em Caxias do Sul. Ele também costumava proferir palestras para estudantes sobre suas memórias. Em 29 de agosto de 2006, por meio do Decreto Legislativo 003/2006, a Câmara de Vereadores de Flores da Cunha concedeu o título de Cidadão de Mérito a Raimundo Sandi. O título é destinado às pessoas que prestaram serviços relevantes à comunidade. Em 2008, com financiamento da União Europeia, através do Projeto Urb-Al Victur e Prefeitura de Flores da Cunha, foi produzido o documentário "Eu te Abençoo, Vida", dirigido pelo cineasta Daniel Fuentes. O curta retrata memórias de

Raimundo na guerra e tem como cenário as casas da família. Raimundo faleceu em 5 de junho de 2014. Em 2024, as casas estavam desabitadas.

IMAGENS COMPLEMENTARES:


(a)


(b)


(c)


(d)


(e)


(f)


(g)


(h)

LEGENDA:

(a) Casa 1 – Janela do pavimento superior, fachada sul – 22/02/2024
(b) Casa 1 – Janela circular do porão com gradil de ferro, fachada sul – 22/02/2024
(c) Casa 1 – Vista interna do porão – 22/02/2024
(d) Casa 1 – Vista interna de janela em arco abatido com verga em tijolos, porão. – 22/02/2024
(e) Casa 1 – Mesa antiga (*tavolo*) – 22/02/2024
(f) Vista do antigo defumador, próximo à casa de comer – 22/02/2024
(g) Casa 2 – vista interna do porão – 22/02/2024
(h) Casa 2 – Fogão a lenha original da casa de comer, década de 1920 – 22/02/2024

OUTRAS INFORMAÇÕES:

No porão da Casa 1, a família criou uma pequena capelinha em honra a Nsa. Sra. do Caravaggio, em um dos vão de janela. O motivo se deve à uma estiagem, que secou o poço anterior da propriedade em 2011. Na busca por um novo poço, a família encontrou água no interior do porão, defronte a esta janela.

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 4.1.1

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	01/05/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00042	**Localidade:** Travessão Marques do Herval – Comunidade Capela São Francisco

Denominação do bem: Casarão dos Laghetto

Endereço/Localização: Lote rural n.º 10, Estrada São Francisco (Cuiúdo).

Proprietário: Alex Stuani e outros.
Uso original e atual: Residência / Residência operária e depósito
Latitude: -29,0710516° **Longitude**: -51,2382782°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Não identificados.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.1 Referência Histórica; 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: importante núcleo familiar e de imigrantes no desenvolvimento da região, referência coletiva pela imponência e antiguidade. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico; 2.3 Raridade Formal: pelo porte dos edifícios e esmero dos elementos arquitetônicos frente à época de construção. 2.4 Elemento referencial: marco visual na estrada. **3) FUNCIONAL** – 3.2 Potencial de reciclagem: pelo porte de suas edificações e localização privilegiada do bem. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais: paredes mistas com pedra basalto e arcos de tijolos, estrutura interna de madeira **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.4 Elemento referencial: destaca-se pelos efeitos topoceptivos da implantação do conjunto.

Histórico:
O Casarão Laghetto está situado no lote rural número 7 do Travessão Marquês do Herval. O lote foi adquirido por Luigi Laghetto, sendo quitado em 1892. No ano seguinte, Luigi também adquiriu o lote rural número 9 no Travessão Jacinta. Originário de Schio, na Itália, Luigi chegou ao Rio de Janeiro em 28 de janeiro de 1887, com 37 anos. Em 4 de fevereiro desembarcou em Porto Alegre e no dia seguinte rumou a Caxias. Era casado com Angela Penso Laghetto com quem teve os filhos Caterina, Maria, José, Colorinda, Lúcia e Domingos Laghetto. Inicialmente, a família estabeleceu-se nas antigas casas de madeira que pertenciam ao proprietário originário do lote, Pietro Mioranza, que chegou ao Brasil em 1880. Existia uma casa de dormir e separadamente a cozinha (fogoler). Embaixo de uma dessas residências corria uma fonte de água. Posteriormente, Luigi construiu uma nova residência também em madeira para abrigar a família. Próspero agricultor, Luigi cultivava milho, trigo e parreirais. Assim, por volta de 1900, deu início a construção de duas casas em alvenaria e que se tornaram símbolo da arquitetura italiana em Flores da Cunha. Uma das casas servia para abrigar a cozinha, a sala de jantar e um depósito. O andar superior era utilizado para secagem de feijão, "perseca" (fruta seca, maçã), amendoim e erva-mate. Ao lado, foi edificada a casa de dormir com porão, onde havia uma pequena cantina rural para fabricação do vinho e vinagre, e mais dois pavimentos, além do sótão. Eram seis quartos no terceiro andar, além de uma sala. No segundo pavimento uma das salas, com entrada individual por meio de uma escada externa (dessa forma, os convidados não precisavam entrar na residência), era utilizada para realização de festas e filós. A celebração dos 50 anos de casamento de José e Irene Benedetti foi festejada nesta sala. Luigi veio a falecer em 31 de agosto de 1914 durante a construção das casas, por isso coube ao filho José concluir as edificações em 1920. Entretanto,um dos quartos do terceiro pavimento nunca chegou a ser finalizado e nem habitado. O casarão não possuía banheiro, este foi feito após os anos 2000, quando o casarão foi readaptado para habitação de famílias que trabalhavam na propriedade. Ao redor do casarão, a família manteve a antiga residência em madeira que foi modificada na década de 1930 e desmanchada definitivamente em 2013, além de um forno, uma estrebaria e um alambique. No ano de 1945, com as águas do córrego que passava pelo terreno, José edificou uma pequena usina elétrica para consumo próprio da família. Os geradores com manivela ficavam um na cozinha e outro no quarto do casal José e Irene no terceiro pavimento da casa maior. Entretanto, a luz era precária e, muitas vezes, a família recorria às velas para iluminar a propriedade. Como filho homem José permaneceu residindo na propriedade. Casou-se com Maria Irene Benedetti com quem teve os filhos Luís, Antônio, Rita, Ângela, Pierina e os gêmeos Alberto e Vitório. Todos nasceram no casarão e ali permaneceram até seus casamentos. Quando Irene adoeceu e precisou utilizar cadeira de rodas, a despensa e a sala localizadas na casa menor, junto à cozinha, foram adaptadas e serviram de quarto até seu falecimento em 4 de outubro de 1971. O terreno era cercado por taipas. Após o falecimento de José em 20 de julho de 1982, aos 89 anos, Antônio, que não havia casado, seguiu residindo sozinho no casarão até próximo a sua morte em 1997. Mesmo em tempos modernos, Antônio mantinha a residência exatamente como nos primórdios. (Continua nos anexos)

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Vista do acesso, déc. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.



Figura 2 – Vista leste casa de dormir, déc. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.



Figura 3 – Vista leste casa de comer, déc. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.



Figura 4 – Detalhe escada acesso social, casa de dormir, déc. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.



Figura 5 – Interior da casa de dormir, déc. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.



Figura 6 – Vista nordeste casa de dormir, 2012. Fonte: Jornal O Florense, 28/09/2012.

Levantamento Fotográfico atual:



Vista Leste – 11/09/2011



Casa 1 - Fachada Leste – 11/09/2011



Casa 1 - Fachada Oeste – 11/09/2011



Casa 2 - Fachada Norte – 11/09/2011



Casa 1 – Detalhe Fachada Leste – 11/09/2011



Casa 1 – Fachada Norte - 11/09/2011



Casa 2 - Fachada Norte – 11/09/2011

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Casa 1 – Vista interna 1º pav – 11/09/2011



Casa 1: Vista interna porão – 11/09/2011



Casa 1 – Vista interna porão – 11/09/2011



Ladrilhos – 26/10/2023

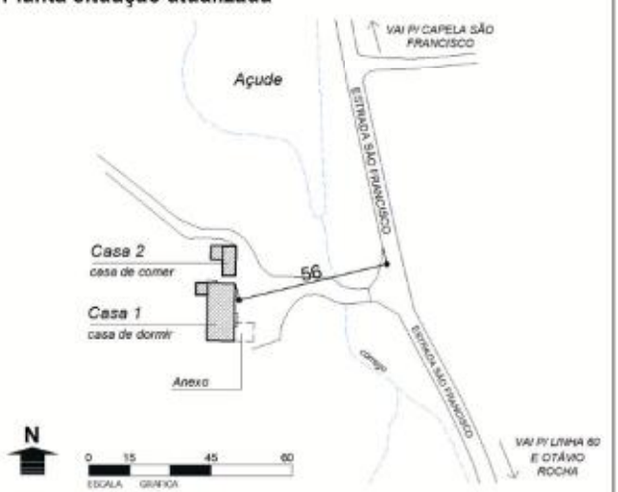


Casa 1: Detalhe guarda corpo escada – 11/09/2011

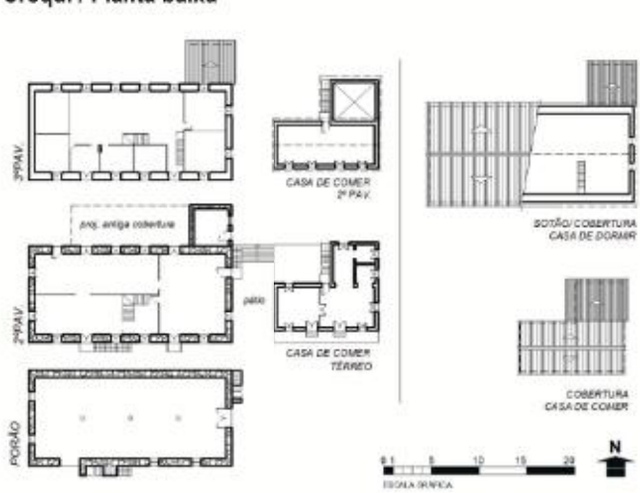
Análise Arquitetônica:

Trata-se de um conjunto de 2 edificações composto por duas casas em alvenaria do início do período de apogeu, sendo o maior volume, de 3 pavimentos, a casa de dormir e o volume menor de 2 pavimentos a "casa de comer'. A construção do conjunto iniciou por volta de 1900 e foi finalizada em 1920. A Casa 1, casa de dormir, possui um porão semi-escavado, construído em blocos irregulares de pedra basalto assentados com junta seca. Possui acesso por portas em arco sobre a fachada leste e norte. Parte das paredes externas destas fachadas possuem reboco com argamassa à base de cal. Nas paredes do porão com pedra exposta, as juntas foram argamassadas para melhor vedação. Pilares centrais de madeira com ábacos de perfil ornamental sustentam as vigas principais do entrepiso superior. O 2º pavimento, destinado a moradia, possui as paredes externas em pedra, revestidas por reboco. No terceiro pavimento as paredes externas são totalmente em alvenaria de tijolos com argamassa de barro. Internamente os entrepisos, assoalhos e divisórias são em madeira. Uma escada interna em madeira conecta os pavimentos superiores. Uma lance de escada menor no terceiro pavimento dá acesso ao sótão ventilado por duplas de janelas nos oitões. Uma cornija orna os beirais retos da grande cobertura de duas águas com telhas metálicas oxidadas. Sobre a fachada leste está o acesso social da edificação, através de uma escadaria com base de pedra e arcos de tijolos rebocados, ornada por guarda corpo e corrimão de ferro com serralheria artística. Na fachada norte, voltada para o pátio entre as duas casas, está o acesso de serviço ao 2º pavimento, também com escada. Sobre a fachada oeste, fundos da propriedade, há um anexo em pedra e vestígios de uma cobertura que se prolongava sobre as portas da fachada. De modo geral, as aberturas obedecem a ordem simétrica de composição das fachadas, com janelas e portas de vergas em arco abatido sutil. Algumas das aberturas não seguem a verga arqueada. (Continua nos anexos)

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos

LAGHETTO, Alberto. Flores da Cunha, 12 de dezembro de 2009.

LAGHETTO, Orilda Demoliner. Flores da Cunha, 12 de dezembro de 2009.

OTOBELLI, Terezinha Laghetto. Flores da Cunha, 16 de dezembro de 2023.

Referências Bibliográficas

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre; Est, 2002. 2ª ed. p. 354 e 632

MOLON, Floriano. Otávio Rocha: cem anos de vida colonial. Porto Alegre: EST, 1982. p. 339-42

POSENATO, Julio. Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

Pesquisas não publicadas

Inventário dos Bens Culturais de Flores Da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Exposição itinerante Sobre Muros: casas e casarões de Otávio Rocha. Flores da Cunha: EMEF Francisco Zilli/Prefeitura Municipal, 2011.

Jornais

A colônia faz a festa, com uva e vinho. Jornal Pioneiro, 23 de novembro de 1990. Suplemento Sete Dias, p. 2

Na terra do galo o folclore canta mais alto. Jornal Pioneiro, 13 de julho de 1990. Suplemento Sete Dias, p. 4

Perfil: Alberto Laghetto. Jornal O Florense, 17 de julho de 1998. Suplemento especial 500 Atos de Fé, p. 28

Sites

ECIRS/UCS. Elementos Culturais da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Acervo fotográfico digital. Instituto de Memória Histórica e Cultural. Universidade de Caxias do Sul, 2024. Disponível em: https://www.ucs.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/ecirs/ecirs-acervos/ Acesso em: 12 fev 2024.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

ECIRS-UCS acervo digital

Facebook

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Apenas a casa em que estava a cozinha possuía energia elétrica, um antigo fogão a lenha servia para cozinhar a comida e a pia de madeira, tipo "ceccher", que escoava a água para fora da casa por gravidade.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)

Na fachada leste as janelas em madeira possuem folhas externas envidraçadas de abrir com tamponamentos internos. Já na fachada oeste, as janelas são do tipo guilhotina com tamponamento interno. Três porta-janelas tipo balcão, com gradil de ferro diferenciam a fachada leste. Recentemente foi edificada um anexo em tijolos 6 furos e cobertura metálica sobre a fachada leste para servir como garagem. A Casa 2, 'casa de comer' do conjunto, possui 2 pavimentos em alvanaria com fundação em pedra. O entrepiso é de madeira. O pavimento térreo possui dois cômodos: o comedor e a cozinha. Um anexo de uma água sobre a fachada oeste abrigava o fogão primitivo e o depósito. No pavimento superior, acessado por escada de madeira junto à fachada oeste, era usado para secagem de produtos, ocupando também o vão da cobertura de duas águas. No vazio entre as duas edificações, um pátio com escadaria de pedra faz a transição de níveis entre as duas edificações. As edificações foram cadastradas pelo inventário de 1980 realizado pelo IPHAE, ficha nº 233. A edificação também aparece no livro *Arquitetura de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul* (POZENATO, 1983), na pág. 183. Seu entorno está bastante descaracterizado devido as alterações provocadas na propriedade para produção de morangos (estufas, açude, etc.)

OUTRAS INFORMAÇÕES:

Não houve autorização dos atuais proprietários para acesso às edificações durante o período de realização deste inventário. O levantamento fotográfico apresentado no campo "Levantamento Fotográfico atual" possui fotos realizadas pelo Arq. Dangle Júlio Marini no ano de 2011, sendo este o registro mais atualizado obtido pelas fontes pesquisadas. Conforme análise de arquitetura as fotografias de 2011 representam as atuais condições das edificações.

DOCUMENTAÇÃO ICONOGRÁFICA(continuação):



(a)



(b)


(c)


(d)


(e)


(f)


(g)


(h)

LEGENDA:

(a) Foto do casarão em 1983, propriedade de José Laghetto. Fonte: POSENATO, 1983, pág. 183.
(b) Fotos do conjunto no ano de 2002. Fonte: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, 2002.
(c) Foto escada de acesso ao pav. Superior da casa de comer, déc. 1980 – Fonte: ECIRS/UCS, 2024.
(d) Foto escada de acesso lateral norte da casa de dormir, déc. 1980 – Fonte: ECIRS/UCS, 2024.
(e) Foto detalhe balcão na fachada leste da casa de dormir, déc. 1980 – Fonte: ECIRS/UCS, 2024.
(f) Vista leste da casa de dormir, ano de 2017 – Fonte: Acervo pessoal de Danúbia Ottobelli/ Desvendare.
(g) Vista sudeste da fachada da casa de dormir, ano de 2017 – Fonte: Acervo pessoal de Danúbia Ottobelli/ Desvendare
(h) Vista sudeste da casa de comer, ano de 2017 – Fonte: Acervo pessoal de Danúbia Ottobelli/ Desvendare.

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO ATUAL (continuação):


(a)


(b)

LEGENDA:

(a) Vista do conjunto a partir da estrada Capela São Francisco, 2023.
(b) Vista frontal do conjunto a partir da estrada Capela São Francisco, 2023.

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 4.1.4.
*****ATENÇÃO: FICHA COM DIVULGAÇÃO DOS DADOS NÃO AUTORIZADOS PELOS PROPRIETÁRIOS*****

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	10/05/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00043	**Localidade:** Travessão Marques do Herval

Denominação do bem: CASA FAMÍLIA PEDRON

Endereço/Localização: Lote rural nº 4, Travessão Marques do Herval

Proprietário: José Jorge Pedron
Uso original e atual: residência/ residência
Latitude: -29,0783806° **Longitude**: -51,2358389°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: Marco no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para numerosa descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: Edificação com elementos arquitetônicos que a destacam e reflete o processo de imigração. **3) FUNCIONAL** - 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.3 Uso tradicional: A casa está em compatibilidade com a infraestrutura rural e ainda é usada como residência; **4) TÉCNICA -** 4.4 Bom estado de conservação: Residência em ótimo estado de conservação pois ainda é usada como residência. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA -** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana: Em harmonia com a paisagem o que a faz se destacar na paisagem.

Histórico:
A Casa Família Pedron está localizada no lote rural nº 4, no Travessão Marques do Herval, X Légua da antiga Colônia Caxias, em terras inicialmente colonizadas por Giacomo Ferrigo, chegado da Itália em 1880. O lote foi quitado em 1892. Em data incerta, a propriedade foi adquirida por Abramo Benedetti (1884-1975), conhecido na comunidade como 'Marulo', por falar muito alto. Marulo possuía uma grande casa em madeira em que mantinha um depósito de gêneros coloniais e um paradouro de tropeiros e carreteiros, além de uma pequena ferraria, já que ali passava a antiga estrada que ligava Porto Alegre (São Sebastião do Caí) a Vacaria. Nos anos de 1940, José Laghetto (1893-1982), casado com Maria Irene Benedetti Laghetto (1887-1971), irmã de Abramo Benedetti (Marulo), adquiriu a propriedade e construiu uma casa em alvenaria com porão em pedra, que lembrava uma arquitetura portuguesa e apresentava detalhes em argamassa nas portas e nas janelas. Nas pedras do porão, José esculpiu o símbolo L. A casa havia sido adquirida para servir de residência a seu filho Vitório Laghetto (1921-2011), casado com Adélia Zanella Laghetto (1928-2007). Na residência eles criaram as filhas Adiles, Clélia, Terezinha, Lourdes e Elizete – com exceção de Elizete, todas nasceram na residência com ajuda de uma parteira. O porão era destinado para fabricação de vinho para consumo próprio e também para guarda de salame, banha, entre outros condimentos. No primeiro andar, ficavam a cozinha, a sala para refeição e a sala para visitas e quatro quartos – no corredor e nos quartos, as paredes eram adornadas por uma faixa com arabescos pintados na parede. Inicialmente não havia banheiro. A família utilizava uma patente. Um espaço chegou a ser destinado para a área do banheiro, mas devido à escassez de água na propriedade este acabou sendo construído somente anos depois. A antiga casa em madeira (desocupada) pertencente a Marulo passou a ser utilizada pela família Laghetto para depósito de materiais, garagem para trator e para tomar banho. Inicialmente, devido à escassez, a água era recolhida da chuva dentro de um grande tanque, depois a família juntou-se com os vizinhos e cavaram um poço a cerca de quatro quilômetros da casa para abastecimento por meio de uma mangueira. Inúmeras tentativas para encontrar água foram feitas. Nessa casa de madeira, eram cozidos os "menarosto", sendo que a refeição ocorria na casa de alvenaria. Esta casa foi desmanchada por volta dos anos 2000.
Em 1976, Vitório Laghetto muda-se para a área central de Flores da Cunha e vende a casa para os irmãos José e Walter Pedron – nos anos 2000 José adquiriu a parte do irmão Walter tornando-se único proprietário. Estes realizam mudanças na residência e passam a utilizar o porão como uma cantina para fabricação e venda de vinhos. A cantina chamava-se Vinhos Pedron e trabalharam nela por cerca de 30 anos. Entre as reformas, foi construído ao lado esquerdo da edificação um novo pavimento para abrigar uma área de serviços e o escoamento das uvas. No lado direito também foi feita uma ampliação, após a compra pela família Pedron. Nesta época, a casa era habitada por funcionários. José e a esposa Josefina Madalosso Pedron, juntamente com os filhos Miguel Ângelo, Marco Antônio e Eloisa Maria residiam em Caxias do Sul e passavam os finais de semana na propriedade, em uma área adaptada na parte térrea. Por volta de 2010, uma nova reforma é realizada para abrigar a família Pedron, que passa a residir definitivamente na propriedade. Foram trocadas algumas janelas e portas, feito rebaixe em gesso na cozinha e retirada uma divisória que existia entre a cozinha e a sala menor. A família preservou os aspectos arquitetônicos nas portas e janelas e também na cor esverdeada das aberturas. Com a mudança no traçado da estrada, também se realizou modificações no entorno da propriedade, permitindo uma maior privacidade e aumento da área para a construção das casas dos filhos de José. Os três filhos residem na propriedade. Na entrada da casa há um capitel em homenagem a Santa Bárbara, protetora contra os temporais. A imagem foi uma sugestão do padre Ênio da paróquia do bairro Pio X de Caxias do Sul. Nos

primeiros anos de sua construção eram realizadas missas no local, com a presença dos vizinhos. Em 2024 a casa serve como residência de José Pedron

Documentação Iconográfica:



1990 - Casa Pedron
Acervo Família Pedron



1990 - Casa Pedron
Acervo Família Pedron



1990 - Casa Pedron
Acervo Família Pedron



1990 - Casa Pedron
Acervo Família Pedron



1990 - Casa Pedron
Acervo Família Pedron



1990 - Casa Pedron
Acervo Família Pedron



1990 - Casas Pedron
Acervo Família Pedron



1990 - Casa Pedron - madeira
Acervo Família Pedron



Casa Pedron – calendário comemorativo da
Acervo Família José Pedron



2002 - Casa Pedron - Proj Patr Histórico –
Foto: Mazzarotto e Chemello



2002 - Casa Pedron - Proj Patr Histórico –
Foto: Mazzarotto e Chemello

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Principal – 22/02/2024



Fachada fundos – 22/02/2024



Fachada lateral – 22/02/2024



Fachada lateral – 22/02/2024



Perspectiva anexo fundos – 22/02/2024



Perspectiva casa – 22/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista fundos – 22/02/2024



Porão em pedras – 22/02/2024



Tirante – 22/02/2024



Piso original 22/02/2024



Janelas embandeira– 22/02/2024



Guirlanda decorativa– 22/02/2024



Parapeito com balaústres– 22/02/2024



Porta de acesso– 22/02/2024



Misulas– 22/02/2024



Janela– 22/02/2024



Acesso a cozinha– 22/02/2024



Inscrição na pedra– 22/02/2024



Janela do porão– 22/02/2024



Acesso ao porão– 22/02/2024



Anexo fundos – antiga cantina – 22/02/2024

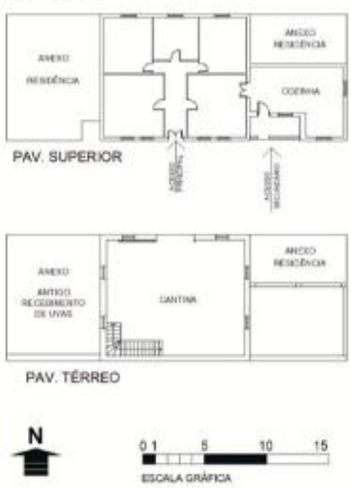
Análise Arquitetônica:

A casa da família Pedron foi construída na década de 1940, considerando a topografia e as visuais do lote rural. A edificação principal servia para a fabricação do vinho no porão e residência no andar superior. Na lateral foi construída em um volume menor a cozinha. O volume principal tem o porão é semiescavado, em pedra de basalto talhada e com junta marcada. Ao centro um portão em arco abatido executado em tijolos cerâmicos. Nas laterais do porão uma janela também com arco em tijolos em cada lado. Nas fachadas transversais encontramos outras janelas dispostas de maneira simétrica. Ambas as janelas possem um gradil metálico e atualmente tampões em madeira. O piso original do porão era em tijolos cerâmicos, que ainda pode ser visto próximo as paredes de pedra, junto a vala existente que facilita o escoamento da água, durante o trabalho e a limpeza. Sobre este piso de tijolos foi executado um piso de concreto e uma escada metálica foi instalada para facilitar a ligação com o pavimento residencial, pois hoje o porão tem o uso de garagem de veículos. No andar da residência, o acesso acontece a nível, na parede oposta ao porão. As paredes externas deste pavimento são em alvenaria de tijolos rebocados e pintada. Internamente as divisórias são em madeira, o pé-direito é alto e forro. O piso de tábuas é fixado em barrotes e estes se apoiam em uma viga central de madeira, disposta longitudinal e nas paredes de pedra externas. Dois tirantes metálicos estão fixados nesta viga, no teto do porão, e seguem dentro das paredes internas do pavimento da residência até chegar na estrutura da cobertura da casa. Este sistema executado permite a criação de uma estrutura de apoio rígida que dispensada o colocação de um pilar de apoio no porão. A dispensa do pilar no porão, permite a criação de um ambiente em planta livre o que facilitava o trabalho na cantina. O volume da cozinha foi construído anexo a casa, em um tamanho menor, ele é em alvenaria de tijolos, apoiado em uma parede de pedras e em alguns pilares. A cozinha pode ser acessada por uma porta independente, recuada e em uma pequena varanda coberta. A fachada principal da casa pode-se perceber a simetria na disposição dos elementos cheios e vazios (esquadrias) e no jogo de volumes que criam hierarquia, luz e sobra. Ao centro do volume principal uma porta dupla, embandeirada e com vidros coloridos e sobre esta uma grirlanda decorativa com desenhos de flores e folhas. E cada lateral existem duas janelas, tipo guilhotina, com bandeira fixa superior, vidros coloridos e tampões internos. A direita aparece o volume da cozinha, mais baixo e com telhado independente. Na fachada principal ainda se percebe um friso e misulas junto ao telhado que é em quatro águas com telhas cerâmicas. Nas demais fachadas percebe-se o ritmo na disposição das janelas e dos elementos decorativos que fazem a ligação entre elas, além da cor. Com o crescimento da atividade na cantina foi edificado um anexo, a esquerda para recebimento da uva usada na produção de vinho. Ele foi executado em pedras no porão, semelhante ao volume principal e no superior foram usados tijolos que receberam pintura igual a casa. Hoje este anexo foi incorporado a casa como residência. A cozinha também foi ampliada, para os fundos, e na altura do porão recebeu fechamento em pedras. A arquitetura da casa pode ser classificada como eclética, pois mistura elementos da arquitetura dos imigrantes italianos, como o porão em pedra, e elementos da arquitetura luso-portuguesa, pela decoração, aberturas, lembrando as fazendas da região central do país.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimento

OTOBELLI, Terezinha Laghetto. Flores da Cunha, 20 de dezembro de 2023.

PEDRON, José Jorge. Flores da Cunha, 25 de fevereiro de 2024.

PEDRON, Marco Antonio. Flores da Cunha, 7 de junho de 1972.

Referências bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memórias*/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovilio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

MOLON, Floriano. *Otávio Rocha – Cem anos de vida colonial*. Porto Alegre: EST, 1982.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Pesquisas não publicadas

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: SMECD, 2002.

Locais pesquisados: Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Anexos e Informações complementares: Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti Facebook/ Família Benedetti Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti	**Data:** 23/04/2024.

BENS EDIFICADOS

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00044	**Localidade:** Linha 80 e São Francisco

Denominação do bem: Casa Família Schio

Endereço/Localização: Lote rural nº 4, comunidade da Linha 60 – Travessão Felisberto da Silva

Proprietário: Neiva Cavalli Schio e usufruto com Livonei Schio
Uso original e atual: Residência e depósito
Latitude: -29°08'52.7"S **Longitude**: -51°21'77.9"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2

Bens Móveis: nada consta.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)

1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2. Valor de antiguidade; 1.3. Valor tradicional ou evocativo: marco histórico no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para numerosa descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: edificação construída no período primitivo e ainda preservada, materializa o modo de vida dos imigrantes italianos e de seus descendentes. **3) FUNCIONAL -** 3.1. Compatibilização com a estrutura rural; 3.2. Potencial de reciclagem: é compatível com o entorno e sua estrutura é passível de readequação funcional, servindo também como atrativo turístico. **4) TÉCNICA -** 4.3. Risco de desaparecimento: potencial processo de degradação das madeiras do pavimento térreo e do sótão. **5) PAISAGÍSTICA –** 5.1. Compatibilização com a paisagem rural; 5.3. Estruturação do cenário: está em harmonia com a paisagem em seu entorno e se destaca quando vista da estrada que passa em frente, servindo de elo referencial para a cultura de imigração italiana na encosta superior ao nordeste do Rio Grande do Sul.

Histórico:
A casa da Família Schio está situada no lote rural n.º 4, Travessão Felisberto da Silva, em frente à Capela São Bartolomeu da Linha 60. Quando estas terras foram traçadas para receber os colonizadores italianos, este território pertencia à décima légua da antiga Colônia Caxias. A construção foi iniciativa do imigrante Alberto Schio, por volta de 1910, e posteriormente herdada de geração em geração por seus descendentes: Argentino Schio, Remi Schio e José Alberto Schio. Atualmente pertence a Neiva Cavalli Schio (viúva de José) e ao filho Livonei Schio. Possui três pavimentos. No porão, ficava a cantina rural da família. O empreendimento chegou a ser registrado e ali Remi produzia vinho para o consumo e para comércio, por meio da Indústria Brasileira de Vinhos. O pavimento superior, que inicialmente teve a função de abrigar os dormitórios e a ampla sala de festas, posteriormente passou a ser moradia. Abaixo da cobertura, que sempre foi de zinco, existe um sótão, que era utilizado para secagem de grãos e depósito. Possivelmente, pela abundância de pinheiros existentes na propriedade, a madeira pode ter sido extraída do local. A parte externa nunca foi pintada. As duas partes (paredes norte e sul) que estão marcadas com pintura, são os locais onde foram construídos anexos posteriores, para abrigar as cozinhas das duas famílias, depois que adquiriram o fogão à lenha. Argentino casou com Genoveva Bedin com quem teve [entre outros cujos nomes não foram recordados] os filhos: Claudino, Pedro, Remi, Orlando, Cristiano, Antônio, Leondina, Maria e Itália, todos nascidos na casa. Remi e a esposa Danila Benedetti Schio, após o casamento, estabeleceram-se na propriedade paterna, e passaram a residir na casa também. Remi e Danila tiveram os filhos: Helena, Lorena, Lorita, José, Ladi e Léo Schio, todos nasceram e viveram na casa até formarem suas próprias famílias e se mudarem para outros lugares. Os irmãos Ladi Norberto Schio e a esposa Odali Rizzotto Schio, e José Alberto Schio e a esposa Neiva Cavalli Schio permaneceram e habitaram a casa simultaneamente, sendo esta dividida para cada uma das famílias. Na parede Sul uma porta de acesso divide o imóvel na metade, dividindo a casa em duas moradias através de um corredor que se estendia até a parede da outra extremidade. Nesta porta, por muitos anos, existiu uma longa escada de pedra de basalto que dava acesso à casa. Na mesma direção, na parte externa, um corredor aberto, se prolongava por cerca de 15 ou 20 metros, ligando o dormitório à cozinha. O fogolaro, como chamavam, media quatro por seis metros e abrigava o fogo de chão, onde eram preparados e servidos os alimentos. Costumavam construir separado da casa de dormir devido ao perigo de incêndios. Localizava-se onde foi construída a casa para a família de José Alberto e Irma, em 1998. Em 1971 José Alberto casou-se com Neiva Cavalli Schio e por dois anos, viveram em família, na mesma parte da casa ocupada pela família de José Alberto. Quando os tios faleceram, o jovem casal mudou-se para aquela parte da residência que era por eles ocupada. Viveram ali até 1998 quando concluíram a edificação de uma nova casa, onde passaram a viver com os filhos Lilian, Livonei e Lielson. (Continua nos anexos).

Documentação iconográfica



Casa Família Schio, 2001, fachada frontal. Fonte: VENERE.



Casa Família Schio, 2001, fachada fundos. Fonte: VENERE.



Casa Família Schio, 2002. Fonte: MAZZAROTTO; CHEMELLO.



Casa Família Schio, 2011. Fonte: Exposição Sobre Muros, fotografia de Felipe Schio e Jonas Andreazza.

Levantamento fotográfico atual



Casa Schio, elevação frontal (oeste) voltada para a Travessa Felisberto da Silva, porão em pedras irregulares, pavimentos superiores em madeira e cobertura com telhas de zinco.



Casa Schio, onde se vê a ausência da escadaria de acesso ao pavimento superior, além da supressão dos volumes que existiam junto às fachadas norte e sul (laterais esquerda e direita).



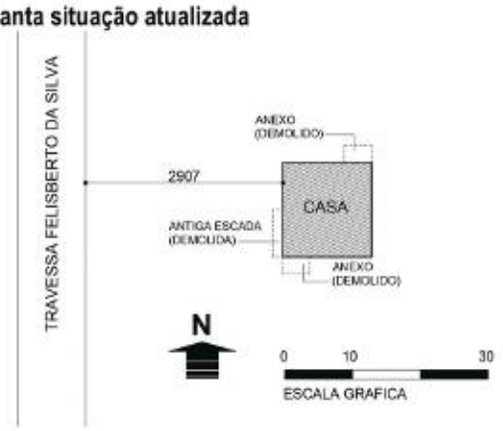
Fachada norte, onde é percebida a supressão de parte da edificação (onde a cor das tábuas de madeira é azul).



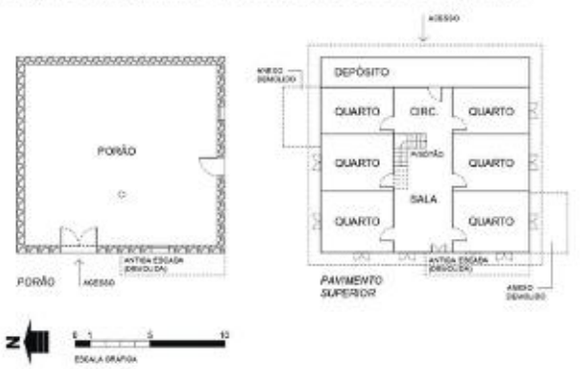
Vista em perspectiva das fachadas leste (fundos) e norte (lateral direita), onde é percebida a supressão de parte da edificação.

Análise Arquitetônica:
A casa está implantada numa pequena encosta, formando assim a altura necessária para a configuração do porão ou cantina térreos, a partir do nivel da estrada. O considerável recuo com relação à Travessa frontal e as edificações vizinhas, favorece a manutenção de um jardim no entorno da residência, além de possibilitar melhor aeração e iluminação aos cômodos da casa. Além do térreo, a edificação é composta mais um andar e o sótão, todos em madeira. As paredes de pedras do porão criam as condições necessárias para a conservação do vinho e outros alimentos de origem animal, que também serve de espaço para a guarda de ferramentas e de outros objetos de uso do cotidiano. No segundo pavimento, que antes era acessado através de uma escada, estavam a cozinha, a área social, ou sala e os quartos. Desses elementos, permanecem hoje somente a sala e os quartos, pois os demais foram demolidos, inclusive a escada. A cobertura da edificação, visível no sótão, é composta por tesouras de madeira e duas águas, possibilitando a utilização e otimização do espaço. Por fim, observa-se a necessidade de atenção à conservação das madeiras desta edificação, para que os fatores de degradação não se agravem e apaguem a cultura presente na história da família e da comunidade florense.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimentos térreo e superior



Fontes:

Referências Bibliográficas
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
POSENATO, Julio. Assim vivem os italianos. Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

Depoimentos
SCHIO, Livonei. Flores da Cunha, 30 de novembro de 2023.
SCHIO, Neiva Cavalli. Flores da Cunha, 30 de novembro de 2023.

Créditos das imagens
Exposição itinerante Sobre Muros: Casas e casarões de Otávio Rocha - Casa de José e Ladi Norberto Schio. Flores da Cunha: EMEF Francisco Zilli/Prefeitura Municipal/MAHPR, 2011. Fotos: Felipe Schio e Jonas Andreazza.

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto: Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.

VENERE. Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha - Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMTICS, 2002.

Locais pesquisados
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Informações complementares:
HISTÓRICO (continuação)
Na lateral leste, onde aparenta existir um anexo, originalmente existia uma área de lazer aberta. Um violento temporal, ocorrido algum tempo depois do casamento de José Alberto com Neiva, atingiu a residência e danificou a cobertura. Sete folhas de zinco com estrutura não foram mais localizadas. A casa precisou passar por reforma, uma parte da cobertura foi refeita e a área de lazer foi fechada com tábuas. Em 2023 a casa era utilizada como depósito. Existe um investidor interessado em estabelecer um empreendimento comercial no ramo de alimentação no local. Serviu diversas vezes como cenário para fotografias. Várias noivas já fizeram fotos no pátio em frente à casa, inclusive Lielson Schio e a esposa Rosi, por ocasião de seu casamento.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	27/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00045	**Localidade:** Travessão Felisberto da Silva – Linha 100

Denominação do bem: CASAS FAMILIA GILMAR MOLON

Endereço/Localização: Comunidade da Linha 100

Proprietário: Gilmar Molon
Uso original e atual: residência/ residência-depósito
Latitude: -29,0355136° **Longitude**: -51,2215884°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Móveis antigos



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: A casa por sua data de construção, não somente referência local e dos familiares, mas da comunidade, pois se localizam próximas a capela. **2) MORFOLÓGICA:** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: Edifícios que representam o processo de imigração da antiga colônia, por suas características formais. **3) FUNCIONAL**: 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.2 Potencial de reciclagem: 3.3 Uso tradicional: Edificações em harmonia com o meio rural e que podem receber novos usos e ainda é utilizada como residência. **4) TÉCNICA:** 4.4 Bom estado de conservação: A casa encontra-se em bom estado de conservação, pois permanece em uso até os dias atuais. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana: 5.2.Conjunto de unidades-cenário: As casas foram edificadas em harmonia com o ambiente rural, considerando além da topografia as visuais do lote, e em conjunto formam um cenário.

Histórico:
As casas da família de Pedro Molon (in memoriam) situam-se na comunidade da Linha 100. A propriedade foi adquirida por volta de 1920 pelos irmãos Pedro e Mansueto Molon, casados respectivamente com Séria Chiarani Molon e Carolina Araldi Molon, e com filhos, até então residentes no Travessão Pinhal. Quando passaram a residir no local, nas terras havia muito mato e uma casa simples de madeira, usada como cozinha, cuja frente era adornada por palmeiras, as quais ainda existem no local. Anos depois, as casas foram demolidas e construído, em frente, o casarão em madeira. Pedro e Séria permaneceram residindo na propriedade onde foram construídas as duas casas, uma mista para abrigar cantina e dormitório e outra em alvenaria, para abrigar a cozinha. Nessas casas viveram com os filhos: Drosila (c.c. Arthur Bellincanta), Gregório (c.c. Assunta Mezzomo), Luiz (c.c. Libera Romano), Elisabeta (c.c. Geraldo Guarezze), Demétrio (c.c. Íris Demoliner), Maria (c.c. Rizzieri Stuani), Alcides (c.c. Zilda Bulla), Terezinha (Irmã Rosa Ledi), Eurósia, Claudino (c.c. Rosalina Rizzotto). Após o casamento, foram adquiridas outras propriedades para os filhos homens, permanecendo no local Alcides e Claudino com esposas e filhos. O casarão foi edificado por necessidade de abrigar a produção vinífera. A quantidade e o tamanho das pipas de madeira para acondicionar o vinho tinto e branco produzidos na cantina rural de Pedro Molon exigiam espaço apropriado. Assim, deram início à construção da cantina, que abrigaria no andar superior uma ampla sala de visitas, dormitórios e abaixo da cobertura de telhas de barro, o sótão. A parte composta pela sala e dormitórios, após o casamento dos filhos Alcides e Claudino foi dividida para servir de moradia às novas famílias que se formavam. No lado esquerdo Alcides realizou uma reforma, ampliando a área com a construção de cozinha e banheiro. Atrás do casarão, um anexo coberto foi construído para a fabricação do vinho. Boa parte do maquinário ainda permanece no local. Após a moagem da uva, o líquido era transferido para as pipas que ficavam no porão da casa, onde havia o processo de fermentação e envelhecimento do vinho. Ao lado deste anexo, uma pequena edificação em tijolos de barro, abrigava os equipamentos necessários para a produção de vinagre, graspa e para o preparo das carnes e produtos obtidos do abate de animais. Outra curiosidade é a existência de uma cisterna, utilizada para captação da água das chuvas para reuso, em vista de haver importante necessidade de consumo, o qual não era suprido pela fonte d'água corrente que existe ao lado da casa de comer. Ao lado do casarão, uma casa menor, em alvenaria, foi construída para servir como sala e cozinha, possivelmente em 1938, considerando uma inscrição lapidada numa pedra de basalto no muro que existe nos fundos do conjunto arquitetônico, com os seguintes dizeres: "Maio, dia 9 de 1938 R d jese Bearzi" e o fato de Eurósia Molon, 86 anos, última filha do casal Pedro e Séria que ainda vive, afirmar que a casa tem a sua idade. O piso de ladrilhos hidráulicos destacam a cozinha. A parede ainda é adornada com diversos quadros com fotografias datadas entre os anos 1900 e 1950. As pedras de basalto, de corte paralelepipédico, que formam o muro e a base de sustentação das casas de dormir e de comer, foram extraídas nas proximidades. A madeira possivelmente veio dos inúmeros pinheiros existentes na região à época. No casarão, foi realizado a festa de Bodas de Prata de casamento e os velórios de Pedro e Séria, e as festas e o baile de casamento dos filhos Gregório e Demétrio, além de inúmeros encontros e festividades familiares. Após o falecimento de Pedro em 8 de maio de 1959, os irmãos

Alcides e Claudino assumiram a propriedade, sendo que Alcides deu continuidade à produção de vinho. Alguns anos depois Alcides, a esposa Zilda Bulla Molon e os filhos Sélia Tecla Molon e Pedro Luiz Molon passaram a residir em outro local. A propriedade ficou sob responsabilidade de Claudino, que assumiu a administração e o cuidado com os imóveis existentes. Permaneceu residindo na casa com a esposa Rosalina Rizzotto Molon e os filhos Silvia, Gilmar e Vandro até os anos de 1980 quando, por ocasião do casamento de Gilmar com Neusa Sotoriva, foi construída uma nova habitação, em alvenaria, onde residem atualmente Neusa Sotoriva e Eurósia Molon. Gilmar e Neusa têm as filhas Catiana e Quelin Molon e permaneceram responsáveis pela propriedade e imóveis nela existentes. A parte de moradia do casarão e a cozinha passou a ser ocupada por pessoas que auxiliavam no trabalho agrícola. Em 2023, o conjunto das edificações não estava sendo utilizado. A parte superior do casarão, que possui infiltrações, está iniciando processo de deterioração.

Documentação Iconográfica:



1960 - Casas Pedro Molon – Acervo Família Molon



1960 - Casas Pedro Molon – Acervo Família Molon



1980 - Casas Pedro Molon - ECIRS UCS



2002 - Casas Pedro Molon – Mazzar e Chemello



2010 - Casas Molon - Acv Fam Molon

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada casa – 01/03/2024



Fachada casas – 01/03/2024



Fachada fundos casa de comer – 01/03/2024



Fachadas casas – fundos – 01/03/2024



Acesso – 01/03/2024



Acesso – 01/03/2024



Acesso casa de comer – fundos – 01/03/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Acesso cozinha 01/03/2024



Cozinha 01/03/2024



Cozinha 01/03/2024



Cozinha 01/03/2024



Cozinha 01/03/2024



Piso cozinha 01/03/2024



Casa de dormir 01/03/2024



Casa de dormir 01/03/2024



Casa de dormir 01/03/2024



Casa de dormir 01/03/2024



Sótão casa de dormir - 01/03/2024



Casa de dormir fundos – 01/03/2024



Inscrição taipa - 01/03/2024



Piso cozinha 01/03/2024



Porão casa de dormir – 01/03/2024



Porão casa de dormir – 01/03/2024



Porão casa de dormir – 01/03/2024



Porão casa de dormir – 01/03/2024



Fundos casa de dormir – 01/03/2024

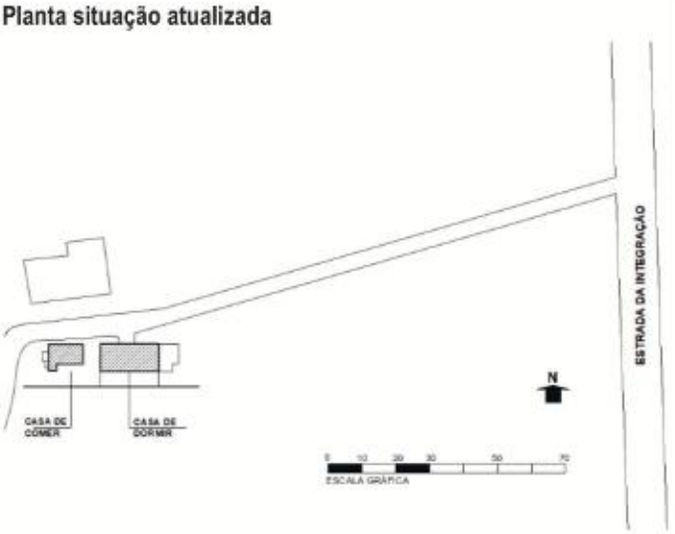
Análise Arquitetônica:

A propriedade da família de Gilmar Molon possui duas casas construídas por seus antepassados que serviam como casa de dormir e casa de comer. Elas foram construídas aproveitando a topografia da propriedade, a posição solar e as visuais do lote.

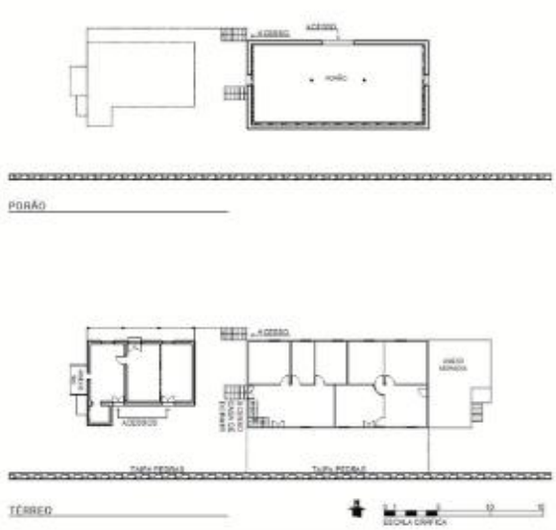
A casa de comer possui um único pavimento, com base em pedra, que recebe as paredes de alvenaria de tijolos rebocada e pintada. Internamente o ambiente é dividido em dois ambientes por uma parede de alvenaria. Em um está o fogão e no outro a sala. Em um pequeno anexo fica a pia. O piso desta casa é todo em ladrilho hidráulico com padrões diferentes. O forro é em madeira e o pé direito é alto. Na fachada principal há uma pequena varanda, por onde se acessava a casa, porém a porta de acesso foi levada para a fachada de fundos, no lugar de uma janela. Esta janela foi colocada no lugar da antiga porta, mas ainda resta um degrau no antigo acesso. Mais duas janelas aparecem nesta fachada, dispostas uma em cada lado, formado uma simetria. Estas janelas são do tipo guilhotina. Na fachada de fundos, atual acesso a casa encontramos duas portas, em folhas duplas e com vidros. O telhado da casa possui estrutura em madeira e telha cerâmica. Não há sótão. Posteriormente um pequeno anexo foi construído para abrigar a função de banheiro.

A casa de dormir é um grande volume com porão parcialmente semi-escavado, com andar superior em madeira e cobertura telhas cerâmicas. O porão da casa é em pedras de basalto e tijolos cerâmicos. Dois pilares centro do porão, recebem a carga dos pavimentos superiores e estes se apoiam sobre o piso de pedras. A porta de acesso é na parede norte. Mas paredes transversais encontramos duas janelas redondas com gradil metálico garantem a ventilação e iluminação. O andar superior é em tábuas de madeira cerrada e com mata junta. Internamente as paredes também são em madeira e a grande casa é dividida em duas moradias independentes acessadas casa uma por um dos lados. As janelas no pavimento superior, são dispostas de forma simétrica e ritmada, do tipo guilhotina com tampões internos. Cada moradia possui uma escada que dá acesso ao sótão. O piso da casa é em madeira, apoiado em barrotes e estes na viga principal e nas paredes laterais. O forro da casa é em madeira e o assolho do sótão também. Na fachada sul, acesso original a casa, encontramos duas portas duplas e esquadrias laterais, que foram inutilizadas com a construção de uma cobertura e a divisão da casa em duas moradias. Na fachada leste, encontramos anexos recentes para atender uso de cozinha e banheiro, que não existiam. A cobertura da casa é em telhas cerâmicas dispostas sobre um telhado em formato de duas águas. As duas casas foram construídas alinhadas, mas com um pátio entre elas, este acessado por uma escada de pedras.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos

CECONELLO, Libera Molon; RIZZOTTO, Isabel Mollon; MOLON, Claudina Maria Rizzotto. Flores da Cunha, 5 de março de 2020.

MOLON, Eurósia. Flores da Cunha, 30 de novembro de 2023.

Referências bibliográficas:

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. *Povoadores da Colônia Caxias.* Porto Alegre: EST Edições, 2002.

MOLON, Floriano. Molon: História de uma família. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Hospital Fátima: uma história de muitas vidas. Flores da Cunha: Desvendare História e Comunicação, 2022.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul,* Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Pesquisas não publicadas

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto: Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.

Locais pesquisados:

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 28/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00046	**Localidade:** Linha 80 e São Francisco

Denominação do bem: Casa Família Araldi
Endereço/Localização: Lote rural nº 50, Travessão Felisberto da Silva
Proprietário: Enrique Araldi
Uso original e atual: Residência e depósito
Latitude: -29°05'31.3"S **Longitude**: -51°21'84.9"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis: No pavimento térreo da casa há alguns móveis e utensílios antigos, mais especificamente na região da antiga sala de estar e cozinha. No subsolo (cantina) há pipas de vinho.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo: marco histórico no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para numerosa descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: edificação em madeira e tijolos de barro (adobe). Sua arquitetura e a configuração dos espaços expressam o modo de vida e o patrimônio do imigrante e de seus descendentes. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem: É compatível com o entorno, sua estrutura é passível de readequação funcional, porém necessita de intervenções importantes. **4) TÉCNICA -** 4.3. Risco de desaparecimento: estágio avançado de degradação das madeiras. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.1. Compatibilização com a paisagem rural e 5.2. Conjunto de unidades - cenário: está em harmonia com a paisagem e nela se destaca, sobretudo no que diz respeito à cor *terracotta* utilizada para pintura das madeiras, assemelhando-se à tonalidade dos tijolos de barro (adobe) da cantina.

Histórico:
A Casa Araldi está situada no lote rural nº 50, do Travessão Felisberto da Silva, antiga Colônia Caxias. Originalmente o lote pertenceu a Giulio Baccega, que chegou ao Brasil em 1878, mas logo mudou-se para Antônio Prado. Assim, o lote foi adquirido por Giuseppe Araldi, casado com Teresa Martinelli, que emigraram de Mântua, na Itália, em 1877. Tiveram os filhos Frederico e Ernesto. Eles se estabeleceram no lote rural nº 49 do mesmo travessão, onde a família estabeleceu uma casa de negócios para comércio de "fazendas, secos e molhados". No lote 50, os primeiros imigrantes estabeleceram um moinho para moagem de milho. Situava-se próximo da antiga estrada que passava pela propriedade. A água necessária para a movimentação do rodão vinha do alto dum morro e descia por valos que já existiam quando chegaram os imigrantes. Depois que o moinho deixou de funcionar, os valos foram aterrados para cultivo agrícola. Esses valos e dois buracos grandes e fundos, característicos de casas subterrâneas, sugerem ocupação primitiva por povos originários. O lote foi herdado por Frederico Araldi, casado com Severina Stuani e com quem teve os filhos Avelino, Constante, Carolina, José, Ricardo, Aristides, Adélia, Rosa, Teresa, Zelinda e Narcisio. Na propriedade, já existia uma antiga casa em madeira com um 'fogolaro' ao lado. Mas, por volta de 1920, Frederico edificou a nova casa em madeira, sobre alicerces de pedra, com ajuda dos vizinhos. A casa possuia sete quartos, além de uma grande sala e de um sótão onde eram mantidos os grãos. A casa estava coberta com zinco e pintada de laranja/amarelo. Por ser uma das maiores nas redondezas, a família costumava realizar diversas festividades. Por ter atuado como carreteiro, fato que também incentivou a compra do lote rural, já que na propriedade havia bastante pasto verde para alimentar os animais, acredita-se que Frederico tenha adquirido a madeira para construção da casa em suas andanças. Possuía mais de uma dúzia de animais e se deslocava costumeiramente a transportar mercadorias para o porto de São Sebastião do Caí. O filho Ricardo dedicou-se ao serviço de carreteiro, transportando uva, vinho, material de construção, entre outros, até 1933, quando se casou com Albina Molon e se mudou para o Travessão Pinhal. A casa foi herdada por Narcisio Remigio Araldi, que permaneceu na propriedade cultivando parreirais. Foi ele quem nos anos de 1960, escavou o porão da residência para construção de uma cantina rural denominada com seu nome. Ali eram produzidos vinho tinto, o qual era vendido à granel para a Vinícola de Arnaldo Passarin e Armando Tonet, localizada na Linha 80, e também para a Cereser. Nessa mesma época, Narcisio instalou canos de ferro para abastecimento da água na casa, anteriormente era preciso pegar a água, em baldes, no próprio Rio 80, que passa dentro da propriedade. A energia elétrica chegou nos anos de 1970, quando também foi construído o banheiro. Narcísio casou com Eurélia Mazzarotto com quem teve os filhos Nilton, Remi, Saul, Itacir, Clari e Enrique. Todos cresceram na casa. Moraram ali até 1980, quando uma casa em alvenaria foi construída ao lado e a residência em madeira ficou desocupada, funcionando apenas a cantina rural, que posteriormente se tornou Indústria de Vinhos Araldi e depois foi desativada. A casa sofreu algumas mudanças internas com a retirada de paredes e a inserção de uma pipa em madeira que ocupa parte do andar térreo, elevando-se no andar superior. Durante essas alterações a família projetou desmanchá-la e até mudá-la de lugar, porém nada se concretizou e a casa seguiu sendo preservada. Inclusive, o religioso Hilário Arraldi, da Ordem Lassalista, sugeriu para que a família não desmanchasse a casa. A propriedade, incluindo a casa em madeira, foi herdada por Enrique Araldi, que tem a intenção de mantê-la e reformá-la. Em 2024, a casa funcionava como um depósito.

Documentação iconográfica



Casa Araldi, 1980. Fonte: ECIRS – UCS.



Giuseppe Araldi e Tereza Martinelli (repr.). Fonte: MOLON, F. 1982, p. 267a.



Frederico Araldi e Severina Stuani (repr.). Fonte: MOLON, F. 1982, p. 267a.

Levantamento fotográfico atual



Fachada oeste (frontal) com destaque para a varanda e cozinha junto à fachada norte: madeira, zinco e adobe.



Fachada sul e paiol.



Fachada norte e anexo onde encontra-se a cozinha.



Fachada leste, paiol e Casa Arandi, onde há o acesso para a cantina (subsolo).



Acesso para a cantina, no subsolo, com paredes em tijolos de barro (adobe).



Varanda em madeira – assoalho, paredes, balaústres e forro – no acesso à Casa.



O estar térreo e a escadaria de madeira.



Escadaria de acesso ao pavimento superior e sótão: balaústres em madeira.

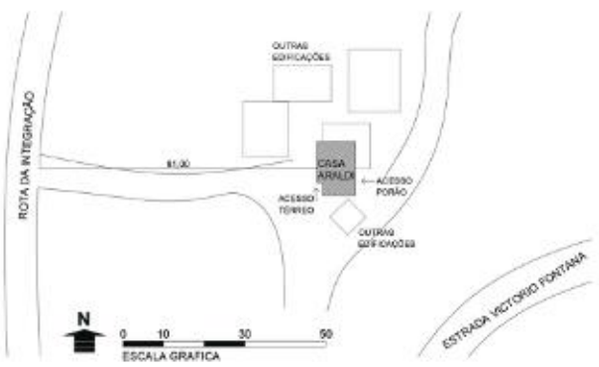


Mobiliários remanescentes originais, em madeira, que estão guardados na Casa.

Análise Arquitetônica:

Singular na paisagem, o casarão da Família Araldi foi construído na década de 1920. A edificação é formada por três pavimentos e tem como materiais construtivos a pedra, os tijolos maciços e a madeira. Foi implantada em uma encosta, onde parte do porão fica parcialmente escavado. Essa lógica de construção era fundamental para que o ambiente mantivesse sua temperatura constante, pois era no porão que se armazenava parte da produção familiar, especialmente o vinho e os produtos de origem animal. O pavimento térreo da casa abriga a sala e dois dormitórios e pode ser acessado através de uma varanda com assoalho, forro e balaústres de madeira. Há uma porta de entrada para a casa de dormir e outra para a cozinha. Ainda neste andar, a família parece ter optado por integrar a cozinha aos demais ambientes, muito provavelmente porque utilizavam o fogão a lenha, em vez do *fogolaro*. O pavimento superior é interligado ao térreo por uma escada de madeira, com guarda-corpos e corrimãos primorosamente trabalhados. No andar superior haviam outros quartos de dormir. As esquadrias, algumas divisórias e parte do forro de madeira permanecem preservados no local, porém não apresentam bom estado de conservação e precisam de restauro. A estrutura do telhado foi executada em madeira e telhas de zinco. Além dos pés direitos altos, a pintura em tons vibrantes é outra característica marcante desta edificação.

Planta situação atualizada



Croqui / Plantas baixas dos pavimentos



Fontes primárias

Referências Bibliográficas

COLODA, Santos Carlos. *Nova Trento: seus religiosos e religiosas* – 125 anos de Colonização Italiana no RS. Passo Fundo: Editora Berthier, 2003.

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovilio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

MOLON, Floriano. *Otávio Rocha: cem anos de vida colonial*. Porto Alegre: EST, 1982.

_____, Floriano. Carreteiros de Flores da Cunha e da Região. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, 2002.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. *Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: Séculum, 2007.

Depoimento

ARALDI, Enrique. Flores da Cunha, 19 de janeiro de 2024.

Jornais

Arnaldo Passarin recebe prêmio Mérito Industrial. Jornal O Florense, 2 de junho de 2011.

Relação nominal e alfabética dos que exerciam a indústria e profissões no Distrito de Nova Trento - Flores da Cunha - no ano de 1913. Jornal O Vindimeiro, 8 de junho de 1974, p. 4 e 5.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

ECIRS – UCS. Disponível em https://www.ucs.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/ecirs/ecirs-acervos/. Acesso Abril/24.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	19/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00047	**Localidade:** Travessão Marques do Herval – Comunidade Capela São Francisco

Denominação do bem: Casa Família Rizzotto (antiga Sandi)

Endereço/Localização: Lote Rural 12, Estrada da Capela São Francisco de Assis, S/N (Coiúdo).

Proprietário: Ferdinando Rizzotto
Uso original e atual: Residência / Residência temporária
Latitude: - 29,0577118 ° **Longitude**: - 51,2386387 °
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1) CULTURAL – 1.1 Referência Histórica, 1.2 Valor de antiguidade, 1.3 valor Tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: local com significado afetivo para descendência familiar das famílias Sandi e Rizzotto, ponto de passagem do antigo caminho "*scurton*" para a vila de Otávio Rocha; **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico, 2.4 Elemento referencial: Apesar das modificações sofridas, é arquitetura vernacular representativa da casa de dormir e da cantina, em pedra e madeira do período do apogeu. **3) FUNCIONAL** –3.2 Potencial de reciclagem e 3.3 Uso tradicional: estrutura passível de readequação funcional, preserva a finalidade residencial ainda hoje. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade na técnica construtiva, 4.2 Raridade no emprego de materiais: esmero da cantaria de pedra do porão e da escadaria, do uso da madeira como estrutura, divisórias, verdações e aberturas com tamponamentos contraplacados e ferragens originais **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.4 Elemento referencial: em harmonia com o entorno rural, apresenta visuais privilegiadas partir da varanda e destaca-se como elemento construído referencial a partir da via e de outros pontos do entorno.

Histórico:
A casa família Rizzotto situa-se no lote rural nº 12, do Travessão Marquês do Herval, 10ª Légua da antiga Colônia Caxias. Originalmente o lote foi concedido em 1882 à família do imigrante italiano Antonio Sandi. A propriedade foi adquirida por volta de 1951 por Alcides Rizzotto, casado com Giacomina Mazzarotto Rizzotto, pais de Lucília, Darci, Carmem, Ida, Margarete e Inês Rizzotto. As terras pertenciam a Lúcia Sandi, viúva de José Sandi (1863-1921), que era tanoeiro e ferreiro. Antigamente, entre a edificação que abrigava a cantina, o dormitório e a cozinha, passava uma estrada que levava à sede da vila de Otávio Rocha, chamada de "scurton" (atalho). Na propriedade, na divisa entre os travessões Marquês do Herval e Felisberto da Silva, também passava a antiga estrada que ligava Vacaria ao porto de São Sebastião do Caí. Não se sabe o ano de construção das casas, mas na década de 1950 as casas já "eram bem velhas". Ao lado da casa dormitório, havia a cozinha, chamada pela família de "fogoler", que na época em que a família Rizzotto passou a utilizar, já contava com fogão de chapa (estilo campeiro). Depois de algum tempo, nos anos de 1960, para facilitar a dinâmica da casa, compraram fogão à lenha e resolveram adaptar um dos quartos para servir de cozinha. Por volta de 1978 a edificação que abrigava a cantina, sala de visitas, dormitório e há algum tempo a cozinha, foi reformada. O coberto foi rebaixado cerca de dois metros, mas permaneceu sendo de telhas de barro. Abaixo da cobertura usavam como sótão. Estava dividido em uma área aberta usada para secar grãos e outra dividida em quartos para dormir. Na frente possuia uma varanda coberta, que cobria toda escadaria de pedra. Com o rebaixamento do coberto, essa aba foi retirada e o corrimão, em madeira trabalhada, exposto, acabou apodrecendo. Então toda a estrutura foi retirada. Atrás da casa havia outra varanda, anexo que a família Sandi usava para moer uva para fazer vinho. A produção em pequena escala era comercializada e foi suspensa depois que a família Rizzotto adquiriu as terras. As pedras utilizadas na construção foram extraídas da propriedade. Ainda é possível observar os marcos de escavação de uma pedreira e o local onde cortavam as pedras. A energia elétrica era obtida através de uma usina particular que pertencia às famílias de Alcides Rizzotto, Antônio e Fioranzante Stuani e Bolzoni. A produção se dava pelo represamento de água. Possuia uma turbina que gerava energia quando tinha água represada. A força permitia o funcionamento de uma lâmpada algumas horas à noite. Em tempos de seca não havia luz. Por volta de 1970 chegou a energia elétrica fornecida pela companhia estadual. Na sala de visitas da casa a família costumava fazer filó e realizar diversas "surpresas de aniversário", principalmente para Alcides e Giacomina, como era costume na época. As festas eram regadas à comida e bebida. Cantavam e contavam causos. O local, entretanto, foi usado também para o velório de José Sandi e de um filho pequeno de Darci Rizzotto. Em anos mais recentes, a casa foi utilizada como cenário para gravações de filmes realizados pelo Astro - Festival de Cinema Estudantil da Escola São Rafael. A família de Alcides e Giacomina residiu no imóvel até o início de 1980. Por alguns anos, após o casamento, o filho mais velho, Darci, também residiu na casa com a esposa e filhos, depois mudou-se para a cidade de Caxias do Sul. (continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Família de Alcides Rizzotto (década 1950).

Levantamento Fotográfico atual:



Vista Norte – 22/02/2024



Fachada Noroeste – 22/02/2024



Fachada Nordeste – 22/02/2024



Fachada Sudeste – 22/02/2024



Janela com tampões – 22/02/2024



Escadaria em pedra – 22/02/2024



Beiral fachada sudeste – 22/02/2024



Ferragens dos tampões – 22/02/2024



Detalhe pedra escadaria – 22/02/2024



Fiada em basalto vermelho – 22/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Divisórias internas – 22/02/2024



Vista interna sótão – 22/02/2024



Escada para o sotão – 22/02/2024



Tachões externos porta – 22/02/2024

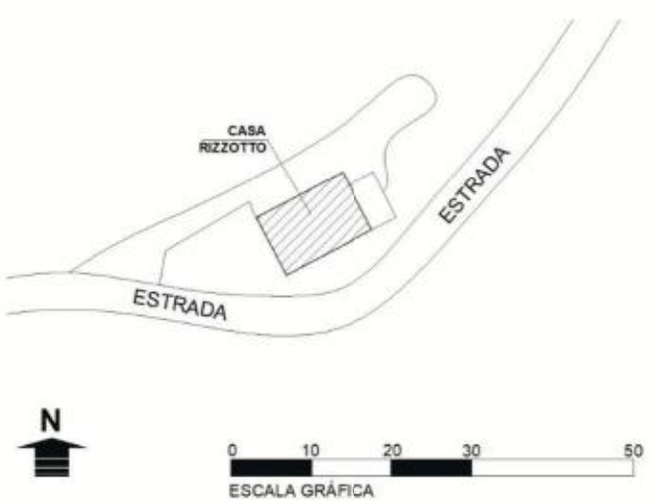


Dobradiça interna porta – 22/02/2024

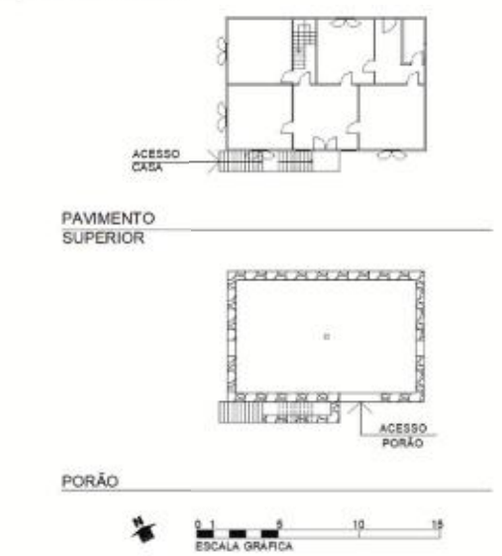
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação residencial, de 2 pavimentos, com porão em pedra basalto e pavimentos superior em tábuas de madeira nua mata juntadas e tratadas à óleo queimado, com cobertura em 2 águas de telhas cerâmicas tipo francesa. Adquirida em 1951 pela família Rizzotto, sendo propriedade anterior da família Sandi, não havendo confirmação precisa da data de construção, sugere-se por suas características de materiais, esquadrias e ferragens que sua época de construção tenha ocorrido dentro do período do apogeu, na década de 1910. O porão, destinado a cantina para produção de vinho e vinagre, é construído em blocos de pedra basalto talhada, rejuntados posteriormente, possuindo uma fiada em basalto vermelho na linha do entrepiso. Um pilar de madeira com ábaco superior apoia a viga central do entrepiso. Uma extensa escadaria em pedra, com blocos finamente talhados, conduz ao pavimento superior. Antes da reforma de 1978, a escada era protegida por um avanço da cobertura e guarda corpo decorado de madeira. Também nesta reforma foi reduzido o ponto da cobertura, que permitia o uso do sótão para 1 dormitório e cômodo livre para secagem de grãos. O pavimento superior possuía originalmente 5 quartos, uma sala central e vão da escada para o sótão. Nos anos 1960 um dos quartos foi adaptado para cozinha. Posteriormente, aproximadamente nos anos 1980, outro cômodo contíguo à cozinha foi adaptado para receber o banheiro e um vão de janela foi transformado em porta sobre a fachada sudeste. As divisórias internas originais são de tábuas serradas, com mata juntas caneladas e estão pintadas com tinta óleo cor cinza. As madeiras do forro também recebem pintura em tom roseado. O piso é assoalhado de tábuas polidas com cera tom carmin. As esquadrias originais são do tipo guilhotina, com tamponamentos externos contraplacados. Dobradiças, carrancas, fechaduras e aldrabas são originais.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos
RIZZOTTO, Ferdinando. Flores da Cunha, 30 de março de 2024.
RIZZOTTO, Terezinha Galiotto. Flores da Cunha, 30 de março de 2024.
Referências bibliográficas
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições, 2002.
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.
POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:
HISTÓRICO (continuação)
Quando Ferdinando e Terezinha casaram, foi construída a atual habitação da família, no mesmo local onde havia a antiga cozinha. Em 2024 o térreo da casa é utilizado, parte como garagem, e parte como cantina para produção de vinho e vinagre para consumo próprio. No andar superior, eventualmente é utilizada a cozinha e os dormitórios. A propriedade pertence à Ferdinando Rizzotto e Terezinha Galiotto Rizzotto, pais de Marcelo Fernando e Tiago Rizzotto.

IMAGENS COMPLEMENTARES (continuação):


(a)

(b)

(c)

LEGENDA:
(a) Vista interna cozinha – 22/02/2024
(b) Vista interna do porão – 22/02/2024
(c) Leve recalque da parede do porão no vértice norte – 22/02/2024

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 4.1.12.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	01/05/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00048	**Localidade:** Linha 60 – Comunidade São Bartolomeu

Denominação do bem: Casa Bedin

Endereço/Localização: Av. 25 de julho, 1527.

Proprietário: Desconhecido
Uso original e atual: Comercio e Residência / Desocupada
Latitude: --29,0838172° **Longitude**: -51,2180371°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade: Construção residencial e comercial de 1910. 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: elemento de destaque na entorno, referência familiar e da comunidade pelas atividades históricas realizadas no bem. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: Edificação comercial em pedra e madeira construída no período do apogeu da arquitetura de imigração. 2.4 Elemento referencial: marco referencial visual na estrada e do entorno urbanizado da Capela São Bartolomeu, região de cruzamento de estradas municipais. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada no alinhamento da estrada. 3.4 Uso peculiar: casa de pasto e comércio utilizada por tropeiros. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais: uso de pedras mistas no embasamento e grande porte da estrutura de madeira dos pavimentos superiores. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: em conjunto com demais elementos antigos no entorno, demarca a centralidade urbana da Linha 60.

Histórico:
A casa Bedin situa-se na Linha 60, Travessão Felisberto da Silva, 10ª légua da antiga Colônia Caxias. Foi edificada às margens da antiga estrada que ligava Vacaria ao Porto de São Sebastião do Caí (RS). Construída por volta de 1910, pertenceu à família de Ferdinando Bedin (?-09/04/1924), e posteriormente à família de Candido Bedin e Ema Andreazza Bedin (pais de 15 filhos) e da família de Hugo Ferdinando Bedin. Candido era filho dos imigrantes italianos, Ferdinando Bedin e Luigia Mondin, adquirentes do lote rural n.º 18, da Linha 60, Travessão Felisberto da Silva, em 1882. Foi uma personalidade importante na comunidade onde residia. Dentre outras iniciativas, foi fundador da Cooperativa Vinícola Três de Outubro em 1930, na qual integrou diversas diretorias; padrinho da inauguração da igreja da Capela São Francisco de Assis do Travessão Marquês do Herval, em 21 de maio de 1939; integrou a diretoria administrativa da União de Vinhos do Rio Grande Ltda., fundada em 1945; e a comissão de extensão de energia elétrica para a comunidade da Linha 60, em 1959. Ao lado esquerdo da casa funcionava uma expressiva casa de negócios, com comércio de secos e molhados. Funcionava também como paradouro para tropeiros, com casa de pasto, própria para alimentação dos viajantes. Muitos tropeiros paravam no local, com tropas de gado. Um deles era "João Negro". Ele costumava deixar as mulas para comércio, no potreiro que havia próximo à casa. Ferdinando, além de proprietário do negócio, também atuava com frota de carretas de tração animal (muares) para transporte de mercadorias até São Sebastião do Caí. Essa história teve continuidade com seu filho Raul Bedin, que em 1945 começou a transportar vinho com o caminhão da família e, em 1956 fundou a empresa Expresso Bedin Ltda., atualmente denominada Panexpress. Outras informações, desencontradas e, portanto, pouco esclarecedoras, levam à construção de uma outra casa de comércio, em 1910, nas proximidades da linha férrea na cidade de Caxias do Sul. Nesta época, Ferdinando Giuseppe Bedin, pequeno produtor de vinho, edificou uma casa que abrigava no pavimento térreo a cantina e no superior servia de residência para a família. Em 1918 existe uma petição da indústria Ferdinando Bedin & Filhos solicitando arquivamento do contrato social. Eram sócios Ferdinando, Pedro Antônio, João, Francisco, Christiano, Antônio, Ruggero e Candido Bedin. Este imóvel foi inscrito no "Livro de Tombo" do município de Caxias do Sul em 2003. O filho de Ferdinando, João Bedin, estabeleceu uma casa de negócios em Nova Pádua. A edificação ainda existe, situa-se em frente à Praça Dom Júlio Scardovelli, onde funciona Açougue e Minimercado Bunai Ltda. Em 2024 a casa Bedin pertence à Vera Maria Bedin Coutinho, filha de Hugo. Não foi possível descrever melhor o histórico deste imóvel, pois não conseguimos contatar a proprietária, que reside na região da grande Porto Alegre. Aparentemente a casa não está em uso e requer importantes intervenções para sua conservação.

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Velório de Ferdinando Bedin, 1924. Fonte: Acervo de Felipe B. Vazzatta.



Figura 2 – Bodas de ouro de Candido e Ema Bedin, 1969. Fonte: Jornal o PIONEIRO de 18/10/1969.



Figura 3 – Vista nordeste da casa, déc. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Leste – 08/09/2023



Fachada Sul – 08/09/2023



Fachada Sul – 08/09/2023



Fachada Norte – 08/09/2023



Vista Sudoeste – 08/09/2023



Vista Nordeste – 08/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista interna porão – 08/09/2023



Vista forno de barro no entorno – 08/09/2023



Vista interna do anexo de alvenaria – 08/09/2023



Vista interna 1º pavimento – 08/09/2023

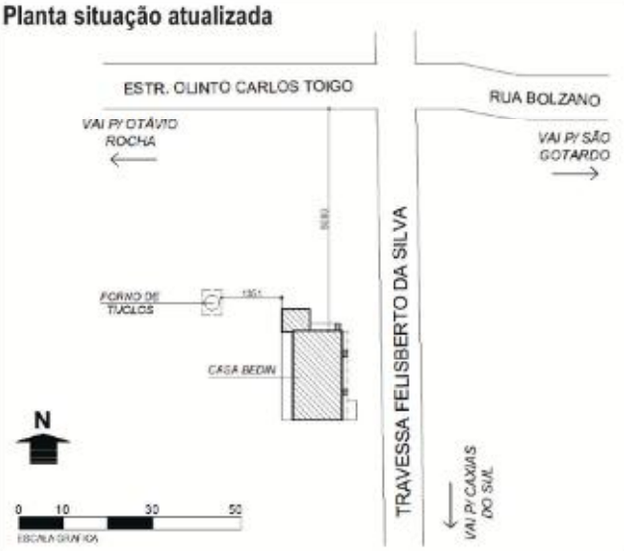


Vista do entorno – 08/09/2023

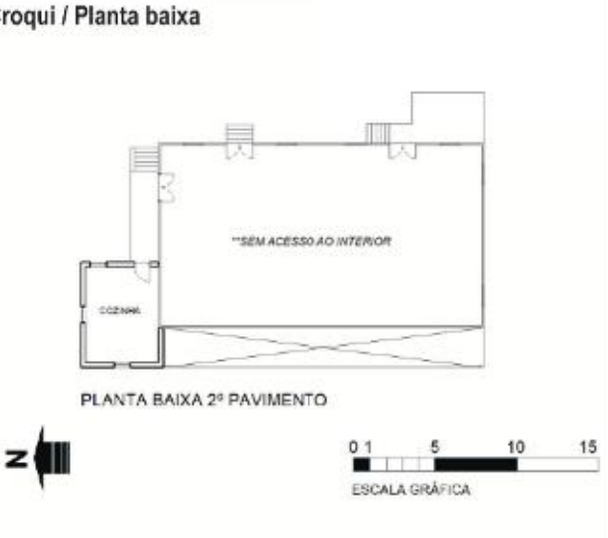
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação de uso residencial e comercial construída por volta de 1910, junto ao alinhamento da estrada do Travessão Felisberto da Silva, propriedade da família Bedin. Possui 3 pavimentos, sendo o pavimento inferior, um porão em pedras parcialmente escavado, usado como cantina. A estruturação do entrepiso superior é de madeira, com pilares e ábacos suportando as vigas longitudinais. Parte do porão encontra-se descoberto, apenas delimitado por paredes de pedra, com aberturas de verga reta sobre a fachada oeste. Ainda em 2002 esta parte do porão era coberta por um telhado de 1 água de telhas francesas. Os pavimentos superiores são erguidos em madeira de tábuas mata-juntadas com pintura de tonalidade amarela. No 2º pavimento, com acesso pela fachada leste, junto ao alinhamento da estrada, possui divisórias internas e assoalho de tábuas de madeira. Um anexo em alvenaria rebocada sobre a fachada norte com revestimentos internos em azulejo branco revelam, aparentemente a localização da cozinha. Neste mesmo pavimento há vestígios de um prolongamento coberto sobre a fachada oeste, que se estruturava sobre as paredes de pedra do porão. O 3º pavimento utiliza a elevação da cobertura de duas águas com telhas metálicas, já oxidadas. Um prolongamento do beiral sobrea fachada leste, estruturado por mãos francesas em madeira, protege a fachada principal. As fachadas seguem composição simétrica de ordenamento das aberturas, com janelas de verga reta e folhas envidraçadas de abertura tipo guilhotina. Um pequeno córrego proveniente do açude à nordeste da casa, passa pelo terreno. Um forno de tijolos está posicionado à oeste da casa. Estando a edificação em área próxima da divisa com a cidade de Caxias do Sul, a edificação aparece cadastrada no Inventário do Patrimônio Histórico Rural do Município de Caxias do Sul, realizado pelo Projeto URB-AL/Victur, em 2006, ficha objeto nº 63.3.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Referências bibliográficas

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002. 2ª ed.

MOLON, Floriano. Otávio Rocha: Cem anos de vida colonial. Porto Alegre: EST Edições, 1982.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Séculum, 2007.

Jornais

BEDIN, Cláudio Ruggero. Notícias de F. da Cunha: Bodas de Ouro. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 11 de outubro de 1969, p.16.

Energia elétrica para as localidades de Otávio Rocha, Santa Justina, 40 e 60. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 18 de julho de 1959, p. 7.

Feliz cem anos, dona Maria. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 7 de dezembro de 2021, p. 10.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE CAXIAS DO SUL. Inventário do Patrimônio Histórico Rural de Caxias do Sul. In: Victur: Valorização do turismo integrado à identificação dos territórios. Organização de João Wianey Tonus. Belas-Letras, 240p, Caxias do Sul, 2007.

Pesquisas não publicadas

PREFEITURA DE FLORES DA CUNHA. Inventário dos Bens Culturais de Flores Da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Informações coletadas através de mensagens

VAZZATA, Felipe Boniatti. Whatsapp, 15 de maio de 2024.

Vídeos e publicações on-line

O que te inspira? Vídeo documentário Panex 65 anos. Facebook, c24/09/2015. Disponível em: https://www.facebook.com/TransportesPanex/videos/959842264089170/. YouTube, c24/09/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yeC6zoCFs0I. Acesso 15 Mai 2024.

ZANATTA, Clarissa. Arquitetando histórias, c20/07/2016. Disponível em: https://clarissazanatta.wordpress.com/2016/07/20/residencia-da-familia-bedin/. Acesso: 9 Mai 2024.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
ECIRS-UCS - Acervo Digital
Google / YouTube/ Facebook
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

DOCUMENTAÇÃO ICONOGRÁFICA (Continuação):


(a)


(b)


(c)


(d)


(e)


(f)

(g)

(h)

LEGENDA:

(a) Vista nordeste da edificação em 1982 – Fonte: MOLON, 1982, pág. 115.
(b) Vista sudeste da edificação, 2002 – Fonte: PREFEITURA DE FLORES DA CUNHA, 2002.
(c) Vista noroeste da edificação, 2002 – Fonte: PREFEITURA DE FLORES DA CUNHA, 2002.
(d) Fachada Leste, 2014 – Fonte: Publicação da família Bedin no Facebook em 17/12/2014.
(e) Frame do vídeo documentário "O que te inspira" no facebook da Panex Transportes – Fonte: Publicado no facebook, 24/09/2015.
(f) Vista interna do porão em 2020. Fonte: Acervo de Felipe Boniatto Vazzatta
(g) Vista da escada interna em 2020. Fonte: Acervo de Felipe Boniatto Vazzatta
(h) Vista da interna do 3º pavimento em 2020. Fonte: Acervo de Felipe Boniatto Vazzatta

OUTRAS INFORMAÇÕES:

Não houve autorização dos proprietários para acesso interno às edificações durante o período de realização deste inventário.

Observações:

Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 4.2.1.

*****ATENÇÃO: FICHA COM DIVULGAÇÃO DOS DADOS NÃO AUTORIZADOS PELOS PROPRIETÁRIOS*****

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	13/05/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00049	**Localidade:** Linha 80 e São Francisco

Denominação do bem: Moinho Mazzarotto
Endereço/Localização: Linha 80, Travessão Felisberto da Silva
Proprietário: Marcos Antonio Mazzarotto
Uso original e atual: Moinho
Latitude: -29°05'18.1"S **Longitude**: -51°22'76.0"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2

Bens Móveis: Turbina e maquinário de moagem e armazenagem de grãos, especialmente trigo.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência Histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; e 1.4 Referência coletiva: Edificação antiga com contínua utilização até os dias atuais, referência no marco de desenvolvimento econômico da comunidade. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1. Valor arquitetônico: o edifício e seus maquinários mantêm as características originais, a espacialidade interna e a volumetria externa sem acréscimo ou retirada de elementos estruturais. Há também um aqueduto, construído em tijolos, para possibilitar o escoamento da água do arroio para movimentar a turbina do moinho. **3) FUNCIONAL -** 3.3 Uso tradicional: a sua estrutura conserva o uso tradicional e também pode vir a ser adequada para visitação, desde que respeitada a rotina da família que reside em edificação próxima ao moinho. **4) TÉCNICA** – 4.1. Raridade na técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais; 4.4 Bom estado de conservação: obra executada com emprego de materiais raros para a época em que foi construída. Encontra-se em bom estado de conservação, pois foi sendo convenientemente utilizada e adaptada ao longo do tempo. **5) PAISAGÍSTICA -** 5.1. Compatibilização com a paisagem; 5.3. Estruturação do cenário; 5.4. Elemento referencial: apesar de não estar à vista da estrada, sua implantação está em harmonia com entorno rural onde está inserido, destacando-se pela volumetria, pelo contínuo uso e pelo cenário que se forma em seu contexto e diversidade com a paisagem.

Histórico:
A edificação que abriga o Moinho Mazzarotto situa-se no lote rural n.º 53 da Linha 80, Travessão Felisberto da Silva, 10º Légua da antiga Colônia Caxias. O lote foi concedido provisoriamente, em 1882, metade à família do imigrante italiano Giuseppe Sassi e outra metade à do imigrante Clemente Malacarne. A metade do lote que pertencia à família Sassi foi quitada em 1894 por Giovanni Cavagnolli. A outra metade por herdeiros da família Malacarne. Em data incerta, a parte do lote que abriga o moinho centenário foi adquirida Claudino José Mazzarotto e herdada por seu filho Marcos Antônio. Um desafio dos tempos mais antigos, além preparar a terra para o plantio, era o cultivo das plantações, sujeitas a todo tipo de ataque de animais e aves silvestres. E, após a colheita, era necessário transformar os grãos em farinha, da qual originava a tradicional polenta, o pão e a massa. O milho e o trigo para farinha podiam ser preparados em casa, no pilão. Todavia, era nos moinhos que o processo acontecia a contento. Da primordial necessidade surgiram os moinhos de rodão d'água a exemplo do Moinho Mazzarotto, construído em 1892. Com as inovações tecnológicas, vieram as turbinas, os motores a diesel e, por fim, cilos ou cilindros. Cada moinho possuía mós, duas rodas de pedra consistente, cavadas e com lineares canaletas que conduziam a farinha para fora do encaixe. A de baixo, fixa e a de cima, móvel, girava para a trituração dos grãos e a produção de uma farinha mais fina. Os moinhos, com mós para o milho eram os mais comuns e foram registrados em Flores da Cunha a partir de 1892. Alguns, menos comuns e mais sofisticados, possuíam duas mós, uma para o milho e outra para o trigo, sendo que esta produzia farinha de diferentes qualidades, primeira, segunda ou terceira e ainda a sêmola. Na Linha 80, o Moinho Mazzarotto, como é conhecido, conserva a estrutura, o maquinário e os objetos de época. O empreendimento pertenceu em épocas distintas às famílias Máximo Molon (1913) e Bernuzzi (José Bernuzzi faleceu aos 52 anos, em 25 de janeiro de 1930, sepultado no cemitério da Capela Santo Antônio, Linha 80). Nos tempos mais antigos era movido por rodão d'água e possuía mós para milho e trigo. Parou de produzir farinha de trigo algum tempo depois que Claudino José Mazzarotto comprou a propriedade, em sociedade com seu irmão Atílio e posteriormente dividida entre os dois, ficando a parte do moinho para Claudino. As mós que eram usadas para moagem do trigo foram colocadas na frente na entrada e eram usadas como degrau para os clientes descerem e subirem nos muares usados no transporte dos grãos e da farinha. Permanece no mesmo local. Claudino passou a residir no local ainda solteiro. Alguns anos depois casou com Barbarina Romilda Schio Mazzarotto, com quem teve os filhos Catarina, Vilson, Fernando, Suzete, Suzana, Salete e Marco Antônio Mazzarotto. Em data incerta a família adquiriu um dínamo e instalou no moinho. Com ele era possível obter energia elétrica para funcionamento de lâmpadas à noite e da televisão, que atraia a vizinhança, que se reunia para assistir as novelas. O controle da iluminação era feito através da vazão de água. O patriarca, no entanto, faleceu jovem, quando o filho menor tinha 9 meses de vida. Viúva e com sete filhos para criar, Barbarina assumiu o empreendimento. Anos depois, algumas peças começaram a se danificar e Barbarina deixou de trabalhar com o moinho, mas manteve o trabalho agrícola. (Continua nos anexos).

Documentação iconográfica



Moinho Mazzarotto, ano 2002.
Fonte: Caminhos da Colônia, p. 61.



Acesso ao térreo do moinho, ano 2013. Acervo Gissely L. Vailatti



Tremogna ou *moega*: depósito de madeira onde são depositados os grãos, 2013. Acervo Gissely Vailatti



Tremogna ou *moega*: depósito de madeira onde são depositados os grãos, 2013. Acervo Gissely Vailatti



A taipa de pedras de basalto irregular, 2013. Acervo Gissely Vailatti



Antigas mós de pedra, em formato de roda, para moer os grãos, ano 2013. Acervo Gissely Vailatti.



Antigas mós, ano 2013. Acervo Gissely Vailatti.



Turbina hidráulica, motor rotativo que usa o fluxo de água para girar o eixo que aciona o maquinário, 2013. Acervo Gissely Vailatti.



Turbina hidráulica, motor rotativo que usa o fluxo de água para girar o eixo que aciona o maquinário, 2013. Acervo Gissely Vailatti.



Balança para pesagem de matéria-prima e/ou produto final, ano 2013. Acervo Gissely Vailatti.



Balança para pesagem de matéria-prima e/ou produto final, ano 2013. Acervo Gissely Vailatti.



Moinho Mazzarotto, ano 2013.
Acervo Gissely Vailatti.



Moinho Mazzarotto, ano 2013.
Acervo Gissely Vailatti.



Moinho Mazzarotto, ano 2013.
Acervo Gissely Vailatti.

Levantamento fotográfico atual



Fachada sudoeste, onde é percepitvel o aqueduto de tijolos, bem como a turbina de ferro fundido e as paredes do pavimento superior, executadas em madeira.



Elevação nordeste, pavimento térreo em pedras de basalto irregular, pavimento superior com paredes de madeira e janelas com tampões de madeira, telhado de zinco.



Fachada leste, onde se vê o desnível do terreno, importante para o aqueduto.



Aqueduto em tijolos maciços que conduz a água do riacho até a turbina (roda d'água).



As técnicas construtivas do Moinho, pedras de basalto irregular e madeira.



Paredes, portas e janelas em madeira e escadas de acesso em pedras de basalto.



Turbina hidráulica, 2024.



Taipas de pedras irregulares



Aqueduto, turbina e tanque.



Turbina hidráulica, 2024.



Tremogna ou *moega* no pavimento térreo, 2024.



Turbina e roda d'água, 2024.



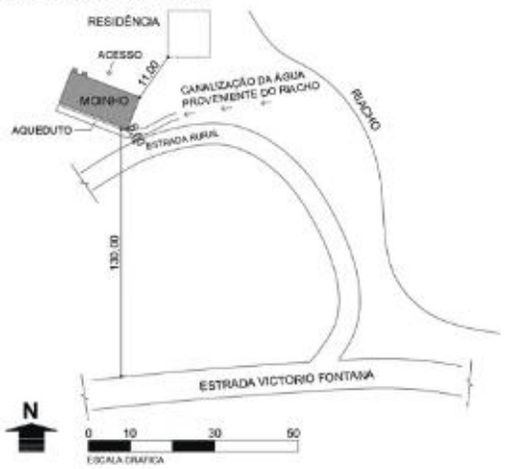
Pavimento superior: *Tremogna* e armazenagem.



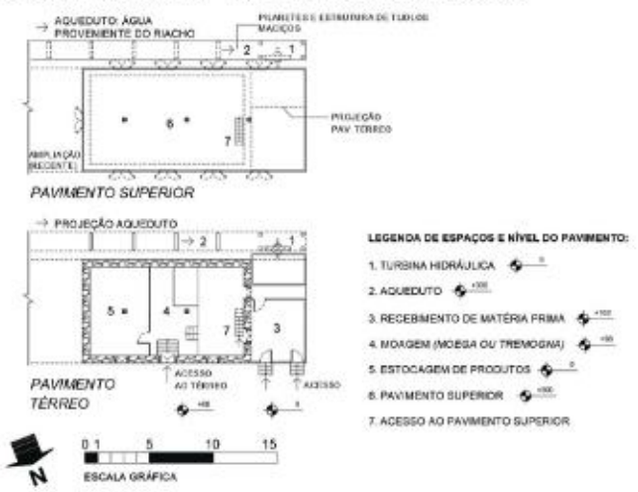
Aspecto do espaço onde está instalada a turbina.

Análise Arquitetônica:
Trata-se de edificação de pedras, tijolos e madeira, composta por dois andares. Assim como em outras obras do período, o Moinho Mazzarotto segue utilizando a tipologia da construção em madeira, material abundante neste território e que confere uma qualidade distinta à edificação. Isso porque os comprimentos e as espessuras das tábuas possibilitaram a criação de ambientes mais amplos, importantes para o bom funcionamento das atividades de recebimento de matéria-prima, moagem e estocagem de produtos. A estrutura da edificação foi feita sobre um alicerce de pedras lascadas manualmente, com cerca de três metros de altura do solo, estrutura essa que abriga um porão semienterrado, onde está parte do maquinário e as turbinas. Basicamente, a estabilidade da edificação é garantida por essa estrutura de madeira, que por sua vez está apoiada nos alicerces de pedra. Nas demais partes da edificação, os pisos, os assoalhos, bem como as paredes e os oitões matajuntados, são feitos em madeira. A cobertura da edificação, visível no pavimento superior, é composta por tesouras simples, que também possibilitam a utilização e a otimização dos espaços. A cobertura é formada por tesouras, terços, caibros e ripas de madeira, onde apoiam-se as telhas cerâmicas, do tipo francesas. Nesta edificação foram adotadas janelas com tampões e portas de duas folhas, ambas de madeira maciça, adaptadas à praticidade e à espontaneidade da arquitetura de imigração. A declividade do terreno favoreceu a implantação de um aqueduto de tijolos maciços, fazendo com que a água proveniente de um riacho existente nas imediações do moinho seja aproveitada para gerar a energia necessária e assim movimentar a turbina, através da força da gravidade.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimentos térreo e superior



Informações complementares
HISTÓRICO (continuação):
Por volta de 1993, o filho mais jovem de Claudino e Barbarina se interessou em retomar o empreendimento. Providenciou o conserto de alguns equipamentos e, em 1997, passou a integrar o roteiro turístico "Caminhos da Colônia", rota criada entre os municípios de Flores da Cunha e Caxias do Sul. Desligou-se do roteiro por volta do ano 2003, por falta de disponibilidade de tempo para atender os visitantes, em detrimento às demais demandas agrícolas. Nessa época, construiu um novo anexo do lado esquerdo, que passou a servir de garagem. A parte térrea da edificação, erigida com pedra de basalto irregular e sobreposta no estilo de taipa, abriga o maquinário de moagem, balança e demais estruturas necessárias para a conservação da farinha. O andar superior e o sótão, em madeira, eram usados para secagem e depósito de grãos. Ao lado havia a casa da família e apenas um dos quartos fazia parte da edificação do moinho. Por volta de 2010, ainda atendia cerca de 100 famílias residentes nos arredores, comunidades de Mato Perso, Otávio Rocha, Nova Roma e Nova Pádua. Movido à água, com a força de uma turbina alemã fabricada em 1908, ainda produz farinha de milho, farelo (usada para alimento de galinhas e porcos) e sêmola (usada para alimentar bovinos). A força para movimentação da turbina se dá através do represamento das águas do Rio Curuzu. Em 2024, o milho ainda é cultivado na propriedade, secado ao sol e moído como antigamente. A farinha, produzida artesanalmente, é utilizada para consumo. É administrado pela família de Marcos Antônio Mazzarotto e Mônica Lodeas Mazzarotto, pais de Giovana. A parte da propriedade onde está situado o moinho pertence a Marcos Antônio em usufruto com sua mãe, Barbarina. O lugar especial já foi cenário para ensaios fotográficos e atrativo de turistas e empreendedores.

Fontes primárias
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições, 2002.
MOLON, Floriano. Caminhos da Colônia: Caxias do Sul-Flores da Cunha - RS. Porto Alegre: Evangraf, 2002.
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Jornais
Caminhos da Colônia: um passeio nostálgico ao mundo dos imigrantes. Caxias do Sul: Gazeta de Caxias, 23 a 29 de agosto de 1997, p. 10.
Relação nominal e alfabética dos que exerciam a indústria e profissões no Distrito de Nova Trento - Flores da Cunha - no ano de 1913. Jornal O Vindimeiro, 8 de julho de 1974, p.4 e 5.
VAILATTI, Gissely Lovatto. *Transformando grãos: incoi se vá al molin.* Flores da Cunha: Jornal O Florense, 8 de novembro de 2013, p. 6.

Depoimentos
MAZZAROTTO, Marcos Antônio. Flores da Cunha, 30 de março de 2024.
MAZZAROTTO, Mônica Lodeas. Flores da Cunha, 26 de fevereiro de 2024.

Locais pesquisados
Acervos pessoais Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Desenhos
Joel Augusto Smiderle – Acadêmico de Arquitetura e Urbanismo

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	28/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00050	**Localidade:** Linha 80 e São Francisco

Denominação do bem: Capela São Francisco de Assis

Endereço/Localização: Estrada São Francisco de Assis (Coiúdo)

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Capela
Latitude: -29°05'67.8"S **Longitude**: -51°23'71.0"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3

Bens Móveis: Piso em ladrilhos hidráulicos, bancos de madeira com estrutura metálica, Coro e escada helicoidal em madeira, portas de madeira, quadros da Via Sacra, Pia Batismal, imagens de São Francisco, Nossa Senhora das Graças e outros Santos de devoção da Comunidade.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.3 Valor tradicional ou evocativo: a capela não é somente um edifício religioso, mas é o fator de integração social dentro do contexto da imigração italiana; 1.4 Referência coletiva: a identidade do contexto histórico e cultural onde está inserida a Capela é reforçada por meio desse marco visual na paisagem. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico e 2.2 Referência historiográfica: a Capela possui linguagem neogótica, muito possivelmente por influência dos capuchinhos franceses. **3) FUNCIONAL** – 3.3. Uso tradicional: edificação está em profunda relação com o seu entorno, sendo fundamental para realização de celebrações religiosas desde a sua construção, além de conservar boa parte da estrutura original. **4) TÉCNICA** – 4.4. Bom estado de conservação: edificação está em boas condições de conservação e uso.

Histórico:
A Capela São Francisco de Assis está situada no Travessão Marquês do Herval, em terras doadas pela família de Francisco Sandi. Inicialmente, uma pequena capela em madeira, ladeada pelo cemitério e a escola da comunidade, foi edificada nas proximidades e nela foi colocado um quadro com uma pintura de São Francisco de Assis. Posteriormente, uma estátua de São Francisco de Assis foi adquirida. Em 20 de junho de 1913, tendo como padrinho José Laghetto, que foi responsável por transportar, a cavalo, a imagem de Caxias do Sul até a capela, foi concedida a licença para bênção do sino, este colocado numa pequena torre de madeira localizada ao lado da capelinha. Depois, por anos, o sino ficou pendurado numa árvore. No mesmo local havia o jogo do bolão, uma das poucas diversões na comunidade. Era semelhante ao jogo do cepo, mas com 12 garrafas. Uma corda suspensa na árvore era arremessada e a pontuação se dava pelo número de garrafas derrubadas. Mesmo sendo uma comunidade com poucos moradores - em 1938 eram apenas nove famílias -, em 22 de abril de 1938 foi solicitada à Mitra Diocesana de Caxias do Sul a licença para construção de uma nova capela em alvenaria. Com autorização do bispo Dom José Baréa em 23 de outubro de 1938 foi benta solenemente a primeira pedra fundamental. Por meio de um contrato, as obras para construção foram executadas por Angelo Cambruzzi, a parte dos alicerces, e por Idalino Fadanelli, a parte em alvenaria. Anexado à capela, por volta dos anos de 1990, foi edificado o campanário no qual foi posto o sino adquirido em 1912, e a dada bênção pelo vigário de Otávio Rocha, padre Antônio Pasa. Os sócios da capela colaboraram com uma taxa e também com mão de obra. Sete meses após a bênção da pedra, a igreja foi inaugurada. Em 21 de junho de 1939 ocorreu a bênção solene. A cerimônia iniciou com o repicar dos sinos e o ronco dos canhões e morteiros e às 10h30min, com grande participação, iniciou a cerimônia de bênção presidida pelo Frei Ricardo. Por ocasião da bênção foram convidados 30 padrinhos e o corte da fita coube ao padrinho Olivo Bordin. Após a bênção, foi cantada uma missa animada pelos cantores da paróquia e também pela banda Santa Cecília de Nova Pádua. Ao meio-dia foi servido churrasco, galinhas assadas e bebidas e realizado vários jogos populares (leilão, roda da fortuna e pesca). Na parte da tarde, a comunidade recebeu o Frei Eugênio. Uma escada, toda em madeira, em formato de espiral dá acesso à cantoria. O altar conta com a estátua de São Francisco ladeada pela de Santa Catarina, Nossa Senhora das Graças e Santa Lúcia. Na parede ao fundo uma cruz de madeira entalhada destaca diversos símbolos cristãos. Nas paredes laterais quadros da Via Sacra. Em frente da capela encontra-se o cemitério, com capelinhas mortuárias artisticamente adornadas. Ao lado existe o salão comunitário, onde são realizadas as festividades, entre as quais a festa em honra ao padroeiro, anualmente em setembro, e em novembro a festa maior dedicada à Santa Catarina. Antigamente, ao lado do salão, existiu a Escola Municipal Gaspar Martins, que funcionou até 1992 no sistema multisseriado de ensino de 1ª a 4ª série. A comunidade de São Francisco é popularmente conhecida como 'coiúdo', expressão que identificaria 'gente cheia do dinheiro', devido ao elevado poder econômico de seus moradores e os diversos casarões nela localizados. No final do ano de 2023 foi concluída a nova pintura interna e externa da igreja.

Documentação iconográfica



Capela São Francisco, ano 1980. Fonte: ECIRS-UCS. Fotografia de Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



Cemitério da Capela São Francisco, ano 1980. Fonte: ECIRS-UCS. Fotografia de Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



Capela São Francisco, ano 1980. Fonte: ECIRS-UCS. Fotografia Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



Capela São Francisco. Fonte: Jornal O Florense, ed. 17 Julho 1998, p.29



Capela São Francisco: Inventário da Prefeitura Municipal de Flores da Cunha. Fotografia Douglas Coelho



Capela São Francisco. Fonte: Jornal O Florense, ed. 8 Abril 2004, p.4.

Levantamento fotográfico atual



Capela São Francisco: fachadas nordeste e noroeste



Elevações a sudeste: Capela, sacristia e campanário.



Fundos da Capela com agricultura e a paisagem do entorno.



Fachada oeste (fundos).

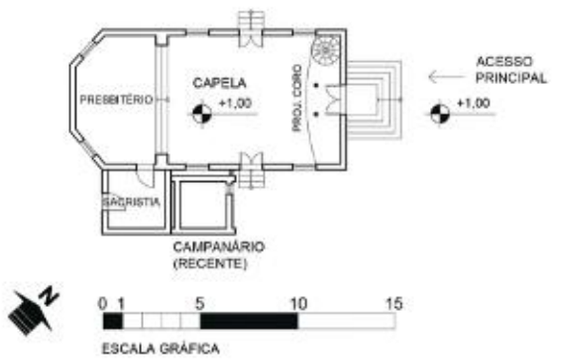
Análise Arquitetônica:

A Capela São Francisco foi construída na década de 1930, em alvenaria de tijolos maciços rebocados sobre embasamento em pedras basálticas. Possui características de inspiração neogótica, tendo este estilo como modelo arquitetônico predominante, por influência dos capuchinhos franceses. Sua planta original apresenta nave única, ábside semi-octogonal e o volume da sacristia. Toda a ênfase arquitetônica está concentrada na fachada principal, que faz referência às matrizes góticas, porém de maneira mais simplificada. Neste contexto, destacam-se os elementos próprios desse estilo arquitetônico, tais como: a rosácea, o portal gótico com arquitrave, os rendilhados e o frontão ornamental coroado por pináculos e cornija. As fachadas laterais são mais simples, onde predominam apenas as aberturas, a marcação dos módulos e a pouca ocorrência de ornamentos. O campanário é recente e data da década de 1990. O interior é austero e há alguns elementos decorativos trabalhados em madeira, tais como: o altar, os bancos, o confessionário e as portas. O desenho das aberturas, em arco ogival, pretende sugerir a ideia de vitrais, onde a luz do sol é filtrada pelos vidros multicoloridos. O coro de madeira está situado imediatamente acima da porta principal e pode ser acessado através de uma escada em formato helicoidal. O piso é revestido com ladrilhos hidráulicos, tornando-se o elemento arquitetônico mais expressivo da Capela. A separação do presbitério com a nave é estabelecida através de um pórtico, também conhecido como arco do cruzeiro, em formato de arco pleno, sustentado por duas colunas laterais ornamentadas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes:

Referências Bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas:* estilos ornamentos e memorias/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

LIVRO TOMBO PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES. Flores da Cunha, 1912-1974.

MOLON, Floriano. *Otávio Rocha: cem anos de vida colonial.* Porto Alegre: EST, 1982.

MOLON, F. *Torre centenária de Otávio Rocha 1921-2021:* cem anos de coragem, trabalho, união e fé. Porto Alegre: Evangraf, 2022.

Jornais

Capela de São Francisco: Travessão Marquês do Herval. Jornal O Florense, 8 de abril de 2004. Suplemento Capelas de Flores da Cunha, p. 4.

Duas Santas têm privilégios em São Francisco. Jornal O Florense, 17 de julho de 1998. Suplemento especial 500 Atos de Fé, p. 29

Flores da Cunha: Benção solene da nova e esplendida Igreja de São Francisco de Assis, situada no Travessão Marques do Herval. Jornal Staffetta Riograndense, 28 de junho de 1939, p. 2

Publicações on-line

FIÓRIO, Gabriela. *Otávio Rocha: a religiosidade de Otávio Rocha* - Igreja São Francisco. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 30 de março de 2021. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/otavio-rocha-a-religiosidade-de-otavio-rocha/14607 Acesso em 30 Jan 2024.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

ECIRS – UCS. Disponível em https://www.ucs.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/ecirs/ecirs-acervos/. Acesso Abril/24.

Imagens complementares – fotografias atuais



Interior da Capela São Francisco com destaque para o piso em ladrilhos hidráulicos.



Interior da Capela São Francisco com destaque para o coro e a escada helicoidal de madeira.



Interior da Capela São Francisco de Assis.



Porta de madeira, onde se lê "Oferta de José Lagheto 25-11-1940".

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	14/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00051	**Localidade:** Linha 80 e São Francisco

Denominação do bem: Capitel Santa Susana

Endereço/Localização: Lote rural n.º 10 do Travessão Marquês do Herval. Comunidade São Francisco de Assis (Cuiúdo)

Proprietário: Pedrinho Modesto Sandi e Graciema Vazatta Sandi
Uso original e atual: Oratório e gruta
Latitude: -29°06'31.3"S **Longitude**: -51°23'92.9"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1

Bens Móveis: Altar-Mor em madeira, quadros da Via Sacra em madeira, imagem de Santa Susana, crucifixo, N.S. Caravaggio e da Sagrada Família.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)

1) CULTURAL: 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: marco histórico e visual construtivo da paisagem, referência religiosa, evocação afetiva. **2) MORFOLÓGICA:** 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial; 2.5 Compatibilidade dos anexos: construção em alvenaria, realização de rituais religiosos, compatibilidade com o anexo gruta com fonte de água benta misticamente usada na cura de males da garganta. **3) FUNCIONAL:** 3.3 Uso tradicional: Permanência de usos originais nas estruturas existentes. **4) TÉCNICA:** 4.4 Bom estado de conservação: pelo valor afetivo, referência de identidade dos proprietários do terreno e utilização, mantém-se íntegra. **5) PAISAGÍSTICA:** 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.4 Elemento referencial: marco construtivo de destaque na paisagem rural em harmonia com o entorno natural, elemento importante de religiosidade, materialidade de expressão de devoção coletiva.

Histórico:

O capitel Santa Susana foi construído pela devoção dos primeiros moradores do Travessão Marquês do Herval. Ao chegarem ao Brasil, os italianos Bortolo Sandi e Filomena Pinzon Sandi trouxeram do Santuário de Santa Susana, na Itália, uma lata com água recolhida daquele local. Ao se estabelecerem na localidade, o casal depositou a água numa fonte dentro de sua propriedade. Em 1882, ao lado dessa fonte, ergueram um pequeno capitel em madeira e dedicado a Santa Susana. Aos poucos a devoção à santa cresceu e a água da fonte começou a ser vista como remédio para as dores. Em 19 de julho de 1929, ocorreu a aquisição de uma retração de terra de 20x20, onde estava situada a capelinha. A terra foi doada por Modesto Sandi e sua esposa para a construção de um oratório "a seu custo e gosto" (Livro Tombo, p.37). Naquele mesmo ano, o capitel de madeira deu lugar a capela em alvenaria. A licença para bênção e imagem do capitel Santa Susana ocorreu em 27 de agosto de 1929. A fama de 'água milagrosa' se espalhava cada vez mais pela região e em 11 de agosto de 1957, Atílio Celli, na época residente em Caxias do Sul, construiu uma gruta em gratidão por uma graça alcançada. Com o passar dos anos, mais pessoas relataram terem alcançado cura após beber da fonte. Anualmente, no mês de agosto, é realizada uma missa no local, mantido até os dias atuais pela família Sandi. A manutenção do espaço é um pedido do expedicionário florense Raimundo Bortolo Sandi, que ao falecer em 2014, pediu aos filhos para que continuassem cuidando do capitel. Em um de seus aniversários Raimundo chegou a solicitar apoio ao local, ao invés de presentes. Depois de 2020, durante e após o período pandêmico, na capelinha foram realizados alguns casamentos. Em 2024, o local permanece sendo um dos locais mais visitados do município. A família Sandi, que permaneceu residindo na propriedade paterna, conserva o imóvel e seu entorno.

Documentação iconográfica



O Capitel de Santa Susana na década de 1980. Fonte: ECIRS – UCS, Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



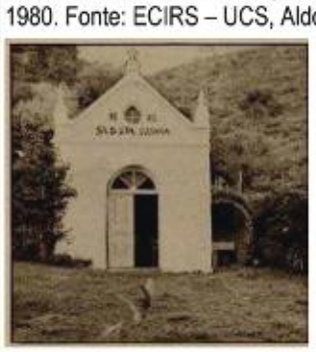
O Altar-Mor do Capitel de Santa Susana na década de 1980. Fonte: ECIRS – UCS, Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



A caixa de oferendas do Capitel de Santa Susana na década de 1980. Fonte: ECIRS – UCS, Aldo Toniazzo e Ary Trentin.



A gruta com a fonte de Santa Susana na década de 1980. Fonte: ECIRS – UCS, Aldo Toniazzo e Ary Trentin



Ano 1982: o Capitel de Santa Susana. Fonte: Jornal Correio Riograndense (contracapa)



Ano 1998: o Capitel de Santa Susana. Fonte: Jornal O Florense edição de 17/07/1998



Ano 2001: O Capitel de Santa Susana. Fonte: VENERE. Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha.



Ano 2002, S. Susana. Fonte: Inventário 2002 - Douglas Coelho



Gruta. Fonte: VENERE, 2001.



Capitel Santa Susana, 2016: Pedrinho e Graciema Sandi. Fonte: Jornal O Florense, 16/02/2016 - Danúbia Otobelli

Levantamento fotográfico atual



Paisagem no entorno do Capitel de Santa Susana



Fachada leste (frontal) – Estrada São Francisco



Fachada sul (lateral esquerda)



Fachada norte (lateral direita), Capitel e gruta.



Fachada oeste (fundos), gruta e Capitel.



Interior Capitel Santa Susana



Altar-Mor de Santa Susana



Porta de entrada, óculo e forro com pinturas.



Forro de madeira com pinturas ornamentais.



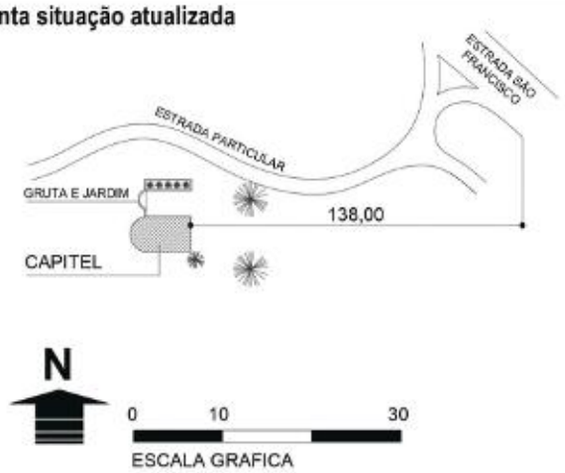
Piso em ladrilhos hidráulicos.



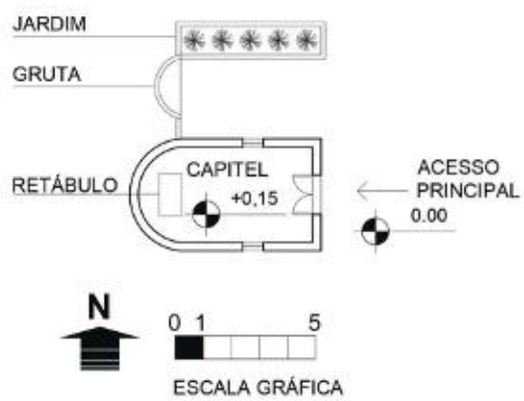
Gruta lateral, com sinalização de graça alcançada.

Análise Arquitetônica:
Datado de 1929, o Capitel preserva muito de sua concepção original e sua arquitetura possui inspiração clássica, derivada da interpretação do românico. O interior do Capitel tem seu piso em ladrilhos hidráulicos e há adornos e pinturas no forro e em paredes remetendo a motivos sacros. Os trabalhos de talha e escultura estão presentes no retábulo, nas imagens, nos quadros de devoção e nas aberturas. Mesmo com todo esse esmero, a simplicidade predomina, através da limpidez de formas e no traço espontâneo, fruto da iniciativa dos próprios construtores, sem a supervisão da hierarquia eclesiástica. É formado por nave única, ábside semi-circular e cobertura de zinco em duas águas. Há duas pequenas janelas em arco em ambas as paredes laterais e, na fachada principal, uma porta de entrada que culmina em meio arco, sobre a qual há um pequenino óculo. As paredes são em alvenaria de tijolos rebocados e o teto e a estrutura do telhado são de madeira. Na lateral direita do Capitel, além do jardim, há uma gruta que segue padrões neorromânicos, onde há relatos de graças alcançadas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes:

Referências Bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas:* estilos, ornamentos e memórias/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011
MOLON, Floriano. *Otávio Rocha: cem anos de vida colonial*. Porto Alegre: EST, 1982.
MOLON, Floriano. Torre Centenária de Otávio Rocha 1921-2021: cem anos de coragem, trabalho, união e fé. Porto Alegre: Est Edições, 2022.
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

Depoimentos

SANDI, Pedrinho Modesto. Flores da Cunha, 19 de janeiro de 2024.
SANDI, Graciema Vazzatta. Flores da Cunha, 19 de janeiro de 2024.

Jornais

Capitel de Santa Suzana comemora 100º aniversário. Jornal Pioneiro, 30 de julho de 1982.
De geração em geração, a fé que nunca termina. Jornal Pioneiro, 13 de julho de 1990. P. 4 encarte especial Turismo.
Duas Santas têm privilégios em São Francisco. Jornal O Florense, 17 julho 1998. Suplemento especial 500 Atos de Fé, p. 29.
Em Otávio Rocha, construção de capitel completa cem anos. Jornal Correio Riograndense, 4 de agosto de 1982. Contracapa.
OTOBELLI, Danúbia. *Capitel Santa Susana.* Jornal O Florense, 16 de fevereiro de 2016.

Pesquisas não publicadas

Inventário dos bens culturais de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.
VENERE. Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Fontes primárias

Livro Tombo Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Flores da Cunha 1912-1974.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	13/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00052	**Localidade:** Linha 80 e São Francisco

Denominação do bem: Capela São Bartolomeu

Endereço/Localização: Travessa Felisberto da Silva – Linha 60

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Capela
Latitude: -29°08'49.5"S **Longitude:** -51°21'85.1"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3

Bens Móveis: Altar-Mor (retábulo), mobiliários litúrgicos, bancos, portas entalhadas, imagens de São Bartolomeu e Santa Ana e três sinos.



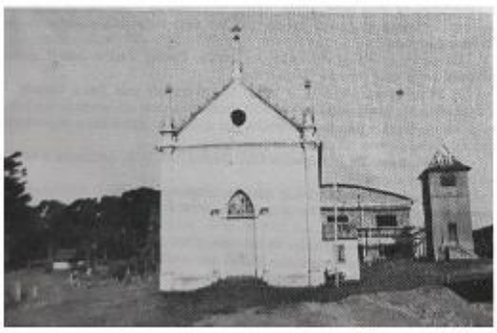
Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)

1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica: 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: marco histórico construtivo da paisagem rural, referência religiosa, evocação afetiva. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: construção eclética em alvenaria, ponto de encontro e integração comunitária, localização estratégica no limite de lotes coloniais no traçado original e realização de celebrações religiosas. **3) FUNCIONAL** – 3.3. Uso tradicional: edificação está em profunda relação com o seu entorno, sendo fundamental para realização de celebrações religiosas desde a sua construção, além de conservar boa parte da estrutura original. **4) TÉCNICA** – 4.4. Bom estado de conservação: motivado pelo valor afetivo relacionado ao seu uso original.

Histórico:

A capela de São Bartolomeu está situada no Travessão Felisberto da Silva, na Linha 60, na X Légua da Antiga Colônia Caxias. Seus primeiros imigrantes chegaram em 1877 e logo se preocuparam em estabelecer um marco religioso com a construção de um pequeno capitel, feito em taquara. Escolheram como padroeiro São Bartolomeu. O desenvolvimento ocorreu rápido porque a estrada que passa em frente à capela era um importante ponto de passagem de carreteiros e viajantes. Denominada de Estrada Geral, ela partia de Caxias do Sul e passava pela Capela Nossa Senhora da Saúde, Linha 40, Linha 60, Travessão Marquês do Herval, Travessão Alfredo Chaves, Passo do Simão, Antônio Prado e rumava para Vacaria e o restante do pais – a partir de 1900 a estrada foi sendo menos procurada devido a abertura da Estrada Nova Trento rumo a Antônio Prado, atual ERS-122. Algum tempo depois, os moradores edificaram uma nova capela, em melhores condições, com tábuas de pinho rachado e coberta com "scándole". Em 1888, os moradores procuraram o escultor italiano Pietro Stangherlin e solicitaram que esculpisse, em um tronco de angico, as estátuas de São Bartolomeu e Santa Ana. Relatos dão conta que como o dinheiro era escasso, as estátuas foram pagas a prazo. Na festa, o povo contente venerava a estátua de São Bartolomeu, mas o escultor costumava dizer: "Por enquanto é São Bortolo, depois que me pagarem é São Bartolomeu". Stangherlin nasceu em Vicenza, na Itália, em 1843, e passou grande parte dos primeiros anos de vida acamado devido a um problema no joelho. Em 1876, por recomendações médicas, emigrou para o Brasil. Aqui, dedicou-se ao trabalho de pintura e escultura, voltados especialmente à temática religiosa. Faleceu em 1912 deixando espalhado nas capelas e residências da Região inúmeras de suas obras. Em 1913, um forte temporal que se abateu sobre a localidade acabou derrubando a igreja em madeira. Por isso, os fabriqueiros João Riboldi, Felice Casagrande, Pedro Ferdinando Bedin e Inocente Andreazza se reuniram para organizar a construção de uma nova igreja, em alvenaria, o que oferecia mais resistência às intempéries. Foi estabelecida uma taxa de 50 dias de serviços e 25 mil Réis em cada colônia. Todos os moradores concordaram com o combinado. Com relação aos construtores, as fontes divergem. A pesquisa para a exposição "De pedra, para sempre – a obra de Bortolo Cecconello" aponta como construtor o pedreiro foi Anthonio Bortolo Cecconello, nascido em Flores da Cunha em 1893, e que se destacou executando obras de vários construtores de renome como Silvio Toigo e José Simonetto. Entre as edificações feitas por ele estão também a Cooperativa São Pedro, o campanário de Otávio Rocha e o porão da Casa Simioni. Já o livro 'Otávio Rocha: cem anos de vida colonial' sugere que os construtores teriam sido os pedreiros Emílio, José e João Argenta, que cobraram pelo seu serviço o valor de 80 mil Réis. Na pedra fundamental que consta em seu muro há uma ata assinada por todos os sócios e moedas da época. Continua nos anexos.

Documentação iconográfica



Capela São Bartolomeu e antigo campanário de madeira, ano 1982. Fonte: Molon, 1982.



Capela São Bartolomeu e novo campanário de alvenaria, 1998. Fonte: Jornal Florense, 17/07/98.



S. Bartolomeu, 2004. Fonte: Jornal Florense.

Levantamento fotográfico atual



Fachada leste (frontal) – Travessa Felisberto da Silva



Vista em perspectiva da Capela e do campanário.



Fachada norte e campanário novo (lateral direita).



Fachada oeste (fundos).



Vista em perspectiva da fachada sul.



Portal de acesso com linguagem eclética.



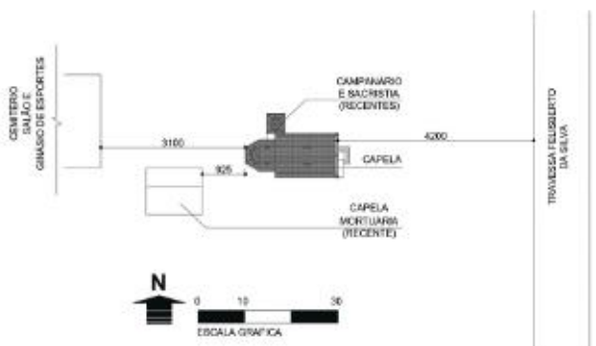
Particular da porta, entalhes em madeira.



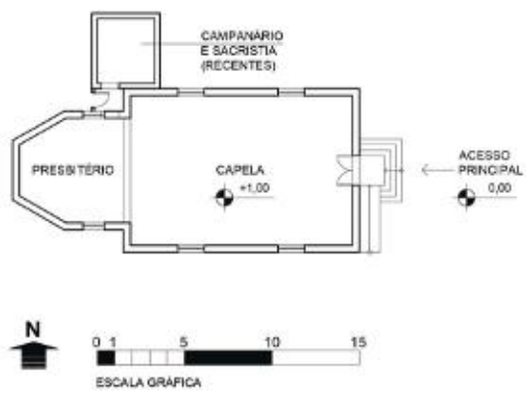
Colunas salomônicas (torsas) do portal – formato helicoidal.

Análise Arquitetônica:
Capela construída com inspiração clássica, dentro de um contexto formalmente neogótico. A fachada principal possui um frontão que segue os padrões neoclássicos, com um pequenino óculo ao centro, o qual remete a formas encontradas em igrejas e capelas de matriz italiana. As colunas salomônicas que ladeiam a porta principal em arco ogival possuem formato helicoidal, caracterizando uma certa influência da arquitetura barroca. Acima do frontão clássico, rebuscados pináculos trazem a composição de volta para o estilo neogótico. Nas laterais a simplicidade predomina, através da limpidez de volumes e no traço espontâneo das janelas ogivais. Trata-se, portanto, de um mosaico de formas e estilos, que respeitam o gosto popular, mas que acabam conferindo um ar erudito ao templo. Tipologicamente, a edificação foi tratada como um volume único, constituído por meio da adição de partes, formadas pela nave principal, o presbitério e a sacristia/campanário. Fazendo um comparativo com as matrizes neoclássicas e neogóticas, percebe-se que, neste caso, a ausência de naves laterais foi compensada pela diferenciação nas dimensões entre o presbitério e o restante da Capela, transmitindo a ideia de que as naves aparecem suprimidas dentro do próprio espaço da nave principal. A cobertura, por sua vez, foi feita em águas, acompanhando o desenho da edificação. Possui bom estado de conservação e a torre campanária e a nova sacristia são recentes.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Informações complementares
HISTÓRICO – CONTINUAÇÃO:
Em 1914 Bruno de Gillonay deu a provisão do padre Gerardo de Gruffi a licença de benzer o local para a primeira pedra fundamental em 10 de fevereiro de 1914. A igreja foi inaugurada solenemente em 24 de agosto daquele ano. Um dos acontecimentos na comunidade era a vinda dos padres para a reza da missa. Muitas famílias possuíam um quarto reservado para acomodar os religiosos, que se deslocavam a cavalo até a localidade. Dez anos depois, em 1924, foram adquiridos três sinos na Metalúrgica Bellini, em Garibaldi. Foram trazidos com uma carreta puxada por mula por Cândido Bedin. Os sinos foram bentos em 3 de agosto de 1925 pelo padre João Menegusso, ligado ao bispado de Caxias do Sul. Inicialmente foram colocados em um campanário de madeira. Em 1991, foi inaugurado um novo campanário, onde foram instalados os antigos sinos. Muitas vezes, a família de Ângelo Andreazza foi responsável por tocar os sinos. Em 1991 também foi construído o atual salão comunitário. A capela São Bartolomeu pertence geograficamente ao 1º distrito Flores da Cunha, mas religiosamente, desde 1962, a Paróquia São Marcos de Otávio Rocha. Em sem entorno estão a Escola Marcos Martini – fundada em 1955 e desativada em 2019 - e a sede da Sociedade Esportiva e Recreativa Duque de Caxias. A festa em honra ao padroeiro ocorre em setembro e em honra a Santa Ana em novembro.

Imagens complementares


Interior da Capela São Bartolomeu. Foto de 11/09/2011


Interface entre a Capela e o entorno. Foto de 08/09/2023.

Fontes:

Fontes Primárias

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas:* estilos ornamentos e memorias/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely. *Benedictus – Os Cemitérios de Flores da Cunha.* Flores da Cunha: Editora Seculum, 2007.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

MOLON, Floriano. *Otávio Rocha: cem anos de vida colonial.* Porto Alegre: EST, 1982.

MOLON, F. *Torre centenária de Otávio Rocha 1921-2021:* cem anos de coragem, trabalho, união e fé. Porto Alegre: Evangraf, 2022.

Referências Bibliográficas

De pedra, para sempre – a obra de Bortolo Cecconello. Exposição fotográfica, Caxias do Sul: Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da UCS, 2011.

LIVRO TOMBO PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES. Flores da Cunha, 1912-1974.

Jornais

Arte sacra: um patrimônio insubstituível. Pioneiro, 14 de janeiro de 1984, p. 4-5

Linha 60 – Travessão Felisberto da Silva. Jornal O Florense, 13 de agosto de 2004, suplemento Capelas de Flores da Cunha.

Museu expõe a arte de um imigrante. Correio Riograndense, 19 de junho de 1996, p. 17.

Primeira igreja da Linha 60 era de taquara. Jornal O Florense, 17 de julho de 1998, p. 30

Publicações on-line

Encontro dos descendentes de Bortolo Cecconello. Disponível em https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2016/07/encontro-dos-descendentes-de-bortolo-cecconello-6773609.html. Acesso em 13 de janeiro de 2024.

OTOBELLI, Danúbia. *Exposição retrata a obra de Bortolo Cecconello.* Flores da Cunha: Jornal O Florense, 2 de março de 2012. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/exposicao-retrata-a-obra-de-bortolo-cecconello/2497. Acesso 14 Dez 2023.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

http://www.google.com.br

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	28/04/2024.

SETOR 05

NOVA ROMA

- CONJUNTO DE CASAS FAMÍLIA RECH
- CASA FAMÍLIA BASSANESI
- CASA POLO – REVOLUÇÃO
- CONJUNTO CASARÃO SOLDATELLI



conjunto casarão soldatelli

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00053	**Localidade:** Travessão Riachuelo, Monte Bérico.

Denominação do bem: Conjunto Casas Família Rech

Endereço/Localização: Lote rural 39, Estrada Mun. Aurélio Scopell, Monte Bérico, S/N.

Proprietário: José Rech
Uso original e atual: Residência / Residência
Latitude: -28,9975695° **Longitude**: -51,1353645°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo: grupo de edificações representativas da vida rural pertencentes a núcleo familiar de referência na localidade. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico; 2.5 Compatibildiade dos anexos: pela simplicidade e funcionalidade no emprego de materiais para configurar as edificações e seu vínculo funcional com os recursos do lugar. **3) FUNCIONAL** – 3.3 Uso tradicional: uso residencial responsável pela permanência e conservação dos elementos naturais e edificados do sitio. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais: conjunto vernacular edificado em madeira. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.2 Conjunto de unidades – cenário: destaca-se pelos efeitos topoceptivos da implantação do conjunto em harmonia com os elementos naturais do entorno, de carácter cênico de expressão etnográfica relacionada à vida rural imigrante.

Histórico:
A Casa da Família Rech, situada na Comunidade de Nossa Senhora de Monte Bérico, no Travessão Riachuelo, foi construída na década de 1940 para abrigar a família de Ciro Antônio Rech (25/09/1904 - 25/08/1974) e Veronica Meneguzzo Rech (08/02/1908 - 30/10/1996). Inicialmente, o lote rural nº 39 foi concedido ao imigrante italiano Isidoro Bortolotto e quitado pelo também imigrante Giuseppe Polo em 1894. Na década de 1920 o lote foi adquirido pelo pai de Ciro para o estabelecimento dos filhos Ciro e Angelo.
O casal Ciro e Veronica passaram a residir na propriedade, a qual já contava com duas edificações. Uma casa de dormir, com porão de taipa e parte superior em madeira, e uma cozinha edificada em taipa, a qual chamavam de 'fogoler'. O casal passou a residir nessas casas. Depois, o carpinteiro João Bolzoni com ajuda da própria família e dos vizinhos construiu a edificação em madeira que trata este inventário. Na época era costume contratar um 'prático' para construção das moradias. Nos anos seguintes, galpões foram construídos para depósito e cuidado com os animais. No porão da residência, a família produzia vinho para consumo próprio; no andar térreo ficava a cozinha, três quartos e uma sala usada para festas. Uma escada de madeira levava ao sótão, que também servia de dormitório. A cobertura sempre foi de telhas de barro. Era costume até 1970, velar os mortos em casa e também realizar casamentos na casa do noivo. A família recorda que na sala da casa ocorreu o velório de Ciro Rech e o casamento dos filhos mais velhos de Ciro. A casa também abrigou uma relíquia da comunidade. Logo que se estabeleceram na comunidade em 1880, os primeiros imigrantes trouxeram a imagem de Nossa Senhora de Monte Bérico - apenas a cabeça da santa, tradição conhecida como santos vestidos - para ser colocada na capela. Na década de 1980, com a construção de uma nova capela, a santa foi doada ao morador que fizesse a maior contribuição e a família Rech com a imagem. Posteriormente, a imagem foi transferida para a nova casa da família. A casa serviu de moradia para José Rech, juntamente com a esposa Zélia e os filhos Celso, Remo e Luciano, até meados de 1990, quando construíram uma nova moradia e a antiga casa passou a ser utilizada como cozinha, em algumas ocasiões, e depósito.

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Imagem de Nsa. Sra. de Monte Bérico de 1880 guardada pela família.



Figura 2 – Vista aérea das edificações (2022). Fonte: Acervo da família Rech.



Figura 3 – Vista sudeste do conjunto (2022). Fonte: Acervo da família Rech.



Figura 4 – Vista leste do conjunto (2022). Fonte: Acervo da família Rech.

Levantamento Fotográfico atual:



Vista Nordeste do conjunto – 26/10/2023



Casa 1 - Fachada Leste – 26/10/2023



Casa 1 - Fachada Norte – 26/10/2023



Casa 1 – Fachada Oeste – 26/10/2023



Casa 1 – Fachada Sul – 26/10/2024



Paiol – Vista Nordeste – 26/10/2024



Paiol – Fachada Leste – 26/10/2023



Estrebaria – Vista Nordeste – 26/10/2024



Estrebaria – Vista Noroeste – 26/10/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista do poço e Casa 1 – 26/10/2023



Porão Casa 1 – Vista Interna – 26/10/2023



Estrebaria – Detalhe escada de pedras- 26/10/2023



Forno de tijolos – 26/10/2023



Paiol – Vista Interna – 26/10/2023

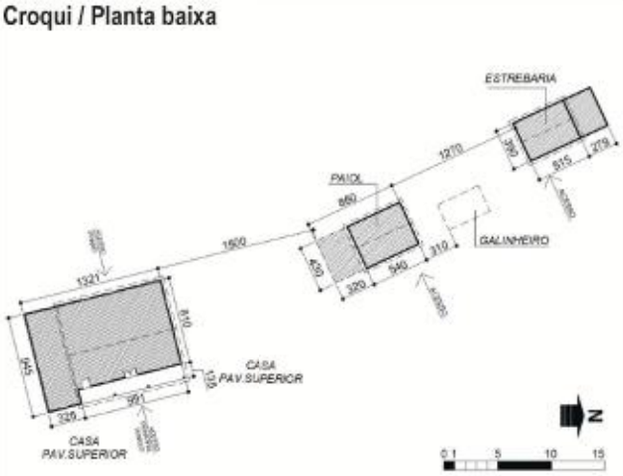
Análise Arquitetônica:

Trata-se de um conjunto de 3 edificações rurais em madeira, construídas na década de 1940, representativas da arquitetura e da vida rural desenvolvida no município a partir da imigração italiana. O conjunto consiste nas edificações da Casa, Paiol, Estrebaria e estruturas anexas (galinheiro, forno e poço). A Casa, construída pelo carpinteiro João Bolzoni, foi edificada aproveitando o desnível do lote para conformar o porão em madeira. No pavimento térreo, o volume principal possui cobertura de 2 águas e uma varanda com piso em madeira que conforma o acesso principal na fachada leste. As vedações externas são de tábuas nuas mata juntadas e as janelas com tamponamentos externos. Internamente a compartimentação divide o pavimento em 2 dormitórios, sala, e uma escada ao sotão. Ao sul, possui um volume anexo com cobertura de 1 água, atualmente com telhas de fibrocimento, que abriga a cozinha, com acesso direto pela varanda. À norte da Casa está implantado o Paiol, edificação auxiliar em madeira de tábuas nuas e cobertura em duas águas com telhas cerâmicas tipo francesa, com uma cobertura auxiliar de 1 água na fachada sul, em telhas francesas. Ao norte do Paiol, está a Estrebaria, edificação rudimentar de 2 pavimentos, sendo o inferior um pequeno porão semi-escavado, com fechamento em tábuas de madeira, com acesso aos animais pelo potreiro à oeste. Na parte superior, usada para secagem de pasto, uma escada de pedras brutas conforma o acesso na fachada Leste. O pavimento possui paredes de tábuas nuas e cobertura de duas águas com telhas francesas. Junto à fachada norte, há um anexo com cobertura de 1 água com telhas metálicas oxidadas usado como chiqueiro. Estrutura auxiliares em madeira complementam a funcionalidade do conjunto como o galinheiro (localizado entre o paiol e a estrebaria), o forno de tijolos (à leste do paiol) e o poço (à leste da casa). O conjunto retrata o aspecto funcional da arquitetura vernacular rural e sua forma de apropriação do sítio pela família de imigrantes. A atual moradia da família, uma edificação em alvenaria, está implantada à sudeste do conjunto inventariado (Continua nos anexos). z

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimento
RECH, José. Flores da Cunha: 23 de novembro de 2023.
SARTORI, Maristela Giotti. Flores da Cunha: 23 de novembro de 2023.
Referências bibliográficas
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovilio. Os povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est, 2002.
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Séculum, 2007.
Sites e publicações on-line
SCHIAVENIN, Daniela. Comunidade de Nossa Senhora de Monte Bérico. Flores da Cunha, 3 de agosto de 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/daniela.schiavenin/videos/1278045809742799. Acesso 15 Dez 2023.

Locais pesquisados:
Biblioteca particular da Desvendare História e Comunicação.
Hemeroteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/ . Acesso 26 Set. 2023.
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.
MusCap – Museu dos Capuchinhos – Caxias do Sul.
Secretaria Paroquial, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha.

Anexos e Informações complementares:

IMAGENS COMPLEMENTARES (complementação)


(a)


(b)


(c)


(d)


(e)

LEGENDA:
(a) Vista do potreiro à Noroeste – 26/10/2023
(b) Vista nordeste do galinheiro – 26/10/2023
(c) Casa - detalhe beiral da varanda – 26/10/2023
(d) Casa - vista da fachada oeste do acesso ao porão – 26/102023
(e) Estrebaria – Fachada Norte – 26/10/2023

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 5.1.1.
Não houve acesso ao interior da Casa para registros fotográficos.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Gissely Lovatto Vailatti e Danúbia Otobelli (historiadoras).	02/05/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00054	**Localidade:** Travessão Riachuelo

Denominação do bem: Casa Família Polo

Endereço/Localização: Lote rural nº 36, Nossa Senhora do Monte Bérico

Proprietário: Jocelia Polo Bassanesi
Uso original e atual: residência/ residência
Latitude: -28°59'51"S **Longitude**: -51°08'07"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo de significado afetivo. **2) MORFOLÓGICA** –2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: construção com dois pavimentos, facilmente visível da beira da estrada. **3) FUNCIONAL** – 3.3 Uso tradicional: Permanência de usos originais nas estruturas existentes: cantina e residência familiar **4) TÉCNICA** – 4.4 Bom estado de conservação: sempre foi utilizada e conservada ao longo de sua existência. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA -** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.4 Elemento referencial. Bom estado de conservação: uso original e manutenções ao longo dos anos conservaram a edificação que se mantém em harmonia com a diversidade da paisagem, com o contexto rural, seja em escala e/ou tipologia e torna-se referência na paisagem.

Histórico:
A Casa Família Polo está situada no lote rural número 36, do Travessão Riachuelo. Foi adquirido por Alessandro Polo, casado com Maria Benata Polo, e falecido em 12 de maio de 1895, com 30 anos. Alessandro foi morto por engano durante as emboscadas da Revolução de 1893. O lote passou a pertencer a viúva Maria Benata que à época do falecimento estava grávida de Alexandre Polo. Foi Alexandre Polo quem edificou a construção na década de 1920 para moradia da família. Em segundas núpcias casou com Luiza Pretto Polo com quem teve os filhos Lino, Gelmino, Gentil e Lerino Polo. Alexandre também era pai de Angelina, fruto do primeiro casamento. Como possuia conhecimento em marcenaria, Alexandre construiu a casa com a ajuda de vizinhos. Os barrotes provinham dos vastos pinheirais existentes na região e as tábuas trabalhadas com instrumentos que denominavam de 'scaiaroli'. Alexandre também era o responsável por confeccionar os caixões fúnebres para os moradores da comunidade. No porão, a família fabricava o vinho para consumo próprio e abrigava a banha do porco. No andar superior ficava a sala e cozinha, além dos dormitórios. A casa foi cenário de acontecimentos felizes e tristes para a família. O próprio Alexandre, falecido após um AVC, foi velado na residência. A festa e o baile de casamento dos três filhos mais velhos (Lino, Gelmino e Gentil) também foram realizados na casa. Gelmino casou com Maria Pellizer Polo e permaneceu morando na casa, onde criou os filhos. Eles viveram na residência até 1985, quando se mudaram para uma nova moradia ao lado desta. Inicialmente, a casa ficou desocupada, mas depois passou a ser utilizada como moradia dos agregados da família. Em meados de 2008, a casa foi pintada de azul – anteriormente não tinha pintura. Defensor do patrimônio, Gelmino sempre se preocupou em conservar a residência construída pelo pai Alexandre e por isso a cada seis meses a casa passa por manutenção. Após a morte de Gelmino em 2015, a residência foi adquirida pela filha Jocelia Polo Bassanesi que segue mantendo a tradição de cuidar da antiga residência a pedido dos pais.

Documentação iconográfica:



Casa Polo 2002- Fonte: Mazzarotto e CHemello



Casa Polo 2002- Fonte: Mazzarotto e Chemello



2002 - Casa Polo azul entrada – Fonte: VENERE



2002 - Casa Polo azul entrada – Fonte: VENERE

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Frontal / Leste



Fachada Lateral / Norte



Fachada Oeste _acesso porão



Fachada Lateral/ Sul

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Forno a lenha próximo da residência



Detalhe ventilação do porão



Porta acesso sala estar



Quadro Sto. Antônio

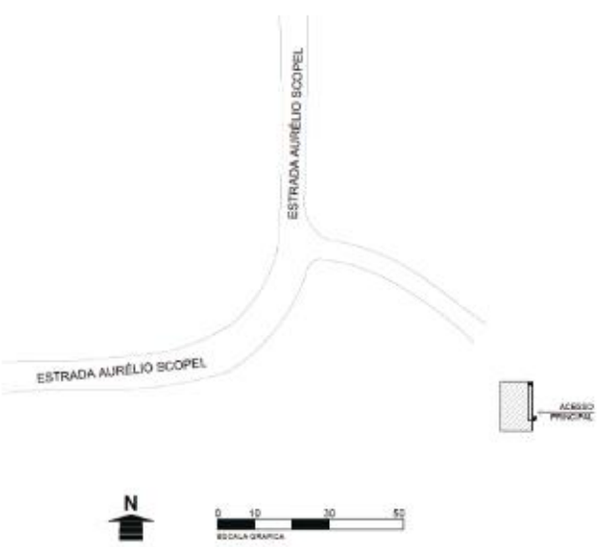


Detalhe estrutura porão

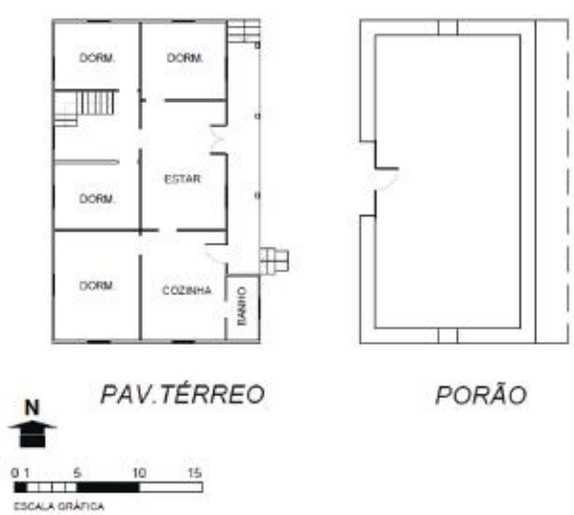
Análise Arquitetônica:

Residência unifamiliar de construção mista onde é composta por base de pedras basalto de formato irregular, paredes externas e internas em madeira implantada em uma encosta, onde parte do porão fica parcialmente escavado. Essa organização construtiva era fundamental para que o local mantivesse uma temperatura adequada, pois era no porão/ ou cantina que se armazenava parte da produção da família, principalmente o vinho e os produtos de origem animal. No térreo da residência a madeira foi utilizada nas paredes, divisórias, assoalho, forro e aberturas. O sótão, também em madeira pode ser acessado por escada interna do mesmo material. Este é iluminado e ventilado pelas aberturas localizadas nos frontões das fachadas norte e sul. A edificação possui cobertura em duas águas, com estruturas e oitões de madeira na parte dos dormitórios e estar e possui uma só água na região onde está a cozinha e o banheiro. Foram utilizadas telhas cerâmicas do tipo francesas. Na fachada leste encontra-se a varanda por onde é acessada a sala de estar e cozinha. Chama atenção na borda superior da varanda uma linha de tábuas de madeira cortadas em ângulo, com função meramente estética (semi arcos). As aberturas são em madeira com verga reta e vidros transparentes, sem tampões. E as janelas do porão são circulares e possuem uma tela de proteção do lado interno do cômodo. A pintura em tom azul é outra característica importante das construções desta época, tornando obras singulares na paisagem rural. De um modo geral, possui bom estado de conservação, mas suas madeiras necessitam de restauro, manutenção e conservação preventivas. Próximo à residência aparece o forno com cobertura de madeira e telhas metálicas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos:

BASSANESI, Jocelia Polo. Flores da Cunha, 8 de novembro de 2023.

POLO, Gelmino. Flores da Cunha, 29 de julho de 2006.

POLO, Gelmino. Flores da Cunha, 25 de setembro de 2006.

Referências Bibliográficas:

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST, 2002. 2ª ed.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Séculum, 2007.

Pesquisas não publicadas:

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.

VENERE. Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados:

Biblioteca e acervo pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	21/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00055	**Localidade:** Travessão Riachuelo, Monte Bérico.

Denominação do bem: Casa Polo - Revolução

Endereço/Localização: Lote rural 32, Estrada Mun. Aurélio Scopell, Monte Bérico, S/N.

Proprietário: Jocelia Polo Bassanesi
Uso original e atual: Residência / memorial da família
Latitude: -29,0005352° **Longitude**: -51,1349361°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade, 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: Edificação rural do período do apogeu da arquitetura de colonização, conhecida como "casa trincheira", edificada durante cenário hostil das revoluções da virada do século XVIII-XIX. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico e 2.3 Raridade Formal: Edificação vernacular em pedra talhada, com seteiras, fogão primitivo e abóboda de pedra com aproveitamento dos recursos naturais do entorno. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada no centro do lote rural. 3.3 Uso tradicional: sua finalidade restrita de cozinha permite sua continuidade de uso. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade na técnica construtiva e 4.2 Raridade no emprego de materiais: Paredes portantes, abóbada, chaminé e fogão em pedra basalto bruto encontrada no entorno; 4.4 Bom estado de conservação: apesar de alterações na cobertura e nas esquadrias, conserva suas principais características. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem e 5.4 Elemento referencial: edificação em harmonia com o entorno rural, aproveitando os recursos naturais e a topografia do terreno, elemento de destaque em área de morro, circundado por extensa área de cultivo de videiras.

Histórico:
Conhecida como Casa Polo – Revolução, está situada no lote rural número 32, do Travessão Riachuelo, da XIV Légua da Antiga Colônia Caxias. O lote foi adquirido por Bortolo Poletto chegado da Itália em 30 de janeiro de 1883. A casa foi construída por José Poletto em 1919, como uma forma de proteção para a família em virtude das emboscadas que ocorriam no Estado e na Região naquele período, visto a Revolução de 1893 que havia deixado mortos na comunidade de Nossa Senhora de Monte Bérico. A construção foi feita toda em pedra talhada, com portas e janelas em madeira. As pedras para sua edificação foram retiradas na propriedade. O coberto era feito de "scándole". Dois orifícios nas paredes laterais foram deixados abertos estrategicamente. Dessa forma, das fendas verticais era possível posicionar as armas, caso aparecessem pessoas estranhas ou suspeitas na propriedade. Por isso, a casa ficou conhecida como 'Casa Trincheira' ou 'Casa Revolução'. No andar térreo ficava o "fogoler", feito na própria terra batida. Essa cozinha também estava estrategicamente construída sobre uma vertente de água fresca. Dessa forma, os moradores não precisavam sair da casa para buscar água, o que evitava também caírem em emboscadas. Em outra parte, com assoalho, ficava o dormitório e o andar superior também abrigava dormitórios. Atrás da casa, há um muro de taipa e um galpão de madeira para os animais e uso diverso. Relatos dão conta que a família Poletto, quando se mudou para o Distrito de Criúva, em Caxias do Sul, construiu uma casa similar a esta naquela localidade. Em data incerta, a casa foi adquirida por Alexandre Polo, parente de José Poletto. Ele nunca chegou a residir nela, mas cedeu para moradia da família Pedron, que criou todos os 12 filhos na casa. Nessa época, a casa havia sido dividida em mais cômodos. A casa foi deixada de herança para os filhos de Alexandre, Gelmino e Lerino. Posteriormente, por ter um apego a residência, Gelmino assumiu a propriedade e passou a cuidar dela. Na década de 1980, quando a casa já estava desocupada, ele chegou a procurar a Prefeitura Municipal para doação à comunidade como bem histórico. Uma estrada em meio aos parreirais chegou a ser aberta para que a casa pudesse ser visitada. Como o poder público não formalizou a proposta, Gelmino retirou a oferta e passou a cuidar ele mesmo da residência. Em 2014, a casa passou por uma reforma. Foi colocado rejuntamento das pedras nas paredes, o telhado foi trocado e uma gruta foi construída ao lado. Nessa gruta foram colocadas as imagens de Nossa Senhora Aparecida e Santa Bárbara. Posteriormente, os visitantes foram inserindo imagens de outros santos. Em 7 de setembro de 2014 a gruta foi inaugurada com missa e "menarósto". Em 2015, uma tempestade destruiu parte do telhado e este foi substituído por telhas galvanizadas. Por sua história, diversos grupos de estudantes visitaram a casa e também algumas filmagens foram realizadas ali, a exemplo do curta "Cadê o Circo?", dirigido por Cristian Beltrán, com roteiro de Pedro Nora e encenação da Cia Teatro de Garagem. O Estúdio SONA foi responsável pela captação, foley, gravação da trilha sonora, edição e mixagem. Gelmino Polo faleceu em 21 de julho de 2015 e deixou a casa e o zelo pela propriedade de herança para as filhas (continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Vista galpão e casa de pedra (déc. 1980). Fonte: ECIRS/UCS,1980.



Figura 2 – Vista cobertura (déc. 1980). Fonte: ECIRS/UCS,1980.



Figura 3 – Vista telhas de scandole (déc. 1980). Fonte: ECIRS/UCS,1980.



Figura 4 – Vista casa de pedra, 1983. Fonte: POSENATO,1983.



Figura 5 – Vista casa de pedra, 2002. Fonte: VENERE.



Figura 6 – Vista norte da cada de pedra, 2010. Fonte: Jornal O Florense.

Levantamento Fotográfico atual:



Vista do acesso oeste – 26/10/2023



Vista Noroeste – 04/03/2024



Casa - Fachada Oeste – 26/10/2023



Casa - Fachada Norte – 26/10/2023



Casa – Fachada Leste – 26/10/2024



Casa – Detalhe chaminé – 26/10/2024



Galpão – Fachada Oeste – 26/10/2024



Galpão – Fachada Norte – 26/10/2023



Fachada Leste – 26/10/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Entorno – 26/10/2023



Casa – Vista Interna – 26/10/2023



Casa – Vista Interna – 26/10/2023



Casa - Vista interna seteira – 26/10/2023



Casa – Vista Interna sotão – 26/10/2023



Galpão – Pav. Inferior estrebaria- 26/10/2023

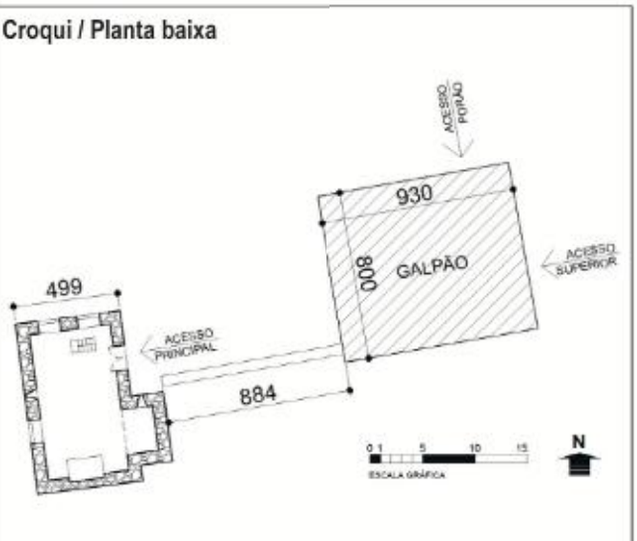
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação residencial de um pavimento em pedra e semi escavada na colina, com pequeno sótão na cobertura de 2 águas, construída para abrigar a cozinha da propriedade. As paredes, de espessura robusta, são em pedra basalto lascada, retiradas do próprio terreno. Originalmente as paredes possuíam junta seca entre as pedras, mas em reforma no ano de 2014 foram rejuntadas. Há duas seteiras estrategicamente posicionadas para vigia e proteção da casa: uma no centro da fachada nordeste, permitindo a visualização da estrada e outra na fachada leste, posicionada em direção à porta de entrada. No interior, o pavimento atualmente com planta livre possui um nicho abobadado em pedra sobre o local do antigo *cecher*, onde hoje há uma pia de resina instalada. Esta pia ainda é alimentada pela vertente de água que corre da colina. O piso permanece de chão batido. Uma nova base para o fogo à lenha ocupa a posição do antigo *Fogoler* de chão batido, utilizando-se a chaminé original de pedra. As aberturas possuem verga e contra-verga estruturadas por barrotes de madeira. As janelas são configuradas por tamponamentos externos de madeira. A única porta permanece com abertura de duas folhas, mas não é original. Um alçapão com escada tipo "marinheiro" faz a ligação com o sótão. A cobertura, originalmente em *scandole*, foi substituído por telhas metálicas em 2015. Nesta alteração também foi reformado o oitão de madeira, originalmente com uma janela triangular próxima a cumeeira, inferindo-lhe uma nova abertura retangular. À leste da casa de pedra, há galpão em madeira semiescavado, com contensões em pedra de basalto irregulares, sem data exata de construção, mas relatada pelos familiares como sendo "um elemento muito antigo" existente na propriedade. Seu pavimento superior (sotão) era usado originalmente como dormitório e secagem de grãos. A parte inferior, de chão batido, que servia como depósito e estrebaria, segue sendo usada para abrigas os animais. Originalmente este galpão possuía cobertura de telhas cerâmicas tipo francesa e as vedações externas eram de tábuas não beneficiadas. Após reforma, recebeu reforços estruturais nos muros de pedra e substituição das vedações por costaneiras. (Continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos:

COSTA, Vitória Matana. Flores da Cunha, 17 de março de 2024.

FONTANA, Terezinha Costa. Flores da Cunha, 17 de março de 2024.

Fontes primárias

Lei Municipal 2.447, de 17 de março de 2005. Denomina de "Estrada Jacob Mattana" uma via municipal da cidade de Flores da Cunha. Acervo digital Câmara Municipal de Vereadores de Flores da Cunha.

Referências Bibliográficas:

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

Sites e publicações on-line

Flores da Cunha: Cooperativa São Pedro completa cinquenta anos de atividades. Caxias do Sul: Jornal Correio Riograndense, 26 de março de 1980, p. 22.

Mensagem às novas gerações. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 26 de junho de 1976, p. 21.

Para a história da Câmara de Vereadores XXV. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 15 de março de 1978, p. 8.

Projeto ECIRS/UCS.

Pesquisas não publicadas

Inventário dos bens culturais de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados:

Biblioteca particular da Desvendare História e Comunicação.

Hemeroteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/ . Acesso 26 Set. 2023.

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

MusCap – Museu dos Capuchinhos – Caxias do Sul.

Secretaria Paroquial, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha.

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Os pais Gelmino e Maria Polo sempre orientaram para que a casa fosse preservada, por isso, a filha Jocelia Polo Bassanesi adquiriu a propriedade das irmãs e atualmente é a responsável pela 'Casa Trincheira', a qual se tornou um memorial.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)

A cobertura também recebeu telhas metálicas. É evidente a harmonia paisagística do bem com o entorno, seja pelos materiais, uso da topografia e o aspecto bucólico da edificação em meio aos parreirais e potreiros verdes. A edificação foi catalogada pelo inventário do IPHAE de 1980, ficha nº245.

ICONOGRAFIA (complementação)

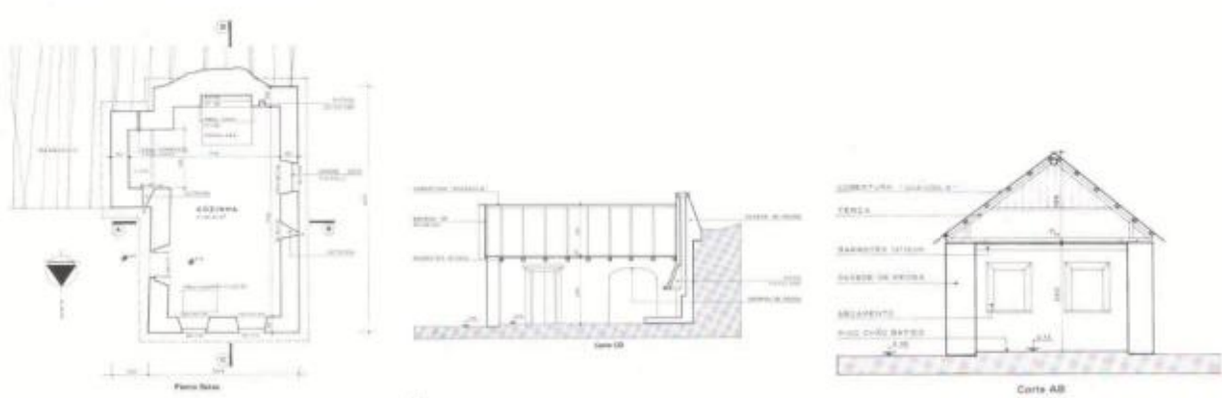


Figura 7,8 e 9 – Levantamento cadastral déc. 1980. Fonte: POSENATO,1983, págs. 258 e 259.



Pietro Polio, construtor; Travessão Riachuelo, Monte Bérico, Flores da Cunha.

Irene de Figueiredo Santos

Figura 10 – Foto do interior da casa de pedra, déc. 1980. Fonte: POSENATO,1983, págs. 478.



Figura 11, 12 e 13 – Fotos externas da casa e acesso. Fonte: ECIRS/1980.



Figura 14, 15 e 16 – Detalhes da casa de podra: porta de acesso, vita interna janela oeste e chaminé. Fonte: ECIRS/1980.

IMAGENS COMPLEMENTARES (complementação)



(a)



(b)



(c)



(d)

LEGENDA:

(a) Escada de acesso ao sótão – 26/10/2023
(b) Detalhe do fogão atual – 26/10/2023
(c) Capelinha junto ao muro de arrimo na área externa – 26/10/2023
(d) Vista do entorno à norte da edificação. – 26/102023

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 1.1.8.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	02/05/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00047	**Localidade:** Nova Roma – Travessão Riachuelo

Denominação do bem: Conjunto Casarão Soldatelli

Endereço/Localização: Rua das Rosas, 1152 (antigo lote rural nº 1).

Proprietário: Antônio Roque Soldatelli e outros.
Uso original e atual: Residência e comércio
Latitude: -29,0252831° **Longitude**: -51,1467125°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Não identificados.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.1 Referência Histórica; 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: importante núcleo familiar e comercial de imigrantes no desenvolvimento da região. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico; 2.3 Raridade Formal: pelo porte dos edifícios e esmero dos elementos arquitetônicos frente à época de construção. 2.4 Elemento referencial: marco visual em importante cruzamento de vias da localidade. **3) FUNCIONAL** – 3.2 Potencial de reciclagem: pelo porte de suas partes e localização privilegiada do bem. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais: fundações mistas com taipa de basalto e arcos de tijolos, forros com lajotas de barro na cobertura, portas e tamponamentos de janelas contraplacadas. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: destaca-se pelos efeitos topoceptivos da implantação do conjunto em lote de esquina, no cruzamento de importantes vias locais.

Histórico:
Em 1894, o imigrante italiano Luigi Soldatelli (1858-1943) adquiriu o lote rural nº 1, do Travessão Riachuelo, 14ª Légua da antiga Colônia Caxias. Quatro anos após a quitação do lote, em 1898, ele deu início a construção do casarão Soldatelli - na propriedade já existia uma casa de madeira construída entre 1887-1888. Para obter os tijolos necessários, montou uma olaria na propriedade. A obra de edificação foi realizada por Luiz Napoleão Mambrini e Braga. Os tijolos foram feitos por Anibal Bijola, que residia em São Marcos. Foram feitos de forma rudimentar, com os recursos da época. O transporte até a casa que estava sendo construída era feito através de uma carroça puxada por uma junta de bois (Ramalhete e Pimpom). Inicialmente a casa serviu de moradia da família. Luigi casou com Margherita Maria Letti com quem teve os filhos Pedro, Massimiliano, Fioravante e Rissieri, Ester, Libera, Adelaide, Maria e Bibiana. Também era casa de negócios, sendo a primeira casa comercial de Nova Trento. Ali vendiam fazendas (tecido), vinho, graspa, açúcar mascavo, café e outros produtos de uso doméstico. Diversas eram as pessoas que iam de Nova Trento à Nova Roma para fazer compras, mas a loja não funcionava todos os dias. Ao lado do casarão foi construída uma casa menor. Na parede havia um relógio do sol. Nela foi morar o filho Fioravante. Essa casa também servia para depósito de produtos como milho, trigo, arroz, feijão, banha, linho, aveia, sal, trança, erva-mate e outros. Servia para guardar o assoreamento dos animais e morada para peões. Em frente ao casarão passava uma antiga estrada que, fazendo a travessia do Rio das Antas, chegava a São Marcos. Por ali passavam diversos viajantes. Foi então que a nora de Luigi, Matilde Grizza, esposa de Maximiliano Soldatelli, passou a servir refeições aos viajantes que passavam por Nova Roma. A casa também era despensa para os preparativos das festas que faziam na capela de Nova Roma e até a década de 1940, os almoços festivos eram realizados na sala da casa. Faziam biscoitos, doces, agnolini e pães e resguardavam no sótão. Até 1960 a comunidade não possuia energia elétrica, havia um gerador que fornecia luz para a residência. Em 1971 a residência serviu como curtume e beneficiamento de peles da Manufatura de peles Florense, de propriedade de Antonio Roque Soldatelli, Vilson Fiorio, Arone Oliboni e Carlos Oliboni. Para dinamizar o funcionamento do curtume, foram retiradas algumas paredes internas e outras foram construídas. Por volta dos anos 2000 a casa foi pintada. A porta principal e a porta do portão foram substituídas por outras duas do mesmo modelo que as anteriores. O assoalho em madeira é original. Em 2003 o casarão abrigou o restaurante Cantina Casarão Soldatelli, de Espindola & Silva Ltda. A Universidade de Caxias do Sul fez estudos no complexo que envolve o casarão e seu entorno (casa, caseta e galpão), denominado "Conjunto Soldatelli". Estudantes de Engenharia Civil e Arquitetura da UFRGS e UNISINOS também realizaram estudos no local. A casa foi herdada pela família do filho Maximiliano Soldatelli, foi deixada para seu filho Antônio Soldatelli e a esposa Sabina Olinda Sandi Soldatelli. Atualmente, são herdeiros do imóvel os filhos Marlize, Euclides Maximiliano, Lorena Margarete, Neires Maria, Maria Helena, Bernardete e Antônio Roque Soldatelli. Duas casas do conjunto foram cadastradas no inventário de bens culturais de 1980 realizado na região da serra gaúcha pelo IPHAE.

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Luigi Soldatelli e a junta de bois em Torres/RS (década 1900).



Figura 2 – Antônio Soldatelli e família (década 1950).



Figura 5 – Foto do poço ao lado da antiga estrada entre as casas (1985).



Figura 3 – Legislatura de Antônio Soldatelli (1952)



Figura 4 – Casa menor em 1985.

Levantamento Fotográfico atual:



Casa 1 - Fachada Oeste – 26/10/2023



Casa 1 - Fachada Leste – 26/10/2023



Casa 1 - Fachada Norte – 26/10/2023



Casa 1 - Fachada Sul – 26/10/2023



Casa 2 - Fachada Oeste – 26/10/2023



Casa 2 - Fachada Leste – 26/10/2023



Casa 2 - Fachada Norte – 26/10/2023



Casa 1 - Fachada Sul – 26/10/2023



Galpão - Fachada Norte – 26/10/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista da estrada – 26/10/2023



Casa 2: Lajotas cerâmicas no forro – 26/10/2023



Casa 1: detalhe das carrancas nas janelas – 04/09/2023



Casa 2: Relógio do sol – 26/10/2023



Casa 1: Vista interna do porão – 26/10/2023

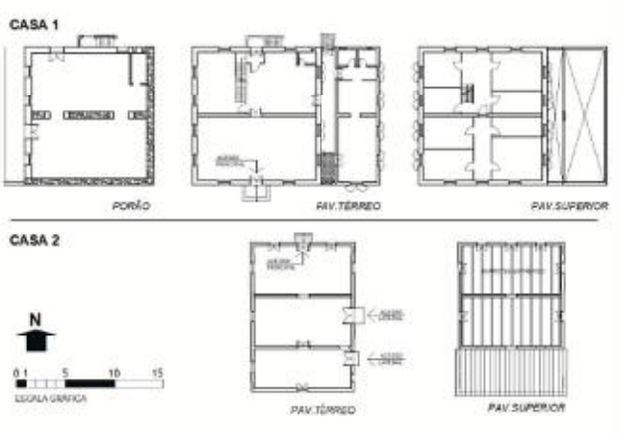
Análise Arquitetônica:

Trata-se de um conjunto de 3 edificações composto por duas casas em alvenaria do início do período de apogeu, construídas na década de 1900 e um galpão em madeira, pedra e tijolos. Este último, conforme relatos, trata-se de uma elemento muito antigo usado como "paiol". Uma quarta edificação residencial, mais nova, em tijolos à vista, substituiu na década de 1990 a estrutura de madeira usada para estacionamento de máquinas e veículos. Próximo desta ficava o poço d'água que abastecia a propriedade, hoje apenas representado simbolicamente. O conjunto está implantado em lote de esquina formada pela Rua das Rosas com a Estrada Angelo D'oro (recentemente implantada). O lote encabeça o cruzamento com a Estr. Munic. Antônio Soldatelli, principal eixo de ligação com o centro da cidade, o que potencializa visualmente a presença do conjunto. Conforme os herdeiros, este eixo de via prolongava-se por entre as duas casas. A Casa 1 foi a primeira edificação erigida do conjunto e trata-se de uma residência com 3 pavimentos e sótão. A planta retangular foi construída sobre embasamento de pedra e arcos de tijolos, conformando o porão. Sobre este ergue-se os pavimentos térreo e superior, com paredes portantes em alvenaria de tijolos rebocados, sustentando entrepisos de madeira com barrotes e assoalho originais. Possui cobertura de duas águas com estrutura em madeira e telhas francesas, cujo prolongamento à leste cobre um anexo de dois cômodos no térreo. Uma circulação permanentemente ventilada para a qual estão voltadas as janelas de ambas as partes separa o anexo. Isto sugere que esta ampliação teve como finalidade abrigar o setor de serviços da casa. Uma escada de madeira com guarda corpo ornado em lambrequins faz a ligação vertical dos pavimentos, do térreo ao sótão. As fachadas expressam a composição simétrica dos elementos sobre o eixo leste-oeste da planta, com predominância de cheio sobre vazios e ritmo regular das aberturas. As janelas possuem verga em arco abatido. As portas térreas das fachadas norte e sul apresentam bandeira em arco pleno com serralheria artística de proteção. No pavimento superior, as janelas das fachadas leste e oeste possuem altura reduzida em função da inclinação da cobertura. (Continua nos anexos)

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos:

OLIBONI, Maria Helena Soldatelli. Flores da Cunha, 20 de janeiro de 2020.

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli. Flores da Cunha, 20 de janeiro de 2020.

Referências bibliográficas:

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST, 2002. 2ª ed.

MENEGAT, Joana Carraro; CHINATO, Luiza Dani; CURRA, Maria Elizabete Dalmina. Casas de Negócios: o comércio de Nova Trento. Flores da Cunha: J.C.M., L.D.C., M.E.D.C., 2004.

MORETTO, Paulina Soldatelli. A caminhada dos Soldatelli. Porto Alegre: Ed. da autora, 1991.

TRENTIN, Ary Nicodemos; TONIAZZO, Aldo. Estações: imagens da cultura de imigração italiana no Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: EDUCS, 1985.

POSENATO, Julio. Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

Pesquisa não-publicada:

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto, 2002.

Sites:

FIÓRIO, Gabriela. Comunidades e bairros: herança ainda intacta. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 20 de junho de 2021. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/comunidades-e-bairros-heranca-ainda-intacta/15217 .

RECH, Maria de Lourdes. A casa de comércio Soldatelli em Nova Roma. Flores da Cunha: Jornal O Florense, 20 de julho de 2018. Disponível em: https://www.jornaloflorense.com.br/colunistas/maria-de-lurdes-rech/21/a-casa-de-comercio-soldatelli-em-nova-roma/3198 . Acesso 8 Nov 2023.

Locais pesquisados:

Biblioteca particular da Desvendare História e Comunicação.

Biblioteca particular da Usina Arquitetônica Ltda.

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

Anexos e Informações complementares:

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)

Todas as esquadrias são de madeira e os tamponamentos externos foram removidos na maioria dos vãos, permanecendo apenas as ferragens das carrancas e pinos de dobradiças na alvenaria. Uma cimalha orna os beirais da cobertura e uma cornija lisa demarca a divisão entre porão e pavimento térreo no volume. A Casa 2, de menor tamanho, trata-se de uma residência de alvenaria rebocada de dois pavimentos também usada como depósito de produtos. A planta retangular eleva-se em 2 volumes sobre o embasamento de pedra basalto. O volume principal, mais alto, com dois pavimentos e cobertura em duas águas. Na parte sul, o puxado de um pavimento com cobertura de uma água. Originalmente a cobertura era de telhas artesanais tipo capa-canal que foram recentemente substituídas por telhas coloniais industrializadas. Nesta reforma foi mantida apenas parte do forro de lajotas cerâmicas que compunha a cobertura original. Não há vestígios da posição da escada interna, uma vez que permanecem em seu interior apenas os barrotes de madeira do entrepiso. As fachadas seguem a austeridade volumétrica da Casa 1, com predomínio de cheio sobre vazios e aberturas de janelas e portas com vergas em arco abatido (com exceção de uma das portas de acesso lateral na fachada leste). Sobre a porta principal na fachada norte, vestígios do relógio de sol, bastante apagado em relação aos registros anteriores. A escada de tijolos com junta de barro no acesso desta porta foi reformada e revestida com argamassa. Fissuras no reboco e rachaduras na alvenaria são evidentes em todas as fachadas. Intervenções corretivas em um dos vãos de janela na fachada norte descaracterizaram a verga em arco. O Galpão rudimentar, localizado à sudeste da Casa 2, há muitos anos é utilizado como paiol e abrigo para ferramentas e máquinas. Possui emprego de materiais mistos. Pilares em alvenaria de tijolos com argamassa de barro e uma taipa de pedra fazem a estrutura principal. Pilares secundários e tesouras de madeira estruturam sua cobertura. As vedações e fechamento das aberturas são feitos com tábuas de madeira. O telhado principal, possui telhas metálicas e as coberturas complementares são de telhas cerâmicas francesas. Sob a cobertura principal, há um sótão, cujo entrepiso possui estrutura robusta de madeira, denotando seu uso para secagem e armazenamento de produtos. Informações anteriores sobre as Casas 1 e 2 podem encontradas na ficha nº 244 do inventário de 1980/ IPHAE-RS.

OUTRAS INFORMAÇÕES:

No interior da Casa 1 há um acervo de peças da família, com fotografias e móveis antigos, expostos no térreo. Uma placa afixada na fachada sul deste edifício comemora o segundo encontro de descendentes da família, realizado em 1994. No interior da Casa 2 estão armazenadas alguns dos tamponamentos de janela destes edifícios, dentre outras peças usadas na propriedade como carretões, rodas de carroça e ferramentas.

Observações:

Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 5.1.5.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schineider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Ottobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	16/01/2023.

SETOR 06

SÃO JOÃO E SÃO CAETANO

- CASA FAMÍLIA BETT
- CASA ANGELO ZIN
- CASA GAVAZZONI
- CAPELA SÃO CAETANO
- CAPELA SÃO JOÃO BATISTA - CAVOUR
- CAPITEL DE NSA. SRA. DO PEDANCINO



SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00057	**Localidade:** Travessão Cavour

Denominação do bem: CASA FAMÍLIA BETT

Endereço/Localização: Lote rural nº 56, do Travessão Cavour - Capela São João Batista

Proprietário: Alice Bett
Uso original e atual: Residência/depósito
Latitude: -29,0513468° **Longitude**: -51,1568144°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL:1.3 Valor tradicional ou evocativo: Marco histórico no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para duas descendências familiares. **2) MORFOLÓGICA:** 2.1 Valor arquitetônico; 2.3 Raridade formal: Edificação com caracteristicas do processo de imigração; **3) FUNCIONAL**: 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana; ~~3.2~~ Potencial de reciclagem;-É compativel com o entorno, sua estrutura é passível de readequação funcional, sendo um espaço interessante para estabelecimento turístico. **4) TÉCNICA:** 4.4 Bom estado de conservação: Edificação conservada pela família ao longo dos anos; **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.4 Elemento referencial: Está em harmonia com a paisagem e se destaca nela quando vista das estradas que a ladeiam.

Histórico:
A Casa da Família Bett está situada no lote rural nº 56, do Travessão Cavour, XI légua da antiga Colônia Caxias. Uma das primeiras famílias vindas da Itália a residir no Travessão Cavour foram os Zim, estabelecidos a partir da chegada de Giovani Zim e Angela Rizzo, em 1880. Depois de instalados, constituíram sua família. Entre os seus filhos estava Antônio Zim, casado com Catarina Bordin. Eles tiveram os filhos José, João, Fiorindo, Maria, Luiz Estevão, Stéfano, Angela, Rafaela, Terezinha, Madalena, Verônica e Domingos. Foi Stéfano Zim (?-1991), casado com Santa (ou Santina) Argenta, quem construiu a casa para abrigar a família. Informações registradas no "Projeto Patrimônio Arquitetônico" sugerem que a construção tenha ocorrido em 1943, porém algumas características levam a pensar que se trata de uma edificação mais antiga. Stéfano e Santa tiveram os filhos Catarina, Italina, Valmor, Dalvina, Dirce e Valter. A casa foi edificada sobre um muro de pedra de taipas e construida com paredes de tijolos assentados com barro, os quais foram produzidos na propriedade. A parede do lado oeste não chegou a receber reboco externo e nela é possivel visualizar os tijolos, o que aponta para alguma possível modificação de estrutura que possa ter ocorrido ao longo do tempo. Anexo a esta parede se encontra uma edificação em madeira com base sobre pedras irregulares de basalto, que é utilizada como depósito. A casa servia apenas para dormitório e estava dividida internamente com paredes e foro em madeira. Eram três quartos e uma sala. A área de comer ficava numa casa ao lado. Em 1949, a família Zim, devido à grande intempérie que estragou as plantações, decidiu se mudar para o centro urbano de Flores da Cunha. Assim, Stéfano vendeu a casa para João Lourenço Bett, oriundo de uma família também relacionada aos primeiros imigrantes que se estabeleceram no travessão. Casado com Santina Zuppa teve os filhos Luiz Eduardo, Danila, Flávio, Alice e Valmir – os três últimos nascidos na propriedade. Para a sobrevivência familiar, Lourenço Bett cultivava uva, trigo, aveia e produzia pasto para os animais. Quando se mudaram, a casa maior era usada como dormitório e a menor, ainda existente, mas que foi reformada, como cozinha. Uma patente ficava ao lado da casa, já que não existia banheiro. Alice Bett recorda que por existir a casa de dormir e a casa de comer, a mãe Santina enfrentava dificuldades quando os filhos eram pequenos para se deslocar entre uma casa e outra nos dias de chuva e no inverno. Ela lembra que quando o irmão Valmir era criança a mãe adaptou um pequeno instrumento que servia como fogareiro para conseguir aquecer o leite e não precisar ir até a casa-cozinha nas noites chuvosas e frias. A casa não possuía luz elétrica. A iluminação era feita inicialmente com lampião e velas e posteriormente Lourenço adquiriu um motor a gasolina que fornecia energia para uma lâmpada na cozinha e na área externa. A água para abastecimento provinha das inúmeras vertentes existentes na propriedade. No porão da casa de dormir, Lourenço fabricava vinho para consumo familiar. Posteriormente, já quando a família não residia mais no andar superior, Flávio e Luiz Eduardo Bett passaram a produzir vinho para venda no mesmo porão. Adquiriram uma esmagadora de uva usada e algumas pipas e produziam vinhos para venda em garrafões. Nos anos de 1970, a casa que abrigava a cozinha foi reformada, teve sua área aumentada, e diversas mudanças foram feitas para servir de residência da família, agora com dormitórios e cozinha juntos. A partir de então a casa de dormir ficou desocupada. Há cerca de 10 anos, Alice fez pequenos reparos no telhado e fechou com tijolos as duas janelas do lado oeste, devido a infiltrações quando chovia. Também construiu uma escada de acesso em alvenaria – anteriormente era de madeira. A casa foi pintada de rosa, tal como Alice recorda que era desde sua infância. No ano de 2023, a casa foi cenário para uma produção cinematográfica. Em 2024, a

edificação servia como depósito.

Documentação Iconográfica:



Casa família Bett - 2002
Projeto patrimônio
MAZZAROTTO E CHEMELLO

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada principal – 29/02/2024



Fachada fundos - depósito – 29/02/2024



Fachada Lateral – 29/02/2024



Fachada Lateral – 29/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Interior porão da casa – 29/02/2024



Interior porão da casa – 29/02/2024



Interior porão da casa – 29/02/2024



Interior da casa de dormir – 29/02/2024



Interior da casa de dormir – 29/02/2024



Interior da casa de dormir – 29/02/2024



Porão do deposito anexo – 29/02/2024



Interior anexo – 29/02/2024



Forno - 29/02/2024

Análise Arquitetônica:

A casa da família Bett está localizada no encontro de duas estradas, um volume único com dois pavimentos e telhados de quatro águas em telhas cerâmicas. O porão e parcialmente semi escavado em pedras de basalto irregulares e tijolos, rebocado externamente. O piso, atualmente, é em concreto e o teto sem foro, com a estrutura em madeira do piso do andar superior aparente. No centro um pilar em madeira recebe a carga da viga. O andar superior, destinado aos dormitórios é em alvenaria de tijolos cerâmicos. As divisórias internas são em madeira como o forro. As janelas são do tipo guilhotina com tampões internos. A fachada da frente observa-se o porão rebocado, como o andar superior e as janelas são simétricas e alinhadas. Na fachada de acesso, as paredes são rebocadas e uma porta central de abrir em duas folhas com vidros, em cada lateral uma janela. Uma escada de concreto leva o acesso, mas originalmente era em madeira. A fachada de acesso ao porão, um portão com arcobotante em tijolos e verga reta em madeira e uma janela em cada lateral. O andar superior três janelas dispostas de maneira simétrica e alinhada as inferiores. Na fachada de fundos, não há reboco, um portão no andar do porão e duas janelas no andar superior. Próximo a casa uma edificação que é usada com deposito.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimento

BETT, Alice. Flores da Cunha, 19 de fevereiro de 2024.

Referências bibliográficas

COLODA, Valentin Antonio. Os 110 anos da Capela São João Batista - Travessão Cavour. Porto Alegre: EST Edições, 1992.
COLODA, Antonio; COLODA, Santos; COLODA, Valentin. *Trajetória das famílias Colloda e Zin*. Porto Alegre: Editora Evangraf Ltda, 2007.
FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias*/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.
Pesquisas não publicadas
MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: SMECD, 2002.
LOCAIS PESQUISADOS
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Locais pesquisados:

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 26/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00058	**Localidade:** Travessão Claro

Denominação do bem: Casa Família Zim

Endereço/Localização: Lote rural nº

Proprietário: Valdemar Zim
Uso original e atual: residência/ depósito
Latitude: -29°03'27"S **Longitude**: -51°08'35"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo: marco histórico no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para numerosa descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: construção com porão de pedra e tijolos, de dois pavimentos, localizada na beira da estrada. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: É compatível com o entorno, sua estrutura é passível de readequação funcional. **4) TÉCNICA -** 4.4 Razoável estado de conservação: a edificação foi sendo utilizada e adaptada ao longo do tempo e isso garantiu-lhe uma certa conservação, manutenções foram realizadas de acordo com as necessidades. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário: está em harmonia com a paisagem e se destaca nela quando vista da estrada municipal que passa em frente da propriedade.

Histórico:
Situada no Travessão Claro, a casa pertence aos descendentes de Angelo Zim e Adelia Marcolin Zim. Acredita-se que tenha sido construída na década de 1930 pela família de Alcides Boscatto. Depois, foi adquirida pela família Suliane. Por volta de 1948, a casa foi comprada por Angelo Zim (1912-1992) que passou a residir com a esposa Adelia (1914-1989) e os filhos Matilde, João, Agnese, José Luiz, Eneida, Lourdes, Jaime, Valdemar, Odila e Iracema. Três anos após o casamento, realizado em 19 de setembro de 1937, Angelo e Adelia mudaram-se do Travessão Cavour para o Travessão Claro, numa propriedade a cerca 600 metros da casa e em 1948, foram morar na casa inventariada. No porão, feito em pedras, Angelo mantinha uma cantina para fabricação e venda de vinhos, a qual possuía pipas em madeira, confeccionadas por ele mesmo – a cantina foi desativada no final da década de 1970. No andar superior, ficavam a cozinha, sala e três quartos. Não havia banheiro, que foi construído após 1980 com tábuas de eucalipto. Para as necessidades, a família utilizava uma patente. A casa sempre foi pintada de amarelo. Na década de 1940, a luz provinha de uma usina, localizada próximo ao riacho que passa no Travessão e comandada pela família Nardon. Apenas em 1970, chegou a eletrificação rural. O abastecimento de água era difícil, pois não havia fontes nas proximidades. Inicialmente retiravam a água do poço por balde e posteriormente por mangueira. Em 1984, devido às constantes chuvas e a um temporal, o muro de pedras do porão desmoronou. Um novo muro foi erguido para sustentar a casa. Nessa mesma época, o telhado foi danificado e acabou sendo rebaixado. Houve a troca das telhas por aluzinco, pois não havia mais para compra telhas do mesmo modelo existente. Com o passar dos anos, os filhos de Angelo e Adelia casaram-se e deixaram a residência. O filho Valdemar permaneceu residindo na propriedade após o casamento com Isolda Dedea Zim, com quem teve os filhos Fernanda, Fernando e Fabiano. A família ocupou a casa até 2004, quando se mudou para uma nova residência construída em frente.A casa serviu de cenário para algumas histórias. Em determinada época, na sala da casa aconteceram aulas noturnas para jovens da comunidade que desejavam ser alfabetizados. Além disso, era ali que Angelo costumava contar histórias sobre sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932, que foi um confronto armado entre as forças paulistas contra o governo Getúlio Vargas, que havia ascendido ao poder por meio da Revolução de 1930. Alistado no 9º Batalhão dos Caçadores de Caxias do Sul, Angelo, juntamente com seu primo Giovani Zin e outros conterrâneos de Nova Trento, foram convocados para o combate. Foram cinco meses de combate e dias sofridos de lutas sangrentas. Em um desses combates, as forças rio-grandenses utilizaram uma igreja como prisão. Angelo, juntamente com Giovani Zin, foram encarregados de cuidar dos inimigos presos. Em certo momento, um preso correu em direção a porta e Angelo precisou atirar nele com seu fuzil. Essas e outras histórias sobre a revolução eram contadas por Angelo aos familiares. Outra história que foi muitas vezes recontada pela família, foi a localização de grandes buracos na terra, num local de difícil acesso na propriedade. Nestes buracos havia patamares que aparentavam camas, achavam que pudesse ter sido abrigo (casa subterrânea) ocupada por povos originários do território (bugres), muito antes da colonização italiana na região. Em 2024, a casa estava desocupada e servia como depósito. A família tem pretensões de readequar a funcionalidade do imóvel com vistas ao turismo rural.

Documentação iconográfica:



2002 - Casa de Angelo Zin
Fonte: Mazzarotto e Chemello

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Leste



Fachada Sul



Fachada Oeste



Fachada Leste/ Sul

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Visual do Porão



Escada de madeira que acessa o sótão



Interior da residência



Sótão



Muro de pedra no porão



Estrutura de madeira assoalho

Análise Arquitetônica:

Edificação residencial construída na década de 1930 de dois pavimentos com cobertura em duas águas, sendo o porão parcialmente enterrado com parede originalmente de basalto regular e partes em basalto irregular, demarcando assim a parte refeita devido a um desabamento. As demais paredes são em tijolos maciços aparentes. O pavimento térreo possui paredes externas em madeira com tábuas mata-juntadas bem como as paredes internas. As paredes externas são pintadas na cor amarela e as esquadrias marcam uma simetria nas fachadas, o que atualmente foi interrompida pelo fechamento das duas janelas que compunham a fachada norte. As janelas são em madeira do tipo guilhotina com vidros lisos sem tamponamento. O assoalho e forro também são em madeira bem como a escada que liga este pavimento ao sótão, com cobertura de telhas cerâmicas tipo francesas. As janelas no oitão ventilam e iluminam o ambiente, originalmente ocupado como depósito. Ao sul, possui um volume anexo com cobertura de uma água, que abriga a cozinha, com acesso direto para o exterior da residência. Junto à fachada oeste foi construída posteriormente uma cobertura com estrutura em madeira e telhas metálicas cobrindo toda a extensão da mesma. Além desta existe outra cobertura em frente à porta que acessa o porão com estrutura em madeira roliça e telhas metálicas que serve como abrigo para os veículos e depósito de utensílios.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimento:

ZIM, Isolda De Déa. Flores da Cunha, 19 de fevereiro de 2024.

Referências bibliográficas

BOSCATTO, Claudino Antônio. Memórias de um neto de imigrantes italianos pioneiros de Nova Trento. Flores da Cunha: O Florense, 1994.

COLODA, Valentin Antonio. Os 110 anos da Capela São João Batista - Travessão Cavour. Porto Alegre: EST Edições, 1992.

COLODA, Antonio; COLODA, Santos; COLODA, Valentin. Trajetória das famílias Colloda e Zin. Porto Alegre: Editora Evangraf Ltda, 2007.

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

Pesquisas não publicadas:

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: SMECD, 2002.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Brasil Escola

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	30/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00059	**Localidade:** Travessão Claro

Denominação do bem: Casa Família Gavazzoni

Endereço/Localização: Lote rural nº 31, Travessão Claro

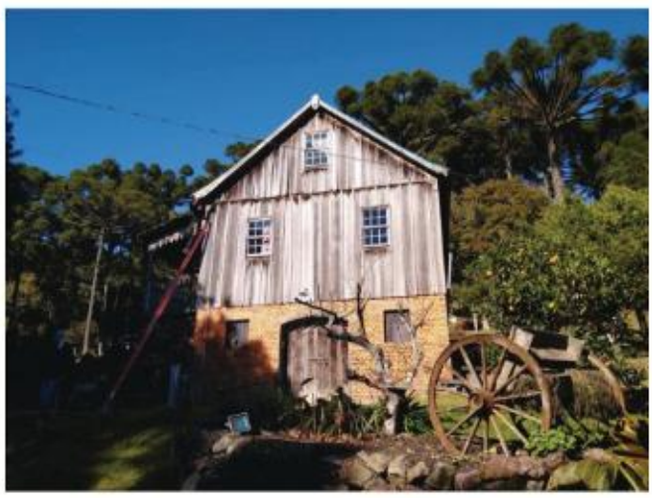
Proprietário: Daniel Gavazzoni, Juarez Gavazzoni, Ademir Gavazzoni, Nelson Gavazzoni e Fernando Fante
Uso original e atual: residência/ chácara
Latitude: -29°04'31"S **Longitude**: -51°08'00"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo: marco histórico no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para numerosa descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: construção de dois pavimentos com porão de tijolos e madeira, localizada próximo da estrada. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: É compatível com o entorno, sua estrutura é passível de readequação funcional, sendo a cozinha um espaço interessante para estabelecimento de um museu, com diversas fotografias muito antigas emolduradas e diversos objetos, o mesmo se pode dizer a parte que diz respeito ao anexo onde ainda são resguardados **4) TÉCNICA -** 4.4 Bom estado de conservação: bastante utilizada e conservada ao longo de sua existência. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário: está em harmonia com a paisagem e se destaca nela quando vista da sede comunitária, possuindo grande valor arquitetônico como conjunto.

Histórico:
A Casa Família Gavazzoni está situada no lote rural nº 31, do Travessão Claro, XII légua da antiga Colônia Caxias. A propriedade teria sido originalmente ocupada por Marco Novelo, chegado de Treviso, na Itália, em 1878, juntamente com a esposa Catarina e os filhos Maria e Luigi. Entretanto, outros assentos, dão o sobrenome como sendo Marchioro. O lote foi quitado pelos herdeiros em 1894. Marco faleceu em 30 de junho de 1892, aos 50 anos, deixando os filhos Maria, Luiz, Teresa, Batista e Francisco. Foi o filho Batista Novelo quem teria construído a casa, possivelmente em sua juventude (década de 1910) utilizando-se de madeira de pinheiros presentes na propriedade e serrados à mão, utilizando-se do 'segon' (serra grande). A edificação conta com tábuas brutas, mata-juntadas e alicerçada com tora de pinho. Na cobertura foram colocadas telhas de barro e beiral de lambrequins em madeira ainda preservados. O porão era utilizado para produção de vinhos para consumo próprio – em 2024, serve como um ambiente de convivência. No primeiro andar ficavam a sala e os quartos, somando cinco cômodos. O sótão com dois cômodos servia para depósito e guarda de materiais. A edificação era abastecida inicialmente com lamparinas e posteriormente por meio de energia provinda de usina. A água vinha dos poços artesianos. Em 2012, a casa sofreu algumas alterações com a construção de banheiro e uma área de serviço com churrasqueira. Não há informações sobre quem residiu na propriedade, além da família de Batista Novelo. Em data incerta foi adquirida pela família Gavazzoni. A casa foi cenário, em 2023, para a produção audiovisual em comemoração aos 99 anos de emancipação política de Flores da Cunha e divulgado durante a Semana do Município. Também serviu de cenário para ensaios fotográficos. No entorno da edificação, existe uma capela e um pequeno campanário, vários capitéis em honra a santos diversos, galpão para festas e jantares, estrebaria, forno, piscina e açude. Há ainda a presença de diversas araucárias. Em 2024, a casa era utilizada como local de lazer, na chácara de propriedade de Daniel, Juarez, Ademir e Nelson Gavazzoni e Fernando Fante.

Documentação iconográfica:





Residência e capitel de madeira_ 2021. Fonte: https://viajandocommarcosh.wordpress.com

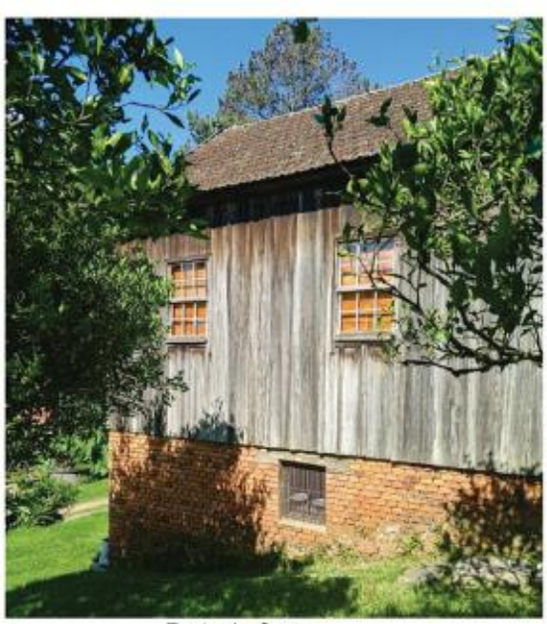
Levantamento fotográfico atual:



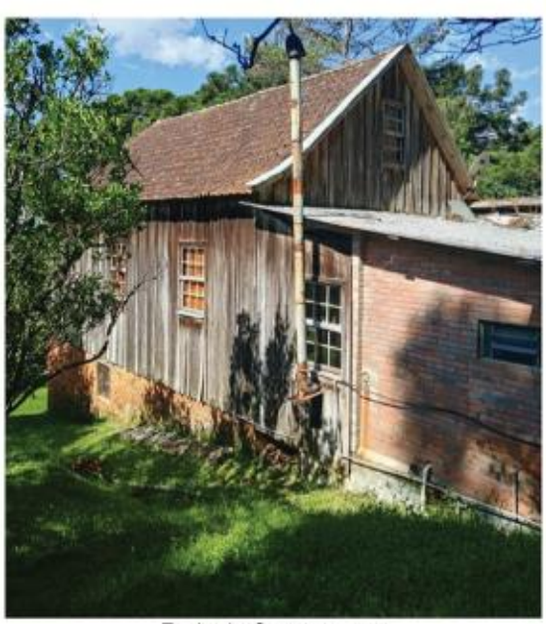
Fachada Frontal _ Leste



Fachada Norte



Fachada Oeste



Fachada Oeste_anexo

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Fachada Norte/ Leste



Detalhe da varanda com piso de madeira





Varanda_lambrequins e balaústras em madeira



Interior da residência

Análise Arquitetônica:

A edificação residencial é formada por dois pavimentos e tem como materiais construtivos tijolos e madeira com cobertura em duas águas. O porão, semi-escavado, possui estrutura com toras de pinho e fechamento em alvenaria de tijolos maciços com argamassa de barro. Essa lógica de construção era fundamental para que o ambiente mantivesse sua temperatura constante, pois era no porão que se armazenava parte da produção familiar, especialmente o vinho. Seu acesso se dá por portão de madeira de duas folhas inserido em uma abertura com verga de arco cimbrado, na fachada norte. Para proteção deste foi construída uma cobertura com estrutura em madeira com telhas cerâmicas que originalmente não existia. A ventilação é realizada por meio das três aberturas com grades da fachada norte e oeste. O pavimento térreo em tábuas de madeira nua mata juntadas abriga os dormitórios, sala e cozinha e pode ser acessado através da varanda com assoalho, forro e balaústras de madeira. Decorando a extremidade do beiral que cobre a varanda estão aplicados os lambrequins de madeira. Ainda neste andar, a casa sofreu algumas alterações com a construção de um anexo contendo o banheiro e uma área de serviço com churrasqueira. Uma escada de madeira liga este pavimento ao sótão, com cobertura de telhas cerâmicas tipo francesa. Uma janela em cada oitão ventila e ilumina este ambiente originalmente ocupado como depósito e dormitório de visitas. As esquadrias são de madeira com abertura em guilhotina com vidros lisos sem tamponamento.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimento:

GAVAZZONI, Daniel. Informações enviadas via WhatsApp, 18 de março de 2024.

Referências:

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

Sites:

https://viajandocommarcosh.wordpress.com

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti	20/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00060	**Localidade:** Capela São Caetano

Denominação do bem: CAPELA SÃO CAETANO

Endereço/Localização: Travessão Claro - Capela São Caetano

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: capela / capela
Latitude: -29,0592182° **Longitude:** -51,1314747°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Altar-mor, estatuaria, bancos, confessionário



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: 1.1 Referência histórica: 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: Construção segundo relatos de 1902, sua implantação e construção a torna um marco histórico e visual na paisagem. É uma referência religiosa e comunitária tornando-se uma referência coletiva para inúmeras pessoas.**2) MORFOLOGICA:** 2.1 Valor arquitetônico: Edificação com qualidade formal, símbolo das edificações religiosas da imigração italiana, com inspiração de matriz clássica. 2.4 Elemento referencial: Localização em área elevada e próxima a uma estrada municipal de ligação entre as propriedades rurais. **3) FUNCIONAL**: 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: Implantação valoriza a estrutura viária rural. 3.3 Uso tradicional: Até hoje permanece com o mesmo uso, capela. **4) TÉCNICA:** 4.4 Bom estado de conservação: Bom estado de conservação em função do uso contínuo ao longo do tempo e manutenções que conservaram a edificação como um todo

Histórico:
Em 1895, a família dos imigrantes italianos Angelo e Corina Soliani doaram uma área de terras (5.400m²) do lote rural número nº 11, para construção do cemitério e da igreja em honra a São Caetano de Thiene. Em 1902, Bortolo Craco e Lucia Zanetti doaram mais 800,00m², que passaram a incorporar a área anterior. Na escritura de doação dessas terras, que hoje pertencem à Mitra Diocesana de Caxias do Sul, Bortolo reservou o direito de que a doação só deveria pertencer à igreja e ao cemitério enquanto fossem mantidos e preservados "em construção de pedra, de madeira ou de tijolo." Conforme registros, a igreja, em alvenaria, foi edificada naquele mesmo ano no ponto mais alto da localidade. Entretanto, a primeira menção à Capela São Caetano, no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, data de 1912, quando são realizadas as provisões do Curato de Nova Trento. Em 20 de junho de 1913, foi concedida a licença para bênção do sino da capela. Conta-se que alguns anos após a sua construção, um morador reivindicou a posse das terras doadas, o que ocasionou na década de 1940 um longo processo judicial para reavê-las em favor da comunidade, e por este motivo a capela acabou ficando fechada por anos, o que acabou resultando no roubo do sino e da imagem de São Caetano. Em 1946, foi totalmente reformada, tendo essa reforma sido inaugurada em 27 de maio de 1947. Outra reforma ocorreu em 1962, quando o piso original, em tijolos maciços, foi revestido com ladrilhos hidráulicos e foi instalado um comungatório em madeira, pois eram usados dois bancos de madeira para separar a nave principal do presbitério. Nesta reforma, também foi elevada a altura da igreja e as janelas foram modificadas, deixaram de ser baixas e largas para serem mais altas e estreitas. A parede lateral, próxima da torre, precisou também ser quase que totalmente refeita, além de algumas paredes também sofreram intervenção. Os responsáveis pela reforma foram os construtores da Família Cecconello, que residiam na comunidade de São Gotardo. O altar-mor, em madeira, foi adquirido na década de 1940 e transportado até a igreja com o caminhão do Franzoi (nome não identificado), e também o canto alto. No alto da porta de entrada consta o ano de 1895. Ao lado da igreja e do campanário foi construído o salão comunitário. O primeiro funcionou no interior da antiga Aula Municipal N.º 14. Esta escola foi desmanchada em 1948 e no local foi construído um salão comunitário. Mas, somente em 1971 a comunidade foi beneficiada com a instalação de energia elétrica. No decorrer dos anos, muitos moradores da capela se distanciaram, migraram para outras localidades ou buscaram integrar as comunidades vizinhas, o que reduziu consideravelmente o número de sócios. Em 06 de agosto de 1995 uma festa em honra a São Caetano promoveu o reencontro comunitário. Missa e almoço ao ar livre, seguidos de música na parte da tarde, deram início ao resgate das tradições. Em abril de 1997, por meio da Lei Municipal 1.882/97, o Poder Executivo concedeu um auxílio financeiro de R$ 1.500,00 à Sociedade dos Amigos de São Caetano, fundada naquele ano, para auxiliar nas despesas de construção do novo salão comunitário. Depois de construído, uma família passou a residir na antiga Escola Municipal Felipe dos Santos, responsabilizando-se pelos cuidados necessários com os imóveis e o entorno. Por muitos anos o casal Remi Marcolim e Marilene Gavazzoni Marcolim foram dirigentes comunitários e a eles se deve muito a preservação do local. Em 2004, cinco casais motivados pela ideia da preservação realizaram rifas, festas e arrecadaram doações para a pintura externa da igreja e a substituição do telhado. Adquiriram um novo sino, visto que o antigo havia sido roubado, e o instalaram quando foi concluída a reforma do campanário. No dia 2 de agosto de 2015, os moradores celebraram os

120 anos da capela com missa festiva celebrada pelo padre Tacílio Ferreira Gomes, de São Paulo, escolhido por integrar a Província Paulo VI da Ordem dos Clérigos Regulares, congregação fundada por São Caetano.

Documentação Iconográfica:



Capela em 1987
Fonte: Jornal O Florense



Capela em 1998
Fonte: Jornal O Florense



Capela em 2002
Fonte: Jornal O Florense



Capela em 2002
Fonte: Mazzarotto e Chemello



Capela em 2004
Fonte: Jornal O Florense



Angelo e Sadi Bertin em 2015
Fonte: Jornal O Florense- Camila Baggio



Angelo e Sadi Bertin em 2015
Fonte: Jornal O Florense- Camila Baggio

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 04/09/2023



Fachada Sul – 04/09/2023



Fachada Oeste – 04/09/2023



Fachada Sul – 04/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Det. presbitério – 02/02/2024



Nave principal e coro – 02/02/2024



Visão interna – 02/02/2024



Altar-mor – 02/02/2024



Det. comungatório – 02/02/2024



Confessionário – 02/02/2024

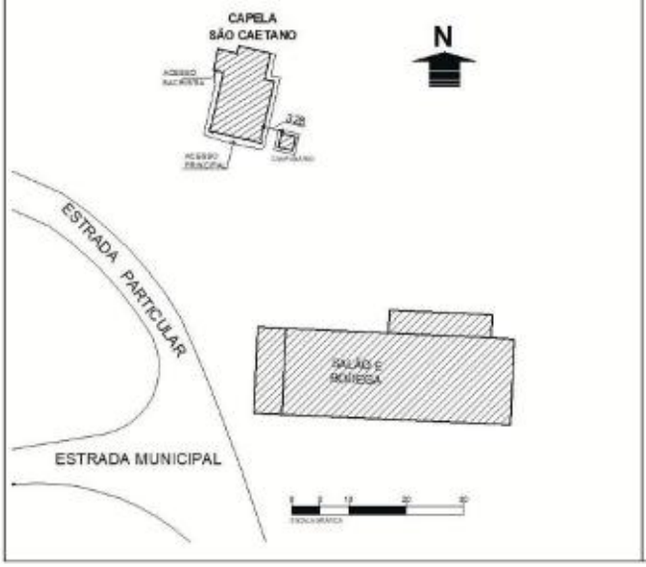
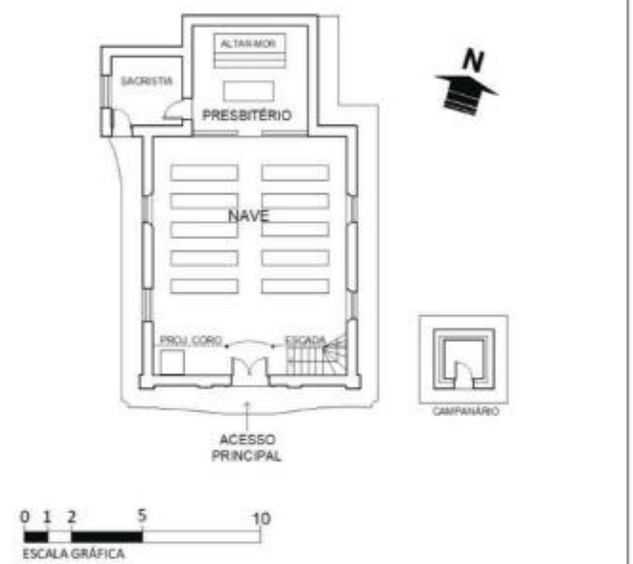


Det. Piso – 02/02/2024

Análise Arquitetônica:

A Capela: É uma edificação em alvenaria configurada em um volume único com uma pequena sacristia a esquerda e com a organização em linha (acesso, nave principal e presbitério). A nave principal é mais alta e longitudinal que o presbitério. Compositivamente a capela possui elementos que lembram a arquitetura românica, mas com as reformas realizadas no passar dos anos, pode-se dizer que é eclética. A porta de acesso principal é em arco pleno com bandeira superior com vidros que possibilita iluminação interna. Ha ainda uma arquivolta em arco pleno e colunas até a altura da arquitrave e sob esta bandeira fixa com vidros. Na extremidades da fachada principal há pilastras que chegam até a cornija e sobre esta corucheus. A Capela foi construida com embasamento em pedras e paredes de fechamento de alvenaria autoportante de tijolos assentados com argamassa em barro, rebocada e pintada. O atual piso é em ladrilho hidraulico em tons de rosa e verde com estampas que formam tapetes. Este piso foi assentado sobre o piso original de tijolos maciços. O presbiterio fica elevado um degrau da nave principal é em granitina em tom cinza. Na sacristia o piso tambem é em ladrilho hidraulico com padrão geometrico preto e branco. A cobertura em telha metalica, esta fixada em estrutura em madeira, internamente o forro é uma abóboda de berço em madeira, que se apoia sobre as paredes de alvenaria com acabamento de uma cornija. As janelas laterais são em arco pleno e sem vitrais. Um comungatório com balaústras separa o presbitério da na principal. O altar-mor é em madeira trabalhada.

O campanário: Construido separado da igreja, em alvenaria rebocada e pequenas aberturas na altura dos sinos, foi reformado e ampliado na altura. A cobertura é em quatro águas e telha metálica.

Planta situação atualizada	Croqui / Planta baixa
	

Fontes:

FONTES CONSULTADAS

Fontes primárias

Lei Municipal número 1.882/97, de 25 de abril de 1997.

Livro Tombo Paróquia Nossa Senhora de Lourdes. Flores da Cunha, 1912-1974.

Depoimentos

COLODA, Valentin. Flores da Cunha, 25 de outubro de 2006.

DURANTE, Ângelo; DURANTE, João. Flores da Cunha, 5 de agosto de 2006.

Referências bibliográficas

FILIPPINI, Roberto. Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. *Benedictus – Os Cemitérios de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: Editora Seculum, 2007.

Jornais

BAGGIO, Camila. *Capela São Caetano comemora 120 anos de fundação*. Jornal O Florense, 1º de agosto de 2015, p.1.

São Caetano tem a igreja mais antiga. Jornal O Florense, 17 de julho de 1998, p. 48. Suplemento especial 500 atos de fé.

São Caetano terá festa como antigamente. Jornal O Florense, 4 de agosto de 1995, p. 9.

São Caetano/Travessão Claro: Comunidade se une para reformar igreja e campanário. Jornal O Florense, 22 de outubro de 2004, p. 2. Suplemento especial Capelas de Flores da Cunha.

Pesquisas não publicadas

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Álide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.

VAILATTI, Gissely Lovatto; CHINATO, Luiza Dani; ALVES, Silvia Letícia Rijo. A história da educação nos 85 anos de emancipação do município de Flores da Cunha (1876-2009). Artigo de conclusão do curso de pós-graduação pela Faculdade da Serra Gaúcha - FSG. Flores da Cunha, 2009.

Locais pesquisados:

Biblioteca e acervo pessoal de Danúbia Otobelli e de Gissely Lovatto Vailatti

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Paróquia Nossa Senhora de Lourdes

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 20/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

BENS EDIFICADOS

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00061	**Localidade:** São João e São Caetano

Denominação do bem: Capela São João Batista – Travessão Cavour

Endereço/Localização: Via Veneto - Travessão Cavour

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Capela
Latitude: -29°06'43.5"S **Longitude**: -51°15'75.6"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Altar-Mor, mobiliários litúrgicos, bancos, vitrais, confessionário, pia batismal, escada helicoidal para acesso ao coro (mezanino) em madeira, piso em ladrilhos hidráulicos, imagens de Santos e sino.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica: a atual igreja foi inaugurada no ano de 1949, mas a Comunidade de São João Batista, do Travessão Cavour é uma das primeiras sociedades religiosas a serem constituídas no antigo povoado de Nova Trento; 1.3 Valor tradicional ou evocativo: a capela não é somente um edifício religioso, mas é o fator de integração social dentro do contexto da imigração italiana; 1.4 Referência coletiva: a identidade do contexto histórico e cultural onde está inserida a Capela é reforçada por meio desse marco visual na paisagem. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico e 2.2 Referência historiográfica: a Capela segue como modelo arquitetônico, num mimetismo compreensível, o estilo das igrejas de vilarejos italianos, ao qual somou-se, posteriormente, por influência dos capuchinhos franceses, o neogótico. **3) FUNCIONAL** – 3.3. Uso tradicional: edificação está em profunda relação com o seu entorno, sendo fundamental para realização de celebrações religiosas desde a sua construção, além de conservar boa parte da estrutura original. **4) TÉCNICA** – 4.4. Bom estado de conservação: edificação está em boas condições de conservação e uso.

Histórico:
A capela São João Batista está situada no Travessão Cavour, XI légua da antiga Colônia Caxias. Em 1882 foi construída a primeira capela, em madeira. A capela foi dedicada a São João Batista e à Nossa Senhora do Rosário. A bênção ocorreu em maio daquele ano pelo padre Agostinho Magon. A capela atual foi inaugurada em 1948. A imagem de Nossa Senhora do Rosário era confeccionada em madeira e a vestiam com roupas. Eram duas vestimentas: uma para o dia da festa e outra roupa para os demais dias. Conta-se que a imagem acabou sendo levada para Sananduva (RS). No mês seguinte à bênção da capela, em 8 de julho de 1882 foi fundada uma sociedade religiosa. Foi através dessa sociedade que em 9 de setembro de 1896 o pedaço de terra foi adquirido. Conforme Coloda (p.16) os vendedores teriam sido Francesco Rizzo e sua mulher Alba Fiorese, tendo sido os compradores Andrea Daros e Angelo Debortoli, fabriqueiros da capela. O valor de compra foi 15.000 Réis e as dimensões eram 40m lineares de frente e 53m de comprimento, num total de 2120m². O registro da compra estaria sob o número 1.238. Em 1929, as famílias de Luigi Mascarello e Luiz Bett adquiriram um sino de bronze, que inicialmente foi colocado em uma árvore. O sino era tocado diariamente às 11h30min anunciando a hora de ir para casa da roça para preparar o almoço. Também era tocado para anunciar a missa e anúncios comunitários, como falecimento e tempestades. Posteriormente o sino foi colocado numa armação de eucaliptos até a aquisição da estrutura metálica, nos anos de 1960. A igreja atual começou a ser erguida em 1946. Foi nesse ano, que os fabriqueiros Giuseppe Zim e Ângelo Zamboni desmancharam a capelinha de madeira e no lugar foi feito um pequeno salão. O terreno foi doado pela família de Lourenço Bett. A igreja em alvenaria foi construída pelos irmãos Bortolo, Fiorentino e Olivo Cecconello, moradores da comunidade de São Gotardo. Todos os moradores do Travessão Cavour ajudaram na sua construção. Conforme consta no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes a igreja era em "estilo gótico e com lindas imagens". A inauguração ocorreu em 22 de setembro de 1947 com bênção do frei Eugênio Brugalli. No ano de 1959 foi erguido um pequeno salão para festas e reuniões. O andar inferior era destinado à bodega e realização das festas, enquanto que o superior abrigava a escola. Em 1973, o salão foi ampliado e no decorrer dos anos passou por diversas reformas. Nas proximidades da capela encontra-se a Escola Municipal Tiradentes e o cemitério. Em 2007, uma plaquinha foi colocada na igreja para marcar os 125 anos de história da capela São João Batista – Travessão Cavour. Uma homenagem aos padres frei Santos Carlos Coloda e Luiz Mascarello, nascidos na comunidade, também consta na igreja. Embora o padroeiro seja São João Batista, a maior festa da comunidade é dedicada à Nossa Senhora do Caravaggio. A comemoração é sempre realizada no mês de maio, quando ocorre também uma caminhada que vai da entrada da cidade até a comunidade de São João. Os devotos carregam por cinco quilômetros a imagem da santa.

Documentação iconográfica



Representação da antiga Capela São João Batista – Travessão Cavour, no ano 1882. Fonte: COLODA, Valentin (capa).



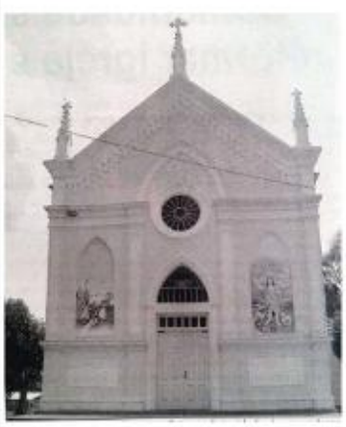
Entorno da Capela São João Batista de Cavour, ano 1997. Fonte: COLODA, Valentin (capa).



Primeiro encontro da Família Coloda em 1997, na Capela São João Batista – Travessão Cavour. Fonte: COLODA, V. p. 18.



Capela São João Batista de Cavour, em 1997. Fonte: Jornal O Florense, edição de 17/07/1998, p. 47.



Capela São João Batista de Cavour, em 2004. Fonte: Jornal O Florense, edição de 22/10/2004, Caderno Especial Capelas p.1.



Capela São João Batista de Cavour, em 2006. Fonte: COLODA, Valentin (contracapa).


Capela São João Batista, de Travessão Cavour, interior de Flores da Cunha

Capela São João Batista Cavour, ano 2007. Fonte: Jornal Correio Rio Grandense, edição 07/03/2007, p. 16.



Capela São João Batista Cavour, ano 2012. Fonte: Jornal Correio Rio Grandense, edição 02/03/2012, p. 19.

Levantamento fotográfico atual



Fachada leste (frontal) para a Via Veneto.



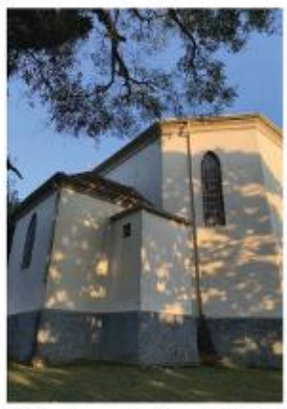
Fachada sul (lateral esquerda).



Fachada norte (lateral direita).



Detalhe do acesso à sacristia



Fachada oeste (fundos), ábside.





Interior da Capela em nave única, onde se vê o Altar-Mor (retábulo) com as estátuas de S. João Batista (nicho central), N.S. do Rosário e S. Lourenço (esquerda) e S. Antônio (direita).



Coro e escada helicoidal em madeira.



Estátua de Nossa Senhora de Caravaggio no presbitério da Capela.



Confessionário em madeira com ornamentos em madeira.



Vitrais multicoloridos com influência do neogótico.



Pia batismal em granitina e piso em ladrilhos hidráulicos.

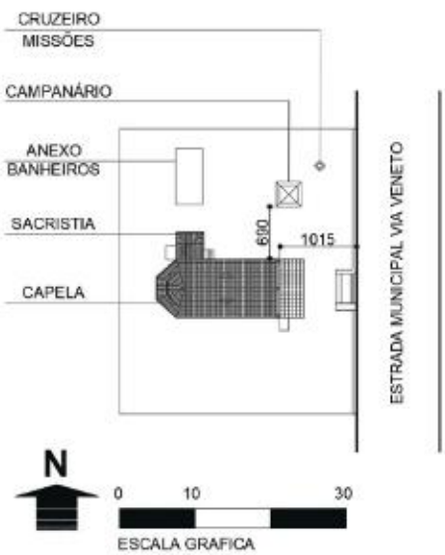


Escada helicoidal de madeira para acesso ao coro

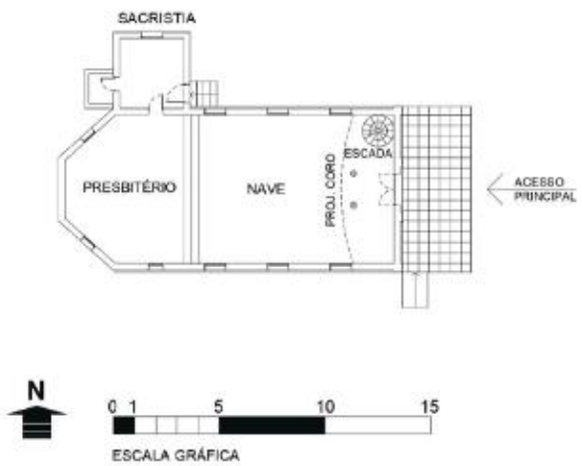
Análise Arquitetônica:

A Capela foi construída para ser um volume único, formado pela nave principal, o presbitério e a sacristia. A nave e o presbitério são separados por uma espécie de pórtico, constituído por duas colunas laterais e um arco abatido, que acompanha o desenho do forro. O espaço reservado ao coro foi inserido dentro da nave principal, acima do acesso principal ao templo. O mesmo é acessado através de uma escada helicoidal de madeira. Há um retábulo, ou Altar-Mor, em madeira, imagens de Santos, quadros de devoção, bancos, confessionário e piso em ladrilhos hidráulicos. A cobertura foi feita em águas, acompanhando o formato da edificação. Destaca-se também uma ampliação realizada recentemente na sacristia, para atender às necessidades da igreja, onde estão situados um banheiro social e uma despensa. Importante observar que a edificação obedece a uma certa lógica de disposição modular, que regula a disposição das aberturas em arcos ogivais junto às paredes laterais. O desenho da fachada principal faz referências às matrizes góticas, porém de maneira mais simplificada. Posenato (1983, p.317) classifica as edificações com essas características como sendo pertencentes à segunda fase do apogeu da arquitetura religiosa da imigração italiana, quando o estilo gótico foi assumido de maneira generalizada por influência dos frades capuchinhos franceses, mas sofrendo adequações às condições locais. Neste contexto, destacam-se os elementos próprios desse estilo arquitetônico, tais como a rosácea, o portal gótico com arquitrave, os rendilhados e o frontão ornamental coroado por pináculos e cornija. As fachadas laterais são mais simples, onde predominam apenas as aberturas e a pouca ocorrência de ornamentos. Outro ponto importante observado é o campanário mais baixo do que a igreja, em estrutura metálica e distante do corpo da Capela.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa – pavimento térreo



Fontes:

COLODA, Valentin Antônio. *Os 110 anos da capela São João Batista – Travessão Cavour.* Passo Fundo: Nerthier, 1992.

COLODA, Antônio; COLODA, Santos Carlos; COLODA, Valentin Antônio. *Trajetória das Famílias Colloda e Zin.* Porto Alegre: EST Edições, 2007.

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. *Povoadores da Colônia Caxias.* Porto Alegre: EST Edições, 2002.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely. *Benedictus – Os Cemitérios de Flores da Cunha.* Flores da Cunha: Editora Seculum, 2007.

LIVRO TOMBO PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES. Flores da Cunha, 1912-1974.

Mais de 100 anos de histórias e conquistas. Jornal O Florense, 22 de outubro de 2004, Suplemento Especial.

Mais de mil pessoas participam da caminhada de Nossa Senhora do Caravaggio em Flores da Cunha. Jornal O Florense. Disponível em https://www.jornaloflorense.com.br/noticia/geral/7/mais-de-mil-pessoas-participam-de-caminhada-de-carvavaggio-em-fores-da-cunha/7604. Acesso em 10 de fevereiro de 2024.

N. Srª de Caravaggio é a maior festa de São João. Jornal O Florense, 17 de julho de 1998. Especial 500 Atos de Fé, p. 47.

Travessão Cavour: Capela São João Batista completa 130 anos. Jornal Correio Riograndense, 2 de maio de 2012, p. 19.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
http://www.google.com.br
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Dangle Júlio Marini; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	16/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00062	**Localidade:** Travessão Gaviolli

Denominação do bem: CAPITEL DE NOSSA SENHORA DO PEDANCINO

Endereço/Localização: Travessão Gaviolli

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: igreja/igreja
Latitude: -29,0427598° **Longitude**: -51,1213579°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:

Altar- mor e estatuaria



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica: 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: Construção de 1909, para pagar uma promessa e a torna um marco histórico e visual na paisagem. É uma referência religiosa e comunitária tornando-se uma referência coletiva para inúmeras pessoas. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: Edificação com qualidade formal, símbolo das edificações religiosas da imigração italiana, com inspiração de matriz clássica 2.4 Elemento referencial: Localização em área elevada, próximos a araucárias. **3) FUNCIONAL** 3.3 Uso tradicional: possui o mesmo uso desde a sua originalidade. **4) TÉCNICA**4.4 Bom estado de conservação: Em bom estado de conservação em função do uso contínuo ao longo do tempo e manutenções que conservaram a edificação como um todo.**5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:**5.4 Elemento referencial: Elemento marcante na paisagem rural;

Histórico: O capitel dedicado à Nossa Senhora do Pedancino é um marco de fé dos primeiros imigrantes italianos. O oratório foi construído em 1909 devido a uma promessa feita por Giovanni 'Lotti' Rech. Relatos dão conta que em um determinado dia, Giovanni notou a falta de alguns sacos de trigo de sua propriedade. Furioso com o ocorrido, acusou os vizinhos de ladrões. Esses o ameaçaram e disseram que iam denunciá-lo por injúria. Temendo pelas palavras proferidas, Giovanni prometeu que se a intriga terminasse, ele erigueria um capitel. Tempos depois descobriu que não havia sido os vizinhos responsáveis pelo roubo e passou de casa em casa pedindo desculpas. Com os ânimos apaziguados, ele resolveu pagar a promessa e construiu o capitel em honra a Nossa Senhora do Pedancino. A homenagem provém de uma antiga devoção da região de Cismon del Grappa, no norte de Itália, onde Nossa Senhora teria aparecido no final do ano de 700, ao pé do Monte Ancino, por isso Pedancino. A capela foi erguida toda em pedra. Recebeu a bênção em 9 de agosto de 1910 do padre Timóteo Chimenti, pároco de Ana Rech, de 1909 a 1919. No umbral foi escrito "imaggine della B.V detta del Pedancino, 1909" - inscrição ainda vista. A estátua de Nossa Senhora foi feita em gesso pelo Atelier Zambelli. Nos primeiros anos, o capitel recebeu algumas missas, casamentos e batizados. Em 1922, devido a desentendimentos, não foram mais celebradas missas no local. Mesmo não tendo missas, a comunidade se reunia no local para orações, como as rezas do terço. As atividades retornaram apenas em dezembro de 1960, quando o capitel serviu para o ponto final de uma peregrinação feita pelos moradores da Região para pedidos de chuva. No dia seguinte a peregrinação choveu. Em 1º de novembro de 1961, por iniciativa do padre Antônio Toniello, as missas foram retomadas. Na ocasião, 184 pessoas participaram da celebração. Uma curiosidade é que durante duas décadas, o pároco de Cismon del Grappa, Dino Secco, falecido em 2003, visitou o capitel do Travessão Gavioli celebrando a missa. Em 14 de outubro de 2009, foi abençoada uma placa comemorativa ao centenário do capitel e em 13 de novembro de 2011, a comunidade comemorou o Jubileu de Ouro de 50 anos de celebrações religiosas no local com bênção da estátua do Cristo Redentor. Quando edificado o capitel ficava à beira da estrada, porém, com a mudança da via atualmente está localizado na propriedade de Domingos Bertin.

Documentação Iconográfica:



Capitel pedancino na festa do centenário
Fonte: Jornal O Florense 14/10/2009



Capitel pedancino no centenário – 2009
Fonte: Jornal Correio Riograndense

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 04/09/2023



Fachada Sul – 04/09/2023



Fachada Oeste – 04/09/2023



Fachada Sul – 04/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Interior do Capitel – 04/09/2023



Imagem de N. S. Pedancino – 04/09/2023



Painel comemorativo – 04/09/2023



Inscrição porta – 04/09/2023



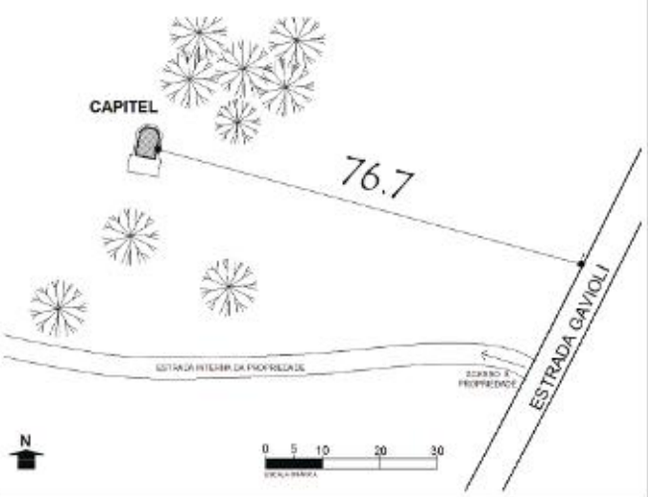
Inscrição porta – 04/09/2023



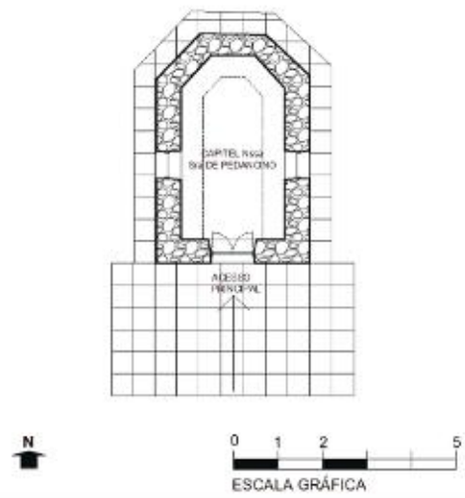
Campanário – 04/09/2023

Análise Arquitetônica:
O Capitel é uma pequena edificação em um volume único, em pedras irregulares lascadas com dimensões variáveis e assentadas em junta-seca e ou com barro, eventualmente com argamassa de cal e areia. Compositivamente a capela possui elementos que lembram a arquitetura românica. A porta de acesso principal é em verga reta e sobre está a uma inscrição com a data da construção. A fachada principal provavelmente era rebocada, porem algumas partes se desentegraram e não foram refeitas.
Nas laterais há uma pequena janela de madeira em arco pleno. O piso atual da capitel aparenta ser recente, ceramica. O pequeno altar é em madeira e possui um degrau. A cobertura é em telha metalica, esta fixada em estrutura em madeira, internamente o forro em madeira e se apoia sobre as paredes de pedra rebocadas e pintadas.
O campanário: Em estrutura metálica possui um pequeno sino e é fixado a direita no telhado.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos
Rech, Luiz. Flores da Cunha, 20 de agosto de 2007.
Referências Bibliográficas
Dall'Alba, João Leonir et al. *História do Povo de Ana Rech. Vol. I - Paróquia*. Caxias do Sul: EdUCS, 1987.
FILIPPINI, Roberto. Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias/ texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011
POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983
Jornais
Jornal O Florense. Flores da Cunha, 14 de outubro de 2009.
Jornal O Florense. Flores da Cunha, 21 de maio de 2010.
Travessão Gavioli: Capitel Centenário - Capitel de São Valentin celebrou 100 do oratório. Correio Riograndense. Caxias do Sul, 14 de outubro de 2009.
Jubileu de Ouro para o Capitel do Pedancino. Jornal O Florense, 11 de novembro de 2011, p. 9.
Capitel Nossa Senhora do Pedancino. Jornal O Florense, 25 de abril de 2008.

Locais pesquisados:
Biblioteca e acervo pessoal de Danúbia Otobelli e de Gissely Lovatto Vailatti

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 03/04/2024.

SETOR 07

ALFREDO CHAVES

- CASA SUELI MIORANZA GAZZI
- CASA SANDRI
- CASA MIORANZA IMIGRANTES
- CAPELA S. JOÃO BATISTA – ALFREDO CHAVES



SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00063	**Localidade:** Travessão Alfredo Chaves

Denominação do bem: Casa Suely Maria Mioranza Gazzi

Endereço/Localização: Lote rural nº 30, Comunidade Alfredo Chaves

Proprietário: Suely Maria Mioranza Gazzi
Uso original e atual: residência/ residência desocupada
Latitude: -29°01'51"S **Longitude**: -51°11'12"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:

Pipas de madeira e utensílios antigos para fabricação de vinho no porão.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: marco histórico no processo de transformação do lugar e no desenvolvimento econômico local, significado afetivo para numerosa descendência familiar **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: casarão em madeira e pedra basalto, com dois pavimentos, localizada no cruzamento de duas estradas. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: É compatível com o entorno e sua estrutura é passível de readequação funcional, servindo também como atrativo turístico. **4) TÉCNICA** – 4.4 Bom estado de conservação: resistiu ao tempo sem muitas intervenções. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA -** Instância paisagística: 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.3 Estruturação do cenário: está em harmonia com a paisagem em seu entorno e se destaca quando vista das estradas que passam em seu entorno, levando a empreendimentos turísticos do município.

Histórico:

A Casa de Suely Maria Mioranza Gazzi está situada no lote rural n.º 30 do Travessão Alfredo Chaves, na 16ª Légua da antiga Colônia Caxias. Foi construída por volta de 1915 para abrigar a família de Antonio Gazzi (11/07/1885-06/06/1960) e Genoveva Ceron (30/03/1894-17/12/1949). As terras haviam sido adquiridas dos herdeiros do colonizador Giacomo Cappellari pelo imigrante Pietro Felice Gazzi, pai de Antonio.
Antonio casou com Genoveva em 27 de abril de 1910 e, nos primeiros anos, se estabeleceu na casa paterna, no lote rural n.º 32, do Travessão Alfredo Chaves. Nos anos 1910 deram início à construção do casarão que seria destinado à habitação da família. O casal teve os filhos Inês Maria, Ângelo João (Irmão Belino), Ernesto João, Mario, Pierina Luigia, Pedro, Antônio, Violino, Armelindo e Adélia Maria Gazzi. Possivelmente, o primeiro filho a nascer na casa tenha sido Ângelo João ou Ernesto João, que faleceu ainda criança.
No porão funcionava a cantina rural de Antonio Gazzi, onde produziam vinho e vinagre, para o consumo e para o comércio. Antonio também era proprietário de uma carreta média de transporte e de um alambique para produção e comércio de graspa. Diversos equipamentos ainda são resguardados no local. O pavimento acima tinha a funcionalidade de abrigar os dormitórios, a sala e a cozinha. Foi habitado pelas famílias de Antonio e Genoveva, depois do filho Violino e Suely Maria. Abaixo da cobertura existe um sótão, usado antigamente para secagem de grãos.
A casa foi herdada pelo filho Violino Gazzi (11/09/1927-13/07/2000) que, em 28 de maio de 1955, casou com Suely Maria Mioranza Gazzi (31/01/1934). Após o falecimento do esposo, Suely permaneceu residindo na casa por cerca de mais 15 anos. O casal teve a filha Suzimari Inês Gazzi, casada com Ricardo Gentil Schiavenin, com quem tem os filhos Gabriel, Luisa e Daniel Gazzi Schiavenin.
Em 2008 a casa serviu de cenário para o curta "Sinfonia de Suely", dirigido por Rafael Rech. A produção foi viabilizada através do programa URB-AL e do Projeto VICTUR (Valorização da Identidade Cultural dos Territórios). O órgão europeu financiou e instalou em Flores da Cunha um Núcleo de Produção Audiovisual (NPAV) que possibilitou o registro de uma série de curtas e média metragem que integraram o projeto "Vindima da Imagem", coordenado por Juliano Carpeggiani.
Em 2024 a casa está desabitada.

Documentação iconográfica:



1920 - Família de Antonio Gazzi e Genoneva Ceron
Fonte: Rep. Livro Alfredo Chaves



Casa Suely 1994
Fonte: Jornal Pioneiro



2002 - Casa Suely M. M. Gazzi_ Fonte: VENERE



2002_Foto: Douglas Coelho



2009_Fonte: acervo Gissely

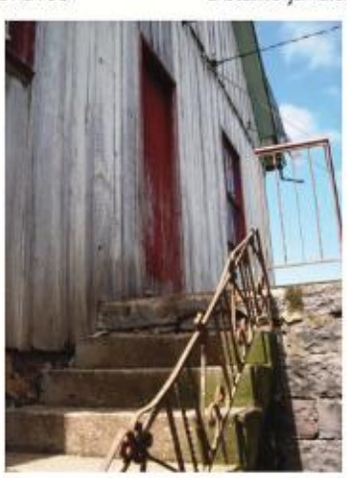


2009 _ Fonte: Livro Alfredo Chaves



Detalhe janela 2009_ Fonte: acervo Gissely







Detalhes da residência 2009 – Fonte: acervo Gissely

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Sul



Fachada Oeste



Fachada Leste _ acesso a cantina



Fachada Norte

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Entorno imediato



Detalhe porão/cantina



Detalhe janela circular do porão



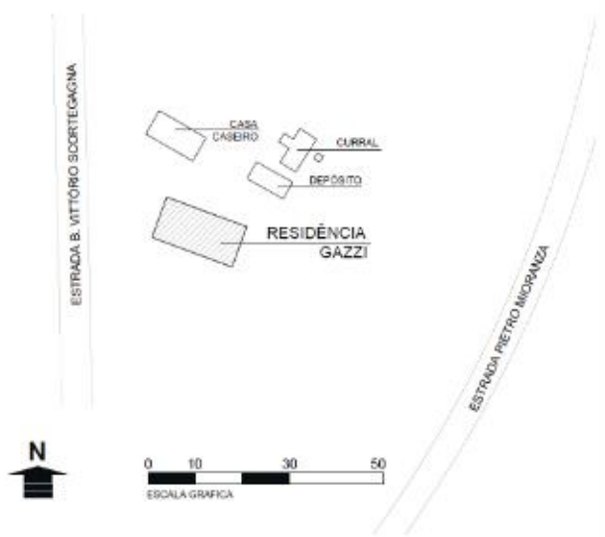
Escada acesso sala



Beiral

Análise Arquitetônica:
Residência unifamiliar, construída por volta de 1915 para abrigar a família de Antônio Gazzi e Genoveva Ceron. A casa consiste em um volume único implantado em um vasto terreno situado no cruzamento de duas estradas. Segue o modelo tradicional das casas construídas na época com base em pedras, corpo em madeira e cobertura em duas águas com telhas cerâmicas. O porão do edifício era usado para a fabricação do vinho foi construído parcialmente enterrado em pedras de basalto irregulares, com algumas janelas com fechamento em gradil que permitem a ventilação e umidade permanente do ambiente. Algumas destas janelas possuem verga de tijolos em arco abatido e outras são em formato circular. O acesso ao porão acontece por uma porta central na fachada leste também em arco cimbrado ou abatido. O pavimento superior, com paredes em madeira destina-se a moradia, sendo seis dormitórios, sala e cozinha. As paredes internas também são em madeira, assim como o piso e o forro. Possui uma escada que acessa o sótão onde era utilizado para a secagem e estoque de grãos. Acima deste encontra-se o telhado em duas águas coberto por telhas cerâmicas tipo francesas. As esquadrias são em madeira do tipo guilhotina, somente com vidros e dispostas de forma simétricas nas fachadas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos:
GAZZI, Suely Maria Mioranza. Flores da Cunha, 3 de outubro de 2009.
Referências bibliográficas:
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições, 2002. 2ª ed.
MOLON, Floriano. Carreteiros de Flores da Cunha e da Região. Flores da Cunha: Evangraf, 2002.
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.
VAILATTI, Gissely Lovatto; MIORANZA, Ciro; MIORANZA, Plinio. De Val del Mis à Nova Veneza: história da família Mioranza. Caxias do Sul: Maneco Livr., 2012.
VAILATTI, Gissely Lovatto. 1884|2009: 125 anos de colonização do Trav. Alfredo Chaves. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2011.
Sites:
Série inédita sobre a cultura ítalo-brasileira será exibida pela TVE. Disponível em: https://estado.rs.gov.br/serie-inedita-sobre-a-cultura-italo-brasileira-sera-exibida-pela-tve. Acesso em 11 Jan. 2024.
Vindima da Imagem. Disponível em: https://www.facebook.com/vindimadaimagem. Acesso em 11 Jan. 2024.
Pesquisas não publicadas:
VENERE. Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha. Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
ECIRS-UCS acervo digital
Google
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti	21/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00064	**Localidade:** Alfredo Chaves

Denominação do bem: Casa Sandri

Endereço/Localização: Travessão Alfredo Chaves, lote rural nº15, S/N.

Proprietário: Gilberto Sandri
Uso original e atual: Residencia / Desocupada
Latitude: - 29,0092238° **Longitude**: - 51,2634810°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Taolin em madeira, armário de remédios, quadros de imagens sacras.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica, 1.2 Valor de antiguidade, 1.3 Valor tradicional ou evocativo, 1.4 Referencia coletiva: Edificação de referência no antigo caminho de tropeiros, valor afetivo de numerosa descendência familiar e membros relevantes na comunidade local. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: Edificação residencial de grande porte, exemplar do período do apogeu da arquitetura de imigração. 2.4 Elemento referencial: pelo porte e forma, destaca-se no pequeno conjunto urbano e nas visuais da rodovia. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada no centro do lote. 3.3 Uso tradicional: residência familiar desde a origem 3.4 Uso peculiar: pouso de tropeiros e religiosos, 1ª cantina registrada da localidade. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva, 4.2 Raridade no emprego de materiais: esmero no uso da pedra e da madeira, nos elementos estruturais com tensores e elementos decorativos da edificação residencial de grande porte **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.4 Elemento referencial: em harmonia com o contexto urbano local e entorno rural imediato, elemento de destaque pela porte e antiguidade das formas.

Histórico:
O casarão da Família Sandri situa-se no lote rural nº 15, do Travessão Alfredo Chaves. Foi construído pela família de Giovanni Antonio Mioranza (08/08/1886-30/06/1921), numa área de terras do comerciante Domênico Battiston e sua esposa Anna adquirida em 25 de setembro de 1908. O imóvel havia sido adquirido por seu pai, o carpinteiro italiano Pietro Mioranza, que faleceu no mesmo ano da compra, sendo herdado pelo filho Giovanni Antonio. Pouco tempo antes, em 27 de abril de 1907, Giovanni casou com a imigrante italiana Prisca Nardi (29/04/1892-1931). Após o casamento estabeleceram-se na casa paterna de Giovanni, ainda preservada, numa área do lote rural n.º 13 do Travessão Alfredo Chaves, onde nasceram os três primeiros filhos do casal Assumpta (14/04/1908-08/01/1988), Pedro (01/08/1910-04/09/1997) e Girolamo (23/07/1913-05/09/1967). Nas terras da Família Mioranza havia uma extensa área de pinheirais que, além de ter servido como fonte de renda, também disponibilizava madeira de qualidade para construção. Assim, em 1917, com muito empenho, ficou pronto o majestoso casarão na sede da Vila de Nova Veneza, para onde a família transferiu residência, depois de morar por 10 anos na casa paterna de Giovanni. Ali nasceu a quarta filha do casal, Concetta (21/11/1919-22/08/1986). O casarão de três pavimentos servia como moradia, casa de pouso para tropeiros, carreteiros e mascates que trafegavam pela "antiga estrada para Vacaria", além de ser local de descanso e alimentação dos religiosos que atendiam à comunidade. Os padres ficavam alojados no quarto, que possui adornos com motivos cristãos e da janela, apesar das edificações no entorno, possui vista para a Capela São João Batista. Na parte térrea, Giovanni Antonio junto com seu irmão Alvise, implementou uma cantina, na tentativa de produção de vinhos em escala, sendo o primeiro registro da localidade. O vinho era comercializado nas redondezas e, em parte, adquirido por carreteiros de Vacaria, que vendiam a bebida em suas andanças, especialmente Caxias do Sul e São Sebastião do Cai. Todavia, Giovanni faleceu jovem, aos 35 anos, quatro anos depois de passar a residir no casarão por ele mesmo idealizado. Após o falecimento de Giovanni, Prisca permaneceu na casa com os quatro filhos do casal. Em 13 de janeiro de 1923, casou em segundas núpcias com Caetano Sandri (07/08/1900-09/04/1985), que residia na comunidade Nossa Senhora do Carmo, no Travessão Rondelli. O casal teve três filhos, todos nascidos no casarão: Angelo Antônio (20/10/1923-11/05/1965), Líbera (27/09/1928-30/04/1980) e Joaquim Sandri (15/08/1929-26/06/2006). Caetano Sandri era barbeiro e logo que chegou na localidade, começou a desempenhar o ofício encerrando as atividades em 17 de dezembro de 1951. Ensinou o ofício a seu primogênito, Angelo Antônio Sandri, que também desempenhou a função na comunidade. Em 16 de julho de 1930, Pedro Mioranza, filho do primeiro casamento de Prisca com Giovanni Mioranza, casou com Ignez Saretta. Inicialmente permaneceu residindo no casarão, junto com a mãe, o padrasto, seus irmãos Girolamo e Concetta e os irmãos do segundo casamento da mãe, Libera, Angelo Antônio e Joaquim Sandri. Porém, a matriarca Prisca adoeceu e depois de longa enfermidade faleceu em 3 de fevereiro de 1931. (Continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Vista Leste da casa, 2002. Fonte: VENERE, 2002.



Figura 2 – Foto de Walter Bebber da fachada norte, 2009. Fonte: VAILATTI *et al*, 2012.



Figura 3 – Foto da fachada norte, 2015. Fonte: Jornal O Florense, 31/07/2015.

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Leste – 18/04/2024



Fachada Sul – 18/04/2024



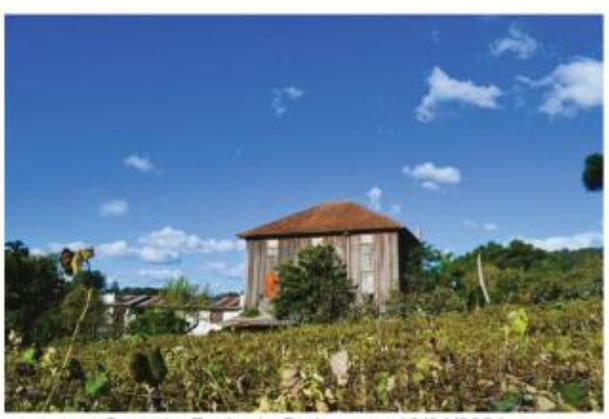
Fachada Sul – 18/04/2024



Fachada Norte – 18/04/2024



Vista Sudeste – 18/04/2024



Casa 1 - Fachada Sudoeste – 18/04/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista do antigo alambique e tanque – 18/04/2024



Detalhe tirante metálico do entrepiso – 18/04/2024



Detalhe janelas fachada norte – 18/04/2024



Vista interna Porão – 18/04/2024



Vista interna 2º pavimento – 18/04/2024

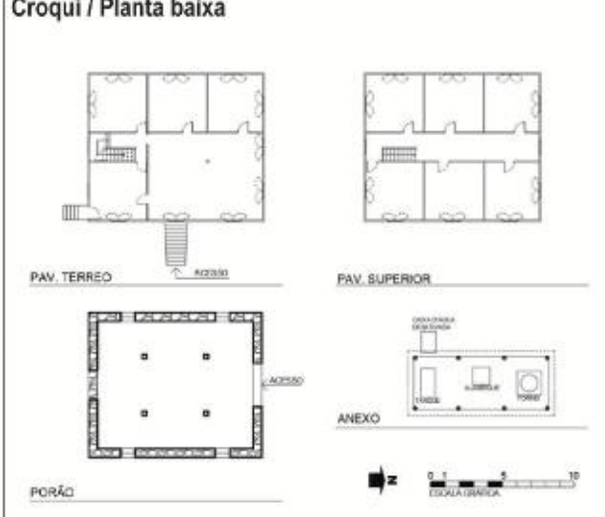
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação residencial de 1917, período do apogeu da arquitetura de imigração, construída por Giovanni Antônio Mioranza. Consiste num volume único, de 3 pavimentos, sendo o primeiro um porão em blocos de pedra basalto de junta seca, e dois pavimentos superiores com vedação em tábuas de madeira mata juntadas, com pintura de tom avermelhado. A cobertura é piramidal de quatro águas com telhas cerâmicas do tipo francesa e beirais retos de tábuas de madeira. Possui composição simétrica das aberturas, com a porta do acesso principal sobre a fachada leste, acessada por uma escadaria de pedras. As janelas em formato retangular vertical, são do tipo guilhotina, com caixilhos envidraçados em madeira e tamponamentos internos. Externamente, recebem guarnições em madeira decorados com recorte em curva e volutas. Internamente o porão semi-escavado possui 4 pilares de concreto que substituíram os pilares originais de madeira que sustentam as robustas vigas de madeira centrais do entrepiso. Antigamente havia uma escada que ligava o porão até a cozinha no pavimento superior. O acesso ao porão se dá por um grande vão de porta na fachada norte. Há vestígio de uma abertura de janela na parede sul, usada para descarga da uva produzir o vinho. No interior do pavimento superior, a compartimentação original em madeira possuia 3 quartos, uma grande sala, cozinha e vão de escada. Um dos dormitórios foi adaptado como despensa e banheiro posteriormente. Na sala, com paredes pintadas na cor azul, possui adorno com pinturas parietais de uma grega, em tom vermelho, percorrendo o perímetro do cômodo no roda-forro, junto ao teto pintado de branco. As pinturas também adornam o pilar de madeira do cômodo. Uma escada em madeira faz a conexão com o 3º pavimento da casa, que possui uma circulação central e 6 quartos. Os ambientes não possuem pintura interna. Uma das janelas do corredor emoldura o campanário da capela São João. Num dos quartos à sudeste, o forro de madeira cedeu com a entrada de água da cobertura devido a infiltrações próximas da chaminé externa. (continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos:

MIORANZA, Antônio Alvise. Flores da Cunha, 11 de setembro de 2009.

MIORANZA, Valdecir José. Flores da Cunha, 18 de outubro de 2009.

SANDRI, Gilberto. Flores da Cunha, 3 de maio de 2010.

SANDRI, Turibio Gino. Flores da Cunha, 3 de maio de 2010.

Referências bibliográficas

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições, 2002. 2ª ed.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.

VAILATTI, Gissely Lovatto. 1884|2009: 125 Anos de colonização do Travessão Alfredo Chaves. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2011.

VAILATTI, Gissely Lovatto; MIORANZA, Ciro; MIORANZA, Plínio. De Val del Mis à Nova Veneza: história da família Mioranza. Caxias do Sul: Maneco Livr., 2012.

Jornais

OTOBELLI, Danúbia. Herança arquitetônica. Jornal O Florense, 31 de julho de 2015, contracapa. Especial 140 anos de imigração italiana no Rio Grande do Sul.

Pesquisas não publicadas

VENERE. Levantamento bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha. Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

ECIRS/UCS acervo digital

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Alguns meses depois, na mesma casa, nasceu Lair Mioranza (12/07/1931-29/11/2006), primogênito de Pedro e Ignez. Viúvo, Caetano Sandri, que além de barbeiro, foi por muitos anos sacristão da comunidade, sineiro e membro da Ordem Terceira de São Francisco, contraiu núpcias com Virginia Malacarne com quem teve oito filhos, todos nascidos no casarão: Turibio Gino, Gema, Isidoro Luiz, Luiz, Claudino, Lino, Olivo e Terezinha Sandri. Depois do nascimento do primeiro filho do casal Caetano e Virginia, e a família aumentando, os filhos de Prisca e Giovanni, Pedro com a esposa Ignes e o filho Lair, Girolamo e Concetta mudaram-se para os fundos do lote rural n.º12, que haviam recebido na partilha de bens. Joaquim Sandri e Turibio Gino Sandri (11/01/1932) herdaram o casarão e nele Joaquim residiu nele até falecer em 26 de junho de 2006. Turibio Gino casou com Catarina Marin (19/02/1937-1º/04/2005) e construiu uma casa ao lado dele, onde ainda reside. O casal teve dois filhos Geneci Maria e Gilberto Sandri. Gilberto casou com Isabel Fabian e permaneceu residindo na casa paterna. Em 2024, o casarão estava desabitado.

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)

Há sobre a fachada oeste o crescimento de vegetação trepadeira trazendo humidade e danificando a vedação. Imagens sacras de São Luiz, Sagrado Coração de Maria e Sagrado Coração de Jesus que ornavam o casarão são conservados pela família. Há em um dos dormitório uma imagem emoldurada de Nsa Sra. do Rosário de Pompéia. A edificação, pelo seu porte e forma, destaca-se na paisagem da localidade urbanizada, com entorno imediato de características rurais, com cultivo de videiras. É elemento de destaque para quem trafega na VRS-814, em direção à Nova Pádua. Um extenso roseiral é cuidadosamente cultivado no jardim de acesso à edificação pelos proprietários.

IMAGENS COMPLEMENTARES(continuação):


(a)


(b)


(c)


(d)

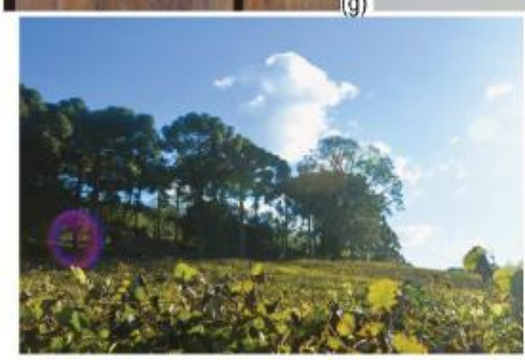

(e)


(f)


(g)


(h)


(i)


(j)


(k)

LEGENDA:

(a) Paredes de pedra do porão – 18/04/2024
(b) Detalhe pinturas parietais da sala de estar – 18/04/2024
(c) Circulação da escada 3° pavimento – 18/04/2024
(d) Forro danificado no 3° pavimento – 18/04/2024
(e) Armário de remédios em um dos dormitório do 2° pavimento – 18/04/2024
(f) Vegetação sobre a fachada leste – 18/04/2024
(g) Imagem de Nsa Sra. do rosário de Pompéio no interior da casa – 18/04/2024
(h) Imagem de São Luiz – 18/04/2024
(i) Vista do entorno à Oeste da casa – 18/04/2024
(j) Roseiral no acesso à casa – 18/04/2024

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 7.1.2.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Schineider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Gissely Lovatto Vailatti e Danúbia Otobelli (historiadoras).	01/12/2023.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00065	**Localidade:** Travessão Alfredo Chaves

Denominação do bem: Casa Mioranza

Endereço/Localização: Lote rural nº 13, Comunidade Alfredo Chaves

Proprietário: família de Clóvis Mioranza
Uso original e atual: residência/ residência desocupada
Latitude: -29°00'40"S **Longitude**: -51°15'46"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: marco histórico no processo de transformação do lugar e no desenvolvimento econômico local, significado afetivo para numerosa descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA – 3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: É compatível com o entorno e sua estrutura é passível de readequação funcional, servindo também como atrativo turístico, considerando-se o marco histórico da família que existe no local desde 1984. **4) TÉCNICA - 5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.3 Estruturação do cenário: está em harmonia com a paisagem em seu entorno e se destaca quando vista da Vinícola Irmãos Mioranza, bem como, das estradas que passam em seu entorno, levando a empreendimentos turísticos da comunidade.

Histórico:
O lote rural n.º 13 do Travessão Alfredo Chaves, 16ª Légua da antiga Colônia Caxias, foi concedido pelo Governo a título provisório, em 20 de maio de 1884, ao imigrante italiano Pietro Mioranza (08/10/1855-17/10/1908). Nele, por volta do ano de 1898 iniciou a edificação de uma nova casa com a finalidade de abrigar sua família. Pietro e a esposa Luigia Caldart (20/06/1857-13/04/1932) eram originários de Sospirolo, província de Belluno. Ainda na Itália o casal teve os filhos: Arcangelo (natimorto 29/06/1880), Maria Domenica (13/08/1881-17/02/1954) e Angela Caterina (25/12/1882-12/1883, faleceu durante a viagem transoceânica). No Travessão Alfredo Chaves nasceram os filhos Giovanni Antonio (08/08/1886-30/06/1921), Angela (08/11/1889-30/01/1960), Elisa (03/07/1893-1º/05/1931) e Alvise (26/06/1893-30/09/1931). Pietro era carpinteiro e além da sua própria edificação, também colaborou com a edificação de outras casas de amigos e vizinhos. No andar térreo, de chão batido e erguido com pedras de basalto sobrepostas, Pietro iniciou sua produção de vinho. Nesse ambiente também produzia vinagre, conservava alimentos, salame, queijo, e resguardava utensílios agrícolas, pás, enxadas, foices. O andar intermediário servia como residência. Estava dividido em um dormitório para as filhas Maria Domênica, Angela e Elisa e outro para o casal Pietro e Luigia, além de uma sala ampla, usada também para os tradicionais filós e festas da família. O fogolaro, uma casa edificada para alimentação, situava-se ao lado desta e também era de madeira. Posteriormente, quando surgiram os fogões, foi construído um anexo que passou a servir de lavatório de louças e preparo dos alimentos. O sótão teve duas formas de uso: usado como "graner", para secagem de grãos e dormitório dos filhos Giovanni Antonio e Alvise. Inicialmente a cobertura era de "scándole", pequenas tabuinhas de madeira rachada, depois foi substituída por ferro galvanizado. No entorno da casa havia uma fonte de água para consumo, forno para fazer o pão, horta e jardim delimitado com madeiras rachadas, pomar, galinheiro, chiqueiro, estrebaria, potreiro, a "tinacera", local onde produziam vinho e o alambique para produção de "graspa". Em 27 de abril de 1907, o filho mais velho, Giovanni Antonio, casou com Prisca Nardi e passou a viver com a esposa na casa paterna. Menos de um ano depois faleceu Pietro e, em 15 de dezembro de 1911 a propriedade foi herdada pelos filhos homens. Assunta, Pedro, Girolamo e Concetta Mioranza, filhos de Giovanni e Prisca, viveram na casa com seus pais, avó e tios até o ano de 1917, quando se mudaram para o casarão que a família havia construído em parte do lote rural n.º15, adquirido de Domenico Battiston, em 25 de setembro de 1908. O filho mais jovem, Alvise, casou em 2 de fevereiro de 1928 com a professora Assumpta Garbin e fixou residência na casa paterna, tornando-se o primeiro herdeiro. Nela nasceu o filho do casal, Pedro João Mioranza (29/05/1929-05/06/1935), conhecido por Piereto. Em 1927, Alvise registrou na propriedade uma cantina para produção anual estimada em 8 mil litros de vinhos e, antes de falecer, adquiriu o primeiro automóvel da comunidade. Viúva, a partir de 6 de janeiro de 1932, Assumpta passou a efetiva proprietária de metade do lote rural e da casa onde residiam. Neste mesmo ano, Luigia passou a residir com a filha Maria Domenica Mioranza Balvedi, em Erechim (RS). E, por volta de 1935, antes do falecimento de Piereto, Assumpta foi residir na vila de Nova Pádua, ficando a casa por algum tempo desocupada. Algum tempo depois do falecimento do filho, Assumpta contraiu segundas núpcias, mas faleceu em 1938. Pedro Mioranza (1º/08/1910-04/09/1997), em 16 de julho de 1930 casou com Ignez Saretta e, inicialmente permaneceu residindo na casa paterna (lote n.º 15), mas seu pai havia falecido em 1921 e a mãe, que havia contraído segundas núpcias, faleceu pouco depois de seu casamento, em 3 de fevereiro de 1931. (continua nos anexos)

Documentação iconográfica:



Pietro Mioranza e a esposa Luigia Caldart com os filhos: Alvise, Giovanni Antonio, Maria Domenica, Angela e Elisa Mioranza, por volta de 1910. (Coleção particular Família Mioranza)

1900 - Família Pietro Mioranza. Fonte: Livro Fam. Mioranza



1927 - Casa Mioranza. Fonte: livro Fam. Mioranza, p. 112



Residência em 1970 – Fonte: livro Mioranza





1972 - Família Adão e Valdecir Gislaine Rosinês e Gilnei



1980 - Casa Pietro Mioranza_lateral – Fonte: ECIRS



1980 - Casa Pietro Mioranza_frente – ECIRS



2009 - monumento
Fonte: livro Mioranza



2009 - porão da casa
Fonte: livro Mioranza



2009 – fachada lateral
Fonte: livro Mioranza

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Sul _ acesso principal



Fachada Leste



Fachada Oeste



Fachada Norte

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Fachada Oeste Casa 01_anexo em alvenaria



Porão_estrutura em madeira



Interior da residência



Escada acesso

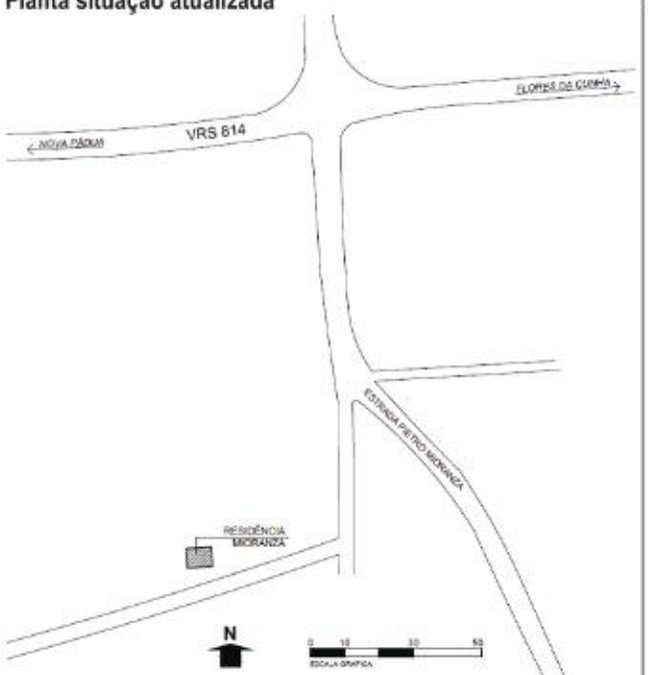


Monumento _1º imigrante noTrav. Alfredo

Análise Arquitetônica:

Residência unifamiliar, datada em 1898. A casa apresenta planta retangular e segue o modelo tradicional das casas construídas na época, com porão semi-escavado em pedra lascada de basalto, corpo em madeira e telha cerâmicas. O porão era utilizado para a produção de vinho, conservava alimentos como salame, queijo e guarda de utensílios agrícolas. Possuía duas janelas sem com fechamento em gradil de madeira que permitia a ventilação e umidade do ambiente. O acesso ao porão, com piso de chão batido se dá por uma porta de duas folhas em madeira localizada no centro da fachada norte. O pavimento superior, com paredes em madeira destina-se a moradia. Antigamente abrigava os dormitórios e uma sala, sendo a cozinha em uma edificação anexa. Ao longo dos anos a residência passou a ter novos usos, como residência dos funcionários, e a cozinha foi adaptada no espaço de um dos dormitórios. O volume de alvenaria, anexo a residência também foi construído posteriormente. As paredes internas também são em madeira, assim como o piso e o forro. O acesso ao sótão se dá por um alçapão localizado em um dos dormitórios, localizado no quadrante norte/ oeste e era utilizado para secagem de grãos e em algumas épocas também como dormitório. Acima deste encontra-se o telhado de duas águas coberto por telhas cerâmicas tipo francesas. A cobertura faz um avanço sobre a escada do acesso, protegendo assim a porta de entrada que é composta por duas folhas de tábuas de madeira. As esquadrias são em madeira do tipo guilhotina somente com vidros e dispostas de forma simétrica na fachada. Apresenta pinturas de cor azul e amarelo à base de cal nas paredes internas, já desgastadas pela ação do tempo.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias

Lei Municipal n.º 2.668, de 15 de outubro de 2008. Flores da Cunha: Acervo Câmara Municipal de Vereadores.

Livro de registro de impostos "Indústria e Profissão e Commercio Movel" de Nova Trento, 1928. Prefeitura de Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

Depoimentos:

MIORANZA, Antônio Alvise. Flores da Cunha, 11 de setembro de 2009.

MIORANZA, Pedro. Acervo pessoal Plínio Mioranza (in memorian). Flores da Cunha, 1985.

MIORANZA, Valdecir José. Flores da Cunha, 18 de outubro de 2009; 27 de fevereiro de 2010.

Referências bibliográficas:

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições, 2002. 2ª ed.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.

VAILATTI, Gissely Lovatto. 1884-2009: 125 anos de colonização do Travessão Alfredo Chaves. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2011.

VAILATTI, Gissely Lovatto; MIORANZA, Ciro; MIORANZA, Plínio. De Val del Mis à Nova Veneza: história da família Mioranza. Caxias do Sul: Maneco Livr., 2012.

Periódicos e publicações on-line:

Jornal O Florense. Flores da Cunha, 21 de maio de 2010.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Câmara Municipal de Vereadores Flores da Cunha acervo digital

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi
ECIRS - Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul - UCS

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Por volta de 1932 os filhos de Giovanni Antonio mudaram-se para os fundos do lote rural n.º12 e, em 1935, Pedro e Ignez transferiram residência para sua própria casa, nos fundos do lote n.º 13 que haviam adquirido da tia Assumpta Garbin Mioranza naquele ano. Sentindo-se um tanto isolados, seis anos depois construíram uma nova casa, em parte do lote nº 15, próximo da antiga residência de Pietro e Luigia. Anos mais tarde, Pedro adquiriu todo o lote nº 13 e seus filhos Valdecir José Mioranza e Adão Mioranza, residiram na velha casa da família por alguns anos. Nela nasceram os três filhos de Valdecir e Lidia Therezinha Sonda Mioranza: Ênio, Eleida e Elisete; e Rosinês, filha mais nova de Adão e Olga Mercedes Carraro Mioranza. A família de Valdecir deixou a casa em 1966 e a de Adão em 1974. Depois dessa época, por anos a casa serviu de moradia para funcionários da família de Pedro. Atualmente pertence à Família de Clóvis Mioranza e é preservada pelos descendentes de Pedro. Por ocasião dos festejos comemorativos ao centenário de colonização do Travessão Alfredo Chaves, em 1984, próximo da casa, a família inaugurou um monumento em homenagem ao primeiro imigrante Mioranza que se estabeleceu na localidade. A placa de bronze contém os seguintes dizeres: "Centenário da chegada do 1º imigrante italiano no T. Alfredo Chaves - Nova Veneza. Flores da Cunha - RS. PIETRO MIORANZA. Homenagem dos descendentes. 15-01-1884-15-01-1984". Em 2008 a estrada que passa em frente a propriedade foi denominada Pietro Mioranza (Lei Municipal n.º 2.668, de 15/10/2008), em homenagem ao imigrante e construtor desta edificação. Em 2023 a casa estava desabitada. O principal propósito de sua conservação é a preservação da trajetória familiar e a referência para a história do município.

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti	21/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

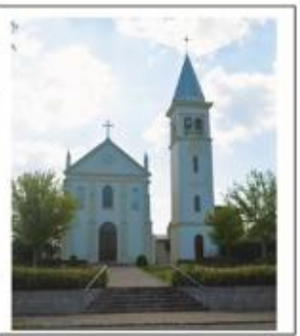
Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00066	**Localidade:** Alfredo Chaves

Denominação do bem: Capela São João Batista – Alfredo Chaves

Endereço/Localização: Travessão Alfredo Chaves, esq. Girolamo Mioranza, S/N.

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Igreja / Igreja
Latitude: -29,0076958° **Longitude**: -51,2627261°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Altar Mor em madeiras e estatuária de santos.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade: Construção que substituiu a antiga igreja de madeira a partir de 1924. 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: símbolo da religiosidade católica, herança da colonização de imigração italiana. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: Edificação religiosa característica da primeira fase do apogeu, de influência clássica, 2.4 Elemento referencial: campanário e capela são marco referencial na paisagem da localidade de Alfredo Chaves. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada em lote de esquina com afastamento das vias. 3.3 Uso tradicional: templo religioso desde a origem. **4) TÉCNICA** – 4.4 Bom estado de conservação: o uso original e as manutenções ao longo dos anos conservaram a edificação e suas características. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário da quadra; 5.4 Elemento referencial: em conjunto com o campanário é importante marco referencial que define a centralidade urbana desta localidade, pelo porte, altura, função, formas arquitetônicas e aspectos simbólicos.

Histórico:
Em 1923, os moradores do Travessão Alfredo Chaves se reuniram para tratar sobre a edificação de uma nova igreja. A antiga, erigida em madeira, não tinha mais condições para realização de cultos. Sob ordens da Mitra Diocesana o templo deveria ser erigido em alvenaria, a partir de uma planta arquitetônica quase padrão e também seu terreno pertencer à própria Mitra. Assim, em 20 de agosto de 1923 foram doados os lotes 15, 16, 17 e 18, com 1.080 metros quadrados, para estabelecimento da sede comunitária, sendo edificada a igreja nos limites do lote 17. Um mês depois, em 21 de setembro de 1923, foi concedida a licença para a construção dentro dos critérios estabelecidos pela Mitra. Uma comissão construtora foi designada e era formada por Jacynto Bordin, Eugenio Reginatto, Antonio Bresolin, Caetano Sandri, Fidencio Centenaro e João Deboni. Em virtude da Revolução de 1923 e pelo Travessão Alfredo Chaves ser um território de passagem das tropas revolucionárias, optou-se por postergar a construção. Em 1924, a comissão de construção contratou a equipe liderada por Giovanni Antonio De Bastiani, conhecido como 'Nani Fermo' e também 'Barba Nani', para construção da igreja. A areia foi retirada das margens do Rio das Antas e transportada com carroças até a obra. O ano de 1924 foi gravado no frontal do templo. Não há registro sobre sua inauguração, apenas relatos de que teria sido realizada uma grande festividade. Em 1928 foi concedida a autorização para a bênção do sino e da estátua de São João Batista, esculpida em madeira, e que atualmente é preservada pelos descendentes da família de Giordano Gazzi. Para complementar a igreja, em 1941, a diretoria da capela, formada por Girolamo Mioranza, Carlo Toscan e Henrique Scortegagna, propôs a edificação de um campanário para abrigar o sino, que anteriormente era abrigado no mesmo local, num campanário de madeira. As famílias da comunidade se prontificaram para a aquisição do material de construção e da mão de obra. Em 1953, foi adquirido um conjunto de três novos sinos feitos em bronze na Bellini & Cia Ltda. Os sinos custaram Cr$ 30.851,60 e foram pagos em duas parcelas. No final dos anos de 1950 foi concluída a construção de um muro de pedras de basalto em frente à igreja, o que enalteceu o templo que ficou distinto, no entroncamento das ruas que o ladeiam. Nos anos 1990, atrás da igreja, foram construídos os sanitários. Nos anos 2000 foi realizado ajardinamento e pavimentação do acesso à porta principal, entorno da igreja, campanário e banheiros. Em dezembro de 2019 foi concluído e solenemente entregue para a comunidade um projeto paisagístico de revitalização do entorno da igreja, o mesmo foi assinado pelos arquitetos Simone Malacame, Pedro Poletto Sasset e Claudia Gelain Mascarello. O muro foi rebaixado e o amplo gramado foi pavimentado para estacionamento e área de lazer. Ao longo de sua história, mesmo contrariando o desejo de boa parte dos moradores, por questões de proximidade, em duas épocas distintas a capela pertenceu à Paróquia Santo Antônio de Nova Pádua. De 1892 a 1916 e de 1962 a 1992. Entre os anos 1916 e 1962 e a partir de 1993 (após a emancipação de Nova Pádua), a capela passou a pertencer à Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, reanimando os vínculos comunitários.

Documentação Iconográfica:

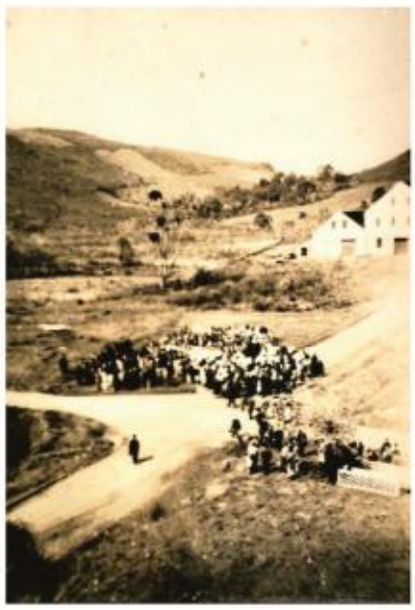


Figura 1 – Local para contrução da capela, 1920. Fonte: VAILATTI, 2011.



Figura 2 – Contrução da capela, 1924. Fonte: VAILATTI, 2011.



Figura 2 – Capela com campanário de madeira ao lado, 1930. Fonte: VAILATTI, 2011.



Figura 4 – Inauguração campanário, 1941. Fonte: VAILATTI, 2011.

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Leste – 02/02/2024



Capela - Fachada Sul – 02/02/2024



Campanário - Fachada Oeste – 02/02/2024



Detalhe - Fachada Leste – 02/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista Sudeste, esquina – 02/02/2024



Vista acesso à sacristia – 02/02/2024



Altar Mor – 04/09/2023



Vista do acesso à nave central – 02/02/2024

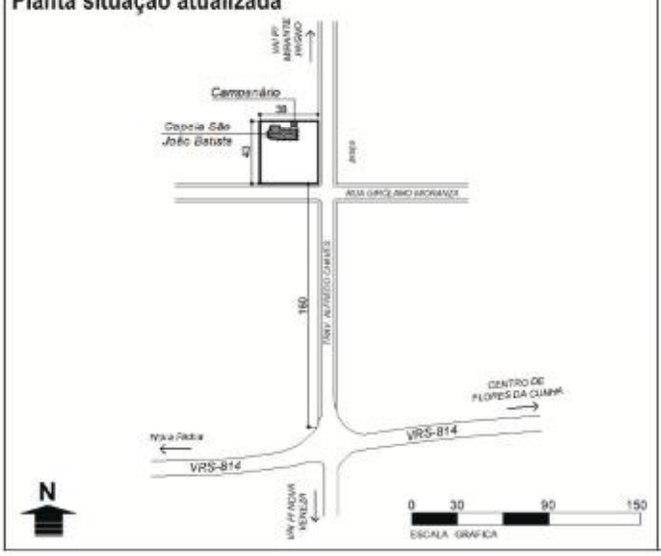


Vista do altar para nave central – 02/02/2024

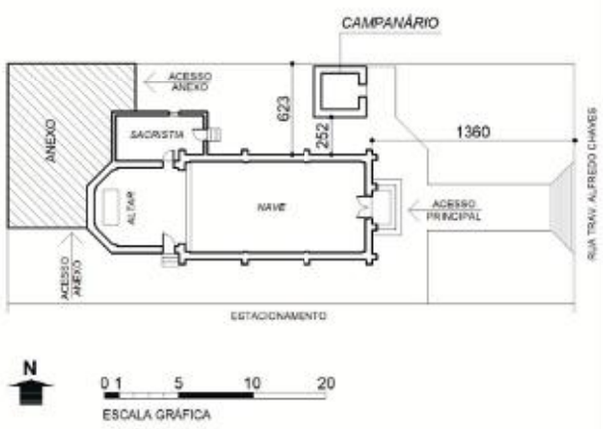
Análise Arquitetônica:

A Capela: Uma edificação em alvenaria, com embasamento em pedra basalto e paredes de tijolos maciços rebocados, com cobertura em telhas metálicas, originalmente telhas cerâmicas tipo francesa. O desenho da capela segue a influência neo-clássica das capelas da primeira fase do período de apogeu na arquitetura religiosa da imigração (POSENATO, 1983). São características as aberturas em arco pleno, o frontão da cobertura sob arquitrave e as colunas salientes da fachada principal. Internamente, a abóbada de berço, as cornijas e as colunas de reinterpretação dórica. A planta, com eixo de simetria leste-oeste, possui uma nave única sem coro e presbitério elevado com 2 degraus. O piso, originalmente em ladrilho hidráulico foi totalmente substituído por pisos cerâmicos de tom bege. O altar-mor em madeira com pinturas marmorizadas em tons ocre e verde, com linhas muito semelhantes as do altar da Capela de São Roque, confeccionados pela Marcenaria Golo de Caxias. Neste há 3 nichos com imagens do padroeiro São João, de Nsa. Sra. Auxiliadora e Santo Antônio. Anexo ao presbitério, na fachada norte, está a sacristia, volume de com cobertura em 2 águas. Uma ampliação mais recente destinada a salas de catequese e complementação da sacristia, com cobertura de 4 águas em telhas metálicas, ocupa a porção oeste anexa ao volume do altar. O campanário: Construído separado da igreja no ano de 1941, em substituição ao campanário de madeira, é um prisma de alvenaria rebocada, com base quadrada, com linhas semelhantes ao campanário da igreja matriz de Nova Pádua. Sua altura é segmentada por cornijas em 3 partes: base, fuste e câmara sineira. A iconografia de 1941 mostra que tanto a base como fuste possuíam originalmente relevo em formato de pedras, mas não fica claro se é revestimento do tipo *buiato*, pedra natural ou apenas pintura. Sobre a câmara, uma cobertura cônica de base octogonal faz o coroamento, finalizada por uma cruz metálica. Na base e no fuste, a porta e as janelas junto à fachada leste são em arco pleno, seguindo as linhas clássicas da capela. (Continua nos anexos).

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias

Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes 1912-1974.

Referências bibliográficas

JORNAL O FLORENSE. Flores da Cunha, publicações diversas 1986-2023.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Seculum, 2007.

VAILATTI, Gissely Lovatto. 1884 | 2009: 125 anos de colonização do Travessão Alfredo Chaves. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2011.

Publicações on-line

Fotografias do entorno da capela, 2019. Acervo Simone Malacarne. Disponível em: https://www.facebook.com/profile.php?id=100063695015264. Acesso 11 Jan. 2024.

ECIRS/UCS. Elementos Culturais da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul. Acervo fotográfico digital. Instituto de Memória Histórica e Cultural. Universidade de Caxias do Sul, 2024. Disponível em: https://www.ucs.br/site/instituto-memoria-historica-e-cultural/ecirs/ecirs-acervos/ Acesso em: 12 fev 2024.

Locais pesquisados:

Biblioteca particular da Desvendare História e Comunicação.

Hemeroteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/ . Acesso 26 Set. 2023.

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

MusCap – Museu dos Capuchinhos – Caxias do Sul.

Instituto de Memória Histórica e Cultural – Universidade de Caxias do Sul.

Secretaria Paroquial, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, Flores da Cunha.

Anexos e Informações complementares:

ANÁLISE ARQUITETÔNICA (continuação)

Um nicho circular para relógio, nunca instalado, é decorado com pintura de números e ponteiros marcando 9h. Na câmara sineira, 8 janelas em arco fazem abertura para os sinos originais adquiridos pela comunidade em 1950.

DOCUMENTAÇÃO ICONOGRÁFICA(continuação):


(a)


(b)


(c)


(d)


(e)


(f)



(g)



(h)

LEGENDA:

(a) Ordem terceira, 1958. Fonte: VAILATTI, 2011.
(b) Capela de Alfredo Chaves, 1960. Fonte: VAILATTI, 2011.
(c) Vista sudeste da capela, 1984 – Fonte: ECIRS/UCS, 2024.
(d) Vista lateral sul, 1984 – Fonte: ECIRS/UCS, 2024.
(e) Jogo de bocha na lateral sul da capela. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.
(f) Cruz das missões com vista da capela ao fundo, ano 2000. Fonte: Jornal O Florense,21/05/2000.
(g) Capela São João Batista, 2002. Fonte: Jornal O Florense, 21/05/2002.
(h) Vista da Rua Travessão Alfredo, capela e campanário à direita, 2010. Fonte: Jornal O Florense.

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 7.5.1.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	01/12/2023.

SETOR 08

CAMARGO

- CASA FAMILIA BOLZAN
- CASA MASCARELO
- CASA GARBIN
- CEMITÉRIO ANTIGO – SÃO LIBERAL



SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00067	**Localidade:** Travessão Sete de Setembro

Denominação do bem: Casa Família Bolzan

Endereço/Localização: Lote rural nº 27, Travessão Sete de Setembro

Proprietário: Luiz Antônio Bolzan
Uso original e atual: residência/ residência e depósito
Latitude: -28°57'50"S **Longitude**: -51°13'45"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo: marco histórico no processo de transformação do lugar onde se localiza, significado afetivo para duas numerosas descendências familiares.
2) MORFOLÓGICA – 3) FUNCIONAL – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: É compatível com o entorno, sua estrutura é passível de readequação funcional, porém necessita de intervenções importantes.
4) TÉCNICA – 5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA - 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.2 Conjunto de unidades – cenário; 5.3 Estruturação do cenário: está em harmonia com a paisagem e se destaca nela quando vista da estrada que passa em frente.

Histórico:
A casa Bolzan situa-se no lote rural n.º 27 do Travessão Sete de Setembro. A propriedade pertenceu à Família Máximo Bulla (filho de Pietro Bulla e Luigia Sávio) e Giustina Bolzan (filha de Lorenzo Antonio Bolzan e Maria Elisabetta Argenta), que emigraram da Itália para o Brasil ainda crianças, em companhia de seus pais. Lorenzo Antonio Bolzan doou o sino da Capela São Liberal e por muitos anos foi o sineiro. Após o seu falecimento, o ofício foi seguido por seu genro Máximo Bulla.
A edificação foi construída por volta de 1934 para abrigar a família de Máximo e Giustina. Nela, também residiu por alguns anos após o casamento, o filho Pedro Bulla e a esposa Tecla Pagno. Seus filhos Graciema, Zilda, Irma (faleceu criança), Maximiliano e Severino Bulla nasceram na casa. Os construtores foram João Bolzan e o sobrinho Pedro Bulla, filho de Máximo e Giustina. As tábuas das paredes do cômodo que abrigava a sala, após serem serradas, foram aplainadas manualmente. Ao lado desta casa, antes existia uma outra casa dormitório que foi ocupada pela Família Bulla, também em madeira, porém falquejada a machado. Os barrotes eram formados por pinheiros inteiros. Foi desmanchada por Luiz Antonio Bolzan na década de 1990.
A parte térrea da casa foi construída com a intenção de conservar alimentos e a produção de vinho da família. Na porta de entrada existe uma inscrição com as letras "MB" e o desenho de um peixe, símbolo pascal. Ambos foram pintados por ocasião da conclusão da construção.
O andar superior, todo em madeira, tinha o intuito de abrigar a sala de visitas e os dormitórios. Nesta sala, antes mesmo da ocupação da casa recém construída, foi velada a menina Irma Bulla, falecida devido a queimaduras ocasionadas por incidente com o fogo no "larin", construção que existiu em frente à casa até por volta dos anos de 1970. Era dividida em três partes: sala, fogo de chão e outra repartição onde se lavava a louça, o "cecher". Foi desmanchada, pois estava bastante deteriorada. A partir de então, a família passou a utilizar um cômodo da casa dormitório como cozinha, a qual foi utilizada por Orélia Pelizzer Bolzan até pouco antes de seu falecimento.
Na década de 1940 os descendentes de Máximo e Giustina que viviam na propriedade, venderam as terras e migraram para outro município onde passaram a trabalhar com comércio. As terras foram então adquiridas pela Família Bolzan, sendo herdadas por João Bolzan, casado com Genoveva Paganin, pais de Alcides Domênico, Lourenço, Enrique, Zelinda, Laurindo, Domingos, Dileta e Zaudêncio Bolzan. Posteriormente foi herdada ao filho Lourenço, em parte vendida a ele.
Após o casamento de Lourenço com Regina Orso, por volta de 1945, o casal se mudou para a casa que pertencia anteriormente à Família Bulla. Nela nasceram os filhos do casal: Augusto (20/01/1947), Azelice (14/05/1951) e Valmor (17/08/1949). Depois do nascimento de Azelice, Regina teve um problema de saúde e precisou passar por cirurgia durante a gravidez do filho Valmor. Ela faleceu em 1º de agosto de 1953, sendo velada na sala da casa.
Em segundas núpcias, Lourenço casou com Orélia Pelizzer, com quem teve outros três filhos: Maria Regina, que faleceu logo após o nascimento (14/06/1955), Luiz Antonio (28/04/1957) e Lurdes Terezinha (03/02/1962). Todos viveram na casa até a década de 1990, quando foi construída a atual moradia, onde passou a residir o filho Luiz Antonio, a esposa e os filhos Elaine e Paulo Zanella Bolzan (falecido).
Em 2024 a casa está sendo ocupada apenas para dormitório por Valmor Bolzan, filho do primeiro casamento de Lourenço com Regina Orso. O porão serve para depósito de utensílios e ferramentas.

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Norte



Fachada Leste

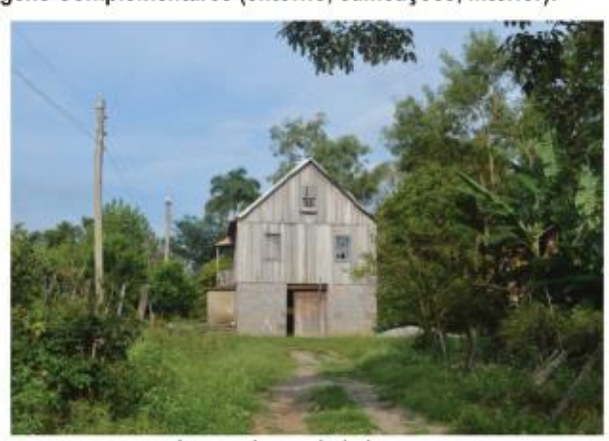


Fachada Oeste



Fachada Sul

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Acesso à propriedade



Escada interna ao sótão



Porta acesso principal



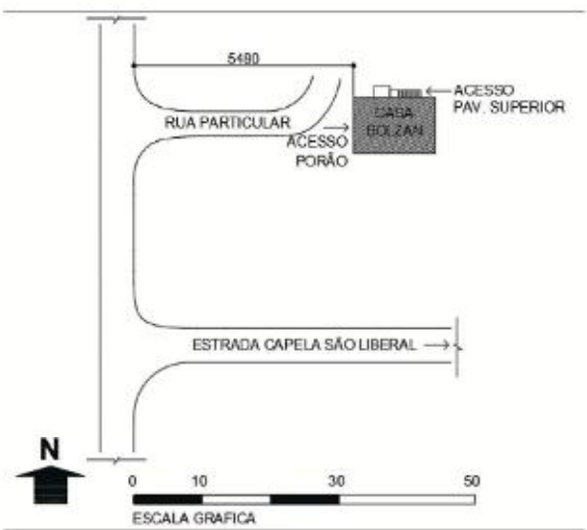
Berço de madeira no sótão



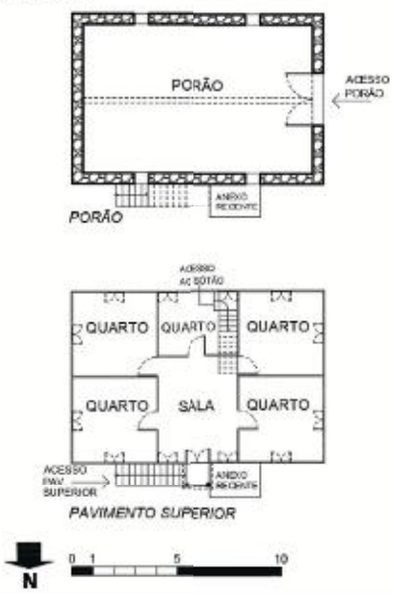
Visual interna_sala de estar

Análise Arquitetônica:
A residência unifamiliar segue o modelo tradicional das casas construídas na época com base em pedras, corpo em madeira e cobertura em duas águas com telhas cerâmicas. O porão do edifício era usado para a fabricação do vinho foi construído parcialmente enterrado em pedras de basalto irregulares, com algumas janelas que permitem a ventilação e umidade permanente do ambiente. O acesso ao porão acontece por uma porta centralizada na fachada oeste em verga reta. O pavimento superior, com paredes em madeira destina-se a moradia, sendo cinco dormitórios e sala de estar. As paredes internas também são em madeira, assim como o piso e o forro. Possui uma escada que acessa o sótão onde era utilizado para a secagem e estoque de grãos. Este é iluminado e ventilado pelas aberturas localizadas nos frontões das fachadas leste e oeste. Acima deste encontra-se o telhado em duas águas coberto por telhas cerâmicas tipo francesas. Na fachada norte encontra-se a escada de pedra por onde é acessada a sala de estar. Um guarda corpo metálico substitui o original de madeira que aparece em parte do patamar de acesso. As esquadrias são em madeira do tipo guilhotina e tamponamento interno em madeira dispostas de forma simétricas nas fachadas A porta de acesso possui duas folhas constituídas por tábuas em ângulo na parte externa unidas por tábua de madeira na vertical. A pintura em tom alaranjado ainda pode ser vista na fachada principal, outra característica importante das construções desta época, tornando obras singulares na paisagem rural.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos:
BOLZAN, Amélia. Flores da Cunha, 17 de novembro de 2020.
BOLZAN, Ivone Maria. Flores da Cunha, 8 de março de 2024.
BOLZAN, Luiz Antônio. Flores da Cunha, 4 de março de 2024.
BULLA, Maximiliano e Severino. Flores da Cunha, 6 de fevereiro de 2020.
TOIGO, Zelinda Bolzan. Flores da Cunha, 30 de janeiro de 2020 e 8 de março de 2024.
Referências Bibliográficas:
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Séculum, 2007.
OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto.Hospital Fátima: uma história de muitas vidas. Flores da Cunha: Desvendare, 2021.
Publicações on-line:
LOPES, Rodrigo. Encontro da Família Bolzan em Silveira Martins: Descendentes dos imigrantes italianos Giácomo, Giusepe e Lorenzo Bolzan, chegados ao Brasil em 1894. Caxias do Sul:Jornal Pioneiro, 29 de abril de 2016. Disponível em: https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/cultura-e-lazer/memoria/noticia/2016/04/memoria-encontro-da-familia-bolzan-em-silveira-martins-5788686.html. Acesso 5 Mar 2023.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Google
Secretaria Municipal de Planejamento, Urbanismo e Meio Ambiente

Anexos e Informações complementares:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	21/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00068	**Localidade:** Travessão Sete de Setembro

Denominação do bem: Casa Família Mascarello

Endereço/Localização: Estrada Mun. Santa Mascarello Guaresi, Trav. 7 de Setembro, lote rural 3.

Proprietário: Ivo Mascarello
Uso original e atual: Residência / Depósito
Latitude: -28,9936234° **Longitude:** -51,2183514°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



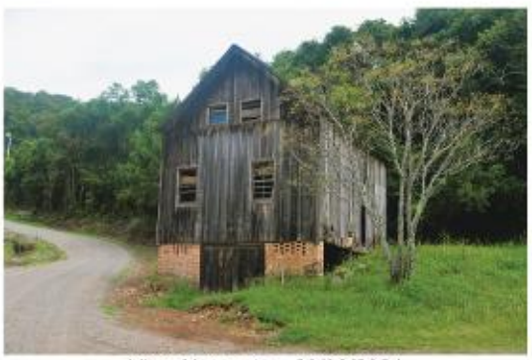
Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: edificação de referência na comunidade de Sete de Setembro e de numerosa descendência familiar. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: Casa de dormir em madeira e porão de tijolos. 2.4 Elemento referencial: marco referencial no cruzamento de vias da localidade. **4) TÉCNICA** – 4.1 Raridade da técnica construtiva, 4.2 Raridade no emprego de materiais: tijolos com argamassa de barro, estrutura de madeiras encaixada. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.4 Elemento referencial: em harmonia com o entorno rural, elemento referencial por suas características simbólicas e formais, em região de cruzamento de vias da localidade.

Histórico:
A casa da Família Mascarello está situada no lote rural nº 3, do Travessão Sete de Setembro, na XVI légua da Antiga Colônia Caxias. Originalmente o lote foi adquirido por Eugenio Berton, casado com Luigia. Ambos vieram de Treviso, na Itália, e chegaram ao Brasil em 30 de dezembro de 1883. O lote foi quitado em 1893. A família Berton permaneceu residindo na propriedade. Acredita-se que foi ela quem construiu a casa em madeira, cujo porão foi fechado com tijolos, na década de 1930/1940. Posteriormente a propriedade foi vendida para a família Lusa. Quando a família de Francisco Mascarello Neto adquire a propriedade de 32 hectares, em 1948, a casa já existia. Primeiramente, Francisco e a esposa Agnese Sotoriva Mascarello, logo após o casamento, residiram na casa paterna, localizada nas proximidades (lote nº 10 pertencente a Francesco Mascarello), juntamente com os outros irmãos. Com a chegada dos dois primeiros filhos do casal, o patriarca Angelo Mascarello adquiriu o lote nº 3, para que pudessem construir sua própria vida em família. Por volta de 1952, com o crescimento da família, a casa de dormir foi ampliada. Francisco e Agnese tiveram 11 filhos - Valdino, Edite Maria, Ivanete, Lídia, Terezinha, Olinto (falecido), Ivanir, Ivone, Ivo, Leonir e César Antonio. Quando a família se mudou, além da casa inventariada, existia ainda uma outra casa ao lado, construída também em madeira, que abrigava a cozinha. As duas casas eram interligadas por um corredor. Assim, existiam a casa de dormir e a casa de comer – esta última não mais existente. A casa de dormir também possuía na parte frontal uma varanda, que servia para guardar alimentos, como milho e trigo. Essa área da varanda, por apresentar problemas de apodrecimento, foi desmanchada por volta de 2019. A casa de dormir possuía um porão, onde a família de Francisco trabalhava com agricultura e também produzia pequenas quantidades de vinho para consumo próprio. No primeiro andar ficavam os três quartos e uma sala. Havia também o sótão, interligado por uma escada, onde eram guardados alguns mantimentos e que servia para dormitório para visitas. Pela família numerosa, os quartos abrigavam até três camas. A família não recorda da casa ter sido pintada. O coberto sempre foi de zinco. A residência também nunca teve banheiro. A família precisava retirar a água para beber e cozinhar os alimentos de um poço situado a cerca de 50 metros. Por meio de baldes, a água era levada até a casa de comer. Os banhos eram realizados no meio do mato, com uma mangueira puxando água desse mesmo poço e adaptada com um balde furado. Primeiramente tomavam banho as mulheres e depois os homens. Em 1972, a família Mascarello construiu uma nova residência, em frente a esta, e todos se mudaram para lá. A casa em madeira passou a ser utilizada como um depósito, não tendo sido mais habitada. Em 2024, a casa serve como depósito e está situada bem à beira de uma estrada vicinal do Travessão Sete de Setembro. A casa pertence a Ivo Mascarello, casado com Marisa Pavan Mascarello e pai de Linceu Mascarello.

Documentação Iconográfica:

Documentação não encontrada.

Levantamento Fotográfico atual:



Vista Noroeste – 29/02/2024



Fachada Norte – 29/02/2024



Fachada Leste – 29/02/2024



Fachada Oeste – 29/02/2024



Detalhe porão de tijolos com argamassa de barro – 29/02/2024



Detalhe vestígio da estrutura da antiga varanda sobre a fachada oeste – 29/02/2024



Vista Noroeste – 29/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista interna porão – 29/02/2024



Vista interna sotão – 29/02/2024



Escada interna para o sótão – 29/02/2024



Vista interna porão – 29/02/2024

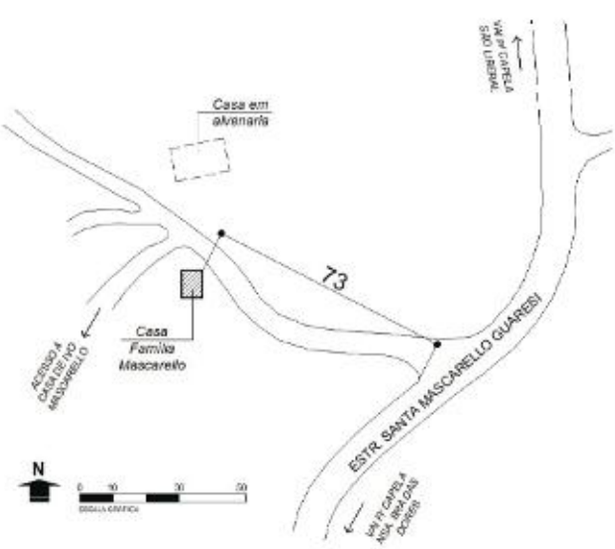


Ferragens porta interna – 29/02/2024

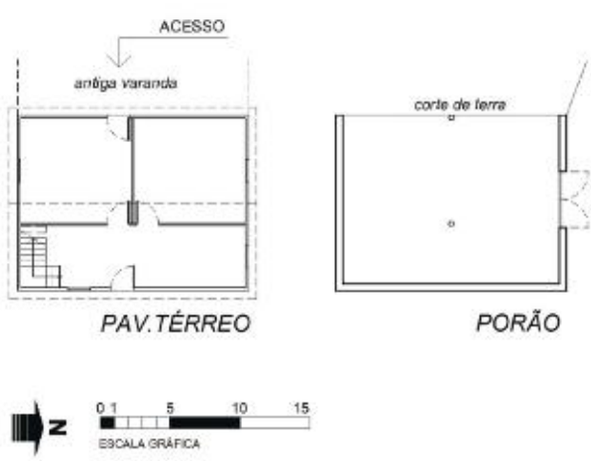
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação residencial correspondente à casa de dormir da propriedade, construída pela família Berton aproximadamente na década de 1930, mista, de dois pavimentos com cobertura em duas águas, sendo o porão parcialmente fechado em alvenaria de tijolos com argamassa de barro e pavimento superior em tábuas de madeira nua mata juntadas. O porão de altura reduzida, semi-escavado, possui fundações da contensões em pedra basalto. Na fachada oeste, um pilar de madeira sofreu recalque, causando danos em parte da estrutura superior. O acesso ao porão se dá por portão de madeira com duas folhas na fachada norte, onde há também uma ventilação permanente criada na alvenaria de tijolos. O pavimento superior está compartimentado com 3 cômodos (dois quartos e uma sala). Uma escada de madeira liga este pavimento ao sotão, com cobertura de telhas metálicas. Duas janelas no oitão ventilam e iluminam o sotão, originalmente ocupado como depósito e dormitório de visitas. A estrutura de madeira possui sistema de encaixe dos elementos do entrepiso e paredes. As vedações internas possuem pintura de cal, sobre as tábuas largas e mata juntas caneladas. As esquadrias são de madeira com abertura em guilhotina sem tamponamento. Possui ferragens das portas internas originais.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos
MASCARELLO, Ivete Cinelli. Flores da Cunha, 20 de julho de 2023; e 27 de fevereiro de 2024.
MASCARELLO, Ivo. Flores da Cunha, 4 de março de 2024.

Referências bibliográficas
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
Pesquisas não publicadas
MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. Projeto Patrimônio Histórico. Flores da Cunha: SMECD, 2002.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

IMAGENS COMPLEMENTARES (continuação)


(a)


(b)

LEGENDA:
(a) Encaixe entre vigas e pilar de madeira próximo à escada – 29/02/2024
(b) Encaixe do montantes das janelas do sotão em viga de madeira – 29/02/2024

OUTRAS INFORMAÇÕES:
Na frente da edificação, fachada norte, há piquete de madeira que segundo os proprietários é uma demarcação de ampliação da via pelo poder público. Tal ampliação exigiria a remoção da edificação, conforme relato dos proprietários.

Observações:

Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 8.1.5.

Na frente da edificação, fachada norte, há piquete de madeira que segundo os proprietários é uma demarcação de ampliação da via pelo poder público. Tal ampliação exigiria a remoção da edificação, conforme relato dos proprietários.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Schineider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Gissely Lovatto Vailatti e Danúbia Otobelli (historiadoras).	01/12/2023.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00069	**Localidade:** Travessão 25 de Março

Denominação do bem: Casa Garbim

Endereço/Localização: Lote rural nº 9, Travessão 25 de Março.

Proprietário: Sidinei Garbim
Uso original e atual: residência/ desocupado
Latitude: -29°00'52"S **Longitude**: -51°13'14"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo: marco no processo de transformação do lugar, referência histórica para os descendentes dos primeiros proprietários. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: construção em madeira, localizada próximo a estrada. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: É compatível com o entorno e a estrutura é passível de readequação funcional. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA -** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural: está em harmonia com a paisagem.

Histórico:
A casa da Família Garbin situa-se no lote rural n.º 9, do Travessão Vinte e Cinco de Março, XVI Légua da antiga Colônia Caxias. Originalmente foi adquirido pelo imigrante italiano Giuseppe Lusa e sua esposa Maria, cujo Título Provisório foi concedido em 3 de março de 1883 e quitado em 1894. Anos depois a propriedade foi adquirida por Giovanni (João) Garbin, casado com Maria Barp, pai de Antônio, Narciso, Assumpta, Adolfo, Olympio, Orélia, Olympia, Ida, Teresa, Adélia e Henrique Garbin.
A casa foi construída em 1944 por iniciativa de seu filho, o agricultor Antônio Garbin (1901-1974), que passou a residir no local com a esposa Maria Piroli e os filhos Francisco, Narciso Sobrinho, Gentile, Adélia, Amélia, Odila e Realda. A família de Narciso Garbim Sobrinho e Italina Scalabrin Garbim, pais de Remi Antônio, Raul Renato e Eneda Garbim, permaneceu residindo no local até 1958, quando construiu uma nova habitação noutra propriedade da família. Realda foi a filha que permaneceu residindo na casa até por volta do ano 2000, quando mudou-se para a cidade. Algum tempo depois, a propriedade foi adquirida pelo filho de Remi, Sidinei Garbim.
A cobertura sempre foi de telhas de barro, no formato de duas chuvas. As tábuas foram extraídas de pinheiros centenários que existiam em grande quantidade na propriedade. Foram preparadas na serraria hidráulica de Victor Tronco, estabelecida no Travessão Camargo, onde reside a família Bergozza. Todas as janelas tinham vidro. Não havia banheiro, as necessidades fisiológicas eram feitas no mato e o banho era tomado no rio que atravessa a propriedade. A água era obtida através de uma fonte que ainda existe, no alto do morro, sendo o transporte feito a baldes. A iluminação foi instalada na casa em 1958, quando iniciou o processo de eletrificação pública na localidade.
Na parte térrea, de chão batido, a casa abrigava uma cantina de vinho para o consumo. Faziam também vinagre e "graspa". Em 1928 Giovanni (João) Garbin possuía um alambique registrado no livro de indústrias e profissões de Nova Trento. No segundo pavimento a casa estava dividida em duas partes. Metade formava uma sala ampla para receber visitas e outra metade subdividia-se em três dormitórios. O sótão, que era acessado por uma escada de madeira pela parte interna, era dividido em dois quartos, onde dormiam as moças.
Ao longo do tempo, entretanto, a casa passou por intervenções. Originalmente o corpo da edificação possuía uma espécie de varanda que se estendia por toda a frente. No lado Norte existia um anexo utilizado como cozinha, com cobertura tipo meia chuva. Inicialmente esse anexo formava um único cômodo, depois foi dividido em duas partes, sendo uma sala de refeições.
À noite costumavam fazer filós. E todos os anos, impreterivelmente, no dia 31 de agosto, no aniversário de Realda faziam serenata. A festa de casamento de Narciso e Italina e o velório de Antonio e Maria, também aconteceram na sala desta casa. Uma história em especial, daqueles que residiram nesta casa, foi a convocação de Francisco para prestar serviço militar durante a Segunda Guerra Mundial. Estava servindo em Quaraí (RS), quando foi transferido para Ouro Preto (MG) e ali foi convocado para a Guerra. No período de tempo que deram para se despedir da família, ao invés de retornar para casa, ele desertou. Escondeu-se por anos em Barracão, município de Dionísio Cerqueira (PR), na divisa com a Argentina. Voltou somente depois que o Presidente Getúlio Vargas concedeu habeas corpus a todos os fugitivos de guerra, estabelecendo-se em Pato Branco (PR).
Em 2024, a casa estava desocupada. A família tem pretensão de mantê-la e reformá-la.

Documentação iconográfica:



Casa Garbim 2020 – Fonte: acervo Sidinei Garbim



Casa Garbim 2020 – Fonte: acervo Sidinei Garbim

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Leste



Fachada Norte



Fachada Oeste



Fachada Sul

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Detalhe porão/ cantina



Estrutura de madeira



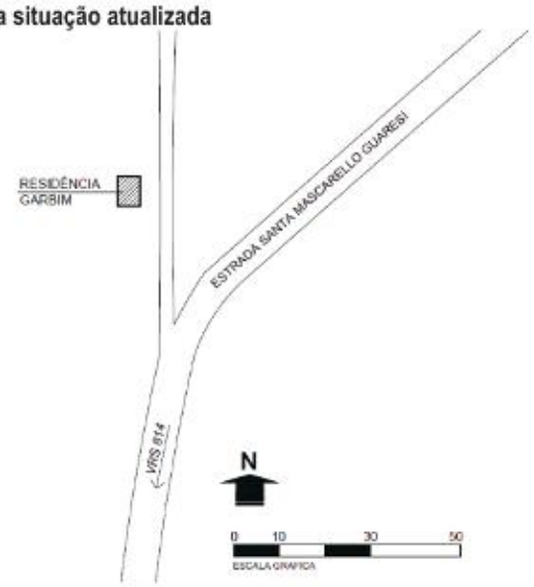
Entorno imediato_ Vista da estrada



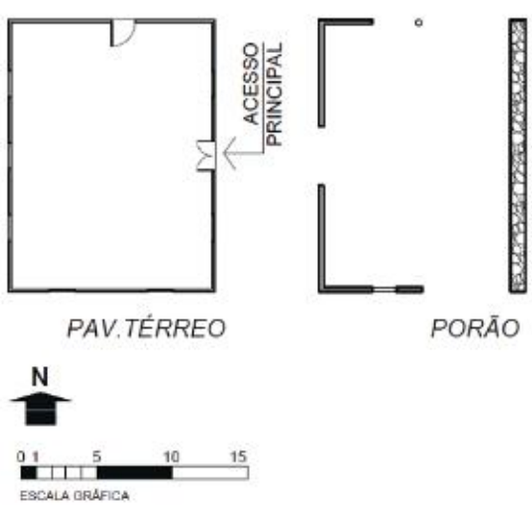
Detalhe parede da cantina

Análise Arquitetônica:
Residência unifamiliar, exemplar do período tardio da arquitetura de imigração italiana. A casa Garbim é um volume único, de planta retangular que aproveita a topografia do lote rural na sua implantação. A casa possui dois pavimentos e um sótão. O pavimento inferior consiste num porão semi-escavado, com muro de contensão em pedra bruta de basalto e paredes de fechamento em alvenaria de tijolos aparentes. Uma grande viga de madeira no eixo da edificação, apoiada por dois pilares roliços, sustenta o entrepiso. No pavimento superior, as paredes externas são de tábuas de madeira mata juntadas. O assoalho e as divisórias internas também são em madeira. A cobertura de duas águas é de telhas cerâmicas do tipo francesas. As esquadrias possuem tampões de madeira e dispostas de forma simétricas nas fachadas. A edificação necessita de intervenções e melhorias, sobretudo no que diz respeito ao tratamento e/ou substituição das madeiras comprometidas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos:
GARBIN, Remi Antônio. Flores da Cunha, 31 de janeiro de 2024.
GARBIN, Maria Olímpia (Aninha) Piccoli. Flores da Cunha, 31 de janeiro de 2024.
Referências bibliográficas:
VALCARINGUI, Nelsi Garbin. Le radize: família de Marco Antonio Garbin. Quilombo (SC): edição da autora, 2018.
Jornais:
Relação nominal e alfabética dos que exerciam a indústria e profissões no Distrito de Nova Trento - Flores da Cunha no ano de 1913. Jornal O Vindimeiro, 8 de junho de 1974, p. 4.

Locais pesquisados:
Biblioteca pessoal Sinara Paula Garbin
Acervo pessoal Sidinei Garbin

Anexos e Informações complementares:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti	21/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00070	**Localidade:** Travessão Sete de Setembro – São Liberal

Denominação do bem: Antigo Cemitério São Liberal

Endereço/Localização: Estrada Capela São Liberal, acesso por terras da família Pelizzer, S/N.

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Cemitério/ Cemitério desativado
Latitude: -28,9669655° **Longitude**: -51,2293922°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP3
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade: Cemitério primitivo do final do Séc. XIX. 1.3 Valor tradicional ou evocativo e 1.4 Referência coletiva: local de culto e prática religiosa, símbolo da fé e dos ritos de passagem do início da colonização italiana no município. **2) MORFOLÓGICA** – 2.1 Valor arquitetônico: Ruínas de taipa de pedra. 2.4 Elemento referencial: lugar de memória coletiva para famílias da comunidade e seus descendentes. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: edificada no centro do lote rural. 3.3 Uso tradicional: cemitério desde a origem. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.4 Elemento referencial: taipas em pedra em meio ao entorno rural e araucárias.

Histórico:
O primeiro cemitério da capela São Liberal, popularmente conhecida como Serra Negra, está situado em terras que pertenciam originalmente à família de Pietro (ou Pedro) Bulla. Foi construído no final do século XIX para abrigar os primeiros imigrantes falecidos nas proximidades. Estava localizado a cerca de 300 metros de onde se situava a primeira igreja da comunidade, construída na mesma época para abrigar a imagem de São Liberal, trazida da Itália por Lorenzo Bolzan, estabelecido no lote rural nº 33, do Travessão Sete de Setembro. O cemitério e a igreja ficavam ao lado da antiga estrada que dividia os travessões Sete de Setembro e Martins. Enquanto que o cemitério ficava ao lado da estrada pertencente ao Sete de Setembro, a igreja ficava do lado do Travessão Martins. O cemitério foi demarcado por taipas, pedras irregulares sobrepostas extraídas das redondezas, em meio a uma clareira, e possuía um portal em madeira na sua entrada. No lado direito de sua entrada, mesmo que não evidenciado como no cemitério Campo Santo dos Imigrantes, localizado no Travessão Martins, existia o limbo – local onde a terra não estava abençoada. No limbo, sepultavam as crianças não-batizadas ou adultos suicidas, não-católicos, pecadores públicos e aqueles que não contribuíam com as despesas da comunidade. A crença no limbo era uma crença especial de salvação e felicidade. Em 2007, o Papa Bento XVI, juntamente com os membros da Comissão Teológica Internacional, aboliu a ideia da existência do limbo. Neste cemitério, os mortos eram enterrados no chão, abaixo sete palmos de terra, dentro de caixas mortuárias feitas com tábuas e de forma simples. Sobre a cova, eram colocadas uma cruz de madeira ou de ferro. As cruzes de ferro possuíam simbologia artística, eram moldadas artesanalmente e compradas nas ferrarias próximas. Seus significados eram intensos e, geralmente expressavam o desejo que os familiares tinham em entregar o falecido às mãos de Deus. Em sua maioria, as cruzes de ferro ainda possuíam plaquetas de bronze ou latão, escritas em italiano que indicavam o nome, a idade e a data de falecimento. Relatos de moradores dão conta que até a década de 1950, existiam cerca de dez a doze cruzes de ferro no local. Em 2006, eram apenas três cruzes. Em uma delas podia-se ler a seguinte inscrição: "Qui giace leossa de Alberto Antonio nato del 1849 e morto in 20 de maggio de 1909"(Aqui jaz o corpo de Antonio Alberto nascido em 1849 e falecido em 20 de maio de 1909). Pela datação e conforme a relação de óbitos da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, estariam enterrados no cemitério, entre outros, Andrea Colfo (1906), Theresa Baldo (1906), Dalcessa Bertalaio (1914), Elisabetha Argenta (1919), Antonia Pelizzer (1922), Pedro Bulla (1924), Mario Pelizzer (1925), Maria Primieri (1925), João Granzotto (1931), Elisa Gateli Garibaldi (1932), Hipólito Garibaldi (1932), Josephina Cracco Fortunatti (1932), Regina Ghiotto (1933), ngelo Gris (1934), Maria Bolzan (1935), Fortunatto Bulla (1939). Os corpos não chegaram a ser transladados para o atual cemitério quando este antigo foi desativado. O cemitério recebeu enterros até a década de 1940, quando foi desativado a pedido do proprietário da terra. O motivo era que a fonte de água, que ficava próximo ao cemitério, estaria contaminada devido à decomposição dos corpos. Uma nova área, doada por Olivo Bulla, serviu para construção de outro cemitério (atual), que passou a receber enterros nos anos de 1950. Nos anos de 1980, as terras do antigo cemitério foram adquiridas pela família de Orildo Pelizzer. Mesmo o cemitério não sendo mais utilizado, a família passou a preservá-lo, limpá-lo e ornamentá-lo com flores para honrar os mortos ali enterrados. Este cemitério, juntamente com o cemitério Campo Santo dos Imigrantes, tombado pelo patrimônio histórico municipal em agosto de 2018, são os únicos cemitérios de imigrantes italianos que ainda preservam características originais de construção em Flores da Cunha. (continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Vista Leste do perímetro do cemitério em 2002. Fonte: OTTOBELLI e VAILATTI, 2007.

Levantamento Fotográfico atual:



Vista Noroeste do acesso – 29/02/2024



Vista oeste – 29/02/2024



Vista abertura do antigo pórtico – 29/02/2024



Vista taipa de pedra limite oeste – 29/02/2024



Vista taipa de pedra limite norte – 29/02/2024



Vista taipa de pedra limite sul – 29/02/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista do entorno, acesso – 29/02/2024



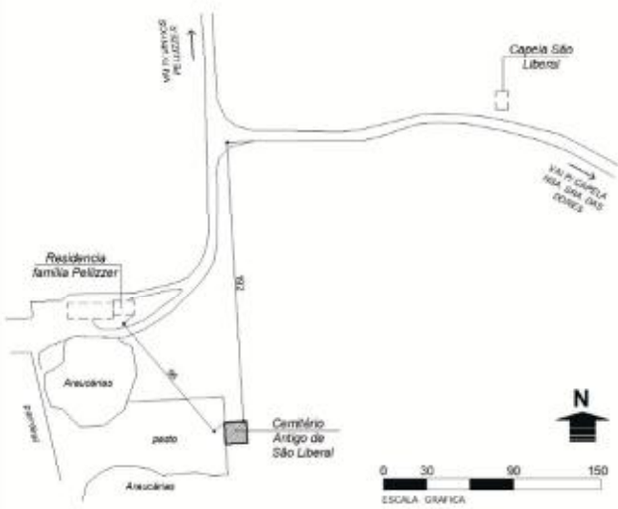
Vista entorno, pinheirais – 04/09/2023



Vista entorno, parreirais– 04/09/2023

Análise Arquitetônica:
Trata-se de uma pequena área de terras, com acesso pela propriedade da família Pelizzer, distante cerca de 200m da estrada da Capela São Liberal, A área, de planta quadrada com área aproximada de 250m², medindo aproximadamente 15m de comprimento por 15m de largura, carcada em seu perímetro por uma taipa de pedras basalto irregulares, com altura aproximada de 1,5m de altura. Há sobre a taipa oeste uma abertura, local do antigo portal de acesso. Atualmente a vegetação bloqueia o acesso ao interior da área, não sendo possível detectar outras materialidades dentro da área do cemitério.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Depoimentos
BOLZAN, Laurindo. Flores da Cunha, 15 de julho de 2006.
PELLIZER, Enelita Fantin. Flores da Cunha, 15 de julho de 2006.
Referências
GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.
OTOBELLI, Danúbia; LOVATTO VAILATTI, Gissely. Benedictus – Os Cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Editora Seculum, 2007.
LIVRO TOMBO PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES. Flores da Cunha, 1912-1974.

Locais pesquisados:
Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Paróquia Nossa Senhora de Lourdes
Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Anexos e Informações complementares:

Observações:
Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 8.5.1.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	01/12/2023.

SETOR 09

LAGOA BELLA E RONDELLI

- CASA FAMÍLIA PAGNO
- CASA MONTANARI - FOCOLARO
- CASA PIAZZA
- CASA PIVOTO
- ANTIGA FERRARIA FONTANA
- CAPELA SÃO VITOR E CORONA
- CAPELA SÃO ROQUE
- CAPELA NSA SRA. BOM CONSELHO
- PONTE DE FERRO



capela são vitor e corona

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00071	**Localidade:** Travessão Rondelli

Denominação do bem: CASA FAMÍLIA PAGNO

Endereço/Localização: Lote rural nº 88, Travessão Rondelli

Proprietário: Ricardo e Rosângela Pagno
Uso original e atual: residência/ residência
Latitude: -28,9634280° **Longitude**: -51,1826210°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:
Móveis antigos



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: 1.4 Referência coletiva: A casa por sua data de construção, não somente referência local e dos familiares, mas de toda uma população pelo comercio atual que fica no lado da casa. **2) MORFOLÓGICA:** 2.1 Valor arquitetônico: 2.3 Raridade formal: Edifícios que representam o processo de imigração da antiga colônia, por suas características formais. **3) FUNCIONAL**: 3.1 Compatibilização com a estrutura urbana: 3.2 Potencial de reciclagem: 3.3 Uso tradicional: Edificações em harmonia com o meio rural e que podem receber novos usos e ainda é utilizada como residência. **4) TÉCNICA:** 4.4 Bom estado de conservação: A casa encontra-se em bom estado de conservação, pois permanece em uso até os dias atuais. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana: A casa foi executadas em harmonia com o ambiente rural, considerando além da topografia as visuais do lote.

Histórico:
A Casa da Família Pagno está situada no lote rural nº 88, na capela Nossa Senhora do Carmo do Travessão Rondelli, na XV légua da antiga Colônia Caxias. O lote foi adquirido inicialmente por Angelo Scagion, mas quitado em 1893 por Giovanni Pagno, casado com Antonia Gazzi e pais de Giacomo (Jacomo) Pagno, casado com Maria Teresa De Bastiani, oriundos de Feltre, província de Belluno, na Itália. Entre os filhos do casal estava Miguel Joaquim Pagno, responsável pela edificação da casa inventariada. Inicialmente a família Pagno construiu uma grande edificação em madeira, onde eram realizados diversos bailes. Por volta de 1942, desmancharam esse casarão para dar lugar a uma nova moradia no mesmo local. Com os pinheiros presentes na propriedade edificaram uma casa em madeira alicerçada sobre colunas de toras de pinheiro. O construtor foi o Biazus, morador da localidade de São Roque. A casa com quatro quartos e uma sala, além de um sótão com dois dormitórios servia para abrigar a família de Miguel Pagno, que era casado com Adélia Volpato Pagno (1907-1983) e com quem tinha os filhos: Olivo, José, Antônio, Vitor, Ângelo, Luiz, Amábile, Valentin, Olinto, Pedro, Elvira, Lídia e Maria. A casa era coberta com telhas, a mesma existente até os dias atuais e possuía uma pequena varanda também em madeira, que foi substituída por uma construção em alvenaria na década de 1970. Por algum tempo, utilizavam uma antiga cozinha que ficava em frente, mas que posteriormente foi desmanchada também, vindo a abrigar a cozinha junto com a casa. Inicialmente a casa não possuia banheiro, este foi construído em data incerta. Chegou a ser pintada uma vez internamente e externamente com uma espécie de tinta artesanal, numa tonalidade areia. Atualmente não possui pintura. O abastecimento de água provinha de fontes da propriedade e a energia elétrica oriunda de uma usina particular construída pelos moradores da comunidade de Nossa Senhora do Carmo. A família cultivava trigo e milho, mas também possuia parreirais e fabricava vinho, o qual era vendido para a Cooperativa São Pedro. Por isso, por volta de 1948, o filho de Miguel, Olivo, substituiu as colunas de madeiras por um porão fechado com pedras extraídas de uma pedreira localizada na propriedade. Bastante habilidoso, Olivo talhou as pedras para edificação do porão, que viria a ser a Cantina Rural Pagno e Cia Ltda. No chão foram assentados tijolos de barro. Por sua habilidade, Olivo também ajudou na construção do campanário de Flores da Cunha e na escadaria da capela de São Victor e Corona. A cantina funcionou no porão da residência até a década de 1970, quando foi construído uma nova edificação (atualmente restaurante). Posteriormente, recebeu o nome de Vinícola Pagno. Miguel Pagno faleceu jovem, com 58 anos, em 10 de novembro de 1956, vindo a ser velado na sala da residência familiar. Coube a esposa Adélia e aos filhos cuidarem da propriedade. Aos poucos, cada um dos filhos foi deixando a propriedade permanecendo no local o filho Olinto Joaquim Pagno (falecido em 14 de maio de 2011), casado desde 1971 com Odila Scarmin Camiel Pagno, pais de Ricardo e Rosangela Pagno, atuais proprietários. A casa foi habitada pela família até a década de 1980, a partir dali passou a servir de residência para funcionários. Em 2024 essa era a sua utilidade. No decorrer nos anos sofreu poucas intervenções. O coberto foi rebaixado e os dois quartos superiores foram retirados. Atualmente existe apenas um sótão sem divisórias, o qual é acessado pela mesma escada de antigamente. Foi construída uma área em anexo de alvenaria, além de um banheiro. Ao redor da edificação existiam outras casas que serviam de cozinha, depósito e estribaria, mas todas foram desmanchadas. Em 2022, a vinícola da família foi reformada para abrigar um espaço gastronômico, com restaurante e opção

para eventos, e passou a integrar o roteiro turístico *Compassos da Mérica, Mérica*. Com essa nova opção para o turismo, os proprietários Ricardo e Rosangela Pagno pretendem restaurar a casa inventariada, incluindo manter as características originais, reerguendo o telhado, para transformá-la em uma pousada.

Documentação Iconográfica:



Giovanni (João) Pagno e Antônia Gazzi Pagno – Fonte: MAHPR



Casa Pagno
Acervo da Família Pagno - Facebook



Casa Pagno
Acervo da Família Pagno - Facebook

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada casa – 27/10/2023



Fachada casa – 27/10/2023



Fachada casa – 27/10/2023



Fachada casa – 27/10/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Acesso ao porão – 27/10/2023



Porão – 27/10/2023



Porão – 27/10/2023



Piso orão – 27/10/2023



Dormitório casa – 27/10/2023



Dormitório casa – 27/10/2023



Sala casa – 27/10/2023



Sótão casa – 27/10/2023



Det. pintura casa – 27/10/2023



Móveis – 27/10/2023



Det. fechadura– 27/10/2023



Antigo forno – 27/10/2023

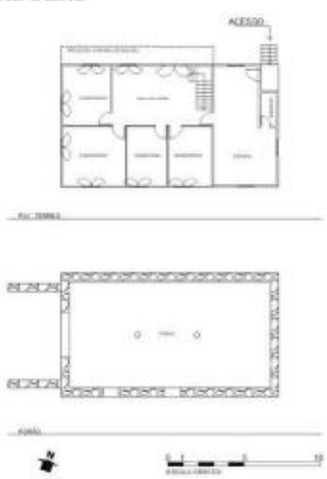
Análise Arquitetônica:

A casa da família foi construída na década de 1940 e foi implantada aproveitando a topografia e as visuais do lote rural. Um volume único, com base em pedras talhadas assentadas com argamassa, corpo em madeira e cobertura em duas águas com telhas cerâmicas. O porão, como de costume, usado para a fabricação do vinho, é em pedra basalto talhada parcialmente enterrado. Nas paredes laterais há janelas que permitem a ventilação permanente do ambiente. A porta de acesso fica no centro da parede totalmente aparente, com um arco de pedras, o piso em tijolos cerâmicos, construído em 1948, conforme inscrição encontrada. A pavimento superior é destinado a moradia, é totalmente de madeira com matajuntada, o mesmo acontece internamente, e as paredes são simples com a estrutura aparentemente. Estas possuem pinturas coloridas, com faixas e desenhos. O piso do pavimento é em madeira, fixado nos barrotes e estes nas paredes externas do porão e na viga mestre, disposta longitudinal. A viga é apoiada em dois pilares e nas paredes de pedra. A cozinha, é um volume anexo a casa com fechamento externo em alvenaria e foi executado posteriormente. Uma escada de madeira na sala leva ao sótão que, era usado como dormitório, mas teve telhado rebaixado no passar dos anos. A estrutura do telhado é em madeira e aparente, sobre este telhas de barro em duas aguas. No anexo posterior o telhado é em três águas, também em telhas de barro. As esquadrias são do tipo guilhotinas, com vidros e tampões internos e dispostas de forma simétricas nas fachadas. A porta de acesso original da casa é dupla e era acessada por uma varanda que foi demolida. Atualmente o acesso acontece por uma porta, na pequena varanda, que acessa a cozinha. As fechaduras são de ferro, originais. Existia próximo a casa um forno de pão, com base de pedras e forno em tijolos, parte dele foi demolido.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos

PAGNO, Pedro. Caxias do Sul, 2 de abril de 2024.

PAGNO, Rosangela. Caxias do Sul, 2 de abril de 2024.

Referências

FILIPPINI, Roberto. *Formas ignoradas: estilos ornamentos e memorias!* texto e ilustrações de Roberto Filippini. Caxias do Sul, RS: Lorigraf, 2011

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. *Povoadores da Colônia Caxias.* Porto Alegre: EST Edições, 2002.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. *Benedictus: os cemitérios de Flores da Cunha.* Flores da Cunha: Séculum, 2007.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely Lovatto. *Hospital Fátima: uma história de muitas vidas.* Flores da Cunha: Desvendare, 2021.

POSENATO, Júlio. *Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul,* Porto Alegre, EST/EDUC,1983.

Site

Espaço Gastronômico Família Pagno Sabores e Encantos inaugura em Flores da Cunha. Jornal O Florense: Flores da Cunha, 15 de abril de 2022. Acesso em 2 de abril de 2024.

Locais pesquisados

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Cadastro Nacional de Falecidos

https://www.facebook.com/CompassosDaMerica/photos/pb.100054347058113.-2207520000/311844032264933/?type=3&locale=pt_BR Acesso 28/04/2024

Locais pesquisados:

Anexos e informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 28/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00072	**Localidade:** Travessão Lagoa Bella

Denominação do bem: Casa Paradouro Montanari

Endereço/Localização: Estrada das Industrias, s/n. Travessão Lagoa Bella, lote rural nº29.

Proprietário: Ariel Montanari e Daniela Dalsóglio Montanari
Uso original e atual: Residencia e casa de pouso / Depósito
Latitude: -28,9800496° **Longitude:** -51,1947932°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional 1.4 Referência coletiva: serviu como paradouro e ponto de comércio em ponto estratégico da estrada. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico; 2.4 Elemento referencial: construção em pedra de basalto, com dois pavimentos, localizada na beira da estrada. **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.3 Uso peculiar: originalmente utilizada como paradouro e comércio, com implantação na beira da estrada, próxima ao cruzamento de via. **4) TÉCNICA** – 4.3. Risco de desaparecimento: encontra-se em processo avançado de degradação, oferece risco de desabamento. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural, 5.4 Elemento referencial: conexão visual com demais edifícios e paisagem rural do entorno, volumetria cuja forma, materiais e antiguidade se destacam nas visuais das vias.

Histórico:
A casa de pouso Montanari está situada no lote rural nº 29, Travessão Lagoa Bela, XV Légua da antiga Colônia Caxias. O lote foi adquirido por Antonio Montanari casada com Amalia Roveda, oriundos de Mantova, na Itália, e chegados ao Brasil em 17 de setembro de 1878. O título provisório se deu em 17 de outubro de 1882 e o lote foi quitado em 1895. O casal teve, entre outros, o filho Anibal Montanari, que se casou com Elisa Pozzi e herdou as terras. Anibal e Elisa tiveram os filhos Ângelo, Horácio, Antônio, Sadi, Albina, Alzira, Olga e Amália. Acredita-se que a casa, em pedra, tenha sido construída por volta de 1880 pelo próprio Antonio Montanari com ajuda de vizinhos numa espécie de mutirão, o qual era chamado de 'picharu'. Em reformas realizadas, percebeu-se que a argamassa para juntar as pedras tinha em sua composição cascas de trigo misturadas com barro/argila. As pedras foram retiradas da propriedade, a qual era cercada por extensos matagais e com ameaças de animais selvagens. A madeira para a sustentação do telhado, bem como a cobertura em 'scándole', foi extraída dos pinheiros existentes na propriedade. As 'scándoles' eram confeccionadas por meio de pequenas toras de madeiras cortadas com cerca de 30 cm de comprimento que, posteriormente, com o auxílio de um machadinho, eram feitas as lascas. Cada lasca era uma telha. Na parte interna a casa recebeu um reboco e contava com dormitórios no andar inferior e também no andar superior, o qual se dava por meio de uma escada em madeira. No lado esquerdo da porta de entrada ficava o 'fogolar' (ainda há resquícios de sua estrutura). A casa era adornada por uma grande varanda (não existente mais), onde eram realizadas as refeições. Na parte de trás da edificação encontrava-se um poço para retirada da água e utilizado até os dias atuais pela família. Mais do que uma residência familiar, a Casa Montanari estava localizada num ponto estratégico a poucos metros da estrada que ligava Caxias – Nova Trento – Antônio Prado e por onde passavam carreteiros e tropeiros. Por isso, em data incerta, a casa, já sob tutela de Anibal Montanari, tornou-se uma paradouro, espécie de hotel para os tropeiros e mascates que passavam em direção a Vacaria e restante do país. Principalmente à noite, os tropeiros e carreteiros paravam no local para descanso. Havia também potreiros para descanso e alimentação dos animais. Muitos dos tropeiros possuíam grande número de animais que carregavam produtos coloniais nos lombos, inclusive vinho. Além disso, Anibal e o filho Horácio (que ficou na propriedade) eram carreteiros e dispunham de várias carretas. Nas proximidades da Casa de Pouso Montanari também ficavam outros empreendimentos, como a casa de negócios Borghetti (hoje Vinícola Muraro) e a Ferraria Fontana. Por volta de 1942, a casa de pedra tornou-se pequena e foi construída no seu entorno uma casa maior, feita em madeira. Nessa época, Horácio já estava casado com Graciosa Guarese com quem teve os filhos Ary e Odali Montanari. Toda a família passou a residir na nova casa e a edificação em pedra ficou desocupada. A casa de madeira, que possuía uma grande área para refeições, passou a ser utilizada como paradouro dos carreteiros. Por volta de 1980, a família de Ary construiu uma nova residência e deixou de residir na casa de madeira, a qual está em processo de desmanche. Por volta dos anos 2000, a casa de pedra sofreu algumas reformas devido a seu estado deteriorado. As 'scándoles' ainda restantes foram substituídas por telhas e a parte do telhado foi rebaixada em cerca de um metro. (continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Vista Fachada Oeste dec. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.



Figura 2 – Vista Noroeste dec. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.



Figura 3 – Vista Nordeste dec. 1980. Fonte: ECIRS/UCS, 2024.



Figura 4 – Ariel Montanari recebeu italianos, déc. 1980. Fonte: Acervo da família.



Figura 5 – Ari Montanari ao lado da casa, dec. 2000. Fonte: MOLON, 2002.

Levantamento Fotográfico atual:



Vista Noroeste – 23/01/2024



Fachada Norte – 23/01/2024



Fachada Oeste – 23/01/2024



Casa 1 - Fachada Norte – 23/01/2024



Casa 1 - Fachada Sul – 23/01/2024



Casa 2 – Vista Noroeste – 23/01/2024



Casa 2 – Vista Nordeste – 23/01/2024



Casa 2- Fachada Sul – 23/01/2024

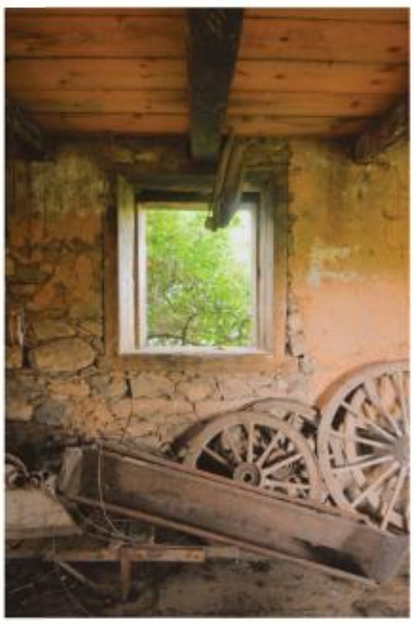
Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Vista interna 1 – 23/01/2024



Vista interna 2 – 23/01/2024



Vista interna 3 – 23/01/2024



Vista do sotão – 23/01/2024

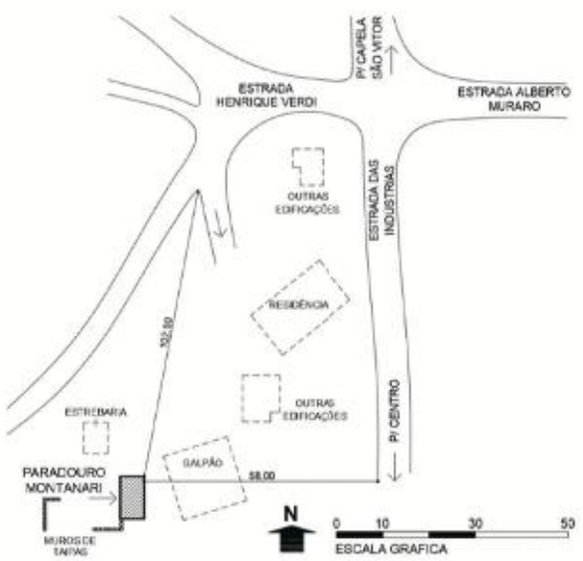


Vista do entorno à noroeste – 23/01/2024

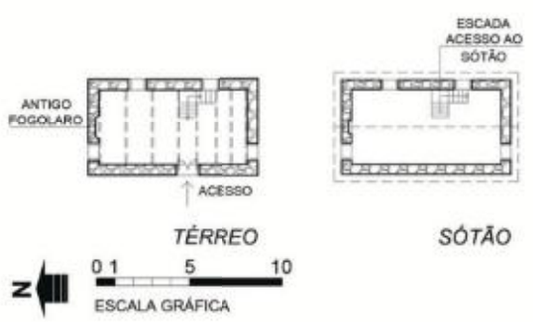
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação residencial construída pelos imigrantes da família Montanari ainda no período primitivo da arquitetura de imigração italiana, déc. de 1880, com 1 pavimento e sótão coberto por telhado de duas águas de telhas cerâmicas tipo francesas, originalmente coberto por 'scandole'. ServAs paredes externas são em pedra bruta natural, assentadas por encaixe e argamassa a base de barro e cereais. Internamente possuem trechos de parede revestidos com reboco a base de barro e cal. No térreo possui piso de assoalho de madeira, assim como no sótão. Os vãos de janelas e portas são estruturados por vergas, contra-vergas e marcos robustos em madeira. Alguns dos vãos tiveram essas peças substituídas em reformas recentes, assim como a escada que liga ao sótão e fechamento de tábuas dos oitões da cobertura. As janelas e portão atualmente não possuem fechamentos, mas a iconografia da década de 1980 mostra as esquadrias com tamponamentos em madeira. A cobertura também sofreu intervenções como rebaixamento de altura em reformas nos anos 2000. No interior da edificação a família guarda diversas peças antigas da propriedade, como rodas de carroça, chaleiras e lanternas. O poço que alimentava a propriedade, ainda ativo, localiza-se à sudeste da edificação. No entorno, taipas em pedra similares às paredes do edifício conformam antigas estruturas da propriedade.

Planta situação atualizada



Croqui / Plantas baixas



Fontes:

Depoimentos

BEGNINI, Luiz. Flores da Cunha, 21 de janeiro de 2010.

MONTANARI, Ariel. Flores da Cunha, 17 de janeiro de 2024.

Referências bibliográficas

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

MOLON, Floriano. Carreteiros de Flores da Cunha e da Região. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, 2002. p. 87, 88, 92, 94.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana no rio grande do sul. EST/EDUCS, Porto Alegre, 1983.

Não-publicados

PICCOLI, José Victorio. Histórico da Capela São Roque e do Travessão Rondelli. Flores da Cunha, 1998.

Jornais

Relação Nominal e alfabética dos que exerciam Indústria e Profissão no município de Nova Trento, Ano 1913. Flores da Cunha, Jornal O Vindimeiro, 8 de junho de 1974, p. 5.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Hemeroteca Nacional Digital Brasil

Cadastro Nacional de Falecidos

ECIRS (Elementos Culturais da Imigração Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul) - UCS

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (continuação)

Toda a estrutura do telhado recebeu madeira nova. Após o falecimento de Ary em 2 de fevereiro de 2016, a propriedade foi herdada por seu filho Ariel Montanari, que passou a preservar a casa de pedra, inclusive recebeu proposta para montagem de um restaurante no local. Pela grande afetividade que tem pela edificação, Ariel tem intenção de realizar algumas manutenções e resguardar no espaço objetos antigos preservados pela família, como carroça, trilhadeira, 'slita'(espécie de trenó de madeira usado para transporte da uva), baús, entre outros.

IMAGENS COMPLEMENTARES (continuação)



(a)



(b)



(c)

LEGENDA:

(a) Vista interna janela do sotão – 23/01/2024
(b) Vista local do poço – 23/01/2024
(c) Vista sudoeste da casa de pedra – 23/10/2024

Observações:

Código de levantamento do elemento (S.T.N.) = 9.1.4.

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador(es) responsável(eis): Márcio Zanella (arquiteto); Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti (historiadoras).	30/04/2024

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00073	**Localidade:** Travessão Lagoa Bela

Denominação do bem: Casas Família Piazza

Endereço/Localização: Lote rural nº 24, Travessão Lagoa Bela

Proprietário: Valério Piazza e Adriana Bolzan Piazza
Uso original e atual: residência/ depósito familiar
Latitude: -28°59'35"S **Longitude:** -51°11'40"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL - 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo de significado afetivo: edificações representativas da vida rural remanescentes, com presença de elementos do período primitivo da imigração **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: pela simplicidade e funcionalidade no emprego de materiais para configurar as edificações e seu vínculo funcional com os recursos do lugar. São duas edificações com usos e funções bem definidos – uma de comer e a outra de dormir - que materializam o modo de vida dos imigrantes italianos e de seus descendentes. **3) FUNCIONAL –** 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem: originalmente utilizada como residência é passível de readequação funcional.
4) TÉCNICA – 4.1 Raridade da técnica construtiva; 4.2 Raridade no emprego de materiais: utilização de pedra basalto irregular.
5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA - 5.1 Compatibilização com a paisagem urbana, 5.2 Conjunto de unidades - cenário, 5.4 Elemento referencial: conexão visual com demais edifícios e paisagem rural do entorno, volumetria cujo porte e materiais se destacam nos visuais da via.

Histórico:
A casa Piazza está situada no lote rural número 24, no Travessão Lagoa Bela. Constituída em pedra de basalto, foi edificada por volta de 1890 pelos primeiros moradores. O lote foi adquirido pelo imigrante italiano Francesco Ruani e sua esposa Luigia (chegado da Itália em 5 de setembro de 1878) através do Título Provisório emitido em 17 de outubro de 1882, cuja dívida foi quitada em 1893.
A residência de pedra era originalmente dividida em dois cômodos. O cômodo à esquerda, de chão batido, era utilizado como cozinha. Havia um fogo de chão, cujas panelas eram penduradas em correntes presas no teto e nelas cozinhavam os alimentos. À direita outro cômodo era usado como sala, onde a família se alimentava, convivia e também recebia visitas. Por volta de 1980 o coberto de duas águas era de ferro galvanizado, mas é possível que anteriormente, tenha sido de tabuinhas de madeira rachada.
Ao lado da casa de pedra, por volta de 1930, foi edificado um casarão com porão em pedras de basalto sobrepostas e andar superior em madeira que servia como moradia e cantina. A parte térrea, de chão batido e paredes de pedra, comportava a cantina familiar, onde produziam vinho, vinagre e conservavam alimentos como salame e queijo. No andar superior, todo em madeira, havia a cozinha, uma sala ampla, onde realizavam filós e bailes, e os quartos. O último pavimento, em madeira, sem divisórias, e coberto por ferro galvanizado, comportava o sótão. A casa nunca foi pintada.
Em data incerta, a propriedade foi adquirida pela Família Pavan que, por volta de 1950, migrou para Sarandi (RS) e a vendeu para Pedro Angelo Piazza e Maria Ortigara Piazza. Pais de sete filhos viveram no casarão até o início dos anos de 1980. Nesse período, quando o IPHAE inventariou os imóveis da região, as casas não eram mais utilizadas como moradia e sim como depósitos de utensílios e materiais agrícolas, o que permanece até 2023.
Em 1995, a propriedade foi adquirida por Atílio Aparício Piazza e Maria Izeria Piazza. Dois anos depois, passou a seu filho Valério Piazza e a esposa Adriana Bolzan Piazza, que habitam uma casa construída ao lado desta nos anos 1980, onde vivem com o filho Vinícius Piazza.
Por volta de 2010, devido ao avançado estado de deterioração, a cobertura de ambas as edificações, até então de ferro galvanizado, foi substituída por folhas de zinco. O casarão em madeira teve o coberto rebaixado, diminuindo com isso a altura do sótão. Na casa de pedra, além do coberto, foi construída uma viga de concreto para sustentação.

Documentação iconográfica:



1980 - Casa Piazza cozinha_ Fonte: ECIRS Aldo e Ary



1980 - fundos da moradia_Fonte: ECIRS Aldo e Ary



1980 – frente da moradia_ Fonte: ECIRS Aldo e Ary



2002 - Casa Piazza cozinha pedra_ Fonte: Venere



2002 – Casa Piazza 2 _Fonte: Venere

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Norte_ Casa de Pedra (casa 1)



Fachada Oeste_Casa de Pedra (casa 1)



Fachada Leste_ Casa 2



Fachada Sul_ Casa 2

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Detalhe aberturas_Casa 2



Porão de pedra_Casa 2



Porão_Casa 2



Porta porão com verga em arco_Casa 2



Escada de pedra acesso Casa 2





Esquadrias de madeira com sistema de fixação em ferro _ Casa 1



Interior Casa 1



Parede interna de madeira _ Casa 1

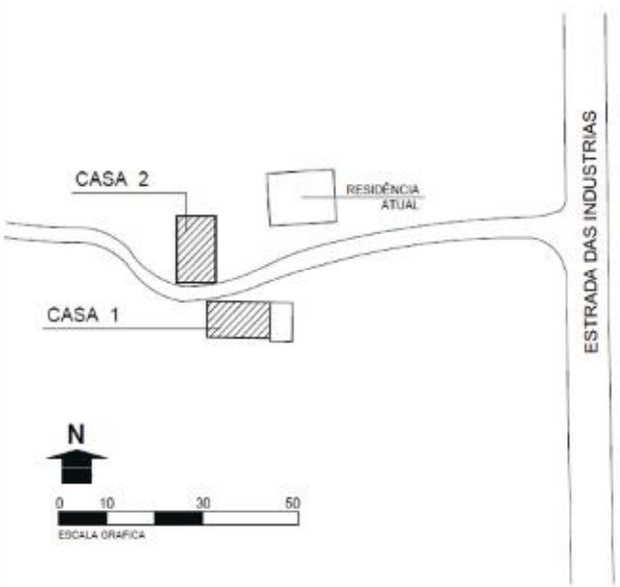


Vista do parreiral_ Casa 1

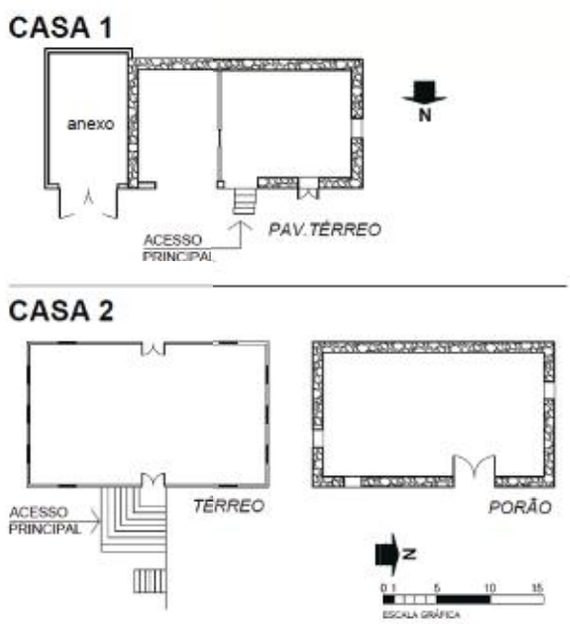
Análise Arquitetônica:

As duas edificações de propriedade da família Piazza foram construídas em diferentes períodos, sendo assim possuem características díspares. **A primeira** em pedra basalto irregular com rejunte aparente, trata-se de edificação térrea de planta retangular com cobertura em duas águas que originalmente deverá ter sido de madeira "scándole" e que hoje possui telha metálica. O fechamento dos oitões é de madeira assim como a divisória interna da casa. As aberturas possuem vergas de arco cimbrado com acabamento em tijolos maciço e o fechamento das janelas foram feitos com folhas de madeira, constituídas por tábuas na horizontal unidas por travessas. Elas são fixadas diretamente na pedra por sistema de dobradiças artesanais em ferro. O piso é de chão batido e atualmente serve como depósito de lenha e abrigo para veículos. A parte onde temos a abertura maior sofreu uma reforma, sendo executada um pilar de madeira e nova verga de concreto permitindo assim a sustentação da casa. Este ambiente originalmente era utilizado como cozinha onde era feito o fogo de chão. **A segunda** edificação, por sua vez, é uma edificação de madeira com porão de pedra e telhado de duas águas. O porão é semi-enterrado de pedras basalto irregular, encaixadas umas sobre as outras, assentadas com juntas secas. O piso é de chão batido e o acesso se dá pela fachada leste, por porta de arco cimbrado de tijolos. A ventilação é realizada por meio das três aberturas retangulares de verga reta com peitoril alto, localizadas próximo ao forro/assoalho do pavimento superior. Na fachada norte aparece uma possível porta de acesso lateral com arco pleno de tijolos que atualmente encontra-se fechada por pedras. O pavimento térreo, destinado à residência, é de tábuas de madeira nua mata juntadas e pode ser acessado através de uma escadaria de pedras que se encontra na fachada leste. Uma escada de madeira dá acesso ao sótão com assoalho de madeira, usado originalmente para secagem de grãos e depósito. O sótão possui o fechamento dos oitões em madeira; originalmente a inclinação do telhado era maior permitindo assim um pé direito mais alto, com a reforma ele foi rebaixado e as telhas cerâmicas substituídas por metálicas. As esquadrias estão dispostas seguindo a composição simétrica das fachadas. Possuem verga reta e formato retangular verticalizado. Estas não possuem vidros e seus fechamentos são feitos por folhas de madeira, constituídas por tábuas na horizontal na parte de dentro unidas por uma travessa lisa na parte de fora. O sistema de fixação é por dobradiças artesanais de ferro fixadas na parede externa da residência. As fachadas nunca receberam pintura.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Depoimentos:

PIAZZA, Valério. Flores da Cunha, 6 de dezembro de 2023.

PIAZZA, Adriana Bolzan. Flores da Cunha, 6 de dezembro de 2023.

Referências bibliográficas:

GARDELIN, Mário; COSTA, Rovílio. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: EST Edições, 2002. 2ª ed.

Pesquisas não publicadas:

Inventário Patrimônio Arquitetônico RS: ficha n.º 243 proprietário Pedra Piazza. Porto Alegre: IPHAE, 1980.

VENERE. Levantamento dos bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha Gestão 2001-2004. Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Acervo digital ECIRS-UCS.

IPHAE

Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti	21/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00075	**Localidade:** Travessão Rondelli

Denominação do bem: Casa Pivoto

Endereço/Localização: ERS 122, Capela São Roque

Proprietário: Eunice, Fernando, Carlos e Valério Pivoto
Uso original e atual: Cantina rural e residência
Latitude: -28°59'16"S **Longitude**: -51°10'50"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL – 1.1 Referência histórica; 1.2 Valor de antiguidade; 1.3 Valor tradicional ou evocativo; 1.4 Referência coletiva: marco histórico no processo de transformação do lugar e no desenvolvimento econômico local. **2) MORFOLÓGICA –** 2.1 Valor arquitetônico: edificação oferece interesse pela qualidade formal que apresenta **3) FUNCIONAL** – 3.1 Compatibilização com a estrutura rural; 3.2 Potencial de reciclagem; 3.4 Uso peculiar: É compatível com o entorno, permanece habitada e sua estrutura é passível de readequação funcional, servindo também como atrativo turístico. **4) TÉCNICA** – 4.4 Bom estado de conservação: A utilização e a manutenção ao longo do tempo conservam a edificação em ótimo estado. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA -** 5.1 Compatibilização com a paisagem rural; 5.3 Estruturação do cenário; Elemento referencial: está em harmonia com a paisagem em seu entorno e se destaca quando vista importante da estrada que passa em frente, VRS122 importante via que liga Flores da Cunha a Antônio Prado e que também leva a empreendimentos turísticos do município, sendo uma referência no que trata características arquitetônicas e aspectos simbólicos.

Histórico:
A Casa Pivoto está situada no lote rural nº 54 do Travessão Rondelli. A propriedade foi adquirida pelo casal Marco Pivoto (Marco Bortali) e Maria Boff Pivoto em favor do filho Antonio Pivoto (23/04/1912-18/04/1977), conhecido por Tonin, pois na época a maioridade só se completava a partir dos 21 anos. Foi adquirida do casal Bortolo Pivotto e Antonia Craco, cuja escritura foi lavrada em 13 de janeiro de 1932. Na mesma época foi adquirido também o lote nº 52. Não se sabe ao certo que benfeitorias havia no local na época da compra, mas foram encontrados dois vestígios que levam a crer ser o local onde houvesse fogo de chão ou forno para cozimento de pão. Um ao lado da vertente, onde há uma mancha de terra preta, típica de carvão e outra mancha próximo da taipa que delimita o antigo chiqueiro. No local foram encontradas também pedras grandes, típicas de alicerces usados para construção de fornos. A casa foi construída por volta de 1945 por iniciativa de Antonio, antes de seu casamento com Alice Carpeggiani Pivoto (11/03/1924-22/08/2006), em 20 de janeiro de 1949, quando a casa passou a ser habitada. O construtor contratado foi Laurindo Muraro, habilidoso mestre canteiro, que desde 1927 residia em Criúva. A madeira de araucária foi extraída da propriedade e as pedras de basalto entalhado é possível que tenham sido extraídas da propriedade que atualmente pertence à Família Gilioli, onde havia uma pedreira, terras estas que antes pertenciam à família Brandalise e depois Scalcon. O escavo, abaixo do solo, foi feito pelo próprio Antônio, que já planejava uma cantina de vinho e para isso precisava de um local fresco. Nesta casa, na parte térrea, Antonio registrou e estabeleceu uma cantina rural com capacidade para 36 mil medidas de vinho. Usava a uva Herbemont (à época denominada de "Sampanha"), Isabel e Couderc. Com essas variedades, que ele mesmo cultivava, produzia vinho branco, rosé e tinto. Comercializava a produção a granel na União de Vinhos do Rio Grande. Na cantina colocou pipas de madeira e "tinassos", como chamavam antigamente os recipientes abertos na parte superior. Um trapiche de madeira foi construído na parte de trás da casa para acomodar a esmagadeira de uva. Por um canal de madeira, a uva esmagada caia e descia dentro do "tinasso". Nos dois "tinassos" a uva então entrava em fermentação. Quando o processo se consolidava, com uma "mastela" o líquido era transferido para as pipas, que tinham capacidade para cinco e dez mil litros cada. Na época diziam que era o melhor vinho elaborado na região. O andar acima da cantina, em madeira, foi residência de Antonio e Alice e os filhos Eunice, Fernando, Carlos e Valério Pivoto. Por alguns anos, antes de falecer em 14 de outubro de 1948, também residiu na casa Maria, mãe de Antonio. A casa sempre foi dividida em cozinha, sala e três quartos. O banheiro foi construído externamente, por volta de 1975, quando a casa passou a abrigar funcionários. Até então, o banheiro não existia e à noite se utilizava penico. Abaixo da cobertura existe um sótão, o qual sempre foi usado como depósito. Em frente à casa havia uma "caseta", "fogoler", dividida em dois cômodos, onde havia o fogo de chão para cozimento dos alimentos e uma sala para alimentação. Era coberta com "scándole", pequenas tabuinhas de madeira que foram apodrecendo com o tempo. Neste local, por alguns anos e por opção pessoal, viveu Marco, pai de Antonio. Quando Marco se mudou da comunidade de São Liberal, onde residia, para a propriedade do filho, a sala desta casa foi adaptada para quarto. (continuação nos anexos)

Documentação iconográfica:



Casa Pivoto 1978 – Fonte: Revista Casa Claudia/Dezembro78



1988 ruínas galpão. Fonte: Fernando Pivoto



Casa Pivoto 2013 Fonte: acervo Fernando Pivoto



Casa Pivoto 2013_fundos. Fonte: acervo Fernando Pivoto



Casa Pivoto 2015. Fonte: acervo Fernando Pivoto



Casa Pivoto 2016. Fonte: acervo Fernando Pivoto



Forno a lenha 2017. Fonte: acervo Fernando Pivoto



Casa Pivoto 2022 Fonte: acervo Fernando Pivoto

Levantamento fotográfico atual:



Fachada Oeste



Fachada Norte



Fachada Leste



Fachada Sul

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Estrutura sustentação alpendre



Janelas guilhotina



Interior dormitório



Escada sótão



Sótão com telhas cerâmicas



Esquadrias porão



Porta acesso porão



Paredes do porão e estrutura do assoalho



Escada interna porão



Forno a lenha

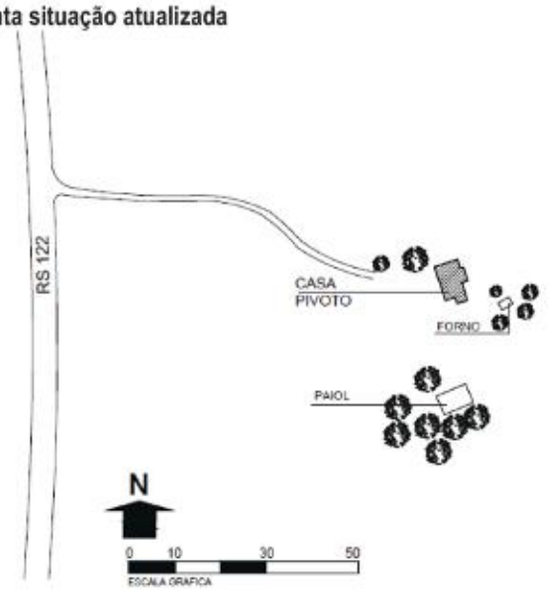


Paiol

Análise Arquitetônica:

Edificação residencial construída em meados de 1945 de dois pavimentos sendo o porão parcialmente enterrado com parede de pedra basalto regular com argamassa e rejunte na parte interna e junta seca na parede externa. O acesso se dá pela fachada oeste, por porta de arco cimbrado de pedras. A porta de acesso original foi substituída por uma metálica com vidros permitindo maior iluminação ao ambiente que atualmente é utilizado como estar e não mais como cantina. O piso é de tijolos e foi refeito a pouco tempo bem como a troca da janela localizada na fachada leste. Fazendo a ligação com o pavimento térreo e garantindo maior conforto aos moradores atuais foi construída uma escada de madeira interna. O pavimento térreo possui paredes externas em madeira com tábuas mata-juntadas bem como as paredes internas. Nele se encontram os três dormitórios, sala, cozinha e o anexo do banheiro e área de serviço que foi feito posterior em alvenaria rebocada. O acesso principal se dá pelo alpendre coberto localizado na fachada leste. As janelas são em madeira do tipo guilhotina com vidros lisos sem tamponamento. O assoalho e forro também são em madeira bem como a escada que liga este pavimento ao sótão, com cobertura de telhas cerâmicas tipo francesas. As janelas no oitão ventilam e iluminam o ambiente, usado originalmente para secagem de grãos e depósito. Ao norte, possui um volume com cobertura de uma água, que abriga a cozinha. No lote também se encontra o forno a lenha e o paiol, ambas edificações em madeira cobertas por telhas cerâmicas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias:

Escritura Pública de Compra e Venda do imóvel n.º 54 do Travessão Rondelli. Flores da Cunha, 15 de janeiro de 1932. Acervo pessoal de Fernando Pivoto.

Depoimentos:

PIVOTO, Fernando. Flores da Cunha, 17 de janeiro de 2024.

TUMELERO, Maria Angélica. Flores da Cunha, 17 de janeiro de 2024.

Referências bibliográficas:

COSTA, Rovílio; GARDELIN, Mário. Povoadores da Colônia Caxias. Porto Alegre: Est Edições, 2002. 2ª ed.

MIORANZA, Plínio. Marco Bortolai: o andarilho. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2015.

Revistas:

Rio Grande do Sul. Revista Casa Cláudia. São Paulo: Dezembro 1978, p. 25

Pesquisas não publicadas:

PICCOLI, José Victorio. Histórico da Capela São Roque e do Travessão Rondelli. Flores da Cunha, 1998.

Locais pesquisados:

Biblioteca pessoal de Danúbia Otobelli e de Gissely Lovatto Vailatti

Acervo pessoal de Fernando Pivoto e Maria Angélica Tumelero.

Anexos e Informações complementares:

HISTÓRICO (CONTINUAÇÃO):

Marco viveu ali até seu falecimento em 11 de setembro de 1955. O velório foi realizado na sala da casa, como era costume. No dia do enterro, uma verdadeira multidão se aglomerou no entorno. Por volta de 1965, como a madeira estava apodrecendo, Antonio optou por desmanchar a "caseta" e com as tábuas conservadas construiu uma pequena casinha, ao lado norte da casa de moradia, que passou a ser usada como depósito para lenha. É possível vê-la na foto publicada na Revista Casa Cláudia, em 1978. Do outro lado da casa, próximo do forno para cozimento de pão, existiu um galinheiro.

Antigamente a casa era pintada de amarelo. A luz elétrica chegou com o processo de eletrificação da comunidade. A visita mais ilustre era dos padres. O dia em que passavam para bênção era um acontecimento. O assoalho era esfregado com cinza (faziam a lissia) e uma comida especial era preparada.

Por volta de 1970, devido a uma doença, Antonio cessou as atividades viníferas e, junto à esposa, algum tempo depois, mudou-se para a casa do filho Fernando, em Caxias do Sul. A propriedade foi mantida por funcionários até 1988, quando os filhos optaram por cuidar das terras. Em 1988, a casa foi reformada. O genro de Antonio, Develsino José dos Santos, conhecido por Sisso, que era de Osório (RS), passou um ano trabalhando. Trocou parte da madeira das aberturas e beirais, mantendo a originalidade. Foi desmanchado um banheiro que havia sido construído por volta de 1975 na área leste da casa e construído um anexo de alvenaria dividido em banheiro e área de serviços, com acesso pelo corredor do andar superior.

Desde 2020, durante a pandemia da Covid-19 reside no imóvel o casal Fernando Pivoto e Maria Angélica Tumelero. Em vista do avançado processo de deterioração das pipas que existiam na antiga cantina da casa, optaram por desmanchá-las e transformar o espaço em sala de estar. O piso da cantina foi reformado e as infiltrações drenadas. Sobre os tijolos que estão aparentes agora, havia um contrapiso de cerca de cinco centímetros. Essa camada estava bastante quebrada, porque para "travasar" o vinho se usava uma mastela, bastante pesada, que seguidamente precisava ser movimentada. Foi corrigido o nivelamento e polido os tijolos. No entorno havia uma canaleta térrea contínua em três paredes para escoamento da água que vertia do muro leste (encostado na terra) e também para escoar a água quando era lavada a cantina. Após a reforma, as canaletas foram enterradas e passaram a funcionar como drenos absorvendo a água das vertentes e escoando para fora do imóvel, um no lado direito e outro no esquerdo. Também foi construída uma escada interna que liga os dois pavimentos.

Em 2024 a casa e seu entorno estão muito bem conservados.

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	21/04/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00076	**Localidade:** TRAVESSÃO RONDELLI

Denominação do bem: FERRARIA FONTANA

Endereço/Localização: Lote rural nº 65. Travessão Rondelli - Estrada municipal Ângelo Giusti.

Proprietário: Gilmar e Leomar Fontana
Uso original e atual: Ferraria / Ferraria
Latitude: -28,9799358° **Longitude**: -51,1847296°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis:

Maquinário e ferramentas de trabalho.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: 1.2 Valor de antiguidade: Construção de 1940. 1.4 Referência coletiva: Marco pela atividade produzida, imprescindível a atividade agrícola, durante o processo da colonização de imigração italiana.
2) MORFOLÓGICA: 2.1 Valor arquitetônico: Construção rustica, simples, sem esmero, função predomina a estética. 2.4 Elemento referencial: Marco referencial localizado no encontro de várias vias.
3) FUNCIONAL: 3.3 Uso tradicional: Continua com o uso original, não recebeu outro uso com o passar dos anos. 3.4 Uso peculiar: Atividade original, ferraria.
4) TÉCNICA - 4.3 Risco de desaparecimento: Edificação em acelerado processo de degradação, portanto, em risco de desaparecimento também pela inatividade do seu uso.
5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA: 5.4 Elemento referencial: A construção é um marco referencial pela sua localização, no encontro de vias.

Histórico: A Ferraria Fontana foi fundada por Joaquim Fontana. A atual edificação, em madeira, foi construída nos anos 1940. Situa-se no lote rural n.º 65, Travessão Rondelli, num importante entroncamento de estradas às margens da ERS-122, entre Flores da Cunha e Antônio Prado. Desde 1905, era rota comercial de tropeiros e carreteiros, ligando Vacaria a São Sebastião do Caí. Joaquim, um dos 14 filhos do imigrante italiano Pedro Fontana, nasceu em 22 de janeiro de 1897 na comunidade de São Cristóvão. Por sugestão do pai, entre os 17 e 18 anos foi trabalhar com o ferreiro Modesto Marini, que residia na comunidade de São Gotardo, a fim de aprender o ofício. Após um ano de aprendizado seu pai adquiriu um retaco de terras do lote rural n.º 67 do Travessão Rondelli, onde passou a residir. Nesta comunidade já existia uma ferraria. Em 1922 casou com Dosolina Araldi Fontana (28/02/1905-12/05/1976), também filha de negociantes (mãe partia da Linha 80 para fazer compras em Buenos Aires), com quem teve os filhos: Miro, Valmor, Hélia, Pedro Neto, Terezinha, Vanice, Zulmiro, Darci, Dalva, Odali (Princesa da I Festa Nacional da Vindima), Miguel, Ulisses José, Irma, Darci, Calixto, Dalva, Leda, Miguel e uma menina que faleceu com pouco tempo de vida. Logo após o casamento, Joaquim e Dosolina adotaram um menino que foi raptado, juntamente com um cavalo encilhado, durante a Revolução de 1923. Autoridades policiais se envolveram nas buscas, mas nunca mais tiveram notícias dele. Em vista da pequena propriedade rural que possuíam, ainda que cultivassem trigo, milho e outros produtos para o sustento, Joaquim percebeu que podia investir no ramo de ferraria, tendo em vista a localização estratégica da propriedade. Assim, em 26 de abril de 1933, adquiriu outros 4 hectares de terra do lote 65, que pertenciam ao casal Aparício Borghetti e Adelia Letti, e deu início a seu próprio negócio. Cerca de 100 metros longe de onde se encontra a atual edificação, ao longo do antigo trecho de estrada de chão batido que seguia em direção ao Rio das Antas e de lá para Antônio Prado, passou a trabalhar com sua própria ferraria. O próspero negócio envolveu toda a família nos afazeres. Nessa época Joaquim construiu um moderno casarão em madeira no lote n.º 67. Os filhos Ulisses José, Calixto, Darci e Miguel foram os que mais tempo se dedicaram a este ramo de trabalho. Nos anos 1940 decidiu construir um novo galpão para a ferraria. Desta vez ainda melhor localizado, em frente à casa de negócios da família Muraro. Juntos, os dois empreendimentos atendiam importantes necessidades dos moradores da vizinhança e também de Antônio Prado. O tráfego era intenso para a época, assim como o é na atualidade. O local onde a ferraria foi estabelecida era propício para paragem de tropeiros e carreteiros que, depois da íngreme passagem pelo vale do Rio das Antas, necessitavam parar para manutenção das carroças, descanso dos animais e condutores. As principais atividades desenvolvidas eram a produção de foices e enxadas que atendiam às necessidades dos colonos, ferraduras para muares e arcos para capa de rodas de carroças. Nessa ferraria havia um torno que era tocado por motor à gasolina, e esse torno movimentava o restante da ferraria, a forja e o esmeril, o que necessitava para o funcionamento. Com ele era possível fazer cabos, foices pequenas, tudo o que precisa ser torneado, que tivesse ondulações. E esse motor fazia também o aquecimento dos ferros para formatar foices, enxadas. Havia também um "maio", que possuía um martelo maior. Com ele era possível achatar chapas mais grossas sem bater tanto com o martelo, o que agilizava o trabalho. (Continua nos anexos).

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Ferraria Fontana – 1983
Fonte: POSENATO, Júlio. – Pág. 379



Figura 2 – DET. JANELA – 1983
Fonte: POSENATO, Júlio. – Pág. 436



Figura 3 – Foto Amprídio Toigo e Miguel Fontana
Acervo de Miguel Fontana - 2004



Figura 4 – Miguel Fontana trabalhando na fornalha
Acervo de Miguel Fontana - 2004



Figura 5 – Miguel Fontana trabalhando
Acervo de Miguel Fontana - 2004



Figura 6 – Miguel Fontana trabalhando
Acervo de Miguel Fontana - 2004

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 23/01/2024



Fachada Sul – 23/01/2024



Fachada Oeste – 23/01/2024



Fachada Sul – 23/01/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Fornalha – 27/10/2023



Bigorna – 27/10/2023



Rebolo – 27/10/2023



Det. dobradiça janela (original) – 23/01/2024

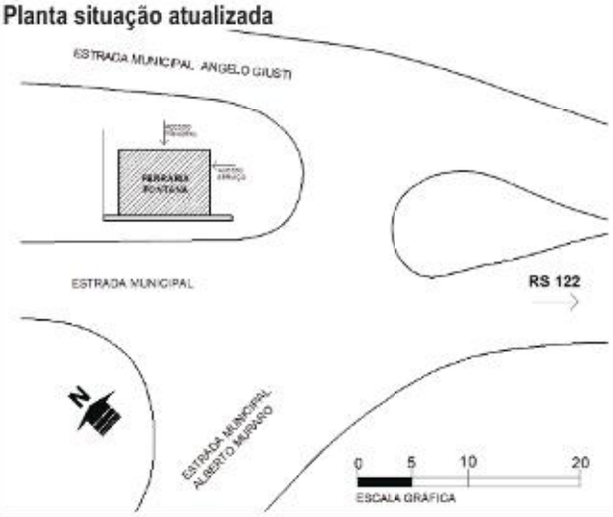


Det. Dobradiças: janela (modificada) e porta (original) – 23/01/2024

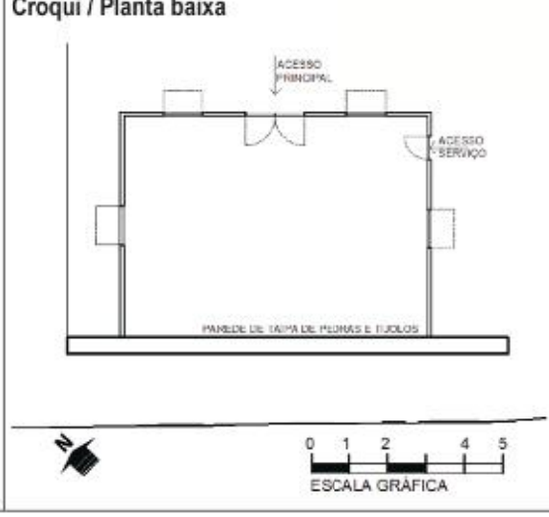
Análise Arquitetônica:

Trata-se de uma edificação industrial predominantemente em madeira. Está implantada em uma pequena faixa de terras no encontro de três estradas municipais e próximo à rodovia estadual RS 122. O edifício se acomoda aproveitando o desnível topográfico no terreno e sobre uma pequena base de tijolos e pedras. A edificação é um volume retangular em tabuas de madeira, com mata junta, de um pavimento, telhado em duas águas coberto por telhas cerâmicas estilo francesa, o beiral é pequeno e sem calha. A arquitetura é simples, sem elementos decorativos. O acesso principal é voltado para a estrada municipal Ângelo Giusti. A fachada principal é simétrica, com a uma porta de duas folhas ao centro e uma janela em cada lado. Na lateral direita a edificação fica levemente recuada do talude com uma janela de madeira no centro. Na lateral esquerda há uma janela de madeira no centro e uma porta de serviço menor. Na fachada de fundos, que fica semienterrada, a base é em pedra e sobre esta uma alvenaria de tijolos e madeira. As janelas são em madeiras, únicas, fixadas por dobradiças na verga e que se mantem abertas através do escoramento de uma madeira, nenhuma das aberturas possuem vidros. Na parte interna o piso é de chão-batido e a estrutura do telhado é executada em madeira aparente. Encontramos no interior da ferraria ainda alguns elementos básicos para o trabalho, dentre os quais a fornalha, que é uma caixa de madeira preenchida com tijolos e usada para a obtenção do carvão, alcançado especialmente dos nós-de-pinheiro; Bigorna: bloco maciço de ferro usada para auxiliar o ferreiro no seu trabalho; Rebolo: Elemento cilíndrico em pedra que auxilia o trabalho da bigorna possibilitando a afiação das peças produzidas, especialmente enxadas, bem como instrumentos de corte e outros elementos utilizados na atividade agrícola da época.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias

Escritura pública de compra e venda de um retaço de 4 hectares de terras do lote rural n.º 65, do Travessão Rondelli, 1º distrito do município de Nova Trento, adquirido por Joaquim Fontana em 26 de abril de 1933. Acervo pessoal da Família Leomar Fontana.
Fotografias do interior da ferraria, 2004. Acervo pessoal Miguel Fontana.
Lembrança de falecimento de Joaquim Fontana e Dosolina Araldi Fontana. Acervo pessoal Leomar Fontana.
Obras de arte de Marisa Toigo, neta de Joaquim Fontana.

Depoimentos

FONTANA, Dalva. Flores da Cunha, 10 de janeiro de 2024.
FONTANA, Leomar. Flores da Cunha, 15 de dezembro de 2023.
FONTANA, Miguel. Flores da Cunha, 10 de janeiro de 2024.

Bibliografia:

MOLON, Floriano. Carreteiros de Flores da Cunha e da Região. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal de Flores da Cunha, 2002.POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983 - pag. 379 e 436.

Locais pesquisados:

Acervo pessoal família Leomar Fontana
Acervo pessoal Marisa Toigo
ECIRS/UCS - acervo digital fotografias
Acervo pessoal Dangle Julio Marini

Anexos e Informações complementares:

(Continuação do histórico):

Tinha também morsas manuais para prender chapas, e um rebolo enorme de pedra para finalizar a afiação das ferramentas. Joaquim faleceu em 12 de maio de 1972. Há algum tempo, o filho Ulisses José havia assumido o negócio. O filho Miguel Fontana também se dedicou muitos anos ao ofício de ferreiro. Ulisses trabalhou praticamente toda a vida na ferraria. Desligou-se em 1984, quando passou a investir num novo negócio, uma serralheria e depois carretos agrícolas, cuja edificação foi erguida em frente à ferraria, do outro lado da estrada. O filho Darci, que era motorista de ônibus, quando passou a residir na localidade, também trabalhou na ferraria. O filho Miguel, mais jovem, foi quem herdou a propriedade paterna, residindo com os pais no conjunto habitacional da família, e permanecendo no ofício de ferreiro até o fechamento do empreendimento. Depois de 1985 as carroças pararam de circular, então o trabalho de manutenção e troca do arco metálico das rodas e das ferraduras dos animais também foi se extinguindo. Miguel continuou até por volta do ano 2000 produzindo ferraduras para uma ferragem de Caxias do Sul. Entretanto, nessa época, os agricultores ainda procuravam por foices e enxadas. Leomar Fontana, que deu continuidade ao empreendimento da família investindo no ramo metal mecânico, ainda visita produtores de uva que mostram ferramentas que foram feitas na ferraria de seu pai e de seu tio. Ulisses José foi casado com Estela Luiza Mascarello Fontana com quem teve os filhos: Jacir Antônio, Gilmar, Liamar Rudimar e Leomar Fontana. Atualmente Gilmar e Leomar são os atuais guardiões da edificação da propriedade de seu tio Miguel Fontana, ela permanece desativada, o galpão é usado como depósito, mas os irmãos têm a intenção de preservá-lo

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe
Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.

Data: 23/01/2024.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00077	**Localidade:** TRAVESSÃO RONDELLI

Denominação do bem: CAPELA SÃO VITOR E CORONA

Endereço/Localização: Estrada das Indústrias

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Igreja/Igreja
Latitude: -28,9697087 **Longitude**: -51,1951687
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Altar mor, bancos, estatuária, sino na igreja, quadros da via sacra e atrás do Altar mor há uma cruz processional e duas lanternas de procissão.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: – 1.2 Valor de antiguidade: Construção de 1925.1.3 Valor tradicional ou evocativo: Marco referencial, local de encontro e socialização da comunidade especialmente no início do processo de imigração. 1.4 Referência coletiva: símbolo da religiosidade católica, herança da colonização de imigração italiana.
2) MORFOLÓGICA: – 2.1 Valor arquitetônico: Edificação com inspiração clássica, derivada da interpretação renascentista e românica. Porém a simplicidade predomina, na limpidez de volumes e traço espontâneo, fruto da iniciativa da comunidade. 2.4 Elemento referencial: marco referencial no entorno.
3) FUNCIONAL: 3.3 Uso tradicional: templo religioso desde a origem.
4) TÉCNICA: 4.4 Bom estado de conservação: o uso original e as manutenções ao longo dos anos conservaram a edificação e suas principais características. Internamente, a igreja sofreu alterações no forro e, na sacristia, o espaço foi ampliado e o telhado foi modificado.
5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA: 5.4 Elemento referencial: A implantação, no alto de uma colina e, em conjunto com o campanário de madeira se torna um importante marco referencial na localidade.

Histórico:
A capela São Vitor e Corona está situada no lote rural n.º 40 do Travessão Lagoa Bella, na divisa com o Travessão Rondelli. As terras foram doadas, em parte, por Riccardo Giovanni Mascarello e outra parte adquirida pela própria comunidade. Os primeiros imigrantes se estabeleceram na localidade entre os anos de 1877 e 1893, trazendo na bagagem uma imagem de São Victor e Corona. Inicialmente, construíram um capitel em madeira, em terras que atualmente pertencem à Família Piazza, entre os travessões Rondelli e Lagoa Bella. O oratório tinha como padroeiro São Belin. No mesmo local foi construído o primeiro cemitério da comunidade, que inicialmente integrava moradores dos dois travessões. Mas como o oratório ficava distante de boa parte das famílias que participavam das atividades religiosas no local, resolveram construir uma nova capela. Por fim, a partir deste, originaram-se duas novas capelas, ambas em terras do Travessão Lagoa Bella: uma dedicada à Nossa Senhora do Bom Conselho, situada próximo da cidade e outra dedicada a São Vitor e Corona, mais próxima ao vale do Rio das Antas. Com o passar dos anos, o velho capitel acabou sendo abandonado. Em 1925, os moradores se uniram para edificar uma capela em alvenaria. A licença para bênção ocorreu em 5 de maio de 1925. Todos os moradores contribuíram com dias de trabalho para edificação do templo, já que era preciso buscar a areia para construção às margens do Rio das Antas e as pedras precisavam ser transportadas em carroças pelos próprios moradores. A capela demorou alguns anos para ser concluída e teve sua bênção solicitada em 29 de setembro de 1929. Com a conclusão, a imagem de São Belin e de São Victor e Corona foram transferidas para a igreja. Em 1930, ocorreu a bênção do sino, que integra o campanário em madeira que completa o templo. Próximo ao conjunto, por décadas funcionou a extinta escola municipal Felipe Camarão, que atendia alunos até a quarta série. A iluminação pública foi instalada na capela em 1967.Para homenagear São Belin é realizada anualmente uma festa no mês de novembro, quando são distribuídas 'chavezinhas' de chumbo abençoadas para proteção contra mordidas de animais raivosos. Nos primeiros anos, as pequenas chaves eram talhadas por Horácio Montanari, que posteriormente passou o ofício para Claudio Bordin e este para Ari Bordin. A festa de São Vitor e Corona ocorre no mês de maio. Por muitos anos a moradora Romana Corso Mascarello, conhecida como Clélia, exerceu a função de "coga", cozinheira chefe de todas as festas e eventos realizados na comunidade.

Documentação Iconográfica:

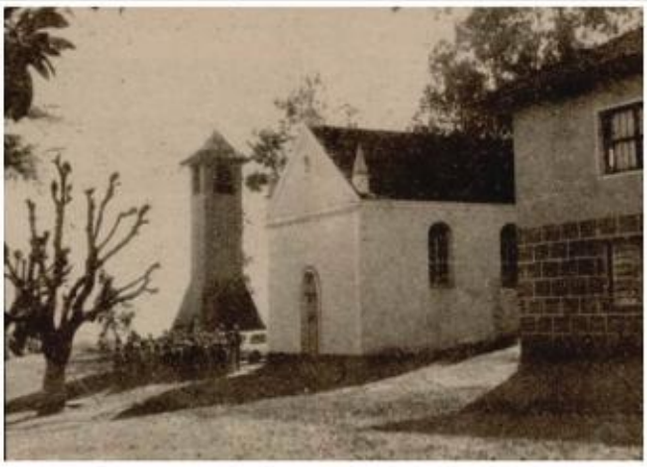


Figura 1 – CAPELA SÃO VITOR
Fonte: Jornal Correio Riograndense -10/nov/1976 – pág. 24.

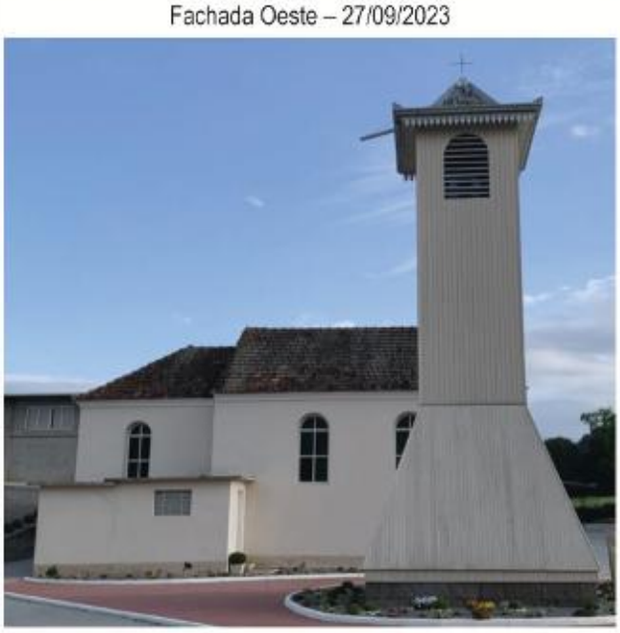
Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 27/09/2023



Fachada Sul – 27/09/2023



Fachada Oeste – 27/09/2023



Fachada Sul – 27/09/2023

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Altar mor – 27/10/2023



Coro e assembleia – 27/10/2023



Piso em ladrilho hidráulico–27/10/2023



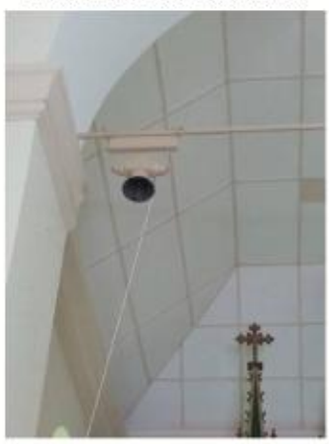
Pintura altar mor–*27/10/2023*



Det. Caixa das oferendas –*27/10/2023*



Porta de acesso – 27/10/2023



Sino tocado antes de iniciar a missa– 27/10/2023



São Vitor e Santa Corona–*27/10/2023*



Campanário–27/10/2023



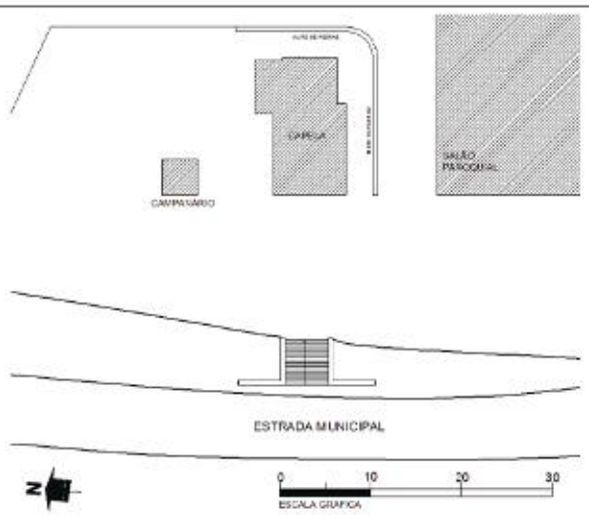
–27/10/2023



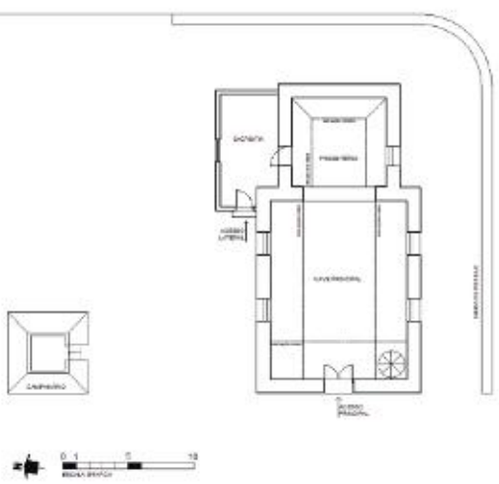
Campanário – estrutura de madeira– *27/10/2023*

Análise Arquitetônica:
Trata-se de uma edificação de uso religioso implantada em colina elevada do nível da estrada, o que a faz se destacar na paisagem. A norte do edifício está o campanário e ao sul, salão comunitário. A capela foi construída sobre embasamento de pedra, as paredes são em alvenaria de tijolos maciços e telhado em telha cerâmica. A volumetria é resultado de uma nave principal e abside em formato retangular. A sacristia é um volume menor anexo ao presbiterio que sofreu ampliação e alteração no formato do telhado no decorrer dos anos. A fachada é simétrica, com frontão triangular, cimalha de acabamento e pináculos coroam as colunas laterais e o centro do frontão. No eixo central a porta de acesso embandeirada em arco pleno com acabamento de molduras denticuladas, que se repetem na base do frontão, e um pequeno óculo. As janelas laterais são em arco abatido com vidros coloridos, não há vitrais. No interior da capela encontramos alguns elementos originais como: o coro acessado por uma escada helicoidal em madeira, o altar mor também é em madeira com pintura que imita mármore e o piso na nave é em ladrilho hidráulico. O piso do presbitério foi revestido por um carpete. O forro na nave e presbitério foi substituído por placas de revestimento mineral. O campanário é em madeira, com base piramidal erguido sobre uma estrutura de pedras de basalto a cobertura do campanário é metálica e o beiral é adornado por lambrequins. Originalmente, na altura do sino, as aberturas não possuíam as atuais venezianas.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias

LIVRO TOMBO PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES. Flores da Cunha, 1912-1974.

CORRESPONDÊNCIA EXPEDIDA PELA PREFEITURA DE FLORES DA CUNHA À CEEE-POA. Solicita conclusão da eletrificação rural na Capela São Vitor, 23 de julho de 1967. Prefeitura Municipal de Flores da Cunha: Acervo Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi.

Depoimentos

GILIOLI, Santo Gotardo. Flores da Cunha, 5 de novembro de 2020.

MASCARELLO, Nelson Henrique. Flores da Cunha, 27 de novembro de 2020.

PAGNO, Gema Mascarello. Flores da Cunha, 5 de janeiro de 2020.

PAGNO, Ida Mascarello. Flores da Cunha, 5 de janeiro de 2020.

Referências bibliográficas

Gardelin, Mário; COSTA, Rovílio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely. *Benedictus – Os Cemitérios de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: Editora Seculum, 2007.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely. *Hospital Fátima – Uma História de Muitas Vidas*. Flores da Cunha: Desvendare História e Comunicação, 2022.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983 - pag. 379

Jornais

São Vitor – Travessão Rondelli. Jornal O Florense, 14 de maio de 2004. Suplemento Capelas de Flores da Cunha.

Correio Rio Grandense, Flores da Cunha reivindica, Caxias do Sul, 10/nov/1976 – pág. 24.

Locais pesquisados:

Hemeroteca digital brasileira

Acervo pessoal Usina Arquitetônica – Escritório de Arquitetura Ltda

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 19/12/2023.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00078	**Localidade:** TRAVESSÃO RONDELLI

Denominação do bem: CAPELA SÃO ROQUE

Endereço/Localização: Lote rural nº49 Travessão Rondelli, - RS 122 KM 101

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: Igreja/Igreja
Latitude: -28,9907252° **Longitude**: -51,1826234°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Altar-mor, bancos, estatuária, quadros da via sacra e sino do campanário.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: – 1.2 Valor de antiguidade: Construção de 1947.1.3 Valor tradicional ou evocativo: Marco referencial, local de encontro e socialização da comunidade especialmente no início do processo de imigração. 1.4 Referência coletiva: símbolo da religiosidade católica, herança da colonização de imigração italiana.
2) MORFOLÓGICA: – 2.1 Valor arquitetônico: Edificação com inspiração neogótica, fruto da iniciativa da comunidade. 2.4 Elemento referencial: marco referencial no entorno.
3) FUNCIONAL: 3.3 Uso tradicional: templo religioso desde a origem.
4) TÉCNICA: 4.4 Bom estado de conservação: o uso original e as manutenções ao longo dos anos conservaram a edificação e suas principais características. Internamente, a igreja sofreu alterações no material do forro, o estuque deu lugar ao pvc.
5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA: 5.4 Elemento referencial: A implantação, em conjunto com o campanário de pedra e tijolos se torna um importante marco referencial na localidade e na Rodovia RS122.

Histórico: A capela São Roque está situada no lote rural número 49, no Travessão Rondelli, 15ª Légua da antiga Colônia Caxias. A área de terra foi doada pelo imigrante italiano Cirillo Piccoli. Numa escritura pública datada de 1901 consta a doação de uma área de 400m² para construção de um oratório em honra a São Francisco de Assis. Em 1912, a capela já consta no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes como São Roque do Travessão Rondelli. O nome Rondelli é uma homenagem a Constantino Rondelli, diretor temporário da Colônia Caxias e responsável por diversas obras. Em 1915, a Mitra Diocesana por meio do bispo Dom João Becker adquiriu por 20$000 Réis mais uma área de Cirillo Piccoli para construção de uma capela de madeira em substituição ao pequeno oratório. Este serviu à comunidade até 1947 quando passou a ser edificada a capela em alvenaria "em estilo neo-gótico e com lindas imagens". A construção da capela exigiu muito esforço e trabalho de toda a comunidade, que voluntariamente se dedicou à construção. Nos estatutos da Sociedade Civil Beneficente de São Roque, fundada em 1915, constava que cada sócio deveria contribuir com dias de trabalho estabelecido em reunião. Parte do material foi transportado por carroças. A igreja foi solenemente inaugurada em 19 de setembro de 1947, contando com grande participação popular. Fato marcante da inauguração foi a celebração da primeira missa pelo Frei Jaime Biazus, que era natural da comunidade. Em 1977, para comemorar os 30 anos de sacerdócio, o frei voltou a presidir a missa, desta vez para inauguração do salão comunitário. A antiga estatuária de São Roque foi colocada no altar-mor, todo em madeira, confeccionado pela Marcenaria Golo em Caxias do Sul. As primeiras imagens foram feitas com formão em cedro por um morador das proximidades. Eram São Roque, São Pedro e Nossa Senhora do Rosário. Como toda estatuária era em madeira, a capela ficou conhecida como 'Chiesa di santi brutti'. Posteriormente uma estátua de São Roque oriunda da Igreja Matriz foi doada para a comunidade. Na década de 1960 um antigo sonho comunitário foi concretizado com a substituição do campanário em madeira, que se erguia na lateral norte da capela, por um de alvenaria, edificado próximo da igreja. A obra foi iniciada aos poucos e concluída em 1965. Como na construção da igreja, cada sócio deveria contribuir com dias de trabalho. A construção possui base em rocha basáltica e o restante em tijolos expostos. O projeto foi de Raymundo Paviani e os construtores foram Antônio, Horácio, Laurindo e Avani Biazus. A torre possui 19 metros de altura. Sua inauguração oficial ocorreu em 6 de junho de 1965. No campanário foi colocado o sino francês, bento em 1923. Os pisos, em ladrilho hidráulico, se mantem, porém, o comungatório foi retirado. Os quadros da Via Sacra, que são réplicas de pinturas italianas datadas de 1933, também sofreram intervenções. A pintura interna e externa também foi modificada ao longo do tempo. Ao lado da capela, entre os anos de 1955 e 1991, funcionou a extinta Escola Estadual Rondelli, também conhecida como Escola São Roque. Após a centralização das escolas nesta comunidade, em 1992, está edificação foi transferida para outra comunidade e atualmente abriga parte da Escola Estadual Horário Borghetti. Em 2010, a capela passou por um processo de restauro com recomposição do piso do presbitério, restauro dos vitrais, repintura interna e externa. A festa do padroeiro é celebrada em agosto e em abril há a festa de Santa Rita.

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Inauguração da Capela 1947
Fonte: Acervo comunidade



Figura 2 – Antigo Salão comunitário 1960
Fonte: Acervo comunidade



Figura 3 – Antiga escola - 1970
Fonte: Acervo comunidade



Figura 4 – Antigo Salão comunitário 1960
Fonte: Acervo comunidade



Figura 5 – Capela São Roque –1977
Fonte: Acervo comunidade



Figura 6 – Capela São Roque – 1980
Fonte: Acervo comunidade



Figura 7 – Estrada Capela São Roque 1980
Fonte: Acervo comunidade



Figura 8– Capela São Roque – 1991
Fonte: Acervo comunidade



Figura 9 – Capela São Roque – maio 2010
Fonte:Acervo usina Arquitetônica

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Oeste – 23/01/2024



Fachada Sul – 27/09/2023



Fachada Oeste – 23/01/2024

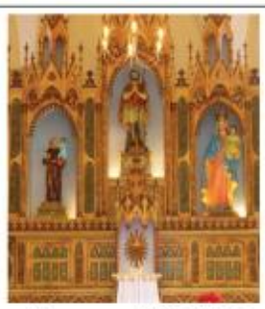


Fachada Sul – 23/01/2024

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Interior da Capela – 27/09/2023



Altar-mor – 27/09/2023



Altar-mor – 27/09/2023



Via Sacra – 27/09/2023



Vitral porta de entrada – 27/09/2023



Vitral lateral – 27/09/2023



Vitral lateral – 27/09/2023



Vitral lateral – 27/09/2023



Piso ladrilho – presbitério e sacristia – 27/09/2023



Piso nave – 27/09/2023



Detalhe superior coluna – 27/09/2023



Detalhe base da coluna – 27/09/2023



Detalhes externos – 27/09/2023



Porta de acesso – 27/09/2023



Detalhes externos – 27/09/2023



Pináculos – 27/09/2023



Detalhes externos – 27/09/2023



Azulejos fachada – 27/09/2023



Parte inferior campanário – 27/09/2023

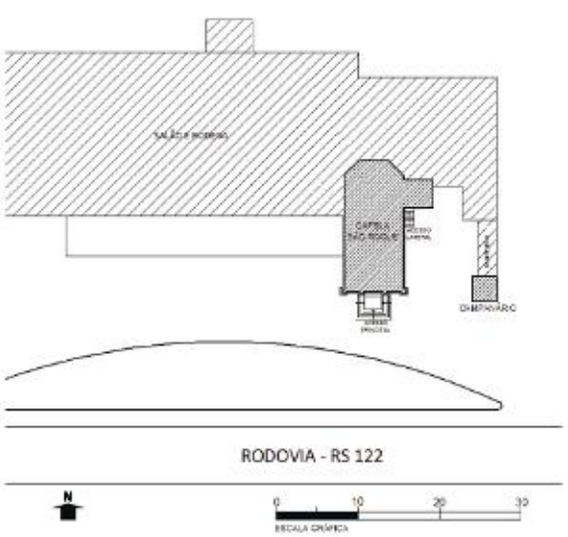


Parte superior campanário – 27/09/2023

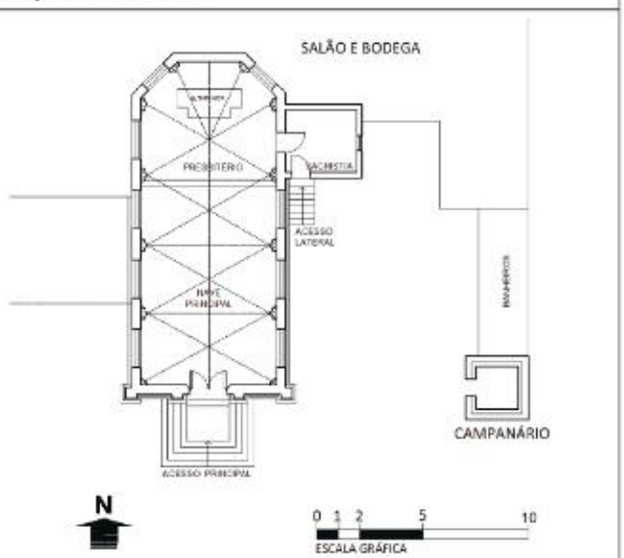
Análise Arquitetônica:

A Capela: Uma pequena edificação em alvenaria, com embasamento em pedras basalto e paredes de tijolos maciços rebocados, com cobertura em telhas francesas. O desenho da capela segue um estilo arquitetônico neo-gotico simplificado, com seus arcos em ogivas, com abobadas nervuradas, torres pontiagudas arrematadas por pináculos com coruchéus. A fachada principal possui pilares demarcados em relevo, arcos cegos ogivados formando trifora, falsos vitrais em azulejos decorado com temas religioso também em formato ogival. A porta de acesso principal possui arco gótico e sobre esta um vitral em arco ao inves da rosacea alem de elementos decorativos. Nas quinas e no vértice do frontão, pequenos pináculos ajudam a definir o estilo neogotico. O interior da capela possui uma nave central e não possui coro. As abóbadas góticas, assim como os arcos, possuem formato ogival. Estas eram originalmente em estuque e foram substituídas por um forro em PVC branco. Os pilares internos possuem capitel em estilo coríntio. Nas paredes laterias da nave central exintem seis vitrais, três em cada lado que foram confeccionados por Horst Veit. Estes possuem imagens de santos homens do lado esquerdo e de santas mulheres no lado direito. Da mesma forma acontece nos vitrais nas laterais do altar. Ao fundo da nave central encontra-se um altar-mor, em madeira, confeccionado pela Marcenaria Golo de Caxias do Sul. Este todo em madeira, com pinturas que imitam mármores abrigam as imagens do padroerio São Roque, no centro, de Santo Antônio, a esqueda, e Nossa Senhora a direira. No lado direito do altar está a sacristia. O piso da capela é de ladrilhos hidráulicos em motivo floral em tons de verde e amarelo, já o piso do presbitério é em tons vermelho e branco e possui uma tabeira. Em 2010, o piso do presbitério foi recomposto, com a retirada do piso vinilico que havia sido colado sobre e recolocado o piso de ladrilho hidraulico, no mesmo modelo e cores do original que estava sob o vinilico. A pintura interna da capela também refeita, com o retorno das cores originais e efeito marmorizado nos pilares. Externamente os elementos decorativos são destacados com a cor branca. **O campanário:** Construído separado da igreja, é um prisma de tijolos aparentes, com base piramidal em pedra basalto. Há uma janela com vidros em formato ogival, na altura do sino há aberturas também em arco tipo ogival, como da igreja, há ainda um parapeito com balaústres e elementos decorativos em tijolos. No topo uma cruz faz a finalização. A estrutura do sino é em madeira.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias

Livro Tombo Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, 1912-1974.

Referências bibliográficas

Gardelin, Mário; COSTA, Rovilio. *Povoadores da Colônia Caxias*. Porto Alegre: EST Edições, 2002.

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely. *Benedictus – Os Cemitérios de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: Editora Seculum, 2007.

POSENATO, Júlio. Arquitetura da imigração italiana do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, EST/EDUC,1983

VAILATTI, Gissely; PALUDO, Lorete Maria Calza; TONIETTO, Vania. *História de um gigante: o campanário de Flores da Cunha*. Flores da Cunha: Novo Ciclo, 2022.

Jornais

Homenagem a Frei Jaime. Correio Riograndense, 21 de setembro de 1977, p. 29.

São Roque: 70 anos de fé, trabalho e progresso. O Vindimeiro, 11 de setembro de 1975, p. 11.

Capela São Roque Travessão Rondelli. O Florense, 12 de abril de 1991. p. 4.

São Roque: comunidade unida pelo progresso. O Florense, 10 de setembro de 2004. Suplemento Especial.

Jornal Correio Riograndense – São Roque completa 60 anos - Edição 08/08/2007 – pág.14

Pesquisa não-publicada

PICCOLI, José Victorio. Histórico da capela São Roque e do Travessão Rondelli Flores da Cunha, dezembro de 1998.

USINA ARQUITETÔNICA. Projeto de restauro da Capela São Roque Flores da Cunha-RS. Caxias do Sul, 2010-1.

Fotografias antigas

Acervo comunitário, em exposição no salão da capela. Reproduções: Sônia Andreazza Mascarello, 17 de janeiro de 2024.

Locais pesquisados:
Hemeroteca digital brasileira
Acervo comunitário Capela São Roque
Acervo particular Usina Arquitetônica
Biblioteca particular de Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti
Paróquia Nossa Senhora de Lourdes de Flores da Cunha

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 23.01.2024

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00079	**Localidade:** Travessão lagoa Bela

Denominação do bem: Capela Nossa Senhora do Bom Conselho

Endereço/Localização: Bairro Lagoa Bela.

Proprietário: Mitra Diocesana de Caxias do Sul
Uso original e atual: capela/ capela
Latitude: -29°00'47"S **Longitude**: -51°11'57"W
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP2
Bens Móveis:

Bancos de madeira.



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: – 1.2 Valor de antiguidade: 1.3 Valor tradicional ou evocativo: Marco referencial, local de encontro e socialização da comunidade especialmente no início do processo de imigração. 1.4 Referência coletiva: símbolo da religiosidade católica, herança da colonização de imigração italiana. **2) MORFOLÓGICA: –** 2.1 Valor arquitetônico: Edificação em madeira onde a simplicidade predomina, na limpidez de volumes e traço espontâneo, fruto da iniciativa da comunidade. **3) FUNCIONAL:** 3.3 Uso tradicional: templo religioso desde a origem. **4) TÉCNICA:** 4.3 Risco de desaparecimento: processo acelerado de degradação devido ao desuso por parte da comunidade. **5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA:** 5.4 Elemento referencial: A implantação, no alto de uma colina e, em conjunto com o salão comunitário torna um marco referencial na localidade.

Histórico:
A capela Nossa Senhora do Bom Conselho situa-se no Loteamento Santa Lúcia, no Bairro Lagoa Bela. Foi transferida para este local em 2005, após uma série de depredações que ocorreram em sua estrutura e também por estar isolada do centro comunitário. No mesmo ano, em frente ao local onde a capela foi assentada, a comunidade deu início à construção do novo salão comunitário, onde são realizadas as festas e atividades religiosas.
Por volta de 1892 a localidade já contava com um pequeno oratório, cujo padroeiro teria sido esculpido pelo farmacêutico Lynceu (Tchéo) Falavigna. Posteriormente, em 1921, foi autorizada, pela Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, a realização de atos paroquiais na Capela Nossa Senhora do Bom Conselho. A primeira imagem foi confeccionada com corpo de madeira e cabeça de gesso, o que faz parte da "tradição santos vestidos". Quando foi substituída pela atual (toda em gesso), ficou aos cuidados da Família de Cláudio Bolzan. Entretanto, essa capela em honra à Nossa Senhora ficava do outro lado do Arroio Shuelo (Rio Patchega). Em tempo de fortes chuvas a travessia do mesmo era interrompida até que, num dia de sagra, o rio transbordou e nem mesmo o padre conseguiu passar. Surgiu então a possibilidade de construir uma nova capela em terras que Luigi Gilioli, mas a comunidade considerou que seria importante que essa nova igreja fosse próxima da cidade. Em comum acordo decidiram construir um novo templo, no alto do morro, em terra que pertenciam a José Bolzan. Nessa época, parte dos moradores do travessão que integravam à Capela São Belin, que em 1925 foi transferida para o lote rural n.º 40 do Travessão Lagoa Bela, pela proximidade, passaram a integrar a Capela Nossa Senhora do Bom Conselho. A atual construção, em madeira, foi inaugurada em 1939. Em seu interior foram colocadas as imagens de Nossa Senhora do Bom Conselho, Santa Ana e Santa Lúcia. Suas paredes possuem pinturas artísticas e um pequeno altar confeccionado também em madeira. Todavia, depois dos anos 1990 uma série de infortúnios com assaltos e depredações, tanto na igreja, quanto no salão comunitário, passaram a colocar em risco a segurança no local. A diretoria comunitária viu-se no dever de buscar uma solução. Contatou os sócios e juntos resolveram pela construção de uma nova igreja, mais ampla e em local mais seguro. O terreno, situado no Loteamento Santa Lúcia, foi doado pela família de Valdir Bordin. Entretanto, os vínculos afetivos com a pequena capelinha impediram seu abandono ou demolição. Em 2005, pouco antes de sua transferência para a atual localização, uma comissão comunitária buscou ajuda junto ao Poder Público para o tombamento da capelinha. Entretanto, naquela época ainda não existia o Conselho Municipal de Cultura, o se tornou o principal empecilho para a aplicabilidade da lei municipal que ampara o ato. Mesmo assim e devido à transferência do local de origem, a comunidade manteve o imóvel preservando suas características. As pinturas dos santos foram renovadas e os elementos internos foram dispostos como nos primeiros tempos. Recorrente à necessidade de sua preservação como bem histórico do município, em 2021 outra iniciativa levantou a possibilidade da transferência da edificação para o Parque da Vindima Eloy Kunz. A finalidade era para nela abrigar um pequeno santuário à Nossa Senhora da Uva, tradição que vem se consolidando no município desde 1997 e, paralelamente, captar recursos para seu restauro. Nessa época, a Família Gilioli também se prontificou com a possibilidade de aquisição do imóvel e relocação dele junto ao museu da vinícola, a fim de preservá-la. Todavia, nenhuma das duas iniciativas se consolidou em detrimento a diversos fatores, entre os quais translado e investimentos necessários. Anualmente no mês de maio é realizada a festa em honra a Nossa Senhora do Bom Conselho.

Documentação iconográfica:



1998 - Capela N.S. Bom Conselho
Fonte: Jornal O Florense 17.07.1998



2005 - antigo salão Capela Lagoa Bela
Fonte: Jornal O Florense_Danúbia Otobelli



2005 - Capela N.S. Bom Conselho - Lagoa Bela
Fonte: Jornal O Florense_ Andréia Debon



2004 - Cap N S Bom COnselho local origem
Fonte:Jornal O Florense 14.05.2004

Levantamento Fotográfico atual:



Fachada Norte



Fachada Leste



Fachada Sul_fundos capela e sacristia



Fachada Oeste

Imagens Complementares (entorno, edificações, interior):



Visual da nave da capela



Visual do presbitério





Bancos de madeira



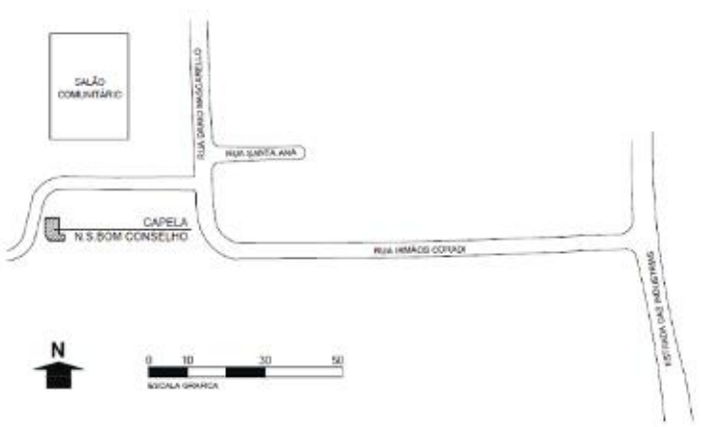


Pinturas parietais _detalhe moldura floral do teto

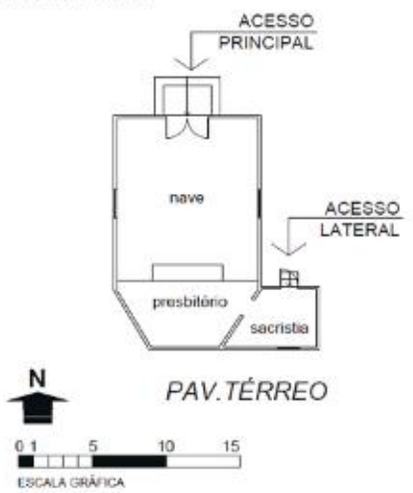
Análise Arquitetônica:

A pequena capela de madeira datada de 1939 está localizada atualmente em frente ao salão da comunidade. Suas fachadas são singelas, sem muitos adornos. A fachada principal apresenta porta de acesso almofadada em madeira com duas folhas. Sobre esta aparece um vitral em arco pleno com vidros transparentes e lisos. No frontão apresenta um "rendilhado", resultado do próprio corte da madeira que faz o fechamento do mesmo. Possui duas janelas fixas em madeira e vidro nas fachadas laterais leste/oeste, seguindo o mesmo modelo com vergas em arco pleno da porta de acesso. Acoplada ao presbitério aparece a sacristia, criando um volume na fachada leste onde originalmente estava fixado o sino. O interior da capela possui nave central e presbitério, sem coro. As paredes possuem pinturas, um tom mais escuro configura a meia-parede para baixo enquanto que a parte superior recebe uma cor mais clara, arabescos fazem esta divisão. Eles aparecem também na configuração de um rodaforro demarcando o final da parede e início do teto. Este também é pintado e ao centro da nave apresenta um quadro com moldura de flores. As cores utilizadas são tonalidades de verde e amarelo. O altar já não está mais no local, nem mesmo os santos. Só existem alguns bancos de madeira. De um modo geral a edificação necessita de intervenções e melhorias podendo assim prolongar a vida útil deste exemplar da arquitetura religiosa em nossa região.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:

Fontes primárias:

LIVRO TOMBO PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE LOURDES. Flores da Cunha, 1912-1974.

Depoimentos:

BORDIN, Terezinha Santina Coradi. Flores da Cunha, 26 de agosto de 2006.

GILIOLI, Santo Gotardo. Flores da Cunha, 5 de novembro de 2020.

Referências Bibliográficas:

OTOBELLI, Danúbia; VAILATTI, Gissely. Benedictus – Os Cemitérios de Flores da Cunha. Flores da Cunha: Editora Seculum, 2007.

Pesquisas não publicadas:

SANTOS, Rafael José dos; VAILATTI, Gissely Lovatto. Pesquisa histórico-antropológica para realização de inventário da manifestação cultural de natureza imaterial referente a celebração de Nossa Senhora da Uva no município de Flores da Cunha-RS. Flores da Cunha: Sicredi Serrana/Prefeitura Municipal, 2021.

Jornais:

Bairro Lagoa Bela. Jornal O Florense, 2 de fevereiro de 2018. Suplemento Especial Bairros de Flores da Cunha.

Lagoa Bela precisa de ajuda. Jornal O Florense, 18 de julho de 1998, p. 32. Suplemento Especial 500 Atos de Fé.

Travessão Lagoa Bella. Jornal O Florense, 14 de maio de 2004. Suplemento Especial Capelas de Flores da Cunha.

VAILATTI, Gissely Lovatto. A Capelinha de Lagoa Bela: no se pol dir nantra cosa. Jornal O Florense, 12 de janeiro de 2018.

VAILATTI, Gissely Lovatto. Afinal, um tombamento patrimonial, o que é?. Jornal O Florense, 24 de agosto de 2018.

Locais pesquisados:

Acervo e biblioteca pessoal Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti

Secretaria Paróquia Nossa Senhora de Lourdes

Anexos e Informações complementares:

Observações:

Responsável:	**Data:**
Coordenador da equipe: Cristina Seibert Schneider; Pesquisador responsável - Arquitetura: Vivian Schiavenin; História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	21/04/2023.

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL

M 01 **BENS EDIFICADOS**

Inventário Patrimônio Cultural Material Flores da Cunha - RS

Município: FLORES DA CUNHA

Ficha Nº: 167-PRS/24-0001-00080	**Localidade:** TRAVESSÃO RONDELLI

Denominação do bem: PONTE SOBRE O RIO SÃO MARCOS

Endereço/Localização:

Proprietário: Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Uso original e atual: Ponte/ponte
Latitude: -28,9444237° **Longitude:** -51,1765930°
Erro Horizontal: WGS 84
Proteção Existente: Nenhuma **Proteção Proposta:** GP1
Bens Móveis: -



Valores estabelecidos ao bem: (Instâncias cfe. IPHAE)
1) CULTURAL: 1.1 Referência histórica: Construída ainda durante o período que a antiga colônia Nova Trento (atual Flores da Cunha) pertencia a Caxias do Sul; - 1.2 Valor de antiguidade: Construção início no final da década de 1920; - 1.3 Valor tradicional ou evocativo: Ligação entre os municípios de Flores da Cunha e São Marcos. - 1.4 Referência coletiva: Ligação entre os municípios de Flores da Cunha e São Marcos.
2) MORFOLÓGICA: 2.1 Valor arquitetônico: Arquitetura do ferro. - 2.2 Referência historiográfica: Arquitetura do ferro.
3) FUNCIONAL: 3.3 Uso tradicional: Ainda é usada para a ligação entre Flores da Cunha e São Marcos.
4) TÉCNICA: 4.4 Bom estado de conservação: Encontra em estado regular de conservação, a substituição do assoalho original de madeira por concreto, permitiu que ela ainda possa servir de ligação entre os municípios.
5) INSTÂNCIA PAISAGÍSTICA: 5.4 Elemento referencial: Ainda é um elemento que se destaca na paisagem que está inserida.

Histórico:
A construção da ponte de ferro sobre o Rio São Marcos, que ligava o município de Nova Trento a São Marcos, à época distrito de Caxias do Sul, teve início no final da década de 1920. Em 3 de janeiro de 1929, o Governo Estadual, através da Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas, publicou um edital informando que no dia 5 de março daquele ano a diretoria de Viação Terrestre, através do diretor M.L. Pereira da Cunha, estaria recebendo as propostas para o fornecimento de uma estrutura metálica para a ponte sobre o arroio São Marcos na estrada Nova Trento a São Marcos. O edital dizia que a ponte deveria ter o comprimento de 35,5 metros de eixo a eixo dos apoios e a largura de 5,50 metros entre as faces laterais dos montantes. A carga máxima móvel a suportar é de um rolo compressor de 16 toneladas de peso, sendo que o estrado que deverá ser inferior, será de madeira. O edital dizia ainda que os projetos deveriam ser acompanhados de desenhos e cálculos comprobatórios da resistência e da estabilidade da viga metálica, além do preço, transporte e seguro. A construção da ponte era uma reivindicação constante da população em vista do local ser de grande movimento de veículos. Isso porque existia anteriormente uma ponte de madeira, construída na década de 1910, e que foi arrastada pelas águas em 1926. Em maio de 1927, durante uma visita às estradas de Caxias do Sul e municípios vizinhos, o então secretário de Obras Públicas, o engenheiro Augusto Pestana, constatou a urgência da reconstrução da ponte. Em setembro de 1930, a ponte, construída pelo Governo do Estado, em meio ao Vale do Rio das Antas, estava finalizada. A construção atendia aos requisitos do edital tendo 36 metros de estrutura metálica e piso de madeira de lei, com os encontros de alvenaria. A ponte foi construída pelo empreiteiro Augusto Mazzini, residente em Garibaldi, e que obteve a execução em concorrência pública. A ponte foi uma das ações realizadas durante o governo do prefeito de Caxias do Sul, coronel Miguel Muratore. Em 25 de junho de 1931, Muratore publicou um edital em que determinava a cobrança de uma taxa de pedágio aos veículos que transitassem sobre a ponte, até que se completasse o valor que tinha sido orçado para sua reconstrução, incluindo as despesas com o pessoal encarregado do serviço. Porém, alguns dias depois, em julho do mesmo ano, a cobrança foi extinguida de pedágio sob alegação de que tinha tido o apoio dos moradores em sua construção. O governo do Estado autorizou a extinção da cobrança. Passados pouco mais de trinta anos de sua construção, a ponte começou a apresentar problemas na estrutura e requerer reformas. Em setembro de 1964, o prefeito de Flores da Cunha, Raymundo Paviani, e o prefeito de São Marcos, Manoel Ramos de Castilhos, solicitaram junto ao Governo Estadual e ao Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem um auxílio financeiro para restabelecer o trânsito normal sobre a ponte e também uma remodelagem da mesma. Isso porque a ponte se encontrava em condições precárias. Um engenheiro do DAER faria uma vistoria da ponte.Em outubro de 1969, um ofício enviado pelo deputado Victor Faccioni ao Governo do Estado solicitava reparos sobre a ponte. Em 3 de dezembro, sob a Lei Municipal 82, a prefeitura de São Marcos autorizava a assinatura de um convênio com a Secretaria de Obras Públicas para reparos na ponte. Dez anos depois, a ponte sobre o Rio São Marcos voltava a ser motivo de reivindicações.
(Continua nos anexos)

Documentação Iconográfica:



Figura 1 – Inauguração Da Ponte
Fonte: Estado Do Rio Grande 07/09/1929



Figura 2 – Reportagem Jornal
Fonte: Jornal Pioneiro 16/061982 – Pag. 14

Levantamento Fotográfico atual:



Lado De Flores Da Cunha – 20/10/2023



Lado De São Marcos – 20/10/2023



Vista Norte – 20/10/2023



Vista Norte – 20/10/2023

Levantamento Fotográfico atual:



Estrutura Lateral – 24/10/2023



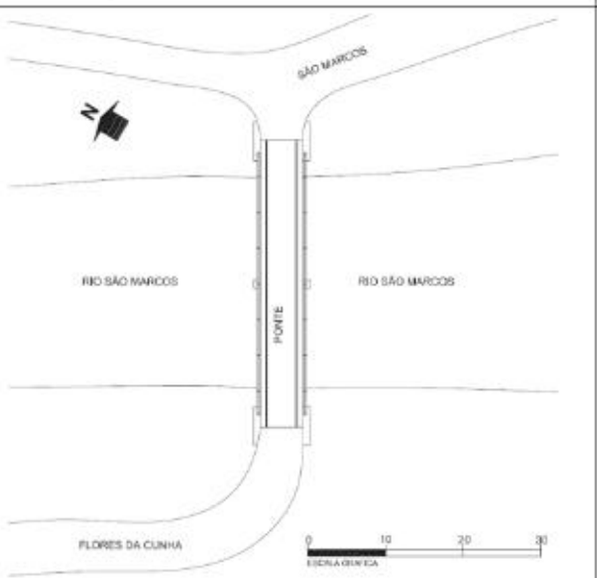
Estrutura Sustentação – 24/10/2023



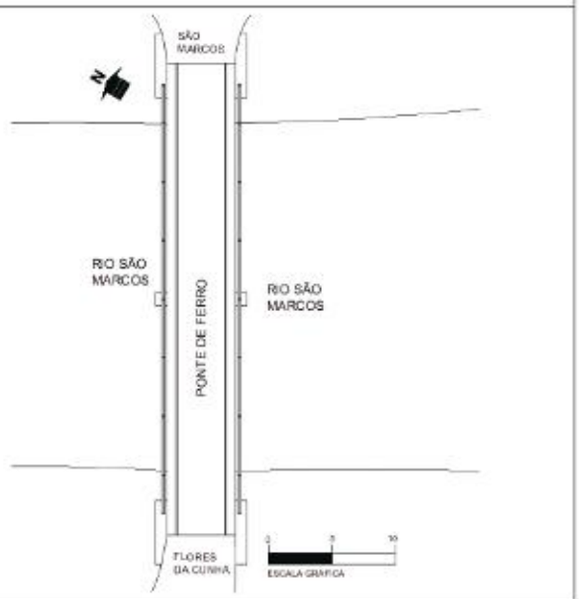
Estrutura Lateral – 24/10/2023

Análise Arquitetônica:
A ponte sobre o Rio São Marcos é uma ponte tipo treliça composta por barras de aço entrelaçadas que trabalham em conjunto, conseguindo assim suportar grandes quantidades de peso e se estender sobre longas distancias. Este modelo de ponte foi muito utilizado no século 19 e por ser uma opção econômica que utiliza o material de forma eficiente. A alta rigidez estrutural permite que a carga de um único ponto seja ampliada para uma área mais ampla, permitindo assim a absorção eficiente do peso e impactos. A ponte construída possui 36m de comprimento e 5,50m de largura, foi construída em estrutura metálica treliçada de modelo Pratt que inclui membros verticais e diagonais que se inclinam para baixo e para o centro, formandos triângulos que quando interligados criam uma estrutura rigida e resistente para o uso. A ponte é composta pelo banzo inferior e banzo superior, onde são fixadas as barras verticais e diagonais além da barra de coluna final. Sobre o banzo inferior há também perfis diagonais onde é a poiada a plataforma de rodagem, que inicialmente era com dormentes e pranchões em madeira, porém na década de 1980 estes passaram a não dar segurança a passagem de veículos o que provocou a substituição por uma plataforma concreto armado. O apoio central da ponte são dois pilares em concreto armado e dois apoios laterais, um em cada extremidade, é em estrutura de pedra.

Planta situação atualizada



Croqui / Planta baixa



Fontes:
Atas do Conselho Municipal de Caxias do Sul – Livro 06. Centro de Memória da Câmara de Caxias do Sul. Acesso 29 de novembro de 2023.
Câmara Municipal de São Marcos. Disponível em https://www.camarasaomarcos.rs.gov.br/. Acesso 15 de dezembro de 2023.
Câmara de Vereadores de Flores da Cunha. Disponível em https://www.camaraflores.rs.gov.br/. Acesso em 15 de dezembro de 2023.
Notícias de Flores da Cunha. Jornal Pioneiro, 26 de setembro de 1964, p. 12
Ponte sobre o Rio São Marcos. Jornal Pioneiro, 12 de setembro de 1962, p. 9
São Marcos e Flores da Cunha reivindicam juntos. Jornal Pioneiro, 10 de março de 1979, p. 12
Faccioni reivindicou obra para São Marcos. Jornal Pioneiro, 18 de outubro de 1979, p. 14
São Marcos e Flores da Cunha no palácio. Jornal Pioneiro, 2 de maio de 1979, p. 7
Ponte avariada interrompe ligação rodoviária entre São Marcos e Flores da Cunha. Jornal Pioneiro, 19 de junho de 1982, p. 14
Cintea vai construir a ponte do Rio São Marcos. Jornal Pioneiro, 11 de setembro de 1982, p. 10
A ponte sobre o Rio São Marcos. Jornal O Momento. 18 de setembro de 1930. p.2
A viagem do dr. Augusto Pestana. Jornal O Regional. 21 de maio de 1927. p.1
Secretaria do Estado de Obras Públicas. A Federação. 22 de fevereiro de 1929. p. 6
A Ponte sobre o Rio São Marcos. Jornal O Momento. 9 de julho de 1931. p.3
A ponte sobre o Rio São Marcos na estrada São Marcos a Nova Trento. Jornal o Estado do Rio Grande. 9 de setembro de 1930.

Locais pesquisados:
Acervo digital Centro de Memória da Câmara de Caxias do Sul.
Hemeroteca Nacional Digital Brasil
Site Câmara de Vereadores de Flores da Cunha.
Site Câmara de Vereadores de São Marcos.

Anexos e Informações complementares:
(Continuação do histórico): Em março de 1979, os prefeitos de Flores da Cunha, Cláudio Rugero Bedin, e de São Marcos, Edejaime Cioatto, se uniram para reivindicar novamente ao Governo Estadual um auxílio para construção de uma nova ponte.O laudo emitido pelos engenheiros do DAER apontava o péssimo estado da ponte e a inviabilidade econômica das reformas. Em 17

de maio, ambos os prefeitos visitaram o governador José Augusto Amaral de Souza para apresentar possibilidades de recuperação da mesma. Em julho daquele ano, a Companhia Intermunicipal de Estradas Alimentadoras sinalizou que as obras seriam iniciadas ainda em 1979. Porém, em outubro de 1981, os jornais voltaram a noticiar que as obras iniciariam em breve e que os últimos preparativos estariam sendo concluídos. Em junho de 1982, nada tinha sido feito a não ser reparos realizados pelas prefeituras de Flores da Cunha e São Marcos, porém a ponte era de responsabilidade do Estado. Naquele mês os pranchões de madeira da ponte haviam se rompido o que não permitia a passagem de veículos. Devido a isso, a Companhia Intermunicipal de Estradas Alimentadores (Cintea), órgão subordinado à Secretaria de Transporte do Estado, lançou um edital que habilitou as construtoras interessadas a fazer a tomada de preço para realização da obra. Em setembro de 1982, a Cintea anunciava que iria construir a ponte, numa extensão de 37 metros e um investimento de 10 milhões de cruzeiros, num convênio firmado pelos municípios com recursos financiados pelo BNDE. Em 29 de junho de 1982, a Prefeitura de Flores da Cunha, através da Lei Municipal nº 82, autorizou a realização de uma operação de crédito com a Cintea, no valor de Cr$ 2.469.505,50, para o pagamento de parcelas para realização de obras "de arte especial" sobre o Rio São Marcos. Em 16 de julho de 1982, sob a Lei Municipal nº 395, a Prefeitura de São Marcos autorizava a mesma operação de crédito e no mesmo valor para as obras. Com as obras, os pranchões de madeira foram substituídos por uma pavimentação de concreto. Em 2011, a Câmara de Vereadores de São Marcos denominava de Estrada Municipal Linha Santo Antonio Polidoros 500, o trecho compreendido entre a Linha Santo Antonio Zamoner e a Ponte do Rio São Marcos, na divisa entre os municípios de São Marcos e Flores da Cunha.

Observações:

Responsável: Cristina Seibert Schneider - Coordenador da equipe Pesquisador (es) responsável (eis): Arquitetura: Mônica Debarba Frizon História: Danúbia Otobelli e Gissely Lovatto Vailatti.	**Data:** 23/01/2024

CONCLUSÃO



5. REFLEXÕES E APONTAMENTOS

Os 80 elementos inventariados testemunham a evolução de períodos importantes da formação do município de Flores da Cunha. Da edificação rudimentar em pedra com cobertura de *scandole* (tabuinhas de madeira), passando aos casarões de madeira com porões em cantaria de basalto das grandes famílias e evoluindo em proporção para os edifícios das grandes cooperativas vinícolas que galgaram ao longo dos anos ao município o título de maior produtor de vinhos do país. Este acervo, parte concentrado na sede urbana, parte distribuída pelo interior rural e distritos, revela um potencial enorme para contar a história e divulgar os valores florenses, bem como para o desenvolvimento do turismo cultural.

Na visão teórica da equipe de arquitetura, a comunidade e seus espaços edificados para habitar, rezar, trabalhar e conviver têm entre si uma relação indissociável para a cultura deste município. Sem esses elementos, fica difícil entender como os povoadores deste território fizeram prosperar um ambiente que, até final do séc. XVIII era um ambiente inóspito. Há, contudo, a necessidade de continuação das investigações sobre os remanescentes de períodos posteriores da história do município, não abarcados por este inventário. É importante que novas etapas possam ampliar as investigações para os mais de 240 elementos prospectados no início deste trabalho, bem como revelar outros tantos elementos do período tardio, ou mesmo da arquitetura moderna da cidade.

Este inventário é uma oportunidade para alimentar diretrizes, ações e programas que possam garantir a qualificação e a permanência deste patrimônio como expressão da identidade de lugar. Lança-se sobre estas materialidades e suas circunstâncias um novo olhar, mobilizador do desenvolvimento urbano e rural do município. Revela-se uma rede de elementos que contam a história, mas também lançam um futuro de novas oportunidades. A partir do acervo reconhecido, a educação patrimonial ganha novas dimensões.

Este inventário também é um alerta. Como em outros contextos, constata-se um processo onde o desenvolvimento urbano da sede e das comunidades do interior comprometem a permanência e a ambiência de alguns elementos. Muitas famílias, sobretudo pelo afeto, resistem e os resguardam como podem. Aqui, reforça-se a necessidade de orientação técnica a esses proprietários para que possam manter e evoluir junto com estas edificações. Reforça-se também a necessidade de implementar políticas que habilitem recursos para esta preservação.

Por fim, fica a satisfação por *trazer à luz* este patrimônio com o conhecimento sistematizado desses bens. Para os técnicos da equipe fica o sentimento de pertencimento a este lugar, conhecendo as pessoas, suas histórias e seus lugares de vivência. Um encontro do técnico e do vernacular, do acadêmico e do prático, que se eterniza através do conhecimento adquirido e publicizado. Ao povo florense, respeito e admiração.

REFERÊNCIAS

BERTASO, Henrique D'Ávila; LIMA, Mário de Almeira. **Álbum Comemorativo do 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul.** Publicação da Revista Globo S. A. Porto Alegre, 1950.

FILIPPON, Isabel. **A casa do imigrante italiano, a linguagem do espaço de habitar.** Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2007.

HOUAISS. **Grande dicionário Houaiss**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v2-3/html/index.htm#5>. Acesso: out. 2023.

IPHAE, Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Estadual. **Inventário do programa 'Como preservar o patrimônio cultural'.** Superintendência do Desenvolvimento Urbano e Administrativo e Administração Municipal, Divisão de Planejamento Urbano. Arquivos digitais, fichas nº 229 a 245. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Janeiro, 1980.

IPHAE, Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Estadual. **Inventário de Bens Culturais.** Equipe Técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.

IPHAE, Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Estadual. **Sistema de Rastreamento Cultural - Fichas de Inventário.** Documentos eletrônicos. Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023. Disponível em: http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=DownloadDetalhesAc&item=72700 Acesso em: 05 mai 2024.

MAZZAROTTO, Graziela; CHEMELLO, Alide. **Projeto Patrimônio Histórico.** Flores da Cunha: Prefeitura Municipal/SMECD, 2002.

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016.

POSENATO, Júlio. **Arquitetura da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1983.

PREFEITURA DE FLORES DA CUNHA. **Levantamentos para inventário de bens históricos em Flores da Cunha.** Pesquisa não publicada. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

PROJETO CASAS E RUAS. Prefeitura Municipal de Flores da Cunha: Museu e Arquivo Histórico Pedro Rossi, 2002.

VENERE. **Levantamento bens históricos, naturais e arquitetônicos do município de Flores da Cunha.** Gestão 2001-2004. Pesquisa não publicada. Flores da Cunha: Prefeitura Municipal, 2002.

Inventário
Patrimônio Cultural Material
Flores da Cunha · RS

Inventário

Patrimônio Cultural Material

Flores da Cunha - RS



Realização

apac

Patrocínio

K-KO

Dallemole

Mineração Florense

FLORENSE

ARGENTA

Apoio

Município de Flores da Cunha
Estado do Rio Grande do Sul

Financiamento

PRO cultura

Governo do Estado
Rio Grande do Sul
Secretaria da Cultura